

FERNANDA VERONICA

A high-contrast, black and white silhouette of a man and a woman in profile, facing each other and about to kiss. The image is set against a white background, with the figures rendered in solid black. The woman's hair is visible on the left side. The overall composition is romantic and intimate.

AMOR
VAGABUNDO



PERIGOSAS

AMOR VAGABUNDO

Fernanda Verônica

NACIONAIS - ACHERON

PRÓLOGO

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

PEDRO LUIZ

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 12²

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 18²

PERIGOSAS

PEDRO LUIZ

CAPÍTULO 19

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 20

DANIEL MAIA

CAPÍTULO 20²

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

EPÍLOGO

DANIEL MAIA

BÔNUS

SOBRE A AUTORA

NACIONAIS - ACHERON

Amor Vagabundo conta a história de Bruna. Uma jovem ousada, sincera, neurótica e indecente, que descobre estar sendo traída pelo namorado e a melhor amiga. Como se não bastasse, ela acaba encontrando Daniel, o loiro gostoso que ela acredita ser desapegado com mulheres. Um típico depravado sexual, que não repete a dose. No decorrer da trama, ela descobre que perdoar pode fazer bem, mas que a habilidade de mudar do ser humano não se aplica ao seu namorado. Ela e a sua inconveniente curiosidade descobrem coisas que ela definitivamente não devia e não queria saber. Com uma pitada de romance, ela se envolve com

NACIONAIS - ACHERON

Daniel. Mas ele tem um passado mal resolvido e ela sabe demais sobre o futuro dele. E como o destino gosta de se divertir, acaba brincando e bagunçando a vida perfeita que ela imaginava ter.

Amor Vagabundo

© Copyright 2015 – Fernanda Verônica

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610 de 1998.

São proibidos o armazenamento e/ou a
reprodução de qualquer parte desta obra, através de
quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o
consentimento escrito da autora.

Não colabore com a pirataria, seja aliado da
literatura nacional e incentive o autor a continuar
escrevendo.

Criado no Brasil.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Às vezes surpresas são boas. Como um encontro inesperado e uma noite de diversão. Às vezes nos precipitamos. Outras, voltamos atrás, imaginando ser a escolha certa. Pode até parecer que sim, mas por quanto tempo? Até onde vale a pena confiar, por amor?

Ela achava ter a vida perfeita, o namorado perfeito, a carreira dos sonhos. Abrir mão disso por orgulho esteve fora e cogitação após o tempo. O problema estava no desejo de aventura. Ou quando alguém aparece para aprimorar o ciclo de erros. O problema não ficaria só no poder da decisão, mas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

no destino que gosta de se divertir e nas surpresas
que a vida traz.

NACIONAIS - ACHERON

Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se
não tocarmos o coração das pessoas.

Cora Coralina.

Prólogo

BRUNA CAMARGO

Acordei relutante numa manhã fria de quarta-feira. Era meio de Junho e estava tão frio que eu queria dormir o dia inteiro. Porque se tem algo que me dá prazer nessa vida, é dormir.

Mas levantei e tomei um banho quente e demorado. Estava tão quente que eu saí vermelha do chuveiro. Sequei-me e coloquei um roupão,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

secando os cabelos com a toalha, para depois com o secador.

Enrolei as pontas do cabelo com *a chapinha* e joguei os cabelos para trás, ele sempre voltava de uma maneira natural que eu amava. Fiz uma maquiagem clara nos olhos, abusando do rímel e finalizei com um batom rosa, quase cor de boca.

Vesti-me com uma blusa de linha com mangas cumpridas e gola alta num tom vinho escuro e uma calça jeans, calçando um scarpin bege. Peguei a minha bolsa e segui para o meu escritório, onde havia uma reunião marcada com NACIONAIS - ACHERON

um cliente importante. Um grande amigo dos meus pais. Sou arquiteta e graças ao meu pai, tenho meu próprio escritório a quase um ano, antes mesmo de terminar a faculdade. Morar com os meus pais até agora, me privou de alguns gastos e eu pude juntar para conseguir o meu próprio apartamento. Ganhei ajuda extra dos meus pais, claro, mas eu me sinto independente por ter colaborado.

Depois da reunião com o Borges, onde ele e seu assessor me passaram as características do terreno, o objetivo do local e marcamos uma visita, eu segui para o meu novo apartamento, porque o Pedro, meu namorado, estaria por lá me esperando,

para me entregar as chaves que eu o emprestei para fazer uma cópia.

Conhecemo-nos numa boate há pouco mais de um ano. Não posso dizer ao certo quem se aproximou de quem, a troca de olhares foi intensa graças ao álcool consumido na noite. O seu jeito maroto, ao mesmo tempo prepotente e seguro me chamaram atenção, bem como seus cabelos desgrenhados como a perdição. Eu não sabia dizer o porquê de estarmos juntos até hoje, temos pouco em comum, até a combinação de nossos signos tem mais contras. Brigamos até na hora de ver um filme. Ele é adepto das comédias românticas. Eu, NACIONAIS - ACHERON

apaixonada por ação e suspense, isso para não falar dos filmes infantis. Os dramas do romance me prendem apenas na literatura. Com o início do nosso namoro, as nossas famílias se aproximaram de tal forma que hoje, nossas mães são amigas inseparáveis.

O Pedro Luiz era advogado no escritório de advocacia do seu pai, mas eu sabia pouco sobre seu trabalho. Só que a Luciana, minha melhor amiga, aquela que eu confio de olhos fechados trabalha lá. E que ele não tinha esta profissão como um sonho, era algo influenciado pelo seu pai.

Entrei no meu carro. Estava animada, ansiosa, alucinada para logo decorar o meu novo lar. Mandeí uma mensagem para a Mariana, avisando que a encontraria na loja em que marcamos daqui a meia hora, mas dez minutos depois de permanecer no trânsito frustrante de Belo Horizonte, avisei para ela me esperar por mais um século.

Assim que cheguei ao prédio, que ficava no centro, a uns dez minutos do meu escritório, mas eu consegui chegar em vinte, cumprimentei o porteiro e entrei no elevador.

O apartamento ficava no terceiro andar e
NACIONAIS - ACHERON

assim que abri a porta dei de cara com a última coisa que esperava ver na vida.

A última coisa que se passaria pela minha cabeça.

Lá estava ele. E ela. Os gemidos dela eram fortes e ela tinha a cabeça encostada na parede e tombada para cima, combinados com a respiração forte do Pedro. Eu fiquei estática vendo o meu namorado enterrado na minha melhor amiga, no meu apartamento. Empurrei a porta com força e os dois me olharam de uma vez. A fúria era evidente em mim. Eu estava entorpecida, sequer podia

NACIONAIS - ACHERON

nomear o que realmente estava sentindo, era como se tivessem me tirado o chão.

O silêncio perdurou enquanto eu me mantive parada os olhando, enojada porque nós dois estivemos aqui no dia anterior. Assim que consegui voltar a respirar, me virei e saí o mais rápido que pude dali. Eu estava louca e ansiosa para começar uma etapa nova na minha vida, junto com ele e os dois sujando o meu apartamento com traição.

Entrei no meu carro, respirando fundo inúmeras vezes para não perder o equilíbrio, lembrando que esta, não era a primeira vez que eu

NACIONAIS - ACHERON

quebrava a cara. Que isto, não iria de repente, me matar. O meu celular vibrou, indicando uma mensagem, mas eu ignorei, apoiando minhas mãos ao volante, escorando meu rosto, não me permitindo chorar.

Não sei quanto tempo fiquei ali, achando que me acalmaria. Não sei por que achei que me acalmaria. Peguei meu celular, lendo a mensagem da Mari.

“Gatinha, estou aqui há dois séculos te esperando, e morrendo, MORRENDO de fome”.

Eu suspirei, discando o seu número, para lhe dar uma explicação e desmarcar o nosso encontro de compras para o meu apartamento.

— Fome, fome e fome! — Ela atendeu eufórica. A Mari era aquela amiga morena, magrinha, que come um boi, mas não engorda.

— Desculpa gatinha, mas a gente pode fazer isso outra hora? — Eu perguntei calmamente, observando o Pedro saindo do prédio. Eu coloquei a chave na ignição, fazendo um juramento de matá-lo assim que ele pusesse os pés na rua.

— Está tudo bem? — Ela perguntou com seu tom de voz evidentemente confuso. Eu não sabia se

NACIONAIS - ACHERON

devia contar o que acabara de ver para ela. Éramos muito próximas porque cursamos a faculdade juntas, mas eu sempre a julguei melhor arquiteta que eu. Ela era mais detalhista, eu, optava pelo moderno e cômodo. Vivíamos grudadas desde então, mas ela simplesmente odiava a Luciana. E não havia uma maneira de explicar a nossa amizade. Eu convivo com a Lu desde os meus dezesseis anos. Estivemos juntas em todos os momentos, são seis anos de amizade. Bem, até agora. Até o meu namorado que eu simplesmente amava e que dizia me amar, estar enterrado nela no meu apartamento.

— Bruna?

— Oi gatinha. – Eu falei, acordando dos meus devaneios.

— Está tudo bem?

— Sim. – Eu falei, ligando o carro, com a intenção de matar o Pedro Luiz.

— Tudo bem, eu vou almoçar. Mas agora à tarde tenho um projeto pra apresentar ao gerente de uma rede de lojas, não vou poder te ajudar. Amanhã pela manhã nós marcamos. Tudo bem pra você? – Ela perguntou com sua maneira ágil de conseguir administrar toda sua agenda. Seu namorado então, provavelmente nunca estaria enterrado na vagina de sua melhor amiga. Ela não estaria como eu, pensando se deveria ou não matá-

lo, já teria o feito.

— Tudo bem. – Eu falei baixo, olhando a Luciana sair emaranhando os cabelos loiros em um coque.

— Está tudo bem mesmo? – A Mari insistiu.

— Sim, meu bem, amanhã quando estiver livre, me liga e vamos às compras. – Eu avisei antes de desligar.

Liguei o carro, disposta a matar o meu namorado, mas antes de passar à marcha e pisar no acelerador, eu caí na gargalhada.

Eu não sabia se ria, ou se chorava. A angústia logo se misturou a sensação de alívio e eu sequer sabia o que sentia. O meu namorado, aquele que eu julguei ser o amor da minha vida, estava transando com a minha melhor amiga. Aquela que sabe tudo sobre mim, sobre nós dois. Pior, no meu apartamento. Nós tínhamos planos de nos casar, ter um casal de filhos e um cachorro que se chamaria Teddy. Moraríamos numa casa dos meus sonhos, projetada por mim. Mas eu não esperava que ele tivesse a audácia de se aproximar. O cretino deu duas batidas na janela do carro. Eu cogitei abrir e deixá-lo entrar, só para ela ver que só ela sairia perdendo nessa coisa toda, mas então essa sem

amor próprio não era eu. Jamais aceitaria, ou deixaria passar. Jamais.

Contudo, abaixei o vidro dianteiro, e analisei-o. A expressão serena de quem não se sentia culpado, o charme de homem decidido e dono da razão quase me desviaram do foco: a traição e a raiva que eu sentia.

— A gente pode conversar? — O Pedro perguntou como se ele tivesse por um acaso se atrasado para um jantar. Eu respirei fundo, sorrindo para ele. — É óbvio que há uma explicação, amor.

— Se eu chegar a te ver algum dia na vida vai ser pra te matar. — Eu falei calculando melindrosamente o tom, para que a minha voz não

PERIGOSAS

falhasse.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 01

Eu ignorei todos os meus compromissos do dia, me escondendo num lugar onde provavelmente ninguém me procuraria: a casa da minha avó.

Eu não contei para ela o que havia realmente acontecido, porque ela detestava o Pedro desde que começamos a namorar, há pouco mais de um ano. Era do tipo bonitão e solto demais para se prender no auge dos vinte e três, segundo ela. Disse-lhe apenas que havíamos rompido porque que não estava mais dando certo.

— Mas vocês estavam juntos aqui na semana

passada, pareciam tão bem! – Dona Cássia falou, me servindo com um generoso pedaço de bolo gelado. – Já almoçou, não é?

— Não estávamos tão bem assim. – Eu torci os lábios. – Eu quero só o bolo, não estou a fim de almoçar.

Passei à tarde refém dos mimos da minha avó, devo ter engordado no mínimo dois quilos. Meu pai tinha dois irmãos, e eu mais três primos, embora me sentisse a preferida da *vovó*.

Meu avô faleceu há mais de vinte anos, e eu

PERIGOSAS

sequer tive chance de conhecê-lo. Já com a família materna, eu não mantinha contato, nem a minha mãe o fazia.

Deixei o celular desligado até à noite, quando voltei para casa, onde meus pais estariam dando um jantar para alguns amigos.

Tomei um banho, repassando a cena do Pedro com a Luciana mil e uma vezes, sem nem conseguir acreditar. Era tão irreal que nem chegava a doer. A ficha ainda não havia caído.

NACIONAIS - ACHERON

Quando saí do banho, peguei meu celular que tocava sobre a bancada da pia e atendi, ao ver que era a Mari.

— Gata, seu amor ligou aqui louco atrás de você. Aconteceu algo? Você sumiu o dia inteiro, ele parecia tão preocupado. – Ela falou rápido e eu fiz uma carranca.

— Nós terminamos.

— Que? – O seu grito enfático demonstrava uma confusão no mínimo engraçada.

— Ele estava me traindo, Mari.

— Está tudo bem? – Ela perguntou cautelosa.

— Sim, meu bem. Tudo bem.

— Amanhã nós vamos decorar todo seu apartamento, eu espero que você não me dê outro bolo.

— Ok, beijo.

Desliguei e fui me trocar. Vesti um suéter preto, com uma calça jeans despojada e deixei o cabelo preso em um rabo alto, porém frouxo. Calcei uma sapatilha e passei um pouco de perfume. Peguei meu celular e a minha bolsa, a chave do meu carro e do meu apartamento, e saí.

Na sala estava minha mãe, conversando com a

Vanda, provavelmente sobre o tal jantar.

— Aonde pensa que vai, mocinha? — Ela perguntou quando eu ia chegando à porta.

— Vou para o escritório, to cheia de trabalho.
— Eu avisei. Não querendo ser interrompida, saí rapidamente. Passei no Mcdonalds e comprei um lanche para viagem. Em seguida passei no escritório, onde peguei o material que precisaria para estudar o projeto do Borges e seu pet shop e rumei para o meu apartamento. Foi angustiante chegar e lembrar que eles estiveram aqui, como se eu fosse um nada.

Eu espantei os pensamentos e me sentei no
NACIONAIS - ACHERON

chão, comendo o meu lanche e focando no meu trabalho.

Já passava das três da manhã quando eu terminei parte do que imaginava e dei atenção ao meu celular. Mais de seis ligações do Pedro. Eu deveria ignorá-lo para sempre. Mas eram três da manhã e o celular novamente tocava então eu atendi.

— Onde você está?

— No meu apartamento, relembrando a cena de você e a minha melhor amiga fazendo amor. — Eu falei clinicamente, guardando o laptop e os papeis na bolsa.

— Amor, foi um mal entendido, a gente pode conversar?

— Sinceramente, Pedro, eu não acho que tenha conversa. Que o que vocês fizeram seja aceitável. Que o nosso namoro possa ter continuidade. Então não há um motivo pra conversa. E, se você quiser conversar sobre ficar definitivamente com ela, vamos evitar. Eu não tenho saco pra essa palhaçada.

— Amor, quem iria namorar a Lu? – Ele perguntou debochadamente e o meu sangue ferveu. Não era o meu lado traído que estava reagindo, era o meu lado feminista. Tudo bem que a Lu era um tanto liberal e independente, mas isso não tinha a

ver com seu caráter. Bem, não o seu desapego. E... Eu decidi não pensar sobre isso porque já era canalhice o suficiente transar com o namorado da melhor amiga. Não era sobre o que ela fazia com a sua liberdade e solteirice, mas sobre trair a nossa amizade.

— Você. — Eu falei o óbvio, saindo do apartamento, trancando a porta e guardando a chave na bolsa. — Olha, Pedro Luiz, eu tenho muito trabalho pra terminar. Eu tenho muita coisa pra resolver pela manhã e muito pouco tempo pra dormir. Então nós vamos nos poupar de mais conversa.

— Bruna, não seja precipitada. Todo casal

tem crises. — Ele falou e eu não contive o riso. — E desentendimentos. Eu não sou um ser humano perfeito.

— Sim, você não é um ser humano perfeito, comete erros.

— Isso, mas eu me arrependo, também.

— Sim, você se arrepende. Eu entendo isso. — Eu repliquei, o ouvindo suspirar.

— Sim, podemos nos encontrar e conversar com calma?

— Não. Eu também não sou um ser humano perfeito e tenho sérios problemas com perdão. Na verdade, eu acho que o amor que eu achava sentir

por você morreu. — Eu falei levemente irônica. — Sinto muito. Mas não vamos conversar pra dizer que acabou.

— Conversa com a Lu, amor. Ela tem uma explicação pra isso. — Ele falou cansado, mas pelo que eu conhecia, não insistiria muito.

— Eu tenho que ir pra casa e descansar.

[...]

Fiquei perplexa ao descer para tomar café na manhã seguinte e encontrar uma sala cheia de buquês de rosas vermelhas. Bem, talvez se eu fosse

um pouco romântica e gostasse de clichês isso amenizasse o meu ódio. A minha mãe, Laura, veio toda empolgada me mostrar os cartões. Eu olhei-a entediada, sabendo que ela já havia lido todos, melhor, só dois. Ela simplesmente não conhecia a palavra privacidade.

— Olha, seja lá qual foi a merda que o Pedro Luiz tenha feito dessa vez, ele merece ser perdoado. — Ela falou eufórica, e eu relaxei o corpo, deixando-o cair sentado no sofá.

Eram dois poemas do Fernando Pessoa. Em cada cartão havia um:

*“Eu não sei senão amar-te,
Nasci para te querer.
Ó quem me dera beijar-te,
E beijar-te até morrer.”*

*“Amo como ama o amor.
Não conheço nenhuma outra razão para
amar senão amar.*

*Que queres que te diga, além de que te amo,
Se o que quero dizer-te é que te amo?”*

Eu olhei entediada para minha mãe, que parecia emocionada. Tudo bem que ele tinha

verdadeira paixão pelo Fernando Pessoa, mas mais clichê e previsível que isso?

Peguei meu celular e digitei para ele uma resposta.

“Mais previsível que isso, só chegar ao meu apartamento e encontrar você de novo, enterrado na Luciana”.

Minha mãe voltou a admirar os cartões, porque uma coisa que ela admirava no Pedro, era o seu bom gosto. Tanto na literatura, na música e

afins. Bem, isso não o livrou do mal de homem canalha.

— O que eu faço com as flores? — Ela perguntou quando eu me levantei.

— Sei lá, joga fora. — Respondi desinteressada, seguindo para a cozinha.

Não consegui comer, porque a canalhice do Pedro começou a fazer um efeito dramático em mim. Olhei para o meu cereal e fiz uma careta. Depois ainda tive que explicar ao meu pai, Roberto, sob protestos da minha mãe, que não estava mais namorando o Pedro.

Arrumei-me com um vestido de oncinha que marcava bem a cintura. Calcei uma sapatilha preta e deixei o cabelo solto, completamente liso. Fiz uma maquiagem básica e rápida e segui para o centro, para encontrar a Mariana.

Escolhemos os móveis do meu apartamento em tons escuro, amadeirados. Compramos tudo para dar vida ao local, e eu já estava ansiosa para colocar tudo no lugar, me mudar. Sentir-me dona de mim. Coisa que morando com os meus pais, eu nunca conseguiria. Por mais independente que eu já fosse, devido a todo amor e respeito me passado

NACIONAIS - ACHERON

por eles, eu sentia que devia satisfação de tudo. E a minha mãe era controladora. Nos dávamos bem, eu era filha única e o sonho realizado dela de ser mãe, o que triplicava o seu intrometimento na minha vida.

— Você devia adotar um cachorro. — A Mari falou, quando nos sentamos à mesa do restaurante.

— Eu não vou ter tempo pra cuidar, to cheia de trabalho e não tenho a sua organização.

— Quando eu fui morar sozinha, precisei de um cachorro. — Ela falou rindo, então o garçom nos trouxe o cardápio. Eu pedi camarão ao molho branco, e a Mari lasanha.

— Você é hiperativa, meu bem. Eu não

NACIONAIS - ACHERON

saberia dar o amor que um cãozinho precisa. – Eu falei, porque era uma verdade. Eu amava bichos, mas não achava que estava pronta para ter um.

— Claro, claro. – Ela riu, negando com a cabeça. – E o que houve? Vocês dois estavam cheios de planos, ele apaixonado como o Brad Pitt pela Angelina e de uma hora pra outra terminam?

— Sim, eu entrei no meu apartamento e dei de cara com ele e a Luciana transando! – Eu falei tão alto que o casal da mesa ao lado nos olhou.

Eu me encolhi na cadeira, envergonhada. A Mari me olhou com os olhos arregalados, me arrancando um riso.

— Eu sabia! Essa mulher é uma vadia, Bruna!

Pelo amor de Deus. Cê ainda vai aceitar as desculpas dela! Eu aposto! – Ela falou eufórica.

— Não tem conversa. Nem com ele, nem com ela. Enfim, vida que segue.

Quando entramos no meu apartamento, para colocar as caixas com os enfeites para decoração, encontrei o meu mais recente ex, segurando uma caixa de bombons nas mãos. Eu não havia parado para me lembrar de como ele era bonito, porque focar no meu ódio me faria nunca voltar atrás. Mas ele vestia um suéter branco e jeans, parecia tão despojado que me fazia querê-lo na minha cama, agora.

Foco, Bruna! A partir de agora, você odeia-o para todo o sempre!

— Bem, eu acho que vocês precisam conversar então eu já vou indo. — A Mari falou se atropelando nas palavras, mas eu a segurei pelo braço.

— Você fica. — Eu falei enfática, como um pedido de socorro. — Pedro, você pode me devolver a chave. Não há mais um motivo pra você ter uma cópia.

— Eu não vou deixar você terminar tudo

assim, amor. – Ele falou docemente, dando um passo em minha direção.

— Olha, Mari, ele diz que eu – Precisei enfatizar. – estou pondo um fim. – Eu zombei forçando uma risada e a minha amiga deu um sorrisinho sem graça. Ela nos conhecia a tempo suficiente para saber que em meio a uma briga, virávamos dois animais cheios de farpas e ofensas.

— Mari, deixa a gente conversar? – Ele se virou para ela, que assentiu, mas eu apertei mais o seu braço para impedir que me deixasse.

— Não é assim que as coisas funcionam. – Eu afirmei, usando toda a minha autoridade de dona do lugar. – Eu não quero conversar. Não tem a menor

NACIONAIS - ACHERON

possibilidade de uma volta e eu quero você fora!

— Mari, eu preciso conversar a sós com ela, pode ir. — O Pedro Luiz falou como se ela realmente fosse. Ele falava com ela, mas seu olhar estava direcionado a mim.

— Amiga, eu acho que apesar de tudo, uma conversa sensata é o melhor a se fazer. Eu vou esperar você no café da esquina, ok? — Ela falou docemente, se desvencilhando de mim suavemente. Eu a olhei sem acreditar que ela estava defendendo esse canalha!

E assim ela se foi, me deixando sozinha.

Eu analisei o Pedro desarmado que levou a Mari até a porta, fechando-a em seguida. Por um momento eu me deixei voltar no primeiro momento em que entramos aqui. Dos nossos planos, da sua ansiedade em largar tudo e vir morar comigo, as suas promessas. Tudo quebrado por sexo. Pior, sexo com aquela que se dizia minha amiga.

O dia estava ensolarado, e assim que eu assinei o contrato, passei no seu escritório para roubá-lo. Reafirmamos as nossas juras de amor, fizemos amor tantas vezes que eu mal podia lembrar quantas. A angústia ao me lembrar do seu

NACIONAIS - ACHERON

corpo no meu, do seu toque me dominava lentamente, e a única coisa que eu conseguia focar, era que ele jogou tudo fora por uma aventura qualquer. Se é que era só uma aventura. Ou que eles não estavam se encontrando há mais tempo.

— Eu preciso te pedir desculpas. — O Pedro falou me desviando dos pensamentos, e eu olhei-o firme, aturdida pela súbita vontade de chorar. — Eu não quero que tudo termine dessa maneira e nem acho que foi algo tão grave que não possa ser perdoado.

— Eu acho completamente desnecessário. — Eu falei baixo. Eu queria/devia estar gritando com ele, despejando nele toda a minha frustração, mas

minha a mãe certamente ficaria desapontada se eu fizesse um escândalo. Que homem valeria tanto a pena a ponto de eu perder os sentidos e surtar? Eu já havia o feito no passado e sabia o quanto não resolvia. E causar fúria no Pedro, seria pedir para ser humilhada. Ele me olhava com uma serenidade solene e quem visse, jamais julgaria culpado. Já eu, tentava transpassar indiferença. Não haveria uma volta e essa dor, logo passaria, eu começaria uma vida nova no meu novo apartamento. Apagaria de vez o episódio dos dois na minha parede.

— Mas eu amo você.

— Agora você ama. — Fui sarcástica.

— Eu vou te dar um tempo pra pensar. —

Disse ele, cansado para argumentar. Porque se eu conhecia-o bem, ele não ficaria rastejando aos meus pés. – Ver que tudo que nós passamos juntos não pode ser desperdiçado assim. – Ele se aproximou, tendo a audácia de deixar um beijo casto em meus lábios. – Eu te amo. – O seu sussurro falho acabou com qualquer chance minha de defesa e assim ele se foi, me deixando ali sozinha.

Apesar de tudo, eu não estava confusa na minha decisão. Era o fim e ponto. Também não sentia a necessidade de sair e me afundar no álcool, eu não era mais do tipo que gostava de beber até

morrer, apesar de adorar uma boa balada e um bom vinho. Por fim, decidi ignorar toda a vontade de sucumbir à fraqueza. Liguei para a Mari e nos encontramos em frente ao prédio, então fomos ao shopping.

Que atire a primeira pedra uma mulher que não se sente realizada ao fazer compras. Não há dor que perdure a este momento magnífico. Ainda passamos no salão, onde eu cortei um pouco os cabelos, os deixando mais repicados e fiz as unhas. A Mari teve que voltar ao trabalho, então eu segui a minha tarde de menina, sozinha.

Estava distraída com uma vitrine, olhando um vestido longo estampado, quando esbarrei em alguém, derrubando as suas sacolas. Eu iria me abaixar para arrumar a bagunça, mas não o fiz ao notar a Luciana. Éramos o oposto em quesito de vaidade. Ela tinha uma beleza natural inquestionável, enquanto eu adorava todos os truques de maquiagem e moda.

— Oi. — Ela disse me analisando, talvez imaginando que eu voaria em seu pescoço. Eu forcei um sorriso. — Tudo bem?

— Sim. — Fui grossa, assentindo lentamente.

— Bem, eu espero que você e o Pedro não...

— Ah, você espera. — Eu dei um riso irônico.

— Você não parecia esperar por isso quando estava nos braços dele, gemendo feito uma...

— Eu não vou ficar aqui te pedindo desculpas, Bruna. — Ela me interrompeu, sendo ridiculamente prepotente. — Eu não estou arrependida. Só espero não ter atrapalhado o futuro magnífico e planejado de vocês. — Ela estava zombando da minha cara, só pode!

— Eu espero que algum dia você deixe de ser essa pessoa egoísta e inconsequente. E sobre o Pedro, ele é todo seu. — Resmunguei, saindo de perto dela rapidamente.

Embora eu achasse que a melhor forma de me
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

esquecer dessas picuinhas pessoais fosse focar somente no trabalho, na sexta-feira, eu fui para uma boate em um bairro nobre de BH com a Mari e o Joca, seu namorado lindo e despojado. Em fim, lindo, despojado, rico e até onde eu sabia: fiel. Ele jamais trocava a vida perfeita ao lado da Mariana para se enterrar na melhor amiga dela.

O João Carlos tinha uma proximidade forte com o Pedro, o que de alguma maneira fortalecia ainda mais a minha amizade com a Mari. Não que dependêssemos disso, nos conhecíamos antes mesmo de começarmos a namorá-los.

NACIONAIS - ACHERON

Bem, quando chegamos à balada, sentamos numa mesa e pedimos as nossas bebidas. O casal a minha frente optou por vodca com energético. Eu, uma água com gás.

— Acho que uma dose de vodca te faria um bem imensurável. — A Mari alfinetou, mas eu não achava que iria esquecer o Pedro através do álcool e bem, queria estar sóbria para passar por essa fase para não me esquecer de nada, me lembrar de cada sentimento ruim e evitar qualquer possibilidade de perdão. Porque nós sabemos que mandar no coração é uma tarefa difícil. Bêbada eu ficaria vulnerável e mais solícita a fazer alguma bobagem.

— Ah, eles chegaram. — Disse o Joca, se

NACIONAIS - ACHERON

levantando sorridente para receber os seus amigos. Eu sorri para eles, apenas, reparando em como o loiro de olhos claros me lembrava de alguém. Ele transpassava um ar despreocupado, mas imponente. A sua barba por fazer lhe dava um charme e eu parei de analisá-lo, porque atrás da loira encorpada que segurava seu braço, estava o meu ex. Eu olhei furiosa para o Joca, que encolheu os ombros com um sorrisinho de desculpas.

— Meu bem, eu não vou desistir tão fácil de você. — O meu ex-namorado falou, puxando uma cadeira e se sentando ao meu lado. Eu fechei as mãos com força, e sorri cinicamente para ele. — Não vai beber nada? — Ignorei. Eu não precisava ser

educada com ele. Eu poderia lhe esbofetear a cara que ainda não me tiraria à razão. — Você precisa ser menos calculista e relaxar.

— E então, Pedro, eu estou ansioso para conhecer a sua amiga loirinha. — O Joca provocou, com um sorriso presunçoso. Eu olhei-o rancorosa, por remoer esse assunto.

— Não ela, meu bem. — A Mari falou descontraída. Ela era de uma segurança de si inominável, eu deveria ser mais assim.

— Bem, não viemos aqui falar de trabalho. — O Pedro cortou, desconcertado, como se o Joca estivesse falando de trabalho, ridiculamente apoiando o braço no encosto da minha cadeira. Eu

me senti tão retraída e encurralada, me assim que a garçonne voltou, eu pedi uma vodca.

— Pura. — Completei, e o Pedro deu um sorrisinho esguio. Devia estar bem achando que eu iria me embriagar e ficar perto dele. Bebi a primeira dose calada, observando demasiadamente o loiro a minha frente. O Pedro era moreno, o nosso caso era de amor, mas eu sempre, sempre preferi os loiros. De olhos claros então... Pena que ele estava acompanhado. Porque por mais infantil que parecesse, o bonitão seria uma bela fonte de distração, ou quem sabe, provocação.

Eu levantei para cumprimentar uns amigos
NACIONAIS - ACHERON

que avistei junto com a Luciana. Ok, ela havia transado com o meu ex, o tal amor da minha vida. Mas eu não iria abdicar dos *nossos* amigos.

— A Lu me contou o que aconteceu. — A Lorena, que tinha um estereótipo de modelo, falou ao me cumprimentar com dois beijos no rosto. Eu forcei um sorriso para ela e fui até o Ricardo, que me recebeu com um forte abraço.

— Sinto muito pelo que aconteceu. A Lu sempre inconsequente. — Ele sorriu fraco. — Mas pelo visto já se acertaram, não é?

— Não é. — Falei sarcástica, deixando escapar um sorrisinho. — Eu estou me mudando na semana que vem, eu ligo pra vocês e marcamos algo ok? A

Lu já conhece bem o lugar, não precisa ir. – E então eu voltei para a mesa, onde o Pedro me olhava como se soubesse que eu havia dito algo para provocar. Bem, ele devia me conhecer o bastante para já saber deste lado de merda que provoca as pessoas quando fico furiosa.

Deixei-me levar pelo momento e bebi mais três doses de vodca, porém com energético. Uma luz maior surgiu na minha noite quando a loira se levantou e o loiro lindo, que eu ainda não sabia o nome, a pediu cuidado. O Pedro a seguiu com o olhar, e eu revirei os olhos para a sua idiotice.

— Sua irmã está cada vez mais linda. – O

Joca alfinetou, olhando para o Pedro Luiz com um sorriso debochado. O Loiro pareceu incomodado e apenas bebeu um generoso gole da sua cerveja. Ele não era algum amigo do Pedro, senão eu conheceria, e isso me deixou ainda mais *animada*.

— E precoce. — O bonitão falou desgostoso, mas a loirinha não parecia ter menos de vinte anos.
— Bem, não vou ficar aqui de vela. — Completou virando o último gole da bebida.

— Vitimar pobres corações indefesos. — A Mari falou, com seu jeito divertido e eu me levantei no impulso junto com ele.

— Vou dar uma volta. — Ele falou pegando seu celular sobre a mesa.

— Vou com você! — O olhar do Pedro ao me ouvir pronunciar de forma enfática, me fez sentir algo próximo do orgulho por ser tão audaciosa.

Ele deveria se lembrar de que fora a minha audácia e a minha falta de vergonha em retribuir seus olhares e me aproximar, evitando quaisquer delongas ou joguinhos práticos no primeiro momento para dificultar o nosso *lance*, que nos uniu. Deveria se lembrar de que quando eu quero algo, eu não me importo de como terei que conseguir.

Claro, quando um não quer dois não fazem nada, mas eu facilitei tudo para ele.

Para nós.

— Não, Bruna, você não vai. – O Pedro falou cruzando os braços, levemente autoritário. Eu encontrei o sorrisinho torto do loiro que eu logo descobriria o nome.

— Bem, eu não sei você, mas eu vou dar uma volta. – Eu falei para o loiro, sorrindo para ele e saí dali, me infiltrando em meio à multidão.

Empurrei dois engraçadinhos que tentaram algo e saí como uma barata tonta perambulando pelo local. Parei perto do bar e pedi um energético. Era terrível estar em uma balada sem uma bebida nas mãos. Encontrei a Lorena, e me juntei a ela,

NACIONAIS - ACHERON

que dançava sozinha e já estava visivelmente alterada. Eu não estava cem por cento sóbria, entretanto, estava melhor que ela. Digo, bem melhor. Deixei escapar uma risada pelo seu tropeço e então embalamos juntas e desengonçadas num arrocha sertanejo que em meus dias comuns, doeriam meus ouvidos. Tá aí uma coisa que eu e o Pedro tínhamos em comum: o gosto musical. Eu era uma tremenda fresca e na minha *playlist* jamais haveria um Lucas Lucco por mais gato que ele fosse. Ou um Naldo da vida, embora eu aproveitasse de tudo em festas. Eu parei de dançar e dei uma risada alta ao ver a minha amiga descendo até o chão, e quando cessei, encontrei o

loiro, nos observando com um sorriso presunçoso. Ele ergueu o copo de bebida como se brindasse para mim, e eu sorri segura de volta. Depois disso, olhei para trás para ter certeza de que era comigo, porque seria o mico do século corresponder a um *flerte* que não era meu.

— Já? — Perguntou a Lorena, ao encerrar o seu show e parar ao meu lado, analisando o homem. — Bem, ele é bonito.

— Eu ainda não acredito que o Pedro foi capaz. — Eu falei magoada, sem tirar os olhos do loiro. Era terrível não saber o nome dele. Eu precisava sonhar com ele esta noite.

— Vocês se gostavam tanto. Eu não vou
NACIONAIS - ACHERON

julgar, e nem tentar entender a Luciana. Talvez ela quisesse um aumento. – A Lori torceu a boca e deu de ombros. Eu olhei-a entediada, a Lu não precisava de dinheiro e o Pedro não era chefe dela.

– Não pretende dar uma chance aos dois?

— Olha, a minha cota de chances pra Luciana encerrou. – Revirei os olhos, bebendo um pouco do meu energético. – E eu não vou bancar a corna mansa para o Pedro Luiz. Dói, tá doendo, quando eu lembro faço um esforço doído pra não chorar, mas se não morri até agora, não foi algo fatal.

— Como os seus pais reagiram? Sua mãe era apaixonada por... – A Lorena foi interrompida pelo loiro lindo e cheiroso que se aproximou de nós. Ele

trazia consigo um amigo, e, eu sorri envergonhada para ele, que me entregou um copo com a bebida transparente.

— Poderia me dar o prazer dessa dança? – Ele perguntou com sua voz rouca e um tanto sexy. Eu não aguentei o seu clichê e dei risada, me forçando a parar ao vê-lo me olhar confuso.

— Desculpa, mas eu não sei dançar. – Uma bela mentira, porque eu estava consciente de que ele me observava há minutos atrás.

— Certo, Bruna. – Disse ele desapontado, entortando os lábios. Ah, eu não poderia ser menos estabanada.

— Mas a gente poderia dar uma volta, não

NACIONAIS - ACHERON

sei... Conversar. – Eu sugeri, como se fosse possível dar uma volta e conversar tranquilamente em uma boate lotada. Ele me sorriu, arqueando uma sobrancelha, e eu notei que ele tem aquelas covinhas na bochecha. Eu tinha admiração por isso, era algo fora do normal. – Quero dizer, você poderia começar me dizendo seu nome. – Pedi para tentar consertar as coisas, estava sendo patética.

— Daniel. – Ele falou parecendo menos interessado que quando me entregou a bebida. Eu bebi a vodca com energético como se fosse água, e virei o resto do meu energético no copo vazio, jogando a latinha num lixo que havia encostado ao balcão.

— O meu é Bruna e... — Eu comecei como se ele já não soubesse, mas parei, seguindo o meu ex-namorado com o olhar. Também não era dessas que ficaria com um cara só pra mostrar que estava bem. Ficar com um cara na frente do ex-amor, hoje, para mim, era demonstrar fraqueza. Seria como assinar um atestado de desespero por atenção e o Pedro não merecia que eu chegasse tão baixo. Um ano namorando um babaca para então perder a manha de conversar com outros homens, demonstrar interesse sem me jogar. — Vamos pegar outra bebida? — Pedi sem nem saber o que fazer. Talvez ele quisesse sair, arrependido de se aproximar, mas eu não o dispensaria, já que a minha amiga solteira,

já estava aos beijos com o bonito amigo do Daniel.

Ele nos guiou até o bar, e eu me sentei ao banco alto, próximo ao balcão. Olhei o cardápio, rindo dos nomes das bebidas e da maneira como eu me afundava nelas em tempos de adolescência. Em tempos de... Bem, isso não vem ao caso.

Não conversamos, ou trocamos informações. Eu pedi duas doses de tequila pra nós dois, e emiti um grito fino ao bebê-la de uma vez, chupando o limão com sal. Eu estremeci completamente, desacostumada a exagerar dessa maneira e o Daniel

NACIONAIS - ACHERON

riu.

— Pra quem chegou aqui bebendo uma água com gás, já está bem eufórica. — O Joca falou ao se aproximar de nós, junto com a Mari. Eu sorri exacerbada para ele. — O Pedro está fulo contigo.

— Oh, o Pedro está fulo. — Eu zombei, pegando o seu copo e bebi um pouco. Era uísque com água de coco, e eu não gostava muito. Na verdade, eu havia me limitado a gostar só de vinhos, não sabia o porquê de me liberar das minhas regras esta noite.

— A Luciana está olhando pra cá. — A Mari comentou enojada, ela a detestava. — Eu espero que você não seja burra e não se reaproxime dessa

NACIONAIS - ACHERON

vaca!

— Vamos beber mais tequila! – Eu ergui um braço, completamente eufórica. Mas no fundo a minha alegria momentânea era forçada. Só para não estar por baixo, como a coitadinha, a sofrida, a traída. Eu não queria a pena de ninguém e estava gostando de beber daquela maneira.

As músicas eletrônicas voltaram a animar o local e eu comemorei por isto. Eu e a Mari bebemos tanta tequila, que em um momento eu só me via em fleches. Hora estava num lugar, hora em outro. Lembro-me até de ter visto a minha amiga desmaiar.

Lembro-me dos lábios do Daniel, de eu tirando a sua camisa, dos seus beijos em meu pescoço e a maneira como sussurrava meu nome. Bem, essa parte deve ter sido sonho total, eu jamais iria pra cama com um cara que acabara de conhecer. Não fazia sequer uma semana que eu havia rompido um longo namoro e o meu sentimento pelo Pedro ainda estava aqui. Tudo bem, eu não era uma pessoa romântica e fingia vomitar para os clichês. Mas respeitava o meu corpo e não me deixaria ser usada dessa maneira.

Acordei me sentindo de cabeça pra baixo e
NACIONAIS - ACHERON

toda dolorida. Cobri o rosto com as mãos, agradecendo pelo quarto estar escuro. Grunhi arrependida do que havia feito. Beber demais nunca tinha pontos positivos e essa ressaca maldita era um dos contrapontos.

Última vez! Jurei para mim. Beber assim, não era sinônimo de diversão. E se fosse, eu não conseguia me lembrar.

Eu me levantei, para ir até o banheiro e só então percebi que não estava em meu quarto. Entrei em pânico e só fiquei mais calma quando reconheci o meu apartamento.

Os moveis eram meus, eu estava em local seguro! O meu grito foi histérico ao perceber o homem loiro e forte na minha cama king size, novíssima que eu escolhi com o Pedro Luiz e que devia ter sido inaugurada com ele. Ele se mexeu, abrindo os olhos lentamente, enquanto eu analisava que eu vestia apenas minhas roupas intimas.

A minha calcinha era rendada e muito transparente, eu deveria pegar algo imediatamente para me cobrir, mas apenas agradei estar com a depilação em dia.

Como eu poderia ter ido pra cama com um homem desses e não me lembrar de nada? Como se

NACIONAIS - ACHERON

não bastasse a vadiagem, eu tinha que não lembrar! Eu notei que ele vestia a calça jeans e as meias. Eu queria fazer um show, exigir que ele me explicasse o que aconteceu, mas o homem não me conhecia. Sequer devia saber onde eu morava então se paramos no meu apartamento – local que eu nem morava oficialmente ainda, alguma bobagem eu também havia feito. E eu não gostava de ser injusta.

— Tudo bem? – Daniel perguntou confuso, mas ainda sonolento. Eu me aproximei, sentando-me a beirada da cama, e analisei seu corpo definido. Eu não estava o comparando com o Pedro, mas o Daniel era mais forte, e ligeiramente mais alto. Os seus cabelos bagunçados acenderam

algo em mim e eu queria ter a coragem de fazer com ele, de novo, tudo que devíamos ter feito na noite passada.

— O que aconteceu? — Perguntei timidamente, me sentando mais confortavelmente na cama, mas puxei um travesseiro para colocar sobre meu colo. O Daniel me deu um sorrisinho presunçoso e o meu coração afundou.

Eu era mesmo uma vadia. Não que eu julgasse essa coisa de sexo casual, eu já fui adepta, embora não tenha tido muitos parceiros. Mas eu havia acabado de sair de um relacionamento que até então eu pensava ser para sempre. E o mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

importante: eu não me lembrava!

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 02

Bem feito para mim! Eu já sabia o porquê de não beber mais. De nunca exagerar na coisa. Eu era uma louca descontrolada em efeito do álcool.

— Você não se lembra? — Perguntou o Daniel, desconfiado. Eu entrelacei minhas mãos, olhando-as, morta de vergonha e neguei com a cabeça. Uma pena que eu não me lembre. Talvez com a memória de algo bom, eu me sentisse menos culpada. — De nada? — Forçou e eu olhei-o, tão incomodada com a minha atitude de beber demais.

— Bem, de algumas coisas. — Eu falei rapidamente, me levantando. — Eu vou tomar um

NACIONAIS - ACHERON

banho. – Avisei já me dirigindo ao banheiro. Ouvi um gemido dele, talvez ao analisar meu corpo, mas ignorei. Tirei a minha calcinha indecente e o sutiã, os colocando sobre a bancada da pia, porque precisaria vesti-los novamente, mas antes que entrasse no Box, encontrei um Daniel concentrado em me olhar minuciosamente. Eu corei com tamanha ousadia, mas não fiz algum esforço para me cobrir, com o pensamento de que ele já havia feito tudo com o corpo que olhava admirado.

Entrei no Box e liguei o chuveiro após prender os cabelos em um coque para não molhar. Deixei que água morna molhasse o meu corpo e

fechei os olhos, sorrindo involuntariamente ao me lembrar da sua boca na minha, mas logo o pensamento de que seus lábios provavelmente estiveram no meu corpo, deu lugar a uma raiva por não me lembrar. Eu me assustei ao notar que não estava sozinha no chuveiro, mas ainda sorri com a sua audácia de me acompanhar. E ir além, me abraçar por trás e correr os lábios suavemente em meu pescoço.

Eu deveria pará-lo e enfatizar que eu não me lembrava de nada e levar as coisas com mais calma, mas o meu lado sensato foi completamente ignorado e eu me virei, o olhando cuidadosamente

para não me sentir usada depois. Entortei os lábios num sorriso, preferindo pensar que eu tinha sorte de poder ter um momento com um homem como este e deixei de lado os pensamentos de como eu estava sendo leviana e precipitada. Levei minhas mãos para os seus ombros, ficando na ponta dos pés para depositar um beijo casto em seu queixo, ele resfolegou, inclinando o rosto para encontrar nossas bocas e então eu tomei a liberdade de iniciar um beijo que no primeiro momento foi tranquilo.

Bem, isso até eu me lembrar de que estávamos sem roupa e eu logo pude sentir a sua excitação cutucando a minha barriga, fazendo um calafrio percorrer o meu corpo.

O Daniel me empurrou contra a parede, roçando os lábios em minha bochecha, enquanto tinha uma mão por entre o meu cabelo, me segurando firme.

Nós dois estávamos arfantes, e eu soltei um gemido fraco quando ele deixou beijos molhados pelo meu pescoço. Já estava molhada, excitada e o querendo quando ele me ergueu em seu colo, nos levando de volta para o quarto. Eu apertei minhas pernas em sua cintura, para sentir o seu corpo estimulando meu sexo e ele gemeu contra minha boca, quando eu o beijei bem lentamente, correndo

NACIONAIS - ACHERON

meus dedos por entre o seu cabelo o trazendo mais para mim. O Daniel me deitou na cama, nunca separando nossas bocas, e quando o fez, foi para me matar de prazer ao beijar meu seio tão suave e cuidadosamente. Eu arfei, o olhando e fechei os olhos, não me reconhecendo por deixar isso se repetir tão rapidamente.

Bem, eu precisava me lembrar, uma vez que já era culpada.

O Daniel desceu os beijos pela minha barriga e quando chegou *lá*, deu uma passada lenta e longa de sua língua em meu sexo e o meu corpo entrou

NACIONAIS - ACHERON

em combustão. Manter o controle agora era algo que só me deixava ainda mais fora de mim. Eu apertei os lábios e minha cabeça tombou pra frente, ao sentir os seus beijos em minha intimidade e quando ele afastou mais as minhas pernas, afundando mais a sua língua em mim eu abri os olhos novamente, encontrando aquele mar de olhos azuis de uma maneira tão... Ele foi descendo mais a boca e, eu o puxei pelo cabelo, voltando a sua língua para o lugar *certo*. O Daniel passou então a brincar a ponta do dedo indicador em minha entrada, parecendo se divertir com a minha lamúria. Ele deixou mais um beijo em meu sexo e então subiu de volta para o meu corpo, me beijando

lentamente, agora, roçando nossos sexos.

— Daniel. — Sussurrei, porque precisávamos de uma camisinha.

— Diz — Era um gemido e eu me contorci toda ao sentir a cabeça do seu membro em minha entrada. Porque era tão gostoso?

— Precisamos de uma camisinha. — Falei, mantendo os olhos fechados, e o senti beijar meu queixo, antes de se levantar. Certifiquei-me de perguntar se usamos uma ontem, porque mesmo que eu tomasse anticoncepcional, não poderia confiar tanto assim em um cara que eu não conhecia direito. Ele voltou rapidamente, já colocando o preservativo e quando veio para cima

de mim, o empurrei cuidadosamente e me sentei em seu colo, descendo nele devagar. Eu parei, ao senti-lo fundo em mim e gemi forte, afundando minhas unhas em seus ombros. Filho de uma mãe, gostoso! Ele colocou as mãos em minha cintura, me fazendo descer de uma vez e investiu em mim. Foi tão duro e fundo que incomodou um pouco. Eu fiquei longos segundos, parada, com a respiração muito acelerada, então ele me afastou um pouco, me trazendo de volta.

— Apertada – Gemeu forte, vindo mais em mim. – E gostosa. – Sussurrou em meu ouvido, me deixando arrepiada.

— Nós usamos camisinha... Ontem? – Era

claro que eu tinha que broxar o momento. Não seria eu, se não o fizesse. O Daniel franziu o cenho demonstrando confusão e eu senti meu rosto corar. – Daniel? – Insisti, passando meus braços em volta do seu pescoço, para me apoiar e começar movimentos lentos. Ele suspirou como se a sua vida dependesse disso, antes de me responder.

— Nós não fizemos nada demais, ontem. – O seu tom era estrangulado e eu parei de me mover. Como nada? – Eu to com um tesão dos infernos, você não quer parar, quer? – Disparou me virando na cama, voltando a me penetrar antes que eu dissesse mais algo. Eu gemi forte, sendo interrompida por sua boca na minha, e não

conseguia acreditar que me deixei levar pelo pensamento de que já havíamos feito tudo então não haveria mal algum. Droga! – Tudo bem? – Ele perguntou, como se finalmente se lembrasse de que transava com uma mulher e eu olhei-o sendo desarmada por aqueles olhos serenos, que não pareciam carregar culpa alguma. O seu ritmo estava lento, e ele agora me encarava carinhosamente. Era como se estivéssemos fazendo amor. Eu fechei os olhos ao sentir o seu beijo, que fora rápido. Ele afundou o rosto em meu pescoço, vindo mais forte, e passou a brincar os dedos em meu clitóris. Eu gemi forte com a sensação e enrolei minhas pernas em volta do seu corpo, o apertando contra mim,

arranhando suas costas com força quando cheguei ao clímax. Ele manteve os movimentos até que gemeu meu nome, vindo para mim de uma maneira descontrolada que me fez sorrir. Seus movimentos foram perdendo o ritmo, e a sua respiração desacelerando. Eu acarinhei seu cabelo, rindo da minha precipitação.

— Que foi? – Ele perguntou erguendo o rosto para me olhar. Eu mordi meu lábio para conter o riso, e ganhei um selinho.

— Eu pensei que você tivesse abusado de mim, na noite passada. – Eu confessei, e ele franziu o cenho, embora estivesse sorrindo.

— Foi difícil não fazer, mas eu não costumo

agarrar meninas bêbadas, elas geralmente não lembram no outro dia e a gente sai com fama de canalha.

— Oh, claro, vocês homens são sempre a vítima! – Fui sarcástica, e ele riu, assentindo.

— Mas então nada disso teria acontecido se você se lembrasse da noite de ontem?

— Bem, não assim, mas... – Eu tentei explicar, mas dane-se, ele não precisava disso. O Daniel tirou o preservativo e o jogou no chão, ao lado da cama. – Você deveria dar fim nisso, eu poderia querer te dar o golpe e dar um jeito de engravidar.

— Não parece o tipo de mulher que faria isso.

— Ele retrucou solenemente e eu sorri. — Então você namorava o Pedro Luiz. — Comentou. Eu suspirei forte, acabamos de transar e ele quer saber do meu namoro?

— Sim.

— Terminaram tem algum tempo?

— Pouco. — Limitei a responder, incomodada com as perguntas. — Vocês não são amigos, senão eu te conheceria. — Afirmei convicta e ele riu. Mas eu conhecia toda a família do Pedro, assim como os amigos mais próximos.

— Pouco. — Ele falou no mesmo tom casto que eu.

— Estou com fome. – Eu fiz uma careta. Bem, ele *comeu* agora nada mais justo que me alimentar. – Tem uma padaria logo ali na esquina, você deveria ir lá, trazer algo pra nós.

— Abusadinha. – Ele apertou meu nariz, se levantando. Vestiu-se e saiu do apartamento, me deixando com o pensamento de que ele fugiria, mas as chaves do seu carro haviam ficado. Eu me enrolei no lençol branco e peguei o meu celular, notando as ligações perdidas da minha mãe. Ela ligou apenas vinte e oito vezes. Eu retornaria depois. Liguei pra Mari, precisava saber como ela estava.

— Morta, meu bem. – Ela grunhiu com um

NACIONAIS - ACHERON

tom lastimoso.

— Eu dormi com o bonito. – Eu sussurrei, como se isso fosse o segredo que desvendaria um crime.

— Você o que? – Sua resposta foi rápida, logo depois eu ouvi uma gargalhada e ela repassando isso a alguém,

— Não é pra contar para o mundo!

— Ele contaria ao Joca. – Ela falou entediada.
– O Joca disse que a essa altura o Don Juan já deve ter fugido.

— Sim! – Falei prontamente. – Digo, não! Ele foi comprar café pra nós.

— Ele está com o Joca no celular. — Ela deu um risinho. Belo idiota. Faz as sacanagens da vida e conta tudo ao amigo. — Disse que a noite de vocês foi estranha, mas a manhã... Presunçoso, nosso Dan, hein?

— Que idiota. — Eu falei carrancuda.

— Não, bem... — Ela começou se atropelando nas palavras. — Ele não é do tipo que leva algo a sério, então se sinta sortuda se ele ainda voltar aí pra tomar café contigo. — Ela falou como se isso fosse o prêmio de loteria, e o Daniel entrou no quarto, com uma garrafa de suco e um saco de papel mediano. O cheiro me deixou ansiosa, porque eu estava com fome. — E se vocês ficarem uma

segunda vez eu aposto em casamento! – Ela gritou antes de desligar. Eu revirei os olhos, me sentando e cruzando as pernas sobre a cama.

— O Joca me falou que você é viciada em pão de queijo, então... – Ele falou desconcertado, tirando novamente os sapatos e vindo para o meio da cama.

— Minha paixão! – Eu dei risada e ele nos serviu com o suco de laranja. Nós conversamos amenidades, e ele me contou sobre a sua irmã que ele julgava precoce. A menina tinha vinte e um, e ele queria que ela simplesmente fosse virgem.

— Bem, eu tenho vinte e dois. – Cerrei apenas um olho, mordendo um pedaço do pão de
NACIONAIS - ACHERON

queijo. Ele deu um sorrisinho, como se dissesse que eram situações diferentes e eu revirei os olhos.

— Não é tão inconsequente como a Paula. — Ele me lançou um sorrisinho complacente. Eu terminei de comer e fui para o banheiro me trocar.

— Não mora aqui? — Ele perguntou confuso, vendo que eu vestia a mesma roupa.

— Ainda não, espero conseguir mudar essa semana. Preciso ir ao supermercado e essas coisas, trazer minhas coisas. E não tenho muito tempo pra isso.

— Não? — Seu tom era desafiador. — Papai não banca tudo aqui? — Ele estava debochando de mim!

— Não. — Eu sorri serenamente, mas o orgulho estava estampado em mim. — Papai só me ajudou com a entrada gorda do apartamento, para que eu pudesse me mudar de uma vez.

— Então a mocinha trabalha? — Ele sorriu docemente, talvez levemente sarcástico. Eu revirei os olhos, mas preferi ser educada.

— Sim, a mocinha é arquiteta. E já não vive à custa do papai há mais de um ano. — Sorri cinicamente para ele, que se aproximou mais de mim, me encostando à pia. Ele aproximou bem os nossos rostos e correu uma mão por entre o meu cabelo, roçando nossos lábios. Eu ignorei as suas alfinetadas e fechei os olhos, deixando que ele

brincasse com os meus lábios, os puxando levemente e roçando.

— Eu quero te ver de novo. — Ele sussurrou, selando nossos lábios. Eu o impedi que se afastasse e dei-lhe um beijo casto, mas não respondi.

Apesar das suas insistências para me deixar em casa, eu preferi evitar e peguei um taxi. Seria um interrogatório sem fim, chegar na manhã seguinte num carro que não era do Pedro. A coisa toda seria mais fácil e compreendida se eu contasse sem pressão.

Minha mãe estava na sala com o telefone sem fio nas mãos e me olhou atônita quando entrei.

— Passou a noite onde, Bruna? — Ela perguntou autoritária e eu revirei os olhos, indo até ela e lhe dei um beijo no rosto. Foi o bastante para desarmá-la. Minha mãe sorriu, me analisando desconfiada. — Pela carinha se acertou com o Pedro... — Deduziu erroneamente e eu corei, sorrindo. Tive que negar com a cabeça, e ela sorriu tristemente. — Com alguém?

— Bem, não necessariamente. — Falei presunçosa, indo em direção as escadas. Sabia que ela viria para me interrogar.

— Não sabia que agora você iria se adaptar a

NACIONAIS - ACHERON

este tipo de vida. — Minha mãe falou se escorando à porta do meu quarto. Eu olhei-a desconfiada, mas o sorriso largo não saía do meu rosto por nada.

— Não estou mãe. Só me diverti como há muito tempo não fazia. Não está necessariamente ligado a ter dormido com outro homem. — Eu não estava mentindo, certo?

— E eu nasci ontem, Bruna. — Ela zombou. — Espero só que não se arrependa. Fiquei preocupada pela falta de notícias, porque às duas da manhã o Pedro ligou para saber se você estava em casa. Pensei que tivessem se encontrado.

— Oh, claro. — Eu revirei os olhos. — Eu tive uma manhã maravilhosa e isso não tem a ver com o
NACIONAIS - ACHERON

Pedro. – Eu soltei sem querer e ela me lançou um olhar de quem não estava engolindo a minha historinha, a minha contradição.

— Posso saber o nome do sortudo? – Ela perguntou vencida. Eu adorava o jeito dela de querer participar da minha vida sem julgar os meus atos, por mais que não concordasse. Claro que era tudo muito limitado, eu contaria pra Mari que eu tive um orgasmo na primeira transa com o Daniel, mas jamais diria algo assim para minha mãe.

— Jura não contar nada ao Pedro? – Indaguei desconfiada, porque eles eram bem amiguinhos. Tirei os meus sapatos e me joguei na cama.

— Eu não vou nunca entender esse
NACIONAIS - ACHERON

rompimento, filha. O casal conexo e apaixonado que vocês eram e os planos que tinham... Não entra na minha cabeça que assim, de uma hora pra outra acabou tudo!

— Acontece. – Eu sorri fraco, não querendo falar sobre isso. Fui tomar um banho, dessa vez um bom banho e vesti um pijama de seda. Precisava dormir um pouco mais, mas quando saí do banheiro, encontrei o Pedro Luiz.

— Já deu de show, não acha Bruna? – Ele falou alterado, jogando o terno sobre a cama.

— Show foi encontrar você e a Luciana fazendo amor no meu apartamento. Na minha parede. – Eu falei sarcástica, desembaraçando os
NACIONAIS - ACHERON

cabelos. Ele fez uma carranca, correndo as mãos no rosto como se rogasse por calma.

— Isso foi um blefe! Pelo amor de Deus, deixa de ser tão ruim e rancorosa e me escuta uma vez na vida! – O Pedro aumentou o tom e eu olhei-o, cruzando os braços. – Seja lá a merda que eu fiz você já se vingou não foi? Passou a noite se esfregando com aquele vagabundo!

— Ele com certeza não estava se esfregando com a minha amiga no meu apartamento. – Eu zombei, eu era muito, muito infantil. Mas *foda-se*.

— Bruna, por favor. – Pediu pausadamente, se aproximando mais de mim. Eu desviei o olhar, carrancuda. Eu estava irredutível. Manteria o meu
NACIONAIS - ACHERON

ódio por ele e seguiria a minha vida. Olhar, ouvir explicações, sentar pra conversar aos poucos dissiparia o meu rancor e eu acabaria cedendo. E eu não queria querer perdoar. – Olha pra mim. – Ele amenizou o tom da voz. Eu olhei-o. – Eu nunca, nunca – Repetiu pausadamente. – te traí, amor. Nós estávamos conversando a sua espera, eu não sei por que a beijei e nem porque acabei levando as coisas àquele ponto. Não era a minha intenção, magoar você.

— Pedro, eu não estou a fim de conversa. – Falei sinceramente, relaxando o corpo. – Eu não gosto desse tipo de coisa, eu não acho que um relacionamento continue saudável depois de

descobrir algo assim.

— A gente pode viajar. Só nós dois. — Ele sorriu, me incentivando. — Vamos à Angra, você adora ir pra lá. A gente esquece tudo por uns dias, tentamos de novo.

— Pedro, você não está me entendendo. — Eu estalei os lábios, me sentindo culpada por ter ido pra cama com outro homem. Homem este que pregava ter uma fama terrível de garanhão. — Não tem mais volta. Não tem mais jeito.

— Não, Bruna. — Ele falou rapidamente, tomando as minhas mãos nas suas. — Todo homem comete erros, eu estou assumindo o meu. — Eu não acreditava que ele estava insistindo. Eu não estava

NACIONAIS - ACHERON

jogando com ele, eu não queria isso. – Eu estou arrependido, eu quero voltar.

— Mas não é só a sua vontade que conta. – Eu falei docemente, sentindo os meus olhos arderem. Desviei o olhar do dele, mas dei de cara com uma foto nossa na minha mesa de cabeceira.

— Eu esqueço que você deu mole pro Daniel. – Ele falou como se isso fosse relevante e eu olhei-o, culpada. Como se me conhece o bastante, sua expressão endureceu.

— Não tem volta, Pedro. – Eu falei mais uma vez, sentindo a maldita lágrima descendo. Eu pisquei para que as outras não fizessem o mesmo caminho, mas em vão. Lá estava eu, chorando

como se a culpa do nosso término fosse minha.

— Você não... — Ele começou cauteloso, embora seu tom demonstrasse incredulidade. Eu funguei, assentindo, porque isso o faria ir embora de vez. O seu riso sarcástico deixava evidente que para ele, eu havia perdido a razão. Mas isso não importava agora. — Eu não acredito nisso, Bruna! — Ele explodiu em cima de mim, como se eu tivesse traído. — Eu feito um idiota querendo o teu perdão enquanto você passa a noite fazendo sei lá o que, com o canalha do Daniel!

— Pedro eu...

— Eu nem quero ouvir, Bruna! — Ele fez um gesto para que eu parasse, estava irritado e eu não

iria retrucar. – Eu nem sei por que tentei vir conversar contigo. – Ele riu incrédulo, tirando do bolso da bermuda, a cópia das chaves do apartamento, as jogando enojado em minha cama. – Espero que ele faça bom proveito de você.

Eu me sentei à cama, pegando o porta-retratos e olhei-o. Éramos tão felizes e eu sentia que ele me completava tanto... Nunca na vida, eu me imaginaria desejando outro homem que não fosse o Pedro Luiz. Nunca na vida eu imaginei que esse seria o nosso fim. Ele veio e apagou todo meu passado ruim, me trazendo de volta para a vida e foi embora por tão pouco. Eu me deixei chorar,

NACIONAIS - ACHERON

abraçada a uma foto de nós dois, sucumbindo o fim.

Ao fim do dia, a Mari veio me ajudar a arrumar as minhas roupas para a mudança. Minha mãe fazia carrancas sobre como era desnecessário eu sair de casa e não se atreveu a me ajudar. Segundo ela, eu não teria sua ajuda sempre que precisasse então era bom ir acostumando a me virar sozinha.

Empacotamos tudo em algumas horas, eu não estava pra muita conversa. Estava longe daquela Bruna animada desta manhã e a minha amiga

NACIONAIS - ACHERON

percebeu isso.

— Aconteceu algo? – Ela perguntou quando minha mãe nos deixou a sós.

— O Pedro esteve aqui hoje. – Eu forcei um sorriso para ela, que apertou os lábios.

— Bem, não tem como ele ficar sabendo do Dan, mas eu aposto que você entregou. – Ponderou entediada, e revirou os olhos.

— Era a única maneira de fazê-lo ir.

— Eu acho que a vadia da história é a vaca da Luciana, mas não vou opinar sobre perdão. Porque pelo visto, você já está mesmo disposta a seguir em frente.

— Você acha que foi um erro? — Perguntei, me referindo ao Daniel. Eu evitei pensar sobre o assunto. No primeiro momento eu estava feliz da vida. Uma noite bacana, mesmo que parte dela eu não lembrasse bem, uma transa gostosinha, eu não poderia dar um dez por apenas uma vez. Não havia intimidade, ele não sabia como eu gostava realmente. Bem, ele não era o Pedro. Esse sabia como me deixar à mercê implorando por um pouco mais, talvez fosse descontrole, mas eu sempre queria mais.

Mas voltando ao assunto, ele sequer pediu meu número e se fizesse mesmo jus ao que a Mari disse ao seu respeito, ele não era do tipo que repete

a dose.

— Não. — Ela franziu o cenho, contendo um sorrisinho. Eu a encarei, como se duvidasse. — Não foi um erro, desde que tenha sido bom. E também, ele foi só o terceiro ou quarto cara com quem você transou, não é algo que te torne uma vadia. Vadia é a Luciana que se abriu pro seu namorado. Ele fez algo que segundo o Joca, não é de seu feitio.

— O que? — Indaguei desgostosa com a situação. Como se não bastasse o blefe em ir pra cama com o primeiro que encontrei na noite, o Joca já estava sabendo.

— Ele tomou café contigo. — Falou ela, como se isso fosse algo para comemoração e eu rolei os
NACIONAIS - ACHERON

olhos. – Bem, eu achei fofo ele ligar pro Joca pra saber o que você gostava.

— Boa porcaria, ele não poderia fugir assim, porque eu não era uma desconhecida que ele provavelmente nunca mais encontraria por aí. Eu sou sua amiga, e você namora um amigo dele.

— Nunca te vi usando, lindo. – A Mari falou, mostrando um vestido preto muito curtinho.

Eu sorri, mostrando um vestido vermelho tomara que caia com um decote indecente. Ela me olhou boquiaberta.

— Eu jamais sairia com isso, foi um impulso.

– Expliquei, porque além do decote monstruoso, era bastante curto. Talvez não passasse dois dedos do bumbum.

— Menina, eu conheço um homem que te daria o céu se te visse vestida nisso aí! – Ela deu uma risadinha, mas não se referia ao Daniel. O Pedro provavelmente daria o céu por showzinhos particulares, porque era fã deles. Eu adorava realizar as suas fantasias, por ser bem recompensada depois, mas enfim, isso quando estávamos juntos.

— Amanhã eu vou ao supermercado, mas nem sei o que preciso comprar lá. – Eu resmunguei, já que a minha mãe se recusou a me ajudar.

— Eu vou pra Vitória com o Joca hoje de madrugada, mas te mando no celular uma lista das coisas principais. O resto, bem, você compra o que gostar de comer.

— Assim, simples. – Eu zombei.

Esbarrei com o Pedro no supermercado às nove da manhã, mas fui ignorada. Não era como se ele tivesse sido pego por mim, transando com uma amiga minha, no meu apartamento. Não era como se quando eu fui pra cama com outro, eu estivesse solteira. Mesmo não me julgando errada na situação toda, o meu coração ficou pequeno diante a sua frieza ao passar por mim e fingir que não me

conhecia. Isso resultou em um mar de porcarias no meu carrinho.

A Mari frisou produtos de limpeza, e coisas mais importantes como arroz, feijão, frutas, legumes e essas coisas que eu mal soube escolher sozinha. Por fim, enchi o carrinho com besteiras e coisas que eu só precisaria colocar no microondas, como lasanhas prontas e afins. Tudo na sessão dos congelados.

Foi um susto ver o valor absurdo que deu e analisando pela pequena fortuna, eu nem estava levando muita coisa. Depois disso me veio o peso

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

na consciência, porque, além disso, teria conta de luz, condomínio, água e para onde iria o meu orçamento?

Estava tudo mais fácil quando eu estava com o Pedro porque ele acabaria vindo morar comigo e o conhecendo bem, eu sabia que ele ficaria com as despesas mais altas, mesmo que eu quisesse dividir.

Eu não estaria desesperada se pudesse contar com a ajuda dos meus pais, mas eu estava consciente que minha mãe dificultaria tudo para me fazer voltar pra casa.

NACIONAIS - ACHERON

Quando saí do supermercado, empurrando o carrinho para o estacionamento, avistei o Pedro escorado ao seu carro, falando no celular e rindo. Os óculos escuros o deixava ainda mais charmoso.

Deus, eu precisava de foco. Ele me traiu, nós terminamos e pronto, o resto, o seu chique de ontem pela manhã não era relevante. Ele ser bonito, bom de cama e superficialmente bem sucedido, era completamente irrelevante. O que eu sentia também. Ele me traiu, isso era imperdoável. Eu sacudi a cabeça, espantando a minha análise de como eu havia perdido um homem bonito, gostoso, NACIONAIS - ACHERON

inteligente e másculo e foquei em colocar as coisas no porta-malas.

Eu havia contratado um serviço de mudança, e tive que pagar a mais por ser um domingo. Passei o dia arrumando as coisas. Tanto na cozinha, como no meu quarto. Eu ainda precisei anotar coisas que não fazia ideia que precisava ter numa casa, e não me lembrei da água mineral.

Isso para não mencionar que em um dia morando sozinha, já havia roupa para lavar. Eu fiz uma carranca, batendo o pé no chão, notando o quão trabalhoso era morar sozinha e não tinha um

NACIONAIS - ACHERON

dia que eu havia me mudado. A minha mãe fez aquele show quando me viu realmente vindo embora e chegou a chorar. Um drama desnecessário, porque ela não demoraria trinta minutos de carro, para vir me visitar.

Era quase oito na noite, quando eu pedi uma pizza e assim que desliguei o telefone, o meu celular tocou. Eu franzi o cenho por não reconhecer o número e atendi.

— Sim? — Eu precisava parar de ser tão esquisita ao atender o celular, e ouvi um risinho do outro lado.

— Tem planos pra hoje, moça? — A voz
NACIONAIS - ACHERON

levemente rouca não me era estranha, mas eu levei um segundo para me lembrar.

— Oi, Daniel. – Eu sorri, me jogando no sofá.

— Tudo bem? Consegui o seu número com um grande amigo, espero não estar incomodando.

— Claro que não, enfim, os meus planos pra hoje são pedir uma pizza e assistir monstros S.A. – Terminei de falar a tempo de ouvir uma gargalhada.

— Na casa do papai?

— Não, no meu apartamento. – Resmunguei.

— Sozinha? Se estiver e quiser companhia, eu tenho um filme melhor pra ver contigo.

— Sim, sozinha. Pode vir, mas eu já pedi a

PERIGOSAS

pizza, e o filme é o que eu escolhi. Um beijo. — Desliguei antes que ele tivesse tempo de retrucar e fui trocar de roupa.

Vesti um vestidinho estampado, tomara que caia apertado até a cintura e rodado em baixo, que ia até o meio das coxas. Soltei os cabelos e coloquei um par de brincos pequenos, passando só um rímel e perfume.

Minha mãe ligou para saber se estava tudo bem, e alegando que era perigoso eu estar sozinha. Eu a dispensei marcando um café da manhã para amanhã.

NACIONAIS - ACHERON

O Daniel chegou junto com a Pizza e fez questão de pagar, me deixando sem graça. Nós ainda discutimos sobre o filme infantil que eu queria ver, pelo menos pela milésima vez, mas eu acabei ganhando.

Ele estava muito bonito, vestido numa camisa de malha na cor branca e de mangas cumpridas e uma bermuda jeans, combinados com um tênis. O seu cabelo estava desgrenhado, o que sempre lhe dava a aparência de *acabei de transar*, mas ainda isso era bonito e majestoso nele.

Ele zombou por eu ter decorado o filme e *chorado* com o fim. Bem, meus olhos apenas marejaram, porque eu era emotiva com essas coisas.

— Eu não imaginei que você fosse me ligar. — Eu comentei, quando peguei as coisas para levar pra cozinha e ele apenas sorriu.

— Estava sozinho em casa, sem nada pra fazer.

— Ah, só por isso. — Eu repliquei, pegando o refrigerante e os copos. Ele me seguiu, com a caixa da pizza e os guardanapos sujos.

— E porque eu gostei de ficar contigo. — Ele complementou, para não parecer tão cafajeste,
NACIONAIS - ACHERON

óbvio.

— Droga, eu preciso de algum doce. – Eu falei indo fuçar os armários. A parte prática de eu ter arrumado tudo, era eu encontrar tudo com facilidade. Peguei uma caixa de BIS e voltei com ele para a sala. Nós comemos conversando sobre bobagens. Ele não abusou muito do chocolate e eu acabei comendo quase tudo sozinha. E ele era um bom ouvinte, então eu, como uma boa tagarela, fiz a festa.

— Ah, então você toca violão. – Ele comentou, e eu assenti animada.

— Três músicas, eu aprendi com um primo numas férias que ele passou lá em casa. – Dei um

NACIONAIS - ACHERON

risinho diante o seu sorriso presunçoso.

— Três músicas. Com um primo. Férias de verão... — Ele zombou, e eu rolei os olhos pela sua malícia, olhando para sua mão que audaciosamente acariciava minha perna desnuda. Eu fiquei levemente arrepiada, e ele sorriu ao perceber.

— Sim. — Afirmei com o tom de voz mais fraco, e ele se aproximou mais de mim, acariciando minha bochecha. O seu toque suave me fez fechar os olhos, e eu me curvei como um gato para o seu carinho. O senti ainda mais próximo, ao contornar o meu lábio inferior com o polegar, e deixei os lábios entreabertos, esperando pelos seus. Já sentia a sua respiração próxima e o silêncio nunca pareceu

tão perturbador. Com a sua demora e o meu desejo explícito, eu descruzei as pernas e me aproximei mais dele, olhando bem nos seus olhos claros, antes de juntar nossos lábios docemente. O Daniel gemeu quando eu o fiz, e eu afundei meus dedos em seu cabelo macio, o trazendo mais para mim. Aos poucos, o nosso ritmo doce e casto, foi se perdendo e logo estávamos como dois animais no meu sofá, ele desceu a boca pelo meu pescoço, mas já estava brincando a língua em meu seio, grunhindo comigo, que me forçava sobre sua ereção.

Ele desceu mais o meu vestido, lamuriando um palavrão e correu a língua lentamente na ponta do meu seio direito, me fazendo gemer baixinho e

jogar a cabeça pra trás. Então fez de novo, até abocanhar meu seio de maneira ávida, me deixando alucinada querendo mais, querendo pular essa parte e senti-lo dentro de mim outra vez. O Daniel brincou rapidamente com o outro seio, e desceu uma mão para a minha coxa, onde apertou fortemente, e eu voltei a encontrar nossos lábios, num beijo raso. Eu o mordi levemente ao sentir seu polegar afastando minha calcinha para o lado e invadindo meu sexo tão suavemente. Ele sorriu entre o beijo, ao me notar já tão molhada e aprofundou o dedo em mim, me penetrando lentamente. Eu resfoleguei, e joguei a cabeça pra trás, ganhando um beijo molhado no queixo e em

seguida, no pescoço.

Em seguida, tentei ser um pouco menos marionete dele, e puxei sua camisa pra cima, a tirando dele, conseqüentemente perdendo o contato do seu dedo em meu sexo. Eu o beijei rapidamente e tirei o meu vestido, me erguendo em seu colo para desabotoar sua bermuda, e com a sua ajuda, a puxei para baixo. Ao notar que ele não vestia nada por baixo, e analisar aquele membro grosso e duro, não pensei em mais nada antes de afastar minha calcinha para o lado e descer nele de uma vez. Eu gemi forte, e ele arfou me dando um tapa na bunda e me apertando mais contra seu corpo.

Eu choraminguei com o prazer intenso e olhei

pra baixo, nos vendo conectados e era tão gostoso que eu sequer conseguia me mover. O Daniel me sorriu e passou a beliscar levemente o meu clitóris, me deixando ainda mais perdida.

— Rebola gostoso pra mim, Bruna. — Ele sussurrou no meu ouvido, roçando os lábios ali e eu gemi forte, afundando as unhas em seus ombros e iniciei movimentos lentos, fechando os olhos, indo e vindo devagar. A sua respiração era acelerada e falha, enquanto eu não conseguia me conter e gemia feito uma louca. Logo a sensação gostosa vinha me dominando e eu conseguia me movimentar com mais ímpeto. O Daniel, por sua vez, puxou com força a minha calcinha de renda, a

rasgando. Eu olhei-o assustada, mas estava mole demais para brigar por isso. Quando eu deixei escapar um gemido forte, gritante e lamurioso, digno de um filme pornô, o Daniel resfolegou, voltando a brincar com o meu clitóris.

— Meu Deus — Eu sussurrei, me contorcendo sobre ele, que assentiu, juntando nossas bocas num beijo que eu não correspondi. — Dan — Eu implorei por ele, que me encarava firme e as contrações vinham lentamente, me apertando de maneira angustiosa.

— Goza pra mim, gostosa — Ele falou com a voz rouca, apertando mais o meu clitóris e, eu soltei um gemido forte e rouco, talvez alto demais,

desabando sobre ele, me contorcendo, beijando-o, mordendo e falando coisas sem nexos, chamando por ele.

Eu era mesmo uma descontrolada refém de um orgasmo.

— Gostoso. — Eu falei exausta, ainda meio trêmula e levantei, resfolgando ao ver seu membro duro reluzindo o meu gozo, e me abaixei, terminando de tirar sua bermuda e os sapatos, ficando entre as suas pernas. Ele apertou os lábios e fechou os olhos, quando eu passei minhas mãos em suas coxas correndo a língua sem seu membro deliberadamente, sugando a cabeça. O Daniel gemeu forte, quando eu o enfiei na boca e como

num impulso afundou uma mão no meu cabelo, me fazendo levá-lo mais além. Até engasguei um pouco e o seu gemido estrangulado reacendeu mais uma vez o desejo em mim. Eu pressionei a minha língua achatada na cabeça de seu membro, o masturbando, e ele gemeu forte e alto, me fazendo parar. Eu olhei confusa e, ele levantou, me erguendo em seus braços. Eu enrolei minhas pernas em volta do seu quadril, sentindo a cabecinha do seu membro em meu sexo e gemi, ansiando senti-lo novamente. Ele me colocou na cama, vindo pra cima de mim e eu abri mais as pernas, o sentindo deslizar rapidamente, indo fundo e gostoso. Ele entrelaçou nossas mãos, erguendo-as uma em cada

lado da minha cabeça, me olhando e diminuindo o ritmo dos seus movimentos. Por duas vezes ele tremeu, se deixando cair sobre mim, mas parava, imaginei que na intenção de fazer durar mais.

— Fica de quatro, gostosa — Ele pediu descaradamente, ficando de joelhos na cama, correndo a mão em seu membro, limpando o liquido esbranquiçado que havia se formado na ponta. Eu resfoleguei, o obedecendo e fui ao paraíso quando ele entrou em mim, me dando um tapa forte no bumbum e gemendo forte.

Eu empinei mais o quadril, o sentindo ir mais fundo e afundei as mãos no travesseiro, gritando forte e fechei os olhos. Ele puxou meu cabelo, me

fazendo ficar de joelhos e com a mão livre, afastou mais as minhas pernas. Eu choraminguei inconsciente do meu escândalo, dominada por tamanho prazer.

— Bruna — Ele lamuriou meu nome, empurrando forte e eu assenti, apoiando a cabeça em seu ombro. Eu imaginei que ele estava prestes a me encher com seu gozo, quando o maldito saiu de dentro de mim, se sentando na cama e me puxando, eu caí sentada em seu colo, e ele encaixou seu membro em meu sexo, apertando meu corpo como se rogasse por mais autocontrole. Eu passei a brincar com o meu clitóris, o sentindo investir em mim, e quando me senti perto do próximo clímax,

voltei a ficar de quatro.

— Assim você me mata, mulher. — O Daniel gemeu, correndo os dedos rapidamente em meu sexo encharcado e ansioso por mais, e voltou a me penetrar. Ele angulou o quadril, de maneira que seu membro me tocava em algum ponto muito sensível e eu gemi aliviada, ele havia encontrado o meu ponto fraco.

— Faz isso de novo. — Eu pedi descontrolada. E ele o fez, uma e outra vez.

— Gostosa — Ele pronunciou com certa dificuldade. — Eu vou gozar. — Sussurrou as palavras, beliscando meu quadril com as mãos, e me segurando forte, mas eu já gritava e me

NACIONAIS - ACHERON

contorcia no meu orgasmo. Quando voltei à realidade, ainda sentia os seus espasmos em mim, e parte deles escorrendo pelas minhas coxas. Eu desabei na cama, com ele sobre mim, com o rosto afundado em meu pescoço. Eu fiquei em silêncio, contemplando a sensação maravilhosa pós-sexo.

Minutos depois, o Daniel saiu de cima de mim e deitou ao meu lado, me analisando calmamente.

— Que foi? — O meu tom saciado, mais pareceu um grunhido e ele sorriu. Eu deveria saber que era só sexo e que ele iria embora logo mais e talvez nunca mais ligasse, ou me procurasse, mas

ainda sim me aproximei mais, acarinhando seu rosto e depositando um beijinho casto em seus lábios. – Gostoso.

— Você, escandalosa. – Ele falou, descendo o olhar rapidamente pelo meu corpo. Eu sorri envergonhada. Bem, não que fosse hora de me lembrar do Pedro Luiz, mas ele adorava essa coisa, os meus gritos. E brincava comigo de maneira tortuosa, me deixando sempre a beira do choro ao implorar para ser saciada.

Eu espantei os pensamentos e voltei a encarar o loiro lindo a minha frente. Eu beijei-o mais uma vez, desta, aprofundando e correndo os dedos por

NACIONAIS - ACHERON

entre o seu cabelo.

Não o deixei encerrar o beijo por duas tentativas suas, e passei uma perna em volta do seu quadril, voltando a beijá-lo docemente, descendo os lábios pelo seu pescoço, o deixando arrepiado. Como se voltasse à realidade, ele me parou.

— Eu tenho que ir. — Ele falou lamentoso, e eu olhei-o rancorosa.

— Fica só mais um pouco. — Pedi, acarinhando seu rosto, beijando a ponta do seu nariz. Eu não poderia estar sendo mais ridícula.

— Eu trabalho amanhã. — Ele falou, como se

só isso justificasse. Eu torci os lábios, ignorando-o e voltei a beijá-lo. Eis que a Bruna mimada vem à tona, aquela que não respeita a vontade dos outros, só a sua. Era uma merda, mas que se dane. – Amor, é sério. – Ele falou, encerrando o beijo, e sacudiu a cabeça, como se tivesse dito alguma merda. Eu deixei escapar um riso e mordi o lábio inferior, para conter o sorriso. *Amor...* Fofinho! Eu rolei na cama, ficando de barriga para cima, e deixei que ele levantasse. Dobrei os joelhos, deixando as pernas abertas e ele praguejou, sacudindo a cabeça e caminhando em direção à porta do quarto.

Ele ainda parou lá, me olhando mais uma vez,

e fez uma carranca. Mas a sua sensatez, coerente com o seu modo de levar as coisas, o fez sair sem me dar bola.

Eu dei risada, e me levantei, indo para a sala, onde ele já havia vestido a bermuda e calçava os sapatos. Eu o parei, me sentando de frente em seu colo e beijei-o eloquentemente. Ele ponderou me corresponder, mas logo estava me apalpando e gemendo frustrado.

— Bruna, a gente precisa esclarecer algumas coisas — Ele resmungou, com os olhos azuis parecendo mais escuros, mas já estava excitado outra vez. Eu sorri, assentindo e lhe roubei um

NACIONAIS - ACHERON

beijo raso. – Caralho, mulher! – Ele praguejou, correndo as mãos no rosto, enquanto eu e o meu cinismo brincávamos com os seus lábios e pela sua reação, com a sua sanidade. – *Cê tá abusando de ser gostosa e brincando comigo.* – Falou, parecendo mais irritado. Eu assenti, sorrindo para ele, levando suas mãos para os meus seios. Ele fechou os olhos, suspirando devagar.

— Eu acho que o moço se arrependeu de vir aqui, repetir a dose. – Eu falei num sussurro, entre beijos rápidos e ele assentiu. – Porque estava acostumado com essas mulherezinhas de uma noite só. – Continuei, enquanto o beijava e ele se mantinha com os olhos fechados, apenas

assentindo.

— *Cê* me deixou tão louco que nem da camisinha eu consegui lembrar.

— Você deveria não me procurar mais. – Eu sugeri, como se soubesse que ele não iria fazer, e ele concordou, agora, correspondendo aos meus beijinhos rápidos.

— Eu devo fazer isso mesmo. – Ele falou com a voz rouca e falha, me fazendo sorrir. – Mulher safada e gostosa assim, só dá trabalho.

— Hu-hum. – Eu concordei com ele, erguendo o corpo para desabotoar sua bermuda, e puxei-a para baixo, desta vez com um pouco de dificuldade, já que não tive sua ajuda. Eu tomei seu
NACIONAIS - ACHERON

membro rígido em minha mão, o masturbando e o analisei minuciosamente, que tinha a cabeça escorada no encosto do meu sofá, os olhos fechados e um sorriso frustrado. Não sei por que, mas isso me deixou ansiosa por ele. Era como se eu estivesse fazendo-o quebrar suas próprias regras, e bem, eu sabia como era frustrante se impor a fazer algo e não cumprir. Sentia-me exatamente assim, em relação às bebidas. Eu alinhei seu membro em meu sexo e descí devagar analisando-o que trancou a respiração, investindo em mim.

— Você é teimosa demais, Bruna. — O seu resmungo veio seguido por um gemido rouco.

— Você não imagina o quanto. — Eu zombei,

beijando seu queixo, e rebolando para ele impetuosamente, deslizando por toda sua extensão e não demorou a que eu sentisse o seu liquido quente sendo liberado dentro de mim, enquanto ele arfava, nitidamente se sentindo perdido.

Eu o beijei mais uma vez, estava ficando viciada nisso. Ele ficou quieto e eu dei um beijinho em seu queixo, bochecha e voltei para a boca deliciosa dele.

— Fica aqui hoje. — Eu pedi mais uma vez, porque algo em mim tinha a necessidade de não ser só mais uma que ele vem, transa e vai embora. Ok, nós jamais teríamos algo e também tinha todo o

NACIONAIS - ACHERON

negócio do meu rompimento muito recente com o Pedro Luiz. Eu certamente estaria me julgando e me impedindo de viver essas experiências com o Daniel, se o meu lado sensato não estivesse sendo tão ignorado, por mim mesma. Eu deveria querer curtir e ficar sozinha um pouco. Aceitar o fim com o Pedro Luiz, para depois pensar em me envolver com outra pessoa. Ele fez uma carranca, cobrindo os olhos com o braço.

— Só hoje. — Ele resmungou, vencido.

Nós voltamos para o meu quarto e fomos para o banheiro, onde tomamos um banho quente, juntos.

— Você é insaciável. — Ele praguejou e eu dei risada, ensaboando os seus cabelos com o xampu. Eu fiz questão de ensaboar o seu corpo feito para a perdição e ainda hidratei os seus cabelos com o meu creme caro. — E maluquinha. — Sorriu docemente, beijando a ponta do meu nariz.

— Sim, maluca, você não imagina o quanto. — Sorri para ele, enquanto enxaguava os meus cabelos. Quando terminamos, nos secamos e eu vesti uma calcinha apenas, me enfiando sob o edredom com ele, que me olhava de uma maneira serena. Eu selei nossos lábios, e peguei o meu celular na mesa de cabeceira, olhando as mensagens do whatsapp.

Respondi só as da Mari.

“Tá com o bonitão?”

“amiiiiiiiiga”

“ele vai dormir contigo?”

Eu franzi o cenho, embora estivesse sorrindo,
antes de responder.

*“to com ele sim, gatinha! Que noite
maravilhosa”*

“vai dormir com ele, é?”

Ela respondeu logo em seguida.

“bem, ganhei na insistência hahahaha”

“Bruna safada!!!!”

Eu deixei o celular de lado, e voltei a encarar o bonitão ao meu lado, ele ainda me olhava. Eu sorri timidamente para ele, que me puxou para mais perto e me prendeu entre seus braços, beijando o meu cabelo molhado. Eu grunhi, com a sensação de

proteção que me dominava.

— Teimosa. — Ele resmungou mais uma vez, e eu passei uma perna em volta do seu corpo, deixando um beijinho em seu queixo.

— Se quiser ir embora, pode ir. — Eu falei, dando de ombros e ele riu da minha cara de pau. Ele passou a enrolar um dedo em meu cabelo, e quando eu já estava quase dormindo, ouvimos seu celular tocar. Eu olhei distraidamente, e pude ver “*Joca puta*” no visor. Eu dei risada da idiotice, então ele atendeu. Ao ver que eu olhava curiosa, colocou o celular no viva-voz, não imaginando que o Joca iria falar algo constrangedor.

— Você me deve duas caixas de cerveja,
NACIONAIS - ACHERON

veado! – O Joca falou entre risos e eu olhei confusa para o Daniel.

— Tá no viva voz, cara. – O Daniel falou amuado, então o Joca gargalhou.

— Tá com quem, cara? Gabriela, Manuela, Daniela, Ana, Marília, Ângela...

— Bruna. – Ele se limitou a responder, cortando o Joca, que riu outra vez,

— Bruna, amorzinho, cuida bem do meu amor! – Mais irônico e sarcástico que o Joca, só dois dele. Que saco.

— Ok, Joca. – Eu resmunguei, olhando para o Daniel, que já estava incomodado.

— Boa noite, Joca, tchau. – O Daniel resmungou, antes de desligar e colocar o celular sobre a mesa de cabeceira.

— Porque ligar à uma hora dessas, pra cobrar uma caixa de cerveja? – Eu perguntei curiosa.

— Pra encher o saco. – Ele resmungou.

Eu cochilava, mas não conseguia dormir. Ainda pude sentir os carinhos do Daniel, enquanto eu *dormia*. Era gostoso, por ser livre e parte minha julgar errado.

Acordei na manhã seguinte com o meu celular

despertando. Eram sete e meia e o Daniel não estava mais na cama. Eu fiz uma carranca e fui para o banheiro, onde fiz minha higiene e tomei um banho rápido, para despertar. Vesti-me com um vestido longo, estampado, com uma alça transversal e passei uma maquiagem básica. Quando abri a porta do quarto, um cheiro gostoso de comida me dominou e eu sorri, porque ele ainda estava aqui. Era patético, eu estava consciente, mas era só a sensação de não ter sido só usada para necessidades sexuais.

Eu parei na porta da cozinha, olhando-o, que vestia apenas a sua bermuda e tinha os cabelos

molhados. Ele mexia em algo no fogão e me deu um sorrisinho tímido quando se virou para colocar a omelete no prato, que estava sobre a mesa redonda de vidro.

— Bom dia. — Eu falei receosa de ir até ele. Eu talvez estivesse agindo como se fôssemos um casal, o que estava longe de ser. Talvez fosse o meu costume de ter alguém para cuidar e amar, coisa que passaria com o tempo.

— Com fome? — Ele perguntou, mas a campainha tocou, antes que eu respondesse. Eu franzi o cenho, pelo porteiro ter liberado a entrada e pedi internamente para que não fosse o Pedro.

— Amiga! — A Mari me abraçou forte, assim

NACIONAIS - ACHERON

que eu abri a porta. Logo atrás dela estava o Joca, com um sorriso debochado. Ele me deu um beijo no rosto antes de entrar e seguiu para a cozinha, provavelmente ao sentir o cheiro da omelete.

— O Joca está um porre, enchendo o saco do Daniel. — A Mari rolou os olhos, entediada. — Porque o Daniel não repete mulher, não dá comida pra mulher e pior, não dorme com elas!

— Vendo assim dá até nojo. — Eu falei, rindo. — Mas eu não acho que depois de ontem, ele vá ligar ou voltar a me procurar. Ele ficou frustrado com a minha insistência, pior, eu meio que abusei dele.

— Quantas vezes vocês fizeram? — Ela

NACIONAIS - ACHERON

perguntou como se isso fosse relevante. E pior, estava animada pela resposta.

— Não sei. — Respondi duvidosa e ela me sorriu presunçosa. — Vocês não iam pra Vitoria?

— Tivemos imprevistos, é uma viagem longa, e teríamos que voltar amanhã. Seria corrido. — Ela rolou os olhos. — Eu quero detalhes! — Exigiu enfática e eu a olhei cerrando os olhos. Narrei apenas parte da noite, porque nós duas parecíamos dois homens ao compartilhar essas experiências. Logo o Daniel veio nos chamar para comer e o Joca não perdia a oportunidade de caçoar o amigo. Por fim, marcamos de tomar a caixa de cerveja que o Daniel havia perdido, por ter dormido comigo,

NACIONAIS - ACHERON

quando havia apostado com o Joca que não o faria.

O Daniel me olhava, sentado na cadeira e com os braços cruzados. Eu apertei os lábios, me sentando de lado em seu colo.

— Me desculpa. – Eu pedi, acarinhando a sua barba. – Bem, você deveria ter me avisado que eu fazia parte de uma aposta, que você não podia ficar pra não perder.

— Sua reação seria essa? – Ele perguntou sarcástico, arqueando uma sobrancelha.

— Ah, mas até que tomar uma cervejinha com uns amigos não vai te fazer mal. – Eu dei de

ombros, despreocupada. – Tirando o fato de que, se eu bem conheço o Joca, todos os seus amigos estarão te zoando, também.

— Isso inclui o seu ex. – Ele resmungou todo carrancudo e era engraçado. – A última coisa que eu preciso agora é confusão.

— Tudo bem. – Eu levantei, sem graça. – Eu vou ter que dar uma passada no meu escritório e de lá vou ver a minha mãe, você tranca tudo e deixa a chave lá em baixo, tudo bem? – Eu perguntei, e ele assentiu, apertando os lábios. – Ah, e desculpa por ter te forçado a ficar, eu não sabia que você tinha apostado algo com o Joca, pior, não sabia que era tão amigo do Pedro Luiz.

— Eu não sou, mas o Joca é. — Ele explicou, vindo até mim. — Não precisa ficar chateada. — Continuou malevolente, me puxando pela cintura. — Eu não to arrependido de ter passado mais uma noite contigo, só to achando essa coisa toda meio precipitada. Eu não costumo fazer isso.

— Eu não to chateada.

— E ainda tem esse seu rolo com o Pedro, que eu não sei se vai ter volta. — Ele emendou, e eu bufei um suspiro, optando por ficar calada. Isso seria o que? A primeira DR, no segundo encontro?

— Pra um cara desapegado e nem aí pra compromisso, ou explicações, você está se saindo mal hein. — Eu zombei, um tempo depois. — Está

tudo bem, você não precisa bancar o preocupado porque eu sou amiga da namorada de um amigo seu, entende? Eu não vou falar mal de você pra eles, até porque, eu quis que acontecesse o que aconteceu. – Eu falei veemente confusa. – Está tudo bem. – Ainda tive a necessidade de reforçar, sendo quase interrompida pelos seus lábios nos meus.

Acabamos na minha cama, e eu cheguei atrasada ao *encontrinho* com a minha mãe.

— Eu tentei te ligar, mas como fui ignorada, não esperamos você para o café. – Ela falou, ao me receber com um abraço forte. – To morta de
NACIONAIS - ACHERON

saudade.

— Eu me mudei faz um dia.

— Se saiu bem? — Ela cerrou apenas um olho, e eu sorri fraco, assentindo. — Tenho uma surpresinha pra você. — Continuou, me puxando pela mão até a área das piscinas. Eu fiz uma carranca ao ver o Pedro Luiz, o meu pai e os seus pais sentados numa mesa, conversando animados. — Tem certeza que o que ele fez, não merece ser perdoado? — Perguntou-me carinhosamente. — Seria muito perfeito ver vocês dois juntos outra vez, eu ficaria muito feliz.

— Nem se eu quisesse, mãe. — Eu revirei os olhos, suspirando cansada. Ela me arrastou até a

NACIONAIS - ACHERON

mesa, e eu cumprimentei os meus ex-sogros educadamente.

— Não que a gente tenha que ficar remoendo essa coisa, mas vocês mereciam uma surra por terem terminado. — A Leandra falou e o Pedro bufou um riso sarcástico. — Eu aposto que foi uma bobagem qualquer.

— Algo completamente sem importância. — O Pedro falou após beber um pouco do seu suco. — Mas agora já foi. A Bruna é uma mulher muito precipitada e vingativa. Não daríamos certo, de qualquer maneira. — Ela completou como se fosse o dono da razão e eu olhei-o incrédula.

— Claro, Pedro Luiz, tudo que eu faço nessa

NACIONAIS - ACHERON

vida é pra chamar sua atenção. – Eu retruquei, cinicamente. – Porque é muito amor que eu sinto por você e você foi completamente vítima das minhas atitudes! – O meu tom duro e irritado fez com que ele me encarasse firme, me fazendo esquecer os nossos pais.

— Você agiu como qualquer uma, Bruna. Eu jamais imaginaria que você fosse capaz! Tão ingênua e leviana... Como se algum homem maduro como eu, fosse se doer com uma provocação e vingança tão baixa como a sua. – Ele cuspiu as palavras, irritado embora tentasse se conter e se esse cara maduro que ele dizia. Eu fechei as mãos, apertando forte de tanta raiva.

Então, se fosse para jogar baixo, eu também o faria.

— Você esqueceu completamente que foi flagrado por mim, no meu apartamento, na minha parede transando com a minha melhor amiga! – O meu tom saiu mais alto do que eu planejava. O Pedro me olhou assustado, não imaginando que eu fosse capaz de despejar o real motivo do nosso término.

Estava tudo muito bonito para ele, quando todos apenas queriam saber a causa. A minha mãe me olhava pasma e a Leandra olhava para o Augusto, sem saber o que dizer. Eu esperava que ele despejasse aqui que eu havia dormido com outro homem, replicando na sua convicção que por

vingança. Mas ele ficou calado, me encarando firme. Por um momento eu quis chorar, ao me lembrar de como nós nos dávamos bem. Era tão recente e eu já estava me confundindo ao me permitir estar com outro.

— Eu acho que vocês deveriam conversar como dois adultos. — O meu pai falou, finalmente quebrando o silêncio. — Não são mais um casal de adolescentes em crise, os pais de vocês não precisam e não merecem presenciar esta baixaria, mas vocês parecem não entender isso nunca. — O tom duro, mas ao mesmo tempo calmo do meu pai sempre me deixava amedrontada.

— Uma pena que tenha terminado dessa

maneira. – Minha mãe falou, tristemente. Eu olhei-a complacente e sorri fraco.

— Não aja como a vítima, Bruna. Eu fiquei como um louco atrás do seu perdão e não demoraram seis dias, você já se jogou nos braços do primeiro vagabundo que te sorriu. – O Pedro voltou a falar, furioso. No fundo, eu sabia que a sua intenção não era me pintar de vadia diante os nossos pais, porque sempre que brigávamos, ignorávamos o mundo ao redor.

— Eu estou solteira. – Sibilei tranquilamente. O meu pai fez uma carranca e deixou a mesa.

— Solteira? – Ele riu incrédulo, gesticulando. – Você agiu como uma vagabunda, saindo

carregada por um homem canalha – fez questão de enfatizar. – e bêbada como... – Eu o interrompi, jogando com as mãos, a salada de frutas, nele. Eu devo ter mesmo chegado ao fundo do poço, porque enfiei as mãos na tigela e as enchi jogando tudo nele, que me olhou assustado, mas ainda riu. – Ouvir verdade, dói, Bruna, eu sei!

— Eu espero que você morra Pedro! – Eu gritei com ele, jogando ainda dois pães de queijo, e ia lhe arremessar um copo de vidro, mas a minha mãe segurou as minhas mãos.

— Filha, por favor. – Ela pediu, me forçando a sentar. – Pedro, não seja tão infantil. Cadê o homem sensato que nós conhecemos?

— Morreu ao transar com a Luciana. — Eu falei furiosa, arfando. O Pedro ainda teve a audácia de rir, e eu joguei mais salada de fruta nele. O seu pai, Augusto, riu da nossa cena ridícula, digna de dois animais, e se levantou. Ele nunca foi meu fã, não que me odiasse, ou fosse contra o meu relacionamento com seu filho, mas a gente sente quando alguém realmente gosta da gente. E segundo o Pedro, seu pai me achava mimada ao extremo.

— Eu vou pro escritório. — Ele falou, se levantando. — Se recomponham e conversem feito dois seres humanos. Nunca vi algo tão baixo. — Ele também é aquele tipo de homem autoritário, com ar

superior e não se importa de ofender ninguém.

— Bruna, eu sei que talvez esse não seja o momento, mas talvez vocês ainda possam conversar com calma, outra hora. — A Leandra falou de uma maneira complacente, como se eu precisasse do perdão do Pedro Luiz. Eu forcei um sorriso para ela.

— Ela estava transando com o Daniel, mãe! — O Pedro gritou, e a expressão da minha ex-sogra endureceu. O meu subconsciente queria que eu gritasse que ele era melhor na cama, mas era algo desonesto demais para se dizer. Quantas vezes eu estive com o Daniel? Duas?

— Se for pra ficar com essa infantilidade, eu
NACIONAIS - ACHERON

acho melhor que nem se vejam mais, então. – Ela falou, olhando para a minha mãe.

— A melhor coisa mesmo, não ver você será um alívio, Bruna. – O Pedro resmungou e eu levantei carrancuda.

— Eu odeio você! – Eu não poderia ter sido mais infantil ao falar enfática, e pausadamente, antes de sair. Fui lavar as minhas mãos, E saí dali, direto para o meu escritório.

Foquei no trabalho o resto da manhã, sentindo a necessidade de contratar alguém para me ajudar. Estava saindo para almoçar, quando encontrei a Luciana na recepção.

Eu olhei-a confusa.

— A gente pode conversar? — Ela perguntou,
e eu suspirei forte, para manter-me calma.

Como se não bastasse à manhã horrorosa com
o Pedro.

Capítulo 03

Almocei com a Luciana, deixando-a falar e falar e falar. Eu sabia que essa mágoa por eles não duraria para sempre, mas agora, sinceramente, essa história ainda não me descia. Tudo bem, eu estive com outro cara, fui inconsequente e não estava arrependida.

Até repetiria a dose, se do Daniel fosse do tipo que o fizesse. E eu já havia o tido duas vezes, como a Mari diria: eu já era uma premiada por isso.

Quando cheguei ao meu apartamento, ao fim
NACIONAIS - ACHERON

do dia, tomei um banho demorado e me afundei na cama, cansada até para procurar algo para comer. Abracei o travesseiro, e contemplei as lembranças da noite com o Daniel, mais uma vez ignorando a minha sensatez.

Dormi, imaginando os lábios do Daniel pelo meu corpo e ficava arrepiada com cada lembrança.

A semana passou arrastada e corriqueira, como se cada hora do dia, demorasse um ano para passar. Mantive-me focada no trabalho, e quando chegava em casa, tinha tudo para arrumar, sozinha. Não havia mais a vida boa de querer algo e ter a

NACIONAIS - ACHERON

Vanda para preparar, nem chamar a minha mãe para opinar em algo. E nada se arrumava sozinho.

Eu tinha que dar jeito na minha bagunça.

O Daniel sumiu, assim com o Pedro Luiz e a Luciana.

Era uma quarta-feira e eu estava na praça de alimentação do shopping com o Joca e a Mari, que ria incansavelmente da possibilidade de estar grávida. O Joca a olhava com cara de taxo, entediado com a situação.

— É que é surreal pensar sobre isso. — Ela

falou, limpando o canto do olho e suspirou forte. — Quando eu penso sobre isso, me dá vontade de rir.

— Mas é um assunto sério. — Eu falei, apertando os lábios.

— Eu só estou um pouco atrasada, amiga. Isso é paranoia do Joca. Por isso é tão engraçado, ele coloca uma coisa na cabeça e leva à sério.

— Se não houvesse uma possibilidade, eu não estaria tão preocupado. — Resmungou o Joca, e eu sorri para ele.

— Então ok, se eu estiver mesmo esperando um filho, a Bruna e o Daniel serão os padrinhos. — Ela falou presunçosa e eu olhei-a rancorosa. — Claro, a minha melhor amiga, com o melhor amigo

NACIONAIS - ACHERON

do Joca.

— Falando nele... — O Joca comentou presunçoso, acenando e eu involuntariamente olhei na direção. O Daniel acenou para nós, mas seguiu seu rumo.

Por um momento eu ainda me senti envergonhada, rejeitada por ele. Mas logo afastei os pensamentos. Ele era assim, então o problema não era eu.

Arrumei-me como de costume na manhã seguinte, e quando cheguei ao meu escritório,

encontrei o Pedro, tomando um café com a Júlia, minha secretária.

— Como se não bastasse a minha amiga, agora vai dar em cima da minha secretária? – Eu perguntei sarcástica e ele me olhou entediado. A Júlia corou, e eu abanei a mão, porque isso não tinha a ver com ela.

— Eu não vim conversar com você. – Ele falou cheio de si, e se levantou. – Vamos, eu tenho um trabalho irrecusável pra você.

— Eu não topo. – Eu falei carrancuda.

— Por favor, Bruna, nós não estamos aqui como ex-namorados. – Ele resmungou, entrando na minha sala. Eu bati o pé no chão como uma

NACIONAIS - ACHERON

mimada contrariada e o segui.

— Eu quero reformar o meu escritório, agora que vou comandar a empresa. E como adoro as suas ideias, achei que você seria a melhor pessoa para deixar tudo... A minha cara. — Ele sorriu docemente e eu fiquei confusa, porque nunca na existência do ser humano na terra, o Augusto daria tamanha responsabilidade para o irresponsável do Pedro Luiz.

— Eu não tenho tempo pra você. — Eu encarei-a, com a cara fechada e ele me puxou, para que eu me sentasse ao seu lado no meu sofá de camurça, bege. O meu coração de repente perdeu a noção do ridículo e passou a bater de maneira

frenética, então eu puxei a minha mão da sua.

— Eu pago em dobro.

— Não é pelo dinheiro. – Resmunguei, e ele sorriu se aproximando um pouco mais de mim.

— Eu te levo pra ver a sala e você envia o projeto pra minha secretária.

— Pedro, entenda que eu não quero ficar perto de você. – Eu falei prepotente e me levantei, colocando a minha bolsa sobre a mesa.

— Deixa de ser criança, Bruna. Vamos! Você olha e faz tudo à sua maneira, não vamos ter contato algum. – Ele falou tranquilamente e eu fiz uma carranca.

Nós fomos para o seu escritório, no escritório de advogados do seu pai e parecíamos dois pré-adolescentes discutindo. Eu fiz carrancas para ele, que tentava andar abraçado comigo e não sei de onde tirei forças para não corresponder ao seu quase beijo no elevador.

O meu coração estava tão vulnerável que refletia na minha respiração, e ainda me deixava trêmula.

— Isso ainda é amor. — O Pedro sussurrou, correndo os lábios pelo meu pescoço e eu grunhi, de ódio. Empurrei-o e saí andando na frente,
NACIONAIS - ACHERON

parando num susto ao ver o Daniel escorado à mesa da recepcionista, com os braços cruzados. Os dois riam, e eu cerrei os olhos para a cara de pau de flertar com a mulher em pleno ambiente de trabalho. O Pedro levou uma mão à base das minhas costas e me levou para o seu novo escritório. Eu olhei para a grande sala, e em seguida olhei o Pedro, que sorria para mim. Não havia nada para mudar ali. Digo, nada além da decoração, isso se ele realmente quisesse. E pelo jeito do local, ele não queria.

— Cínico. — Eu falei, pegando a minha bolsa para sair dali, mas ele me puxou pelo braço, e trancou a porta.

— Eu quero conversar com você. — Ele falou docemente, acendendo a raiva em mim. — Pedir desculpa pelo que falei na casa dos seus pais, eu fiquei fora de mim.

— Claro, porque você é a vítima. Um coitadinho.

— Não, meu bem. Eu estou todo errado. E estou disposto a esquecer de tudo que você e aquele merda fizeram. — Ele falou mais calmo. Eu dei dois passos para trás, trombando com a porta e ele fechou o espaço entre nós.

— Eu não estou arrependida. — Eu disse, achando que isso o faria me odiar mais uma vez. Eu revirei meu cérebro a procura do meu ódio por ele,

mas agora eu só sentia o desejo.

— Eu sei, conheço você. — O Pedro assentiu, entrelaçando a mão na minha, e eu fechei os olhos. Ele então roçou o nariz em meu pescoço, me cheirando e eu sussurrei seu nome, com a luxúria escorrendo em mim. — Sei que não faria algo só pra se vingar, e sei que não bebeu daquela maneira só pra me esquecer. — Ele sussurrava, deixando beijos castos pelo meu pescoço, descendo para o colo exposto pelo decote da minha blusa. Eu arfei, contendo a vontade de afundar as mãos em seus cabelos e puxá-lo para um beijo. — Eu estou arrependido, amor. A Lu também, nós não devíamos...

— Pedro, vocês não deviam, mas vocês fizeram. — Eu falei, como se um choque, me trouxesse de volta para a realidade. Eu estava resignada a por um fim e não mudaria isso.

— Eu te amo. — Ele sussurrou, deixando beijos pelo meu queixo, bochecha para enfim, deixar um beijinho nos meus lábios. Era uma mania sua que eu adorava e vivia fazendo. — Eu nem sei como estou conseguindo passar esses dias todos sem você. Não consigo nem focar no trabalho.

— Pedro, a gente não vai voltar. — Eu falei malevolente, acariciando sua bochecha, cedendo aos seus beijinhos rápidos.

— Vamos pra algum lugar, Bruna! A gente

NACIONAIS - ACHERON

foge de tudo por uns dias, eu sei que a gente pode tentar outra vez.

— Não pode. — Eu sussurrei, vencida, correspondendo ao seu beijo e afundei os dedos em seu cabelo, com a sensação de alívio por tocá-lo me dominando e crescendo em mim. Eu ainda o amava tanto e aqui estávamos nós, depois de trocarmos ofensas que eu deveria nunca perdoar. Ele encerrou o beijo mordendo levemente o meu lábio inferior.

— Eu te amo.

— Eu não quero voltar. — Eu falei, me esquivando dele, assustada comigo mesma. Eu não era assim. A Bruna que eu conhecia, não teria

transado tão eloquentemente com o Daniel, e pior, não estaria aqui aos beijos com o ex-namorado canalha, três dias depois. – Muito fácil fazer a merda toda, e depois achar que pode sussurrar que me ama pra ficar tudo bem. – Dei um riso sarcástico.

— Eu já fiz as reservas daquele hotel que você adora, em Angra.

— Desfaz! – Eu abri os braços, incrédula com a sua petulância. – Eu não vou com você! – Eu aumentei o tom da minha voz, e fomos interrompidos por duas batidas fortes da porta. Bufe um suspiro irritado e o Pedro foi abrir.

— O que você quer seu merda? – O Pedro

NACIONAIS - ACHERON

perguntou, e eu me virei para olhar, encontrando um Daniel com um sorriso debochado entrar na sala. Ótimo, eu precisava só de mais isso para que o meu dia ficasse perfeito!

— Eu preciso daquelas duas petições, Pedro Luiz. Não é porque você cismou que tem pendências pessoais comigo, que o cliente pode esperar. Ainda mais um cliente como este. — O Daniel falou de uma maneira imponente e eu o queria na minha cama, de novo. Eu o analisei cautelosamente e ele ficava ainda mais lindo com a roupa social. Não que o Pedro não fosse, mas o Daniel ainda era novidade e pelo andar das coisas, novidade que eu não iria mais provar.

— Eu vou mandar a Luciana entregar na sua sala. — Resmungou o Pedro. — Pode ir.

Então a Luciana trabalhava mais próxima do Pedro agora? Eu deixei escapar um riso, pelo cinismo do Pedro Luiz.

— E a nossa cerveja, Bruna, ainda tá de pé? — O Daniel perguntou para mim, com um sorriso maroto e foi pego desprevenido pelo Pedro, que lhe acertou um soco no rosto. O loiro levou a mão ao maxilar, rindo, invés de revidar. — Eu te ligo mais tarde, linda. — Ele ainda zombou, antes de sair e o meu ex, empurrou a porta com força.

— É esse o tipo de merda que você quer pra
NACIONAIS - ACHERON

sua vida? – O Pedro gritou comigo, furioso. – Como se não bastasse ter que ouvi-lo vindo aqui zombar e falar o quanto você é escandalosa e gostosa! – Falou indignado, na defensiva, e se sentou no sofá de couro que havia no canto direito da sala. Eu olhei-o incrédula, não acreditando que o Daniel fora capaz. – Como se não doesse ter que aceitar que outro homem esteve com a mulher da minha vida. – A sua voz vacilou um pouco e eu olhei-o ternamente. Ele fungou, olhando pela janela. – Eu nem sei como to conseguindo levar esses dias sem você.

— Oh – Eu soltei, por não saber o que dizer, ou como reagir. Só sabia agora, que o Daniel era

um belo filho da mãe.

Tudo bem ele ter esse lema de pegar e não se apegar. De não repetir mulher. Era um homem másculo, viril, lindo, alucinantemente gostoso. Mas daí a vir encher o meu ex sobre como eu fui na cama com ele? A culpa cresceu em mim, e eu me sentei de lado no colo do Pedro, a fim de consolá-lo.

— Tudo bem. — Eu falei, fazendo carinhos nos seus cabelos. O Pedro fungou outra vez, me olhando com os olhos marejados e sorriu fraco. Eu suspirei forte, aproximando mais os nossos rostos, e dei um beijinho bem de leve em seus lábios. — Eu

amo você. – Falei, ignorando o meu eu por inteiro. Era insensato. Humilhante estar aqui, dando alguma oportunidade ao Pedro Luiz. Trocamos mais alguns carinhos, mas eu precisava ir embora e como o Pedro teria uma reunião com um cliente importante, que segundo ele, o Daniel estava tentando tomar, eu teria que ir de taxi.

Despedi-me do Pedro com um beijinho rápido na porta da sua sala, e quando me virei para ir embora, dei de cara com o Augusto, que bufou um riso, negando com a cabeça.

— Vejo que já se acertaram e aquele vexame da segunda, só valeu para despejarem as burradas

NACIONAIS - ACHERON

que fizeram. — Ele falou, me deixando envergonhada.

— A gente se ama, pai. — O Pedro resmungou.

— Vejo isso, filho. Eu quero a papelada na sala do Daniel em vinte minutos. Se não é capaz de resolver e ser convincente o suficiente, deixe que ele o faça. — A cara do Pedro não era das melhores. Pelo menos, eu sabia que a rixa deles não era tão infantil por não ser por minha causa, e sim porque o Pedro por ser um mimado, se sentia diminuído ao ver seu pai demonstrar preferência por outro.

Voltei para o meu escritório e retomei a
NACIONAIS - ACHERON

minha rotina. Almocei com a minha mãe, onde lhe contei que viajaria com o Pedro e ela fez uma careta.

— Eu pensei que fosse uma bobagem, mas vendo que ele ficou com a Lu, e você com um cara que ele tem odiado nos últimos dias, essa relação de vocês não continuará saudável.

— Ah, mãe, uma hora cê é louca pra que eu volte, quando eu penso em voltar, você fica contra?

— Eu perguntei malevolente, e ela sorriu.

— Filha, uma coisa é uma briga por algo irrelevante. Mas vocês envolveram mais duas pessoas nisso. Como você se sentirá sabendo que a Luciana trabalha no mesmo lugar que ele? A Lea

contou que o Daniel é um rapaz incrível e dedicado ao trabalho de uma maneira como o Pedro nunca foi. E isso tem conquistado o Augusto. Nós adoramos o Pedro Luiz, mas sabemos que apesar de todo o requinte, ele é mimado e sempre bancou o dono da empresa, nunca achando que precisava ser bom no que faz.

— Você me deixa confusa. — Eu falei, deixando a sobremesa de lado. Eu defenderia o Pedro, porque ele havia sido terminantemente obrigado a cursar direito, uma vez que o seu sonho era ser publicitário.

— Estou tentando te alertar. Não to aqui pra ser contra, só estou expondo a minha opinião. Você

tenta, se der certo, eu só vou pedir desculpas por ter duvidado.

— Mas você era fã do Pedro. — Eu lamentei.

— Continuo o achando o homem mais lindo e inteligente que você namorou. — Ela sorriu complacente. — Continuo achando que vocês dois juntos formam um par lindo, apesar das briguinhas. Mas não posso pensar só nele e esquecer a sua felicidade, que é mais importante pra mim. Você tem certeza que quer dar uma segunda chance para vocês dois? — Ela me encarou firme, e eu neguei com a cabeça, aturdida.

Passei a tarde rabiscando uns papeis no meu
NACIONAIS - ACHERON

escritório e ainda olhei o projeto da minha casa dos sonhos. Lembrei-me de cada momento com o Pedro, não conseguindo me lembrar de alguma desconfiança minha relacionada à traição. Não conseguia alinhar os pensamentos e nem ter a certeza se deveria voltar a namorá-lo.

Ao chegar em casa, me joguei na cama, me lembrando do Daniel, e gritei com a cabeça enfiada no travesseiro por estar confusa. Não sobre o Pedro e o Daniel. Mas sobre o que eu queria para mim. Não me via nessa vida de balada constantemente, mas imaginar ficar em casa sozinha aos fins de semana era angustioso.

Com o Pedro nós íamos a barzinhos, jantares, viajávamos ou só ficávamos juntinhos em casa. Talvez eu devesse voltar por ser mais conveniente. Mas era repugnante pensar dessa maneira. O meu celular tocou, e eu imaginei que fosse o Pedro, mas era o Daniel.

— Eu não deveria te atender nunca mais.

— Por quê? – Ele perguntou confuso e uma música alta de fundo atrapalhava a ligação.

— Porque é muito fácil fazer sexo comigo e ir jogar na cara do Pedro Luiz todos os detalhes! – Eu gritei com ele, que riu então a música foi gradativamente diminuindo.

— Ele é mais infantil que eu imaginava.

— Ah, claro, você é o canalha da história e se acha no direito de insultá-lo!

— Bruna, eu não falei nada pro Pedro Luiz. Pelo amor de Deus, quem transa e sai contando pra um estranho? – Ele falou duro comigo. – Não faça eu me arrepender de te ligar, pela terceira vez, mesmo com grande parte de mim sendo contra desde a segunda.

— Cínico!

— Você é louca! Defende o seu ex, se você acha que ele merece. Agora olha o tipo de cara que você se envolve: mesquinho e mentiroso. – Eu fiquei calada, sem saber em quem acreditar. Mal

NACIONAIS - ACHERON

conhecia o Daniel e o Pedro estava comigo há quase dois anos.

Ok, ele é mimado, um pouco dramático, mas... Eu abanei a mão, deixando esse pensamento pra lá.

— Me desculpa, mas você ligou pra?

— Ia te chamar pra vir num barzinho comigo, mas deixa pra lá. — Ele resmungou friamente. Eu fiz um beijo, imaginando a noite maravilhosa que estaria perdendo ao seu lado.

— Vem aqui quando sair daí. — As palavras me deixaram como se eu não tivesse vontade própria, mas ele desligou sem me dar alguma resposta.

Eu fiquei mais um tempo deitada na cama, mas levantei para tomar um banho quente. Vesti um pijama de seda, e fui à cozinha comer alguma coisa. Fiquei na sala, vendo desenho animado, ainda tive a esperança de o Daniel ligar, mas nada aconteceu.

Eram quase onze da noite, quando eu recebi uma ligação da Mari, falando de um lugar barulhento. Porque segundo ela, hoje era dia de *quintaneja*. Eu ponderei não ir, mas acabei me arrumando. Vesti um short jeans de cóis alto, com a barra desfiada e desbotada propositalmente.

Coloquei um top cropped, com as mangas compridas e fiz uma maquiagem. Calcei um scarpin bege e coloquei alguns acessórios. Por último, passei perfume. Ainda analisei o comprimento do short, mas não troquei, estava curto, mas nada que eu julgasse indecente. Peguei uma bolsa de mão de couro, onde coloquei batom, celular e cartão de crédito.

Peguei meu carro e fui até o endereço que a Mari havia me passado. Logo dei de cara com ela, o Joca, o Daniel, um cara que eu já havia visto no escritório do Pedro, mas não o conhecia, e duas mulheres. A loira, de olhos claros e, boca

NACIONAIS - ACHERON

exageradamente carnuda vestia um vestido vermelho onde o seu decote era gritante. Claro, reparei nela, porque estava ao lado do Daniel.

Dei uma boa noite para eles, mas antes que eu pudesse me sentar, o meu ex-namorado veio até mim, me puxando de uma maneira firme e eu não consegui me esquivar dos seus lábios nos meus. Eu sorri fraco para ele, me afastando.

— Deveria me avisar que viria. — O Pedro Luiz falou, me guiando até a sua mesa. Lá estavam o Maicon, Davi e Lucas.

— Eu marquei com a Mari. — Eu falei, me apoiando atrás da cadeira. Acenei um sorriso para

NACIONAIS - ACHERON

os meninos, apenas.

— Mas você não vai ficar lá avulsa, amor. —
O Pedro falou docemente. — Quer beber algo?

— Coca. — Respondi rapidamente e ele puxou a cadeira para que eu me sentasse, ficando ao meu lado. O Pedro chamou um garçom, pediu mais uma cerveja e uma coca de latinha para mim.

— Achei a sua roupa muito indecente. — Ele reclamou, acariciando a minha coxa. Eu sorri para ele, me aproximando para selar nossos lábios. — Linda, como tudo em você, mas muito curta.

— Eu pensei que dessa vez não tinha volta. —
O Lucas comentou zombeteiro, e eu olhei-o, lhe mostrando a língua. Algo que me fazia ter a certeza
NACIONAIS - ACHERON

que o Pedro era o homem da minha vida, era me dar muito bem com os amigos dele. Eu me sentia acolhida por cada um, mas como toda regra tem exceção, o Davi não era meu fã. E eu, como uma namorada mimada, implicava com ele de uma maneira ridícula. O Maicon namorava uma menina que nunca estava conosco, então ele era o mais distante.

— Seria um alívio. — Provocou o Davi.

— Você deve ser gay, não é possível. — Eu falei impaciente e o Pedro riu, afundando o rosto em meu cabelo, indo mais além, roçando o nariz em meu pescoço.

— Não vão começar. — Ele falou, subindo a

mão que estava em minha coxa, e eu a parei. — Eu to com tanta saudade de você, que quando eu te pegar, você vai me pedir pra parar. — Ele grunhiu, depositando um beijo casto em meu pescoço. — E eu não vou parar. — Completou, me deixando mole e arrepiada.

— Eu acho que a gente precisa conversar direito. — Eu falei, sorrindo esguiamente para ele.

O resto da noite correu bem. Digo, o Daniel saiu com a loira peituda logo depois da meia noite, e a Mari ficou me perturbando por ter ficado na mesa com o Pedro. Este, por sua vez, achava que havíamos voltado.

Já passava das duas da manhã, quando nós estávamos no meu carro, em frente à sua casa. Eu tentava me esquivar dos seus beijos e a sua provocação. Seria a coisa mais mentirosa do mundo dizer que eu não estava morrendo de vontade de matar a saudade dele, mas não assim. Eu não poderia estar a cada dia com um homem diferente. Seria me confundir e eu não era uma sem coração para me divertir dessa maneira. Para não falar o quanto ver o Daniel com aquela uma, me deixou incomodada. E eu tinha consciência de que não tínhamos nada.

— Eu transei com o Daniel na segunda. — Eu

fechei os olhos ao disparar e o Pedro parou o que fazia. Ele beijava o meu pescoço e descia até o colo. Eu fiz uma pausa, suspirando forte. – Se for pra voltar, eu acho que não dá pra ficar escondendo essas coisas. Eu preciso confiar em você de novo, assim como você em mim.

— Tudo bem. – Ele correu as mãos no rosto. – Eu saí com a Luciana na terça. E ontem. – Contou como se isso fosse relevante. Eu contive a vontade de lhe esbofetear a cara e saí de seu colo.

— Pedro, isso é demais pra mim. – Eu falei angustiada. – Não dá, é sério.

— Isso foi uma bobagem e eu estou sendo sincero contigo. – Ele continuou, vindo acariciar

meu rosto, mas eu me afastei.

— Eu não quero. — Eu falei firme. — Desce que eu vou pra casa.

— É isso que eu mereço por ser sincero? — Ele perguntou incrédulo e eu o encarei, porque não achava que precisava dizer algo. Ele só poderia me achar uma idiota. — Bruna, desculpa. — Pediu cuidadosamente.

— Eu não vou viver essa coisa. — Falei impacientemente. — Toda vez que você transar com a Luciana vai vir com essa conversinha de que não foi importante?

— Mas não foi.

— Pedro, eu nem estou te reconhecendo. —
Deixei escapar um riso incrédulo.

— Amor, foi algo irrelevante, sem importância. — Ele falou, apertando os lábios, como se não fosse culpado.

— Não importa. E daí? Sem importância, irrelevante, uma bobagem... Mas que vai viver se repetindo. Porque vocês se viram por dois dias seguidos!

— Eu vou te dar essa noite pra pensar. — Ele falou, após uma longa pausa e correu as mãos no rosto. — Eu sei que você é sensata e vai ver que apesar de tudo, a gente nasceu pra ficar junto. — Sorriu docemente, contudo, eu desviei do que seria
NACIONAIS - ACHERON

um beijo.

O Pedro desceu e eu segui para casa. Era tão solitário chegar e estar sozinha. Não havia minha mãe para vir me questionar sempre que eu chegava, nem janta pronta, nem roupa lavada, nem a casa limpa. Depois de terminar com o Pedro Luiz, essa liberdade de morar sozinha simplesmente perdeu a graça. No fundo era só uma rebeldia para morar junto com ele. Começar a realizar os nossos planos ridículos.

Eu tirei os sapatos, assim que entrei e peguei meus fones de ouvido. Para evitar pensar em como

NACIONAIS - ACHERON

seria bom voltar com o Pedro, eu fui limpar o meu *apê*. Coloquei Los Hermanos no volume máximo no meu Ipod. Coloquei as roupas na maquina de lavar, e acabei por quebrar uma unha. Não que fosse o fim do mundo, mas isso me traria aquela obsessão absurda por roer todas as outras.

Deixei tudo limpo, mas decidi contratar uma diarista. Que se danem os meus luxos supérfluos, a minha casa limpa era mais importante.

Tomei um banho quente, e me afundei nos edredons, não demorando a pegar no sono.

Acordei na sexta-feira, às nove da manhã com o Pedro ligando para dizer que me amava e marcando um almoço.

— Não vou almoçar com você e se você ousar encher o meu apartamento de flores, eu vou te matar e usá-las no seu enterro. – Desliguei e fui me arrumar.

Estava cansada por ter dormido pouco. Passei a manhã analisando currículos com a minha secretária, para contratarmos um estagiário.

Almocei no escritório, onde estive ocupada a tarde inteira com um novo software para arquitetura. Era quase seis da tarde, quando eu estava saindo do prédio, e esbarrei com o Daniel, quase na porta.

Eu olhei-o sem graça, e furiosa por ele ter passado a noite com aquela uma. Mas me recompus e sorri, cumprimentando-o, educada.

Fui para casa, onde encontrei o meu ex-namorado em frente ao prédio, escorado ao seu carro. Eu iria ignorá-lo, mas relaxei os ombros, vencida e fui até ele, que tinha um buquê de rosas

NACIONAIS - ACHERON

vermelhas nas mãos.

Ele deveria se conformar que eu não gosto dessas baboseiras. Claro, uma vez ou outra, como um gesto de carinho soa bonito. A ideia me agradava, mas me empurrar flores como se pudesse me comprar era o cúmulo.

— A gente pode conversar direito? — Ele pediu me entregando o buquê.

— Sobre você não resistir mais à Luciana e que não tem importância? Ou que a gente pode fugir de tudo, ir pra aquele hotel em Angra? — Eu disparei e ele sorriu. Eu grunhi frustrada comigo por não conseguir manter o ódio dele. Ainda estava

NACIONAIS - ACHERON

resignada a por um fim, decidida a seguir a minha vida, mas olhá-lo era pôr isso em dúvida. Para cumprir isso, eu precisaria mantê-lo longe. Coisa que eu não estava mais conseguindo.

— Tudo bem. – Ele disse, correndo as mãos nos cabelos úmidos. – Eu posso só passar um tempo contigo?

— Eu quero terminar com você! – Eu supliquei.

— Eu preciso conversar com alguém, Bruna. Não tem ninguém nesse mundo que me entenda como você. – Ele falou malevolente, me olhando cauteloso. Eu me rendi, não por ser a ex-namorada traída, furiosa, apaixonada e agora vulnerável a ele.

Mas porque ele sempre teve problemas com seu pai. Era um mimado, claro. Ele se vendeu por um carro, na hora de escolher o que cursar na faculdade. Ele sempre optava pelo que lhe era mais cômodo. O que lhe traria mais lucro, mas tudo tem um preço e o dele era ser relativamente frustrado.

Nós subimos e o Pedro Luiz foi analisar o apartamento, enquanto eu fui tomar um banho. Vesti-me com um short jeans e uma regata branca. Prendi o cabelo em um rabo e tirei toda a maquiagem, passando cremes faciais.

Estava passando um pouco de rímel quando o
NACIONAIS - ACHERON

Pedro entrou no banheiro, me abraçando por trás. Eu nos olhei. Acabei me deixando levar e encostei a cabeça em seu ombro, fechando os olhos.

Eu amava-o.

Mas, além disso, eu amava a maneira como funcionávamos juntos.

Se eu tivesse um pedido a fazer ao destino, seria só para que ele nunca tivesse me traído com a Luciana. Só para que agora ele ainda fosse meu.

— Eu amo você. — Ele sussurrou, beijando

minha bochecha, mexendo comigo de uma maneira injusta. Bem por isso os homens traem. Sabem que nós somos manipuláveis quando dependentes emocionais.

Eu sabia que não seria fácil esquecê-lo, mas já havia vivido um amor antes dele, tinha consciência que não iria morrer com o fim. A minha vida iria entrar nos eixos com o tempo, eu iria conhecer outras pessoas, sair com outros caras. Redescobrir-me como mulher. Mas sinceramente? A única coisa que eu queria nesse momento era ficar bem, mas com ele. Retomar os nossos planos.

Eu suspirei forte, e coloquei as minhas mãos sobre as dele, absorvendo o seu abraço, me sentindo confortável por estar com ele.

Naquele momento não houve lembranças dele com a Luciana, nem como ele não pensou em mim. Não houve o Daniel, por mais gostoso que ele fosse.

Era eu. E ele.

Ficamos ali mais algum tempo, na plenitude de tudo que eu ainda sentia por ele, mas como nada

dura para sempre, nosso momento foi interrompido pelo seu celular.

Ele pegou e ignorou a ligação, que resistiu por três vezes frustradas, até ele desligar.

— Quem era? — Eu perguntei, me desvencilhando dele, voltando para o quarto.

— Minha mãe. — Ele respondeu desinteressado.

Nós nos escondemos sob os edredons, e procuramos por algum filme na TV. Acabamos brigando pela infeliz coincidência de estar

passando *Procurando Nemo*, num canal infantil e o meu vício por filmes para crianças.

— Parece que não teve infância! — Ele resmungou possesso por eu ter escondido o controle em baixo de mim. O Pedro ficou impaciente com o filme e se levantou para fazer pipoca, eu assistia como se fosse a primeira vez.

Quando ele voltou, com pipoca e refrigerantes para nós, começamos a conversar e ele a contar sobre a sua vida e as brigas recentes com seu pai. Logo a conversa rumou para o Daniel, mas não para o que nos envolveu. E sim por ele ser dedicado e puxa saco do Augusto.

— Você não estaria passando por isso se fosse publicitário. — Eu falei, pegando mais um pouco da pipoca.

— O que é pior! Eu fiz de tudo pra agradar e ele agora se dobra para o merda do Daniel! — Ele resmungou e eu ri, me aproximando mais dele para selar nossos lábios. — Tudo que eu quero, ele é contra. Agora o que o Daniel diz, vira lei.

— Parece até ciúme de irmão. — Eu falei rindo, acariciando sua face, selando nossos lábios uma e outra vez. — O seu pai é implicante contigo, porque você é descontrolado.

— Descontrolado, Bruna? — O Pedro perguntou incrédulo.

— É. Gasta demais. Troca de carro como quem troca de roupa, como se fosse necessário. Viaja demais, não se dedica ao trabalho. — Eu enumerei e ele bufou um suspiro. — Se você for mais centrado no escritório de vocês, ele vai reconhecer o seu esforço. — Eu sugeri, porque era fácil para ele. Eu sabia que a Leandra era dona de muitos imóveis e de uma imobiliária renomada, herdada de seu pai e que a vida boa do Pedro era bancada através dos aluguéis gordos. Se ele precisasse se sustentar, viveria como um simples mortal de classe média. Ou abrindo mão de uma coisa ou outra como eu estava tendo que fazer, agora.

— A vida estava boa até esse merda aparecer.
— Ele falou, me ignorando. Eu revirei os olhos, por ele entrar nessa implicância com o Daniel, outra vez. — É tão vagabundo que até você, ele quer tomar.

— Não existe isso, Pedro. — Eu falei malevolente, mas acabei rindo. — Não foi bem o Daniel que separou a gente. Foi você. — Continuei convicta. O Daniel talvez, se fosse um pouco mais interessado, seria o culpado por me manter longe do Pedro, mas nem isso. O Pedro me olhou surpreso, como se isso fosse novidade. — Sim, você.
— Reforcei e ele riu, colocando o pote com as pipocas na mesa de cabeceira, me puxando para um

beijo.

Eu, que andava ignorando toda a sensatez ultimamente, respondi ao seu ritmo lento, correndo os dedos pelo seu cabelo macio, ansiando por ele. Aos poucos, o ritmo foi ficando malicioso, e ele se encaixou entre as minhas pernas, me mostrando o quanto estava excitado. Eu gemi fraca, quando ele desceu os beijos pelo meu pescoço e ajudei a tirar minha blusa. Soltei o meu cabelo, voltando a beijá-lo. Levei as mãos sob sua camisa, e puxei-a para cima, o afastando para que ele terminasse de tirar. Empurrei-o que caiu sentado e montei em seu colo, me sentindo perdida ao

encontrar seu olhar. E então voltamos a nos encarar e trocar beijos castos que mais pareciam carícias.

Ele sussurrou algumas bobagens e eu ri, voltando a beijá-lo, que me induzia a me mover sobre seu corpo. O Pedro abriu o fecho traseiro do meu sutiã tomara que caia, e jogou-o no chão, acariciando as minhas costas, levando as mãos aos meus seios. Minha respiração falhou e eu parei de corresponder ao beijo, deixando nossos rostos próximos.

Ele deixou um beijo casto em meu queixo, e desceu a boca para o meu pescoço. Foi descendo
NACIONAIS - ACHERON

até abocanhar o meu seio esquerdo, o beijando minuciosamente. Eu gemi seu nome, puxei seu cabelo e joguei a cabeça pra trás.

O Pedro passou a dar lambidas em meu seio e logo a circular a língua ali, como se já conhecesse o meu corpo o bastante para me levar a loucura. Ele então passou a beliscar o outro seio com a mão, e eu choraminguei, ele iria acabar com a minha brincadeira em dois tempos se não parasse.

Eu estava tão excitada que o meu short estava molhado. Desabotoei sua calça, tirando-a com a sua ajuda e puxei a cueca para baixo, colocando seu

NACIONAIS - ACHERON

membro na boca de uma vez. O Pedro gemeu forte, surpreso e eu o levei todo, engasgando um pouco para o seu prazer. Iniciei movimentos rápidos, mas fui parando quando ele passou a se contorcer e gemer mais fraco. Eu corri a língua na extremidade de seu membro e tirei o meu short. Ele me deitou na cama, vindo pra cima de mim, me beijando cauteloso, mas não entrou em mim.

— Pedro! — Eu o bronqueei, que sorriu contra minha boca, descendo uma mão ao meu sexo, brincando um dedo ali, me fazendo arder de tesão. Eu gemi forte, mas ele desceu os beijos pelo meu corpo e se sentou entre as minhas pernas, as abrindo mais. Eu imaginei que seria torturada, mas

ele abocanhou meu sexo, me arrancando um grito aliviado. Apertei os travesseiros e fechei os olhos, contemplando cada sensação que a sua boca maravilhosa me proporcionava. Eu já estava quase gozando e ansiosa, porque vinha de uma maneira intensa, quando ele parou.

— Vira. — Ele mandou, ficando de joelhos e eu choraminguei, mal conseguindo me apoiar. O Pedro me deu um tapa forte na bunda, e se encaixou em meu sexo, entrando bem devagar. Eu afundei as mãos no travesseiro e fechei os olhos, pela maldade. Ele iniciou com movimentos lentos, mas logo deslizava rapidamente. Eu já estava quase no ápice outra vez, quando contei isso para ele, e

ele parou, saindo de mim. Eu gritei, frustrada e empurrei-o na cama, me sentando em seu colo, descendo de uma vez em seu membro.

— Me deixa gozar! — Eu falei furiosa e ele impulsionou para cima, gemendo comigo, que afundei as unhas em seus ombros. Beije-o outra vez, me movendo lentamente, e isso deixava frustrado quando eu comandava. O deixava fora do controle, e acabávamos mais rápido. Aumentei o ritmo dos movimentos e mordi seu lábio inferior quando o meu tão esperado orgasmo rasgou o meu corpo. Eu tremi enquanto era devastada com a intensidade e o Pedro me segurava, enquanto eu chamava por ele, declarando que o amava.

Quando voltei à realidade, beijei-o desnorteada e deixei que ele me deitasse na cama. Ele ergueu minha perna direita dobrada e me penetrou outra vez, indo fundo, gemendo. Eu o puxei para um beijo que ele não correspondeu, e deixei as pernas bem abertas quando ele entrelaçou nossas mãos, afundando o rosto entre o meu pescoço, gemendo forte enquanto se libertava dentro de mim.

Nós ficamos mais algum tempo na cama, contemplando a plenitude pós-sexo. O Pedro estava se rendendo ao sono, de bruços ao meu lado, me

NACIONAIS - ACHERON

exibindo um sorriso lindo. Eu analisava-o. Estava tão confusa. Perguntando-me internamente o que acabara de acontecer.

O que estava acontecendo comigo? Deveria estar enlouquecendo. Nunca fui tão manipulável, nem tão solícita a mudar os meus planos.

Deixei a minha confusão de lado e olhei para o homem a minha frente. Ele se deixou dormir, e eu amava olhá-lo dormir. Acarínhei seu cabelo, e seus lábios, mas levantei indo tomar outro banho.

Eram nove da noite e eu pedi jantar para nós dois. Sabia que ele logo acordaria. Voltei para o quarto, onde ouvi seu celular tocando. Eu atendi, ao ver que era o Lucas.

— Agora você marca a parada e dá um furo desses, valeu. — Ele falou assim que eu atendi, e eu dei um risinho. — Pedrão?

— Opa, oi. — Eu falei, timidamente. Logo ouvi um riso de obviedade.

— Claro! Sempre trocados pela namorada. — Ele falou divertidamente sarcástico.

Eu sorri, porque ele não era do tipo que me deixaria para sair com os amigos. Olhei para o Pedro, que ainda cochilava.

— Eu vou dizer para ele que você ligou.

— Olha, nem precisa. — O Lucas falou, rindo.

— Diz só que eu gastei uma fortuna com os ingressos da balada e ele sequer avisou que não ia querer.

— Que pena. — Eu lamentei.

— Tudo bem. Beijão, Bru.

Ainda pude ouvi-lo comentar com alguém que o cara já estava amarrado de novo. Eu sorri, mesmo que ele não estivesse. Deixei uma samba canção de seda preta dele, que estava comigo sobre a cama e fui para a sala.

O jantar chegou, eu paguei e fui arrumar a mesa. Eu era completamente apaixonada por comida japonesa e o Pedro também.

Acabei comendo um pouco antes dele e fui surpreendida por uma visita da minha mãe e a Leandra. As duas vinham do Teatro, e como estavam passando aqui em frente, passaram para uma visitinha.

— Sinto o perfume do meu filho! — A minha ex-sogra falou, e eu ri. Elas provavelmente viram o carro do Pedro em frente ao prédio. — Já está tudo bem?

— Eu pedi comida japonesa, querem jantar? —
Perguntei no mesmo momento em que o Pedro Luiz apareceu na sala, com os cabelos molhados e vestido só na samba canção. Ele tem um corpo muito bonito, era forte, pouco definido, do jeito que eu gostava.

Ele cumprimentou minha mãe com um beijo no rosto, e ela lhe sorriu calorosamente. E deu um beijo na testa da Leandra.

— Então voltaram mesmo? — Minha mãe perguntou. O seu tom não era dos mais animados. O Pedro sorriu, se sentando ao meu lado.

— Não é fácil convencer a Bruna. — Ele falou,
NACIONAIS - ACHERON

entrelaçando uma mão na minha, cheirando meu cabelo.

— Mas vocês têm tempo para descobrirem se vão ou não ficar juntos. — A Leandra falou, animada. — Torço pra que sim.

Elas ficaram para jantar conosco e foram embora depois das dez. Ainda pedi a Vanda emprestada para minha mãe, como um pedido de socorro, mas ela apenas riu antes de dizer, que eu optei por sair de casa, que me virasse então.

Estava na pia, lavando a louça que acumulou

durante o dia, quando o Pedro me abraçou por trás.

— E então? – Ele perguntou, enquanto eu enxaguava a xícara.

— Hum? – Perguntei, lavando as mãos e as secando num pano de prato, que joguei sobre a bancada da pia e me virei de frente para ele.

— Voltamos? – Perguntou solenemente. Eu passei os braços em volta do seu pescoço, o beijando. Ele sorriu contra minha boca, rindo até. – Eu te amo muito, Bruna. – Sussurrou, me beijando rapidamente.

— Espero que se lembre desse amor antes de voltar a fazer merda. – Eu falei, selando nossos lábios. – Última chance que eu te dou.

— Não vou desperdiçar. — Ele prometeu, me erguendo e nos levando para o quarto.

Capítulo 04

O mês seguiu maravilhoso. A vida entrando nos eixos outra vez. O meu namoro melhor do que estava antes. Claro, o Pedro anda dez vezes mais ciumento, desde que o Daniel passou a sair com os seus amigos e nós acabávamos nos esbarrando vez ou outra.

Segundo o Pedro eu correspondia aos olhares *daquele merda*.

Não reparei, se o fiz.

Não tive notícias da Luciana e quase não vi a Lorena e o Ricardo.

Era uma sexta-feira e eu estava no shopping com o Pedro. Eu me julgava compulsiva por comprar, mas ele me superava. E ainda reclamava por eu querer toda e qualquer novidade que via.

— Precisa de tanto sapato? — Ele reclamou, segurando as minhas cinco sacolas. Eu sorri, parando para lhe dar um selinho.

— Você comprou seis relógios. Quem

colecciona relógios, amor? – Coloquei uma mão na cintura e ele bufou um suspiro.

— Vamos comer.

— Você tem um relógio pra cada hora do dia.

– Eu falei, horrorizada. – E não precisaria repetir por um ano!

Íamos para a praça de alimentação, mas no caminho, eu nos fiz parar para comprarmos um biquíni preto, tomara que caia que eu simplesmente amei.

Encontramos a Luciana e a Lorena e o clima

tenso renasceu. Eu cumprimentei a Lorena com um abraço e acenei para a outra. O Pedro cumprimentou as duas, me deixando formigando de ciúme.

— Não se esquece do meu aniversário, no sábado. Mandeí mensagem, você recebeu? — A Lorena perguntou e eu neguei com a cabeça. — Vai ser na fazenda, o dia todo. Conto com vocês lá, ok? Beijo, beijo. — Ela falou, assoprando beijos no ar para nós dois.

— Precisa ser doce com a Luciana? — Eu perguntei furiosa.

— Bruna, sem show. — Ele pediu, pedindo para a vendedora trazer o biquíni em seguida. Eu

cruzei os braços, irritada. Comprei o biquíni sem experimentar e fomos para a praça de alimentação.

— Amor, ela trabalha na empresa, eu não posso simplesmente ignorar. — Ele explicou malevolente.

— Sim, vai comprar meu lanche. — Eu falei irritadiça.

No sábado, eu acordei com o Pedro fungando em meu pescoço e ainda ganhei o café da manhã na cama. Nós comemos e namoramos um pouco, antes de eu ir tomar um banho e me arrumar para o aniversário da Lorena.

Escovei os cabelos e fiz uma maquiagem básica, abusando do rímel a prova d'água. Passei hidratante no corpo e vesti o biquíni que havia comprado. Algo que fez o meu namorado surtar.

A parte de cima valorizava mais os meus seios e a de baixo, era muito pequena. O ignorei e vesti um short jeans detonado de cóis alto, e um cropped de crochê branco. Calcei uma rasteirinha e passei perfume. Peguei uma bolsa e olhei para o Pedro que vestia uma camisa polo e uma bermuda, calçava um tênis e me encarava com os braços cruzados.

— Ciúme da minha roupa, bebezão?

— Você não vai expor esse biquíni. — Ele avisou, pegando as chaves do carro.

Quando chegamos, fomos falar com a Lorena e eu a entreguei o presente, um colar. Depois fomos nos sentar numa mesa com o Joca e a Mari.

Fiquei surpresa ao encontrar o Daniel ali e junto dele o seu amigo bonito que a Lori havia ficado.

Nós curtimos o dia animado e ainda ficamos a

noite, quando quase todos foram embora. O Daniel ainda estava ali, conversando com uma amiga da Lori que eu não lembrava o nome.

Volta e meia eu era pega por ele, por estar olhando.

Eu belisquei o braço do Pedro com força quando a Luciana voltou desfilando com um biquíni branco, igual ao meu e ele a seguiu ridiculamente com o olhar. A Lorena entrou na piscina junto com ela e sempre que a Luciana saía o Pedro a engolia com o olhar.

Eu desisti de tentar fazê-lo parar. Ele o faria mesmo que eles não tivessem ficado. Ele também olhava a Lorena. Levantei e tirei a minha roupa, entrando na piscina com elas. Por um momento eu revivi a nossa amizade, sem mágoas.

Comecei a beber bebidas alcoólicas quando o Ricardo voltou com mais cerveja.

Numa ida minha à cozinha, encontrei o Daniel.

— Opa, oi. – Ele falou, me cumprimentando

com um beijo no rosto. Eu sorri de volta e então voltamos para onde o pessoal estava. Eu me sentei ao lado do Pedro.

— Eu vou matar esse imbecil.

— Ué, você não pode ignorá-lo, ou tratar mal porque ele também trabalha com você. — Eu fui irônica. Ele encheu os nossos copos com mais cerveja.

— É completamente diferente.

— Diferente? — Eu perguntei rindo, irritada. O Pedro me olhou de soslaio e bufou um suspiro.

— Vai querer brigar? — O meu namorado perguntou, como se eu estivesse irritada sem

motivo.

— Brigar? – Eu perguntei incrédula.

— Sim, você já está aí dando showzinho por causa da Luciana. Pior, porque eu a cumprimentei!

— Vai para o inferno, Pedro. – Eu resmunguei, pegando o meu copo e saindo de perto dele. Fiquei na churrasqueira com o Ricardo, falando mal do Pedro, mas ele mal me dava atenção.

Eu adorei quando o Daniel se aproximou de nós e não me importei de ser *educada* com ele. Volta e meia, eu ainda olhava o Pedro, que me

ignorava, mexendo no celular.

Eu estava distraída, conversando sobre alguma festa com os meninos, quando a Lorena se aproximou, passando um braço em volta dos meus ombros, me dando um beijo no rosto.

— O Pedro foi levar a Luciana e o Davi em casa. — Ela falou de uma vez e eu a olhei assustada. Meu coração disparou e a sensação de perda me sucumbiu. Eu nem sabia o que dizer. Onde estava o respeito, o amor que o fez querer voltar?

Eu peguei o meu celular, contendo a vontade

de ligar, e mandei uma mensagem. Pelo Whatsapp, porque as chances de ele ver eram menores e eu teria mais um argumento.

“se você não voltar em vinte minutos, eu não quero olhar na sua cara nunca mais!”

Eu já mencionei o quanto era criança e o quanto um lado de merda aflorava em mim, quando eu era contrariada, certo? Mandeí mais duas mensagens o ameaçando, e jurei terminar, porque voltar pra ficar tomando na cara, não valeria a pena. Só estaríamos bem, se longe dos meus amigos, e eu não queria me isolar do mundo para namorar o

NACIONAIS - ACHERON

Pedro Luiz.

Eu tinha consciência de que o Pedro não conseguiria chegar em vinte minutos, o percurso levaria mais que isso.

Ignorei os meus *problemas* e analisei o Daniel, imaginando que talvez, teria sido uma melhor opção ser um brinquedo nas mãos dele, que voltar com o Pedro Luiz. Na primeira, ao menos, eu ainda teria a minha liberdade.

O Pedro voltou uma hora depois. Eu mandei

mensagem para minha mãe, pedindo socorro.

“você optou por voltar...”.

Isso não era uma ajuda digna! Eu deveria ignorar o Pedro, quando ele voltou, para que não protagonizássemos um barraco. Eu me via jogando copos de cerveja nele.

— Eu estou achando desnecessário esse seu show. — Ele falou, mexendo no celular.

— Então me mostra o celular. — Eu exigi e ele me olhou de imediato, surpreso.

— Vai bancar a neurótica agora?

— Neurótica? — Eu ri incrédula. — Vai me mostrar o celular?

— Bruna, isso é sem lógica!

— Ou me mostra o celular, ou a gente termina. — Eu falei resignada, e ele bufou um riso, me entregando o celular.

— Olha, dissipa a tua loucura. — Ele falou sarcástico, com um sorriso falso. Fucei seu celular, das mensagens, ao Whatsapp. Não havia algo da Luciana e eu ia lhe entregando o aparelho, até envergonhada. Ele me exibiu um sorriso de satisfação, de quem havia vencido, mas antes de pegar o celular, eu o senti vibrar e recuei.

“claro, sempre hehe” – Lu.

Eu surtei ao ler “Lu”, e no impulso arremessei o seu Iphone na piscina.

— PIROU, BRUNA? – O Pedro gritou, atraindo a atenção dos outros. Eu olhei-o, furiosa e me levantei. Ele me seguiu que ia em direção a casa, e me puxou estupidamente pelo braço ao me alcançar. – Que merda, foi aquela?

— VAI ATRÁS DA LUCIANA! FAZ A MERDA QUE VOCÊ QUISER COM ELA, MAS ME ESQUECE! – Eu gritei. Foi tão fora do meu controle que as lágrimas desceram junto. Eu funguei, puxando meu braço dele, e voltei a andar, NACIONAIS - ACHERON

mas ele me puxou de novo. — Eu não sei que merda, eu tinha na cabeça, em pensar que você iria fazer diferente. — Um soluço involuntário escapou e eu grunhi frustrada.

— Bruna, isso é loucura da sua cabeça. — Ele falou malevolente.

— Eu devo ser muito louca mesmo, pra voltar contigo. — Ele ia argumentar, mas eu não deixei. — É por isso que o seu pai prefere outro cara. Deve sentir vergonha do filho que criou. — Eu despejei, porque sabia que isso o machucava. Ele me deixou ir. Eu me vesti e peguei o meu celular.

Fui ao banheiro lavar o meu rosto, e quando
NACIONAIS - ACHERON

saí, eu encontrei o Daniel escorado a porta.

— Tudo bem? – Ele perguntou, meio sem jeito e eu dei de ombros.

— Quero só ir pra casa.

— Se quiser, eu...

— Eu quero. – Eu o interrompi. Seria um alívio ir embora agora, antes de voltar a conversar com o Pedro. E melhor ainda ir com o Daniel, porque isso doeria no Pedro.

O Daniel assentiu e eu peguei minha bolsa. Não me despedi de ninguém, e fui até o carro do Daniel com ele. Queria olhar a cara do Pedro, mas

me contive. Também tive que controlar o choro, porque eu fui tão burra em ceder.

— Me deixa na casa dos meus pais. — Eu pedi. O Pedro já tinha a cópia da chave do apartamento outra vez e eu não queria vê-lo. Nós ficamos em silêncio até chegar e eu me despedi dele com um beijo no rosto, mas ele me segurou antes que eu descesse.

— Se precisar de alguma coisa, eu...

— Tudo bem. — Eu sorri fraco, e desci do carro.

Minha mãe ficou surpresa com a minha

aparição e eu ganhei um abraço de mãe, daqueles que fazem a gente esquecer o mundo. Não voltei a chorar e me empanturrei de empadas e chocolates depois de um banho quente.

Peguei um livro qualquer para ler e evitar pensar no Pedro. Pelo menos ele não teria como me ligar esta noite.

No domingo pela manhã, eu fui ao meu apartamento para pegar algumas roupas, porque iria passar um tempo com os meus pais. Não para fugir do Pedro, mas porque precisava me sentir mimada.

Assim que entrei no apartamento, encontrei um Pedro Luiz sentado no sofá, com a cabeça escorada nas mãos e a mesma roupa do dia anterior. Ele me olhou e a aparência cansada de quem não havia dormido mexeu comigo.

Eu respirei fundo, ignorando o meu emocional dependente dele. Ele não teria pensado em mim, antes de ir ficar com a Luciana, se eu não tivesse pirado.

— Bruna, eu...

— Eu não quero conversar. — Eu resmunguei,

indo para o quarto.

— Amor, eu não ia ficar com ela.

— Eu acredito em você. — Falei sarcasticamente, pegando uma mala e abri o guarda-roupa.

— Bruna, por favor. — Ele pediu, cansado. Eu olhei-o, amargando a vontade de voltar a chorar. — Eu te amo. — O seu tom sussurrado, quase me amoleceu de uma vez.

Quase.

— Pedro, eu não vou viver essa coisa. Estava

tudo bem demais, e você inventa de ir levar a Luciana em casa, depois de ter ficado sei lá quantas vezes com ela!

— Não, amor, eu fui levar o Davi e ela quis ir junto. Eu a deixei em casa primeiro, pergunta pro Davi. — Ele falou agoniado e eu parei, o olhando. — Você conhece o Davi. Ele não iria pensar duas vezes se tivesse um motivo pra fazer você terminar comigo. — Eu olhei-o pensativa, porque isso fazia sentido. O Davi era o pivô das minhas crises de ciúme, sempre falando bobagens sem sentido para me fazer brigar com o Pedro. A Mari sempre dizia: Das duas uma, ou ele era afim de mim, ou do Pedro. Para mim, era só implicância por perder o

amigo de balada. O Pedro preferia ficar em casa comigo a ir pra farra com eles.

— E a mensagem da Luciana, era o que?

— Eu disse que sempre voltaria pra você. — Ele falou amuado, e a sensação de alívio me dominava lentamente. Talvez fizesse sentido. Talvez.

— Eu não sei... — Eu falei e ele deixou escapar um sorriso, mas se recompôs.

— Eu vou tomar um banho e a gente sai pra tomar café em algum lugar. Tudo bem? — Ele perguntou, mas eu não respondi. O Pedro entrou no banheiro e eu fui procurar uma roupa para vestir.

Optei por um short jeans folgado, e uma camisa polo branca. Vesti-me e fiz uma maquiagem leve. Prendi o cabelo em um rabo, passei perfume e calcei uma sapatilha bege.

Esperei pelo Pedro na sala, confusa com essa situação toda. Nós fomos ao shopping para comprar um celular novo para ele. Íamos para um campo de golfe, mas minha mãe ligou e acabamos indo passar o dia com ela.

— Não sei por que ainda fico preocupada quando brigam. — A minha mãe falou ao nos cumprimentar.

— A Bruna é louca, Laura. — O Pedro falou, me recriminando. Eu olhei-o rancorosa, mas disposta a ignorar o meu ciúme e não relembrar a cena da noite anterior.

— Mandeí fazer a lasanha que você pediu Bruna. — Minha mãe avisou, seguindo para a cozinha. — Já tomaram café?

Nós fomos comer, e depois ficamos na sala, vendo TV. O Pedro, que mal dormiu durante a noite, logo se rendeu ao sono. Eu passei a irritá-lo, mexendo nos seus lábios, porque estava entediada.

Ele começou a me xingar e exigir que eu parasse, mas eu me divertia com isso e só parei quando ele me prendeu entre os seus braços, e nos deitou no sofá.

— Eu te amo. — Sussurrei, deixando um beijo em sua bochecha. Ele sorriu, mas permaneceu com os olhos fechados. — Ah, sabe pra onde nós poderíamos ir no próximo final de semana? — Eu perguntei animada.

— Hum? — O Pedro perguntou, desinteressado.

— Pro Rio de Janeiro.

— Vamos pra fazenda do Joca. — Ele falou, apalpando minha bunda, descaradamente. — A
NACIONAIS - ACHERON

gente vai pro Rio no fim do ano, amor. Passar mais tempo. – Ele falou cansado e pegou meu celular, que vibrou no bolso do short. Eu me sentei surpresa ao ver que era o Daniel, e o Pedro sentou, curioso. – Não vai atender?

— Ué, pra que? – Perguntei desconfiada. Eu estava no mínimo envergonhada para atender o Daniel. E se fosse uma proposta para mais uma noite casual? O que ele pensaria de mim? Que eu era uma louca, que surta de ciúme, que não confia, mas sempre volta para o ex-mimado? O Pedro atendeu a ligação.

— Vê se para de ligar pra ela, babaca. – Ele resmungou, antes de desligar.

Eu senti minhas entranhas se apertarem de raiva, mas me contive. Levantei e fui para a área das piscinas, onde o meu pai jogava *Buraco*, com a minha mãe. Logo o Pedro se juntou a nós, mas além de não gostar, ele era péssimo e isso nos fazia perder.

O dia seguiu mais tranquilo e no fim da tarde, nós fomos à casa do Pedro, para ele pegar mais algumas roupas e não me deixar dormir sozinha.

Eu estava na sala, quando o Augusto se

sentou no outro sofá. Eu odiava conversar com ele. Ele sempre queria saber sobre a minha carreira e falava de como eu fui precipitada em abrir o meu próprio escritório antes mesmo de adquirir experiência.

— Então vocês já pensam em se casar? — Ele perguntou o que para mim soou um pouco zombeteiro.

— Daqui uns anos. — Eu dei de ombros.

— Vão viver de...?

— O meu escritório vai muito bem. — Eu respondi desinteressada, folheando uma revista de moda, da Leandra.

— Mas a carreira do Pedro vai na merda. — Ele retrucou, deixando escapar um risinho. — Se ele for depender disso, vocês não vão ter essa vida boa.

— Deve ser mesmo difícil ser obrigado a trabalhar com algo que a gente não gosta. — Eu repliquei, sem olhá-lo.

— Em qualquer área ele seria relapso. — O meu sogro sibilou e eu suspirei, ignorando-o. — O Daniel não teve a vida mansa do Pedro, nem as chances que ele desperdiçou e ainda assim, consegue se destacar.

— Porque ele faz por paixão. — Eu falei, fazendo um bico desdenhoso. — E resultado, a gente só se adquire com paixão e talento.

— Coisa que o Pedro Luiz tem por gastar.

— Deve ser mesmo difícil ter um pai tão frustrado. – Eu resmunguei, finalmente o olhando. Ele ia me responder, mas a empregada abriu a porta e o Daniel passou por ela, com uma pilha de pastas nas mãos.

— Eu apoiaria qualquer escolha descente do Pedro Luiz, Bruna. O problema é que ele só escolhe o que ao vale a pena. – O Augusto falou, se levantando sorridente.

Eu fechei a revista com raiva e me levantei. O Daniel entregou as pastas ao Augusto e veio até mim, me cumprimentado com um beijo no rosto.

— Já está tudo bem? – Ele perguntou,
NACIONAIS - ACHERON

educado. Eu sorri ao encontrar o seu olhar sereno.

— Está sim. Obrigada, por me deixar em casa, ontem. – Eu falei perdida naquele mar de olhos azuis.

— Bem, eu vou estudar algumas causas com o patrão. – Ele avisou já se afastando.

Eu o segui com o olhar, me sentindo inescrupulosa por desejar tanto um beijo dele. Um beijo daqueles que nos levam para a cama. Ou ele, na minha cama.

Sacudi a cabeça, espantando os pensamentos

e segui para a cozinha, mas parei, ao notar que dava para ouvir a conversa que vinha do escritório.

— Perda de tempo. — O Augusto falou. — A Bruna é boa pessoa, mas assim como o Pedro, nasceu com a vida ganha e não tem compromisso sério com nada. Nem o próprio relacionamento deles, eles respeitam. Vivem terminando, ele vive a traindo. — Ele resmungou, e eu me aproximei mais da porta, notando que o Daniel só assentia, enquanto mexia numa das pastas. O Pedro vive me traindo? Quando, se ele tem dormido comigo todas as noites? E nós só terminamos uma vez! — Pior é o desleixo dele. Sequer aparece no escritório. Depois quer pegar causas importantes, como se ele fosse

capaz de lidar com algo além de divórcios.

— Vamos, amor? — O Pedro falou e eu dei um pulo de susto, algo que o fez rir. — Tudo bem? — Eu assenti e o segui para fora da casa.

Tomei um banho quente ao chegar em casa, e vesti um pijama leve, de seda. O Pedro estava deitado na cama, configurando seu novo celular. Eu o analisei. Ele era um dos homens mais lindos que eu conhecia, mesmo que eu fosse suspeita para falar.

Eu não concordava com o que seu pai dizia sobre sua carreira de advogado. Já era difícil para ele exercer uma profissão que não se identificava,
NACIONAIS - ACHERON

ser diminuído então... Claro, o Pedro era um mimado, consumidor compulsivo, mas... O que estava me deixando mais confusa era seu pai afirmar para o Daniel, que o Pedro Luiz me traía frequentemente.

Eu me sentei à beirada da cama, cautelosa e ele abaixou o celular, me olhando.

— Que foi?

— Você já me traiu alguma vez? – Eu perguntei cuidadosa e ele franziu o cenho. Suspirei forte, para levar esta conversa adiante. – Pedro...

— Amor, só aquela vez, com a Lu.

— Antes... — Insisti, deixando que ele entrelaçasse nossas mãos. O encarei firme, para analisar a sua reação. Ele não me respondeu e se aproximou mais de mim, deixando um beijo casto em meu queixo. Eu fechei os olhos, procurando por sua boca, e então iniciamos um beijo calmo, longo. Ele me puxou para o seu colo, e eu enrolei as pernas em sua cintura, rebolando contra sua ereção.

— Pedro, não encerra uma conversa assim. — Eu pedi, jogando a cabeça pra trás, enquanto ele beijava o meu pescoço, e logo chegou aos seios.

— Um homem que namora você, não precisa trair. — Ele sussurrou contra minha pele, voltando para minha boca. — Precisa? — Perguntou com um

sorriso levemente zombeteiro, e uma raiva cresceu em mim. Como se isso tivesse algo a ver. Ele era o cara perfeito para mim e ainda assim, eu me vi desejando um beijo de outro, na casa dos seus pais, ao lado dele.

— Eu ouvi seu pai falando. – Eu fechei os olhos, e fiz uma pausa após falar. – Que nós somos dois mimados, temos a vida ganha...

— Vai levar o que o meu pai diz, a sério, Bru? – Ele perguntou impaciente, e eu relaxei os ombros, tomando coragem para olhá-lo.

— Nenhuma vez? Nem no início do namoro?
– Perguntei, insistente e ele bufou um suspiro. Nem a sua ereção eu sentia mais.

— Início de namoro, a gente nem sabe o que quer. Não conta. Vai remoer passado, agora? – Ele perguntou, irritado, me tirando de seu colo rapidamente.

— Você deveria se importar mais com o que eu sinto!

— Se você não fosse tão dramática e neurótica, a gente não brigaria tanto! – Ele ralhou, erguendo as mãos de uma maneira enfática e se levantou, saindo do quarto.

Eu joguei um travesseiro em direção à porta e gritei que ele era um idiota. Ele era um idiota! Dez minutos depois, eu fui procurá-lo na sala, onde ele

NACIONAIS - ACHERON

estava deitado no sofá e tinha os braços cruzados, fitando o teto. Eu me apoiei atrás do sofá e olhei-o.

— Desculpa, vai. Seu pai me tira do sério. Ele não pode controlar a vida de todo mundo, é um saco ouvir sobre como eu só tenho clientes graças ao meu pai, ou de como nós não teremos uma vida confortável se formos nos casar. Mas o pior de tudo foi vê-lo insinuar que você vive me traindo.

— Se eu fosse te trair, esconderia mais do meu pai que de você. — Ele falou carrancudo. Eu relaxei os ombros, não por engolir e aceitar de bom grado as suas desculpas, mas por não querer mais brigar.

— Vem pro quarto, vai... — Eu pedi com

NACIONAIS - ACHERON

malemolência, e ele se levantou.

Na manhã seguinte, eu acordei antes do Pedro, e fui tomar um banho. Notei que estava ridiculamente mais gorda e decidi me matricular numa academia. Estava em frente ao espelho, passando maquiagem, quando o Pedro entrou, me abraçando por trás.

— Queria passar o dia inteiro na cama com você. — Ele sussurrou contra o meu pescoço e eu dei um risinho.

— Nós deveríamos dar na cara do seu pai e mostrar que somos responsáveis. — Eu falei, barrando a sua mão boba que ia sob meu roupão. —

E isso poderia começar com você chegando cedo ao seu escritório.

— Ele vai adotar o Daniel e dar tudo pra ele.

— Você é muito criança. — Eu revirei os olhos, pegando o pó compacto. — Invés de implicar, você deveria mostrar que pode fazer melhor.

— Aquele merda vai num domingo trabalhar pra mostrar serviço, não dá pra simplesmente competir.

— Pedro, eu desisto de você. — Eu dei um riso, passando pó bronzeador como blush e em seguida rímel a prova d'água. Ele foi tomar um banho e eu preendi meu cabelo em um rabo alto. Saí do banheiro e vesti uma calça jeans, com um suéter

NACIONAIS - ACHERON

preto, e calcei um scarpin preto. Passei perfume e fiquei tentada em deixar o meu namorado tirar a minha roupa, quando ele saiu todo provocativo do banho.

— Amor — Eu sussurrei contra sua boca, com a respiração falha, enquanto ele desabotoava minha calça. — Pedro, não... — Eu falei, gemendo fraca, deixando que ele descesse a minha calça, o suficiente para acariciar meu sexo.

— Bem rapidinho. — Ele prometeu me penetrando um dedo, e eu apertei os olhos, e puxei-o para um beijo. Tive a necessidade de tirar o suéter, por causa do calor.

— Eu preciso trabalhar. — Eu lembrei,
NACIONAIS - ACHERON

querendo direcionar a sua mão, fazê-lo ir mais rápido. Ele assentiu, girando o dedo dentro de mim e eu lamuriei o seu nome, afundando as unhas em seus ombros. Em seguida ele tirou o dedo de mim, me fazendo chupá-lo.

— Tira tua roupa e senta na poltrona, gostosa.
— Ele mandou, indo até o criado mudo, do seu lado da cama, fuçando a segunda gaveta, onde ele havia enchido de coisinhas pornográficas.

Eu tirei a calça e a calcinha, mas ele apontou para o sutiã, eu o tirei e sentei na poltrona bege, próxima a cama. O Pedro me sorriu e eu quis levantar e fugir quando ele voltou com duas

NACIONAIS - ACHERON

algemas. Essa brincadeira tinha graça ao contrário. Ele tinha prazer em me levar à borda e puxar, me deixando no vácuo antes que eu gozasse.

— Isso não tem graça. – Eu falei o olhando, que me prendia ali. O meu namorado riu, afastando mais as minhas pernas.

— Não tem, mas te excita como uma... – Ele deixou a frase no ar, e bufou um suspiro ao ouvir seu celular tocar.

Ele atendeu, dispensando rapidamente e se abaixou entre as minhas pernas, me examinando minucioso. Eu choraminguei e ele riu, correndo um dedo verticalmente em meu sexo, me fazendo

NACIONAIS - ACHERON

estremecer. Ele levou o dedo para dentro de mim rapidamente e eu fechei os olhos, soltando um gemido longo de satisfação ao sentir a sua língua em meu clitóris, fazendo os movimentos certos, do jeito que ele sabia que me levava à loucura.

Aos poucos ele foi diminuindo o ritmo de sua boca, e subiu os beijos até chegar ao meu seio, me beijando avidamente. Eu gemi frustrada por ter as mãos presas e querer afundar os dedos em seu cabelo, mas ganhei um beijo longo e intenso, antes de ele ficar de pé e me colocar para chupar o seu membro.

Eufiz cautelosa, olhando-o que puxava o meu cabelo e me sussurrava coisas que eu só aceitaria ouvir num momento como este. O Pedro me fez parar antes que gozasse e me soltou, me levantando.

Eu estava toda mole e manipulada por ele, que se sentou, e me colocou em seu colo, entrando em mim de uma vez. O nosso gemido foi alto, e eu juntei nossos lábios, no que deveria ser um beijo, mas não nos encontrávamos, então iniciei movimentos rápidos e beijava o seu pescoço, enquanto ele me puxava pelo quadril, me dando tapas fortes. O Pedro me segurou forte, para que eu

NACIONAIS - ACHERON

parasse de me mover, e eu olhei-o confusa, deixando um beijinho em seus lábios, sentindo meu corpo arder de tesão quando ele passou a ponta do dedo no meu clitóris, o deslizando para dentro de mim, o tirando rapidamente.

— Rebola bem gostoso, minha puta. — Ele sussurrou e eu, já mole e me sentindo perto, retomei movimentos lentos, apoiando as mãos em seus ombros e nos olhando conectados. Gemi surpresa por ele levar o dedo sujo com a minha excitação até o meu ânus, onde ele acariciou, me penetrando lentamente. Eu joguei a cabeça para trás, não sabendo mais lidar com o prazer que estava prestes a explodir em mim, e implorei por

ele, choramingando e o arranhando com força. Ele nos levantou e me deitou na cama, me chupando deliciosamente, antes de me penetrar forte, mantendo investidas fundas e eu gritei seu nome, tão alto que o prédio inteiro deveria ter ouvido.

Eu o arranhava e gritava refém de um orgasmo inacabável e ele tampou minha boca, continuando as estocadas intensas. Eu me vi perdida ao gozar uma segunda vez, tão intensa quanto à primeira, e apertei minhas pernas em volta do seu corpo, a fim de fazê-lo parar, porque me sentia morrer. O Pedro riu, abrindo-as novamente, indo fundo e, eu chorei, apertando a colcha da

NACIONAIS - ACHERON

cama. Logo em seguida o vi afundar o rosto em meu pescoço, e me encher com seu gozo, sussurrando que me amava e que eu era dele. Quando a nossa euforia passou, ele beijou as minhas lágrimas, e seguiu os beijos até chegar à boca, então trocamos um beijo apaixonado e longo.

O Pedro saiu de dentro de mim e deitou ao meu lado, me puxando. Eu me aconcheguei contra o seu corpo, e afundei o rosto em seu pescoço, exausta para pensar em qualquer outra coisa agora.

Nós acabamos indo trabalhar só depois do almoço. Eu estava ridiculamente relaxada e

NACIONAIS - ACHERON

sorridente, algo que me fez adiantar o projeto magnífico da casa dos *Neves*.

Eram amigos dos meus pais e eu os conhecia desde sempre, então queria fazer algo moderno, mas a cara deles. Meu pai estava orgulhoso disso, porque escritórios arquitetônicos grandes queriam fazer a casa deles e eles optaram por mim. Claro que eu poderia ignorar o quanto a amizade foi favorável a mim.

Eu estava concentrada no meu computador, quando o meu namorado entrou na minha sala, trazendo dois copos de Milk-shake. Ele me

NACIONAIS - ACHERON

entregou um, e se sentou à cadeira em frente a minha mesa.

— Não aguento mais aquele ambiente. — Ele falou e eu dei risada, tomando um pouco da bebida de baunilha.

— Já pensou em trabalhar por conta própria?
— Eu perguntei, me levantando e fui até ele, me sentando de lado em seu colo.

— Eu queria uma maneira de arrancar o Daniel de lá, Bruna. Esse babaca apareceu pra atormentar.

— Para de implicar, vai.

— Está ocupada agora à tarde? — Ele

perguntou, brincando com a barra do meu vestido preto.

— Sim, tenho hora marcada com a Mônica, vamos olhar os móveis da nova casa dela.

— Que pena. — Ele torceu a boca. Eu coloquei o copo do Milk-shake sobre a mesa e dei-lhe um beijo rápido.

— E você?

— Teria uma audiência hoje, mas meu pai entregou a causa para o doutor perfeito. — Ele zombou.

— Você já pensou em administrar imóveis com a sua mãe? — Eu perguntei e ele me olhou,

ponderando a sugestão. — Além do que, você poderia começar a faculdade de publicidade, esquecer essa carreira frustrada de advogado. Valeria a pena, se o seu pai reconhecesse o seu esforço, mas ele não tá nem aí. .

— Amor, não é assim tão fácil.

— Difícil é você colocar mil empecilhos pra tudo. Pensa no que eu te falei. A sua mãe ia adorar.

— Eu incentivei.

A Leandra adoraria até se ele inventasse de ser padeiro, ela o idolatra.

— Vou conversar com ela hoje, então.

Nós ficamos ali, jogando conversa fora e namorando até a Mônica chegar. Ela era uma perua enjoadinha e brega, tentar fazer algo neutro e sofisticado em sua casa foi uma missão difícil.

À noite, nós fomos jantar na casa dos pais do Pedro. Até o Daniel estava lá, acompanhado de uma morena magra, alta. Eu fiz uma carranca, por ele ser esse idiota que tem mulher para cada dia do ano.

O protótipo certo para cada ocasião.

Eu analisei a roupa da mulher, um vestido longo, preto, de alças finas. Quis voltar em casa e vestir algo mais chique, também, porque eu vestia uma saia de cetim, de cós alto e uma blusa de renda, um pouco mais clara. Logo os meus pais chegaram, e eu fui paparicada pelo meu pai, devido ao projeto que se eu fizesse bem feito e eles realmente optassem por ele, me renderia elogios infinitos e eu ganharia influência profissional.

— Para de olhar! — A minha mãe bronqueou, me entregando uma taça com champanhe. Eu olhei confusa para ela, desviando o olhar do Daniel, que deixou escapar um risinho.

— Você viu que horrorosa a magrela que está

com ele? – Eu perguntei, chocada.

A minha mãe me lançou um olhar rancoroso.

— Oi, Pedro! – Ela falou quando ele se aproximou. – Eu estou muito feliz com o namoro de vocês! – Ela continuou enfática, me olhando como se me lembrasse disso.

Então eu caí em mim: eu não poderia dar chiliques pelo Daniel, porque eu namorava o Pedro.

Além disso, eu amava o Pedro Luiz. Ele sorriu para ela, passando um braço em volta do

meu corpo, repousando a mão em meu quadril, beijando a minha cabeça.

— Eu vou ao banheiro. — Eu falei, entregando a taça ao Pedro. Eu ia em direção ao banheiro, quando o meu sogro me parou, me apresentando ao casal, educadamente.

— Carlos, Maria Clara, essa é a Bruna, namorada do Pedro. — Ele falou, educadamente. Eu sorri, os cumprimentando. — Ela é arquiteta, tem crescido muito rápido e em pouco tempo. Foi ousada, abriu o próprio escritório antes mesmo de terminar a faculdade. — Ele continuou e eu sorri, mas estava confusa. O Augusto geralmente diria que eu fui precipitada, mas que estava lutando para

crescer profissionalmente. E eu era a *namoradinha* do Pedro, apresentada ocasionalmente, por estar ao lado dele.

Segui pelo corredor, mas antes que entrasse no banheiro, vi o Daniel no escritório. Ele falava no celular e ria. Num devaneio e agindo como uma adolescente ridícula, eu entrei ali e fechei a porta. Ele parou num susto a me ver, mas desligou a ligação, sem nem se despedir.

— Oi? – Perguntou confuso e eu fiquei quieta. O que eu vim fazer aqui? Que tipo de pessoa eu estava virando? – Bruna, tudo bem?

— Tudo.

— Quer me falar algo? — Ele perguntou cauteloso e eu deixei escapar um risinho.

— Você e aquela morena... É... Estão, sei lá, juntos? — As palavras me deixaram, como se eu fosse um robô, sem vontade própria. O Daniel riu, guardando o celular no bolso. Ele vestia uma camisa social escura, com um blazer marrom, que lhe davam um charme inexplicável. Isso para não falar do maldito cabelo desganhado.

Eu me deixei voltar nos nossos momentos, me lembrando do seu corpo no meu, da sua boca na minha e fui mais fundo, me lembrando da sua boca em meu corpo. Um calafrio me percorreu inteira e

NACIONAIS - ACHERON

eu apertei os lábios, tombando para o lado, me apoiando na mesa de vidro que havia ali. O Daniel veio até mim, me segurando, como se eu precisasse de apoio.

— Tudo bem? – Ele perguntou confuso e eu olhei-o, querendo afundar o rosto em seu pescoço e inalar seu cheiro como uma dependente química. Desci o olhar até sua boca, e depois voltei a olhá-lo nos olhos.

Eu corri a língua sobre os meus lábios, mas a minha boca estava seca. A sua mão que estava em meu braço subiu, acariciando meu cabelo, e eu me curvei como um gato quando ele a levou para

NACIONAIS - ACHERON

minha nuca. Minha respiração falhou e eu fechei os olhos, ignorando qualquer alarde do meu subconsciente que insistia para que eu parasse.

Meu corpo inteiro estremeceu quando eu o senti roçar o polegar nos meus lábios, contornando-os e uma sensação pior, quando senti os seus lábios. Eu levei uma mão por entre o seu cabelo quando ele correu a língua impetuosamente em meus lábios, e então, fraca para aguentar a sua brincadeira, beijei-o.

Foi lento, profundo e nós nos explorávamos cautelosamente. Era maldoso, porque me

NACIONAIS - ACHERON

incentivava a querer mais. O Daniel encerrou o beijo aos poucos e passou a brincar com os meus lábios, enquanto eu tentava beijá-lo, mas ele não deixava e quando o fazia, era rápido e torturante.

Eu gemi em protesto, e ele riu contra minha boca, nos aprofundando em um beijo rápido, porque alguém abriu a porta e ele se afastou de uma vez.

— Então, como eu ia dizendo, aquela mansão no bairro de Lourdes é a melhor opção... — O Augusto foi parando de falar ao nos ver ali. — Tudo bem?

— Tudo, eu só estava procurando por um
NACIONAIS - ACHERON

livro, o Pedro falou que estava aqui, mas não está!
– Eu falei ridiculamente nervosa e o meu sogro
olhou para o Daniel, que fingia mexer no celular.
Eu queria cavar um buraco e me enterrar, porque o
meu batom rosa estava na boca dele. Saí dali quase
correndo e me escondi no banheiro, respirando
fundo a fim de controlar o coração acelerado.

Que loucura eu estava fazendo?

Não era como se eu estivesse confusa entre
amar o Pedro, ou sentir algo pelo Daniel. Eu
escolheria o Pedro, sempre.

Eu sacudi a cabeça, me perguntando o porquê de ter feito aquilo. Peguei um pedaço de papel, e limpei a minha boca borrada. O meu sogro já não era meu fã e me pega traindo seu filho!

Passei o batom novamente, e respirei fundo mais uma vez. Eu era uma pessoa centrada e convicta do que queria e com certeza, não era o Daniel. Era mais fácil levar uma vida ao lado do Pedro.

Eu o amava, ele dizia me amar. Nós não

vivíamos um namoro tedioso e nem éramos um casal tão perfeito a ponto de nos enjoar. O sexo com ele era perfeito, eu não tinha do que reclamar. Os meus pais o adoravam, a sua mãe era um amor comigo. Porque então eu estragaria tudo para ser mais uma na cama de um cara que sequer repete mulher?

Capítulo 05

Voltei para o Pedro, que questionou minha demora, mas eu inventei que estava no escritório de seu pai, conversando com ele.

— Você e o meu pai? — Ele zombou e eu assenti, pegando uma taça com o garçom que passava por nós. Eu evitei olhar para o Augusto, que me lançava olhares reprovadores, e queria ir até o Daniel, limpar direito os vestígios do nosso beijo. A Leandra se aproximou de nós, me dando um abraço apertado, e beijando meu rosto. Ela havia bebido um pouco a mais esta noite.

— Sabe o que eu queria? – Ela perguntou, nos analisando, mas não esperou que perguntássemos o que. – Um neto. Vocês poderiam se casar e me dar um neto! Que maravilha! – Ela falou um pouco alto demais, e os olhares se voltaram a nós. O Daniel se engasgou com a bebida e o Pedro deu risada.

— Mãe, é muito cedo. – Ele falou, pegando a taça dela. – Você já pensou no que eu te falei?

— Sim, meu amor. Eu adorei a ideia. Tinha que vir da Bruna, não é? – Ela sorriu para mim. – Mas o seu pai não tem pra quem deixar o escritório. Tantos anos de esforço, para um dia ir parar na mão de qualquer um...

— Isso não vai acontecer, papai é novo pra já

pensar nisso. – O Pedro resmungou.

— Eu vou adorar ter você trabalhando comigo. – Ela sorriu. A noite seguiu sem maiores emoções.

Digo, eu e o Pedro brigamos e ele alfinetou na frente de todos sobre o Daniel não tirar os olhos da namorada dos outros. Ele é infantil. Nós brigamos quando chegamos em casa, por ele alegar que eu retribuía descaradamente aos olhares *daquele merda*.

Isso porque ele jamais sonharia sobre o beijo.

PERIGOSAS

O Pedro falava e falava como uma mulherzinha ciumenta, enquanto eu tirava a roupa, ficando nua sobre os saltos em sua frente e só parou quando eu introduzi duas bolinhas explosivas dentro de mim, resfolegando ao senti-las estourarem e encerramos definitivamente a briga quando ele viu o liquido escorrendo pelas minhas pernas.

Mesmo depois de um sexo intenso, melhor, mesmo depois de três transas quase seguidas, eu não consegui dormir. O meu namorado dormia serenamente e eu o olhava, me sentindo culpada. Eram quase cinco da manhã, quando eu decidi confessar o meu blefe para a Mari.

NACIONAIS - ACHERON

“eu beijei o Daniel”

“to sabendo, você é louca kkkkk”

Ela respondeu, quase na mesma hora.

“acordada essa hora?”

*“azia, não consigo dormir. O Joca falou
comigo, o Dan parece vulnerável a você”*

Eu franzi o cenho ao ler, mas ainda sorri.

“não quero falar disso, eu amo o Pedro e nos estamos muito bem”

“eu também estaria confusa, com dois gatos desses para escolher hahahahaha”

“não é questão de escolher! É de amar, e eu amo o Pedro. O Daniel é só uma aventura.”

“sei... mas ou você namora o Pedro, ou tem uma aventura com o Daniel”

“vou dormir e namorar o Pedro, não estou confusa.” – Estava louca, isso sim.

Eu voltei a olhar o Pedro e me aconcheguei em seu corpo. Ele me prendeu entre seus braços e eu beijei seus lábios, sussurrando que o amava. Acho que por isso é de se desconfiar quando o parceiro (a) fica meloso demais. A culpa nos faz querer demonstrar mais amor.

Não consegui dormir e levantei cedo. Estava na cozinha, olhando o trânsito agitado pela janela da área de serviço, quando o Pedro chegou ali, me abraçando por trás.

— Bom dia. — Ele sussurrou, e eu dei risada, ao sentir sua ereção. Era a cara dele, acordar excitado e correr até mim, como se eu fosse a sua fonte de alívio.

— Maravilhoso. — Eu falei, animada, mas ele já havia erguido a sua camisa que eu vestia. Não precisei olhar para trás, para saber que ele estava nu. O Pedro brincou os dedos em meu sexo, para me preparar para ele, e entrou rápido em mim, gemendo aliviado.

— Sonhei com isso a noite toda. — Ele gemeu junto comigo, como se nós não tivéssemos transado loucamente na noite anterior.

O Pedro foi encontrar sua mãe na imobiliária e eu fui ao shopping com a Mari, para aproveitar a manhã livre.

— Você vai acabar com alguma doença causada por excesso de sexo. — Ela falou, quando eu reclamei ao me sentar. Eu acenei com a mão, como se isso fosse impossível. — Mas e então você agarrou o Daniel e ainda foi pega pelo sogrão!

— Eu não sei o que me deu. O Pedro não precisa saber disso. — Eu falei entediada.

— Ah, esse final de semana nós vamos pra fazenda. Só nós quatro, ok? — Ela contou animada e eu assenti, sentindo a fadiga de uma noite sem dormir, crescer em mim.

— Eu não fico pensando no Daniel como uma louca apaixonada, também. – Eu me expliquei e ela me olhou desconfiada. – Digo, quando eu o vejo, eu tenho vontade de beijá-lo. Mas que mulher não teria? – Eu argumentei, e ela deixou escapar um risinho.

— Eu entendo.

— Não entende Mari! – Eu falei malevolente.
– Se você tivesse beijado, ou transado com ele, entenderia do que eu estou falando.

— Então o bonitão consegue ser melhor que o Pedro, que te deixa doendo até para se sentar? – Ela perguntou divertida e eu lhe lancei um olhar reprovador.

Pedi um cappuccino, e ela um café expresso, cheio de frescuras.

— Não é isso. — Eu falei completamente perdida na minha linha de pensamento. — Não é sobre ser melhor.

— É sobre beijar o Daniel, porque ele soa como algo proibido. — Ela sugeriu. — O Pedro o detesta. Coincidentemente você ficou justo com ele no término de pouco menos de duas semanas. E agora você encontra com ele casualmente, na casa dos seus sogros. Seria fácil se o Daniel não fosse tão gostoso.

— É, pode ser. — Eu acenei com a mão, para
NACIONAIS - ACHERON

mudarmos de assunto. – E como estão as coisas?

— Ah, eu queria fazer a casa dos Neves! No escritório todos comentam que foi injusto, porque você não tem influência para algo desse porte. – Ela falou rindo e eu revirei os olhos. – E tem os que dizem que é fácil quando seus pais enviam clientes de mão beijada, para você.

— Sim, eles agenciam a minha carreira, mas se eu não fizesse algo bom, não indicariam e nem voltariam a procurar. Meus pais não podem obrigar ninguém a me contratar.

— É só aquele recalque bobo de quem não teve a sua chance. E eu quero ver as suas ideias, por favor! – Ela falou animada.

Nós compramos mais algumas bobagens e eu comprei um relógio para o Pedro, porque ele era viciado nisso e eu queria me desculpar.

— Eu acho que você deveria parar! O Pedro vai acabar estranhando você virar essa louca romântica! — A Mari falou horrorizada. — Só falta mandar flores e chocolates. — Ela riu e eu peguei o embrulho no balcão da loja.

Ao sair dali, nós fomos para o meu escritório, onde eu lhe mostrei os novos projetos, e ainda ganhei umas dicas de onde poderia melhorar.

À tarde eu tinha reunião marcada com o Marcos e Marcela Neves, para apresentar o projeto da casa. Estava nervosa como uma louca e o Pedro queria me tranquilizar com sorvete.

— Eu preciso de vodca! — Eu falei enfática e ele riu, se inclinando para beijar meus lábios.

— Está perfeito. Relaxa, Bruna.

— Você entende a dimensão disso? — Eu perguntei irritada por ele achar que era só mais um trabalho qualquer.

— É só uma casa. — Ele falou o óbvio e eu bufei um suspiro.

— Você nunca entende!

— Vai começar? — Ele perguntou desinteressado, enquanto saíamos da sorveteria. — Aniversário do Bruno hoje, jantar na casa dele mais tarde.

— Pedro, eu estou com problemas sérios e você querendo que eu priorize aniversário do Bruno? — Eu perguntei incrédula, mas ele riu, destravando o carro, e ainda abriu a porta para mim.

— Não, enjoada. Só estou te avisando, se acalma.

— Você nunca entende! — Eu falei irritada, entrando no carro.

Não fiquei tão nervosa quando chegou a *grande hora*. O clima familiar que os dois transpassavam para mim me deixou tranquila e a reunião seguiu informal, com a Marcela alegando que eu seria a namoradinha perfeita para o Marcos Junior, um galinha de primeira. Se o Pedro era mimado e exibicionista, ele era dez vezes pior.

O Marcos, que era um cirurgião influente, analisou com mais cuidado todo o meu trabalho, algo que deixou meu coração apertado, mas o seu sorriso de satisfação me deixou orgulhosa do que havia feito.

— Eu não esperava algo tão... — Ele falou surpreso, deixando a frase no ar. — Por mim, está perfeito. Vocês podem cuidar de todo o resto.

Como não tinha algum compromisso importante no resto do dia, fui ao shopping comprar alguma roupa para o aniversário do Bruno. Eu não conhecia, então poderia ser alguém do escritório.

Ainda perguntei para a Mari, que fez o favor de checar o que o Daniel faria a noite.

“jantar de aniversario de um colega de

trabalho”

Ela enviou na mensagem.

Depois questionou a minha curiosidade. Não seria uma noite de rapazes, senão o Pedro não me levaria. E se era coisa do trabalho, a Luciana talvez estivesse por lá.

Experimentei oito vestidos, até a vendedora aparecer com um de seda num tom perolado, com alças finas, com um decote justo, que valorizava os meus seios, mas não chegava a ser vulgar. Ele tinha

um corte reto, e era curto o suficiente para exibir as minhas cochas. E tinha um decote profundo nas costas. O Pedro iria surtar, pela maneira que eu o conheço, mas eu queria me mostrar, ou me sentir mais que alguma outra que o Daniel fosse levar. E manter o Pedro preocupado com quem estaria me olhando, impediria que ele perdesse tempo olhando para outra, ou a Luciana.

Ao chegar em casa, tomei um banho quente e demorado. Enrolei-me no roupão ao sair e sequei o meu cabelo, o deixando bem liso. Fiz uma maquiagem fraca, passando delineador e bastante rímel. Coloquei apenas um par de brincos pequenos

e calcei um scarpin preto verniz.

O Pedro chegou para me buscar as oito e meia e sugou o meu gloss, no beijo inacabável.

— Você é o cara mais tarado que eu conheço.
— Eu falei, serpenteando a minha mão em sua ereção, sobre a calça.

— Eu sou o cara mais sortudo, também. — Ele sussurrou, cheirando meu pescoço, acariciando a base exposta das minhas costas. Ele me olhou surpreso quando eu lhe entreguei o relógio, mas acabou trocando e usando-o. — Alguma data especial e, eu esqueci? — Ele perguntou confuso e eu neguei com a cabeça, me inclinando para beijá-
NACIONAIS - ACHERON

lo.

Quando chegamos, fomos cumprimentar o tal Bruno e eu serpentei o local a procura do Daniel. Não demorei a encontrá-lo, numa conversinha animada com uma loira. Eu revirei os olhos para as suas mil mulheres e como isso era ridículo.

E de como os caras iam cumprimentá-los na maior veneração.

— Seu pai comentou sobre você sair do escritório. — O Daniel falou com o Pedro ao se aproximar. Ele apenas me lançou um sorriso em

cumprimento. Eu queria um abraço, dois beijos no rosto.

— Hum. — O Pedro respondeu frio e eu olhei-o, contendo o riso.

— E pretende mesmo tocar os negócios da sua mãe? — O Daniel perguntou, bebendo um pouco do que eu julguei ser vinho.

— Sim, ele vai. Até porque além de não se dar bem com o Augusto, o Pedro detesta a vida de advogado. — Eu falei, já que o meu namorado era marrento e mimado o suficiente para ignorar. — Eu aposto que ele vai se sair bem.

— Eu espero que sim. — O Daniel falou, educado.

A loira que estava com ele se aproximou de nós e eu a analisei. Era bem magra, do tipo modelo. E uma aparência elegante, com traços fortes, mas era feia. Sim, feia. Eu me senti pequena diante dela, não entendendo o porquê de querer competir com as mulheres dele. O Daniel não nos apresentou a sua acompanhante e se afastou com ela. Minutos depois o meu celular vibrou numa SMS.

“doido por um beijo :/”

Não preciso mencionar de quem era não é? O

Pedro perguntou o porquê do meu sorriso exacerbado, mas eu disse lhe que era só porque eu o amava e estava feliz com a nossa volta.

— Deveríamos terminar mais vezes, se é pra você ficar amável assim. — Ele falou, cheirando meu cabelo.

O resto da noite seguiu tediosa, e depois do jantar, nós fomos para o apartamento do Maicon, onde a galera do Pedro estaria, bebendo como se não fosse terça-feira.

O local era iluminado por luzes de boate e

uma música eletrônica animava. Eu logo encontrei a Lorena e a Luciana e me juntei a elas.

— Esse pessoal não trabalha amanhã não? — Eu perguntei, como se eles não fossem filhinhos de papai.

— Bebe um pouco amiga! — A Lori me entregou a sua garrafa de Ice e embalou num rebolado até o chão, que não cabia na música agitada. Eu fiquei com elas um tempo, me embriagando de Ice, entediada.

Estava voltando do banheiro, pelo corredor escuro, quando fui prensada na parede e grunhi com o susto.

— Que foi, amor? – O Pedro perguntou, me prendendo e nos empurrando para o fim do corredor, onde era mais isolado.

— Pedro, eu acho melhor você não inventar de começar algo aqui. – Eu falei, sendo quase interrompida pela sua boca na minha.

— Eu acho melhor você ficar quietinha e foder bem gostoso comigo agora. – Eu deveria ficar chateada com a sua audácia, mas meu corpo contraiu com a possibilidade e eu sequer consegui barrar a sua mão que subia o meu vestido.

Ele rasgou a minha calcinha de renda com um pouco de dificuldade, e deslizou um dedo em meu

NACIONAIS - ACHERON

sexo. Era ridícula a maneira como agíamos, como se fôssemos dois adolescentes com mais hormônios e tesão que o normal. Eu gemi contra sua boca.

— Não pode fazer barulho aqui. — Ele lembrou rindo e eu choraminguei ao sentir o seu dedo entrar em mim devagar. O Pedro fechou os olhos, mordendo meu lábio inferior e eu senti a sua respiração falhar. Ele iniciou movimentos rápidos, mas logo parou, desabotoando sua calça e a puxando para baixo junto com a boxer, erguendo minha perna esquerda em seu quadril, me penetrando forte, de uma vez. Eu abafei o gemido mordendo seu ombro e ele iniciou movimentos intensos, fortes, mesmo sabendo que eu não poderia

fazer barulho.

Eu gemi angustiada quando ele foi parando os movimentos e saiu de dentro de mim, ajeitando a sua roupa.

— Você não... — Eu falei confusa, e o meu namorado riu, pronto para me deixar, mas eu o puxei pela mão. — Se você fizer isso comigo, eu vou dar pro primeiro que chegar perto de mim!

— Só tenta, Bruna. — Ele desafiou, voltando para a sala. Eu respirei fundo, a fim de conter a minha excitação e ainda cogitei usar o banheiro, mas não poderia deixar o Pedro e a Luciana sozinhos na sala.

— Eu estou sem calcinha. — Eu falei com o Pedro, que conversava com o Davi e cuspiu a bebida no copo, me olhando assustado. O Davi riu, e eu lhe lancei um olhar irritado. Eu não o suportava.

— É sério? — O Davi perguntou, e eu olhei-o entediada.

— Me leva embora, Davi? — Eu perguntei para ele e o Pedro lhe entregou o copo, alegando que eu havia bebido demais. Eu dei risada porque sequer havia bebido algo realmente forte, para me tirar a razão. Ele começou os seus discursos até chegarmos ao seu carro, e eu tomei a liberdade de desabotoar sua calça, puxando seu membro para

fora.

A minha noite com o Pedro foi tão longa, que em um momento eu implorei para que ele parasse, mas fui ignorada. Eu sequer tinha condições de ficar em pé. E ter arriscado o sexo anal com ele, me fazia sentir um incômodo, toda vez que me sentava, ou rolava na cama.

Eu amava-o, mesmo com toda a minha confusão e desejo pelo Daniel. Mas havia chegado à conclusão de que deveríamos parar.

— Eu fiz o que você pediu. — Ele falou me

mostrando a embalagem da famosa pílula azul. Eu me virei para ele, puxando mais o edredom.

— A gente deveria ficar aquela coisa fofa, de amor. — Eu falei e ele riu, concordando.

Acabei adiando todos os meus compromissos do dia para ficar na cama, e o Pedro foi trabalhar.

Em algum momento da manhã, eu fui tão traída por mim mesma, que os meus pensamentos voaram para o Daniel e eu respondi a sua mensagem.

“nós não devemos. Aquilo foi um erro.”

Eu enviei, imaginando que fosse a coisa certa a se fazer. Liguei para minha mãe, despejando o meu mar de confusão, mas ela riu, falando que era coisa da idade.

Não era coisa da idade, eu disse-lhe que estava ficando louca, porque se eu precisasse escolher, seria o Pedro, mesmo que ele tenha me traído com a Luciana. Porque agora, eu não achava que tinha alguma maneira para ele estar com ela. A coisa com o Daniel me atormentava por que... Eu não sabia o porquê.

— Eu vou viajar com seu pai, aproveitar o resto da semana.

— Vão pra onde? – Eu perguntei desconfiada.
– Esquecem que tem filhos e não convidam mais. –
Lamentei ironicamente, e ela riu do meu drama.

— Vamos pra uma praia em Mucuri. Você tem o seu namorado e um Daniel bonito para pensar.

— Mãe! – Eu falei, chocada.

— O Augusto insinuou que você beijou o Daniel, debaixo do nariz do Pedro. – Ela contou, falando mais baixo. Eu me senti afundar de vergonha. – De tudo que eu tentei passar pra você, foi isso que você aprendeu?

— Mãe...

— Bruna, eu não vou ficar dando sermão sobre fidelidade, minha filha. Eu espero que tudo isso não tenha passado de um engano. Você não tem mais quinze anos pra brincar de não saber o que quer. O Pedro errou contigo, ok. Mas você não foi obrigada a voltar e você não precisa chegar tão baixo.

— Mãe... — Eu lamentei, ouvindo um suspiro dela.

— Se você não consegue mais ficar só com o Pedro Luiz, peça um tempo, não sei, pensa direito. Se agora você deseja outro homem, lute por isso. Só não engana ninguém.

— Eu não tenho o que pensar. — Eu falei convicta. — Por favor, foi um erro, não vai se repetir.

— Às vezes a gente tem essa vontade boba de se aventurar, mas vai por mim, raramente dá certo.

— Você me confunde. — Eu resmunguei, ouvindo um risinho.

— Às vezes a gente deseja tanto uma coisa, que não pensa nas consequências. O Pedro não é santo, ele te traiu com a sua melhor amiga. Ele não pensou se isso te magoaria, se isso acabaria com vocês. Mas se você voltou, se você é capaz de dormir, de beijar, de transar com ele, é porque perdoou. Então ele não merece uma vingança. E

por mais bonito que esse Daniel possa ser, ele não passa disso, de uma aventura. — Ela falou calmamente, me deixando angustiada, confusa. — O seu pai negou, disse que você não seria capaz.

— Meu deus, que mania de monitorar a minha vida. Você e a Leandra se superam, viu! — Eu falei irritada por isso chegar ao meu pai. Logo o Pedro ficaria sabendo e isso me deixava apavorada. Foi só um beijo, um erro bobo.

— Se você quer correr riscos, Bruna, termina esse namoro e vai viver. Se você ama o Pedro, esquece a sua aventura com o Daniel.

— Mãe, ao contrário do que você pensa, eu não tenho um romance com o Daniel! — Eu falei

NACIONAIS - ACHERON

horrorizada e ela riu. – Eu agi num impulso, mas jamais o faria de novo. Eu sou muito apaixonada pelo Pedro, por favor, eu não preciso de algum outro homem na minha vida.

— Tudo bem. Eu volto no domingo, qualquer coisa, estou no celular. Beijo, meu amor.

Ela finalizou a ligação, e eu pude ver que o Daniel havia respondido a mensagem.

“sim, foi um erro. É mais fácil levar esse namoro vazio, a aproveitar direito a vida”

Eu ri incrédula pela sua audácia. Ele não poderia levar a sério o que o Augusto dizia sobre o meu namoro.

“defina aproveitar a vida”

Eu enviei, irritada. Como se o meu namoro com o Pedro fosse de mentira. Ou por status. Como se não fosse difícil namorá-lo. Como se a gente não se gostasse.

*“sair, conhecer gente, amar o que faz.
Namorar porque é mais conveniente, não é.”*

Eu bufei um suspiro, negando com a cabeça.

“não sei de onde você tirou que o meu namoro é vazio.”

Ele respondeu imediatamente.

“quando as coisas vão bem, a mulher não beija outro cara assim, daquele jeito.”

Eu me senti a pior pessoa do mundo. A pior.
Eu era mesmo uma má agradecida com a vida. Não

tinha nada que desejar o Daniel. Talvez fosse só por ele ser diferente do que eu estava acostumada. Novidade para mim. Só isso. Logo passaria. Se colocar numa balança, perto do Pedro, isso vira nada.

“Às vezes a gente tem essa vontade boba de se aventurar, raramente dá certo.”

Eu enviei, citando a minha mãe e ele me ligou assim que a mensagem deu confirmação de entrega.

— Você é muito audaciosa, garotinha. — Ele

falou debochado quando eu atendi e eu ri irritada.

— Você não me conhece, Daniel. Eu estou errada, eu assumo isso. Mas se deixar levar pelo que o Augusto diz sobre mim e o Pedro, não leva você a uma conclusão coerente.

— Ele conhece o filho que tem.

— Sim, ele conhece o filho que tem, mas vai contra a tudo que ele quer. Você pode afirmar tudo. Diz que o Pedro é mimado, que ele gosta de se exhibir, gosta de uma vida mansa, que volta e meia e gente protagoniza barracos de novela, se xinga e se expõe como não deveria. Mas o nosso namoro não é vazio e apesar de qualquer falha, tem sentimento.

— Bruna, você não tem que me explicar isso.

– Ele falou o óbvio. – Se o seu namoro é tão perfeito assim, você não deveria beijar um cara na casa dos pais do seu amado.

— Você pode, por favor, esquecer esse erro?

– Eu pedi enfática e ele riu.

— Difícil... – O Daniel zombou.

— Pra um cara nem aí pra compromisso, que tem uma mulher para cada ocasião, você tá bem hipócrita!

— Às vezes a gente cai numa cilada. – Ele falou solenemente e eu fiquei quieta. Dar corda ao Daniel seria me confundir ainda mais. – Eu vou trabalhar, ao contrário do seu namorado, eu não nasci com a vida ganha. – Ele desligou sem esperar

NACIONAIS - ACHERON

por resposta.

“pelo seu estresse matinal, o namoradinho perfeito não tá dando conta. Qualquer coisa, eu to disponível”

Eu grunhi nervosa pela sua cara de pau e quase ignorei. Mas desde conhecê-lo, eu não sabia mais o que era escutar o meu eu sensato.

“você não conhece o meu namorado então!”

Deixei o celular e acabei dormindo até meio

dia, quando o meu celular tocou. Eu atendi sonolenta.

— Dormindo ainda? – A Mari perguntou, rindo. Eu apenas grunhi. – O Daniel está querendo saber sobre a sua vida sexual.

— Que? – Eu perguntei confusa, me sentando, esfregando os olhos, como se isso fosse despertar.

— Sobre você e o Pedro Luiz.

— E você respondeu o que?

— O Joca falou que vocês parecem dois coelhos. – Ela sussurrou, mas acabou rindo. – Não entendi o súbito interesse dele nisso.

— O Augusto contou pra Leandra sobre o beijo. — Eu falei, angustiada ao me lembrar.

— Imagino que os seus pais já saibam, também. — Ela presumiu e eu suspirei forte. — Eu não acho que alguém vá contar ao Pedro, mas talvez você devesse conversar com ele.

— Claro, seria como pedir por um pé na bunda.

— Aqui, eu vou voltar pra mesa, antes que o Joca conte mais sobre você e o Pedro ao Daniel.

— Tudo bem, beijo.

Eu tentei voltar a dormir, por estar

extremamente cansada, mas não consegui. Depois de um banho quente, eu vesti uma camisa do Pedro e uma calcinha, desembaracei os cabelos e liguei para ele.

— Já almoçou? – Eu perguntei, enquanto levava a pouca louça suja para a pia.

— To com a minha mãe, Bruna, vou almoçar com ela.

— Ah, tudo bem.

— Quer vir conosco? – Ele perguntou carinhosamente. Eu suspirei, não encontrando coragem para enfrentar a Leandra, agora.

— Eu vou pedir algo aqui em casa, nos vemos

à noite. Beijo. — Eu falei e ia desligando, mas fui interrompida.

— Amor, não vai dar, eu vou sair pra jogar com os caras hoje à noite.

— Tudo bem. — Eu falei, estranhando a sua frieza. Talvez fosse coisa da minha cabeça, de achar que a Leandra, como mãe coruja já teria contado para ele. E ele, invés de surtar, como eu esperaria, esperasse só o tempo certo para terminar tudo de vez.

Eu sequei o meu cabelo e vesti um short jeans claro, desbotado, com uma blusa escura, de um ombro caído. Calcei uma rasteirinha e peguei as

NACIONAIS - ACHERON

chaves do meu carro.

Tive a infeliz coincidência de entrar num restaurante e encontrar a Luciana, o Davi, o Lucas e o Pedro numa mesa.

Eu ia me virar para sair, mas o idiota do Davi me viu e gritou. Eu fui até eles, acenando um sorriso. A Luciana conhecia os meninos, mas não tinha alguma proximidade com eles. O Pedro passou a mexer no celular, porque ele sempre o fazia quando estava nervoso.

— Senta aí, pra almoçar com a gente, Bru. —
O Lucas falou, educado, indicando uma das duas cadeiras vagas.

— Não, Lucas, eu vou só pegar uma coca e ir pra casa. Eu ia almoçar com a minha sogra, mas ela provavelmente teve imprevisto. – Eu falei e o Pedro me olhou surpreso. Cínico!

— Ah, beleza então.

— E o jogo de vocês, hoje? – Eu perguntei, para deixar o Pedro mais nervoso ainda.

— Pôquer, amor. – Ele respondeu rapidamente e eu dei um riso incrédulo. Ele mal sabia jogar Buraco, odiava jogos com baralho e de repente, iria jogar pôquer?

— E a Lu, está convidada? – Eu perguntei, olhando diretamente para o meu namorado.

— Que isso, amor? É uma noite só de homens. — Ele falou evidentemente sem graça e eu olhei para a Luciana, que estava concentrada em seu copo de suco.

— Imagino... Já vou indo, então. — Eu sorri educadamente, me virando para sair. Ainda pude ouvir o Davi resmungar um “*se fodeu, bonitão*”.

A minha fome fora para o espaço e quando eu cheguei em casa, peguei um pote de sorvete de baunilha no freezer e fui para o meu quarto, onde procurei por um filme bem doce e entediante. Daqueles que por mais que o mocinho faça bobagem, ou alguém tente destruir, tudo fica bem

NACIONAIS - ACHERON

no final.

E as coisas com o Pedro estavam indo bem demais para ser verdade. Era de se estranhar, que ele tenha dormido comigo por um mês seguido, sem uma briga ridícula de dois dias. Ou sem ele sumir para beber, numa noite em que passaríamos trocando mensagens de baixo calão, declamando o nosso ódio.

Era terrível ver as coisas desandando dentro de mim, lembrar que eu fui capaz de ignorar o bom senso e ceder a um desejo bobo e traí-lo. De ver que ele mentiu para mim, quando não precisava e

NACIONAIS - ACHERON

pior, ver que o destino estava conspirando contra.

Com tantos restaurantes, eu desço justo naquele. Doeria menos se ele só omitisse a Luciana do almoço, mas inventar que estava com a sua mãe, para sair com os seus amigos? Que sentido havia nisso?

Como o meu eu ciumento fora acionado, eu não me importei de bancar a ridícula e fui pedir ajuda ao Daniel.

“ah, agora você admite que o seu namoro

não seja perfeito...”

Eu revirei os olhos para a sua provocação.

“você pode, por favor, só dizer se eles são próximos aí?”

“eles conversam, sim, mas a Luciana flerta com todo mundo, então é normal e o Pedro só vem aqui agora pra repassar as causas dele pra outro advogado.”

Eu bufei um riso, irritada com a minha burrice

de acreditar que ele voltaria e seria fiel. Ainda mais sendo próximo da Luciana. Logo em seguida, chegou outra mensagem.

“mas chifre trocado não dói ;)”

Eu joguei o celular com força na cama e logo ouvi a porta da sala sendo aberta. Eu fui até lá, encontrando o Pedro, que trancava a porta.

— Eu posso explicar. — Ele falou, vindo até mim, que desviei.

— Pedro, não tem o que explicar ok? Eu não entendi porque merda você inventou que estava

com a sua mãe! E aquele almoço com a Luciana, era o que?

— Ela chegou lá e o Davi convidou. Só isso.

— Ele falou tranquilamente, e eu dei risada para o seu cinismo.

— Alguma emissora de TV está te perdendo, Pedro!

— Não começa a agir feito louca. Vai insinuar o que? Que eu to te traindo? — Ele abriu os braços, de uma maneira incrédula e eu encarei-o, demonstrando o óbvio. Ele riu, negando com a cabeça.

— Que horas, Bruna? — Ele perguntou zombeteiro. — Porque eu tenho dormido contigo, a

NACIONAIS - ACHERON

gente almoça junto quase todo dia. Quando eu não to trabalhando, eu to no seu escritório com você! A gente transa toda noite! – Ele afirmou incrédulo. – Nem se eu quisesse, eu teria tempo!

— E justamente hoje, quando você inventa que está almoçando com a sua mãe, que você inventa que vai sair pra jogar pôquer com os seus amigos, eu te encontro num restaurante com a Luciana! – Eu gritei com ele. – Eu não sou idiota, Pedro!

— Mas é louca! – Ele gritou de volta, chegando a rir. Eu grunhi de ódio, me esquivando dele, que veio até mim. – Bruna...

— Você inventou que estava com a sua mãe!

— Eu falei incrédula, erguendo os braços de uma maneira dramática e segui de volta para o meu quarto.

— Você iria pirar se eu dissesse que estava com os caras, Bruna, eu conheço você. — Ele resmungou, vindo atrás de mim.

— Eu acho que a gente devia dar um tempo. — Eu falei, parando entre a porta, e ele enrijeceu, parando onde estava.

— Pirou? — O Pedro perguntou incrédulo.

— Pirei. E quero um tempo. — Eu falei carrancuda, cruzando os braços.

— Bruna, eu acho bom você pensar direito na

merda que você está querendo. – Ele começou cauteloso, vindo até mim. Eu não recuei e deixei que ele me abraçasse por trás, cheirando meu cabelo. – Eu não iria querer voltar pra viver te traindo, foi uma mentira boba, amor.

— Isso só mostra que você não confia em mim.

— Eu só queria evitar briga. – Ele justificou, como se eu fosse essa louca que o impede de sair com os amigos.

— Porque eu iria te impedir, Pedro. – Eu falei sarcástica e ele suspirou forte.

— Eu desmarco com eles.

— Você acha que eu sou idiota. — Eu falei, agoniada com o seu cinismo. Como se houvesse mesmo algum jogo. Tudo que eu conseguia ligar e somar chegava à conclusão de que ele estaria com a Luciana esta noite.

— Meus pais vão viajar esse fim de semana, você quer ir com eles ou vamos pra fazenda do Joca? — Ele perguntou, ignorando toda a minha insegurança e raiva. Eu respirei fundo, desistindo de brigar. De qualquer maneira, ele não teve tempo de ficar com ela outra vez, se é que realmente o faria. E isso eliminou parte da minha culpa pelo beijo no Daniel.

— Vamos com o Joca. — Eu respondi, porque

não teria coragem de enfrentar os seus pais, ainda.

— Não vai trabalhar hoje? – Ele perguntou, e eu me virei para ele, negando com a cabeça. – Vamos ver um filme, no cinema?

Só para variar, nós discutimos para escolher o filme, e ele acabou ganhando. Depois tomamos sorvete e ele me deixou em casa, alegando ir para a imobiliária, *aprender* com a sua mãe.

Eu suspirei, tentando não pensar sobre ele e a Luciana. Ainda pensei que ele poderia ter nela o mesmo desejo de aventura que eu tenho no Daniel, mas se fosse para escolher realmente, jamais seriam eles, certo?

Deixei a minha confusão de lado, e acabei dormindo. Acordei depois das sete. Ao pegar meu celular, notei uma mensagem do Daniel.

“pela fúria da Luciana esta tarde, o plano do seu namorado perfeito deu errado”

Eu acabei rindo. De raiva, pelo Pedro realmente imaginar que conseguiria. De alívio, por ter parado essa merda toda antes.

“ele poderia ter continuado...”

*“mas você é louca o suficiente pra fazê-lo
parar”*

“exatamente!”

Lavei o rosto para despertar e comi alguma bobagem. O Pedro chegou quase nove da noite, reclamando do trânsito.

Capítulo 06

Era uma terça-feira chuvosa de início de setembro. Eu olhava pela janela do meu quarto, a chuva forte que caía e estava enrolada num edredom de pelúcia, sentada na poltrona. O meu namorado foi dar um pulo em Miami com sua mãe no início da semana, e voltaria em dois dias.

O que eu realmente desejava no momento era fazer uma ligação, para que o Daniel viesse me fazer companhia.

Irônico, não é? Aparentemente eu tenho o namorado perfeito, apesar das brigas. Eu havia eliminado as possibilidades de ele me trair com a Luciana, uma vez que ela estava em Curitiba, passando um tempo com seus pais, talvez estivesse de férias.

Com o passar das semanas e a convivência forçada com o Daniel, porque o Augusto era um verdadeiro puxa saco, o que era incrivelmente estranho, eu tinha um desejo de semanas acumulado. Eu era mesmo uma cadela mal agradecida, porque era mesmo falta de vergonha na cara essa vontade de beijá-lo toda vez que o via, ou

os pensamentos insanos quando eu estava sozinha.

Não era como se eu estivesse apaixonada.

Era olhá-lo e vê-lo como o proibido e, a garotinha rebelde que adora burlar regras ser acionada, querendo ultrapassar os limites.

Já cheguei até a pensar que estava tudo calmo demais. Namoro, trabalho, família. Tudo no lugar, tudo em perfeito estado.

Quando o Pedro estava perto, eu me esquecia

disso tudo e focava no nosso amor.

Nós apenas trocávamos mensagens, enquanto ele estava fora. Talvez fosse boa essa distância, para sentir saudade. E seria melhor ainda, se essa saudade que eu ainda não tive tempo para sentir, apagasse o desejo louco de me aventurar com o Daniel. Eu não era mais uma garotinha de dezessete anos.

Acabei pegando um livro para ler, como estava impaciente, pulei logo para o meio. Estava distraída, na dúvida se voltava para o início para entender o romance, ou arriscava continuar na

NACIONAIS - ACHERON

esperança de algo explicar mais para frente, quando meu celular vibrou em baixo de mim. Eu peguei-o, sentindo o coração acelerar ao ver “*Daniel*” piscando no visor.

Ainda ponderei atender, ou ignorar. A vida seria mais fácil se eu deixasse chamar até cair. Mas a vida fácil e morna que eu estava levando, mesmo com o sexo louco que tinha com o meu namorado, já havia perdido a graça.

— Oi. — Eu falei, querendo parecer desinteressada.

— Tudo bem, Bruna? — Ele perguntou, com a sua voz calma e eu escorei a cabeça na poltrona,
NACIONAIS - ACHERON

suspirando.

— Tão bem, que tá chato.

— Soube que o namorado viajou e que seus pais não estão na cidade...

— Estou completamente abandonada. — Eu falei dramaticamente, ouvindo um riso dele.

— Quer sair pra tomar um chocolate quente?

— Nessa chuva? — Eu disparei, como se a resposta fosse automática.

— Eu vou comprar e levar aí, tudo bem? — Ele indagou, e eu torci os lábios. Eu poderia ser só amiga dele, como a Mari era. Sem maldade.

— Tudo bem.

Assim que desliguei, corri para o banheiro, para apagar a cara de alguém em depressão e passei um pouco de blush, lápis e rímel. Soltei os cabelos, e troquei de roupa, porque soaria como um convite mudo recebê-lo com um baby-doll de seda, curto. Vesti um short jeans e um suéter azul, deixando as mangas mais curtas. Passei perfume e peguei o livro, para esperar na sala. `

Li mais vinte páginas de puro erotismo e acabei voltando para o início, para entender melhor o enredo do livro. Estava na página quinze e não queria parar, quando o interfone tocou. Eu liberei a

NACIONAIS - ACHERON

entrada para o Daniel, e destranquei a porta. Não estava nervosa por ele estar subindo, pelo contrário.

Quando abri a porta, ele segurava dois copos de chocolate quente, e uma sacola de papel. Na sua calça estavam as marcas dos pingos da chuva. Eu ganhei um beijo no rosto, antes de ele entrar e colocar as coisas sobre a mesa de centro.

— Eu trouxe filme. — Ele falou, e eu franzi o cenho. O Daniel riu, e pegou um pen drive no bolso da calça. Eu esperava por algo tipo terror, mas era Frozen. Eu sorri pela sua *fofuraem* aceitar o meu vício por filmes infantis e conectei o pen drive na TV da sala.

Nós nos sentamos no sofá, e comemos enquanto assistíamos ao filme. Quando acabou, engatamos numa conversa sobre o meu trabalho.

— Nunca pensou em juntar com a Mari? —
Ele perguntou, com um sorriso sugestivo.

— Ela não teria coragem. — Eu falei convicta.
— Quando eu abri o escritório, chamei-a pra vir trabalhar comigo, mas ela tinha um bom currículo e preferiu trabalhar para alguém.

— E porque você não fez o mesmo?

— Porque eu odeio cumprir ordens. Claro, eu tenho o maior respeito pelo meu trabalho, mas eu

decido o que eu vou fazer, antes de mostrar ao cliente. Numa empresa, eu teria que cumprir o horário, a data e o que o meu patrão decidisse. No mais, eu iria sair queimada nisso.

— Mas a Mari ganha bem, você poderia crescer num escritório, antes de ter aberto o seu.

— Você parece o Augusto falando. — Eu comentei, dando um riso entediado. — Eu poderia, mas eu to me saindo bem, sozinha. Eu posso crescer assim, também. Eu te contei sobre o projeto dos Neves?

— Bruna, é só uma casa de um pessoal podre de rico. Isso renderia uma boa promoção num escritório arquitetônico.

— Você anda convivendo muito com o meu sogro. — Eu resmunguei, ficando irritada. — Independente disso, eu já fiz até casinha pra cachorro. Não é o que eu projetei, mas pra quem eu projetei. Isso, se sair perfeito, dá um grande impulso na minha carreira. E eu não teria esse reconhecimento todo, se fosse empregada de alguém. A empresa levaria os elogios. — Eu retruquei, e ele assentiu, apertando os lábios.

— E o seu namoro? Vai bem? — Ele perguntou, com um fantasma de sorriso nos lábios. Eu sorri para ele, me recusando a falar sobre isso.

— Sim.

— O seu sogro não é muito seu fã. — Ele

falou, como se eu já não soubesse disso. —
Consegui um belo sermão por aquele beijo.

— Não vamos remoer, por favor! — Eu pedi enfática. — O Augusto odeia a maneira como meu pai interfere na minha carreira, é como se eu tivesse tudo de mão beijada. E não é. Eu tive que abrir mão de muita coisa pra vir morar sozinha. Meus pais não arcam com as minhas despesas.

— Mas morrem de orgulho da filha. Sua mãe, então... — Ele riu. Eu sorri, porque a minha mãe era insuperável.

— Ela inventa elogios, é uma coisa. Mas ela teve trabalho pra conseguir engravidar e queria muito. Quando eu nasci, fui muito paparicada por
NACIONAIS - ACHERON

toda a família do meu pai.

— Por isso é assim, mimadinha.

— Não sou mimadinha, Daniel! – Eu falei chocada, mas ri. – Eu tive tudo na mão, claro. Mas se eu quisesse, poderia depender dos meus pais e dormir o dia inteiro. Eu não dei tanto trabalho para eles.

— O Augusto falou que você foi uma adolescente revoltada.

— Não fui uma adolescente revoltada. Eu fiz o que os meus amigos fizeram, eu quebrei a cara como qualquer pessoa. E o Augusto me detesta.

— E tem quanto tempo com o Pedro?

— Não tem tanto tempo não. – Eu ponderei, franzido o cenho. – Um ano e meio, por aí. Eu não sou boa com datas.

— Pensa em se casar com ele?

— Você é curioso demais. – Eu falei de uma maneira enfática. – Talvez, mas a gente briga muito. A gente já foi aquele casal bobo de fazer planos, do tipo de ter filhos e cachorros, mas hoje já nem falamos sobre. Eu não fico pensando também, deixa a vida rolar, se for pra ser, vai ser.

— Não desconfia mais dele com a Lu? – O Daniel perguntou zombeteiro e eu dei risada.

— Ela era minha melhor amiga, e eu peguei os dois transando aqui, na minha parede! Mas hoje,
NACIONAIS - ACHERON

eu não acho que eles tenham oportunidade. E eu confio no Pedro. – Eu adicionei a última frase, me sentindo patética depois. – Mas me fala de você. – Eu pedi, para disfarçar a conversa. – Os seus pais devem morrer de orgulho, não é? O queridinho do patrão...

— Minha mãe praticamente me obrigou a cursar direito, a sorte foi gostar do curso e amar o que eu faço hoje. Eu demorei pra passar na prova da OAB, também.

— O Pedro passou de primeira. – Eu interrompi, e ele riu.

— O Augusto deu um jeito pra ele passar de primeira.

— Ok, vocês são duas crianças. — Eu revirei os olhos. — E o seu pai? Não gosta do que você faz, ou queria que você seguisse os passos dele, também?

— Eu não o conheci. — Ele apertou os lábios, e eu me senti envergonhada por chegar num assunto desses.

— Sinto muito. — Eu falei, porque era de praxe.

— Minha mãe era aventureira, daí já viu... — Ele comentou de uma maneira divertida e forçou um riso. Eu ia falar algo, qualquer bobagem para desviar a conversa, mas o meu celular apitou sobre a mesa de centro. Eu peguei, vendo que era uma

NACIONAIS - ACHERON

chamada de vídeo do Pedro Luiz.

Eu me virei literalmente de frente para o Daniel, antes de aceitar a chamada.

— Oi, amor! — Ele falou animado e logo em seguida a minha sogra apareceu, assoprando beijos.

— Oi, meu bem. — Eu falei, chutando o Daniel, que ria. — Tudo bem?

— Entediado. Devia ter trazido você.

— Eu não poderia amor. Estão fazendo o que aí?

— Minha mãe está comprando feito uma louca. — Ele falou, suspirando forte e eu dei risada.

– Ela é tão louca, que comprou roupa até pro nossos filhos.

— Você vai adorar, Bruna! – Eu ouvi apenas a voz da Leandra.

— Estou com saudade de fazer gostoso com você. – Ele falou presunçoso e o Daniel riu alto. Eu o chutei, irritada, que gemeu com o susto. – Tá com quem aí?

— Com o Joca e a Mari! – Eu falei, me levantando rapidamente e corri para o quarto. – Estou com saudade, também, gostoso. Eu vou desligar porque a Mari tá cozinhando pra gente, manda beijo pra sua mãe. Eu te amo. – Eu sussurrei, assoprando um beijo no ar e desliguei.

Eu voltei para a sala. A bagunça da mesa de centro não estava mais lá. O Daniel também não. Eu estava começando a xingá-lo mentalmente, quando ele voltou da cozinha.

— Eu já vou, está ficando tarde. — Ele falou, pegando o celular do bolso.

— Tudo bem. — Eu falei, suspirando forte. Queria mesmo era pedir para ele ficar e passar a noite comigo, mas não poderia. Eu deveria me lembrar dos valores de um relacionamento e eu tinha um. Mas inconsequente e propositalmente, quando ele veio se despedir com um beijo no rosto,

NACIONAIS - ACHERON

eu virei, só para sentir seus lábios nos meus. Ele riu, contra a minha boca.

— Se eu começar a brincar, você não vai gostar. — Ele falou ameaçador e eu sorri, deixando um selinho apertado em seus lábios, ficando arrepiada e excitada com o quê de errado que isso acarretava.

O Daniel praguejou algo e eu deixei um beijo casto em seu queixo. Ele resmungou um palavrão, e me empurrou contra a parede ao lado da porta. Eu dei um sorriso travesso porque sabia que ele não ousaria fazer nada, e encontrei o seu olhar. O maior erro é querer ler o olhar, porque soa intenso demais.

Ele aproximou o rosto do meu, inclinando para encaixar nossas bocas e eu fechei os olhos, ansiosa, mas ele não o fez. Uma raiva cresceu em mim, e eu tentei me aproximar, mas ele não deixou. Eu tentei levar minhas mãos para os seus ombros, mas ele me parou e riu. Eu bufei um suspiro e o empurrei, me virando para entrar no apartamento, mas quando o fiz, ele me puxou, que trombei contra seu corpo, de costas.

— Eu não vou brincar de ser amante, Bruna. — Ele falou, roçando os lábios no lóbulo da minha orelha e ainda correu a boca suavemente em meu pescoço.

Eu me senti desafiada, como se ele fosse melhor para resistir. Virei de frente para ele, o puxando pela gola da camisa e beijei seus lábios. Ao contrário do que eu imaginei, ele me correspondeu e nos embutiu num ritmo acelerado, andando para frente e puxou a porta, a empurrando, porque eu a ouvi bater. Eu pude enfim afundar os dedos em seus cabelos, o puxando mais para mim. Era tão excitante e eu me sentia suja de uma maneira deliciosa.

Eu era uma vadia, pode me julgar. Eu empurrei-o, até que ele caísse sentado no sofá e

NACIONAIS - ACHERON

montei em seu colo, voltando a beijá-lo, porém agora, bem lentamente, enquanto ele acariciava as minhas costas. Eu me curvei quando ele desceu beijos suaves pelo meu pescoço, querendo mais, mas como se uma força maior me trouxesse de volta para a realidade, eu parei.

— Me desculpa. — Eu pedi atordoada.

— Eu espero que você não se arrependa. — Ele falou e eu me aproximei dele, me inclinando para beijá-lo.

— Não vou. — Eu sorri convicta. — É o nosso segredo.

— Eu não vou virar seu amante, Bruna. — Ele afirmou, resignado.

— Não, você não vai. — Eu prometi e ele riu incrédulo. — Eu espero que isso não chegue ao meu sogro.

— Não vai.

Eu beijei-o mais uma vez, então ele foi embora. Tomei um banho demorado, me lembrando do que acabara de fazer. Quando me deitei, e peguei o meu celular, onde havia doze ligações do Pedro, e três mensagens no *whatsapp*.

“você não estava com o Joca e a Mariana, Bruna!”

“porque não me atende?”

“Eu espero que você tenha uma boa explicação pra essa sua mentira sem pé nem cabeça”

E então a culpa me sucumbiu. Eu me senti sem chão, sem moral, sem dignidade. Como se a vida se resumisse a ceder a desejos idiotas. Eu afastei os pensamentos. Pensei até que se ninguém ficasse sabendo, seria como se não tivesse acontecido. Remoer culpa não apagaria o fato. Me

apegaria ao amor que eu tenho pelo Pedro e a maneira como estávamos construindo uma vida juntos.

“só estava dormindo. Eu amo você.”

Eu enviei, como se isso fosse me livrar de mais explicações. Desliguei o celular e voltei para o meu livro, mas remoía a culpa do que acabara de fazer.

Não recebi nenhuma mensagem ou ligação do Daniel, então não o procurei.

O Pedro chegou na sexta-feira, com presentes para mim. Eu me senti culpada ao vê-lo, ao receber o seu carinho e o seu amor.

— Eu estou com tanta saudade, mas tanta... — Ele falou entre os beijos que eu mal correspondia e me olhou confuso. — Tudo bem? — Perguntou colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Meus lábios tremeram com a culpa, assim como meus olhos arderam. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu só estou cansada. — Eu falei, suspirando profundamente.

— Você precisa descansar. — Ele falou, como
NACIONAIS - ACHERON

se o meu trabalho fosse realmente cansativo e estressante.

— Me desculpa. – Eu pedi, encarando-o firme e ele riu confuso.

— Pelo que, amor? – O Pedro perguntou desfazendo os botões da camisa e eu funguei, limpando as lágrimas antes que elas descessem.

— Eu não estou muito bem, hoje. – Eu fiz uma careta e ele sorriu, segurando meu rosto entre as mãos para selar os nossos lábios. – Mas me conta sobre a viagem. – Eu pedi, para disfarçar a minha culpa.

Na manhã seguinte, eu acordei antes do Pedro, o avisando que estava indo tomar café com a minha mãe. Eu precisava de ajuda para dissipar essa minha loucura, essa minha confusão.

Quando cheguei em casa, ganhei um sermão da Vanda, por sumir para parecer independente.

Meu pai já estava de saída e me deu um abraço apertado, alegando sentir falta até dos meus dramas, em casa.

Encontrei a minha mãe na piscina, e me sentei

à borda.

— Tudo bem? – Ela perguntou, saindo da piscina, se enrolando num roupão.

— Eu queria conversar. – Eu falei e ela me lançou um sorrisinho, seguindo para dentro da casa. Esperei pela minha mãe em seu quarto, enquanto mexia em seu Ipad. Mais precisamente no seu *instagram*.

Eu franzi o cenho, confusa ao ver uma foto da Luciana, exibindo um carro. Um Fiat Punto vermelho. Na legenda havia: *presentinho do meu amor*.

Presentinho??????

Eu dei risada, imaginando como eu me sentiria uma prostituta ao ganhar um carro do meu amor. Amor este que ninguém conhece. Um amante.

Eu não a seguia mais nas redes sociais, então aproveitei para dar uma olhada. Frustrei ao ver que o Pedro havia curtido a foto do presentinho dela e ainda imaginei que o amor pudesse ser ele. Depois analisei a situação toda e não havia tempo.

— E então... — A minha mãe falou, se sentando em minha frente, na cama.

— Eu beijei o Daniel. — Eu falei de uma vez e ela franziu o cenho.

— Nós já sabemos.

— Não, de novo. — Eu falei, desviando o olhar. Minha mãe deu um suspiro profundo.

— Você deveria repensar esse namoro.

— Eu amo o Pedro. — Eu falei, como se isso fosse desculpa o suficiente para ela entender.

— Meu deus, Bruna. O que você quer então? Os dois? — Ela me perguntou impaciente. — Porque isso minha filha, eu sinto muito, mas nem eu e

muito menos o seu pai podemos te dar. – Ela falou irritadiça, deixando tão evidente quão mimada eu era.

— Não, eu não sei. – Eu falei veemente confusa. – Eu não estou afim do Daniel nem nada...

— Eu não consigo acompanhar a sua linha de raciocínio.

— Mãe, eu amo o Pedro. – Eu falei, como se de repente, eu devesse desculpas para ela. Minha mãe deu uma risada alta, pegando o Ipad de mim.

— Você tem certeza que ama o Pedro Luiz? – Ela perguntou solenemente. Eu me lembrei de quando eu imaginava uma vida ao lado dele e dos planos idiotas que já chegamos a fazer. Hoje eles

NACIONAIS - ACHERON

pareciam muito distantes e eu chegava e ficar angustiada em pensar concretizá-los. Muita coisa na vida agora parecia ser mais importante que isso. Fiz um beijo, demonstrando a menina mimada e dengosa que eu fui (ainda era), e dei de ombros. — Você deveria pedir um tempo para ele. Diz que está confusa, que precisa pensar...

— Eu não estou confusa.

— Bruna, eu não vou mais opinar, ok? — Ela falou, deixando o Ipad sobre a cama e se levantou. — Pensa no que você quer. Só isso. Se é ficar com o Pedro ou curtir os vários homens que poderão aparecer se você ficar solteira. Ou o Daniel.

Ela saiu do quarto e eu me escorei a cabeceira da cama, suspirando profundamente. Peguei o Ipad e voltei a fuçar nas fotos da Luciana, ficando irritada ao ler os comentários na foto do *presentinho* que ela ganhou do tal amor.

Se fosse segredo, o homem era comprometido. Se fosse comprometido, poderia ser o Pedro!

Eu sacudi a cabeça, espantando a minha loucura. Mesmo que ele quisesse, não teria como, certo?

Passei a manhã com a Marcela, escolhendo os papeis de parede para sua nova casa.

Almocei com o Pedro e não soube definir quem estava mais estanho.

Talvez fosse eu, por tê-lo traído. Talvez fosse ele, por estar me traindo.

À noite o Pedro me enviou pelo *whatsapp* uma mensagem avisando que estava no clube jogando bola com os meninos e que viria mais

tarde, para dormir comigo.

Eu esperei, mas ele não veio. Dormi com a culpa por tê-lo traído e acordei angustiada por ele ter dormido em outro lugar, que não na minha cama.

Queria ficar sob as cobertas o dia inteiro, mas decidi que não poderia me afundar, por um beijo em outro cara. Eu me analisei em frente ao espelho e me perguntei se deveria seguir a dica da minha mãe e dar um tempo com o Pedro.

Eu não teria o medo de ficar solteira, nem alguma assombração relacionada. O meu medo era de mais tarde descobrir que eu o amava mesmo, e esse fogo, afobação pelo Daniel fosse só vontade de fazer tudo errado. E então, ser tarde demais para ter o Pedro de volta.

Como era domingo e o Pedro não havia dado algum sinal de vida, eu fui para a casa da Mari. Ela estaria fazendo um almoço para os amigos mais chegados. Eu cumprimentei todos que estavam ali, inclusive o Daniel.

— E o Pedro? — O Joca perguntou me entregando uma garrafinha de cerveja, se sentando

ao meu lado no sofá.

— Por aí. — Eu resmunguei, bebendo um pouco da cerveja.

— Vocês não são mais os mesmos. — Ele comentou de uma maneira convicta e solene, que me deixou angustiada.

Eu ia retrucar e defender, mas ele levantou para receber a Lorena e o amigo do Daniel, que ela provavelmente ainda estava ficando. Ou namorando. O nosso contato estava escasso demais para eu ter alguma informação.

A Lorena se sentou ao meu lado, me dando um beijo no rosto e dizendo que estava com saudade. Nós colocamos a conversa em dia, e o Tadeu, amigo do Daniel e *namorado* dela, foi para onde os rapazes estavam.

— A Lu largou o emprego. — Ela falou como se fosse um segredo. — Arrumou um boy rico e agora vive para gastar a fortuna dele. — Ela deu um risinho debochado e alívio me definiu. O Pedro era rico, bem, seus pais eram muito ricos. Ele tinha tudo do melhor, gastava mais do que deveria, mas não teria a audácia de comprar um carro de presente ou pior bancar uma amante.

PERIGOSAS

Isso parecia coisa de homem velho e casado há mais de trinta anos.

Duas semanas se passaram e eu nunca estive tão ocupada com mil projetos para terminar. A visibilidade que eu vinha ganhando estava me deixando com mais trabalho do que eu poderia fazer em tempo recorde. O meu pai estava orgulhoso, enquanto eu já não sabia mais o que era dormir.

Já invejava a vida boa do meu namorado, que estava em Angra, desde o domingo.

NACIONAIS - ACHERON

Era uma quarta-feira e eu estava no escritório da Mari, tentando convencê-la a largar o emprego e virar minha sócia. Seria o máximo ter alguém que eu admirava profissionalmente trabalhando ao meu lado, para crescer junto comigo em algo que nós duas amávamos fazer.

— Amor, eu acho realmente uma proposta quase irrecusável. — O Joca falou, e ela quase sorriu. Quase.

— Irrecusável. — Eu falei enfática.

— Eu preciso de um tempo para organizar tudo, não posso largar tudo assim, de uma hora pra outra. — Ela falou cautelosamente. Eu fiz um beijo

e ela riu, como se eu não pudesse convencê-la com o meu dengo. – Eu preciso de duas semanas, pra pensar. E pedir demissão.

— Ótimo! – Eu comemorei e o Joca riu. – Já podemos até pensar na decoração do seu escritório!

[...]

A Mari ligou no fim do dia, avisando que já havia conversado com o seu patrão. Ele havia prometido dobrar seu salário para que ela ficasse, mas eu ganhei! E ela também!

Liguei para o celular do Pedro, para compartilhar a minha alegria.

— Alô — Uma voz sonolenta e *FEMININA* respondeu ao atender, e o meu coração gelou, antes de acelerar, enviando ondas de angústia ao meu corpo.

— Pedro? — Eu perguntei cautelosamente, tremendo devido ao nervoso.

Não obtive resposta. Um silêncio perdurou por longos segundos, até ouvir um suspiro forte.

— Luciana, Bruna. — Ela falou, em alto e bom som. Eu parei. Tudo em mim parou. Meu cérebro pareceu congelar, porque eu não conseguia me mover, ou falar, ou respirar. — Olha, eu sei que você
NACIONAIS - ACHERON

acha que ele é o amor da sua vida, que vocês teriam um futuro perfeito juntos, mas ele não te ama com diz, ok? É uma pena. – Eu ouvi um risinho. – Não precisa dizer nada, tá? Ele vai querer correr atrás de você para uma volta, mas é porque o único motivo de orgulho para a mãe dele, sobre ele, é a nora, que veio de boa família. E também, ele não suportava mais você. Nem a maneira chocha como vocês faziam sexo. Tanto que ele teve que procurar out... – Eu desliguei, olhando para o meu celular, não acreditando na realidade.

A minha mente deu um nó, porque eu não conseguia alinhar os pensamentos, nem ligar algo

que chegasse aos dois juntos.

Eu era muito burra para não ter percebido, ou estava ocupada demais desejando e remoendo culpa por outro homem. Veio-me o nojo, de ter dormido, beijado, transado com o Pedro enquanto ele também esteve com ela. E eu me recriminando, sofrendo por um beijo em outro cara.

A verdade veio tão fria em mim, que me deixou seca. Não tive vontade de gritar, nem de chorar.

Lembrar que ele foi capaz de presenteá-la com um carro. De deixá-la ou fazê-la largar o emprego para bancá-la. Eu engoli a dor amarga da traição, da mentira, da falta de respeito do Pedro Luiz e peguei as chaves do meu carro, saindo sem rumo. Acabei no apartamento da Mari, mas não consegui desabafar, para não cortar o seu clima de comemoração. Que deveria ser meu, também.

Era um grande avanço nosso, no entanto.

— Está tudo bem? — O Joca perguntou, quando a Mari foi à cozinha, pegar uma salada de frios.

— Está. Só um mal estar. — Eu forcei um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso, bebendo um pouco do vinho. Depois de mais um brinde, eu decidi que era melhor ir embora, porque eles deveriam comemorar a dois, contudo, quando o elevador chegou, uma vertigem forte me sucumbiu e eu vi tudo escurecer.

Quando voltei à realidade, estava numa sala irreconhecível para mim e já estava entrando em pânico, mas o Daniel apareceu, me entregando um copo com água.

— Está melhor? — Ele perguntou, se sentando ao meu lado. Eu assenti, bebendo a água.

— Amor, eu estou indo para o restaurante. —
Uma mulher loira, aparentemente muito elegante e
NACIONAIS - ACHERON

jovem, falou, desfilando sobre os saltos, mas parou ao me notar. — Olá. — Ela falou confusa e olhou para o Daniel.

— É só uma amiga, mamãe. — Ele falou e eu sorri para a sua maneira mimada de chamar sua mãe.

— Tudo bem. — Ela abanou a mão, mostrando desinteresse, e saiu.

— O que houve? — Eu perguntei e ele pegou o copo vazio da minha mão, o deixando na mesa de centro.

— Você desmaiou. — Ele falou o óbvio. — Você tem se alimentado? Porque está nitidamente mais magra. E cansada. — O Daniel falou e eu

NACIONAIS - ACHERON

suspirei. Eu trabalhando feito uma louca, enquanto o meu namorado curtia a vida mansa com a minha ex melhor amiga de amante.

— Eu preciso ir pra casa.

— Você não tem nem condições de dirigir. — O Daniel afirmou enfático. — Vamos comer algo, depois eu te levo em casa. — Ele falou e eu me dei por vencida.

Não estava pronta para voltar aquele apartamento. Toda merda de traição começou nele. Ou foi descoberta ali. No mais, a minha vida era mais tranquila, morando com meus pais. Por mais mimada e dependente deles que eu me sentisse, a

NACIONAIS - ACHERON

vida era mais fácil e leve ao lado deles.

Querer *crescer* e ser independente não estava dando certo para mim. Eu ontem provavelmente teria ganhado um belo jantar para comemorar a sociedade com a Mari e muitos mimos dos meus pais.

Invés disso, eu estava sozinha no meu apartamento fodido, enquanto meu namorado me traía com aquela que eu achava ser minha melhor amiga.

— O que você quer comer? — Ele perguntou

atencioso e eu fiz uma careta, porque não imaginava que fosse conseguir colocar um grão de arroz para dentro. – O Joca comentou que você vai trabalhar com a Mari agora, deveria estar animada. – Ele falou confuso e eu apertei os lábios, sentindo meus olhos arderem. Eu não poderia chorar agora, na frente dele. Justo do Daniel. – Tudo bem?

— Está. – Eu falei, mas a minha voz traidora saiu estrangulada. – Eu só estou cansada. Você sabe, acostumada a trabalhar pouco, só pra não parecer inútil. Agora to sem tempo pra nada.

— Não é isso. – Ele afirmou convicto. Eu assenti, suspirando profundamente, e joguei a cabeça para trás. – Aconteceu algo?

— Eu só descobri que o meu namorado mantém uma amante, enquanto eu pensava que tudo estava perfeito demais e me culpando por tê-lo traído. — Eu disparei, e parece que quando eu coloquei pra fora, o controle sobre o choro foi embora junto.

Eu limpei as lágrimas e funguei, me sentindo envergonhada por chorar. Deveria saber que relacionamento nenhum sobrevive à traição. Eu deveria ter desconfiado, mas estava ocupada demais me sentindo culpada e quando não, focada em trabalhar.

No mais, o meu namoro com o Pedro era só o sexo bom, e eu nem havia percebido. E sexo bom, a gente encontra em qualquer esquina da vida. O Daniel não disse nada, nem precisava. Para ele afirmar que o meu namoro era vazio, deveria ter acesso a alguma informação que eu não tinha. Ou visto algo que eu não vi.

— Então foi por isso que o Augusto demitiu a Luciana? – Ele perguntou longos minutos depois. Eu parei de chorar e olhei-o, limpando o meu rosto.

— Não foi ela quem largou o emprego? – Eu perguntei incrédula e ele deixou escapar um risinho, negando com a cabeça.

— Ele a demitiu na frente de todos, Bruna.

Disse que ali era um lugar de respeito e profissionalismo. Não lugar para vagabundas. Você conhece o seu sogro, sabe que ele não mede bem o que diz, e não se importa de ofender.

— Todo mundo já sabia. — Eu falei, voltando a chorar. Agora de ódio de mim, por ter sido tão cega. — Ele ainda deu um carro pra ela. — Eu solucei frustrada.

— Vocês vão conversar e acabar se acertando. — O Daniel falou, me puxando para eu me encostar ao seu corpo e acarinhou o meu cabelo. Era sem maldade. Era só um consolo. Eu neguei com a cabeça e ele riu. — Você já o perdoou outra vez.

— Foi diferente. — Eu falei, respirando fundo

para tentar conter o choro. – Como eu pude ser tão burra? – Eu perguntei incrédula, e ele riu não me respondendo. – Sabe o que é pior? Não conseguir imaginar como. Na minha cabeça, na minha linha de raciocínio não tinha como ele estar me traindo. – Eu falei, olhando-o.

— O Pedro não trabalha, Bruna. – O Daniel falou, e eu franzi o cenho.

— Ele estava trabalhando com a mãe dele. – Eu afirmei, mas o sorrisinho do Daniel, dizia que não. Ele não estava.

— Ele tem a mãe dele nas mãos. A mulher idolatra o filho. Ela tem bancado os luxos dele. O Augusto é frustrado por isso, diz que o argumento

NACIONAIS - ACHERON

do Pedro é muito fácil. Foi obrigado a ser advogado. – O Daniel negou com a cabeça. – Ninguém é obrigado, Bruna. Ninguém faz nada obrigado, muito pior o Pedro Luiz. A Leandra nunca iria contra alguma escolha dele. Tanto que ele não continuou trabalhando. Não se importou em largar tudo.

— Ele é um idiota. – Eu falei, com a minha voz vacilando no final da frase.

O Daniel ficou ali, ouvindo as minhas lamúrias até a pizza que ele havia pedido chegar.

Eu não queria comer e ele tentou me comprar. Se eu comesse, nós assistiríamos ao filme infantil que eu quisesse. Seria uma proposta realmente tentadora, se eu não estivesse tão deprimida e frustrada.

Na manhã seguinte, eu fui para a casa dos meus pais. Encontrei a minha mãe e a Leandra na sacada do quarto dos meus pais, olhando revistas para peruas. Eu não me preocupei em abster informações, porque a minha EX-SOGRA estava presente.

Fiz pior, deixando a garotinha mimada e má,
NACIONAIS - ACHERON

exagerar os fatos. A Leandra era uma boa pessoa, eu não manteria uma péssima relação com ela, por causa do traste do seu filho.

— Bem, mas você o traiu, também. — A Leandra argumentou cautelosamente. — Talvez vocês possam conversar e se acertar...

— Não! — Eu falei incrédula. — Não! Não! Nunca! — Eu continuei, chegando a gritar.

Como se um beijo no Daniel fosse comparável a manter um caso com a Luciana. Eu despejei para ela, que ele fora capaz de transar com as duas no mesmo dia, porque nós o fazíamos todos os dias. Exceto nas duas últimas semanas, por eu

NACIONAIS - ACHERON

estar confusa e o evitando. Minha mãe cobria o rosto impaciente a minha fúria e exagero, ao falar sobre algo que realmente não convinha.

— Vocês são jovens, Bruna. Tudo analisado no calor do momento parece dez vezes pior. — A Leandra falou calma. Como se essa traição fosse nada. — Se acalma, pensa se vale a pena romper um namoro, por uma *amantezinha* qualquer. Faça-o escolher, veja quem ele vai preferir. Homem gosta dessa aventurazinha de ter uma amante, ele se sente mais macho, mais viril. Na hora de escolher, a vadiazinha sempre sai perdendo. — Ela falou com uma naturalidade que me deixou irritada.

— Não! Vocês não estão entendendo. — Eu

dei um riso incrédulo, negando com a cabeça. — Sogra, ele deu um carro pra ela. Ela foi demitida, ele provavelmente deveria estar bancando ela! — Eu falei exageradamente, e a expressão da minha EX-SOGRA endureceu. — E eu sempre do lado dele, defendendo pela relação estragada que ele mantém com o Augusto. Ainda dei a ideia de ele largar tudo e seguir com você. E o que ele fez? Largou tudo e seguiu com a Luciana!

— Eu sinto muito que ele tenha sido tão... — Ela falou, procurando palavras.

— Ela era minha melhor amiga. Por mais que ela não prestasse, ele também não pensou em mim. Depois ele vai o que? Forçar o choro pra dizer que

me ama?

— Eu espero que o Pedro aprenda dessa vez.

— A Leandra falou. — Bem, você é uma moça jovem, bonita, está crescendo rápido profissionalmente. Azar o dele, que perdeu, não é? Chances para o Pedro Luiz, não faltaram. — Ela forçou um sorriso. Apesar do que eu queria, não consegui os mimos da minha mãe. E ela também não me deixou continuar a falar mal do Pedro, pela minha falta de senso ao despejar a minha vida sexual para a Leandra.

Quando eu me acalmei, não realmente.

Quando por um momento a raiva aliviou em mim,

eu contei para a minha mãe sobre a sociedade com a Mari. Ela parabenizou, mas opinou que a Mari era profissional demais, então eu teria que ser mais centrada. E ok, eu concordava com isso. A Mari chegava a ser chata às vezes, de tão organizada. E era por isso que eu acreditava em nós duas. E estava ansiosa.

Aparentemente o Pedro Luiz não sabia que eu já havia sido informada do seu caso de amor com a Luciana. Senão teria ligado, ou voltado.

Ou ele realmente não se importava mais.

Os dias seguiram rapidamente, e eu estive ocupada em mostrar como tudo funcionava no escritório para a Mari. Bem, as suas opiniões eram distintas das minhas, mas no fim, sempre chegávamos a um acordo. Eu poderia saber ceder, quando necessário e trabalhar isso nela. No mais, o que realmente importava era a criação. E nisso, ela era impecável.

O Pedro Luiz chegou na sexta-feira, o que era estranho. Ele voltaria somente na terça da próxima semana. Eu o encontrei no meu apartamento. Vê-lo reacendeu toda a dor que eu vinha ignorando. Mas

NACIONAIS - ACHERON

que ainda queimava e ardia forte em mim.

Deixei a minha bolsa, e duas pastas que trouxe do trabalho sobre o braço do sofá, e olhei-o, desviando quando ele veio me dar um beijo.

— Nós precisamos conversar. — Eu falei, tentando parecer fria. Eu poderia ser essa pessoa fria, não é? As realizações profissionais supririam a carência, no entanto.

— Conversar? — Ele perguntou confuso. — Amor, não inventa. Eu to cheio de problemas, até a minha mãe resolveu aceitar as loucuras do meu pai!

— Tudo bem, então. — Eu dei de ombros. —

Eu vou ser rápida. Você não quer conversar, nós realmente não precisamos. Mas eu quero terminar.

— Eu falei de uma maneira calma, me surpreendendo comigo. Ele fez uma careta confusa, vindo até mim mais uma vez, mas eu desviei.

— Bruna, eu passo uma semana fora e você decide, do nada que quer terminar? — Ele perguntou incrédulo.

— Pedro, eu pensei melhor. Eu não acho que a gente esteja mais dando certo. Não tem outra pessoa, da minha parte. — Eu enfatizei. — Eu não me apaixonei por outro cara, não tem algum merda, como você provavelmente vai definir me tirando de você. Eu serei um pouco mais ousada para dizer

que foi ao contrário. Alguém tirou você de mim, e você deixou. Eu não vou levar em conta que o seu pai sonhava que você fosse advogado e você não queria. Você largou tudo agora, e enquanto eu pensava que você estava recomeçando com a sua mãe, você estava fazendo nada.

— Assim, por nada? — Ele perguntou incrédulo, abrindo os braços em impaciência. Eu encarei-o, me perguntando como ele conseguia ser tão frio e calculista, não se sentir culpado.

— Por você não ter visão de futuro. Por você esperar pela herança dos seus pais, porque isso vai chegar até você de qualquer maneira. E gastar os cartões de crédito sem limite que a sua mãe libera

pra você. Você poderia ser mais, Pedro. A vida pede mais que isso. E eu não quero essa vida vazia ao seu lado. Eu não quero esperar por algo que é dos meus pais, eu quero conseguir o meu! Eu não quero viver farreando, viajando como se não existisse amanhã. Eu pensei mais e eu vi que nós dois viramos só sexo e isso porque você vinha dormir comigo, depois que aproveitar bem o seu dia. E eu vou sentir falta, porque eu não acho que eu vou encontrar alguém como você. E eu te amei, eu confiei em você. E você?

— Amor, eu te amo. Não tem porque você querer terminar.

— Enquanto eu estava aqui, te amando,

confiando, você estava com a minha melhor amiga de amante. – Eu falei solenemente, mas o meu emocional me traiu e a minha vista embaçou devido às lágrimas. – E sabe o que mais me dói? Você não se sentir culpado. Você achar que isso é nada. Que eu posso muito bem aceitar. Mas eu não posso. E eu estou tão decidida nisso, tão resignada que acabou que também não quero ouvir os seus argumentos. Eu não quero protagonizar alguma briga idiota ridícula, por estar com raiva, mas amando você a ponto de perdoar.

— Bruna, isso é sem lógica. Você pirou? – Ele perguntou incrédulo e eu bufei um riso, fungando.

— Você vai negar, não é? — Eu perguntei baixinho, para que a voz não falhasse.

— Você tirou isso de onde, amor?

— Eu finalmente consegui convencer a Mari. Nós vamos trabalhar juntas. Tem notícia melhor? Tem presente melhor? E eu liguei pra você, feliz da vida, na quarta-feira pra contar, Pedro. Mas infelizmente a sua amante acabou com a sua farsa. E ainda enfatizou que você não aguentava mais o sexo chocho que a gente fazia. E que só ficava comigo porque a sua mãe se orgulhava, que apesar de você não conseguir ser alguém na vida, namorasse alguém como eu, de boa família. — Eu sorri para ele, que ficou estagnado, me olhando

PERIGOSAS

como se tentasse digerir e entender os fatos. – Pra resumir, Pedro, a casa caiu.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 07

O Pedro ficou estático na sala e eu fui para o meu quarto, onde peguei uma mala e escolhi algumas roupas para levar. Depois peguei itens de beleza, como maquiagens, cremes e afins. Peguei um scarpin preto, porque combinaria com quase tudo. Uma sapatilha bege e uma rasteirinha.

Peguei a minha bolsa na sala e saí. Seria previsível que eu fosse para a casa dos meus pais. E talvez o Pedro fosse me procurar lá. Nunca se sabe. Sempre há duas opções. Ele poderia vir atrás de

NACIONAIS - ACHERON

mim, ou aproveitar a deixa para ficar com a Luciana. De qualquer maneira, eu não queria pensar sobre. As duas eram terríveis. Eu não o queria atrás de mim, eu não queria voltar, no entanto, eu também não o queria com a Luciana.

Iria para a casa da minha avó, mas o trânsito até lá seria uma merda. Então parei no primeiro hotel cinco estrelas que encontrei. Eu não poderia ter os mimos dos meus pais esta noite, então iria me presentear.

Pedi o champanhe mais caro e a melhor suíte disponível. Eu também tinha duas opções: Sofrer
NACIONAIS - ACHERON

ou comemorar. E estava tentando optar pela segunda.

Estava comemorando a minha sociedade com a Mari e o quanto eu queria isso. E ignorando o rompimento com o Pedro. Apesar de tudo, eu o amava, e não queria perdê-lo. Mas para ser realista, eu sabia que com o tempo a minha raiva e dor passariam. E esperava que o sentimento também.

O meu celular logo começou a chamar, em infinitas ligações do Pedro Luiz. Eu queria acreditar que ele queria mesmo vir atrás de mim. Mas talvez fosse só a necessidade de provar para

NACIONAIS - ACHERON

sua mãe, que apesar de tudo, ele era capaz de manter um relacionamento.

Não desliguei o celular, para não facilitar o seu trabalho. O coloquei no silencioso e enchi a banheira de hidromassagem.

Aproveitei a minha noite, mas não pude evitar pensar no Pedro. Da maneira torta como nos conhecemos e ficamos juntos. Das brigas, e por fim da sua traição. Eu queria ao menos ficar com a parte boa dele em mim, mas parecia que o meu ódio havia dissipado tudo, deixando só o rancor.

Parece bizarro e de praxe dizer que dessa vez era diferente.

Mas dessa vez era diferente.

Eu queria provar isso para mim, que poderia ser melhor sem ele, que iria superar isso, dessa vez. O Pedro seria parte do meu passado e eu só iria querer distância.

Eu deixei a minha imaginação fluir, e acabei trabalhando parte da noite. Num hotel caro, com

PERIGOSAS

comida da melhor qualidade, com bebidas caras e eu acabei sozinha, trabalhando.

Parecia até triste, mas eu só tinha vinte e dois anos para pensar que a vida acabou porque o namoro acabou.

Era como se eu pudesse ouvir a minha mãe me dizendo isso. Como aconteceu há anos, quando eu tinha dezoito e perdi o primeiro amor. Foi difícil e doeu como eu imaginava que nunca doeria novamente e cá estou eu, já sofrendo por outro. Eu tinha a minha família e era realizada no trabalho. Não precisava ter pressa no amor.

NACIONAIS - ACHERON

Na manhã seguinte, eu vesti um short jeans e uma regata branca. Calcei uma rasteirinha, e liguei para a cabeleireira da minha mãe.

Fiz as unhas e cortei o cabelo, o deixando mais curto e reto. Liguei para a Mari e nos encontramos no hotel.

— Então você termina com o namorado e você sai do seu — ela enfatizou. — apartamento? — Ela perguntou incrédula e eu deixei escapar um riso.

— Não é bem assim. E sinceramente, eu não

pretendo continuar morando lá. — Eu fiz uma careta, cruzando as pernas sobre a cama, colocando o travesseiro no colo.

— Mas você está bem?

— Eu estou. Digo, eu não queria nunca que as coisas tivessem terminado dessa maneira. Mas eu vou sobreviver. — Eu forcei um sorriso, para convencê-la.

— E que vaca! — A Mari falou horrorizada. — Meu Deus, que vagabunda. Como ela pôde? Eu me pergunto quanto tempo o Pedro vai suportá-la. Porque ela faz joguinhos. Por favor, ela é louca!

— A louca da história sou eu. Louca e burra. Tomei na cara uma vez e quis tentar de novo.

Como se ele fosse esse santo arrependido e fosse mudar. – Eu neguei com a cabeça.

Os dias passaram tranquilos. Ignorar a dor e não pensar nela parecia mais fácil, que sucumbi-la para esperar passar. De uma maneira ou de outra, acabaria passando e eu superando. Como eu ouvi em uma música sertaneja ridícula: dor de amor não mata.

Acabei trocando de número, porque parecia mais fácil não receber ligações do Pedro Luiz, do que ignorá-las.

Trabalhar junto com a Mari, exigia um profissionalismo que eu não estava acostumada a ter e nós brigamos na primeira semana juntas. Bem, nada muito sério. Eu estava disposta a tê-la ao meu lado e ainda estávamos reestruturando tudo para deixar com a nossa cara. E não seria comum se tudo fosse cem por cento, perfeito, não é?

No mais, a nossa amizade não estava sendo afetada pelas discussões no escritório, porque nós sabíamos diferenciar a vida pessoal e a nossa amizade de anos, do nosso trabalho.

Era uma sexta-feira, quando eu finalmente

NACIONAIS - ACHERON

tomei coragem de voltar ao meu apartamento. A minha vaidade já estava sendo afetada por ter que ir trabalhar com o mesmo sapato por uma semana seguida. *E eu era mesmo uma patricinha fútil.*

Aproveitei o horário de almoço para encher duas malas grandes com coisas minhas e levei para a casa dos meus pais.

A minha mãe abriu um sorriso enorme, a me ver de volta. *De mala e cuia.* Já o meu pai, me aconselhou a não fugir dos problemas. Eu havia o feito gastar uma pequena fortuna com o apartamento para agora decidir, como se fosse uma

NACIONAIS - ACHERON

bobagem, que não queria mais.

— Eu vou alugar o apartamento, terminar de pagá-lo. Não se preocupa, pai. — Eu falei, enquanto a minha mãe e a Vanda lutavam com as minhas malas.

Eu olhei a casa, e respirei fundo, porque há muito tempo, eu não me sentia realmente em casa.

— A Leandra está furiosa com o Pedro Luiz.
— A minha mãe falou, quando eu cheguei ao meu quarto. Eu não falei nada, para que não entrássemos nesse assunto, mas ela continuou. — Cortou todos os cartões de crédito, e sustou o cheque que ele comprou o carro da Luciana. — Ela desatou a falar e
NACIONAIS - ACHERON

eu não contive o sorrisinho. – E também, ele teve de voltar a trabalhar.

— Bem, eu espero só que ele aprenda algo com isso. – Eu falei, demonstrando desinteresse.

À tarde, eu mandei trocar a fechadura da porta do apartamento e arrumei todas as coisas dele numa mala, deixando na imobiliária com a Leandra.

— Eu sinto tanto... – Ela lamentou, enquanto algum funcionário levava a mala para dentro do local.

— Está tudo bem, Leandra. – Eu afirmei, sorrindo para ela.

— Não há nenhuma possibilidade de...

— Não. — Eu falei convicta, suspirando forte.

— O Pedro fez a escolha dele, e eu tenho que continuar a minha vida. — Eu lamentei. Não seria eu, se eu não forçasse um drama a mais.

À noite, eu sucumbi às lembranças do Pedro Luiz, me sentindo impotente pela imensa angústia que me dominava. Assim como a vontade de que o tempo voltasse e tudo fosse diferente, ele fizesse diferente. Era inevitável. Como se eu fosse uma viciada e estivesse em abstinência.

Meu momento *deprê* chegou tão fundo, que eu acabei num desses sites que prometem dicas infalíveis de como esquecer um amor que não deu certo. Eu ainda peguei chocolates e pipoca, para acompanhar a minha dor.

Dica Um: trate como droga.

Ele age como a cocaína, numa região do cérebro conhecida como núcleo accumbens. É aí que fica a zona de recompensa, que te faz sentir prazer. E é esta a sensação que causa vício. Exatamente como acontece com a cocaína.

Dica Dois: Jogue fora tudo que te faz lembrar

NACIONAIS - ACHERON

seu ex-amor: e-mails, fotos, cartões. Não converse ou fuce no Facebook dele(a). Se você está tentando cortar o álcool, você não deixa um uísque na sua mesa. Aliás, já dissemos por aqui que excluir ex do Facebook ajuda a superar o término, lembra?

Eu gargalhei da minha loucura em procurar ajuda na internet. Mas ok. Olhei para uma foto minha e do Pedro que ainda estava sobre a cabeceira da cama e a tirei de lá. Jogar tudo fora era algo elevado ao extremo, não é? Eu poderia superar essa mágoa e ficar com as lembranças depois. Peguei uma caixa onde eu guardava as fotos com ele, e algumas bobagens que fizemos juntos, como

NACIONAIS - ACHERON

objetos que lembravam viagens.

Esqueci-me de esconder (porque eu não iria jogar fora) sem olhar, e a vontade de ligar para ele e pedir uma conversa queimava em mim. Era quase esquizofrênico. Mas eu não poderia continuar nessa coisa.

Dica Três: Como cortar a obsessão.

Tá, mas deixar de pensar na pessoa não é assim tão fácil, certo? Lembre-se das características negativas dele(a) e nunca esqueça que relacionamentos só funcionam quando os dois

querem, aposte num novo amor (mesmo que ele seja temporário) e mantenha-se ocupado.

De uma maneira torta, ele também queria manter o relacionamento, então eu me senti culpada. Porque eu o havia traído, também.

Apostar num novo amor estava completamente fora de cogitação. Algo temporário, talvez, e aí eu me lembrei do Daniel. Eu sorri ao me lembrar dele, e da maneira fofa como ele aceitava o meu vício por filmes infantis. O Pedro era tão mimado quanto eu e abrir mão do que ele queria por mim, era algo que acarretava brigas. Porque eu também não queria abrir mão do que eu queria, por

ele. E nunca entravamos num acordo. Acabávamos fazendo sexo.

Dica Quatro: Deixe o tempo curar.

Eu dei risada para a obviedade da *dica*, por favor, apesar de qualquer coisa que a gente tente fazer, a única coisa eficaz é realmente o tempo. Sabe-se lá quanto tempo, mas talvez essas dicas servissem só para nos iludir e consolar, afirmando que de uma maneira ou de outra, não morreríamos com o fim de um relacionamento, a menos que fossemos fracos para deixar isso nos destruir.

O blog que eu abri, acrescentava outras dicas para compensar a ausência do ex: receba muitos abraços dos amigos (serve para aumentar os níveis de ocitocina, hormônio que te deixa mais relaxado) e faça exercícios físicos (vai aumentar a taxa de dopamina no cérebro).

Acabei deixando isso pra lá, porque eu tinha mais o que fazer a tratar como droga e vício o que eu sentia. Ou me ocupar para não me lembrar dele, ou jogar todas as nossas lembranças fora. Pelo amor de Deus, eu não era uma louca em tratamento, para me recuperar de um fim causado por ele, mas

NACIONAIS - ACHERON

imposto por mim.

Curti a minha sexta-feira em casa, sozinha.
Com doces e filmes.

Na manhã do sábado, eu liguei para a Lorena vir passar a manhã na piscina comigo. Nós não estávamos mais tão próximas, mas ela iria me abastecer de notícias da Luciana. E mesmo que não fosse me levar a lugar algum, nem me tornar uma pessoa melhor, eu precisava saber. Isso diminuiria a minha dor.

O tempo estava quente, mas não estava ensolarado.

Nós ficamos na borda da piscina enquanto ela me falava do seu novo amor e de como ele era diferente de todos os outros. Eu fiquei feliz por ela, claro. Ela fez uma careta surpresa, mas que dizia exatamente que não era tão surpresa, quando eu contei sobre o término com o Pedro Luiz.

— Ele estava com a Luciana. — Eu falei e a Lorena apertou os lábios, assentindo. Eu não perguntaria se ela já sabia disso, porque era algo entre o Pedro e a Luciana. Se eles se gostassem, eles deveriam me contar. E de qualquer maneira,

ela era amiga da Luciana, também.

— Mas ela gosta mesmo é da vida boa que ele poderia dar pra ela. — Ela afirmou, bebendo um pouco do seu suco de laranja. — Você sabe tão bem quanto eu, que ela ainda é apaixonada por aquele ex maldito.

— O que deixa tudo pior. — Eu resmunguei. — Se fosse por um sentimento, menos mal. Eu entenderia se fosse por amor, realmente. — Eu menti. Eu não entenderia nunca. Ele era meu namorado, ele foi um canalha e ela uma vadia por ter se envolvido.

— Ela está frustrada, também. Se você não tivesse ido encher a cabeça da mãe do Pedro de

NACIONAIS - ACHERON

abobrinhas, eles estariam juntos em Angra e felizes da vida.

— E como ela vai fazer pra pagar o carro? —
Eu indaguei e a Lorena deu de ombros. — A Leandra deve ter acordado pra vida, e visto que o Pedro precisava crescer.

Nós ficamos ali, falando dessas bobagens e outras futilidades, até que o meu pai chegou com o Augusto e o Daniel. Eu acenei para eles, que se sentaram à mesa da varanda. A Lorena logo recebeu uma ligação e foi embora, mas marcamos algo para a noite.

Eu acabei me juntando aos *rapazes*, no jogo de cartas, me gabando por fazer dupla com meu pai e ganhar.

— Então você voltou a morar com seus pais.
— O Daniel comentou, quando meu pai e o Augusto foram para o escritório. Eu assenti, sorrindo. — E tá bem?

— Bem. — Eu dei de ombros. — E você ama tanto o seu patrão que até aos fins de semana, saem juntos.

— Ele é um bom amigo. — O Daniel sorriu solenemente e eu revirei os olhos.

— O Augusto é chato. — Eu falei. — Não que eu não goste dele, mas ele quer ser sempre o dono
NACIONAIS - ACHERON

da razão. E isso é um porre.

— É que você é mimada e deve odiar quando a verdade é dita.

— Não é não! – Eu reclamei, e ele riu. – E ele é tão certo, tão dono da verdade, que sequer conseguiu criar um filho direito. O canalha do Pedro Luiz só serve pra torrar dinheiro. Não trabalha e como você mesmo insinuou, até a prova da OAB foi comprada. Ele queria montar um filho perfeito e resultou num traste.

— O cara nasceu rico, é mimado, tirado a garanhão e tinha um pai pra comprar tudo, até mesmo cruzar a linha da ilegalidade por ele. Ele tem a vida perfeita pra quem gosta de não fazer

nada. Você só tá frustrada porque não deu certo com ele. – O Daniel afirmou com um sorrisinho e eu fiz uma carranca. – Porque há umas semanas atrás você jogou na minha cara que ele era confiável, que o namoro de vocês era saudável...

— Ok, vamos encerrar essa merda. – Eu falei irritada e o Daniel riu.

À noite, eu tomei um bom banho demorado. Escovei os cabelos, e fiz uma maquiagem clara, com delineador e batom vermelho. Vesti um vestido preto de seda, com alças finas e um decote profundo nas costas. Calcei um scarpin preto, salto quinze e coloquei um brinco e um colar discreto.

Passei perfume, peguei uma bolsa pequena, e o meu celular. A Lorena passou para me buscar as dez, e então nós fomos para uma boate.

Chegando lá, pagamos as entradas e ela ligou para o Tadeu. Encontramos com eles numa mesa, eu cumprimentei aos três homens charmosos que estavam com ele, a Lorena se sentou. Eu fui dar um volta.

Pedi um energético no bar e analisei o movimento do lugar. Por um momento me senti entediada, mas me recusei a me afundar no álcool. Numa das minhas olhadas gerais, encontrei o Pedro

NACIONAIS - ACHERON

Luiz e logo à sua frente, a Luciana.

O meu corpo paralisou e a porcentagem que queria sair para não olhá-los, era muito pequena em mim. Eu presenciei alguns beijos e como eles se divertiam ali. E como eu era realmente um nada.

Era ridícula a maneira como ele queria me fazer acreditar que ele me amava e manter a nossa farsa. Eu me senti enojada por ter sido tão cega.

Estava ali, remoendo meu ódio, quando o Lucas parou para me cumprimentar. Ele me deu um

abraço apertado e um beijo no rosto.

— Eu sinto muito. — Ele falou, apertando os lábios.

— O Pedro não sente, no entanto. — Eu falei sarcástica. — Todos vocês já sabiam?

— Não realmente. — Ele falou confuso. — Eu acho que ele vai sair perdendo nisso tudo. A mãe dele não suporta a Luciana, os caras também não. Só o Davi, e sinceramente? — Ele olhou rapidamente em direção ao casal vinte e deixou escapar um risinho. — Ele deve ter comido ela.

— Ai, Lucas, só você. — Eu dei risada, bebendo um pouco do meu energético. — O Pedro não falou nada?

— Ele tá mais frustrado por você sumir e ignorá-lo, e pela mãe dele estar dando corda ao pai... Ele só vai dar conta do que está perdendo, Bru, depois que tiver um belo choque de realidade com a Luciana. Porque, oh, mulherzinha enjoada.

— Sério? Pra até o Davi aprovar, é porque algo bom ela tem. — Eu brinquei e o Lucas, bufou um riso, negando com a cabeça.

— Ela só tem beleza.

— Tá com ciúme do Pedro? — Eu perguntei desconfiada.

— To com pena, Bru. — Ele riu, bebendo um gole longo da sua cerveja. — Vou dar uma volta.

O Lucas foi e eu fiquei observando os dois à minha frente. Eu deveria ser quase masoquista, porque estava doendo, mas eu não conseguia parar de olhar.

Tentei me lembrar do blog engraçadinho e das dicas *infalíveis*, e analisei a situação como a tal prova de força. Ele era a minha cocaína e eu como viciada estava olhando alguém consumi-lo, tendo que engolir a vontade.

Eu deveria estar enlouquecendo.

O Lucas voltou e eu arrisquei dançar com ele, uns arrochas sertanejos que tocavam, mas a nossa brincadeira perdeu a graça quando o Pedro se aproximou com a *vaca*. Ele ainda queria me cumprimentar, como se eu fosse obrigada a ser civilizada. Eu empurrei-o cuidadosa e saí dali.

Era como se eu estivesse recusando a droga.

Ele queria esfregar na minha cara que estava melhor com outra?

Era no mínimo humilhante.

Voltei para a mesa, onde encontrei o Ricardo. O cumprimentei e logo passei a despejar o meu ódio pelo Pedro e pela Luciana. Ele mal me dava bola, dizia que eu perder o meu tempo remoendo essa merda, não mudaria nada.

E que no fim, os dois saíam perdendo. Ela, por abrir mão da nossa amizade por um cara e abrir mão do ex-idiota que ela dizia amar. E ele, por perder a vida boa, porque a Leandra estava furiosa.

— Mas eles se ganharam, e eu perdi os dois!

– Eu argumentei e ele riu da minha loucura.

— Eu já te disse que o acho um merda, não é? Pois então, ele é um merda e você merece alguém melhor. – O Ricardo falou me entregando um copo com cerveja. – Relaxa Bruna. Você é forte e vai superar isso rapidinho. – Ele me deu um abraço apertado, que me fez sentir segura. Eu queria falar mal da Luciana, também, mas o Ricardo não o faria, então mudamos de assunto.

Para matar o tédio, eu bebi um pouco mais e fiz duas amigas no banheiro. Eu não me lembrava do nome delas, mas conversamos tanto que trocamos o número do celular. Encontrei o Lucas

NACIONAIS - ACHERON

escorado ao balcão, mexendo no celular e rindo presunçosamente.

— Imagino que está iludindo alguma pobre indefesa por aí! – Eu falei alto, ao me aproximar e ele me olhou assustado, mas riu ao me reconhecer.

— Iludindo dói, me sinto um canalha. – Ele reclamou, fingido. – Estou convencendo, é diferente.

— Hum, sei... – Eu falei duvidosa e notei então o Daniel não muito longe, flertando com uma loira. Ela estava encostada ao balcão e ele a sua frente, prendendo-a ali.

— Você deveria fazer bom uso da educação que a sua mãe te deu. – O meu ex falou, parando ao

NACIONAIS - ACHERON

meu lado. Meu corpo tremeu de ódio, de rancor e eu ainda queria chorar.

— Ouvi um verme falando, Lucas. E você? —
Eu perguntei e o Lucas nos olhou entediado.

— Vão começar? — Ele perguntou prepotente.

— Sinceramente, não. — Eu falei, vestindo a postura de mulher madura, resignada e forte. — Pedro, eu não quero ter que conviver com você, então eu não acho que eu preciso desperdiçar a minha boa educação com alguém tão insignificante. — Eu resmunguei para ele. A Luciana voltou, o abraçando por trás. Eu olhei desarmada para o Lucas, era como se eu fosse desatar no choro a qualquer momento.

— Eu to indo embora, vou passar na Eduarda, quer uma carona, Bru? – Ele perguntou para mim, que assenti.

Eu fiquei quieta, até chegar em casa, e o Lucas não forçou conversa. Despedi-me dele com um beijo no rosto.

— Fica bem, Bru. Ele logo desiste dessa loucura e vocês se acertam. Apesar de tudo, o Pedrão gosta muito de você.

— Tá tudo bem.

— Me passa o seu número novo. – Ele pediu, educado. – Não é porque vocês terminaram que

você tem que se afastar da gente. — O Lucas completou e eu deixei escapar um riso para a sua cara de pau.

— Eu tenho o seu número e se eu precisar de algo, eu te ligo. — Eu falei, negando com a cabeça. A possibilidade de ele ter pedido apenas para repassar ao Pedro me aliviava e me deixava mais angustiada.

Ouvir do seu melhor amigo que ele gostava de mim, era algo para me deixar ainda mais na dúvida. Apesar de manter uma boa relação com o Lucas, o amigo dele, irmão camarada, era o Pedro. Então ele poderia apenas estar querendo ajudar o

NACIONAIS - ACHERON

Pedro a me fazer idiota.

Eu me joguei na minha cama, e me deixei chorar. Essa coisa de ser forte parecia bonita, mas era difícil. Seria fácil se eu conseguisse aceitar dividi-lo, para não perdê-lo. Porque estava tudo uma merda, então pelo menos seria uma merda com o Pedro Luiz.

Quando eu descii para tomar café na manhã seguinte, parei no meio da escada, ao ouvir minha mãe discutindo com alguém. Logo reconheci o Pedro.

Eu bufei um suspiro e voltei para o quarto, porque a última coisa que eu precisava, era ouvir as sandices daquele canalha.

Se tivesse uma coisa que eu concordava no que havia lido na internet, era que eu deveria ignorar. Seria sempre aquela coisa de ir e vir, enquanto eu me submetesse a conversar com o Pedro. Eu sempre acabaria perdoando, a minha raiva seria dissipada pelo sentimento. E eu não queria querer perdoar outra vez.

Seria como assinar um atestado de burrice. De loucura, de cegueira e de desamor próprio.

NACIONAIS - ACHERON

Acabei pegando no sono mais uma vez, e acordei pouco depois das onze. Desci e fui à cozinha pegar algo para comer. A minha mãe estava na sala, com um livro e não falou nada sobre a visita do Pedro.

A Leandra veio almoçar conosco, e eu dormi a tarde inteira.

O mês passou voando. Eu me sentia exausta e realizada ao mesmo tempo, era difícil explicar. Em duas semanas, a casa dos Neves estaria quase pronta, para mexermos com os detalhes finais da decoração. A ansiedade me consumia.

— Estou surpresa que você e o Pedro ainda não voltaram. — A Mari comentou, ao entrar na minha sala, se sentando na cadeira em frente a minha mesa. Eu olhava pela internet tipos de papeis de parede para mostrar a uma cliente.

— Nem vamos. — Eu falei desinteressada. Não poderia simplesmente afirmar que não o amava mais, ou que havia esquecido completamente. Eu já não sabia mais, porque apesar de não doer como nas primeiras semanas, volta e meia eu era pega me lembrando dele, com saudade.

Outro dia a Mari falou que as etapas eram a

NACIONAIS - ACHERON

dor, a recaída, o ódio e a indiferença. Pulando a parte da recaída, eu estava entre o ódio e a indiferença.

Não estava tão mal, no entanto. Não vê-lo facilitava tudo e de qualquer maneira, ele não fez alguma questão de insistir. Era orgulhoso demais e não sentia tudo que dizia sentir.

— O Joca comentou que o Daniel ainda fala de você. — Ela comentou presunçosa e então o Joca entrou na sala, me fazendo rir.

— Não morre mais, doutor. — Eu brinquei e ele foi até a Mari, para lhe dar um beijo.

— Eu tenho dois amigos loucos pra ficar com você. — Ele falou para mim, como se fôssemos adolescentes, com tempo para marcar ficadas por aí. Eu olhei-o, escorando os cotovelos sobre a mesa, e cruzando as mãos, apoiando a minha cabeça nelas.

— Só por curiosidade, quem? — Eu perguntei, mas definitivamente não estava interessada. Até a minha loucura pelo Daniel havia sido exterminada, junto com o meu término com o Pedro Luiz.

— Lucas e Daniel. — Ele falou rápido, enfático e eu dei risada. O Daniel ainda vai, o seu interesse era viável, eu poderia querer. Mas o Lucas? Ele nem era tão amigo do Joca.

— Ah, pelo amor, Joca, eu quero coisa nova.

— Meu amor, o Daniel ainda quer ficar com você, é uma coisa nova! — A Mari falou horrorizada e eu deixei escapar um risinho. — Você não pode se isolar do mundo outra vez, por causa do Pedro, né?

— Só estou me dando um tempo.

— Três semanas já foi um tempo suficiente, você já pode recomeçar.

— Eu to bem, de verdade, Joca. — Eu falei, pegando meu celular, que vibrou numa mensagem da Tereza. A amiga que eu fiz no banheiro de uma balada. Ela e a Deborah, ou Deh, como ela prefere ser chamada, são do tipo patricinhas mimadas e piores que eu no quesito, mas eu adorava passar o
NACIONAIS - ACHERON

tempo com elas.

“quinta é dia de japônês na minha casa! Não pode faltar!”

Eu enviei uma resposta, e ela logo me passou um horário. Eu então voltei minha atenção ao Joca.

— Eu voto no Daniel. — Ele falou prepotente, como se eu tivesse a obrigação de me relacionar com outro homem urgentemente. E eu sorri para ele, me encostando à cadeira, analisando a situação.

— O Pedro iria pirar se eu ficasse com o Lucas. — Eu ponderei e a Mari bufou um suspiro

entediado.

— E você não quer ficar entre isso, não é? Ele vai pirar mais ainda de te ver com o Daniel, porque o pai dele idolatra o cara! Ficar com o Lucas vai soar como se você quisesse enciumá-lo.

— Ai, Mari... – Eu reclamei.

— Vai fazer algo hoje à noite? – O Joca perguntou, e eu assenti.

— Marquei com duas amigas, jantarzinho na casa delas.

[...]

Eu estava na sala da casa da Tereza, com ela e a Deborah, quando a mãe dela, foi abrir a porta. Eu logo reconheci a mulher que entrava, como sendo a mãe do Daniel. Nós pedimos o jantar, e tomamos um vinho delicioso que a Tereza roubou da adega de seu pai.

As duas estavam mexendo no facebook do namorado da Tereza, ou ex, a procura de algo suspeito, quando eu me levantei para ir ao banheiro. Quando saí de lá, parei ao ouvir a tal mãe do Daniel, falando com a Alexandra. Eu já deveria ter mencionado que era terrivelmente curiosa.

— Mas você deveria ter consciência de que

NACIONAIS - ACHERON

aproximá-lo dessa maneira, em algum momento se tornaria arriscado. E você iniciou isso tudo, quando sumiu grávida. – A Alexandra, falou, e eu franzi o cenho, confusa. Eu me lembrava de o Daniel ter dito que não conhecera seu pai.

— Eu era tão nova e ele já namorava outra pessoa. Naquela época, sumir pareceu a melhor opção, porque eu não iria simplesmente abortar. – A outra lamentou. – Mas o meu menino é um homem bom, apesar de tudo.

— Bom, Paola? – Eu ouvi um risinho. – Ele se aproveita de ser bonito, isso sim.

— Tudo isso porque a sua filha quebrou o coração dele! – A mãe do Daniel rebateu e um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso me escapou, por ela defendê-lo. — Mas eu não queria bagunçar as coisas para ele, agora. Dar um nó na cabeça do meu filho, no auge da carreira dele. Isso poderia afetá-lo no trabalho.

— Claro que vai afetar! Ele trabalha com o pai! — A Alexandra aumentou o tom, parecendo irritada ao afirmar. Eu me virei para sair dali, mas antes de chegar à sala, um estalo me trouxe a realidade: *ele trabalha com o pai*.

Meu Deus!

Se na minha cabeça isso era capaz de dar um

nó, imagina para os realmente envolvidos?

Essa era o tipo de verdade que eu preferia não saber. Sempre eu, a minha curiosidade e a minha mania de querer saber dos outros.

— Tudo bem, Bru? – A Deborah perguntou. – Demorou...

— Tudo bem. – Eu falei, me sentando com elas novamente. – Você tem alguma irmã, Tereza? – Perguntei, porque se não, ela poderia ser a tal mocinha que quebrou o coração do *pobre* Daniel.

— Ah, Dolores. – Ela abanou a mão em desinteresse. – Mas ela mora na Florida, desde que

terminou um namoro com um gato! – Riu, mas estava focada no celular. – Na verdade o cara só faltava lambar o chão para ela pisar, ele a amava, mas ela amava o mundo. Sinceramente? Eu não sei se concordo com o lema dela, ou tenho ódio por ela dispensar um homem feito o Dan. Gato, forte, lindo, tudo de bom, gostoso... E ainda é do tipo rico, mas batalhador. Vive abrindo a boca pra dizer que não teve nada de mão beijada, teve que ir atrás. Pura historinha pra fechar com chave de ouro a cafajestagem dele. Meu primo, diz que as mulheres tem tesão por homem bem sucedido. Mais que por filho de pais bem sucedidos, porque soa como se a mulher precisasse ser aceita pela família, mais que

pelo próprio homem. — A parte boa de ter *amigas* assim, que não fazem nada da vida além de torrar o dinheiro dos pais, é perguntar uma coisa e receber mais informação que o realmente necessário.

Eu tive pesadelos durante a noite, com essa coisa de o Daniel supostamente ser filho do Augusto. Pior! Se ele era filho do Augusto, ele era irmão do Pedro!

Ignorei que eram duas e meia da madrugada, e liguei para o Daniel.

— Tudo bem? — Ele perguntou sonolento.

— Não consigo dormir. — Eu falei, como se isso fosse desculpa suficiente para acordar alguém.

— Tive uns pesadelos chatos.

— E você tá onde?

— Em casa, oras. — Eu falei o óbvio. —
Desculpa Daniel.

— Não, tudo bem. — Ele falou, suspirando forte, ou bocejando. — E você quer falar sobre o que, já que não consegue dormir?

— Você nunca pensou em procurar o seu pai?
— Eu perguntei de uma vez.

Estava me massacrando, eu poderia ter escutado ou entendido tudo errado, no entanto. E

sinceramente, esperava para que fosse um mal entendido meu.

— Não, eu nunca.

— Por quê? – Eu insisti, mesmo percebendo que ele não gostaria de falar sobre.

— Porque a minha mãe é uma mulher maravilhosa, Bruna. Ela diz que simplesmente não sabe quem é, mas mesmo que soubesse... Se ela não contou, ou não o quis por perto, boa coisa o sujeito não deveria ser.

— Você pode estar sendo radical demais. – Eu resmunguei. – E se for alguém próximo de você?

— Bruna, eu não gosto de falar sobre isso. Mas porque você quer saber disso? – Ele deu um risinho, um tanto confuso.

— É que eu me lembrei de que você disse não ter conhecido. Se fosse eu, eu iria querer.

— Talvez, se eu sentisse falta de um pai, eu teria procurado. Não seria tão difícil, eu começaria pelos caras que ela saiu na época, depois de encontrá-los, um exame de DNA esclareceria tudo. Mas eu definitivamente não quero mexer nisso, não parece nada divertido conhecer um pai aos vinte e seis. Vamos falar de outra coisa, também. Senão eu vou dormir.

— E a sua irmã?

— Meu deus, mulher! – Ele falou enfático. –
Virou detetive agora?

— Desculpa, vai. – Eu resmunguei.

— Ela é filha de um ex-marido da minha mãe.
Eles se separaram. O canalha não prestava. Mais
uma pergunta sobre isso e, eu desligo ok?

— Mas a sua mãe não tem cara de ter sido
uma mulher rodada. Ela tem um porte muito
requintado e conserv... – Ele desligou e eu dei um
risinho, ligando mais uma vez.

— Desculpa de novo. – Eu pedi, rindo. –
Você é todo mimado, também.

— Você iria querer falar sobre o Pedro, ou

sobre como ele está com outra agora? – Ele retrucou impaciente, e eu fiquei quieta. – Então...

— Não sente nem aquela curiosidade, só pra saber quem é? – Eu insisti mais uma vez, ouvindo um suspiro impaciente e forte.

— Não.

— E se ele quisesse saber? – Eu sugeri e o Daniel riu. – Não desliga, por favor.

— Ele não quer. É óbvio e, por favor, Bruna, esse assunto não é algo mal resolvido na minha vida, você não precisa se preocupar.

— Já pensou que você pode ter irmãos? – Eu indaguei, cheia de mim, como se eu fosse a dona da

razão em obrigá-lo a mexer nesse assunto. — Você não tem medo de ter uma irmã por aí e já ter por um acaso ficado com ela? Hã?

— Meu Deus! — Ele riu incrédulo. — Você é louca.

— Danie... — Ele finalizou mais uma vez a ligação e eu fiz uma carranca para sua teimosia. Ele não poderia viver pra sempre no escuro. Era muito patético aceitar que sua mãe não sabia quem era seu pai. E mesmo que não soubesse... A mulher não deveria sair com mil caras ao mesmo tempo, logo não daria trabalho para descobrir.

Fui dormir irritada, mesmo que isso tudo não

NACIONAIS - ACHERON

me dissesse respeito.

Na manhã seguinte quando eu desci pra tomar café, eu queria despejar a minha angústia para a minha mãe, mas decidi que eu não poderia espalhar isso para o mundo. Não era sobre a minha vida e a minha mãe era amiga da Leandra. Eu fui para o escritório e me ocupei com o meu trabalho a manhã inteira.

Acabei aceitando um convite do Lucas para almoçar.

— Você vai acabar ficando com ele. — A Mari

falou malevolente e eu fiz uma carranca.

— Eu estou indo almoçar. Isso não tem nada de romântico e eu tenho que ir à loja daquela ruiva às duas horas. Não vamos sair do restaurante para um motel. Mesmo eu achando que isso iria fazer o Pedro ficar puto.

— Você nunca escuta ninguém! – Ela fez uma carranca. – Seguir em frente não significa almoçar com o melhor amigo do ex.

— Se eu tivesse sido de alguma importância pro ex, o melhor amigo dele não tentaria ficar comigo. – Eu retruquei, ajeitando a minha bolsa no ombro e soprei beijos no ar para ela e para a Júlia. E de qualquer maneira, eu duvidava muito que

NACIONAIS - ACHERON

justo o Lucas tentaria algo.

E foi dito e feito. Eu me diverti com o Lucas, porque apesar do Pedro, nós tínhamos uma boa convivência. Não houve indiretas, flerte, nem olhares indiscretos. Só o nosso almoço e a nossa conversa de sempre, sobre banalidades.

E o melhor de tudo era que com ele, eu poderia falar mal da Luciana sem ser parada. Exceto a Mari, que a odiava, os outros amigos também eram amigos da Luciana e jamais tomariam as minhas dores para ficar contra ela, ou vice-versa.

Passei a tarde testando a minha paciência, a pior parte de ter os meus pais e principalmente a minha mãe me indicando para as suas amigas, era suportá-las. Volta e meia eu tinha que aturar as loucuras de alguma perua, como nesta tarde.

— Então, eu vou enviar parte do projeto por e-mail. Daí nós marcamos uma hora se você quiser mudar mais alguma coisa. — Eu falei, guardando o laptop na bolsa. A mulher se despediu de mim com dois beijos no rosto e eu saí da loja, tendo a má sorte de avistar o Pedro do outro lado da rua.

Eu deveria ser rápida para que ele não me
NACIONAIS - ACHERON

notasse, mas o meu corpo teimoso ficou parado, olhando a maneira como ele ria ao falar no celular. E quando ele correu a mão no cabelo, que estava vulnerável ao vento? Eu me senti sangrar e doer por tê-lo perdido, mas logo retomei a postura do *ódio-indiferença*.

Um lado muito infantil de merda havia ponderado que se eu ficasse com o Lucas, chamaria atenção do Pedro e talvez o trouxesse de volta através disso.

Mas eu não o queria de volta.

Eu fiz uma carranca para a minha confusão e fui para o meu carro, estremecendo com o susto ao vê-lo parado ao lado da porta.

— O que você quer? — Eu perguntei, usando de toda frieza que eu queria que existisse.

— Conversar com você. — O Pedro afirmou solenemente, como se fosse o óbvio. — Não foi certo o que você fez. Nem a maneira como você sumiu e me excluiu da sua vida por um lance completamente sem importância.

— Completamente sem importância. — Eu repeti, chegando a rir de tão incrédula. — Por favor, Pedro, licença que eu tenho mais o que fazer!

— O Joca comentou que o Lucas quer ficar com você. — Ele falou e eu parei, o olhando minuciosa. Ele riu, negando com a cabeça. — Tudo bem, por mim. — Ele deu de ombros e eu quase caí, com tudo desmoronando dentro de mim. — Se ele acha que isso vale a pena, por mim, tudo bem. Eu não me importo. — O Pedro adicionou e sorriu para mim, se aproximando para deixar um beijo na minha bochecha.

Eu fiquei como uma idiota, estática enquanto ele se afastava, voltando a mexer no celular. Minha respiração ainda vacilou para se render ao choro e eu entrei no carro, me deixando chorar desesperada,

por ele não se importar. Eu aqui fazendo um esforço do caralho para ser forte, para superar, enquanto ele simplesmente não se importa.

Tentei me acalmar, respirando fundo, e limpando as lágrimas, mas foram três tentativas frustradas até que eu conseguisse.

O ódio veio tão quente em mim, que eu não pensei antes de mandar uma SMS para o Lucas.

“tá livre hoje à noite?”

Depois olhei alguma foto sua, procurando algum charme que afluasse alguma vontade de ficar com ele. Eu nunca tive chance de olhá-lo com outros olhos, porque o conheci através do Pedro e já era muito apaixonada por ele, para querer outro.

“pra você, sempre hahaha”

Eu relaxei os ombros, olhando confusa para a mensagem do Joca.

“não ouse ficar com o lucas”

“por quê?”

Eu enviei, irritada por ele querer me controlar. Eu era solteira e não queria ter alguma consideração pelo Pedro Luiz, afinal ele não se importa!

“pq não! Ele é amigo do teu ex e vcso quer usar o lucas não merece”

Eu dei risada para a explicação sem pé nem cabeça e sem vírgula do Joca, funguei, o respondendo.

“preciso de um argumento mais forte pra me convencer a não usar o Lucas. Porque ele é um gostoso.”

E logo em seguida, respondi ao Lucas.

“que meigo. Preciso de companhia hoje :/”

Eu suspirei forte, abrindo a mensagem do Joca.

“o seu ex é um argumento forte”

Eu bufei um riso ao ler.

“O Pedro não se importa”

Acabei marcando com o Lucas de ir a um barzinho com música ao vivo, no centro mesmo. Ele me buscaria as nove.

— Você deveria parar de fazer as coisas por vingança! – A Mari falou comigo, andando de um lado para o outro, enquanto eu refazia a maquiagem, já no meu escritório. – Depois você vai acabar voltando com o Pedro, eu aposto! Se

você quisesse mesmo superar essa merda de namoro, não iria nunca querer ficar chamando atenção! – Ela falava irritada, e eu suspirei forte, jogando a cabeça pra trás.

— O Pedro disse que não se importa. – Eu falei, simplesmente. A Mari me olhou entediada, ou irritada.

— Agora vocês vão ficar trocando vinganças. Um machucando o outro pra ver quem sofre mais. – Ela riu incrédula e parou, ajeitando o cabelo que estava ainda mais volumoso hoje. – Ok, você sabe o que faz. – Negou com a cabeça, respirando fundo. – Eu nem sei pra que perco meu tempo tentando colocar juízo na sua cabeça, porque você nunca me

ouve!

— Mari, você há de convir que o Lucas seja um gostoso. – Eu falei, sorrindo para amenizar. Ela forçou um sorriso e eu revirei os olhos.

— Eu não vou mais opinar. Melhor que sair com o Lucas só porque o Pedro não se importa, seria dar uma chance ao Daniel.

— Você fala como se o Daniel quisesse uma chance. – Eu dei risada, para o seu exagero.

Ouvi mais broncas da minha mãe, quando lhe disse que sairia com o Lucas. Comi alguma bobagem, mas logo fui me arrumar.

Escovei os cabelos e vesti uma calça vermelha, de cintura alta, com um cropped preto. Calcei um scarpin preto. A minha maquiagem era forte, mas a sombra era clara e opaca, com delineador e bastante rímel. Passei perfume e peguei o meu celular.

O Lucas passou às nove horas e quinze minutos, e a minha mãe ainda me recomendou juízo.

Quando chegamos ao bar, encontramos o Davi, que estava com uma mulher na mesa. Eu os cumprimentei educadamente e então nos sentamos.

NACIONAIS - ACHERON

Conversamos aleatoriamente enquanto bebíamos cerveja e eu trocava as farpas comuns com o Davi, porque ele era insuportável, mesmo. Para minha surpresa, o Joca chegou ali e meia hora depois, o Pedro Luiz e o seu novo amor.

Eu os ignorei completamente.

— Eu vou embora, porque o clima aqui tá pra temporal. — O Davi falou, como se fossemos protagonizar um barraco e, eu revirei os olhos, chamando o Lucas para ir embora, também.

— Bruna... — O Joca chamou reverentemente

e eu lhe olhei, sorrindo rapidamente. Em seguida olhei o Pedro, prestes a desistir de alguma loucura, porque o coração é bobo mesmo, mas ignorei porque a Luciana o puxou para um beijo.

Capítulo 08

Cheguei em casa dando a noite por perdida. Por mais que eu não fosse mesmo ficar com o Lucas, a nossa conversa era legal e nem disso eu pude usufruir.

Ele me deu um beijo na testa, e pelo que a Mari falou pelo *whatsapp*, era por ceder à pressão do Pedro que ele não tentaria nada. Talvez fosse melhor mesmo. Eu iria apenas acarretar outra culpa para carregar depois.

Não era nem meia noite. Eu já estava em casa, sozinha e louca pra me distrair com algo que não fosse dicas infalíveis da internet.

Acabei ligando para a Tereza e as encontrei na casa de alguém, pelo endereço que ela me passou. A Deborah me encontrou na entrada e assim que entramos na casa lotada, ela pegou um copo com uma bebida rosa para nós duas.

— Não aceita nada que pareça suspeito. — Ela falou alto, rindo. — Costuma rolar muita droga nessas festas. — Avisou, me puxando por entre as pessoas que dançavam na grande sala. Quando

NACIONAIS - ACHERON

encontramos a Tereza, eu logo reconheci o Daniel.

— Você já bebeu mais do que devia, Tereza!

— A Deborah falou enfadada, tomando o copo dela.

— E você, seu sem caráter? Custava pará-la? — Ela gritou com o Daniel e passou um braço da Tereza sobre os seus ombros, arrastando-a dali.

Eu como uma boa amiga, deveria ir ajudá-las, mas fiquei para cumprimentar o Daniel.

— E então, já pensou sobre começar a procurar o seu pai? — Eu perguntei, bebericando a minha bebida.

— Isso não te diz respeito, Bruna. E não era

algo que me atormentava, até você começar a me massacrar com esse assunto. – Ele resmungou.

— E porque a Tereza estava bebendo daquele jeito?

— Ela é sua amiga, ela tem que te contar. – Ele rebateu e eu revirei os olhos.

— Eu soube que você namorava a irmã dela. – Comentei presunçosa. – Eu não sabia que você era esse cara que pega todas porque sofreu por alguém...

— Meu Deus. – Ele resmungou e eu deixei escapar um risinho. – Você anda insuportável ultimamente.

— Porque você é teimoso. — Eu reclamei. —
Poderia ter um pai incrível.

— Bruna, eu poderia ter um pai incrível, assim como ele pode ser um crápula. E eu não estou a fim de descobrir, ok? Não torra a paciência com esse assunto. — O Daniel falou irritado e saiu, me deixando sozinha. Eu respirei fundo, e fui procurar as meninas.

Encontrei-as no banheiro que um rapaz me indicou, e a Deh segurava o cabelo da outra, que oscilava em chorar e vomitar. Ela parecia não parar nunca, era desesperador.

— Enquanto eu sofro, ele está lá com aquela
NACIONAIS - ACHERON

magricela! – Ela chorou e a Deborah me olhou, apertando os lábios em um sorrisinho.

— Eu vou pegar água. – Eu avisei, saindo dali à procura de onde pudesse haver água mineral. Achei o amigo do Daniel que estava com a Lorena, e ele me entregou uma garrafa de água.

— O que houve? – Eu perguntei, entregando a garrafa para a Tereza, que bebeu um gole curto.

— O ex dela está com outra. – A Deh resumiu. – O problema é que ele tá sério com a magricela, mas não deixa a Tereza em paz. E ela não sabe não ceder!

— Eu sinto muito. – Eu lamentei, suspirando forte. Depois de mais um tempo no banheiro,
NACIONAIS - ACHERON

retocamos a maquiagem da Tereza e voltamos para a festa.

Eu peguei outra bebida, fui dar uma volta na área externa da casa e me juntei a Lorena. O Tadeu pareceu apreensivo quando a Tereza se aproximou, junto com a Deborah.

— Se essa louca vier com desaforo outra vez, eu vou dar na cara dela. — A Lorena falou rapidamente, e não precisava ser muito esperto para ligar que o Tadeu era o era o tal ex.

Eu me afastei deles, para atender o meu

celular. Era o Pedro, eu deveria ignorar, mas eu queria enchê-lo de esporros.

— Você deveria ser mais mulher e saber que não é me provocando com o Lucas que algo entre nós vai ser resolvido. — Ele falou possesso e eu dei risada.

Isso era o que? Um tipo de psicologia reversa? Transferir a culpa para mim, pra me fazer abaixar a guarda?

— Ao contrário do que você pensa, eu não estava te provocando. — Eu menti, falando naturalmente. — E depois, eu não estava com o Lucas pra ficar com ele. Nós apenas saímos pra tomar uma cerveja.

— Você odeia cerveja, Bruna. — Ele retrucou precisamente.

— Mas eu bebo. — Eu zombei. — E eu não preciso te provocar, porque eu não te quero de volta. Então eu não preciso medir o que eu faço me preocupando com o que você vai pensar, Pedro. — Ele ficou quieto, então eu continuei. — E eu torço pra que você dê certo com a Luciana. Ok? Muitas felicidades pra vocês. E sorte, já que a sua mãe não aprovou muito bem a sua troca. Eu to bem, não precisa se preocupar. E como você diz que não se importa, se eu quisesse, e o Lucas também, nós teríamos ficado, sim. — Eu desliguei, me sentando numa mesa que havia perto da piscina. Eu fechei os

olhos, tomando uma respiração profunda.

Quando os abri, dei de cara com um Daniel sorridente, me olhando atento.

— Quer dizer então que você deseja ao Pedro muita felicidade com a Lu... — Ele zombou e eu fiz uma carranca.

— Eu deveria falar com você, só quando você quisesse saber do seu pai. — Eu resmunguei e o seu sorriso desfez.

— Eu não estou a fim de ter um pai agora. — Ele falou como se fosse simples assim. — Homem nenhum quer ganhar um filho assim, Bruna, do nada. É sem lógica você querer que eu queira isso.

— Então me responde só uma coisa. — Eu pedi e ele me olhou, me incentivando. — Você não quer, porque acha desnecessário, ou porque tem medo de se decepcionar? — Eu o encarei firme, mas ele desviou o olhar.

— É um assunto morto, Bruna. — Ele resmungou, desconcertado. — Era, quero dizer.

— Eu acho que você iria se surpreender. — Eu falei presunçosa e ele me olhou, rindo.

— Virou vidente, moça?

— Não, mas qualquer cara iria se orgulhar de um filho como você. — Eu sorri convicta para ele, que riu.

— E como está a sua vida? – Ele perguntou como se fôssemos mesmo desviar desse assunto. Ele deveria investigar e descobrir que tudo que eu escutei da sua mãe com a Alexandra, não passava de um mal entendido.

— Normal, eu to tentando convencer um amigo a querer encontrar o seu pai. – Eu respondi presunçosa e ele bufou um riso, negando com a cabeça.

— Amigo, é? – O Daniel riu e eu revirei os olhos, por ele se achar esperto o suficiente para nos desviar do assunto.

— Você se acha muito esperto. – Eu resmunguei, bufando um riso.

Depois da briga infantil entre a Lorena e a Tereza, onde eu não tomei partido por motivos óbvios, eu fui embora, arquitetando um plano para fazer o Daniel ir atrás do seu pai. Ou o Augusto, que seja.

Já deitada na minha cama, eu pensei no Pedro e em como ele ficaria ao descobrir. O Daniel seria o filho que o Augusto sonhou. Um sucessor para ele, enquanto o Pedro era o herdeiro. Apesar de tudo, eu sabia que o Pedro Luiz queria mesmo ter uma boa relação com seu pai. Que filho não desejaria isso, afinal?

Eu ainda me perguntei o que faria uma mulher esconder a gravidez. O homem já estar com outra? Ou ela fora sua amante? Era tão confuso para eu assimilar. Uma sensação angustiosa me dominou ao pensar que talvez, se a mãe do Daniel não tivesse sumido a Leandra não estaria com o Augusto e o Pedro não existiria. E por mais chateada com ele que eu pudesse estar, eu não queria que a nossa história não tivesse acontecido.

Não era algo que eu iria esquecer, de qualquer maneira. Eu resumiria com o clichê de que foi bom enquanto durou. Mesmo que tivesse sido uma farsa

NACIONAIS - ACHERON

parte do tempo. O que estava em pauta para ser exterminado, era só o sentimento.

Acordei com o despertador às nove horas na manhã seguinte. Eu iria com uma cliente para uma loja de decoração.

Depois de uma manhã agitada, onde finalizamos a coisa somente de duas salas do apartamento da perua, eu fui ao shopping, comer alguma bobagem.

Aquela vontade boba de comer porcaria me dominava.

Estava voltando da praça de alimentação, quando avistei o Augusto. Eu diminuí o ritmo dos passos, ao notar a loira. Eles conversavam e logo passaram a andar lado a lado. Seria uma cena que passaria despercebida, se a mulher não fosse a mãe do Daniel e eu não tivesse bisbilhotado a conversa dela no outro dia.

Talvez comentasse com a minha mãe, que vira o Augusto com uma mulher no shopping. Ela repassaria a Leandra, que investigaria a coisa e ficaria tudo certo. Ou não. Mas a mulher supostamente tinha um filho com ele, e eu não

NACIONAIS - ACHERON

queria envolver o Daniel num escândalo. Eu os segui, indo mais atrás, com óculos escuros e olhando uma ou outra vitrine. Como a minha compulsão é maior que o meu instinto detetive, eu tive que entrar numa boutique para comprar um vestido branco, com detalhes em renda preta.

Experimentei a peça. O corte do vestido era reto, até os joelhos, com o decote decente, transpassando um ar de seriedade. Eu sabia que provavelmente nunca usaria o vestido, mas eu agora não tinha mais despesas com casa, então não me privei de matar a vontade.

Para minha sorte e azar do Daniel, porque quando mais abastecida de informações eu estivesse, mais eu iria atormentá-lo, eu ainda pude ver o casal conversando próximos a BMW do Augusto. Eu passei feito uma louca fugitiva, me escondendo entre os carros. Isso mesmo, eu me abaixei, escondida entre um carro depois deles. Coloquei os óculos escuros, como se isso fosse me disfarçar.

— Eu não imaginava que você fosse a mãe do Daniel. — O Augusto falou serenamente, exalando um riso tranquilo. E eu nunca havia o visto sequer rindo, para mim o homem era a seriedade e soberba em pessoa. — Eu não resisti em ligar, quando ele me

mostrou uma foto sua. Quase trinta anos depois e você continua a mesma. – Ele continuou e eu ouvi um risinho da mulher. Que cretino! Sabe nem flertar! – Eu espero que possamos marcar algo qualquer dia desses, eu ainda consigo me lembrar dos nossos planos.

— Que você deixou para se casar com a Leandra. – A mulher retrucou. Bem feito, doutor dono da razão. – Mas vamos marcar sim, há mais para conversar do que você imagina, Augusto. – Ela continuou e uma vertigem fria correu em mim. Eu ia me levantar, não tendo estrutura para ouvir algo que eu não poderia compartilhar com outra pessoa, e eu odiava ser injusta, mas quando o fiz,

dei de cara com a loira bonitona e deixei tudo cair no chão.

— Tudo bem? – A mulher perguntou. No momento eu não conseguia me lembrar do seu nome. Eu assenti toda sem jeito, culpada por estar bisbilhotando, e peguei a sacola e a minha bolsa, que por estar aberta, derrubou algumas das bugigangas que toda mulher carrega. Coloquei tudo dentro rapidamente. – Eu consigo me lembrar de você. – Ela comentou me apontando a chave do carro.

— Bruna... – O Augusto falou me olhando a espera de alguma reação, eu supus.

— Amiga do Dan, não é? – Ela perguntou,
NACIONAIS - ACHERON

lançando um sorrisinho presunçoso, que me fez corar.

— Bem, é. — Eu falei, suspirando forte. — Me desculpa, eu tenho que ir. — Eu falei, me virando para sair dali.

Andava em direção ao meu carro, quando o Augusto pediu para que eu esperasse.

— Você estava bisbilhotando e eu quero saber que parte da conversa você ouviu. — Ele falou, da sua maneira prepotente de ser e eu bufei um risinho. Deus talvez soubesse que eu nunca me daria bem com o Augusto, para me afastar do filho dele. Imagina se eu e o Pedro nos casássemos e

NACIONAIS - ACHERON

tivéssemos filhos? Eu teria que aturar o Augusto intervindo na criação deles! Porque eu sabia que o Pedro se venderia as vontades do seu pai, ele sempre o fazia.

— O suficiente para saber que essa coisa de infidelidade tá no sangue. – Eu provoquei e ele bufou um riso, correndo a mão na barba por fazer.

— Não seja precipitada, Bruna. – Ele falou, e a sua maneira segura de si, chegava a me irritar. Olhando pelo ponto de que, o Daniel pudesse ser seu filho, ele também tinha esse jeito maldito. – A Paola é uma velha amiga do colegial, reencontrei-a por acaso. Mas isso não te diz respeito.

— Exatamente. Não me diz respeito. Mas eu

continuo achando que essa coisa da infidelidade o Pedro herdou de você. – Eu falei, para irritá-lo mesmo, por todas as vezes que ele se achou no direito de me dar sermão. Tanto sobre carreira, o relacionamento imaturo com o Pedro e alguma bobagem que ele se sentiu no direito de falar, em algum momento da nossa convivência.

— Não sou de defender o Pedro Luiz, mas não era só ele o infiel da relação. – Ele falou, como se pudesse me abalar. – Eu realmente gostei do término e da maneira como foi. Não por você, mas por isso ter aberto os olhos da mãe dele em relação à criança que ele ainda é.

— Ótimo. – Eu sorri falso. – Então pode ficar

tranquilo, que eu não vou contar pra ninguém sobre a sua tentativa de reatar com uma amante. — Eu falei, porque se ela nunca tivesse sido uma amante, ele iria dizer.

— A Paola nunca foi uma amante, Bruna. Ao contrário. — Ele falou solenemente antes de se virar e voltar.

Eu remoí o assunto por muito tempo, procurei alguma maneira de contar isso para a Mari, sem contar isso realmente para ela. Mas acabei desistindo, ela não era inocente para cair em qualquer ideia boba que eu pudesse inventar.

À noite, quando eu descí, encontrando minha mãe e a Leandra na sala, me sentei com elas.

— E o Pedro, como está? — Eu perguntei, porque queria saber como ela estava em relação a ele.

— Eu deveria ter criado meu filho pra vida. Ele não cresce, Bruna. Acha que tudo se resume a farra e aquela uma. — Ela resmungou, e eu quase sorri, mas não poderia deixar evidente que isso me agradava. Ela *odiava* a Luciana, isso era como um agrado pela maneira como foi o fim do meu namoro com o Pedro e pelas suas mentiras. — E a menina não tem educação. Provoca, rebate, não ouve ninguém. E ele parece estar adorando afrontar

o Augusto.

— Mas ele está trabalhando? – Eu perguntei, franzindo o cenho. Ela suspirou forte, assentindo.

— Ele passa à tarde na imobiliária comigo, mas é só isso. De qualquer maneira, reeducar o Pedro não é fácil.

— Bem, ele deveria procurar algo que ele realmente queira fazer, sem se vender a alguma proposta tentadora do Augusto. Ele reclama, mas em parte, ele estragou o Pedro Luiz. – Eu disparei, recebendo um olhar reprovador da minha mãe, mas fomos interrompidas pelo meu celular. Eu estranhei ao ver que era o Daniel, mas não pude deixar de sorrir.

Levantei-me, indo em direção à cozinha para atender.

— Sim? – Eu perguntei, com a mania terrivelmente esquisita de atender o celular e ouvi um riso.

— Está ocupada, agora? – Ele perguntou. Simples e direto.

— Depende.

— Topa sair pra jantar comigo, agora?

— Ai, você é muito direto, faz um convite mais fofinho que eu vou. – Eu pedi rindo, mas ouvi um suspiro forte, dele.

— Eu queria passar um tempo com você.
Conversar, desde que não seja sobre o meu pai.

— Você não sabe ser fofo.

— Meu deus. – Ele resmungou, e eu abafei
um riso. – Eu to com saudade.

— De que?

— Bruna, eu estou passando aí em vinte minutos. Haja paciência contigo, viu! – Ele ralhou, antes de desligar sem me dar opção de resposta. Eu bufei um riso pela sua prepotência e fui me arrumar.

Depois de um banho rápido, eu olhei o meu

guarda-roupa, que ainda estava sendo arrumado desde que eu voltei para casa. De repente, eu não tinha o que vestir o que era desesperador, vendo que eu também não tinha noção do tempo que eu teria para me arrumar.

Mas como uma mulher sensata, eu fui fazer a maquiagem. Nada muito exagerado, para ele não achar que eu estava preocupada em causar-lhe uma boa impressão, porque era muito esquisito o Daniel, homem que eu transei loucamente mesmo mal conhecendo e que tem uma péssima fama de pegador, cafajeste (mesmo que isso tenha sido causado pela irmã da Tereza), ligar me convidando

para jantar.

Passei uma sombra clara, delineador e um batom claro. Pensei num vermelho, mas se por um acaso eu fosse beijá-lo, seria uma bagunça. E o delineador estava mais grosso do que eu planejava, porque graças a minha mãe, que entrou no meu quarto sem bater e parecendo o Batman, eu acabei errando.

— Vai sair? — Ela perguntou, desviando do que provavelmente veio fazer aqui.

— Vou. — Eu falei, passando um pouco de blush e em seguida, peguei dois brincos pequenos, dourados.

— Pra onde? Com quem? — Ela cruzou os braços atrás de mim e eu a olhei através do espelho.

— Vou jantar com o Daniel.

— Daniel? — Ela inclinou a cabeça para o lado, contendo um sorrisinho. — O bonitão que trabalha com o Augusto? — Ela perguntou, não disfarçando o sorriso e eu deixei escapar um riso, assentindo. — Bem, boa sorte, então. O seu pai o acha um bom partido.

— Ótimo, mesmo. — Eu concordei ironicamente. — Do tipo que não repete mulher.

— Ele está repetindo você. — Ela rebateu e eu dei risada. — Já é um avanço.

— Mãe, não espere que eu vá ter algo com o Daniel. Por favor, a última coisa que eu preciso é de você e o meu pai apostando nisso.

— Eu não vou falar pro seu pai que você já transou com o Daniel. — Ela provocou e eu revirei os olhos, entediada. O segundo nome da minha mãe poderia ser inconveniência. — Eu espero que ele deixe de ser um cafajeste, de qualquer maneira.

— Meu deus do céu. — Eu falei horrorizada, indo procurar alguma roupa, mas antes que o fizesse, meu celular tocou.

— Oi, Daniel. — Eu falei, passando uns vestidos que estavam pendurados, e peguei um rosa claro, que marcava a cintura, afinando-a.

— Está pronta? To em frente a sua casa, te esperando. – Ele falou, e eu arregalei os olhos para minha mãe, que riu da minha careta.

— Você não me dá meia hora e espera que eu esteja pronta?

— Vamos pra minha casa. – Ele falou sereno.
– Não precisa se arrumar.

— Espera. – Eu resmunguei, desligando, e a minha mãe foi para a janela, bisbilhotar.

— Ele tem um carrão. – Ela comentou e eu a ignorei. Seria como voltar para casa mais tarde com ela esperando por um casamento, se eu desse corda aos comentários. Vesti o vestido, ignorando que estava curto. Calcei uma rasteirinha gladiadora e

NACIONAIS - ACHERON

passei perfume. Prendi o cabelo num coque frouxo, e alguns fios ficaram soltos, porque meu cabelo estava mais curto.

— Boa sorte. – A minha mãe falou, e eu olhei-a carrancuda.

— Eu não estou precisando de um namorado.

— Um ficante, talvez. – Ela deu de ombros e eu bufei um riso, saindo.

O Daniel me cumprimentou com um beijo no rosto, mas bem perto da orelha, o que me deixou arrepiada.

— E então, você quer ir pra onde? – Ele

perguntou, enquanto dirigia e mexia no som.

— Você pode escolher. — Eu dei de ombros, pegando o meu celular, me lembrando de checar o whatsapp.

O Daniel falava uma coisa ou outra e logo nós chegamos a uma pizzeria. Nós sentamos numa mesa num canto mais isolado e eu arrisquei uma pizza doce, de doce de leite.

— Você vai se arrepender. — O Daniel, que tentou me convencer de algo mais tradicional, falou deixando escapar um risinho.

— A sua mãe não diz nada sobre o seu pai? —

Eu perguntei, e ele bufou um suspiro.

— Bruna, nós não vamos mais conversar sobre isso. – Ele falou resignado, me encarando firme e prepotentemente. Eu revirei os olhos.

— Tudo bem. E sobre a sua ex, você pode falar? – Eu arqueei uma sobrancelha e ele relaxou os ombros, assim como suspirava longamente.

— Com tanta coisa pra fazer, eu ignoro tudo e te chamo pra sair... – Ele falou entediado e eu lhe cerrei os olhos. – Nós terminamos há mais de um ano.

— Sim, por quê?

— Porque sim. – Ele respondeu e sorriu. –

Sem outras perguntas sobre isso.

— Você pode me perguntar o que quiser depois. – Eu prometi como se tivesse algo sobre mim que ele não soubesse. Claro, tinha manias, gostos, coisas que a gente só descobre com o tempo. Mas fora isso, da minha vida pessoal, familiar e profissional, era meio difícil ele não saber de tudo. Ou pelo menos o necessário.

— Duas perguntas. – Ele falou, rindo ao ver o meu sorriso ansioso. Eu o analisei, para não desperdiçar as perguntas com algo banal. – Pergunta, bonitona.

— Espera, eu preciso pensar. – Eu falei ansiosa, e deixei escapar um riso nervoso, o

fazendo rir. – Você já pensou que o seu pai pode estar muito perto de você? – Eu perguntei, e a sua expressão endureceu. – Não vale não me responder.

— Não. – Ele sussurrou, desviando o olhar. Eu estava percebendo que agora, quando eu tocava nesse assunto, ele mudava de humor, o que queria dizer que ele estava pensando nisso mais do que queria. – E as perguntas eram sobre a Lola.

— Eu não quero saber sobre ela. – Eu falei. Talvez eu até quisesse, porque sou curiosa pra caramba. Mas instigá-lo a procurar seu pai era algo maior em mim.

— Mais uma pergunta.

— E se o seu pai também estiver procurando

NACIONAIS - ACHERON

por você? Já pensou que você pode estar perdendo uma oportunidade incrível de ter um pai incrível? – Eu indaguei, e ele ficou quieto.

Claro que se o seu pai fosse mesmo o Augusto, não seria um homem incrível e sim um insuportável e dono da razão. A nossa pizza chegou, encerrando o assunto. Isso para não falar de como a pizza de doce de leite era horrível. Horrível! Eu ainda forcei um pouco, mas se continuasse iria acabar passando mal.

— Eu falei que era horrível. – O Daniel zombou, enquanto o garçom me servia com um pedaço da pizza de bacon.

— Mas é pior que horrível. — Eu falei horrorizada, bebendo um pouco do meu vinho, para exterminar o sabor da pizza. Talvez fosse a canela que não deveria estar ali. Ou a banana. No mais, a mistura foi desastrosa.

Nós comemos falando sobre bobagens, como alguns filmes de ação que eu queria ver. Estávamos rindo de algo que me fugiu da memória, quando o Pedro entrou na pizzeria com a Luciana. Era perseguição, não é possível!

— Eles estão juntos mesmo? — O Daniel perguntou confuso, e eu dei de ombros. Talvez vê-los juntos me incomodaria para sempre. — E você está bem com isso?

— Eu to. — Eu falei desinteressada. — Você sabe como é terminar um relacionamento.

— Não é tão ruim assim, quando a ex vai pra outro país.

— É. — Eu falei, bebendo o resto do meu vinho. Nós ainda tomamos um sorvete de chocolate e eu abusei das cerejas que vieram nele. Não me contentando só com as minhas ainda roubei as do Daniel. Era algo bom até, porque ele afirmou detestar cerejas.

— Quer ir pra casa? — Ele perguntou, quando chegamos ao seu carro e eu olhei-o confusa. Ok que ele não era o tipo de cara que queria namorar, mas ele me chamou para *jantar* porque éramos

somente amigos? Mesmo? Eu me encostei ao seu carro, jogando a cabeça pra trás e analisei o céu, que estava estrelado e lembrei que eu nunca prestara muita atenção nele.

Por um momento eu me deixei imergir em pensamentos, notando como tudo de repente muda e vira de cabeça para baixo. Como de um dia para o outro a gente fica bem. Ou como nada dura ou é como a gente gostaria que fosse. Ainda me lembrei do Pedro e como nós tínhamos planos para uma eternidade juntos e de como isso soava bizarro e superficial, agora. Talvez eu só acreditasse por causa da felicidade momentânea causada pelas suas

promessas.

— Você fica ainda mais linda pensativa desse jeito. — A voz rouca do Daniel me trouxe de volta para a realidade e eu bufei um riso, o encarando. Era mesmo um filho da mãe de muito bonito. Eu quase ri ao me lembrar da definição da Tereza para ele, algo como do tipo rico, mas batalhador.

— Vamos? Me levar em casa... — Eu falei, e ele entortou os lábios num sorriso, assentindo.

[...]

Eu acordei depois das onze no domingo, com

uma ligação da minha avó, me intimando a ir para sua casa. Eu tomei um banho rápido e me maquiei, prendendo o cabelo num rabo alto. Vesti-me com um short jeans preto, detonado, com uma camisa polo rosa. Calcei uma rasteirinha, passei perfume e peguei o meu celular, assim como a chave do meu carro, porque meus pais haviam ido antes de mim.

A Minha mãe conversava animada com a Marta Mendes e Sá. A Perua esposa do meu tio Carlos, que era irmão do meu pai. Era comum pelo menos uma vez por mês, a minha avó exigir que nos reuníssemos num domingo. E fazia tempo que eu não vinha.

Minha avó havia feito pavê de chocolate, porque eu amava, e os meus primos, aliás, só dois deles que estavam aqui, ficaram enchendo o saco com o ciúme. Eu já havia mencionado que era a preferida da *vovó*.

Depois do almoço, eu fui ajudar a dona Cássia na cozinha, e aproveitei para despejar nela tudo o que eu havia supostamente descoberto.

— Então esse seu amigo, pode ser irmão desse seu outro amigo e você sabe disso, porque escutou uma conversa que não devia? — Ela perguntou veemente confusa, enquanto eu secava o

NACIONAIS - ACHERON

último prato. Eu suspirei, não querendo detonar os nomes.

— É, e ele não quer saber sobre.

— Então não cabe a você, convencê-lo disso.

— Minha avó sorriu docemente. — Se o rapaz não tem interesse em saber, não faz falta na vida dele. E convenhamos que o outro rapaz, não iria aceitar de bom grado, ganhar um irmão, não é?

— Pode ser. — Eu suspirei forte, deixando o pano de prato na bancada da pia.

[...]

Duas semanas passaram terrivelmente rápidas e eu estava no meu escritório, numa segunda-feira, mostrando ao Daniel, o resultado final da casa dos Neves. Agora, para realmente finalizar, faltava só a decoração do quarto do Junior, mas ele precisava arrumar um tempo para cuidar disso comigo, já que ele fazia questão. O meu trabalho ficara magnífico. Não que eu estivesse sendo presunçosa.

— Ficou muito bom, mesmo. — Ele falou, por fim, colocando as fotografias sobre a minha mesa.

— Eles adoraram! E não foi porque eu sou filha dos amigos deles! — Eu me gabei e o Daniel riu da minha idiotice.

— E você vai ao jantar do seu ex-sogro, hoje?

– Ele perguntou displicentemente, relaxando sobre a cadeira. Poderia um homem ser tão charmoso? Certas coisas deveriam ser proibidas pelo ministério da saúde.

— Adoraria, mas eu tenho compromisso. – Eu inventei, mas jamais iria. Imagina a humilhação de encontrar o Pedro Luiz com a Luciana a tira colo? Poderia passar um século, que eu jamais iria me acostumar.

— Que pena. – Ele estalou os lábios. Algo que me frustrava no Daniel, era a maneira amigável como ele nos conduzia. O cretino me jogou estupidamente na sua friend-zone!

À noite, eu fui praticamente forçada pela minha mãe, a me arrumar para o jantar que o Augusto estava dando em sua casa. Sabe-se lá pra que! Melhor, para exibir influência. Um típico encontro dos que se deram bem na vida.

A contra gosto eu me arrumei, vestindo um vestido longo estampado em tons escuros, aberto nas laterais da perna, e uma sandália alta, preta.

Prendi o cabelo num coque, deixando alguns fios soltos. Estava terminando de colocar os brincos grandes, no formato bonito de uma folha, quando a minha mãe entrou no meu quarto.

— Está linda! — Ela falou parando atrás de mim. — O Pedro Luiz vai querer morrer por ter te trocado.

— Essa noite vai ser um inferno. — Eu resmunguei, procurando por uma bolsa de mão que combinasse.

Ao chegar à casa do Pedro, eu cumprimentei os seus pais, o ignorando. Ele não estava acompanhado do novo amor, o que foi um alívio para mim.

Era terrível a maneira como o Daniel tinha

uma lista infinita de mulheres. Esta noite ele estava com uma ruiva, alta. Eu não sabia definir se os seus colegas de trabalho eram tão amigáveis com ele por ele ser um bom advogado e se destacar, ou por ele ter mil mulheres à sua disposição.

— Você está linda. — O meu ex falou me oferecendo uma taça de champanhe, que eu recusei.
— Minha mãe ficou apaixonada pelo seu trabalho na casa daqueles amigos dos seus pais.

— A sua mãe é um amor. — Eu sorri para ele.
— Pena ter um filho como você.

— Não seja hipócrita, Bruna. — Ele sorriu presunçosamente, me irritando. — Você me jurava amor um mês atrás.

— Foi um equívoco! — Eu falei educada. — Como tudo que a gente viveu. Eu estive olhando o projeto da nossa casa, e como eu era idiota de sonhar em ter filhos com você. Equivoquei-me e me deixei levar pelo seu romantismo barato.

— Mas você sabe que ainda tem tempo pra gente retomar os nossos planos. — Ele falou sorrateiro, correndo a mão pelos cabelos.

— Você é um canalha. — Eu deixei escapar um riso, pela sua cara de pau, então a Leandra se aproximou de nós. Ela sempre bebia um pouco demais nesses coquetéis.

— A sua namorada chegou. — Ela falou sarcástica com o Pedro, que saiu em direção à

NACIONAIS - ACHERON

entrada da casa. – Que desgosto. – Ela resmungou para mim. – Eu admirava a maneira como meu filho podia escolher bem com quem se relacionar e agora, ele me aparece com isso. – Ela falou, apontando a mão para ele e a Luciana.

Ela era uma mulher muito bonita, alta, magra, os cabelos loiros sempre impecáveis e eu já mencionei que ela não vivia refém de maquiagens, como eu. Mas era óbvio que não era sobre beleza que a Leandra falava.

Eles vieram até nós e a minha ex-sogra foi educada, ao contrário de mim, que os ignorei. O
NACIONAIS - ACHERON

Pedro era mesmo um canalha, porque estava com ela agora, mas ainda tinha a audácia de insinuar uma volta.

Para minha sorte, encontrei o Lucas, que conversava com um cara que eu não conhecia. Eu fui até ele, que me recebeu com um abraço e um beijo no rosto, me apresentando ao homem a minha frente.

— A famosa Bruna. – O Brenner falou de uma maneira sorrateira. Eu sorri, olhando para o Lucas. – Meu amigo aqui fala muito de você. E o Pedrão também.

— Nossa, imagino bem o que o Pedro deve

NACIONAIS - ACHERON

falar. – Eu bufei um riso, pegando finalmente uma bebida, quando um garçom passou por nós.

Como se não bastasse ter que estar ali, o Pedro e a Luciana se aproximaram de nós. A Luciana interagiu bem com os meninos, e parecia ter com o Lucas, a péssima relação que eu costumava ter com o Davi. Em um momento eu senti falta do Daniel, e ainda me virei para procurá-lo pela sala, mas em vão. Ele não estava mais.

Quando o Brenner saiu de perto de nós, eu puxei o Lucas para fora da casa e então demos uma volta pelo jardim. Nós conversávamos sobre uma

NACIONAIS - ACHERON

viagem para a Itália, que ele estava querendo fazer, quando eu notei o Daniel aos beijos com aquela ruiva, sentados num banco de mármore. Eles não eram mais adolescentes para saírem de um coquetel para darem um amasso. O Lucas riu, mas seguimos o nosso caminho, enquanto ele falava agora, sobre o seu sonho de abrir um restaurante.

Estávamos voltando, e quando passamos pelo casal vinte, a mulher tentava limpar a boca do Daniel, que estava suja com o batom vermelho. Eu acenei para ele, fazendo disfarçadamente o Lucas passar um braço em volta do meu corpo, deixando sua mão repousar em meu quadril. Nem eu sabia o

porquê disso.

Eu queria o que?

Fazer ciúme no Daniel?

A minha mãe me lançou um olhar reprovador, quando eu entrei junto com o Lucas.

A noite tediosa parecia nunca ter fim. E para piorar, eu tive que aturar os pensamentos inoportunos de o Daniel e aquela ruiva numa noite de sexo inacabável.

Tentei focar num livro de romance erótico que eu estava lendo, mas a cada cena, cenas nojentas do Daniel com a mulher me atormentavam.

No dia seguinte, eu fui trabalhar depois das nove, e notei que a Mari estava estranha, mas ela não quis dizer o porquê.

Estava saindo para almoçar em algum restaurante perto, porque tinha uma visita para fazer a uma loja à uma hora, quando recebi uma

mensagem do Daniel.

“vem almoçar comigo?”

Eu bufei um riso, digitando uma resposta.

“chama a ruivinha ;)”

Óbvio que eu não devia ter respondido dessa maneira. Eu precisava ser indiferente, já que estava literalmente jogada na sua zona de amigas.

Tem coisa pior?

Eu não obtive uma resposta, comi feito uma vaca e ainda abusei do *petitgateau*.

Capítulo 09

Depois de um dia estressante, porque estava um calor infernal, eu estava saindo do meu escritório, quando um Daniel sorridente se aproximou, trazendo uma florzinha bem pequena.

Eu iria manter a minha carranca com ele – mesmo que sem um motivo considerável –, mas a flor amarela e pequenininha era uma graça.

— Me perdoa. – Ele falou, mas não conteve o riso e eu olhei-o entediada. – Eu não sabia que estava proibido de sair com outra mulher, que não a

NACIONAIS - ACHERON

minha amiga.

— Amiga. – Eu bufei, desviando dele para ir até o meu carro, mas ele veio atrás.

— E não é? – Ele perguntou ironicamente confuso e eu parei de andar.

— Você é um idiota. – Eu falei, devolvendo a flor e voltei a andar.

— Se isso ameniza alguma coisa, eu não dormi com ela. – Ele falou, se pondo na frente da porta do meu carro. Eu coloquei uma mão na cintura, o analisando.

— Isso não é da minha conta. – Eu falei como se fosse óbvio. E o idiota me puxou pela cintura,

colocando a florzinha entre os meus seios. Eu inevitavelmente encontrei o seu olhar, me sentindo mole ao analisar a sua boca, lembrando coisas maravilhosas que ele fez pelo meu corpo.

— Eu posso te dar um beijo? — Ele perguntou baixinho e eu neguei com a cabeça, fechando os olhos e juntando nossas bocas, no que no início fora apenas uma troca de carícias, mas Daniel levou uma mão firme por entre o meu cabelo, explorando a minha boca cautelosamente.

Eu corri as minhas mãos pelos seus cabelos, chegando a puxá-lo, na intenção de trazê-lo mais para mim. Nós paramos subitamente, ao ouvir um

NACIONAIS - ACHERON

pigarro muito próximo. Eu olhei carrancuda para o Joca, que nos olhava como uma criança esperando por doce.

— Que foi? – O Daniel perguntou, mas o Joca invés de responder, inconvenientemente pegou a florzinha que estava no meu decote.

— Que romântico Daniel. – Ele zombou e eu deixei escapar um risinho. Estava pra nascer alguém pior que o Joca. – Cê não ia falar de comprar uma flor decente não, filho. – Ele falou, me entregando cuidadosamente a flor.

— Porque você não morre, João Carlos? – O Daniel perguntou enfático.

— Cuidado aí, vocês dois. – O Joca falou,
NACIONAIS - ACHERON

rindo, antes de se afastar.

Eu ia falar algo, mas fui interrompida pela boca do Daniel.

Nós saímos dali e fomos para o meu apartamento. Estava com cheiro de lugar abafado, então eu abri a porta dupla que dava acesso à sacada que eu nunca explorei, as janelas da cozinha e fui olhar se ainda havia algo para comer, na despensa.

Na geladeira havia morangos estragados,

assim como uvas e maçãs. Eu joguei tudo no lixo, e me lembrei com nostalgia de tudo que eu vivi aqui, mesmo que em pouco tempo.

Eu olhei para o Daniel, que estava escorado à porta, e me analisava minuciosamente.

— O que foi? — Eu perguntei curiosa, e ele riu.

— Nada ué.

— Sua mãe não se incomoda de você levar as suas mil mulheres pra casa? — Eu perguntei, voltando a fuçar a geladeira, à procura de algo mais para jogar fora. — Água estraga? — Eu perguntei,

abrindo a jarra de vidro e cheirando a água que estava dentro.

— Deve estar com sabor estranho. – O Daniel ponderou, vindo até mim. Ele pegou a jarra, colocando-a sobre a pia e me encostou à geladeira, fechando-a, conseqüentemente nos envolvendo num beijo eloquente.

Eu tentei para que tudo ficasse mais calmo, mas era complicado tentar controlá-lo, agora. Eu também queria algo mais, mas ele parecia preferir só o beijo eterno, e nós ficamos no beijo que oscilava entre lento, bem lento e eloquente, até o celular dele tocar.

— Fala Joca. – Ele falou e eu dei risada, indo para o meu quarto. Procurei no guarda-roupa alguma roupa, entre as poucas que ficaram por aqui.

Fui para o banheiro, onde tomei um banho demorado, na esperança de que o Daniel me encontrasse lá, mas ele não o fez.

Vesti uma saia jeans clara, com uma regata branca e uma calcinha de algodão, estampada em bolinhas.

Estava prendendo meu cabelo, quando o Daniel apareceu.

— Pensei que estivesse morando com seus pais. — Ele comentou, guardando o celular no bolso.

— O que o Joca queria? — Eu perguntei, após terminar de enrolar o cabelo num rabo, e me virar para ele.

— Adivinha? — Ele sugeriu desanimado, e eu sorri presunçosa.

— Ele se dava bem com a sua ex?

— Eu não era muito próximo dele, naquela época. — Ele explicou, mas era meio óbvio. Se fosse, eu conheceria e ele provavelmente também

seria amigo do Pedro.

— E como foi que você começou a trabalhar com o Augusto? – Eu perguntei, indo para o quarto e me joguei na cama.

— Eu tinha um bom currículo. Mas eu ia trabalhar por conta própria, minha mãe que insistiu, achava que era arriscado demais.

— Entendo. – Eu torci a boca, e ele deitou comigo. Nós trocamos mais algumas informações sobre o seu trabalho, e ele evitava responder as perguntas sobre a sua ex, e eu também não forcei o assunto sobre o seu pai.

Era quase nove da noite, quando a minha mãe ligou, histérica, para saber onde eu estava.

— Sim, mãe, com o Daniel. — Eu falei, revirando os olhos, diante o seu interrogatório.

— Bem, não custava muito ligar para avisar. Eu só fiquei preocupada. Juízo. — Ela falou antes de desligar.

Eu olhei para o Daniel, que riu, porque ele provavelmente ouviu os gritos histéricos da minha mãe, sobre como eu estava desejando matá-la de preocupação.

— Sua mãe é um barato. — Ele comentou

sorrindo, quando eu voltei para a cama.

— Ela é neurótica.

— Você tem a quem puxar. — Ele retrucou solenemente, e eu encarei-o incrédula. — Ser muito amigo do seu ex-sogro me deixou abastecido de informações sobre você.

— O que ele diz, sobre você ter me beijado aquele dia, na casa dele? — Eu perguntei curiosa, virando de lado, e apoiando a cabeça na mão esquerda, o olhando minuciosa. O Daniel riu, negando com a cabeça.

— Você me beijou, Bruna. — Ele corrigiu, e eu bufei um riso um tanto sarcástico.

— Não foi não. – Eu falei horrorizada. – Mas o que o Augusto te falou?

— Que não sabia quem prestava menos. – Ele falou rapidamente, e eu deixei escapar um risinho. – Você ou o Pedro Luiz.

— Ele é um porre. – Eu resmunguei. – Ele não pode simplesmente interferir em todo relacionamento do Pedro Luiz.

— Se o Pedro Luiz fosse um cara maduro, os pais dele não interfeririam tanto. Eu moro com a minha mãe, Bruna, e nem por isso ela tá dando opinião em tudo que eu faço.

— Ela não te fala nada sobre você procurar o seu pai?

— Não. — Ele se limitou a responder, e eu ia voltar a interrogar, mas ele falou antes. — Ela não falhou como mãe. E eu não me sinto no direito de correr atrás de um cara que ela não quis por perto, se é que ela sabe quem é.

— Tudo bem. — Eu falei, decidindo que, a melhor coisa era deixar isso quieto. Se ele não queria saber, se não fazia falta na sua vida, não seria eu que mexeria nessa bagunça. — Mas e a sua irmã?

— Ela está num intercâmbio em Nova Iorque. Vai ficar seis meses lá.

— Vocês se dão bem? Ou você é o tipo de irmão terrivelmente ciumento? — Eu perguntei

presunçosa, e ele riu.

— Eu sou cuidadoso, linda. Ela é terrivelmente precoce e sem limite. O péssimo casamento da minha mãe com o pai dela resultou num monstrinho mimado.

— Você não se dava bem com o pai dela? — Eu sugeri, e ele assentiu.

— O cara era um canalha, foi um inferno os três anos que minha mãe ficou com ele. Ele não aceitava o fim do casamento, e para frustrar a minha mãe, quebrava todos os limites que ela tentava impor na Paula.

— Já você é o príncipe da mamãe, não faz nada errado. — Eu zombei, e ele riu.

— Pode zombar, mas eu sou mesmo o príncipe da mamãe. – Ele falou rindo, e eu encerrei a nossa conversa com um beijo.

Nós pedimos risoto de camarão, num restaurante italiano que ele disse amar. Tivemos uma pequena discussão por eu pagar o jantar, porque o Daniel ficou furioso quando eu gritei com ele que ele era um idiota machista, e entreguei o meu cartão ao moço que veio fazer a entrega.

— Obrigado. – O moço falou ao me entregar o cartão, enquanto o Daniel me olhava perplexo. Como se eu estivesse, por exemplo, nua em frente ao estranho.

Eu fechei a porta, e fui abrir o nosso jantar, que estava sobre a mesa de centro. Peguei os pratos e os copos na cozinha, e quando voltei para a sala, o Daniel digitava algo no celular. Ele estava sorridente, longe do machista mal humorado por não poder pagar a conta.

— O que foi? — Eu não hesitei em perguntar, porque era curiosa, mesmo. O Daniel me olhou, arqueando uma sobrancelha, insinuando que não era da minha conta, mas eu permaneci o olhando, a espera de resposta.

— O Joca, falando bobagens. — Ele riu, desinteressado. Eu bufei um suspiro, porque o Joca

NACIONAIS - ACHERON

era a inconveniência em pessoa.

— A Mari está estranha, ultimamente. — Eu comentei, e o Daniel me olhou, enquanto se servia.

— Ela não falou o porquê?

— Não. — Eu suspirei forte.

[...]

Os beijos que eu ganhei do Daniel na noite passada caíram no esquecimento. O cretino ainda foi embora quase meia noite. Eu não entendia qual era a dele, mas se era para sermos somente amigos, ele estava agindo errado ao me beijar tão

deliciosamente e ir embora. E também, se fosse para ser só sua amiga, eu não ia querer.

Pior, eu teria que dizer isso para ele.

Eu acordei resignada a dizer para ele que não dava certo, ser só sua amiga, na próxima vez que o encontrasse, mas depois de um bom banho, ponderei que seria como intimá-lo para um relacionamento, e eu estava me dando um tempo disso. E ele não era o tipo de cara que fazia isso.

Graças à irmã da Tereza.

Eu parei os meus pensamentos, que tomavam o rumo de insultar a ex do Daniel, pensando também que, se ela não tivesse o largado para aproveitar a vida, eles provavelmente estariam juntos, e eu não teria o Daniel, - mesmo que como um *amigo*.

Eu tive a sorte de achar um creme hidratante para o rosto no banheiro do apartamento, e peguei maquiagens na minha bolsa.

Procurei por uma roupa, tendo que vestir uma

calça jeans com a barra dobrada, e bem apertadinha no corpo, com as pernas detonadas e uma camiseta branca, estampada. Calcei um scarpin preto e passei um perfume adocicado, porque era o único que tinha ali.

Parei no caminho para tomar café, e quando cheguei ao escritório, encontrei uma Mariana vestida na mesma roupa do dia anterior, e olhos fundos, que denunciavam sua noite em claro.

— Tudo bem? – Eu perguntei, fechando a porta da sua sala, deixando minha bolsa sobre sua mesa, antes de me sentar.

— O que você acha de eu terminar com o
NACIONAIS - ACHERON

Joca? – Ela perguntou como se fosse só isso, e eu olhei-a, apavorada. Não que fosse o fim do mundo o fim de um namoro, mas eram eles!

Não havia casal mais conectado que eles, para mim. Eu tinha neles a visão de casal perfeito. E imaginava que o Joca, se precisasse e pudesse, daria o céu para ela.

— Mas... – Eu comecei atordoada, como se eu estivesse levando o pé na bunda. – Por quê?

— Não sei. – Ela suspirou.

— Aconteceu algo?

— Ele está tão competitivo, tão egoísta com o

trabalho dele. Só pensa nisso, só pensa em como ganhar mais dinheiro... – Ela disparou, sem parar para respirar. – Ele não precisa de mais, Bruna. Ele precisa se acalmar, e parar com essa fissura por vencer. Ele já tem tudo, não é?

— Mas você conversou com ele? – Eu perguntei confusa, e ela negou com a cabeça. – Vocês se gostam tanto...

— Você e o Pedro Luiz eram grudados e olha só...

— O Joca não está namorando uma ex-amiga sua. – Eu bufei um riso, dizendo o óbvio. – Ele sabe que você quer terminar?

— Não. – Ela bufou um riso. – Não consigo

NACIONAIS - ACHERON

conversar com ele.

— Mas você não pode ficar desse jeito. Conversa com ele, às vezes ele nem percebe que está agindo assim.

— Eu vou pra casa, descansar um pouco. Pela tarde eu venho, porque quero te mostrar aquele projeto daquela agência. — Ela falou, suspirando forte e se levantou.

Eu estive ocupada parte da manhã com o meu trabalho, e outra parte, no telefone com o Daniel. Eu gostava da maneira como ele estava dividindo algumas, mesmo que poucas, coisas sobre a sua carreira. E apesar de não parecer, eu achei

NACIONAIS - ACHERON

engraçado, ele ter dito que o Augusto o aconselhou ficar longe de mim.

— Esse homem me ama. — Eu zombei, girando na minha cadeira, e quando parei, dei de cara com o Augusto. — Olha que o doutor não morre mais. — Eu falei com o Daniel. — Eu preciso desligar, depois a gente se fala, beijo.

— Beijo. — Ele finalizou a ligação. O meu sogro... Quero dizer, *ex-sogro*, se sentou à cadeira rente a minha mesa.

— Está ocupada? — Ele perguntou. Frio e direto.

— Não.

— O que você sabe sobre essa nova namorada do Pedro Luiz?

— Ela trabalhava pra vocês, oras... – Eu falei o óbvio, bufando um riso.

— Eu quero saber de índole.

— Ela não é uma péssima pessoa. – Eu falei entediada. – Por quê?

— Eu odeio admitir, que prefiro você, àquela mulher. Não há uma maneira de fazê-lo largar dela, e de repente, vocês voltarem? – O meu... O Augusto disparou desesperado e eu não consegui segurar a risada.

— Ele não vai largar dela. E eu não vou voltar

com ele.

— Bruna, cadê os planos ridículos de vocês?
Hein?

— Ele deve estar fazendo todos eles com a Luciana. — Eu dei de ombros, sorrindo, bancando a menina doce. — E eu não vejo algum problema nela. Os pais dela moram em Curitiba, são muito bem financeiramente, porque conseguiram bancá-la aqui, desde que ela veio, aos dezesseis anos.

— Se os pais dela bancassem, ela não extorquiria tanto o burro, do Pedro Luiz!

— Eu suponho que o que ele gasta com ela, não faz falta pra vocês. — Eu provoquei, me sentindo vingada por todos os sermões que levei
NACIONAIS - ACHERON

dele. Eu não iria mais me explicar sobre esse lado de merda, meu, que faz isso com as pessoas.

— Eu não trabalho duro, a Leandra não mantém os negócios da família dela, pro Pedro torrar com uma vagabunda, Bruna! — Ele riu sarcástico, negando com a cabeça, e uma vertigem fria correu o meu corpo, por notar como esse gesto, lembrava o Daniel.

— Você estragou seu filho, Augusto. Sempre comprando as atitudes dele, o Pedro não teve limite. Agora ele achou alguém tão sem juízo quanto ele, e está vivendo a vida que sempre quis.

— Não há uma maneira de conseguir a sua ajuda. — Ele resmungou, correndo as mãos no rosto.

— Eu não tenho em mente voltar com o Pedro. Porque toda mulher sonha em ter ao lado um cara independente, não um que está esperando a herança dos pais. — Eu falei solenemente, sorrindo para ele.

— Esse homem independente não seria o Daniel... — Ele disparou, como uma suposição impensada. Eu apertei os lábios num sorriso, e ele negou com a cabeça.

— Bem, o Daniel não teve a vida boa e fácil do Pedro Luiz, e é um homem incrível.

— Porque a mãe dele é uma mulher incrível.
— Ele falou, sorrindo vagamente, e eu o analisei. Eu estava mesmo entrando num assunto desses com o

pai do meu ex? Uma parte em mim quis tocar no assunto sobre a paternidade do Daniel, mas logo a sensatez me alertou e eu fiquei quieta. No entanto, a minha curiosidade não me deixou ser discreta.

— Eu procuro entender como você conhecia a mulher, fala com saudade sobre ela, mas é casado com a Leandra. — Eu comentei, e ele me olhou, retomando a postura de advogado frio. Eu revirei os olhos, esperando por um coice.

— Eu teria me casado com ela, mas ela simplesmente sumiu. E a Leandra foi a mulher que todo homem, naquela época, queria pra chamar de sua. — Ele respondeu mesmo no tom frio.

— E porque você está me dizendo isso? — Eu

NACIONAIS - ACHERON

não pude evitar perguntar, porque era mesmo estranho, eu e o meu ex-sogro, numa conversa amigável.

— Pra você não repassar informação errada para a sua mãe e destruir meu casamento. — Eu me encolhi com a objetividade da resposta, e ele deixou escapar um riso, se levantando. — Pensa sobre voltar com o Pedro Luiz. Eu posso bancar o casamento perfeito de vocês dois.

— E eu não quero me casar e ser bancada pelo meu sogro. — Eu retruquei quase irritada. Eu sequer tinha planos românticos de casamento, essa coisa era sempre sobre o Pedro. Era por ser com ele. E agora eu não queria mais.

— Os seus pais aprovariam o seu casamento com o meu filho, Bruna. A vida seria fácil pra vocês.

— Ai, meu deus! – Eu clamei, horrorizada. – Eu sonhava em casar com o Pedro, e ele dizia que nós teríamos um casal de filhos. Eu tinha feito até a nossa casa, uma casa perfeita, dos meus sonhos. Mas ele jogou isso fora. Não sou eu quem está sendo a vilã dessa história. Eu fiquei ensandecida quando liguei pra ele, e ele estava em Angra, o lugar que eu mais amo no mundo, com a Luciana! Eu estava num momento apertado aqui no escritório, sem tempo nem pra respirar, e invés de receber apoio, eu ganhei belos chifres, dele. O

Pedro precisa tomar na cara, pra aprender a dar valor à vida que ele tem.

— A vida, às vezes se baseia no perdão.

— Eu perdoei. — Eu retruquei prontamente. —

E eu nem sei por que você está aqui, querendo que eu tente ter o Pedro de volta, era tão contra.

— Eu era contra a maneira fútil que vocês conduziam planos. A maneira fácil, como vocês veem a vida. E isso está pior com a vagab... — Ele se parou, suspirando. — A Luciana. Eu imagino essa mulher entrando na minha casa, para informar uma gravidez surpresa.

— Os filhos seriam lindos. — Eu zombei, pegando meu celular, que vibrou numa mensagem

NACIONAIS - ACHERON

de texto.

— Eu não acho que o Daniel seria o tipo de homem que assume relacionamentos. — Ele alfinetou, e eu tirei os olhos da tela do meu celular, direcionando ao Augusto.

— Ele é bem sincero quanto a isso. — Eu falei tranquilamente. — Como eu disse, um homem como poucos.

— Apaixonante. — O meu ex-sogro falou presunçoso, e um sorriso me escapou, mas eu o desfiz ao ver a sua careta de satisfação. — Imagino bem o porquê de você estar tão resignada a não voltar com o Pedro Luiz. — Ele provocou, balançando a cabeça.

— Porque ele não presta. — Eu resmunguei.

— A proposta ainda está de pé.

— Mas eu não estou disposta a aceitar.

O Augusto foi embora, e então eu reli a mensagem do Daniel.

“almoça comigo?”

Almocei com o Daniel, e aproveitei para depois dar uma passada no shopping. Depois de comprar algumas bobagens, como maquiagens e acessórios, eu rumei para o meu escritório.

Estava passando em frente a um restaurante, quando avistei o Augusto e a mãe do Daniel, saindo de lá e entrando na BMW do meu ex-sogro. Eu olhei horrorizada para a cena, pela maneira como ele a olhava com carinho. Um carro buzinou atrás de mim, por eu ter diminuído drasticamente a velocidade, mas eu ignorei.

Com o meu instinto detetive ativado, eu não consegui evitar seguir o casal. Eu não me importei de ser vista, até porque não imaginava que seria notada justo por eles.

Eu parei o carro, em frente ao *Motel* que o Augusto entrou, porque não havia uma maneira de ir junto, e fiquei boquiaberta para a audácia dele. Justo ele, que era o politicamente correto e dono da razão.

Parei para me lembrar dele e da Leandra como um casal. Eu via nos meus pais uma conexão muito bonita, e achava o outro casal mais frio, mas imaginava que fosse só o jeito do Augusto. E a Leandra sempre foi uma mulher muito rica e de uma beleza e educação inigualável. A mãe do Daniel era bonita, mas comum.

Para piorar a minha curiosidade, eu me perguntava o porquê de a Paola ter *sumido* grávida, porque para o Augusto procurá-la dessa maneira depois de mais de duas décadas, ele deveria gostar muito dela. Ele mesmo havia me dito que se casaria com ela, se ela não tivesse sumido.

Uma buzina longa me acordou dos devaneios e eu voltei para o meu escritório.

Eu queria contar para a Mariana sobre tudo isso, mas não me sentia no direito de expor o Daniel. E, além disso, o Pedro também sofreria as consequências.

Seria a vida se vingando por mim, o Augusto ter um filho como o Daniel.

O Pedro, que não conseguia ser o orgulho do seu pai, sofreria tanto com isso. E talvez ele merecesse, por toda a mentira que viveu comigo.

A Mari me mostrou um projeto de uma agência publicitária, que estava expandindo o negócio.

Eu gostava muito do que eu produzia, mas ela

era de um perfeccionismo incomparável. Havia pequenos detalhes que quase passavam despercebidos, mas depois de notados, davam toda a diferença.

— Acha que eles vão gostar? – Ela perguntou e eu a olhei, como se a sua pergunta dispensasse respostas.

— Que pergunta Mari. – Eu deixei escapar um risinho. – Está perfeito.

— Eu liguei para o Joca, vou passar na casa dele agora a tarde, pra gente conversar.

— Não vai terminar, não é?

— Eu não sei, Bruna. Eu não quero do meu

lado um homem viciado em trabalho.

— Eu acho que você pode expor isso pra ele, talvez ele maneiore. — Eu ponderei, mas também não achava que ele era tão viciado em trabalhar.

À noite, eu fui raptada pelo Daniel, e nós fomos para a sua casa. Nós tínhamos alugado um filme, e eu estava na sala, observando algumas fotografias. Havia uma do Daniel criança, com a sua mãe, e eu analisei com mais cuidado, procurando algum traço que parecesse com o Augusto. Bem, o formato do rosto e a boca lembravam bastante, mas talvez fosse o meu cérebro, maquiando a realidade a procura de

NACIONAIS - ACHERON

ligação por imaginar que ele era seu pai.

O Daniel voltou para a sala com um balde de pipoca e duas cocas em latinha. Ele iniciou o filme e se sentou ao meu lado. Eu olhei-o que assistia mesmo ao filme e queria esbofeteá-lo, por achar que eu queria mesmo ser só sua amiga.

Por Deus, que mulher solteira quer só a amizade de um cara como ele?

— Cadê a sua mãe? — Eu perguntei, querendo correr os dedos pela sua barba.

— Ela disse que saiu com umas amigas, mas

eu acho que ela arrumou um namorado. – Ele falou desinteressado e meu estômago revirou com a *notícia*.

— E você não tem ciúme?

— Depende. – Ele riu, me olhando. – Se for um cara que a mereça...

— Que príncipe sensato. – Eu zombei. Ele me lançou um olhar reprovador, mas sorriu. Nós voltamos para o filme, mas eu logo fui me distrair com ele. Eu quase ri, por ele ser tão assim, frio e não tomar uma atitude. Num impulso, eu peguei o balde de pipoca, deixando-o de lado.

O Daniel me olhou confuso, mas eu ignorei o último resquício de sanidade e beijei-o.

Ele grunhiu, pela maneira rápida que eu o fiz, o que deixou tudo meio desencontrado no início, mas ele logo tomou o controle da situação, me beijando bem devagar, nos virando, conectando e aprofundando ainda mais o nosso beijo.

Eu fui deitando devagar no sofá e ele me seguindo, ficando sobre mim, embora o seu peso não. O Daniel foi parando de me beijar aos poucos, e eu levei uma mão por entre o seu cabelo, para que ele não me deixasse. O segundo foi ainda mais

NACIONAIS - ACHERON

gostoso, intenso e rápido, mas ele voltou a me irritar, com as ameaças de fim. Eu puxei o seu cabelo com força e ele gemeu contra minha boca, voltando a me beijar direito e mais eloquente, me excitando, então eu afastei minhas pernas uma da outra, e ele sorriu contra os meus lábios se encaixando perfeitamente entre as minhas pernas, me deixando sentir com mais pressão a sua ereção.

Num impulso eu enrolei uma perna em volta do seu corpo. Ele desceu os beijos pelo meu queixo, seguindo para o pescoço e logo desceu o meu vestido, que era tomara que caia, circulando suavemente o polegar sobre o meu mamilo direito,

me fazendo estremecer, e eu gemi forte, ao sentir a sua língua quente nele, mas nós fomos interrompidos ao ouvir a porta sendo destrancada. O Daniel riu, se sentando rapidamente e eu consertei a minha roupa, jogando uma almofada para ele, que a colocou sobre o colo, escondendo o seu *amigo*.

A sua mãe entrou na sala, nos olhando como se fôssemos dois adolescentes com caras de culpados, e riu, negando com a cabeça.

— Boa noite. — Ela falou, seguindo para o corredor que chegava aos quartos.

— Você já pensou em morar sozinho? — Eu

NACIONAIS - ACHERON

perguntei, imaginando que nós poderíamos transar loucamente sem interrupções, se ele não morasse com sua mãe.

— Você não conhece o drama que minha mãe faz quando eu cogito essa ideia. – Ele contou, negando com a cabeça.

Eu assenti, respirando fundo, porque precisava me acalmar, mas o Daniel me puxou para outro beijo, me pegando de surpresa, ao levantar e me erguer em seus braços, nos levando para o seu quarto. Ele não se preocupou em trancar a porta, então eu fugi dele na cama para fazê-lo, que riu me abraçando por trás, correndo os lábios em meu

NACIONAIS - ACHERON

pescoço. Eu arfei, ajudando-o a subir o meu vestido, e tirei-o, jogando no chão.

O Daniel levou as mãos aos meus seios, as brincando ali, gemendo junto comigo, mas logo desceu cuidadosamente pelo meu corpo, desceu também a minha calcinha, mas eu, impaciente, terminei de tirar, me virando de frente para ele, o olhando cautelosa, ganhando um beijo gostoso, enquanto ele nos guiava de volta para a cama. O Daniel terminou de se despir, ficando só com a cueca e veio para cima de mim, deixando um selinho casto em meu queixo.

— Eu to morrendo de saudade disso. — Ele

sussurrou, e eu concordei, porque eu também estava. Dele, claro, mas também do ato em si. O Daniel desceu a boca suavemente pelo meu corpo, e afastou as minhas pernas. A minha respiração falhou, e eu me apoiei nos antebraços para olhá-lo, que correu a língua deliberadamente em meu sexo, mas então eu não consegui continuar olhando, quando ele abocanhou minha intimidade de maneira tão sedenta.

Minhas costas arquearam com o prazer inassimilável e eu afundei as mãos em seus cabelos, mas ele riu contra mim e parou de mover os lábios e a língua, quando eu puxei-o com força.

— Seja carinhosa comigo, amor. – Ele falou docemente, e eu acarinhei seu cabelo, toda trêmula, então ele voltou a me enlouquecer com a boca habilidosa.

Eu voltei a puxar o seu cabelo com força, ao sentir sua língua mais profundamente em mim, mas me lembrava de ser *carinhosa*, porque ele parava.

Eu ardia de tesão, quando ele penetrou um dedo em mim, brincando a língua na ponta do meu clitóris, e tentei fechar um pouco as pernas, mas ele, para judiar de mim, as afastou ainda mais, diminuindo o ritmo do dedo maldito em mim.

— Por favor, Daniel... – Eu choraminguei, querendo algo a mais, e ele adicionou outro dedo,
NACIONAIS - ACHERON

chupando meu clitóris e eu fui pega rapidamente por um orgasmo longo.

O meu gemido escapou guturalmente, e para não correr o risco de ele parar bem agora, eu afundei as mãos na colcha da cama, me empurrando mais para ele.

Eu ainda arfava quando ele subiu, me beijando cauteloso, acariciando a lateral do meu rosto.

— Deliciosa... — Ele sussurrou, e eu o senti entrando em mim, bem devagar. Sua respiração vacilou, e seus olhos se apertaram, então ele terminou rápido, indo fundo. Eu gemi forte, NACIONAIS - ACHERON

sentindo um leve incômodo. O Daniel iniciou movimentos lentos, mas logo aumentou o ritmo, e nós dois falávamos coisas desconexas, e logo invertemos as posições.

Eu investia rápido sobre ele, que tinha um braço sob a cabeça e olhava diretamente os nossos sexos, e então eu diminuí o ritmo, apoiando as mãos em seu peitoral, olhando cuidadosamente a maneira magnífica que eu o absorvia, o levando todo para dentro de mim, voltando devagar. Ele se sentou rapidamente, cessando meus movimentos, quando meu ritmo passou a ser acelerado.

— Calma. — Ele pediu, passando um braço em

volta do meu corpo, investindo mais em mim, e eu grunhi, com minha cabeça tombando para frente.

— Eu quero gozar. — Eu pedi, quase involuntariamente, e ele gemeu forte, me deitando na cama, me penetrando devagar, então eu assumi que ele estava muito perto, também. Ele inclinou o corpo, se movendo devagar em mim, e beijou meu seio, mas afundou o rosto em meu pescoço, tremendo junto comigo, ao sentir o meu corpo convulsionar em torno dele. Ele apertou minhas mãos nas suas, enquanto seus espasmos fortes se perdiam dentro de mim, e eu gemia forte. Os seus movimentos foram perdendo o ritmo, assim como as nossas respirações regulavam.

Eu acordei no meio da noite, ao ouvir algo vibrar e quando peguei o celular do Daniel, avistei “*Lola*”, piscando no visor. Meu estômago revirou com isso, e eu não sabia o porquê.

Quero dizer, eu não estava apaixonada nem nada, mas não queria que ele tivesse algum tipo de contato com a ex.

Ninguém no meu lugar iria querer, eu podia apostar.

Poderia até parecer desonesto, mas eu rejeitei a ligação, e, tendo a sorte de o celular estar sem algum tipo de padrão de bloqueio, apaguei-a dos registros de chamadas.

Ela não voltou a ligar, naquela noite.

Quando eu voltei a acordar, eram oito e meia da manhã e, eu entrei em pânico pelo Daniel não estar na cama.

Eu levantei e fui ao banheiro, onde lavei o rosto e enxaguei a boca com um antisséptico bucal.

Vesti-me e saí do quarto, mas parei no corredor, ao ouvir a mãe dele.

— Nós já conversamos sobre não trazer passatempos para dentro de casa. — Ela falou, seu tom era carrancudo e eu me senti usada.

— Ela não é um passatempo. — O Daniel retrucou, e eu não pude deixar de sorrir. — Você não me viu trazer nenhuma mulher pra cá há meses! — Ele aumentou o tom, e bem, o seu tom não era de *o príncipe da mamãe*.

— Daniel, ela namorava o filho do seu patrão! — A mulher falou incrédula, e eu bufei um riso, negando com a cabeça. — Você não pode interferir

NACIONAIS - ACHERON

dessa maneira! E se eles voltarem?

— Mamãe, eu não estou entendendo. E daí que ela namorava o filho do Augusto? — Ele riu. — O cara já está com outra.

— Saiba só que eu não apoio esse absurdo! — Ela falou enfática, então eu ouvi uma porta batendo e voltei correndo para o quarto.

Fingi arrumar os cabelos com a mão, quando ele entrou no quarto.

— Tudo bem? — Eu perguntei e ele veio até mim, selando nossos lábios algumas vezes, antes de me beijar rapidamente.

— Acordei tendo que discutir com a minha mãe. — Ele contou, suspirando forte, e eu involuntariamente acariciei seu rosto. — Mas está tudo bem.

— Eu preciso ir, tenho que estar no escritório antes das dez, tem os últimos detalhes de um projeto, e o playboyzinho só pode hoje de manhã.

— Você não pode falar mal dos seus clientes, mocinha. — Ele censurou, rindo.

— Você não conhece o cara! Eu cresci vendo-o se achar o Deus, por ser podre de rico.

— Pra que aceitou trabalhar pra ele, então?

— Foi pros pais dele. — Eu expliquei.

O Daniel me deixou em casa, e eu pulei de susto, ao esbarrar com a Vanda na entrada da casa.

— Quer me matar, mulher? – Eu perguntei apavorada, levando uma mão ao peito, e ela me olhou desdenhosa, segurando um espanador.

— Você não é boba nada, larga o gostoso do Pedro Luiz, e agarra o mais gostoso ainda... – Ela falou presunçosa, e eu olhei-a boquiaberta. – Sua mãe falou que você tem uma sorte absurda pra homem.

— Minha mãe tem a língua maior que ela. – Eu zombei, e a Vanda riu.

Eu tomei um banho demorado, onde lavei os cabelos. Vesti-me com um short jeans boyfriend, com a barra dobrada, rasgado em uma perna, e uma blusa assimétrica bege, e calcei um scarpin preto. Coloquei só um par de brincos pequenos e sequei um pouco os cabelos. Fiz uma maquiagem básica, e peguei óculos escuros.

Tomei um suco de laranja antes de sair de casa, porque o Marcos Junior inconvenientemente me ligou, avisando que não tinha todo o tempo do mundo para mim.

Eu queria mandá-lo à merda. Nunca simpatizei com ele, pelas suas piadinhas idiotas e agora pior, por ele ser um Pedro Luiz da vida. Digo, pior, porque vivia se metendo em confusão. Mas ao menos se submetia a ser um cafajeste solteiro.

— Eu estou chegando, já estou até te vendo. — Eu resmunguei, finalizando a ligação e colocando o celular dentro da bolsa. Eu cumprimentei-o com um beijo superficial no rosto, e então entramos na loja de móveis modulados.

Eu mostrei para ele o que havia imaginado, para dar um ar neutro ao cômodo, mas ele insistiu

NACIONAIS - ACHERON

em algumas mudanças. Ele não queria perder tempo na escolha, então não fora algo estressante, como as tardes para escolher tudo com a sua mãe, que era a indecisão em pessoa.

Quando terminamos, eu acabei aceitando tomar um lanche com ele, porque estava morta de fome, mas não esperava encontrar o Augusto e a Paola.

Eu parei, e segurei o Junior pelo braço, para que ele parasse de andar, e subi os óculos escuros, olhando o casal do outro lado da rua. Eu fiquei perplexa ao vê-los trocar um beijo, e mais ainda

NACIONAIS - ACHERON

pela maneira carinhosa que o Augusto lidava com ela.

— O que foi? — O Junior perguntou confuso, mas riu ao seguir o meu olhar. — Seu sogro é uma comédia.

— Ele não é meu sogro. — Eu resmunguei. Pensei em disfarçar e seguir andando quando o Augusto me notou, mas enfrentei o seu olhar e ainda acenei para ele.

— Você é a pessoa mais provocante que eu conheço. — O Junior falou, como se fôssemos próximos, e eu forcei um sorrisinho para ele. — Vamos, eu estou com fome e tenho compromisso daqui a pouco. — Ele falou, entrelaçando nossas

NACIONAIS - ACHERON

mãos, me puxando.

O meu dia foi longo, porque eu me deixei não fazer nada que não fosse pensar sobre o Augusto e a Paola. O Augusto ser pai do Daniel. O Daniel ser irmão do Pedro.

Jesus!

Talvez por isso a mãe do Daniel se impôs contra ele estar comigo, mesmo que como uma diversão.

Se tudo que eu estava ligando até agora, fizesse mesmo parte de uma realidade, tecnicamente eu estaria *saindo* com o meu cunhado.

Ex-cunhado!

Que horror.

Eu decidi afastar esses pensamentos, deveria estar mesmo ficando louca. E também, eu poderia afirmar para sempre nunca saber de nada, para parecer ter entrado nisso tão leiga quanto todos.

Ou seja, a única culpada de toda a confusão, seria a Paola, porque ela fugiu grávida, de um homem que a amava. Porque para ele estar tão grudado nela agora, deveria ter sido um amor terrível.

Pobre Leandra.

Eu estava me abanando com a capa de um livro sobre Design de interiores, quando a Júlia entrou na sala, trazendo consigo um buquê de rosas vermelhas. Eu bufei um riso, imaginando que era o

Pedro Luiz, bancando o capacho de seu pai.

— Eu posso mandar você jogar fora sem nem ler o cartão? — Eu perguntei torcendo a boca impaciente, mas ela negou com a cabeça.

— Não é do Pedro Luiz. — Ela avisou me entregando o cartão, e eu lhe lancei um olhar reprovador, por ela ter lido o cartão. — Você pediu pra que eu não entregasse nada que chegasse dele, eu precisei verificar.

— Tudo bem. — Eu falei, pegando o cartão, entusiasmada, porque para receber flores, mesmo que eu odiasse flores, na minha cabeça só poderia vir do Daniel.

“pela manhã maravilhosa ao teu lado. ;)”

Não estava assinado, mas não seria o Daniel, seria? E eu não poderia perguntar para ele, se ele havia me mandado flores. Se a resposta fosse não, seria constrangedor para nós dois.

— Tem um número de celular atrás. — A Júlia avisou e eu virei o cartão. Suspirei forte e digitei o número no celular. Não precisou de mais que quatro dígitos para saber que era o idiota do Marcos Júnior.

Eu revirei os olhos, e a Júlia colocou o buquê num vaso com água. Eu digitei uma mensagem, pelo Whatsapp, para ele.

NACIONAIS - ACHERON

“eu odeio flores, bonito. Se quiser acertar, na próxima manda chocolate :)”

“não sei por que, mas já esperava mesmo uma resposta como essa...”

Eu não tive notícias do Daniel durante o resto do dia, e muito pior à noite, o que foi estranho, porque até mesmo antes de ficarmos outra vez, conversávamos a todo o tempo, praticamente.

Queria ver a Mari, para saber sobre a sua

PERIGOSAS

conversa com o Joca, mas ela não apareceu no escritório.

Comprei chocolates antes de ir pra casa, e me distraí com um romance na internet.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 10

Três dias se passaram e o idiota do Daniel simplesmente sumiu!

Como se eu fosse uma dessas vadiazinhas que ele expõe em eventos e não vê nunca mais!

— Para de ser louca. — A Mari pediu, deixando escapar um riso, enquanto desenhava algo numa folha de papel. — Ele pode ter tido algum problema, dois dias não é sumir.

— Você não entende! — Eu reclamei, saindo

da sua sala. Não controlei o meu instinto, e mandei uma mensagem para o Daniel.

Respirei fundo dez vezes, antes de bancar a louca.

“está tudo bem?”

Eu enviei e deixei o celular longe de mim, com medo de obter uma resposta.

Ou não obter uma.

Era patético.

Eu estava nervosa, toda hora olhando rapidamente o meu celular, sendo que eu tinha muito que trabalhar e pulei sobre a cadeira, quando o Augusto entrou no meu escritório.

— Você comentou com a sua mãe, algo sobre... — Ele começou a falar, fechando a porta atrás de si, mas parou, me esperando responder.

— Não, eu não falei. — Eu respondi o encarando. Mas a sorte dele era eu saber mais que só essa *traição*.

— Algum motivo especial? Ou de repente,

você criou empatia por mim? – Ele perguntou zombeteiro. O cara era muito seguro de si mesmo, eu tinha nas mãos, cartas o suficiente para acabar com o casamento dele e ainda assim, ele era capaz de zombar de mim.

— Porque eu acho que a Leandra merece saber disso por você. – Eu falei, tranquilamente. – Um homem de verdade não tem medo de escolher e bem, você não é mais um garotinho como o Pedro, pra brincar de trair. – Eu me senti orgulhosa da minha resposta, porque ele demorou longos segundos para pensar no que me responder e enquanto isso, o meu celular vibrou.

Três vezes.

Meu coração começou a bater num ritmo tão acelerado que eu pensei ter um infarto, mas bebi um pouco da água que estava no copo sobre a minha mesa. E foquei no Augusto.

— Eu só vim mandar você não jogar isso ao vento, Bruna. — Ele falou arrogante, e eu arqueei as sobrancelhas. — É uma situação complicada e eu preciso de tempo para resolver.

— Mandar?

— Exigir. — Ele retrucou. — Eu não acho que cabe a você, decidir a hora que o meu casamento

com a Leandra vai acabar. — Ele continuou prepotentemente e eu não soube o que responder. Ele iria o que? Largar a Leandra pra ficar com a mãe do Daniel?

— A falta de caráter está no sangue. No fundo, você só está fazendo o que o Pedro fez. Se divertindo, até ter que escolher.

— A diferença é que o Pedro Luiz escolheu errado. — Ele resmungou, saindo do meu escritório sem se despedir.

Ao menos ele preferia a mim à Luciana.

E talvez isso fosse bom, caso o Daniel fosse mesmo seu filho.

Então eu me lembrei do celular e de que havia, provavelmente, três mensagens de texto do Daniel ali.

“talvez”

“o nome Marcos Junior Neves”

“te responda”

Eu li incrédula a sua resposta, mas logo assumi como ciúme, essa coisa ridícula. E claro, lembrando que eu vi a sua mãe com o Augusto, ela me viu com o Junior.

E é muito difícil alguém que nunca ouviu falar dele, ou de seus pais.

Eu sorri, me sentindo nas nuvens, porque o Daniel estava com ciúme.

Deixando claro que isso não era paixão.

Mas que mulher não iria adorar, um homem como ele, morto de ciúme?

Ok, talvez fosse só um incomodozinho, porque eu havia passado a noite anterior com ele, mas eu preferi assumir que era ciúme, dele.

“ciúme, príncipe?”

Eu dei risada, esperando ansiosa a sua resposta.

“eu não costumo dividir as minhas coisas”

Meus olhos arregalaram ao ler *minhas coisas*.

Que horror!

“o que você faz com tanta mulher, depois de dormir com elas, então? :O”

Eu olhei para a Mari, que entrou no meu escritório, trazendo a folha onde desenhava há pouco tempo.

— Olha, eu queria algo arejado, mas tenho pouco espaço pra trabalhar, vê se fica bom. — Ela me entregou o papel, se sentando. Nós então

ficamos discutindo a planta do pequeno apartamento, até às seis da tarde.

Subitamente, eu me lembrei do Daniel e das mensagens desanexas que trocávamos, então peguei meu celular.

“kkkk Bruna, elas não são minhas ;)”

Que horror!

Eu segui para o estacionamento do prédio, onde havia deixado meu carro, e fui para casa

frustrada com o trânsito horrendo daquele horário.

Conectei o fone no celular, ao receber uma ligação do Daniel.

— Então você ficou doído de ciúme do Júnior. — Eu provoquei, ouvindo um longo suspiro.

— Bruna, não é sobre ciúme que estamos falando.

— E sobre o que é então? — Eu perguntei rindo.

— Sobre você passar a noite comigo, e a manhã com ele.

— Ele é meu cliente, desculpa. — Eu pedi

inocentemente e ele bufou um riso. – E também, você deixa bem exposto que não é um cara que quer um relacionamento.

— Quando foi que eu – Ele enfatizou. – te disse isso? – Eu fiquei muda, porque tecnicamente, ele não havia me dito isso. – Hein? – No seu tom, havia resquícios de zombaria.

— Não importa, você expõe isso muito bem.

— Porque eu saio com mulheres aleatórias?

Ou alguém te disse isso?

— Não importa.

— O Joca... – Ele sugeriu presunçoso e eu deixei escapar um risinho. – Eu conheci o Joca,

quando havia acabado de terminar um namoro, e eu gostava muito dela. E ela mudou de país. A última coisa que eu queria, naquela época, era um relacionamento.

— Bem, você nunca disse que era um príncipe romântico, também. — Eu desdenhei, e ele riu.

— Príncipe, Bruna?

— Sim, você é o príncipe da mamãe. — Eu falei manhosa, para nos tirar desse assunto.

— Então você não tem algum tipo de interesse no babaca?

— Você nem o conhece...

— Conheço. — Ele rebateu prontamente.

— Não, por favor. Meus pais eram loucos pra que eu o namorasse, mas eu conheci o Pedro, que tecnicamente, era a mesma coisa. — Eu expliquei confusa.

— Bruna, eu preciso desligar, daqui a pouco eu te ligo. — Ele finalizou a ligação antes que eu pudesse responder.

Na manhã seguinte, quando eu desci para tomar café, encontrei a minha mãe, sentada a mesa na área da piscina.

— Cadê o meu pai? — Eu perguntei, me

servindo com um pouco de suco de manga.

— Saiu bem cedo. — Ela falou, distraída no Ipad. — Bem, e como vão as coisas com o Daniel?

— Mãe, por favor. — Eu pedi, porque eu não tinha uma posição para definir algo relacionado a mim e o Daniel.

— Ué... Você não dormiu com ele?

— Mãe! — Eu afirmei, horrorizada.

— E eu duvido que tenha passado a noite só de conversinha. — Ela ainda provocou, mas eu ignorei, pegando uma torrada e geleia de cereja.

Estava concentrada em comer, quando a minha mãe atendeu uma chamada no celular, ouviu

algo e deu um berro.

Eu olhei para ela, confusa.

A minha mãe levantou apressada, falando algo quase ininteligível no celular e entrou em casa, pegando as chaves do seu carro. Eu, obviamente, não iria deixa-la ir sozinha porque ela estava histérica.

Ela falava coisas eufóricas com alguém que eu assumi ser a Leandra pelo celular, enquanto dirigia apressada.

Quando chegamos à casa da Leandra, a empregada nos avisou que ela estava no quarto.

Eu imaginei que ela fosse reagir usando de toda sua elegância para sair bem na situação.

Mas quando entramos no quarto, demos de cara com uma mulher descabelada, vestida num moletom surrado e uma camisa grande, cara de quem chorava mares, e olheiras profundas, de quem não dormia há noites.

Ela voltou a chorar quando minha mãe a puxou para um abraço, e logo começou a despejar, como uma louca, o seu ódio pelo Augusto.

A Leandra começou a falar tão rápido que eu um momento eu não consegui entendê-la, porque suas palavras se perdiam em meio ao choro. Eu me encolhi, ao ouvir o estalo do tapa que a minha mãe deu nela.

— VOCÊ É LOUCA! — Ela berrou, andando desnorreada pelo quarto, soluçando num choro seco. — Louca... — Ela repetiu, levando as mãos à cabeça.

— Leandra, ele foi um canalha, mas você é
NACIONAIS - ACHERON

superior a isso. — A minha mãe falou, mas eu não a imaginava numa reação superior, numa situação dessas.

— Quase trinta anos dedicados à felicidade dele e ele me troca pela primeira vagabunda que aparece! — Ela falava, arfando e soluçando num choro doído e sem lágrimas, que estava me sufocando. Eu então notei roupas do Augusto jogadas no chão do closet, ternos rasgados, camisas cortadas...

Porque eu não fiz isso com as coisas do Pedro?

— Ele te disse algo? — Eu perguntei cautelosa, e ela assentiu, se deixando cair sentada na cama.

— Que queria o divórcio.

— Ele explicou o motivo? — Eu me sentei ao lado dela, tomando sua mão entre as minhas.

— Que precisava de um tempo. — Ela falou, com a voz rouca por ter forçado tanto choro. — Tanto tempo perdido num equívoco, meu Deus!

— O Pedro já sabe disso? — Eu perguntei e ela negou com a cabeça, se deixando ir novamente ao choro seco, agonizante.

— O Pedro está em Curitiba com a namorada.
— Ela falou, e uma raiva cresceu em mim.

— Vamos ligar pra ele, vai ser bom pra você, ficar perto dele agora, não é?

— Depois que eu matar, o Augusto! – Ela falou de uma maneira neurótica, mas o choro a vencia. A Leandra ainda pegou dois calmantes, mas minha mãe não deixou que ela tomasse.

— Você não vai se dopar, por um canalha que te deixou sem a menor consideração. – Ela falou firme. E a minha mãe era louca o suficiente para esbofeteá-la novamente.

— Eu vou matá-lo! – Ela falou chorosa, e nós ficamos ali, até que ela parecesse mais calma.

Eu liguei para o Pedro Luiz, avisando-o do ocorrido, e ele prometeu voltar assim que conseguisse um voo.

— Então você está mesmo num romance lindo com a Luciana...

— Eu poderia estar com você. — Ele falou presunçoso, e eu bufei um riso.

— Você é pior que o seu pai. — Eu resmunguei, antes de desligar.

Encontrei o Daniel para o almoço e ele estava transtornado com essa *confusão* que a sua mãe estava armando.

— Como se ela tivesse idade, pra brincar de destruir casamentos! – Ele gritou incrédulo e as pessoas das mesas em volta, nos olharam. – Você tem noção disso? Pior, o canalha do Augusto, achando que pode seduzir a minha mãe!

— Daniel, não é bem assim. – Eu falei, e ele bufou um riso irritado.

— Claro que é! Ela de repente, está se sentindo uma adolescente, pra brincar de ter uma aventura!

— O Augusto falou que eles se conheceram antes de ele se casar com a Leandra, ele quer se separar dela pra ficar com a sua mãe. – Eu falei, e então ele me encarou, me dando realmente atenção.

— Mas isso não importa! Ele não casou com a Leandra? Que ficasse com ela, então! Isso vai ficar exposto pra Leandra, como se a minha mãe fosse uma vagabunda, Bruna! Pagando de amante do Augusto!

— Daniel, se acalma. — Eu pedi, sem ter o que dizer. — Você não pode interferir na vida da sua mãe.

— Bem que você falava mal dele... — Ele resmungou, bebendo um pouco de água.

Como ele se recusou a voltar ao seu trabalho esta tarde, eu adiei os meus compromissos, e nós fomos para o apartamento dele. O Daniel tirou a

NACIONAIS - ACHERON

sua roupa, vestindo só uma samba canção, e eu me deitei à cama com ele, brincando com seu cabelo, enquanto ele *pensava*.

— A Leandra não merecia. — Ele falou, de repente. Eu suspirei forte, me inclinando para beijar seus lábios.

— Não fica pensando nisso, vai. — Eu pedi, pegando seu celular, que tocava, o entregando.

— Eu não volto aí hoje, Tânia. — Ele resmungou, fazendo uma carranca para a voz insistente. — Remarca. Eu não volto ai hoje, tchau. — Ele finalizou a ligação, desligando o celular em seguida. O Daniel respirou fundo, cobrindo os olhos com o braço.

— Você não precisa ficar irritado com isso. —
Eu falei, sem saber realmente como agir.

— A questão não está em não precisar. Ela estava pensando em que? Pelo amor de Deus, minha mãe era a pessoa mais centrada e politicamente correta que eu conhecia!

— Daniel, ela pode gostar dele.

— Ela não precisava se expor dessa maneira.
— Ele retrucou irredutível. Eu fiquei com o pensamento de que eles não estariam se importando muito com a opinião alheia.

Tanto que o Augusto era o homem mais sério,

ambicioso e oportunista que eu conhecia, jamais iria causar um transtorno, por um casinho qualquer.

Mas lá estava ele, pondo fim no casamento de mais de vinte anos. Porque ele havia dito que a Leandra era a mulher que todo homem queria pra chamar de sua. Mas não disse sobre amor.

Não era a mulher por quem ele estava apaixonado. Era a mocinha rica, comportada e que ajudaria no seu futuro promissor.

— A sua mãe merece aproveitar, ué. — Eu falei, ficando arrependida ao receber o olhar frio

dele. — Ela é nova, você não sabe como a história dela com o Augusto começou.

— Não importa, Bruna. — Ele resmungou.

— Isso é ciúme.

— Não é ciúme. Eu não estou nem aí de ela se relacionar com alguém. Só que com o Augusto? Você acha mesmo que algum homem em sã consciência largaria a Leandra?

— A sua mãe é uma mulher muito bonita, também. E o que pode estar em jogo é o sentimento.

— Bruna, a questão é que ela veio bancar a politicamente correta, mas estava sendo amante do

Augusto. Eu não podia ficar com você, porque você namorava o filho do Augusto, mas lá está ela, com o canalha! – Ele resmungou, irritado.

Eu me inclinei para deixar um beijo casto em seus lábios, e ele me encarou, me deixando envergonhada, mas eu o fiz outra vez, então ele se virou na cama, me assustando e vindo parcialmente para cima de mim.

— Eu to adorando ficar assim, contigo. – Ele sussurrou, acariciando a lateral do meu rosto, antes de me beijar. Eu me entreguei ao momento de uma maneira que eu nem soube explicar. Sentia-me uma adolescente redescobrando o amor, e não estava

disposta a me parar, se ele não fizesse. O Daniel começou a ameaçar finalizar o beijo, mas não o fazia, e acabava rindo com as minhas carrancas. O nosso momento foi interrompido pelo meu celular, e eu só atendi porque era a minha mãe.

— Estou indo pra Nova Iorque com a Leandra daqui a pouco. — Ela falou, sem delongas.

— Porque Nova Iorque?

— Ela alegou não poder competir com um amor de adolescência do Augusto, e quer um tempo fora. Se puder avisar ao Pedro Luiz, seria ótimo. Ela não quer estragar ainda mais a relação dele com o Augusto, então eu achei que seria melhor, ela se acalmar antes de vê-lo. — Ela falou apressada, e eu

NACIONAIS - ACHERON

me sentei, sob o olhar do Daniel.

— Tudo bem, mas seria ótimo que eu não tivesse que ter algum contato com o Pedro. Assim como a Leandra quer matar o Augusto, eu quero matar o Pedro!

— Não é hora de ataque de menina mimada, Bruna. Você perdeu o Pedro, agora tem um Daniel, não vi nenhuma desvantagem. A Leandra perdeu o homem da vida dela! – Eu fiquei muda, porque não tinha como argumentar com isso. A Leandra conseguiria homens mais gentis que o Augusto, era muito óbvio. – Juízo, e cuidado.

Após finalizar a ligação, eu olhei para o
NACIONAIS - ACHERON

Daniel, que olhava para a tela do seu Iphone, enquanto ele ligava.

— O que foi? – Eu perguntei confusa, mas fui ignorada. – Daniel. – Eu resmunguei, tomando o celular dele, que só então olhou para mim.

— Vou trabalhar. – Ele falou cansado, se levantando, mas eu fui atrás, o impedindo de sair do quarto.

— Você é bipolar? – Eu perguntei incrédula.

— Eu preciso trabalhar. – Ele resmungou me tirando da sua passagem e se foi, mas eu fui atrás. Entrei depois dele num escritório muito bonito, mas escuro. O Daniel se sentou numa cadeira confortável de couro, ligando o computador e

NACIONAIS - ACHERON

encarando a tela.

— Você quer que eu vá embora? — Eu perguntei, indo até ele, que me olhou, não respondendo. — Você é muito mimado, meu deus.

— Você tem muito que fazer, Bruna. Vai ligar pro Pedro Luiz, resolver a sua vida com ele. — Ele resmungou, me deixando embasbacada, sem entender o seu surto.

— O Pedro Luiz está namorando a Luciana. — Eu lembrei-o, que bufou um riso.

— O que é uma pena, pra você.

— Não. — Eu falei impaciente. — De onde você tirou isso?

— Pra você se doer tanto com esse namoro dele, só pode querê-lo de volta.

— Se eu quisesse o Pedro Luiz de volta, não estaria com você. – Eu falei irritada, me sentindo pisada por ele se achar apenas um tipo de estepe.

O Daniel ficou mudo, focado no seu computador, e eu fiz uma carranca, ponderando se consertaria isso indo até ele, fazendo-lhe um carinho e lhe prometendo algo, ou iria embora, deixando que se ele quisesse me procurasse e se desculpasse depois.

Lembrei que no início de namoro com o Pedro, eu sempre o procurava para desfazer a sua
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

carranca quando era alguma bobagem, quando ele ficava bravo comigo. E eu não queria que as coisas com o Daniel fossem iguais, com ele achando que poderia me manipular com essas carrancas infantis, então eu fui embora.

Peguei um taxi, voltei aonde havia deixado o meu carro, e de lá, passei para abastecer e voltei para o meu escritório.

Eu quis trucidar o Daniel, por ser tão genioso e prepotente. Custava ligar e pedir desculpas?

NACIONAIS - ACHERON

Estive sozinha em casa durante a noite, porque meu pai saiu para jogar com uns amigos.

Eu dormi, acordei, fui trabalhar e o idiota do Daniel não havia dado um sinal de vida.

Que ele morra, então.

Estava saindo para almoçar com a Mari, quando o Pedro Luiz nos abordou. Eu encarei-o, confusa, então a Mari lhe cumprimentou educada.

— Eu queria conversar com você. — Ele falou suspirando forte, colocando as mãos nos bolsos da

sua calça jeans preta. Eu bufei um riso, porque era o cúmulo da cara de pau, ele querer conversar comigo. Seja lá sobre o que fosse.

— Amiga, eu vou indo, e te espero no restaurante, ok? — Ela falou, olhando complacente para o Pedro, antes de atravessar a rua. Eu iria matá-la!

— Conversar? — Eu zombei, subindo os óculos de sol.

— Você tem saído com o Daniel e provavelmente sabe algo sobre o meu pai e a mãe dele. — Ele sugeriu presunçoso e eu queria esbofeteá-lo.

— Você não espera que eu diga pra você,
NACIONAIS - ACHERON

coisas sobre isso. — Eu falei, fingindo estar perplexa, e o Pedro sorriu, assentindo.

— Você vai dizer que achou bonita, a atitude dele de largar a minha mãe, da maneira podre que ele fez... — Ele sugeriu ironicamente. — Porque nada me tira da cabeça, que isso foi um plano idiota do Daniel, pra tomar tudo do meu pai. — Ele falou convicto, e eu não consegui segurar o riso. Ele era tão infantil, que invés de tomar conta do seu patrimônio, preferia insinuar um absurdo desses. E bem, se voltarmos a pensar que o Daniel é filho do Augusto... Ele tem direito àquilo tudo.

— E agora você vai atormentar a sua mãe. — Eu presumi, porque o conhecia o bastante para

NACIONAIS - ACHERON

saber o quanto ele era infantil em algumas situações, principalmente se tratando do seu pai.

— Ele não merece sair impune nisso tudo. Ela o amava e está sofrendo. — Ele deu de ombros, e deixou escapar um riso presunçoso. Eu bufei um suspiro, negando com a cabeça.

— Ela vai sofrer menos se você ficar ao lado dela, e não encher com esse assunto. Ela precisa esquecer o seu pai, não se vingar dele.

— Ela precisa fazer os dois.

— Eu não vou perder o meu tempo tentando falar algo útil pra você. — Eu resmunguei frustrada. — Aliás, porque você não marca um casamento com a Luciana e se ocupa com isso? — Eu sugeri tão

irritada com ele, que sequer pensei antes de falar.

— Talvez. — O Pedro sorriu. Cínico. — Aí você se casa com o Daniel e fazemos um casamento duplo. — Ele completou sarcástico, e eu saí andando, incapaz de responder a essa coisa ridícula.

Cheguei ao restaurante onde a Mari estava, bebendo algo que eu julguei ser vinho. Eu me sentei, suspirando forte, frustrada com isso. Bom mesmo seria terminar o relacionamento e mandar o Pedro para o espaço. Eu não precisaria vê-lo. Ele não iria me atormentar. Eu não escutaria as suas indiretas sobrepujadas, e o melhor de tudo: ele não

NACIONAIS - ACHERON

estaria com a Luciana.

Não era como se alguma porcentagem do meu eu quisesse voltar com o Pedro. Para ser muito sincera, eu não queria mais nada com ele. Mas ainda assim, eu não podia simplesmente apagar a nossa história, e isso mais o meu egoísmo, me fazia não querer vê-lo com ninguém. Quero dizer, com a Luciana, que também faz parte do meu passado.

— Você precisa parar de perder tempo com bobagens. — A Mari falou, quando eu despejei as minhas lamúrias para ela. — A Leandra é uma mulher sensata, não vai simplesmente dar ouvidos a uma baboseira dessas. E bem, ela é uma mulher

muito rica pra perder tempo se vingando de um homem como o Augusto.

— Cansada disso. E ainda tem o Daniel, fazendo o maior drama do mundo.

— Ele não está tão errado, porque você demonstra que o Pedro te afeta, ainda.

— O Pedro me afeta, ainda! – Eu falei o óbvio, e ela riu.

Pela noite eu me rendi, e mandei uma mensagem para o Daniel, que pareceu esquecer a birra do dia anterior. Ele veio me buscar, e nós fomos para a sua casa.

— Eu estive pensando... — Ele falou, quando entramos em seu quarto, e eu me virei para olhá-lo. — Eu nunca quis mexer nessa história sobre o meu pai, porque a minha mãe não fazia questão, mas agora... — O Daniel deixou a frase no ar, e a minha respiração trancou, me deixando atordoada. — Tudo bem?

— Você tem certeza? — Eu perguntei. Ok, eu queria que ele mexesse nisso, mas até então ele *gostava* do Augusto. Agora isso seria mexer em algo e deixá-lo pior. E ainda tinha o Pedro, que por mais que merecesse, não saberia lidar com a situação. Ele não saberia nem aceitar um irmão, vindo da Leandra, que dirá um irmão, sendo o

Daniel.

— Talvez. — Ele suspirou forte, coçando a barba.

— Você não está fazendo isso pra afetar a sua mãe, está? — Eu perguntei cautelosa. Até mesmo porque seria muito choque para a Leandra, perder o marido e descobrir que ele tem um filho de vinte e seis anos, com a *amante*. O Daniel ficou quieto, então eu voltei a falar. — É que você nunca achou necessário mexer nessa história, e agora que a sua mãe está vivendo um romance, e você está contra, decidiu isso...

— É. — Ele falou confuso e eu deixei escapar um risinho, o puxando pela mão.

— Você precisa querer ir atrás disso por você. Não pra pirraçar a sua mãe. — Eu falei, levando minhas mãos para os seus ombros, quando ele me abraçou pela cintura.

— E você tem falado com o Pedro Luiz? — Ele perguntou, e eu lhe lancei um olhar entediado.

— Quem é o Pedro Luiz? — Eu perguntei sarcástica, e ele deixou escapar um riso.

— Eu que te pergunto.

— Ninguém que possa interferir na minha vida. — Eu afirmei convicta, e estava sendo sincera. Ele surtia efeito sobre mim, ainda. Nós vivemos uma história juntos, eu não era fria o suficiente para apagar isso de uma hora para outra. Mas nada que o

NACIONAIS - ACHERON

Pedro fizesse poderia afetar alguma decisão minha.

— Bom ouvir isso. – O Daniel sorriu, antes de me beijar.

Eu acordei no meio da noite com o celular do Daniel chamando numa ligação da “*Lola*”. Eu recusei, óbvio. Eu não sabia muito sobre o relacionamento dos dois. E não sabia como ele se sentia em relação a ela. Então também apaguei a ligação do histórico das chamadas.

Na manhã seguinte, eu acordei com um Daniel excitado fungando em meu pescoço, e me

virei de frente para ele, sendo pega desprevenida, por um beijo eloquente, com ele vindo para cima de mim. Eu sorri entre o beijo, quando ele desceu uma mão ousada para o meu sexo, brincando um dedo ali, mas logo parou e me penetrou rápido e forte, gemendo forte, junto comigo. Eu deixei as minhas pernas abertas, enquanto ele ia e vinha devagar, com os lábios entreabertos e os olhos cerrados, profundos nos meus.

Quando seus movimentos ganharam ritmo, eu gemi mais alto, o arranhando e apertando minhas pernas em volta do seu corpo, à procura de mais.

— Vira. — Ele sussurrou, ficando de joelhos

na cama e eu virei para ele, estremecendo com o prazer absurdo dele de volta dentro de mim, me segurando e brincando com o meu clitóris. Eu passei a investir para ele, tremendo com meu orgasmo me ameaçando e me entreguei ao sentir o seu beijo molhado em meu pescoço.

Ainda voltava das contrações do meu clímax, quando senti seu gozo em mim, e os seus gemidos roucos.

Nós ficamos mais algum tempo na cama, mas logo fomos para a cozinha, improvisar o café da manhã, mas paramos na sala, quando o Daniel me empurrou contra o sofá, num beijo lento. Eu ouvi a

NACIONAIS - ACHERON

porta da sala sendo aberta e me virei para olhar.

A mãe do Daniel entrou, com os cabelos desgrenhados em um coque mal feito. Ela estava sorridente, mas parou ao nos ver.

— Passou a noite onde, mamãe? – O Daniel perguntou num tom de voz um tanto rancoroso e eu desviei o olhar dele, para conter o riso.

— Você não vai gostar de saber. – Ela se limitou a responder, deixando claro que estava com o Augusto, e entrou, seguindo pelo corredor.

— Ela me detesta. – Eu resmunguei, mas o Daniel não falou algo sobre isso.

O Daniel me deixou em casa, e foi trabalhar. Eu me arrumei e fui para o meu escritório, onde passei parte da manhã trabalhando num projeto de um quarto de gêmeos.

Fui almoçar com a Tereza, que fofocava sobre a Lorena e o Tadeu. Ela já deveria ter superado essa história.

— Mas vale a pena, você ficar com ele, enquanto ele praticamente mora com ela? — Eu perguntei, mexendo no meu mousse de limão.

— E eu nem consigo acreditar que você é

amiga dela. – Ela falou em negação, e eu deixei escapar um riso. – São quase seis anos numa história, pra ele simplesmente ir morar com outra.

— E você não sai disso. Não mostra pra ele que ele te perdeu. Você merece mais que isso, Tereza, o Tadeu não é o único homem no mundo. – Eu falei, porque aconselhar os outros era muito fácil. A dor não era minha, então para mim, soava fácil agir.

— Eu não posso apagar seis anos assim, de uma hora pra outra.

— Eu sei que não. – Eu concordei, solenemente. – Mas ele não pensou em você, antes de assumir outra mulher. – Eu continuei a falar e

NACIONAIS - ACHERON

ela ficou quieta.

Encontrei o Daniel quando estava saindo do restaurante. Ele cumprimentou a Tereza com um beijo na testa e selou os nossos lábios carinhosamente.

— Eu tenho uma novidade pra você, Dan. — A Tereza falou, de repente, animada. O Daniel voltou sua atenção para ela, mas não parecia interessado, realmente.

— Sobre?

— A minha irmã! — Ela sorriu provocativa, e o Daniel deixou escapar um riso.

— Não há nada sobre a Dolores, que eu queira saber. — Ele respondeu prontamente, mas a insegurança cresceu em mim.

— Você já deveria ter superado isso.

— Hu-hum. — Ele concordou, voltando sua atenção para mim. — Eu te vejo hoje? — O Daniel perguntou, erguendo os óculos escuros, e eu sorri para ele, dando de ombros. — Eu te ligo mais tarde. — Ele avisou, deixando um beijo rápido nos meus lábios, antes de entrar no restaurante. Eu voltei meu olhar para a Tereza, que me encarava com um sorriso presunçoso.

— Eu não sabia que estavam se pegando.

— Se pegando... — Eu resmunguei, negando

com a cabeça.

— Seria o que, então? — Ela indagou, e eu a olhei, sem resposta. — A Lola está voltando. — Ela falou, quando começamos a andar para o meu carro. Eu fiquei em silêncio, talvez as ligações na madrugada quisessem dizer isso. Mas eu não achei que o Daniel precisasse saber que a sua ex-namorada/noiva, que o seu ex-amor está de volta.

— Seria terrível ele arriscar voltar com ela outra vez. — A Tereza voltou a falar, me deixando impaciente.

— Por quê?

— Porque ele fez de tudo por eles dois, e ela largou tudo pra conhecer o mundo. Eu não sou a

NACIONAIS - ACHERON

pessoa mais romântica do mundo, mas se o Tadeu fizesse por mim, o que o Daniel fez pela Lola, eu não o largaria para viajar. Ele queria casar com ela, eles poderiam descobrir o mundo juntos. E ela preferiu se aventurar.

— Uma pena. – Eu falei, sem nem saber o que dizer sobre isso.

— Sorte a sua. – Ela retrucou.

Eu voltei para o meu escritório, mas passei a tarde conversando com a minha mãe pelo whatsapp, e recebendo várias fotos dela com a Leandra, que já não parecia mais a mulher abandonada pelo amor da vida dela.

Estava distraída no meu computador, a procura de alguma foto da tal Dolores, porque a curiosidade me consumia, quando a Mariana entrou, e eu fechei tudo de uma vez.

— Tudo bem? – Ela perguntou, deixando escapar um risinho. Eu assenti tranquilamente, suspirando. – Como está a Leandra?

— Eu acho que ela supera isso rápido. – Eu comentei, e ela riu. – Porque convenhamos... Quem saiu perdendo com isso tudo, foi o Augusto.

— Ele já está com outra.

— A mãe do Daniel. – Eu completei e ela riu,

mais uma vez. – Ele está muito, muito contra a isso tudo.

— A mãe dele estava pagando de amante, ué. Eu também ficaria contra.

— Eu acho que ele tem mais com o que se preocupar.

— Se preocupar com o que? – A Mari zombou, e eu lhe lancei um olhar entediado. – Com o relacionamento confuso de vocês?

— Com a ex dele que está voltando.

— O Daniel não parece um cara que quer a ex de volta. – Ela comentou, e eu bufei um riso.

— Ele não tem como saber. Eles terminaram

porque ela foi embora. Ele nem sabe se a esqueceu, ou se foi só essa distância que adormeceu tudo.

— Mas e você? Saber lidar com isso?

— Não, e eu faria igual à Leandra, me conformaria de que não dá pra competir com um amor antigo. — Eu resmunguei, mas era algo óbvio. Eu não iria de repente, bancar a louca romântica e lutar pelo Daniel, quando a concorrente era uma ex-namorada que ele queria se casar.

— Mas você não precisa quebrar a cabeça com isso.

— Claro que não. — Eu concordei. — Eu não morri ao perder o Pedro, isso também não vai acontecer com o Daniel.

— O Daniel é um cara decidido, se ele quiser voltar com essa ex, ele vai jogar limpo com você.

— Eu só não quero pensar nisso. – Eu falei, pegando meu celular que vibrou numa mensagem.

“posso conversar com você?”

Era do Pedro Luiz. Eu olhei para a Mari e lhe entreguei o celular. Ela forçou uma risada sarcástica, e eu suspirei entediada.

— Ele é o homem mais cara-de-pau, que eu já conheci. – Ela falou, exalando um sarcasmo até engraçado.

— Ele deve estar perdido com isso dos pais se separando.

— E você ainda se importa? Depois de tudo que ele te fez, você se importa?

— Não. – Eu falei, porque era a resposta mais fácil.

A semana seguiu rotineira, e eu foquei em trabalhar. Minha mãe e a Leandra chegariam na segunda, e o Daniel havia decidido sair de casa. Segundo ele, os dramas de sua mãe não surtiriam mais efeito, uma vez que ela não se importou em destruir uma família e estava tão contra nós dois.

Ele parecia um menino mimado discutindo sobre isso, o que era quase engraçado.

Era sábado, e eu estava deitada numa espreguiçadeira, enquanto a Mari andava de um lado para o outro, falando com o Joca pelo celular.

Eu foquei no meu celular, onde lia os dramas da Tereza, sobre o Tadeu. A vontade que eu tinha, era de explodi-lo, por ser tão canalha. E de bater com a cabeça da Tereza contra uma parede, para ver se dessa maneira, ela voltava para a realidade.

Não era possível viver tão presa a um passado.

Porque seria mais fácil superá-lo, se ela quisesse.

O problema todo era só que ela simplesmente não queria.

— Eu tenho uma notícia não muito boa pra você. — A Mari falou, e eu desviei a atenção do meu celular, para olhá-la.

— Que seria? — Eu perguntei confusa, olhando meu celular, que vibrara numa resposta da Tereza. A Mari sentou na beirada da

espreguiçadeira, apertando os lábios. – Diz logo, Mariana! Eu não vou morrer com uma notícia ruim.

— A Luciana está grávida. – Ela disparou num tom baixo, rápido e eu fiquei quieta, desviando o olhar para qualquer lugar, sem foco.

Pedro Luiz

— Você está de brincadeira com a minha cara, Luciana! – Eu berrei, levando as mãos para a cabeça e a teimosia à minha frente, me lançou um olhar desdenhoso.

— Me diz um motivo pra eu inventar uma palhaçada dessas. – Ela exigiu e eu bufei um riso nervoso, irritado, frustrado com tamanha burrice.

— Você tem noção de como a minha vida está cheia de problemas agora? – Eu perguntei, gritando com ela. Porque a imbecil tomava pílula. Não há uma maneira de isso ter dado errado.

— Quais problemas, Pedro? – Ela zombou,
NACIONAIS - ACHERON

me deixando ainda mais irritado, se é que era possível.

— Quais problemas? — Eu perguntei incrédulo e ela forçou uma risada. — Os meus pais se separando, a minha saída do escritório, o seu carro pra eu pagar! — O canalha do Daniel dormindo com a Bruna. Mas esse incômodo eu não despejaria para a Luciana. Eu tinha consciência de que se eu não tivesse investido tanto nela, ela não tentaria nada, também. O que não justifica um filho.

— Você não passa de um moleque dramático! Você quer que eu faça o que agora? — Ela perguntou autoritária.

— Luciana, eu só preciso de um minuto pra respirar em paz. – Eu falei atordoado, procurando pelo meu celular no bolso e saí do meu quarto, esbarrando com meu pai no corredor.

— Pensei que estivesse visitando os novos sogros. – O meu pai zombou, segurando o terno pendurado no ombro.

— Eu voltei, porque o canalha que se diz meu pai resolveu se separar, pra ficar com uma vagabunda.

— A Leandra foi uma mulher incrível, uma pena que tenha acabado. Ela fez tudo certo, só errou na sua criação, Pedro Luiz. Você tinha tudo pra ter um futuro promissor, ser independente.

Estava junto de uma mulher que não precisa, mas está batalhando por algo que é dela. Tinha a nossa empresa pra tocar, ou a da sua mãe. Mas não, prefere perder tempo com uma qualquer, tão sem juízo quanto você, como se a vida fosse só isso: torrar o dinheiro que eu e a sua mãe temos.

— A sua troca agora é a prova da sua inteligência. — Eu falei irônico. Porque era muito fácil agora, depois de eu terminar com a Bruna, ele a idealizar.

— A minha troca agora prova que por mais que eu tenha amado a sua mãe, isso acabou e eu posso me permitir reconstruir a minha vida, lutar pela minha felicidade.

— Destruindo a de alguém. – Eu retruquei frustrado com o seu sermão ridículo.

— Eu não dou um mês pra sua mãe superar isso e reconstruir a vida dela, também. – Ele falou e eu bufei um riso, incrédulo com a sua frieza e saí dali, descendo as escadas.

Entrei no meu carro, perdido a procura de alguma ajuda. Algo que pudesse desfazer esse acidente. Não era possível a Luciana estar grávida, justo agora, quando eu tinha tanto para consertar.

Ela deveria entender que por mais que eu

tenha aceitado conhecer os seus pais, na nossa relação não caberia um filho.

E sinceramente, eu sequer me imaginava casado com ela. A Luciana me trazia só aquele sentimento de liberdade. Ela eu conseguia controlar, e ainda assim, me manter livre. Da Bruna eu precisava cuidar. Eu queria estar junto demais para monitorá-la. E eu me cansei disso por um momento.

Mas eu ainda tinha planos de voltar com ela num futuro. A Bruna ainda era a mulher com quem eu desejaria passar uma vida. Só que eu não queria

NACIONAIS - ACHERON

começar a construir o nosso futuro agora.

Segui para o apartamento do Lucas, onde o encontrei improvisando um drink com vodca.

— Grávida? — Ele perguntou desinteressado e eu corri as mãos no rosto, exausto. — Era meio óbvio que isso iria acontecer. — Ele afirmou tranquilamente, e eu olhei-o.

— A Luciana não precisa de um golpe da barriga, Lucas. — Eu resmunguei.

— Eu estou falando do caráter dela. — Ele falou, servindo dois copos com a bebida. — Eu entenderia o lado da Luciana se ela tivesse ficado

com você, por amor, Pedro. — O Lucas deixou escapar um risinho. — Mas foi por nada, ela tinha um caso com outro homem, era apaixonada por ele. Ficou com você, agora está grávida...

— Não tem como tudo piorar. — Eu falei cansado.

— Ela pode abortar. — Ele sugeriu sarcasticamente, e eu o encarei. Eu cresci abominando, essa atitude fácil para resolver um descuido. — Relaxa, Pedro. Eu aposto que com uma boa quantia por mês, você nem precisa ver a criança.

— Esse sarcasmo todo porque eu larguei a Bruna? — Eu zombei, porque sabia bem do seu
NACIONAIS - ACHERON

interesse por ela. O que de certa forma, seria mais fácil para mim. Se a Bruna simplesmente se envolvesse com o Lucas, invés do Daniel, eu conseguiria acabar com a coisa toda em dois tempos.

— Porque você largou tudo. A Bruna é uma ótima pessoa.

— Ela nunca ficaria com você. – Eu falei zombando, e o Lucas riu, assentindo. Não iríamos brigar por isso, realmente.

— Ela é uma mulher esperta. – Ele deixou escapar um sorriso maroto, que no fundo me deixara incomodado. Não era aquele sorriso de quem queria só pegar alguém. – O próximo passo é

contar isso aos seus pais, papai. – O Lucas sorriu docemente, bebendo um longo gole da sua vodca.

Depois de uma tarde onde eu me embriaguei com o Lucas, enquanto nós conversávamos como dois moleques (e eu realmente me sentia um cara de dezessete anos que engravidou a namorada porque de repente, não sabia como gozar fora), eu voltei para casa, encontrando a Luciana no meu quarto, esparramada na cama, segurando o papel que confirmava a sua gravidez.

Ela me olhou, apertando os lábios e eu suspirei forte, indo até ela, me deitando ao seu lado

NACIONAIS - ACHERON

e a puxando para um abraço.

— Foi sem querer. — Ela sussurrou, e eu concordei, selando nossos lábios carinhosamente.

— Nós vamos cuidar de tudo. — Eu prometi, imaginando que a minha mãe iria ficar desolada. Ela já detestava a Luciana, ter um neto vindo dela, então...

— Eu estive pensando... — A Luciana começou a falar, e eu a olhei. Ela ter pensado não iria querer dizer alguma coisa boa. Ou alguma solução eficaz. O seu tom de voz deixava isso claro.

— Em que?

— Eu poderia tirar a criança. — Ela falou rápido, e fechou os olhos, fazendo uma pausa até na respiração. — É muito difícil enfrentar uma gravidez, e eu não estou preparada, ainda. A minha mãe teve uma gravidez difícil, talvez não seja bom para mim. — Ela falou e eu ignorei. Não pensar nisso, me faria nunca cogitar a ideia. Seria o mais fácil. Ela abortaria e pronto, fingiríamos que o problema nunca existiu. Mas por outro lado, eu jamais deixaria que ela o fizesse. Eu teria condições de bancar tudo para ela ter uma gravidez saudável. Querer abortar por medo era absurdo.

Eu aproveitei que a Luciana pegou no sono e

liguei para minha mãe.

— Fala, meu bem. — Ela me atendeu, com a voz sonolenta.

— Eu tenho uma notícia boa. — Eu falei desanimado, suspirando forte.

— O seu pai foi atropelado por um caminhão?
— Ela perguntou sarcástica, e eu deixei escapar um riso.

— Você vai ser avó. — Eu falei rápido, olhando para os lados, porque me sentia atordoado ao pronunciar isso. Uma sensação de desespero que sucumbia quando eu focava no assunto e tentava tomar isso como a minha realidade: eu seria pai.

— Por favor, me diz que por um milagre do destino, a Bruna – Ela enfatizou. – descobriu que está grávida, e mesmo que ela esteja saindo com o Daniel, o filho é seu!

— Mãe... – Eu deixei escapar um risinho. – Não é exatamente a Bruna.

— Você acha que o meu psicológico aguenta isso? – Ela berrou do outro lado, grunhindo. – Meu Deus! Eu devo estar mesmo pagando por todos os meus pecados, pra merecer isso!

— Eu vou cuidar de tudo.

— Cuidar de tudo como? Se você sequer foca em trabalhar!

— Mãe, um sermão agora não fará a criança desaparecer.

— Eu espero que você amadureça para lidar com isso. Ter um filho não é fácil, ainda mais quando a mãe dele é uma Luciana da vida. — Ela resmungou, antes de desligar.

Eu suspirei forte, colocando o meu celular sobre a mesa de centro e me sentei ao sofá. Parecia imaturo, mas eu repetia mentalmente que seria pai. Um ser sairia da Luciana e nos deixaria conectados para o resto da vida. Acabei rindo do incidente. Era mesmo uma bela rasteira da vida.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 11

Eu continuei olhando pro nada, porque não conseguia digerir a notícia. Nada era diretamente ligado a mim, mas de qualquer maneira, conseguia mexer comigo.

Desde a suposição de o Augusto ser pai do Daniel à separação do Augusto com a Leandra, e agora isso.

O Pedro esperando um filho da Luciana.

Era até engraçado, porque depois de tantos planos que eu fiz com ele, era inimaginável dizer que tudo acabaria com ele tendo um filho dela.

— Está tudo bem? — A Mari perguntou e eu forcei um sorrisinho, assentindo. — Eu achei que seria melhor te contar logo, mas...

— Tudo bem, Mari. — Eu falei, respirando fundo. — Eu não tenho porque me importar com isso.

— Eu imagino como é estranho.

— E é. — Eu concordei. — Há pouco tempo, eu e o Pedro tínhamos planos idiotas de uma vida

juntos. Eu tenho no meu computador um projeto lindo de uma casa para nós dois, do jeito que eu sonhei. Parece muito banal, e eu sei que já deveria ter esquecido isso. E agora, ele vai ter um filho com uma mulher que cresceu comigo, praticamente.

— Era meio óbvio que isso iria acontecer. — Ela falou, e eu apertei os lábios. O Augusto *previu* esse acontecimento, também. — Os pais dele vão pirar com isso.

— Sim, eles vão. — Eu falei, embora estivesse meio desconexa para conversar coerentemente, agora.

— O Joca está vindo pra cá, com o Daniel. — Ela avisou, e eu assenti, respirando fundo a fim de

NACIONAIS - ACHERON

eliminar a agonia que isso me trouxe.

Quando o Daniel chegou, eu tentei focar que o Pedro Luiz era um passado e eu não precisava perder o meu tempo me preocupando sobre como está a vida dele.

Dane-se se ele teria um filho com a Luciana. Azar o dele, se prender dessa maneira, tão novo. Ou talvez eles se amem e um filho venha para uní-los ainda mais.

— Tudo bem? — O Daniel perguntou, percebendo quão aérea eu estava. Eu olhei-o,

correndo uma mão na lateral do seu rosto, selando nossos lábios. — O Joca comentou que a Luciana está grávida.

— A Mari me falou. Mas eu acho que todo mundo já esperava que isso fosse acontecer.

— Tudo bem? — Ele voltou a perguntar, e eu lhe lancei um olhar entediado.

— Eu fiquei meio assustada, mas está tudo bem. — Eu falei, sendo sincera. — E a Tereza me falou que a irmã dela está voltando.

— E...? — O Daniel riu, desinteressado.

— Eu que pergunto.

— Ela está voltando e é isso. Eu não sei nada

sobre. – Ele falou e eu fiz uma carranca. Óbvio que ele não sabia.

— Quando?

— Eu não sei, Bruna. – Ele falou tranquilamente. – Não estou muito preocupado com essa volta da Dolores.

— Sei...

A Mari e o Joca foram embora pouco depois do almoço, e eu fui para o meu quarto, com o Daniel. Eu liguei o ar condicionado e me enfiei sob os edredons com ele, que zapeava canais da TV, me deixando impaciente.

— E se ela quiser voltar? – Eu perguntei, de repente e o Daniel finalmente parou a sua agonia de mudar freneticamente os canais a procura de nada, me dando atenção.

— A Lola?

— É. – Eu resmunguei.

— Não sei. – Ele riu, negando com a cabeça.
– Não tem um mês que a gente terminou Bruna, e sim mais de um ano. Acabou, e eu não sei mesmo porque você quer falar sobre isso.

— Curiosidade.

— A Tereza te falou alguma coisa?

— Só que ela está voltando e que você queria

se casar com ela, e...

— Você fez planos patéticos com o idiota do Pedro Luiz, e nem por isso você ainda quer concretizar isso, não é? — O Daniel perguntou cautelosamente, e eu encarei-o minuciosamente.

— E se quando você encontra-la, perceber que ainda sente alguma coisa? — Eu perguntei e ele bufou um suspiro.

— Você se supera na chatice, às vezes. — Ele resmungou, mas eu encarei-o, esperando uma resposta.

— Se eu por um acaso quisesse voltar com a Dolores, eu não vou enganar você. — Ele resmungou, se sentando na cama. — Mas não tem

NACIONAIS - ACHERON

essa possibilidade, Bruna. Eu não tenho mais dezoito anos pra brincar de não saber o que eu quero.

— Você é confuso.

— E você é imatura demais. – Ele reclamou enfático.

— Você já conversou com a sua mãe? – Eu perguntei, para desviar desse assunto, porque para começo de história, eu não tinha nada sério com o Daniel.

— Bruna, nós não somos um casal de adolescentes onde um tenta colocar juízo no outro.

– O Daniel falou, como se isso fizesse algum sentido, e eu deixei escapar um risinho. – Eu não

estou interessado em fazer parte dessa historinha fajuta dela com o Augusto.

— Tudo bem. — Eu suspirei forte. — Você tem olhado os apartamentos?

— Eu vou amanhã com uma corretora, ela me mandou algumas fotos e eu fiquei muito interessado. — Ele falou distraidamente, e eu foquei apenas que era uma mulher. E o meu eu paranoico foi além, imaginando que as fotos eram da mulher, e então ele ficou interessado.

— Me mostra as fotos, depois. — Eu falei, conseguindo ser sensata.

— Se você não for fazer nada, e quiser, pode vir comigo. — Ele falou, e eu concordei.

Apesar da minha insistência, o Daniel não quis ficar para dormir comigo, e ainda me fez sentir como uma menina de quinze anos, perto do meu pai.

Este, por sua vez, não estava parando muito em casa. E eu queria colocar um detetive atrás dele, só para ter a certeza de que ele não seguiria o mesmo caminho do Augusto.

Acordei às nove horas, no domingo, e tomei um bom banho morno. Quando saí, sequei um

PERIGOSAS

pouco os cabelos, e passei hidratantes corporais. Vesti um short jeans de cintura alta, com uma regata amarela e coloquei um cinto. Calcei uma rasteirinha e voltei para o banheiro, onde fiz uma maquiagem básica.

Desci para tomar café e me assustei ao ver o meu pai e o Daniel na sala, mas era evidente que tratavam de trabalho.

Eu murmurei um bom dia, de uma maneira envergonhada que fez o meu pai rir e fui para a cozinha, procurar algo para comer.

NACIONAIS - ACHERON

Eu estava distraída com a minha salada de frutas, quando um Daniel cheiroso me abraçou por trás, fungando em meu pescoço.

— Bom dia, amor. — Ele falou de uma maneira solene, que me fez sorrir.

— Já foi ver o apartamento? — Eu perguntei, pegando um morango, fazendo uma careta ao mastigá-lo, porque estava azedo.

— Não, eu achei que você viesse comigo.

— Que horas?

— Dez e meia. De lá nós vamos almoçar em algum lugar. — Ele avisou, e eu assenti.

Nós chegamos ao prédio, muito bonito, luxuoso e encontramos a mulher no apartamento. Ela era atenciosa e eu era capaz de admitir que talvez, eu fosse ciumenta. O Daniel analisou tudo como se isso fosse uma causa importante, inclusive o valor e a localização. Ele conseguia ser tão chato e minucioso quanto o Augusto.

O Daniel coçava a barba, olhando pela sacada do apartamento, e eu voltei a analisar a corretora, uma ruiva alta que eu jurava já ter visto com ele, mas não podia realmente me lembrar.

— Talvez eu pudesse ganhar mais espaço, se a sala não fosse dividida. — Ele falou, e eu olhei-o.

Havia uma espécie de divisória. Como uma sala de estar, para a sala de jantar, dividindo em dois ambientes pequenos.

— Ou você poderia quebrar a parede da cozinha, e fazer estilo americano. — Eu falei, porque a minha mente vagou com ideias de deixar isso espaçoso e moderno para ele. O Daniel me olhou e sorriu. — A sala vai ganhar um espaço muito maior e vai ficar mais moderno se não tiver uma sala de estar, uma sala de jantar e uma cozinha.

— Mas se você não tiver a certeza sobre a compra, pode alugar aquele outro, Dan. — A Ruiva falou, e eu suspirei forte.

— Eu posso alugar o meu apartamento pra
NACIONAIS - ACHERON

você, se esse for o caso. — Eu disparei sem pensar e o Daniel me olhou, arqueando as sobrancelhas.

— Eu vou pensar, mas eu fiquei tentado a fechar o negócio com esse apê. — Ele falou, e eu vibrei ansiosa.

Eu estava distraída com o meu celular, enquanto o Daniel dirigia, quando eu ouvi um riso vindo dele.

— O que foi? — Eu perguntei, e ele negou com a cabeça.

— Você além de neurótica, é ciumenta.

— Não sou não. — Eu discordei dele, que riu.

— Você gostou do apartamento? — Ele perguntou, e eu assenti.

— Sim e ele é espaçoso, com uma boa reforma, a gente deixa ele a sua cara. — Eu falei animada.

— Então eu já encontrei uma arquiteta pra cuidar disso. — Ele presumiu.

— Você não ousaria contratar outra pessoa. — Eu falei o óbvio.

Nós tivemos o azar de encontrar o Augusto e a mãe do Daniel no restaurante. O Daniel se rendeu às insistências da sua mãe e nós sentamos para

almoçar com eles. O Augusto tentava puxar assunto, mas o Daniel lhe cortava friamente.

Outro no lugar dele, jamais afrontaria o seu patrão da maneira como o Daniel estava fazendo, mas era vitorioso ver alguém enfrentando o Augusto e deixando-lhe sem resposta.

O que me deixou incomodada, fora a maneira como o Augusto analisava admirado o Daniel. Se eu não fosse tão paranoica, acreditaria na minha intuição, que alarmava para mim, dizendo que o Augusto já sabia de tudo.

— E vocês já pensam em algo mais sério? —
O Augusto perguntou e eu segurei o riso.

— Nós somos só amigos. — Eu disparei sem pensar, recebendo um olhar reprovador do Daniel.

— Estamos nos conhecendo. — O Daniel corrigiu o meu equívoco. — O seu filho que está cada vez mais envolvido numa relação eterna com alguém. — Eu olhei surpresa para o Daniel, mas era tão óbvio que a sua intenção não era me lembrar desse assunto, mas provocar o Augusto, já que ele se torna uma criança perto dos seus pais.

— Daniel! — A Paola falou horrorizada. O silêncio tomou conta do lugar, e a Paola chamou o garçom para fazermos os pedidos.

Eu corri para acompanhar o Daniel, que saiu furioso do carro, seguindo para o seu condomínio, e arfei ao conseguir entrar junto com ele no elevador.

— Palhaçada é essa mulher achar que vai dar certo com um cara prepotente como o Augusto! – O Daniel finalmente falou algo, mesmo que uma baboseira. E eu fiquei calada. – Eu conheço a minha mãe, Bruna! Ela não vai obedecer às regras ridículas dele, muito pior aceitar que ele a controle.

— Você devia não pensar sobre isso. – Eu falei, porque não sabia como lidar com toda essa situação. O Daniel tomou uma respiração profunda, esfregando o rosto com as mãos, mas não

me disse mais nada.

[...]

Como o Daniel fechou o negócio do apartamento, nós vínhamos marcando reuniões para ele me dizer como queria tudo nele. Era a terceira vez esta semana e não muito diferente das outras, eu estava sobre a minha mesa, as minhas roupas no chão e ele arfando com o rosto entre o meu pescoço. Eu corri uma mão pelo seu cabelo, respirando forte ainda e ri.

— Que foi? — O Daniel sussurrou e eu neguei

com a cabeça.

— Você nunca vai conseguir se mudar se não me deixar trabalhar rápido.

— Eu vou me comportar, agora. – Ele prometeu, me lançando um sorrisinho inocente e eu aproximei nossos rostos para lhe dar um selinho demorado.

— Eu realmente adoro quando você nos interrompe, mas se você deixar, eu posso pensar em tudo. Depois você olha e se quiser, a gente vai mudando.

— Eu estava mesmo gostando de vir aqui toda tarde. – Ele falou carrancudo.

— Você é um príncipe mimado. — Eu sussurrei, quando ele se afastou para consertar a sua roupa, e pegar as minhas do chão.

— E você tem que fazer todas as minhas vontades. — O Daniel sorriu e eu dei risada do seu cinismo, pulando da mesa para me vestir. — Vai fazer o que mais tarde?

— Vou jantar com a Leandra. — Eu falei, e a sua expressão endureceu. — Não vou à casa dela. — Eu menti, para amenizar.

— Ela está bem? — Ele perguntou, abotoando o último botão da sua camisa.

— A mulher é linda, rica, independente... Só se afunda nessa separação, se quiser. — Eu falei, e

NACIONAIS - ACHERON

ele assentiu vindo até mim, deixando um beijo carinhoso nos meus lábios.

— Se quiser me ver quando sair de lá, me liga. — Ele falou, pegando seu celular sobre a mesa.

Eu usei o resto da minha tarde para terminar logo a ideia do apartamento do Daniel, o que não demorou tanto, porque eu já tinha tudo em mente. Estava arrumando algumas coisas para levar para casa, quando a Mari entrou de uma vez na minha sala, me assustando.

— Tudo bem? — Eu perguntei e ela riu.

— Eu vou terminar os meus projetos e não

vou pegar mais nenhum, por enquanto. — Ela começou a falar e eu a olhei assustada. Ela não iria me deixar, certo? — Não faz essa cara, Bruna. Eu vou viajar por duas semanas com o Joca, porque eu não suporto mais a maneira como ele está afundado em trabalho, e eu tenho duas opções pra nós dois.

— Que seria?

— Ou eu deixo tudo indo da maneira como está, e deixo o nosso amor morrer, ou eu luto por ele. E eu não sei se quero perder o Joca.

— Uma viagem vai consertar o Joca? — Eu perguntei confusa, e ela foçou um risinho, negando com a cabeça.

— Mas vai nos aproximar. Eu sei que ele vai

NACIONAIS - ACHERON

querer cuidar de tudo, mesmo longe. Mas pelo menos vai ser só nós dois, e eu sinto falta de passar um bom tempo com ele.

— Tudo bem, então. — Eu sorri para ela.

Estava no meu quarto, analisando o meu vestido preto, apertado até a cintura, com um decote profundo nas costas. Coloquei um colar fino, e calcei um scarpin vermelho.

A minha maquiagem era clara, com um delineador marcando os olhos e bastante rímel. O meu cabelo estava liso, e o meu batom era

vermelho. Eu estava escolhendo um perfume quando a minha mãe entrou no quarto.

— Você deveria chamar o Daniel para ir conosco. — Ela falou, e eu olhei-a. Imaginei que o Daniel jamais iria aceitar ir, porque ele conhecia o Pedro e quão infantil ele era. E o Daniel é filho da mulher que tecnicamente reapareceu para tomar o Augusto da Leandra.

— Ele teve outros compromissos. — Eu inventei, e a minha mãe me olhou minuciosa.

— Você gosta dele? — Ela perguntou curiosa, e eu apenas sorri. Eu diria que eu e o Daniel estávamos construindo uma relação muito divertida, mas não podia dizer mais, porque não me

sentia segura.

— A Leandra já se acostumou com a gravidez da Luciana? – Eu perguntei, pegando um par de brincos pequenos.

— Ela falou que se a criança nascer e não se parecer com o Pedro, vai pedir um exame de DNA, porque não gosta da Luciana.

— Ela não inventaria isso a toa. – Eu falei, me referindo a Luciana.

— Ela está estragando o futuro dela, isso sim. Uma mulher tão bonita, se contentando com algo que está sendo visto como golpe da barriga.

— É uma pena.

— O Augusto quer que eles se casem. — Ela disparou, seguindo com uma risada e eu a olhei assustada.

— O Augusto?

— Seria um bom castigo para o Pedro.

— Mãe, o Augusto vai bancar o Pedro e ele vai fazer o que bem quiser. Isso não é castigo.

— Você conhece a Luciana, ela vai fazer da vida dele um caos.

Quando nós chegamos à casa da Leandra, eu cumprimentei as amigas dela e da minha mãe, e fui falar com ela, que estava na cozinha, orientando um

garçom.

— Toda vez que eu te vejo, lembro quão burro meu filho é. — Ela falou, após me cumprimentar com um abraço apertado. Eu sorri envergonhada, por não saber o que responder. — Deveria ter trazido o Daniel.

— Ele não se sentiria bem. — Eu falei, porque talvez fosse uma verdade.

— Ele não tem culpa de o Augusto ser um canalha. Vocês estão mesmo juntos?

— Nos conhecendo. — Eu falei, para não negar ou confirmar um relacionamento.

— Eu daria a vida para que você e o Pedro

nunca tivessem terminado.

— Semana que vem temos um jantar na casa dos Neves, e eu iria gostar de te apresentar um grande amigo meu, Lea. — A minha mãe falou, parando ao meu lado. Eu olhei-a, porque não havia um mês que a mulher se separou, e a minha mãe já queria empurrá-la noutro relacionamento.

— Ela não quer, Laura. — O Pedro falou, e eu me forcei a não olhá-lo.

— Você precisa mesmo é focar na gravidez da sua nova namorada, não impedir a vida da sua mãe. — A minha mãe retrucou com ele, e eu deixei escapar um riso.

— Bem, ela tem razão. — A Leandra falou

NACIONAIS - ACHERON

descontraída. – Vamos voltar para a sala, não é?

Eu olhei para a Luciana que conversava com uma das peruas na sala, e senti pena dela, porque o Pedro não era lá um homem maduro para se passar uma vida.

E eu só estava dizendo isso, porque depois que o amor que eu achava sentir por ele morreu, eu não via alguma maneira de alguém conseguir conviver com ele.

Era mimado e birrento. E eu não falava isso

por pura implicância.

Por mais sem caráter que a Luciana tenha se mostrado ser, as amigas da minha mãe e da Leandra gostaram dela, o que eu queria achar triste, mas ela já tinha muito que perder, grávida do Pedro, ele sendo filho do Augusto. Eu lembro bem de como aquele homem prepotente queria mandar no meu namoro com seu filho.

Eu saí sem esperar a sobremesa, refém de uma ligação do Daniel, que dizia estar me esperando no seu apartamento, porque a sua mãe havia saído com o Augusto.

NACIONAIS - ACHERON

Quando cheguei, ele me recebeu com um beijo gostoso, e nos serviu de um bom vinho. Nós fomos para o seu escritório, e eu estava perdida olhando o seu corpo gostoso, enquanto ele procurava algo na gaveta de sua mesa.

Eu vaguei pelo seu abdome nu, até o cócs da samba canção e suspirei forte. Porque Deus, esse homem tem que ser tão gostoso?

— Tá procurando o que? – Eu perguntei, para não ir lá, ataca-lo e parar a sua busca.

— Um pen drive.

— A Leandra falou que você deveria ter ido.

— Eu comentei, bebendo um pouco do meu vinho, e ele parou para me olhar.

— Eu não iria.

— Ela e a minha mãe acham que nós estamos namorando. — Eu bufei um riso, e ele me exibiu um sorriso doce, vindo até mim, colocando a minha taça sobre a mesa, me puxando pela cintura.

— E não estamos? — Ele franziu o cenho, mas ainda sorria. Eu foquei meu olhar no seu, e franzi o cenho, confusa. O Daniel subiu uma mão, colocando-a por entre o meu cabelo, me beijando carinhosamente.

— Não acha precipitado? — Eu perguntei,
NACIONAIS - ACHERON

enquanto ele descia a boca gostosa pelo meu pescoço.

— Não sei. — Ele sussurrou, afastando um pouco o meu vestido para passar a língua quente no meu seio e eu gemi, puxando-o pelo cabelo para ele me olhar.

— É que você tem uma vida promíscua demais. — Eu falei e ele sorriu zombeteiro.

— Eu posso largar.

— Você quer? — Eu perguntei confusa e ele riu.

— Está me pedindo em namoro, Dona Bruna?
— Ele perguntou, me erguendo e me sentando na

sua mesa. Eu peguei de volta a minha taça, bebendo todo o vinho que estava nela. Eu olhei-o mais uma vez, passando meus braços em volta do seu pescoço, deixando um beijo casto em seus lábios.

— Quer namorar comigo, Daniel? – Eu sussurrei, mantendo nossos rostos próximos, mas não consegui me levar a sério e dei risada.

— Está rindo por quê?

— Porque isso não pode soar sério. – Eu falei, me contendo.

— Eu estava falando sério. – Ele falou, fazendo carranca.

— Tudo bem, então. Avisa a sua lista infinita

de mulheres, que você agora é meu.

[...]

Eu estava com os olhos fechados, tentando saber se a nossa decisão foi tomada por influência de uma garrafa de vinho, ou se isso só nos trouxe coragem de assumir algo que realmente queríamos.

Eu queria, mas de qualquer maneira, nós estávamos indo muito bem, sem rotular nada.

E ainda tinha essa ladainha de a sua ex estar

voltando. O que me deixou com a impressão de que eu quis prendê-lo a mim, para não perdê-lo para ela. Como se fosse adiantar.

— Não vai dormir? – A voz rouca de sono do Daniel ecoou atrás de mim e eu me virei de frente para ele, quase incapaz de começar uma discussão ao vê-lo tão sereno.

— Você alguma vez conversou com a sua ex, depois que ela foi embora? – Eu perguntei e ele fechou os olhos, fazendo uma pausa na respiração.

— Você não deveria perder seu tempo pensando nisso.

— Quando você me pergunta sobre o Pedro, eu não hesito em responder.

— Eu não conversei com ela, Bruna. — Ele resmungou. — Ela fez a escolha dela e eu fiz a minha. Eu poderia ter ido atrás, eu sabia onde encontrá-la, e que se eu fosse ela voltaria comigo. Mas eu não quis.

— Por quê?

— Porque não. — Ele ralhou, fazendo uma carranca. — Ela nunca respeitava os limites de um relacionamento e eu estava cansado de ser o cara que nunca a deixava ir.

— E o que são os limites de um relacionamento?

— Respeito, Bruna. — Ele falou, cansado. — Ninguém espera que a outra pessoa vá viver
NACIONAIS - ACHERON

unicamente em função de um namoro, mas a Dolores me queria em função dela, disponível sempre, manipulável. Quando ela ia embora, eu deveria sempre ficar esperando, correndo atrás. E ninguém suporta isso muito tempo.

— Você ainda sente algo por ela? — Eu perguntei, recebendo dele, um olhar furioso.

— Se eu sentisse algo por ela, eu provavelmente daria um jeito para estar com ela. — Ele falou irritado, se sentando na cama. — Eu não iria assumir um namoro com você, gostando de uma ex que eu não vejo há mais de um ano. Isso parece insegurança de menina de quinze anos. — Ele continuou a resmungar, enquanto se levantava, indo

para o banheiro.

Eu fiz uma carranca, e esperei que ele voltasse mais calmo.

— Me desculpa, vai. — Eu pedi com malemolência, me sentando e puxando o lençol para me cobrir.

— Você é tão independente, Bruna. Uma mulher de vinte e dois anos, formada, já tem o próprio escritório, tá indo tão bem profissionalmente e com um medo idiota de uma ex que está do outro lado do mundo. — Ele reclamou.

— Uma ex que está voltando.

— Porque você é tão chata? — Ele me perguntou enfático, mas deixou escapar uma risada.

— Nós inventamos de assumir um namoro não tem cinco horas, e você já está paranoica remoendo o meu passado, como se não tivesse um. Eu que deveria estar inseguro, porque o seu ex é um canalha de primeira, descarado e sem vergonha na cara. Não é a Dolores que insinua uma volta, sempre que tem oportunidade.

— Você disse que vocês não conversam.

— Como você é infantil, meu Deus! — Ele falou, mas riu.

— Ela tem te ligado. — Eu afirmei, e ele concordou.

— E eu não tenho atendido. — Ele resmungou.
— A Dolores é um assunto morto, pelo amor de Deus. Eu já tenho idade e caráter o suficiente pra saber bem o que eu quero, e eu não ia propor algo sério com você, por brincadeira. — Ele falou, correndo as mãos no rosto e eu fui até ele, o puxando de volta para a cama.

— Me desculpa. — Eu pedi, deixando que ele nos deitasse na cama. — É que ex-namoradas bonitas demais me deixam um pouco inibida.

— Você é uma criança com diploma de arquiteta. — Ele resmungou, de uma maneira divertida e eu fiz uma carranca. — Antes de você eu nem estava saindo mais de duas vezes com a

mesma pessoa.

— Eu tenho muita pena das mulheres que se apaixonaram por você.

— Não me faça sentir culpa, mocinha. — Ele falou, me advertindo.

[...]

Se eu achava que o Pedro Luiz era o meu par perfeito há meses atrás, era porque não havia experimentado um Daniel, antes.

Uma semana se passou e eu acabei deixando

morrer a grande insegurança sobre a Dolores, porque ela estava voltando, mas não havia voltado ainda. E eu não precisava perder tempo me martirizando por isso antecipadamente.

Eu não precisava morrer antes de levar o tiro, não é?

E o Daniel não parecia um cara inventando ladainhas para me convencer, até porque ele já sabia que ela estava voltando, se quisesse alguma chance de retorno com ela, não levaria à sério o meu pedido de namoro em meio a uma brincadeira nossa.

Eu estava numa ótica de uma amiga da minha mãe, olhando alguns óculos que estavam em alta, quando a Paola entrou, seguida por uma mulher morena. Eu fiquei nervosa, sem saber se deveria mesmo cumprimentá-la, ficando surpresa por ela vir até mim, me recebendo com um abraço e dois beijos no rosto.

— Eu queria a sua ajuda. — Ela falou, direta. Eu coloquei os dois óculos que estava nas mãos sobre o balcão, e a olhei.

— Sim?

— Eu queria alguma maneira de o Daniel entender e aceitar o meu relacionamento com o
NACIONAIS - ACHERON

Augusto, e como ultimamente vocês estão próximos, eu achei que você pudesse convencê-lo, aos poucos.

— Não cabe a mim, convencê-lo. – Eu falei, porque não iria nos afundar em outras brigas. Tocar nesse assunto deixava o Daniel furioso. – Talvez seja tudo uma questão de tempo, porque ele e o Augusto sempre se deram bem.

— Eu só preciso de alguém para colocar na cabeça dele, que eu não destruí um casamento.

— Me desculpa, mas eu não posso prometer ajudar nisso. – Eu apertei os lábios. A minha *sogra* iria voltar a falar, mas eu voltei minha atenção aos óculos.

De qualquer maneira, ela não nutria de alguma empatia por mim, para eu querer bajulá-la.

E por mais que eu achasse que em algum momento essa birra do Daniel com o Augusto e a sua mãe fosse passar, eu não achava que cabia a mim, convencê-lo disso para acelerar o processo.

Nós já passamos dias discutindo sobre o seu passado com a Dolores, porque como ele havia dito, eu era uma criança insegura com diploma. E agora que nós estávamos finalmente bem, eu não

iria nos enfiar em outras brigas.

Eu também não pensei em alguma maneira de ele descobrir que o Augusto era seu pai – se realmente fosse, e ele ainda se chatear por eu ter descoberto e não ter dito nada. Não havia alguma maneira de alguém saber que eu sabia.

Eu comprei um óculos espelhado, num modelo novo que estava na moda, e olhei para a Paola, que virou a cara, talvez pela minha desfeita.

Saí da loja e me obriguei a não entrar em

alguma loja de roupas, seguindo para o meu escritório.

Eu estava distraída com o meu celular, quando entrei na minha sala e dei de cara com o Augusto. Eu grunhi assustada, e ele me lançou um sorriso. Veja bem, um sorriso amigável. Este homem não era amigável.

— A sua secretária me avisou que você não tem compromisso esta tarde, então, podemos conversar? — Ele perguntou cauteloso, e eu tomei uma respiração profunda. Que não seja sobre o Daniel, por favor!

— Se for sobre voltar com o Pedro, eu acho

NACIONAIS - ACHERON

bom evitar. — Eu avisei, e o Augusto riu.

— Sobre outra pessoa. — Ele falou, enquanto eu ia até a minha cadeira, deixando a minha bolsa e o meu óculos novo sobre a minha mesa.

— Eu não quero ouvir sobre o Daniel, também. Eu não vou encher a cabeça dele, sobre como ele precisa aceitar o seu romance com a mãe dele.

— Ele é um cara maduro e vai aceitar uma hora, eu não preciso da aprovação do Daniel, Bruna. Mas eu quero isso.

— Ótimo que você queira bancar o padrasto preocupado...

— Pai. — Ele falou quase me interrompendo e eu tranquei a respiração, incapaz de formular qualquer coisa que fosse para dizer algo. O meu coração deu um ataque ridículo, passando a bater descontroladamente, e eu queria até mesmo chorar. Eu já sabia, eu tinha consciência disso. Mas até então só eu sabia, que eu sabia.

— É... — Eu comecei a falar, desnorteada e o Augusto sorriu docemente. Esse homem estava mesmo sendo moldado pela Paola, o que era quase ridículo, lembrando a maneira rude como ele controlava a Leandra.

— Não é algo que nós vamos esconder, eu não estou aqui te contando um segredo.

— É... — Eu voltei a tentar falar, mas o meu cérebro estava congelado, incapaz de reagir, de raciocinar.

— Você não precisa contar isso para ele, se não quiser.

— Não é obrigação minha mexer nessa bagunça ridícula. Ele é seu filho, tem vinte e seis anos, e você diz com uma naturalidade, como se a sua nova namorada estivesse por acaso, grávida.

— Eu fiquei chateado, porque o Daniel é o cara que eu sonhei que o Pedro Luiz fosse. E eu jamais teria deixado a Paola grávida.

— O Daniel seria mimado e fútil igual ao Pedro Luiz, se tivesse sido criado por você, que
NACIONAIS - ACHERON

comprou as atitudes do Pedro. Ele é exibicionista, porque cresceu ganhando tudo pra te agradar.

— Você tem razão. — Ele falou, balançando a cabeça positivamente. — Eu queria que você convencesse o Daniel, a ir jantar conosco, hoje.

— Ele não está engolindo o seu relacionamento com a mãe dele, não vai te aceitar como pai. Isso não tem a ver com maturidade, mas orgulho. Ele vai se sentir traído.

— Eu só quero me aproximar.

— Vocês trabalham no mesmo lugar.

— Ele não me dá espaço. — O Augusto resmungou, e eu quase sorri. Era muito bem feito, o

filho dos sonhos dele, bater de frente. – Eu vou esperar por você, no apartamento da Paola, hoje à noite. Tudo bem?

— Eu poderia lembrar como você era contra o meu namoro com o Pedro e não ir. Vai que inventa de fazer o mesmo com o Daniel?

— Você sabe que o Daniel não vai dar espaço pra eu me meter na vida de vocês. – O Augusto falou e eu fiz uma carranca. Era óbvio que o Daniel não deixaria. Ele sequer me deixou saber tudo sobre o seu passado.

Eu liguei para o Daniel, que brigou comigo, alegando que eu estava me bandeando para o lado

NACIONAIS - ACHERON

da sua mãe, mas acabou aceitando o jantar.

Eu me arrumei e olhei mais uma vez o vestido cinza de seda, com alças finas e um decote profundo nas costas. Calcei uma sandália preta, com tiras finas, e deixei o cabelo solto. A maquiagem fora apenas retocada, e eu passei um batom nude.

— Tá indo pra onde?

— Jantar com o Augusto e o Daniel. – Eu resmunguei e a minha mãe me olhou surpresa.

— Já estão assim?

— Mãe, eu não tenho culpa de o Augusto ter

largado a Leandra, e eu estou muito confusa no meio dessa coisa toda! – Eu falei agoniada.

— Juízo.

Quando eu cheguei, a Paola me recebeu com um abraço, bancando a simpática. O Augusto me sorriu, e eu fui até o Daniel, que estava com a cara fechada. Como uma criança carrancuda.

— Você parece uma criança com a carteira da OAB. – Eu falei, e ele deixou escapar um riso, virando o rosto para deixar um beijo casto nos meus lábios.

— Você está linda. – Ele sussurrou, me

beijando mais uma vez, me deixando envergonhada, porque o Augusto nos olhava. Era até engraçada a maneira como ele *babava* pelo Daniel.

— Então vocês estão mesmo namorando? – O Augusto perguntou, e o Daniel o ignorou.

— Sim. – Eu falei, desacostumada ainda com a ideia. Um silêncio se instalou, até a Paola chegar com um vinho. O Augusto ajudou a nos servir, mas o Daniel se mantinha fechado, indisposto a se deixar levar pelo clima familiar.

— Você deveria parar com isso. – Eu falei e o Daniel me olhou, arqueando as sobrancelhas. – Eu sei que tecnicamente pareceu errada a maneira

NACIONAIS - ACHERON

como eles ficaram juntos, mas o Augusto não a fez de amante. Ele largou um casamento de mais de vinte anos, pra ficar com ela. Você deveria ver isso como uma prova de amor. – Eu falei, deixando ir pelo ralo a ideia de não me envolver nesse assunto. O Daniel me analisou, respirando fundo e torceu os lábios. – E você já me disse uma vez que ela é uma mulher incrível e não falhou como mãe. – Eu falei baixinho, mas o Augusto nos observava. Era ridícula a maneira como ele não parava de analisar o Daniel.

O Daniel ficou quieto, e bebeu um pouco do seu vinho branco.

O resto da noite seguiu tranquilo. O Daniel ao menos agora, respondia as perguntas curiosas do Augusto.

— O Daniel sempre foi assim, cuidadoso. — A Paola falou, e eu parei para olhá-la. — A última namorada dele que o diga. Ela está voltando pra BH, filho, a Tereza não comentou?

— Sim, a Tereza comentou. — O Daniel resmungou. — Mas eu não estou interessado nisso.

— Eu estou com saudades, dela. Você precisa conhecê-la, amor. — Ela falou para o Augusto. O Daniel negou com a cabeça, rindo.

— A Dolores é mesmo um assunto necessário pra esse jantar? – O Daniel perguntou sarcástico. – Pelo amor de Deus, mamãe. Isso é pra que? Colocar alguma insegurança na Bruna? Ela não estaria nesse jantar, tentando me convencer de que esse namoro de vocês não é uma farsa, se não fosse importante. A Dolores é passado, e eu estou cansado de você ficar relembrando ela o tempo todo, como se ela fosse voltar e nós fossemos ficar juntos. – Ele falou impaciente e eu fiquei calada, enquanto a sua mãe o olhava sem reação. – Já que é pra falar de coisa ruim, porque o Augusto não repensa sobre como enfiar o Pedro Luiz num casamento não vai resolver merda alguma? – Ele

perguntou enfático e deixou a mesa. Eu apertei os lábios, pedindo licença antes de seguir o Daniel.

Eu entrei no quarto do Daniel cuidadosamente, fechei a porta atrás de mim e fui até ele, que olhava pela janela, e o abracei por trás.

— É muito óbvio que eu não vou engolir eles dois.

— O Augusto tem tentado. — Eu defendi e o Daniel deu um riso cansado.

— Eles não precisam da minha aprovação, Bruna. Eu estou contra, mas eu não estou aqui impedindo alguma coisa.

— Você não precisava ter falado sobre a Dolores.

— Foi ela quem começou. Ela está achando que eu estou igual a ela, esperando o passado voltar pra ficar junto. Remoer a Dolores com você na mesa foi faltar com respeito a nós dois. — Ele falou cheio de razão e eu fiquei calada. — Assim como eu não posso controlar a vida dela, com quem ela namora, ela não pode controlar a minha. Eu escolho com quem eu quero estar e, por favor, Bruna, não me vem remoer a Dolores você também, porque eu escolhi você.

Apesar de o Daniel achar mais prático eu
NACIONAIS - ACHERON

dormir com ele, eu nos fiz vir para o meu apartamento, tendo o trabalho de abrir tudo para expulsar o cheio de lugar abafado.

— Porque você não vende isso aqui? — Ele perguntou, enquanto eu abria a porta da sacada.

— Porque eu posso querer morar sozinha outra vez. — Eu sorri para ele, que veio até mim, me puxando pela mão.

— Você quase não vem aqui.

— Eu já estou cuidando da reforma do seu apartamento. — Eu falei para mudarmos de assunto.

— To ansioso.

— Você soube que o Pedro vai se casar? — Eu

perguntei, e ele riu, assentindo.

— Não se fala em outra coisa no escritório. E o Pedro Luiz está deslumbrado com o carro novo.

— Coitado. – Eu falei, mas ri. Era quase sempre por carros que ele se vendia.

— Ele vai ser pai, não é ganhando um carro e sendo induzido a se casar, que ele vai ganhar maturidade pra criar um filho. A criança vai crescer sem noção de vida, Bruna. Eu não sei mesmo quem é pior. A Luciana ou o Pedro.

— Você não pensa mais em procurar o seu pai? – Eu disparei, e o Daniel riu.

— Eu não sei qual assunto me irrita mais. O

namoro da minha mãe com o Augusto, a Dolores, ou isso. E você ama falar sobre.

— Eu estou com fome. — Eu fiz uma careta, e o Daniel riu.

— Eu estraguei o jantar em família, não foi? — Ele perguntou, pegando o celular do bolso. — Eu vou pedir uma pizza.

Nós estávamos no meio da minha cama, comendo pizza como se isso não pudesse me engordar, enquanto falávamos bobagens.

— A minha avó iria adorar conhecer você. — Eu falei e ele sorriu, assentindo.

— Eu sou mesmo amável.

— E modesto. — Eu zombei. — Ela odiava o Pedro.

— Vai me amar muito mesmo, então. — Ele riu, colocando a caixa vazia de uma pizza média no chão.

— Eu comi demais. — Eu reclamei, bebendo o resto da minha Coca-Cola e o Daniel riu. Eu havia comido mais do que ele.

— Quando nós vamos visitar a sua avó? — Ele perguntou e eu olhei-o, sorrindo abobada.

— Você quer ir, mesmo?

— Sim. — Ele franziu o cenho, como se fosse

o óbvio. – Os seus pais também não têm uma preferência com o seu ex?

— A minha mãe me apoiaria até mesmo se eu inventasse de namorar um bandido. – Eu falei e o Daniel riu, negando com a cabeça.

— A sua mãe é toda manipulável por você, aposto.

— Ela não colocou muita fé no meu namoro com o Pedro desde que eu soube que ele esteve com a Luciana. E eu ainda voltei. – Eu bufei um riso.

— Você deveria ter seguido em frente desde o primeiro término, mas de qualquer maneira, talvez você fosse viver com a dúvida e um sentimento

NACIONAIS - ACHERON

preso aí.

— Eu gostei muito dele, eu juro que pensei que fossemos nos casar.

— Mas você ainda pensa nisso? – Ele perguntou e eu me aproximei mais dele, me sentando em seu colo, de frente, deixando um beijinho rápido em sua boca.

— Não. – Eu respondi baixinho. – O melhor acerto nesses últimos tempos foi ter transado com você aquele dia...

— Você pensou que eu tinha abusado de você, Bruna! – Ele falou enfático, rindo.

— E ainda me senti frustrada porque não me

lembrava. – Eu resmunguei, mas ele ria.

— Você mudou os meus planos, o que foi uma merda no início. Eu doido pra ficar contigo e você namorando o Pedro Luiz.

— Você é muito cínico, Daniel! – Eu falei horrorizada. – Eu louca pra ficar contigo e você me fazendo de amiguinha.

— Era tão bonitinho ver você esperando uma atitude e eu fazendo nada... – Ele falou zombeteiro e eu fiz uma carranca.

Eu acordei na manhã seguinte com o despertador do Daniel, querendo matá-lo por faltar

quinze minutos para as seis. Eu fiquei tão chateada por ter o sono interrompido que desliguei o celular dele, não me importando se ele teria algum compromisso para acordar tão cedo, e voltei a dormir.

Quando eu voltei a despertar, foi porque um Daniel agitado conversava e eu o notei andando pelo quarto, como os cabelos molhados, enrolado numa toalha. Eu grunhi, porque de repente eu tinha um namorado gostoso. E assumir para mim que o Daniel era meu namorado, era quase irreal. Como se eu fosse imatura demais para ele, ou como se nós fôssemos tão precipitados.

Ele finalizou a ligação e veio até mim, que já estava sentada na cama, perdida no seu corpo gostoso, e ganhei um beijo gostoso.

— Eu estou atrasado. — Ele falou se afastando e eu fiz um beijo. — Eu tenho uma reunião às nove e meia, e já são dez.

— Desculpa. — Eu pedi, pelo despertador.

— E ainda vou passar em casa. — Ele apertou os lábios. — Você não vai fazer nada agora? — Eu neguei com a cabeça.

— Pode pegar o meu carro, se quiser. — Eu falei, deixando meu corpo cair deitado na cama.

— Eu passo aqui pra gente ir almoçar. — Ele falou, se vestindo. Eu ganhei mais um beijo e o deixei ir.

Não sendo mais forte que o meu sono, eu não fiz esforço para ficar acordada e quando voltei a acordar, foi porque o meu namorado gostoso beijava o meu pescoço, rindo da minha relutância para poder continuar dormindo.

— Não quer vir almoçar comigo? — Ele perguntou, descendo uma mão ousada para o meu seio, brincando com ele, e eu grunhi.

— Hum... — Eu sorri, o puxando para cima de mim, acariciando seu rosto, o trazendo para um

NACIONAIS - ACHERON

beijinho rápido.

— O Joca e a Mari estão nos esperando. — O Daniel me avisou, porque eu desabotoava a sua camisa social, tentando tirá-la rapidamente.

— Rapidinho. — Eu prometi e então o Daniel me cedeu, tirando a sua roupa toda, de uma vez.

Como a nossa rapidinha fora prolongada, nós acabamos indo almoçar com a minha mãe, que de repente, resolveu ser a incrível sogra para o Daniel, contando-lhe até dos meus micos da adolescência. Pior! Ele parecia estar adorando a bajulação da minha mãe.

Por fim, acabamos marcando um almoço no domingo, com a minha avó. A minha mãe, nada inconveniente fez questão de ligar para ela, avisando que iríamos almoçar com ela no domingo, para que ela pudesse conhecer o meu novo namorado.

Como se eu tivesse quinze anos.

— A sua mãe é uma graça. – O Daniel falou, enquanto dirigia. Ele tinha uma mão brincando na minha coxa, enquanto eu mexia no meu celular.

— Ela adora você.

— Ela te mima demais, age como se você fosse um bebê.

— Você está confortável com isso de ir conhecer até a minha avó? – Eu perguntei, porque de qualquer maneira, eu achava que nós éramos precipitados.

— Por mim, tudo bem. – Ele sorriu confiante para mim, que assenti, colocando uma mão sobre a sua.

[...]

Os dias seguiram com aquele clima gostoso

de início de romance. O Daniel seria o namorado perfeito, se não fosse tão turrão e prepotente. E dono da razão.

Mas era admirável ver como ele estava à vontade com a Dona Cássia, que o paparicava, coisa que o Pedro não pôde usufruir. Porque na verdade o Pedro Luiz, apesar de ter vindo pouco aqui, via isso como uma obrigação chata. Um ônus do nosso namoro.

Dessa vez, eu estava sendo trocada pelo meu namorado. Acredite, o Daniel conversava com a minha avó na cozinha, enquanto eu observava da

NACIONAIS - ACHERON

porta, longe de ser lembrada.

E sim, eu estava com ciúme.

Então em um momento que o meu pai chamou o Daniel para jogarem buraco com os meus tios, a Dona Cássia, de repente, se lembrou de que eu era a neta preferida dela.

— Ele é mesmo um gato. — Ela falou, passando a mão pelos meus cabelos, me analisando.
— Você gosta mesmo dele? Ou é só porque com o Pedro não deu certo?

— Eu estava confusa mesmo enquanto estava

com o Pedro, por causa do Daniel. – Eu confessei e ela riu, negando com a cabeça. – Mas eu não era trocada pelo Pedro Luiz. – Eu resmunguei e a minha avó riu da minha criancice.

— Ele é mais maduro e decidido que o seu ex galinha.

— Ele tem uma ex-namorada que está voltando. – Eu falei. A minha avó me olhou cautelosa.

— Ex. – Ela falou o óbvio. – Eu não estaria preocupada com ex.

— Ela fica ligando pra ele.

— Ele atende? Ele deixa algo subentendido

sobre ela? – Ela perguntou e eu neguei com a cabeça. – Então você só perde pra ela, se quiser. Porque se de repente, você vira uma namorada paranoica e chata, remoendo o passado dele, ele não vai suportar ficar. E homem é safado, na falta do que fazer mesmo uma ex-namorada, serve.

— Está certa. – Eu falei, para não prolongar o assunto.

Capítulo 12

A tarde foi agradável, e a minha mãe estava toda feliz porque o Daniel foi bem aceito pela família do meu pai.

Eu decidi ouvir a minha avó e esquecer a existência da Dolores. Mas a mãe do Daniel parecia achar que se lembrar dela, fosse fazer o Daniel me largar.

Ou melhor, me faria uma pessoa paranoica

para que o nosso relacionamento não fosse para frente.

O Daniel me deixou em casa, depois que paramos num motel, como dois adolescentes com mais hormônios que o normal. Eu grunhi assustada ao encontrar a minha mãe na sala, quando entrei em casa. Eu passei a mão pelo cabelo, mas ele deixava evidente a minha foda fantástica de pouco tempo atrás.

— A sua avó adorou o Daniel, disse que aposta em casamento com ele. — Ela comentou, enquanto eu fazia um coque nos cabelos.

— Casamento é algo precipitado para pensar.

— Eu falei, horrorizada. — Eu vou fazer vinte e três anos, estou nova demais pra casar.

— Eu me casei com vinte.

— Mãe, por favor, eu mal comecei a namorar o Daniel, a gente está se conhecendo! Não tem espaço pra esses pensamentos de uma eternidade juntos. — Eu reclamei, porque não queria fazer com o Daniel, os mesmos planos que eu fiz com o Pedro Luiz. Eu não queria me deixar levar pela paixão e projetar uma casa linda para nós dois. As coisas poderiam fluir naturalmente. Ele estava sendo muito especial nessa fase da minha vida, mas eu não achava necessário idealizar isso como uma meta para toda ela.

— Ele é muito educado e inteligente. — Ela falou, sorrindo presunçosa. — E pela sua cara, muito bom de cama, também. — Ela continuou. Eu olhei-a boquiaberta, mas acabei rindo.

— Pra ser perfeito, faltava só não ter passado.

Eu acordei cedo na segunda-feira, lembrando que faltava uma semana para o natal. Eu não sabia como o Daniel comemorava isso, já que era ele, a irmã e a mãe. E a irmã dele nem morava no Brasil. E eu via como algo muito familiar.

Tomei café e me pus a trabalhar na obra do

apartamento do Daniel, enquanto olhava por um site de uma loja, a mobília.

Eu passei parte da manhã focada nisso e quando desci para tomar uma água, me assustei ao ver o Pedro Luiz e a Leandra na sala, com a minha mãe.

— Bom dia. — Eu falei indo cumprimentar a Leandra e o meu ex. Havia decidido apagá-lo, então eu poderia lidar com ele civilizadamente.

Como eles ficariam para almoçar, eu liguei para o Daniel e fui almoçar com ele.

— E você não trabalha mais, moça? — O Daniel perguntou, enquanto saíamos do restaurante.

— Eu posso trabalhar de casa, moço. — Eu falei, rindo. — Se tiver alguma reunião marcada, a Júlia me liga pra avisar. E eu passei a manhã cuidando do seu apartamento. Daqui pro meio de Janeiro, fica pronto.

— To ansioso. Eu quero sair de casa antes de a Dolores voltar. — Ele disparou, e eu parei de andar, o olhando confusa.

— Por quê?

— Porque é muito óbvio que a minha mãe vai mantê-la enfurnada dentro de casa e eu sinceramente, não tenho paciência.

— Você não sabe quando ela volta? — Eu perguntei, porque imagina se ela vem, por acaso, amanhã?

— Não.

— Talvez se você atendesse alguma das ligações dela, ficasse sabendo. — Eu resmunguei, mas era melhor saber e estar preparada, que ser pega de surpresa. E por mais que não devesse isso me atormentava.

O Daniel ficou calado e eu saí na frente, em direção ao seu carro.

Ele me deixou no meu escritório, e eu praguejei ao ver o Augusto na minha sala.

— Que perseguição. – Eu resmunguei, e ele riu tranquilamente.

— Eu sou um homem ansioso, Bruna. – Ele falou, e eu caminhei até a minha cadeira, não entendendo o que ele queria dizer. – Eu descobri há pouco tempo que eu tenho um filho, e estou tão feliz de saber que o Daniel é meu filho que...

— Você não pensa no Pedro Luiz? – Eu o interrompi, e ele respirou fundo.

— O Pedro Luiz tem a gravidez da namorada dele pra cuidar.

— Ele não vai aceitar o Daniel como um irmão.

— Isso será um problema para ele lidar sozinho. – O Augusto falou desinteressado. – O que o Pedro Luiz quer de mim é dinheiro, então isso ele tem. E eu não acho correta a maneira como a Paola pressiona o Daniel sobre a ex dele.

— Vocês são insuportáveis com isso. Ninguém tem direito de se meter. A ex-namorada dele está voltando, se ele quiser voltar pra ela, não sou eu quem vai impedir. Eu espero mesmo que você não tenha vindo aqui me dizer que não adianta eu tentar, que ele vai me largar pra ficar com ela.

— Pelo contrário. Eu vim aqui convidar você

pra jantar conosco amanhã, porque a tal Dolores já está em BH e segundo os planos da Paola, vai jantar conosco amanhã.

— Eu não vou. — Eu disparei nervosa.

— O Daniel já deixou claro que não está interessado numa volta, e eu não acho que ele vai gostar de ser pego de surpresa.

— E eu não quero estar presente. — Eu falei, porque se ele a visse e decidisse amá-la, eu esperava que ele jogasse limpo comigo. Eu estando lá, o deixaria coagido a ficar comigo, com medo de falar e consequentemente acabaria me enganando. Eu confiava no Daniel e já havia quebrado a cara o suficiente para superar mais essa, se ele quisesse o

NACIONAIS - ACHERON

passado de volta.

— A Paola é uma mulher teimosa, Bruna. Ela sumiu grávida, sem se importar em me esconder um filho, que pelo amor de Deus, eu assumiria, só porque eu estava saindo com outra mulher. Ela não vai dar paz ao Daniel.

— O Daniel já é maduro o suficiente pra lidar com a mãe dele. Eu não vou, Augusto. Eu acho até estranho você querer me ter por perto, já que era tão contra eu estar com o Pedro Luiz.

— Você e o Pedro Luiz formavam um casal de alienados. Você com a carreira dos sonhos, vendo no trabalho uma diversão. Uma garotinha rica, mimada. Ele é deslumbrado como um cara

NACIONAIS - ACHERON

pobre que ganhou na loteria. Em dois meses de namoro vocês já falavam em casamento, Bruna. Pareciam dois adolescentes de quinze anos escorregando rapidamente num primeiro amor, como se fosse o último. Não haveria pai pra apoiar essa loucura.

— O Daniel não vai te aceitar como pai e muito pior, não vai te aceitar dando opiniões na vida dele. Ele mal me deixa falar sobre você e a mãe dele. — Eu resmunguei, porque era uma verdade. — Ele é prepotente demais, então você pode desistir. Ele não é igual ao Pedro, não vai se vender às propostas de carro do ano, pra fazer alguma vontade sua.

— Eu estou tentando ajudar você.

— Você só está me ajudando, porque tem medo de o Daniel descobrir que é seu filho e te rejeitar ainda mais.

O meu *sogro* ficou calado e eu atendi o meu celular, numa ligação do Daniel.

— Preciso conversar com você. – Ele falou, e eu estagnei na minha cadeira. – Bruna?

— Diz.

— Eu estou indo em casa, arrumar umas coisas e passo aí quando sair daqui, ok?

— Ok. – Eu sussurrei.

Eu olhei para o Augusto, que estava calado, olhando para mim, me analisando. Eu estava nervosa, porque provavelmente a Dolores seria o assunto da conversa. E eu não estava preparada para lidar com ela por perto.

Eu não era madura para lidar com ela.

Não era porque eu ia bem profissionalmente, que saberia lidar com a Dolores. Eram assuntos diferentes. Eu nunca tive que lidar com ex-namoradas, dos meus namorados. O Pedro Luiz não

tinha um passado realmente importante para nos atormentar e o meu passado já era algo muito morto quando eu o conheci.

Com o Daniel as coisas foram muito rápidas, adiadas, confusas. Eu talvez devesse ter focado nele, invés de voltar com o Pedro Luiz. As coisas entre nós não seriam tão recentes e nós saberíamos se nos queríamos, se dávamos mesmo certo. Era muito fácil dar certo em poucas semanas. É tudo muito gostoso, muito bonito no começo.

E nós já tínhamos um problema com ex.

Depois viria o que? O Augusto? E depois?

Era tão cansativo pensar nisso, que eu queria sumir com o Daniel, sequestrá-lo, escondê-lo do mundo até a Dolores voltar pra qualquer lugar bem longe de nós.

— Eu quero que você saiba que eu estou aqui para ajudar. — O Augusto falou, e eu bufei um riso.

— Você já pensou numa maneira de contar ao Daniel que é pai dele? — Eu perguntei e ele apertou os lábios.

— Não tem uma maneira. Ele vai saber e é

isso. Eu não posso, de repente, fazer uma festa e me entregar de presente, como um pai para ele. Mas agora ele não vai aceitar.

— E o Pedro Luiz? — Eu insisti, e o Augusto bufou um riso. — E a Leandra?

— A Leandra é uma mulher madura, linda, independente. O cara que a tiver, será muito sortudo, se o filho dela der paz.

Eu queria perguntar mais sobre ele e a Leandra, mas era evidente que ele não saciaria a minha curiosidade. O Augusto foi embora, deixando aberto o convite para o jantar, mas eu estava resignada a não aceitar.

Seria ridículo eu estar numa mesa com ele, a Paola, o Daniel e a Dolores.

Eu tive uma reunião rápida com um cliente novo e logo depois dele, o Daniel chegou, me puxando para um beijo possessivo, longo.

— Calma. — Eu pedi, quando ele desceu os beijos eufóricos pelo meu pescoço e o puxei pelo cabelo, para que me olhasse. Ele manteve os olhos vidrados nos meus, mas invés de me explicar alguma coisa, voltou a me beijar, algo que me deixou agoniada.

Eu não queria beijo, eu queria explicação. Nós almoçamos juntos, ele liga minutos depois querendo conversar, chega querendo me beijar, e é isso?

— Daniel! — Eu reclamei, desviando dele, impaciente, mas ele veio até mim, me empurrando contra a parede, subindo o meu vestido, encontrando nossas bocas e eu grunhi, me deixando levar, beijando-o, seguindo o seu ritmo rápido. Eu gemi forte quando ele mordeu meu lábio inferior com força. — Você queria conversar. — Eu resmunguei, empurrando-o e consertando a minha roupa.

— Eu soube que a Dolores está por aqui e

tenho uma mãe infantil, que insiste em se fazer de surda. — Ele resmungou, como uma criança turrone, e eu continuei o encarando, esperando por mais. — Talvez se a gente cancelasse a obra do meu apartamento, eu pudesse me mudar essa semana. — Ele falou, me deixando irritada.

— Eles começaram hoje!

— Eu não quero uma ex-namorada entre a gente. — Ele falou, voltando a abusar da minha boca. — Você confia em mim?

— Eu confio em você! — Eu resmunguei, saindo de perto dele, que me deixou assustada para não me explicar nada. — Não faz sentido você querer se mudar porque a sua ex chegou!

— Eu não suporto a minha mãe me azucrinando sobre isso.

— Aí você vai parar de ver a sua mãe! – Eu zombei, sendo sarcástica.

— Ela vai ter que lidar com isso, se não aceitar que eu não quero saber da Lola. – Ele sorriu sorrateiro, vindo para perto de mim novamente, me empurrando contra a parede, roçando os lábios no meu pescoço. – Ela precisa aceitar que eu to apaixonado pela minha namorada gostosa. – Ele sussurrou, deixando beijinhos carinhosos pelo meu pescoço, e eu sorri, como uma tonta iludida.

— Você se acha muito esperto. – Eu falei, mas a minha voz me traiu, e o meu tom era falhado.

— To sendo sincero. – Ele falou, deixando um beijo casto nos meus lábios. – E olha que é difícil pra eu assumir isso.

— É? – Eu zombei, passando os braços em volta do seu pescoço e ele assentiu, todo sorrateiro.

— Eu fico todo inseguro, com medo de você me largar, paranoica com a Dolores.

— Você é muito cafajeste, Daniel. – Eu dei risada, enquanto ele mordia levemente o meu queixo, afastando descaradamente a minha calcinha para o lado, afundando um dedo no meu sexo.

— E você é muito gostosa. – Ele grunhiu, brincando o dedo maldito na minha entrada, judiando da minha sanidade.

— A gente tem um problema enorme pra resolver, e você quer sexo. — Eu falei toda manipulável por ele, que riu, enfiando o dedo todo em mim, que gemi, apertando-o.

— Eu não sei que problema. Ela é só um tormento, nada que possa atrapalhar a gente. — Ele falou, afastando mais a minha calcinha. — Se você não quiser, é só pedir, que eu paro. — Ele deu de ombros, desabotoando sua calça jeans, liberando o seu membro. Eu olhei entediada, tirando a minha calcinha, e subindo mais o meu vestido.

— Faz isso bem gostoso, vai, Daniel. — Eu mandei, e ele riu, entrando em mim de uma vez.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Daniel Maia

— Dolores... – Eu falei vagamente, ao entrar em casa e me deparar com ela, sentada no sofá. Eu não imaginei que encontrá-la depois de tanto tempo, surtiria algum efeito em mim. Ela abriu aquele sorriso de mulher segura, ao se levantar do sofá.

— A sua mãe deu uma saída e achou que tudo bem, eu te esperar aqui. – Ela falou, vindo até mim, me deixando sem reação. Era como se de repente eu voltasse ter quinze anos, sem experiência alguma com mulheres. E sinceramente, com esta a

minha frente, eu jamais saberia lidar. Eu deixei a minha pasta cair, e correspon-di ao seu abraço. Não me contendo; cheirei seu cabelo, enfim me afastando para olhá-la.

— Chegou quando? — Eu perguntei e ela deu um risinho, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Cheguei ontem à noite, eu estava louca pra te ver. — Ela falou serenamente, como se não tivesse ido embora há um ano, após um termino injusto, feio. Das coisas amargas e sem fundamento que eu tive de ouvir, quando ela só precisava dizer que acabou. Não havia alguma mágoa dela, no entanto. Nós vivemos muita coisa juntos, mas hoje nem isso, parecia ter alguma importância.

— Você fica quanto tempo? — Eu perguntei, o meu tom de voz era baixo.

— Eu vim sem data pra voltar. Queria passar o final do ano com vocês, estava morrendo de saudade, já. — Ela respondeu de imediato, me encarando firme nos olhos. Eu mantive o olhar, mostrando assim, que o homem que queria dar o mundo para ela, já não existia mais. — Achei que tinha muita coisa pra retomar aqui e estava perdendo meu tempo atrás disso lá fora.

— Ah. — Eu sussurrei. E apesar de parte em mim, querer remoer o passado e brigar por ele, eu achava ainda, que o melhor seria ignorar isso. Não era mais um passado mal resolvido que me fazia

doer. Então não valia a pena deixar tudo vir à tona outra vez. O espaço que ela ocupava em mim, já estava vago quando a Bruna apareceu.

— As meninas estão indo pra casa de alguém, alguma festa. Você quer vir comigo? — Ela perguntou, como se eu fosse mesmo, sair em plena segunda-feira para me embriagar com esses que acham já ter a vida ganha. Eu apertei os lábios, negando com a cabeça. — Eu posso ficar? — Ela perguntou lentamente, e um sorriso maroto me escapou.

— Dolores, eu não sei o que se passa na sua cabeça, mas eu não quero que você crie alguma esperança sobre nós dois.

— Nós éramos amigos, apesar de tudo.

— Nós colocamos a nossa amizade em risco, quando assumimos um relacionamento. Nós dois sabíamos que a nossa amizade iria acabar, se o namoro acabasse e estávamos conscientes disso.

— Você já foi mais maduro, Daniel. – A Dolores deixou escapar um riso, e eu ri também.

— Eu estou sendo realista, Dolores. Não pensa que eu vou ceder a isso. Eu não tenho interesse em voltar com você. – Eu falei firme, encarando-a firme. Poderia soar rude, mas ela não era o tipo de mulher que correria atrás de um homem. E eu não queria alguma aproximação com ela. Seria como dar espaço para ela querer retomar

o nosso plano de vida juntos, e eu não estava disposto a me deixar ser convencido disso. Eu também não negaria que, uma mulher como ela, já foi tudo que eu queria para mim. Ela sabia dosar. Era de tudo um pouco. Independente e solta demais. Mas o seu egoísmo era maior que tudo em si. Ela jamais pensaria em mim, antes de partir outra vez. E eu queria alguém disposto a ficar. Melhor, eu queria a Bruna. O jeito imaturo e mimado dela era apaixonante, apesar de tudo.

— A sua mãe comentou que você conheceu alguém. — Ela falou jogando o cabelo para trás e eu deixei escapar um riso. Eu não iria abastecê-la de informações sobre *alguém*.

— Eu conheci bastante gente. Foi mais de um ano, Dolores.

— Alguém em especial. — Ela forçou e eu bufei um riso. Já deveria estar abastecida e envenenada sobre a Bruna. — Eu sabia que a vida que você estava levando era promiscua, mas agora você está deixando outra pessoa entrar na sua vida.

— Sim, eu estou. — Eu resmunguei, para encerrar o assunto. — Mas isso não tem a ver com você.

— Daniel, esse rancor que você sente já deveria ter sido exterminado.

— Não tem rancor, Dolores. Não tem mais nada. — Eu falei exasperado, como se fosse o óbvio

NACIONAIS - ACHERON

e ela fez uma carranca, pegando a bolsa sobre o sofá.

— Eu não vou ficar implorando uma volta, de qualquer maneira. E eu espero que você pense melhor. Você é o meu passado, eu não tenho ninguém me assombrando pra voltar. Essa menina tem.

— Lola, a Bruna não tem um passado atormentando pra voltar. Ao contrário, ela está insegura com o meu.

— Bom que ela esteja. — A Dolores resmungou. — Eu não vou desistir. — Ela sorriu triunfante e eu deixei escapar um riso.

— Ela não foi um tipo de estepe pra eu
NACIONAIS - ACHERON

superar você. A minha vida promiscua foi, Dolores.

— Eu expliquei, e ela cruzou os braços, esperando por mais. — Quando eu conheci a Bruna eu já nem me lembrava do nosso passado, e eu não estou sendo rude ou mentindo pra você. Eu só não quero o nosso passado, interferindo a minha vida agora. Eu fiz uma escolha, eu estou a fim de ficar com ela, e espero que você não insista em me atormentar.

— Você continua o mesmo, Daniel. — Ela falou tranquilamente, se aproximando mais de mim. — Eu ainda sinto o mesmo, se eu fui embora foi por medo. E eu quero voltar pra você, eu nunca deixei de ser sua.

— Você é teimosa, Lola. — Eu reclamei

malevolente. – Não perde seu tempo investindo em algo que não existe mais. É um conselho de amigo.

– Eu falei, sendo quase interrompido pelos seus lábios nos meus. Em outros tempos eu corresponderia, porque é ex, e ficar com ex é muito aceitável. Ainda mais sendo a mulher com quem eu já dividi parte da vida. Mas talvez a Bruna tenha feito algum feitiço. *Agora*, eu não queria outro beijo que não o dela. E eu me sentia um adolescente cego, apaixonado. Mas que foda-se.

— Sem beijo roubado, Dolores. – Eu falei, rindo ao afastá-la. – Você é muito linda e esperta, pra perder seu tempo comigo.

— Realmente, você não me merece. – Ela

PERIGOSAS

resmungou, pegando a sua bolsa, saindo do apartamento, batendo a porta com força.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 12²

Eu fiquei trabalhando até tarde, e comendo algumas porcarias. Passava das duas da manhã, quando o meu namorado me ligou.

— Está acordada ainda? — Ele perguntou, e eu desviei a minha atenção do notebook.

— Trabalhando, amor. — Eu expliquei, ouvindo um risinho dele. — E você, faz o que acordado essa hora?

— Estava estudando, acabei me perdendo no tempo.

— Você já viu a sua ex? – Eu perguntei, olhando para as minhas unhas, que estavam pintadas de vermelho.

— Já.

— E?

— E nada. Ela não é criança, se voltou, não foi por mim.

— Eu apressei a obra do seu apartamento, mas vai sair um pouco mais caro.

— Tudo bem.

— Amanhã eu te mando as fotos da mobília, espero que você goste. – Eu falei animada, ouvindo um riso dele.

— Se eu quiser te ver agora, tem como? — Ele perguntou, e eu olhei as horas, no relógio do computador. Duas e trinta e três.

— Tem. — Eu falei, e dane-se se estivéssemos parecendo dois adolescentes apaixonados.

Eu destravei o portão pelo interfone, quando o Daniel chegou e fui pega por um beijo gostoso e malicioso quando abri a porta.

Nós estávamos no sofá da sala, num amasso sem fim, quando um pigarro nos fez parar. O Daniel olhou todo sem jeito para a minha mãe e eu

peguei uma almofada, escondendo o meu rosto.

Ela riu de nós dois, e seguiu para a cozinha.

— Vamos pro quarto. — Ele sussurrou, antes de levantar. O Daniel trancou a porta. Eu tirei o meu notebook e os papéis que estavam sobre a minha cama, sendo empurrada pelo meu namorado safado, que iniciou beijos carinhosos, investindo a sua ereção em mim, que enrolei as pernas em volta do seu corpo.

Ele desceu o meu baby-doll preto de seda, circulando o polegar no meu seio esquerdo, antes

de tomá-lo na boca e eu gemi baixinho, afundando uma mão no seu cabelo, apertando o meu outro seio com a outra, mas o Daniel me parou, o beijando antes de descer os beijos pela minha barriga.

Ele tirou a minha calcinha, correndo um dedo levemente no meu sexo, circulando no meu clitóris, antes de correr a língua deliberadamente. Eu afastei mais as minhas pernas e ele segurou as minhas mãos, afundando a língua em mim, me olhando, e eu estremeci, jogando a cabeça para trás, me empurrando para ele, que ia e vinha com a língua, me enlouquecendo. Eu rebolava na sua boca, tentando soltar as minhas mãos, e quis gritar quando ele deixou de brincar a língua na minha

entrada, para trabalhar no meu clitóris, e apertei os lábios, os olhos, tremendo de prazer.

O Daniel em fim soltou uma das minhas mãos, para brincar a ponta do dedo indicador na minha entrada, me acariciando, sem me penetrar, enquanto circulava a língua no meu clitóris, perfeitamente correto e eu afundei a mão no seu cabelo, o puxando com força, querendo a sua língua dentro de mim, mas ele parou. E eu me lembrei de ser *carinhosa*.

Ele podia judiar de mim, mas eu devia ser carinhosa com ele. Quase uma tortura. Se eu

NACIONAIS - ACHERON

estivesse gozando e puxasse o seu cabelo, ele iria parar. Sem dó.

Eu me apoiei nos antebraços e afastei mais as pernas, ficando mais aberta e ele desceu a língua para onde eu queria, e eu soltei um gemido gostoso e alto, rebolando para sua boca gostosa, com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados.

— Dan... — Eu pedi manhosa, porque ele enfiou a língua toda em mim, o quanto foi possível, a brincando na minha entrada, apertando o polegar no meu clitóris e eu emiti um gemido forte, me deixando cair no meu orgasmo intenso.

Eu deixei meu corpo cair deitado na cama, enquanto ele ainda me beijava lá, e arfava toda mole, trêmula.

O Daniel tirou a camisa, a bermuda e a cueca, e eu me sentei, empurrando-o. Eu tomei seu membro na minha mão, o masturbando devagar e ele arfou, me olhando, que beijei-o rapidamente, me abaixando, beijando a cabeça do seu sexo, circulando a língua ali. O Daniel gemeu e eu levei-o fundo, engasgando um pouco para ir mais além. Ele afundou uma mão no meu cabelo, investindo na minha boca. Eu parei, e corri a língua por todo seu membro, arrancando dele gemidos fracos, enquanto

NACIONAIS - ACHERON

ele puxava o meu cabelo para me controlar.

Ele me parou quando eu pressionei minha língua achatada na cabeça do seu membro, limpando o líquido branco que se formou na ponta, e me deitou na cama. Eu afastei as pernas, e ele me encarava enquanto entrava devagar em mim, mas os seus movimentos eram rápidos. Eu enrolei uma perna em volta do seu corpo, abraçando-o e ele afundou o rosto no meu pescoço, gemendo rouco, porque já estava perto. Eu arranhei-o com força, quando ele foi fundo, ficando e um orgasmo rápido me dominou, enquanto eu sentia o seu gozo se perdendo dentro de mim.

Nós dois ficamos quietos, na mesma posição enquanto a respiração descansava e trocamos um beijo rápido. O Daniel só puxou o edredom para nos cobrir, mas eu levantei para apagar a luz.

Nós acordamos pouco antes das oito na manhã seguinte, e eu lavei o rosto, me enrolando num roupão para levar o Daniel até a porta.

Eu fui beber um pouco de água, mas encontrei a minha mãe na cozinha. Era tão óbvio que eu não sairia sem algum comentário dela.

— Muito bonita essa paixão louca de vocês. —
Ela falou presunçosa, enquanto eu segurava o copo, bebendo um gole da água, disposta a ignorá-la. —
Não são todos os homens que saem de casa às duas pra dormir com a namorada.

— Mãe. — Eu resmunguei e ela riu.

— É que é muito bonitinho ver vocês dois agindo tão impulsivamente. Parecem dois adolescentes.

— Mãe. — Eu falei, mais uma vez.

— O seu pai está todo enciumado. — Ela falou. — Disse que sabia que o Pedro Luiz não seria pra casar, mas não confia no Daniel.

— Não confia no Daniel? – Eu perguntei confusa.

— Até a sua avó diz, o Daniel te leva para o altar. – Ela falou vitoriosa, mas eu não lhe dei atenção. – E o seu pai não está preparado pra isso.

— Ele pode ficar tranquilo, não está nos meus planos me casar tão cedo.

— Ele é gostoso ou muito gostoso? – Ela perguntou, bebendo um gole do seu café, e eu olhei-a horrorizada. – Melhor que o Pedro?

— Eu não estou ouvindo essas perguntas, Deus! – Eu falei, colocando o copo sobre a pia.

— Você não precisa ter vergonha. – Ela

zombou, e eu a olhei, bufando um riso.

— É muito gostoso. Que sorte a minha então para de falar sobre isso que eu tenho vergonha!

Eu voltei a dormir, acordando às dez horas, porque tinha compromisso marcado.

O Augusto me ligou, insistindo sobre o jantar, e eu acabei cedendo, porque o Daniel passou a fazer o mesmo.

Estava saindo do meu escritório, quando me deparei com o Pedro Luiz.

— Oi. – Eu falei confusa.

— Tem um minuto? – Ele perguntou, e eu dei de ombros, voltando para a minha sala.

— Diz. – Eu falei, direta.

— Algumas pessoas vieram me dizer que o filho da Luciana pode não ser meu, e você provavelmente conhece o cara com quem ela saía e...

— E eu não acho que a Luciana te faria assumir o filho de outro cara. – Eu o interrompi. Era só o que me faltava, agora. – Se ela diz que é seu provavelmente é. A menos que ela estivesse transando com vocês dois ao mesmo tempo, como você fazia comigo e com ela. E seria muito bem
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

feito, Pedro. Foi difícil pra eu lidar com isso de você estar com nós duas ao mesmo tempo, eu imagino que vai ser pior pra você, esperar uma gravidez inteira pra saber se é mesmo pai. – Eu saí da minha sala, deixando-o sozinho.

Recebi uma mensagem da Mari, avisando que estaria viajando esta noite, mas voltaria em uma semana.

Encontrei um Daniel enciumado, na saída do prédio, porque ironicamente, ele viu o meu ex entrar.

NACIONAIS - ACHERON

— Então você está assim, porque o Pedro Luiz entrou no prédio. – Eu falei, rindo da sua criancice. Ele fez uma carranca para mim, que me aproximei para beijá-lo. – Ele só queria saber se eu também acho que o filho da Luciana pode não ser dele.

— Eu só quero você longe dele. – O Daniel resmungou, me ignorando.

— Tudo bem. – Eu concordei, rindo do seu ciúme. – Eu vou passar em casa pra tomar um banho.

— A noite hoje vai ser um porre. – Ele resmungou e eu assenti, procurando a chave do meu carro dentro da bolsa.

Eu me vi louca, perdida sem saber o que vestir, porque queria estar me sentindo à poderosa para enfrentar a Dolores.

Era uma terça-feira, e eu teria um jantar com a ex-namorada do Daniel. E não sabia nem o que vestir.

Revirei todo o meu guarda-roupa, e acabei pegando um vestido rosa claro, com alças finas e um decote profundo nas costas. Ele era solto no corpo, curto, mas nada indecente. Coloquei uma

sandália preta, com salto, porque por foto, a mulher era alta e eu não. Fiz uma maquiagem básica, com delineador, e preendi o cabelo num rabo frouxo, deixando alguns fios frouxos.

Saí de casa nervosa, como se o meu namoro dependesse desse jantar.

Eu liguei para o Daniel vir me encontrar no elevador, para não chegar sozinha, mas a primeira coisa que ele fez, foi borrar o meu batom rosa.

— Agora você está todo sujo. — Eu reclamei, limpando a sua boca, mas ele riu. — Ela já está aí?

— Está. Ela, a Tereza e o Tadeu.

— Eu não gosto do Tadeu. – Eu resmunguei, mas o Daniel não me deu atenção e me puxou para dentro do apartamento. Eu cumprimentei a Tereza e o Tadeu, que eu queria socar a cara por ser tão vagabundo, e o Daniel veio até mim, quando a loira alta me olhava, analisando minuciosa. Como se nos comparasse.

— Provavelmente já nos conhecemos. – A *Dolores* falou, me cumprimentando friamente com um beijo superficial no rosto. – Pelo tanto que já ouvimos falar uma da outra.

— É. – Eu falei incapaz de dizer algo mais. O Daniel me puxou para sentar com ele no sofá e o
NACIONAIS - ACHERON

Augusto logo chegou, para nos servir de um vinho tinto. Eu olhei para o Daniel, e depois para a Dolores, que nos olhava, indiscretamente.

— E vocês estão juntos há quanto tempo? — Ela perguntou, mas eu nem sabia responder, era péssima com datas. O Daniel também ficou quieto. Nós não estávamos contando os dias. Para falar a verdade, eu sequer me lembrava da data que começamos a namorar.

— Pelo tempo que eu sei que eles se pegam, tem meses que estão juntos. — A Tereza disparou, rindo.

Eu já me preparava psicologicamente para a
NACIONAIS - ACHERON

Paola, mas o Daniel passou a cortá-la, quando ela tentava monopolizar o assunto sobre o namoro da Dolores e do Daniel. O Augusto olhava para a cena, mas nunca dizia nada. E nem eu.

Já a Tereza estava feliz demais com a atenção fajuta do Tadeu e eu queria, por acidente quebrar a minha taça de vinho na cabeça dele.

Nós voltamos para a sala, quando o jantar finalmente acabou, e o Daniel já me irritava, com a sua maneira direta de expor bem na frente da Dolores, que eles eram assunto encerrado.

Eu deveria estar vibrando com isso, era óbvio. Mas ele o fazia sem dó, o que me fez pensar que na hora de me largar, ele faria o mesmo. Jogaria baldes de água fria para não me deixar com esperanças vãs.

E eu jamais estaria preparada para ser tratada como a *Lola* estava sendo.

Eu não manteria esse sorriso seguro que ela manteve durante toda a noite.

Eu não tinha essa cara de pau.

A Tereza e o seu amante/namorado/ex, se despediram de nós, e eu quase dei na cara dela, porque por mais que eu tenha insistido no Pedro Luiz, eu não me forcei a ficar com ele quando soube dele mais uma vez, com a Luciana. E a Tereza estava aceitando migalhas de um cara que praticamente morava com outra, era humilhante.

— Vem aqui no quarto comigo, Lola, pra pegar o livro que você pediu. — A Paola falou educadamente com a Dolores, que a seguiu em direção ao corredor. Eu olhei para o Augusto, e para o Daniel, que levantou para ir ao banheiro.

— Ele age igual a mim. — O meu *sogro* falou, sorrindo triunfante. Eu olhei-o, apertando os lábios.

— Como você suporta essa mulher? — Eu perguntei, porque a Paola parecia querer controlar tudo ao seu redor. E o Augusto era assim, também. Na minha linha de raciocínio, isso nunca daria certo.

— É fácil ficar, quando tem amor. — Ele se limitou a me dizer, e eu fiquei calada até o Daniel voltar. Eu queria ir embora, mas eu não queria deixá-lo com a Dolores.

— Você pode ficar e dormir comigo. — Ele sugeriu, mas eu neguei com a cabeça, sorrindo fraco.

— Você pode me deixar em casa, Dan? — A Dolores perguntou, voltando para a sala com dois livros grossos nas mãos, sendo seguida pela Paola, que olhava para o Daniel, esperando uma resposta amigável. Eu olhei para um jarro grande, perto da porta, pronta para deixar o meu namoro descer pelo ralo.

— Não. — O Daniel respondeu, como se fosse algo muito óbvio. — A minha mãe pode fazer isso, ela vai adorar, não é, mamãe? — Ele perguntou sendo cínico e eu olhei-o, horrorizada.

— Achei que nós tivéssemos muito que conversar. — Ela falou, apertando os lábios.

— Não custa levá-la, Daniel. — A Paola falou

NACIONAIS - ACHERON

malevolente e eu olhei-a, abominando isso.

— Eu posso levá-la. — Eu disparei, e todos eles me olharam. Eu queria me afundar no chão, de vergonha. — A casa dela é caminho para a minha, então eu posso levá-la. — Eu expliquei, evidentemente sem graça, notando um sorrisinho maroto do Augusto.

— Ótimo. — A Dolores falou, se despedindo de todos antes de sair do apartamento. Eu olhei acuada para o Daniel, que bufou um riso, negando com a cabeça, antes de vir me dar um beijo carinhoso.

— Você é louca. — Ele falou, deixando um último selinho nos meus lábios, e eu acenei para o

NACIONAIS - ACHERON

Augusto, sendo ignorada pela Paola.

O clima dentro do elevador era tão pesado, que eu achava que ele despencaria a qualquer segundo. Eu e a Dolores, que foi um tormento para mim semanas antes de realmente aparecer, lado a lado. Caladas.

Eu devia ter mesmo merda no juízo para propor ficar a sós com ela no meu carro, por longos minutos.

Eu não era criança a ponto de achar que ela

ficaria calada até chegar a sua casa, mas esperava conseguir assimilar qualquer coisa que ela fosse dizer, e não cagar no meu namoro.

Eu não estava disposta a perder o Daniel, mas também não saberia lutar por ele, se ele demonstrasse querer de volta o seu passado.

Eu recebia mensagens do Daniel, sobre como ele queria dormir comigo, mas teria audiência pela manhã, muito cedo. E não correria o risco de eu desligar o seu despertador mais uma vez. E era muito óbvio que nós não dormiríamos.

— Eu não entendo. — Ela falou, finalmente quebrando o silêncio esdruxulo, e eu a olhei rapidamente. — O Daniel não costumava nem sair com meninas assim, novas, doces, quietas.

— Hum. — Eu resmunguei. Doces, quietas.

Era ridículo, óbvio que ele não iria levar pra cama uma mulher que não quer só uma noite de sexo, quando ele só queria isso. Eu fui um acidente. Nós nos esbarramos por acaso, fomos pra cama por um blefe meu graças a Deus, a bebida e a ressaca.

— A Paola vê em você a ex-mulher do Augusto. A moça perfeita pra casar, menina rica, de boa família. Não coloca fé que o Daniel fique por muito tempo. — Ela falou, suspirando

tranquilamente e eu apertei as mãos no volante, indo mais devagar para ter mais tempo de ouvi-la. — E o Daniel é controlador, prepotente demais, deve estar adorando, eu aposto que ele consegue de você o que bem quer.

— Ele consegue de mim, o que eu quero dar para ele.

— Ela vê em mim a mulher que ela é. O Augusto casou com a outra porque a Paola sumiu, mas foi só vê-la de novo para querê-la de volta. E foi por isso que eu voltei, eu não estava disposta a passar vinte e sete anos, longe, para depois ter o Daniel. — Ela sorriu vitoriosa e eu estacionei em frente a sua casa. — Obrigada. — Ela falou, antes de

descer do carro.

Eu arranquei dali, indo muito rápido para casa, irritada, agoniada, frustrada.

Eu queria achar que não, mas a minha mente já envenenada pela Dolores, concordava muito com ela. Bem por isso a Leandra torcia tanto por mim e o Pedro Luiz. Ela se via em mim, provavelmente.

Bem por isso a Paola queria a Dolores para o Daniel. E o Daniel talvez só estivesse cego de raiva dela, por ter sido abandonado. E ele não estava

preso há anos num casamento perfeito, porque controlava tudo. Nós começamos agora, nem sabíamos se era isso mesmo, ou se era só uma vã ilusão de um início sem continuação.

Eu não tentei lutar contra as lágrimas chatas que desciam, e ignorei as mensagens do Daniel.

Quando eu entrei em casa, a minha mãe e a Leandra riam, embriagadas com um vinho branco que estava sobre a mesa de centro. Eu passei direto para o meu quarto, porque até mesmo a minha voz denunciaria que eu estava chorando.

Ainda me olhei no espelho, tentando me comparar com ela, mas era ridículo comparar.

Não era a beleza dela que faria o Daniel ficar. Nós tínhamos umaaventurazinha juntos, eles tinham uma história.

Não demorou até que as duas mulheres mais inconvenientes que eu conhecia entrassem no meu quarto, e me pegassem como uma adolescente insegura sentada no meio da cama, chorando por medo de perder o namorado.

— Está tudo bem? – A Leandra perguntou e eu funguei, limpando o meu rosto, despejando para ela a minha noite ridícula.

— Ela é uma vaca, só isso. – A minha mãe falou, bebendo o último gole do seu vinho.

— Azar o dela que voltou agora. O Augusto só está com essa outra agora, porque eles não terminaram nada, ela sumiu. Você consegue entender? Ele não teve a chance de escolha, eu era a única opção válida e foi com essa que ele ficou. Essa Dolores só quer plantar discórdia. – A Leandra falou, limpando o meu rosto. – E o Daniel não parece ser um cara indeciso. Bons advogados não costumam ser indecisos. O Augusto não me

NACIONAIS - ACHERON

enganou por muito tempo antes de me largar.

— Advogados são bons de lábia, isso sim. —
A minha mãe falou, meio bêbada.

— Você não precisa deixá-la entrar e comandar a paz do namoro de vocês. — A Leandra falou complacente. — Eu queria você na minha família, claro, mas o Pedro Luiz é um pateta. Então sorte do Daniel e se ele for inteligente, não vai querer de volta uma ex-namorada que só voltou porque o viu seguir em frente.

— Ele disse que já tinha superado ela. — Eu falei toda mimada, porque eu era mesmo e a Leandra riu.

— Ele estava saindo com várias mulheres, até
NACIONAIS - ACHERON

eu via isso. É diferente. A mulher deve ter se desesperado ao saber que ele estava reconstruindo a vida, e entrando em outro relacionamento. Muito provavelmente, ela o conhece e sabe que ele não faria isso a toa. — A Leandra falou, como se eu e o Daniel não tivéssemos começado a namorar porque bebemos uma garrafa de vinho e ele levou a sério a minha brincadeira.

— Se você ficar com essa palhaçada de ser chorona e insegura, ele vai ter razão pra te largar. — A minha mãe resmungou, mais fria, porque a minha cena parecia coisa de criança de quatorze anos. — Pelo amor de Deus, Bruna, você invés de dar uma bela resposta pra vaca, veio pra casa

chorar! – Eu olhei rancorosa para ela, que em vez de respeitar a minha dor e insegurança, me vem com choques de realidade.

Eu iria respondê-la, mas o meu celular tocou numa ligação do Daniel, e eu iria ignorar, mas a minha mãe pegou o celular, ameaçando atender e jogar toda a merda para ele.

— Oi. – Eu falei indo fechar a porta, já que as duas saíram do quarto.

— Eu não acredito Bruna... – O Daniel reclamou, sendo sarcástico, e eu fiquei quieta, mas tive que fungar.

— O que?

— Você faz a loucura de ficar sozinha com a Dolores e ainda chora! – Ele falou impaciente, e eu fiquei calada. – Agora eu vou ter que lidar com uma namorada insegura, com medo de uma ex, que não deveria nem ser lembrada.

— Daniel, eu não cogitaria o que a Dolores diz, se isso não fizesse sentido.

— Lá vamos nós, brigar pela Dolores. – Ele zombou, e eu fiz uma carranca. – Eu não estou disposto a perder meu tempo, remoendo o meu passado. Se for pra ser assim, vamos falar do Pedro Luiz, e da cara de pau dele em ir ao seu escritório atrás de conselhos.

— O Pedro Luiz está grávido. — Eu resmunguei.

— Ele nem tem mais certeza disso. E a Dolores é esperta demais, eu aposto que encheu a sua cabeça de merda, pra você ficar desse jeito.

— Ela me comparou com a Leandra! E disse que é igual a sua mãe! E que você faria igual ao Augusto! — Eu falei incrédula, ouvindo uma risada *gostosa*, vinda dele. — Isso não é engraçado.

— A última coisa que eu quero agora, é namorar alguém igual a minha mãe.

— Eu quero ver daqui um tempo.

— Então faz assim, tira essa noite pra pensar.

Eu sei o que eu quero e eu quero ficar com você, independente do que a minha mãe pensa, ou do que a Dolores quer. Se você estiver com medo, e quiser terminar tudo comigo, pensa, se decida. – Ele falou prepotentemente, desligando na minha cara e eu olhei horrorizada para o meu celular, para ter certeza de que ele havia feito isso mesmo.

Capítulo 13

Eu esperava que pelo menos, ele fosse me procurar no dia seguinte, para me deixar segura, ou sei lá, bancar o namorado perfeito.

Mas não havia nada.

Nem mensagem, nem ligação, nem visita surpresa no meio do expediente.

Eu odiava o Daniel por ser tão genioso. Ele

queria ter razão em vez de ser gentil comigo.

Talvez seja isso que ela queira, mesmo. Fazer-me agir como uma louca neurótica para o Daniel me largar. Ela o queria de volta e estava lutando por ele. E o conhecia melhor do que eu, então saberia jogar.

E eu não estava disposta a entrar num jogo ridículo pelo Daniel.

Ele tinha o direito de escolha.

E eu aqui agindo como se ele estivesse numa dúvida cruel sobre com quem ficar. Porque talvez ele só estivesse com medo de voltar para ela, e ela deixa-lo. E já devia me conhecer o suficiente para saber que eu não abandonaria ninguém. Muito pior, ele.

Quem em sã consciência largaria o Daniel, para conhecer o mundo, sozinha por aí?

Eu fui almoçar com os meus pais, encontrando a Dona Cássia, o que era raro. Ela me encontrou com um abraço apertado, me dando sermões, porque era muito óbvio que a minha mãe

NACIONAIS - ACHERON

já havia despejado o meu show da noite passada.

— Se ele te largar vai ser muito bem feito. —

A minha avó falou, se sentando novamente no sofá, e eu fiz uma carranca. — Ninguém quer namorar uma mulher chorona, que tem medo da ex. Pelo amor de Deus, Bruna, o homem é abençoado demais pra você deixar escapar.

— Ele se acha o dono do mundo, é um porre.

— Eu resmunguei e a minha avó riu, negando com a cabeça.

— E você prefere um Pedro Luiz que se deixa manipular, porque tem muito poder e traições pra esconder.

— *Vó*, eu prefiro que ninguém se envolva

nisso. A minha mãe já veio me falar de casamento e nós estamos nos conhecendo ainda. — Eu falei horrorizada e a minha avó riu.

— Bem, eu me casei com o seu avô, não havia seis meses que estávamos juntos. — Ela comparou, mas a última coisa que eu queria, era comparação.

— Vamos comer? — Eu pedi, para não focar nesse assunto de como ela acha que o Daniel é para casar.

Eu tive um dia pouco produtivo, graças ao meu namorado que resolveu me dar um gelo. Eu o esperava me procurando para me explicar algo e

NACIONAIS - ACHERON

fazer tudo ficar bem.

Mas já passava das onze da noite e ele havia simplesmente sumido. Das vezes que eu olhava o seu whatsapp, coisa que ele ficava online quase toda hora, ele sequer vinha falar comigo.

Eu estava na cozinha, escorada ao balcão com uma taça de salada de frutas à minha frente, quando a minha mãe apareceu, com uma cara amassada de sono.

— Tudo bem? — Ela perguntou, indo até a geladeira. Eu concordei, desanimada, mexendo na

minha salada. – Já conversou com o Daniel? – Eu não respondi, porque estava ficando com raiva dele.

– Eu acho que ele é um pouco orgulhoso, então.

— E eu não vou correr atrás.

— Talvez você deva.

— Eu não vou. – Eu resmunguei, porque era ele quem tinha uma ex-namorada me atormentando, ele deveria me procurar. – E eu também não vou perder o meu tempo remoendo isso, eu tenho compromisso amanhã cedo.

— Você deveria levá-lo ao jantar na casa do Marcos, é nesta semana.

— Eu provavelmente estarei solteira até lá. –

Eu falei sendo sarcástica e a minha mãe parou de fuçar na geladeira, me olhando, rindo.

— O Junior vai gostar disso, eu aposto.

— Você não vai ser contra eu terminar tudo com o Daniel? – Eu perguntei quase irritada. Eu queria ser a orgulhosa e difícil, enquanto ela me convence do contrário!

— Você é uma mulher linda, independente e mimada. O Daniel é orgulhoso, e decidido. Ele brigou com você e está esperando que você o procure. Enquanto você faz esse show de não saber o que faz, a ex-namorada dele deve estar lá, se aproximando. Se você acha que é mais fácil terminar, eu não vou me opor. Até porque não é a

NACIONAIS - ACHERON

felicidade do Daniel que eu vou priorizar.

— Ele é um idiota. – Eu falei sendo dengosa, e a minha mãe me fez uma careta sarcástica.

— E você uma criança.

Eu comecei o dia com uma visita na casa de uma cliente. Foquei no meu trabalho, porque enquanto eu focava nele, o Daniel passava longe dos meus pensamentos. E eu não iria deixar ele se aproveitar e saber que em toda briga, eu iria atrás. Eu estava sendo imatura e medrosa em deixar a Dolores criar um espaço entre nós dois, mas ele ao invés de me assegurar de que está comigo, briga e some.

Eu estava distraída no meu celular, olhando um site de maquiagens, quando entrei no meu escritório, e me deparei com o meu namorado, escorado à minha mesa. Eu parei de andar ao notá-lo, e o encarei que apertou os lábios, relaxando os ombros.

— Porque não me procurou? — Ele perguntou, e eu encarei-o incrédula.

— Não fui eu quem brigou. Não seria eu a ir fazer as pazes. — Eu falei diretamente e ele deixou escapar um risinho.

— Bruna, você se deixou levar por algo inexistente. Você igual à Leandra, ela igual a minha

NACIONAIS - ACHERON

mãe! – Ele falou incrédulo. – Eu nunca ouvi algo tão infantil na minha vida!

— Você insinuou que deveríamos terminar! – Eu falei, distorcendo para procurar uma razão e ele riu horrorizado.

— Você quer terminar? É isso? – Ele aumentou o tom da voz comigo, dando um passo pra frente e eu dei outro pra trás, fechando a porta. – Pelo amor de Deus Bruna! É o que agora? O Pedro Luiz te enchendo o saco? Você ainda quer voltar pra ele? Se for pra terminar, me dá um motivo coerente! Porque eu não sou de voltar atrás depois de uma decisão. – Ele falou sarcástico, irritado, cínico! Eu encarei-o furiosa, porque era

muito fácil querer mandar em tudo. Eu estava sendo coagida a pedir desculpas, só poderia.

— Ótimo, porque é muito óbvio que você vai acabar voltando para a Dolores! – Eu falei, para desviar desse assunto de términos e o Daniel correu as mãos no rosto, negando com a cabeça, irritado.

— Você é louca! – Ele falou pasmo. – Eu não quero voltar com a Dolores, porque se você não fosse tão burra, entenderia que se eu quisesse, já teria o feito. Ela já deixou claro que quer voltar, que veio embora pra isso. E eu já deixei claro que eu quero ficar com você. Eu espero que eu esteja sendo coerente e claro, Bruna, porque é a última vez que eu explico. Eu estou aqui pra saber o que

você quer, e eu não vou ficar perdendo tempo, desgastando algo que a gente mal começou, porque você é imatura demais.

— Eu quero você longe dela. — Eu falei resignada e ele riu ao se aproximar mais de mim.

— Eu não quero aproximação nenhuma com ela, eu não acredito em amizade de ex. — Ele falou, muito provavelmente querendo ser gentil, na sua vez de ter razão e eu olhei-o desarmada. — Mas eu não abro mão de um pedido de desculpas.

— Você brigou comigo, Daniel. Eu não vou te pedir desculpa.

— Você se deixou levar e queria me culpar pela Dolores ser assim. — Ele falou, colocando uma

NACIONAIS - ACHERON

mecha do meu cabelo atrás da orelha, e eu olhei para os seus olhos, que focaram a minha boca.

— Eu já estava louca insegura antes mesmo de ela voltar e ela ainda faz isso, eu não sou uma bola de cristal pra saber o que você está pensando!

— Eu reclamei, e ele fez uma pausa na respiração, entediado.

— Eu penso que ela é influenciada pela minha mãe, que voltou com o Augusto e convenceu a Dolores que as histórias se parecem. A Lola voltou, porque soube que estamos juntos, e queria brincar mais uma vez. Só que ela voltou tarde demais, eu já tinha decidido ficar com você, e ela não pode mais interferir em alguma escolha minha.

Ela é passado e eu não vou ficar todo dia explicando isso pra você.

— Me desculpa, vai. — Eu disparei sem pensar, e ele sorriu, deixando um selinho nos meus lábios.

— Se você fizer mais drama sem razão de fazer, sou eu quem vai terminar tudo. — Ele falou, entre selinhos rápidos e eu olhei-o incrédula, fazendo-o rir. — E eu não tenho em mente viver um amor vagabundo, de idas e vindas, com você. — Ele sussurrou, antes de me beijar.

[...]

Eu deixei a Dolores virar um assunto morto no meu relacionamento com o Daniel. E fui – toda enciumada – jantar com ele e a minha avó. Era novo para mim, isso de ela aceitar de bom grado um namorado meu, porque até então, ela não havia aprovado nenhum.

E justo o Daniel – o mais prepotente e genioso de todos – ela faz questão de enfiar na família.

De qualquer maneira, isso era algo positivo,

porque me fazia vir mais vezes visitá-la. E quando era o Pedro Luiz, eu só aparecia atrás de mimos, por alguma briga com ele.

Nós estávamos na sala, a Dona Cássia e o Daniel bebiam uísque, e eu tomava um suco de laranja.

Eu não precisava ser muito esperta para entender o olhar da minha avó, quando ela inocentemente perguntou sobre os pais do Daniel. Então logo tratou de mudar o assunto.

— Mas a Bruna aprontava muito quando era

mais nova. Namoradeira, que só ela! – A minha avó brincou e eu me afundei no sofá, excluída por eles dois.

— Tem cara de ter sido, mesmo. – O Daniel falou todo simpático. Como se isso fosse algo bonito para se dizer. E eu não havia sido namoradeira como sou. De namorados sérios, só três.

— Você não tem moral pra falar, Daniel. – Eu reclamei, porque era acostumada a ter toda a atenção da minha avó e o Daniel era o premiado quando estava por perto.

— Mas o que importa é saber parar. Namoro é coisa séria. – Ela falou, fazendo uma careta ao

NACIONAIS - ACHERON

virar a dose do uísque de uma vez. Eles ficaram um bom tempo trocando fofocas amenas, passadas, enquanto bebiam. Uma vez que eles já estavam um pouco alterados, a Dona Cássia, ao se despedir de nós, soltou que o Daniel a lembrava muito alguém.

Era algo que eu deveria deixar passar despercebido, porque é muito comum acharmos pessoas parecidas com outras. Mas o meu emocional traidor me fez ficar toda nervosa. E o meu namorado mandão percebeu isso.

— Viu alguém? — Ele insistiu, enquanto eu dirigia o seu carro. — Você ainda cisma com esse ciúme da sua vó? — Ele perguntou, sorrindo

zombeteiro e levou uma mão para a minha coxa, descoberta por um short jeans curto.

— Vocês são muito amiguinhos pro meu gosto. — Eu falei toda mimada e o Daniel riu, subindo a mão safada.

— Ela falou que manda me matar se eu ousar fazer algo parecido com o que o Pedro Luiz fez. — Ele falou tentando subir os dedos sob o meu short e eu dei risada, o parando. — Mas o Pedro é uma criança, não sabe nem o que quer.

— Não vamos falar do Pedro, né?

— No fundo eu fico com pena dessa criança, vai ser criada sem noção da realidade. — Ele falou, pegando o celular que tocava. — Tadeu... — Ele

resmungou, antes de atender.

Eles falaram alguma baboseira, e o Daniel me deu um endereço para ir buscá-lo. Quero dizer, o endereço da Lorena. Eu queria perguntar o que era, mas o Daniel, embriagado de uísque e cansado do dia exaustivo, pegou no sono sem querer me dizer nada.

O Tadeu entrou no carro carregando uma mala roxa, que muito obviamente era da Lori, e eu olhei-o rancorosa.

— O que você fez com a minha amiga? — Eu

perguntei, notando um arranhão na sua bochecha.

— O que ela fez comigo, você quis perguntar!

— Ele falou incrédulo, e eu desliguei o carro, me virando a espera de mais. — Ela tentou me matar!

— Por? — Eu perguntei sarcástica, e ele bufou um suspiro, negando com a cabeça.

— Porque a Tereza é louca. Só por isso.

— Ela deveria ter te matado. — Eu falei, me consertando e ligando o carro. — Muito fácil querer enrolar as duas. O seu azar é que a Lorena não é manipulável igual à Tereza. — Eu resmunguei, enquanto dirigia. Mas a Lorena, entre eu e a Luciana, sempre foi a mais esperta, eu diria. Ela jamais ficaria com o namorado de alguma de nós,
NACIONAIS - ACHERON

ou jamais voltaria com ele. No mais, era bom que o Tadeu não gostasse muito dela, porque eu achava um pouco impossível ela aceitá-lo de volta, depois de tentar matá-lo numa briga.

— Eu gosto mesmo dela.

— Você gosta da ideia de mandar nas duas, isso sim. Pior do que trair a Lorena é o que você faz com a Tereza.

— A Tereza faz o drama dela, parar de transar com todo mundo ela não quer. — Ele resmungou e eu fiquei quieta, porque não podia tomar como verdade, algo vindo de um homem que para mim, não era confiável.

Eu deixei o Tadeu na casa dos pais dele – veja bem, ele ilude a Tereza, se mudou para o apartamento da Lorena, mas mora com os pais. Isso era ridículo.

E levei o Daniel para a minha casa, porque estávamos no carro dele. Tentei ser carinhosa para acordá-lo, mas ele estava num sono pesado e eu apelei para o seu pescoço, abusando da sua boca, demorando até realmente acordá-lo.

Levei-o para o quarto, sendo pega pela minha mãe, o que não era uma novidade. O Daniel tirou os sapatos, a calça e se jogou na minha cama. Eu

NACIONAIS - ACHERON

saí do quarto para beber água e encontrei a minha inconveniente mãe na cozinha.

— Estavam aonde? – Ela perguntou, e eu fui pegar um copo.

— Com a vovó.

— Então já está tudo bem? – Ela perguntou, e eu concordei indo encher o copo com água. – Aquela história de não correr atrás e ficar solteira...

— Ele me procurou antes. – Interrompi e ela sorriu presunçosa.

— Então hoje a noite vai ser boa. – Ela sugeriu, e eu olhei-a horrorizada.

— Se a Dona Cássia não tivesse embebedado

meu namorado, seria. — Eu falei e a minha mãe riu, negando com a cabeça.

— Ela gostou muito dele. — A minha mãe falou, sorrindo toda abobada. — Vocês conversaram sobre a ex dele?

— Ele diz que não quer voltar com ela. E eu não sei, mas talvez ele não queira mesmo, porque ela já deixou claro que quer voltar.

— Faz sentido. Eu torço muito pra que dê certo. E gosto muito do Daniel. Espero que essa conversa dele não seja lábia de advogado.

Eu voltei para o quarto e o Daniel estava

sentado na cama, com o celular nas mãos. Ele me olhou sonolento quando eu fechei a porta.

— Quando a gente veio embora? – Ele perguntou, esfregando os olhos e eu deixei escapar um risinho.

— Está fraco pra bebidas, meu amor? – Eu perguntei zombeteira, tirando a sapatilha, e desabotoei o meu short.

— Eu tive um dia difícil, cansativo. – Ele falou, bocejando, enquanto eu tirava o meu short. – Mas eu aguento muita coisa ainda. – Ele falou deixando o celular e veio até mim, me empurrando até chegar à parede, me beijando carinhosamente. – Gostosa... – Sussurrou, antes de voltar a me beijar.

Acordei toda mole, enquanto o Daniel passeava os dedos pela minha bunda, pressionando-os *lá*. Eu grunhi e ele selou nossos lábios ao ver que eu havia despertado. Eu afastei um pouco as pernas e ele voltou com as carícias, me penetrando a ponta do dedo, e eu gemi fraco, afundando o rosto no seu peitoral.

— Gosta disso? — Ele perguntou num sussurro, e eu concordei, empinando o quadril para ele, que foi mais além e eu gemi mais alto. Era gostoso ao mesmo tempo em que incomodava um pouco. Eu não sabia assimilar o prazer com a dor, porque a dor era pequena demais se fosse

comparar. Ele começou movimentos lentos e eu tentava ficar quieta, só absorvendo as sensações, mas o mordi com força, quando ele empurrou o dedo todo dentro de mim. O Daniel riu, nos virando na cama, me beijando, enquanto deslizava para dentro de mim rapidamente. Eu enrolei as pernas em volta do seu corpo, enquanto ele fazia rapidamente, gemendo junto comigo.

Eu já estava quase lá, quando ele foi diminuindo o ritmo das estocadas, para me fazer durar. Eu arranhei-o, gemendo por mais, mas ele não me obedeceu e deixou um beijo rápido nos meus lábios.

— Dan... — Eu falei, porque ele foi parando, o que foi uma maldade. O Daniel saiu de dentro de mim, descendo e abocanhou meu sexo de uma maneira sedenta e eu, perdendo completamente a noção de onde estávamos, soltei um gemido muito alto, rouco, puxando o seu cabelo com força. Ele finalmente não parou e eu gozei forte na sua boca, o puxando para mim, me forçando contra ele, que me segurou, até que eu estivesse jogada sobre a cama.

O meu namorado subiu até estar brincando com beijos castos nos meus lábios e eu abri mais as pernas, para que ele voltasse a me penetrar, agora

bem devagar. Eu gemi baixinho contra a sua boca, correndo uma mão por entre o seu cabelo macio e ele ergueu mais a minha perna esquerda, indo mais fundo.

Os seus movimentos ganharam ritmo, enquanto eu analisava-o e me apaixonava mais. Era como estar beirando um abismo e excitada a me jogar, encarar os seus olhos claros. Uma sensação angustiosa de posse me dominava, quando eu o observava se perdendo no meu corpo. O Daniel gemeu mais forte, e os seus ombros vacilaram, eu apertei o meu sexo no dele, que estremeceu, afundando o rosto no meu pescoço, se libertando

dentro de mim.

Ele ficou quieto, enquanto as nossas respirações tranquilizavam e eu acariciava o seu cabelo.

O Daniel levantou para ir ao banheiro e eu peguei o meu celular, vendo que ainda eram cinco e meia, e fiz uma carranca, porque havia despertado. Não demorou a que o Daniel voltasse, se deitando comigo, puxando o edredom para nos cobrir.

— Você toma algum remédio? — Ele perguntou, enquanto enrolava o dedo numa mecha

do meu cabelo e eu olhei-o, rindo. – Que foi?

— Desde muito tempo você não usa camisinha comigo e só agora vem lembrar que eu preciso tomar anticoncepcional? – Eu perguntei zombeteira, e ele me encarou, todo sério.

— Mas você toma?

— Claro, Daniel. – Eu falei o óbvio, e ele sorriu carinhosamente. – Eu não pretendo te dar um golpe da barriga, fica tranquilo.

— Eu quero ter filhos, mas você ainda está muito nova.

— A minha mãe falou que nós dois parecemos dois adolescentes. – Eu falei, e ele deu

risada, concordando.

— Porque você é tão mimadinha, que a gente acaba agindo assim, mesmo.

— Você que é muito romântico. – Eu fiz um bico luxurioso.

— E eu nunca namorei alguém tão ciumenta e paranoica.

— A Dolores não era louca? – Eu perguntei curiosa e ele negou com a cabeça.

— Era solta demais pra se preocupar com ciúme. E eu era um babaca fiel.

— Era? – Eu insisti e ele riu, me beijando rapidamente.

— Eu sou um babaca fiel, Bruna. Mas orgulhoso demais, pra voltar. Se for pra ficar junto, é pra estar junto. Depois que termina a primeira vez, eu acho difícil dar certo.

— Então você tem que parar de insinuar um término se a gente brigar. — Eu falei carrancuda, me virando de costas para ele, que me abraçou por trás, mordendo meu ombro. — Porque foi culpa da sua ex, que é louca e tirada à esperta.

— Você tem que ser mais esperta que ela, então. Ela quer voltar, mas eu quero você.

— Eu tenho medo de você um dia terminar comigo, e me tratar igual trata a Dolores. — Eu falei, como um segredo e, o Daniel suspirou forte.

— Eu poderia ter uma relação amigável com a Dolores, se ela não tivesse voltado com essa meta de reatar o nosso namoro. E eu não tenho saco pra ser bonzinho com alguém que não merece.

— Você deveria querer procurar o seu pai. — Eu falei baixinho, respirando fundo, mas o Daniel ficou calado. — Eu não sei como você consegue viver com esse espaço não preenchido na sua vida. Porque agora nem com a sua mãe, você tem convivido bem. E eu acho que a culpa, no fundo, é minha.

— A culpa não é sua, Bruna. — O Daniel falou malevolente. — É culpa dela, que não tem o direito de querer escolher por mim. Não faz sentido ela

NACIONAIS - ACHERON

não aceitar nosso namoro só porque você namorava o Pedro Luiz. – Ele falou sarcástico. – Ela está morando com o pai dele!

— O sonho do Augusto era que o Pedro fosse focado no trabalho, igual a você.

— O Pedro Luiz não vai focar em nada nunca, porque ele é acostumado a ter tudo que quer, sem precisar batalhar por isso.

— Você já pensou que poderia ser irmão dele? – Eu perguntei, me virando de frente para ele, que riu, como se eu não fizesse sentido. Mas na minha mente ainda meio nublada pelo sexo da noite passada e desta manhã, fazia sentido abordar esse assunto assim, devagar.

— Eu provavelmente odiaria ainda mais o Augusto, por estragar o Pedro Luiz. E teria quebrado o Pedro Luiz na pancada, pelo que ele fez com você. — Ele falou solenemente, não levando a sério a minha suposição. Eu suspirei forte, me aproximando para beijá-lo.

[...]

Na sexta-feira, eu fui a pessoa mais chata e insistente para convencer o Daniel a ir comigo para o jantar na nova casa dos Neves.

Eu já estava pronta, no celular com a Mari, que reclamava do Joca. Eu não sabia se eles sempre tiveram problemas e eu estava ocupada demais com os meus e do Pedro Luiz e da Luciana, para não ter percebido, ou, se isso era algo recente.

Porque para mim, eles eram o casal perfeito, sem dificuldades para continuarem juntos.

— Eu acho que se tudo estivesse mais fácil, eu terminaria, sim. — Ela lamentou.

— Mais fácil? Por quê?

— Porque não é tão simples terminar um namoro, ainda mais agora. — Ela falou, e eu franzi o

cenho, confusa. Ok que eles eram, na minha linha de raciocínio, o casal perfeito e maduro que dava muito certo, mas ela começou com o Joca, mais ou menos na mesma época que eu comecei a namorar o Pedro Luiz, não era lá uma eternidade juntos, para ser complicado terminar. Na verdade, nunca é complicado terminar quando se quer isso. O Augusto largou a Leandra da noite pro dia, e eles tinham mais de vinte anos juntos.

— Eu torço pra que vocês deem certo, ainda. Ele só está focado em outra coisa, agora, mas é tão nítido que vocês se gostam.

— Só amor não faz nada dar certo, Bruna. — Ela resmungou. — Você era louca apaixonada pelo

Pedro e olha no que deu.

— Ah, eu era louca apaixonada pelo Pedro, mas agora tenho um Daniel. – Eu brinquei e ela deu risada.

— Você é uma idiota, mesmo. Está tudo bem com vocês?

— Tudo ótimo, e seria melhor se eu pudesse mandar a ex dele para o espaço! A mulher mal chegou e já queria me atormentar.

— É só você não dar corda pra ela. – A Mari falou tranquilamente. – Eu vou desligar e procurar o meu namorado. Beijão, amiga.

— Beijo, gatinha.

Eu retoquei o meu batom, que era rosa queimado, mate. E desci, para esperar o Daniel. Eu olhei envergonhada para o meu pai, que me analisou, apertando os lábios.

— Então você está mesmo namorando... — Ele comentou, balançando a cabeça e eu segurei o riso, porque era muito óbvio que o Daniel não era o meu primeiro namorado.

— E não é lá uma novidade. — Eu entortei os lábios num sorriso e o meu pai deixou escapar um risinho.

— Eu não confio nesse Daniel. — Ele falou e eu quis rir do termo: *nesse Daniel*. — Ele é muito

NACIONAIS - ACHERON

esperto. Se der certo, ele te leva de vez. Se der errado, ele te deixa quebrada.

— Mas ela está disposta a pagar pra ver. — A minha mãe falou, me abraçando de lado. — A sua mãe adorou o Daniel, amor. E ela sempre odeia os namorados da Bruna.

— Isso me preocupa ainda mais. — O meu pai resmungou, e eu sorri para o seu ciúme bobo. — Eu gostava do Pedro Luiz, porque era nítido que em um dos deslizes dele, acabariam terminando...

— Uma hora ela encontraria alguém que desse certo. É meio que uma lei da vida.

— Eu acho que vocês estão focando demais no meu namoro. — Eu falei, olhando o celular que
NACIONAIS - ACHERON

tocava numa ligação do Daniel. – Eu já vou indo. –
Avisei, soprando beijos para eles.

Eu entrei no carro do Daniel, querendo morrer ao analisá-lo tão gostoso. Porque talvez eu fosse suspeita para falar, uma boba, cega apaixonada, ainda mais agora, que estávamos nessa fase gostosa de só dar certo. Mas ele tinha o cabelo molhado, e estava tão cheiroso que eu queria escondê-lo no meu quarto, para ninguém querer roubá-lo de mim. Ele mexia no som do carro, que tocava Seu Jorge, e não me deu atenção.

O meu namorado não queria passar uma noite
NACIONAIS - ACHERON

chata, num lugar onde o Pedro Luiz estaria. Ele ainda estava com a visita do meu ex-namorado entalada e eu fui insuportavelmente insistente para que ele fosse comigo. Até mesmo relembrei que eu fui ao jantar da Dolores, por ele.

Mas eu o puxei para um beijo carinhoso, rápido e depois outro, até que ele ao menos deixasse para depois a carranca.

— O Lucas vai estar lá, talvez você se dê bem com ele. — Eu falei, e o Daniel deixou escapar um riso fraco. Ele conhecia os amigos do Pedro, graças ao Joca, mas eu não sabia se eles tinham algum tipo de convivência.

— A única coisa que eu sei do Lucas, foi que você saiu com ele pra provocar o Pedro. Se ele se sujeitou a isso só pra tentar te levar pra cama, boa pessoa não é. — Ele falou cheio de razão, dando partida no carro.

— Eu não transei com o Lucas! — Eu falei incrédula e ele riu, concordando. — Eu sequer fiquei com ele!

— Eu sei... — O Daniel falou sarcástico. — Mas se ele é melhor amigo do seu ex-namorado e na época que vocês mal terminaram ele quis ficar com você, só queria te levar pra cama. Você é esperta, Bruna, sabia disso.

— Eu não quero falar sobre isso. — Eu

NACIONAIS - ACHERON

resmunguei, cruzando os braços. Eu estava cega querendo irritar o Pedro, nunca parei para pensar sobre as reais intenções do Lucas comigo. Até porque na hora de tomar uma atitude, ele não teve coragem. Ao contrário da Luciana, ele prezou mais a amizade do Pedro.

— Não precisa ficar com raiva, amor. — O Daniel falou, acariciando a minha coxa, mas eu tirei a sua mão de lá. E ele riu. — Eu não quis brigar por isso.

— Você falou como se eu fosse pra cama com qualquer um!

— Ele não é qualquer um. O problema é ser melhor amigo do seu ex. Se você queria o Pedro de
NACIONAIS - ACHERON

volta, não era ficando com o melhor amigo dele que iria conseguir.

— Eu não fiquei. – Eu falei, agoniada com essa lembrança ridícula. Sabe-se lá Deus, o que se passou pela minha cabeça, ao cogitar ficar com o Lucas. E o Daniel falando disso agora, me deixava com vergonha da minha atitude infantil.

— E eu não me importo quem você já beijou, ou transou, ou sei lá... Eu não me importo com o seu passado, desde que ele não interfira no agora.

— Eu não sou como você, e tenho ódio do seu passado. – Eu falei, novamente tirando a sua mão de mim, irritada com ele.

— Você me estressa, Bruna. – Ele falou,
NACIONAIS - ACHERON

bufando um riso. — Esquece essa conversa, então, relaxa. Eu só não quero ser amigo do Lucas. Em alguma briga nossa é capaz de ele querer ficar com você.

— Daí só porque ele quer, eu vou trair você!

— Eu falei mais irritada, horrorizada e o meu namorado idiota deu uma risada gostosa, se divertindo com a minha raiva. Eu fiquei quieta o resto do percurso e, ele só voltou a falar quando já estávamos chegando.

— Eu tenho tido umas reuniões com o seu pai, por conta de alguns funcionários problemáticos que ele demitiu. Ele não gostou muito do nosso namoro. — Ele comentou, sabiamente mudando o

assunto, mesmo que tarde demais. Eu já estava furiosa. – Acha que estamos indo rápido demais.

— Hum.

— Está com medo de perder a princesa mimada, dele. – Ele falou solenemente. – Ele é assim com todos os seus namorados? – Eu ignorei-o, que estacionou atrás do carro da Leandra e desci do carro, esperando-o para não chegar sozinha, por pura infantilidade.

— Me desculpa, vai... – Ele pediu, enquanto andávamos em direção à entrada da casa. Eu não o respondi e os meus pais nos alcançaram antes que entrássemos. A minha mãe começou a ladainha de mãe orgulhosa, e eu fui recebida educadamente

pela Marcela, e apresentei-a ao Daniel, que ela disse já conhecer de vista.

Eu encontrei a Lorena, que tinha uma taça de champanhe nas mãos, e fui até ela com o Daniel. Cumprimentei-a com um abraço apertado e o Daniel não se lembrava de que havíamos buscado o Tadeu no apartamento dela.

— Então terminaram? — O Daniel perguntou surpreso e eu quis beliscá-lo por ser tão cara de pau. Ele sabia que o Tadeu não era solteiro e convidou-o para jantar. O viu com a Tereza, e achou algo inesperado a Lorena dar um pé na bunda dele.

— E eu espero que você tenha mais caráter do que ele, Daniel. — A Lori falou, sorrindo falso para o meu namorado, que pegou duas taças quando um garçom passou por nós. — Porque eu juro que mando castrar você, se eu souber que está traindo a Bruna.

— Ela dá conta do recado, Lorena. Se eu quis namorar, é muito óbvio que eu não vou traí-la. — Ele respondeu tranquilamente e eu desviei o olhar deles dois, pronta para escutar uma discussão por causa da estupidez e prepotência do Daniel.

— Eu soube que você tem uma ex e que ela está de volta. E pra piorar é irmã da vaca da Tereza! Se ela for igual à irmã, não vai te dar paz.

Eu espero que você não tenha... Recaídas com ela.

— A Lorena terminou sendo sarcástica, e o Daniel riu, negando com a cabeça.

— Eu vou relevar, porque você acabou de terminar um relacionamento e está frustrada. O Tadeu é bom amigo e eu não tenho culpa de ser um canalha com vocês duas. A Dolores está aí, e isso não é um problema meu. — Ele falou, bebendo um longo gole da sua bebida e eu fiquei quieta, não olhando para a Lorena. Eu não iria defendê-la agora e ganhar uma patada do Daniel. A sorte para encerrar a discussão, foi o Augusto e a Paola chegarem, vindo nos cumprimentar.

— Ele é um cavalo, isso sim. — A Lorena

sussurrou para mim, que apertei os lábios, concordando.

— Você não viu como ele trata a ex. — Eu sussurrei, bebericando o meu champanhe. — Se um dia ele terminar comigo eu vou mudar de mundo. — Eu falei. A minha amiga deu risada e o Daniel nos olhou, curioso.

— O Tadeu me falou que ela veio determinada a voltar.

— Depois de tudo que ela ouviu do Daniel, na frente de todo mundo, no lugar dela, eu não iria querer mais nada. — Eu falei baixinho, e a Lorena suspirou. — Mas você está bem?

— Eu gostava muito dele. Mas ele é fraco e

NACIONAIS - ACHERON

não sabe o que quer.

— Você merece alguém melhor.

— Ele diz que não gosta dela, mas ao mesmo tempo não consegue se libertar. Fala mal dela, mas é só ela ligar fazendo drama, ele socorre. Ele come!

— Ela resmungou, e eu torci os lábios.

— Talvez vocês ainda se acertem.

— Bola pra frente, agora. — Ela sorriu. — Você lidou bem com a gravidez da Luciana?

— Fiquei surpresa, mas isso não é um problema meu. Só fiquei preocupada, porque que maturidade eles têm pra um bebê?

— Eles têm dinheiro, pelo menos.

Necessidade a criança não passa. – A Lorena falou divertida e eu bufei um riso.

— Vão ficar fofocando? – O Daniel perguntou, se aproximando e passou um braço em volta da minha cintura. Eu olhei-o, que ignorou a nossa briga infantil de mais cedo e selou os lábios nos meus, carinhosamente.

Ele logo encontrou alguns colegas de trabalho e eu pude fofocar com a Lorena. Eu não iria negar que foi estranho ver o Pedro Luiz e a Luciana se aproximarem de nós, mas cumprimentei-os educadamente, apertando os lábios ao encontrar o olhar do Daniel nos observando.

Eu queria intervir na indireta direta do Marcos Junior, sobre a dúvida da paternidade do Pedro, quando a Luciana foi ao banheiro com a Lorena, mas eu fui enganada por eles dois. Era um castigo muito bem feito para o Pedro, ter que assumir uma gravidez, com a dúvida de o filho ser de outro, embora eu não acreditasse muito na possibilidade. A Luciana apesar de tudo era louca, se estivesse com alguma dúvida o Pedro também saberia dela.

Talvez isso pudesse ser só fofoca, pela maneira errada como eles ficaram juntos.

O Junior me apresentou alguns amigos dos seus pais, que elogiaram o meu trabalho, me deixando metida, porque estava mesmo magnifico.

— Essa semana você vai ter mais trabalho do que vai conseguir fazer. — O Júnior falou rindo e eu olhei-o, sorrindo sarcástica. — E a propósito, você está uma gostosa. — Ele falou, descendo o olhar pelo meu corpo e eu bufei um riso, bebendo o resto da minha bebida.

— Eu estou namorando, te contei? — Eu falei, e ele riu.

— Sei, mas eu não sou ciumento.

— Mas eu sou. — A voz rouca do Daniel ecoou atrás de mim, e o Júnior o olhou, sorrindo

NACIONAIS - ACHERON

presunçoso.

— Eu só estava brincando, cara. — O Junior falou descontraído. — Nós crescemos juntos, longe de mim, atrapalhar vocês. — Ele riu, acenando um sorriso para mim, antes de se afastar.

— Ai que ciúme fofo. — Eu zombei dele, ao me virar e puxá-lo para um selinho rápido.

— Ele é um babaca.

— Você viu todos os elogios sobre a casa? — Eu perguntei, meio embriagada e ele riu, assentindo. — Fui eu que fiz. — Eu falei toda orgulhosa, como se ele não soubesse.

— Ai, que agora está meio difícil conseguir

falar com você, Dona Bruna! – A Leandra falou evidentemente alegre, me puxando para um abraço apertado. – O Pedro foi um tolo por te deixar escapar! Os marmanjos tudo babando por você, tão nova e com esse trabalho tão lindo no currículo. E morrendo de inveja do Daniel, óbvio. – Ela falou indo cumprimentá-lo, que a recebeu carinhosamente. Ela ia continuar a falar, mas a minha mãe a puxou para irem ao banheiro.

Eu aproveitei a deixa e que estavam todos muito distraídos e puxei o Daniel para irmos embora. Assim que entrei no seu carro, tirei a minha sandália muito alta, que já fazia os meus pés

NACIONAIS - ACHERON

doerem.

— Você gostou de hoje? – Eu perguntei, relaxando sobre o banco e ele assentiu, ligando o carro. – Ficou tão distante...

— Eu estava só observando você, toda metida, cumprimentando todo mundo. Tão linda. – Ele falou solenemente e eu sorri, colocando uma mão sobre a sua, que estava em minha coxa.

— É que eu amo tanto o que eu faço, que nem parece trabalho. – Eu falei e ele riu.

— Você viu como o Augusto perseguia a Leandra com o olhar? – Ele perguntou e eu franzi o cenho. Eu não tive tempo para reparar em nada, graças a Deus. – E a minha mãe lá, como uma

NACIONAIS - ACHERON

idiota, conversando com os amigos dele.

— Ele diz que amou muito a sua mãe.

— Por isso quis voltar, com a ilusão daquele amor de adolescência. E foi coisa antiga demais, Bruna. Ela engravidou com vinte e um, só, então eles provavelmente namoraram antes disso.

— Ou durante. — Eu soltei e ele me olhou rapidamente, ficando quieto, focando na direção.

O Daniel ficou calado, e nós fomos para o meu apartamento. Eu estava meio bêbada, mas não forcei nesse assunto. Não seria eu a querer dar essa notícia para ele. Eu queria estar ao seu lado,

independente da reação.

Ele demorou longos minutos, até digerir a minha indireta e relaxar, vindo deitar na cama comigo, onde eu zapeava os canais da televisão, a procura de algo útil, mas não havia mais algo relevante. Só os canais entediantes da TV aberta. Então eu me contentei com o programa do Jô.

O meu namorado estava deitado ao meu lado, fitando o teto, com um braço sob a cabeça, vestido só na calça e eu deixei a televisão de lado, correndo os dedos no seu peitoral querendo definir. A minha mente embriagada queria correr a boca ali, mas ele

NACIONAIS - ACHERON

estava sério, então eu achei melhor conversar primeiro.

— Está tudo bem? – Eu perguntei, desabotoando a sua calça.

— Você acha que tem alguma possibilidade de eu ser filho do Augusto? – Ele perguntou e eu parei estagnada, com o coração acelerado, a boca seca, o medo dessa situação toda. Eu parei os meus planos safados de cair de boca nele e me sentei direito, para olhá-lo.

— É que eles namoraram, e ela sumiu da vida dele sem dar satisfação.

— Isso não é coerente, Bruna. – Ele falou impaciente, desviando o olhar. Óbvio que era

NACIONAIS - ACHERON

coerente, uma vez que ele sequer sabia quem era o pai. Qualquer ex-namorado da sua mãe, daquela época, era uma boa suspeita.

— Bem, isso mudaria o que, agora? — Eu perguntei, como se fosse bobagem, ganhar um pai de presente aos vinte e seis. — Você já é independente, logo sequer vai morar com eles. Se for, isso só vai preencher um espaço vazio na sua vida.

— Eu não vou analisar isso como algo real. — Ele resmungou, bufando um riso. — Isso é coisa da sua imaginação fértil e bêbada.

— Capaz que seja. — Eu falei para não entrarmos numa briga, e estava animada para

NACIONAIS - ACHERON

brincar com ele.

[...]

O assunto morreu, finalmente. Eu estava jogava no chão do meu quarto, suada, dormente, tremendo e o meu namorado gostoso ao meu lado, ofegando.

Talvez comparar seja ridículo, mas o sexo com o Pedro, por mais gostoso que fosse, era mais ligado a aventurazinhas, testes de limites, o que agora, depois de conhecer o Daniel, era muito

vazio. Eu só conseguia ligar o meu ex, a alguém que me deu experiência o suficiente para conhecer o meu corpo. Era meio sujo lembrar, eu sei. E com o Daniel, era simplesmente inexplicável. Eram mais sensações, era mais sentimento. Não havia isso de ditar um melhor, um mais gostoso. Eram diferentes, mas hoje, eu não trocaria o Daniel.

Eu iria adormecer ali mesmo, mas o meu celular tocou estridentemente, e eu me arrastei para pegá-lo, vendo que era a minha mãe.

Atendi, ouvindo berros de preocupação, o que era inútil porque ela sabia que eu estava com o Daniel.

Aproveitei a deixa e tomei coragem para ir tomar um banho. E o Daniel veio junto, nos enfiando debaixo do chuveiro, molhando o meu cabelo que eu não queria molhar, mas o seu beijo compensou isso.

No sábado, nós fomos almoçar na casa de um amigo do Daniel, que ele queria que eu conhecesse. Eles estavam na piscina, assavam carne e uma música agradável animava o lugar. Estava tudo indo muito bem, até a Dolores chegar, trazendo consigo a Deborah e a Tereza.

Eu estava conversando com o Daniel, quando a sua ex se aproximou para nos cumprimentar. Eu não fui simpática com ela, mas tentei ser educada. Logo a Deborah se aproximou de mim, já que a Tereza já estava com o Tadeu.

O Daniel foi para onde os meninos estavam então eu e a Deborah engatamos numa conversa aleatória, para matar o tempo, enquanto bebíamos uma cerveja gelada, coisa que eu não gostava muito.

— É engraçado ver que ele continua o mesmo... — A Dolores falou ao se aproximar e eu a olhei, erguendo os óculos escuros. — Atencioso e
NACIONAIS - ACHERON

mandão, aposto.

— Lola... – A Deborah falou, apertando os lábios, mas a *Lola* deixou escapar um risinho, se sentando conosco.

— Eu aposto que ele só mantém esse namoro, porque tem medo de se deixar levar, se entregar a nós dois. – Ela falou e eu apertei os lábios, com meu cérebro congelado demais para raciocinar uma resposta coerente. – O que eu acho uma pena, é ver o tipo doce de menina que você é. Aquele tipo de mulher pra casar, não é? Independente, porque a modernidade permite, mas se não, ficaria em casa, esperando o príncipe.

— Lola, essa conversa é desnecessária. – A
NACIONAIS - ACHERON

Deborah falou, mas foi ignorada.

— Eu estou tentando ser amigável. E amigos dão conselhos. Você conhece o Daniel tão bem quanto eu, Deh, então sabe que na hora de largar dela, ele vai fazer sem dó. – Ela falou ríspida, e eu olhei para o Daniel, parado atrás dela, com os braços cruzados.

— Eu não vou terminar com ninguém, Dolores. – Ele falou e eu desviei o olhar deles, porque ela virou a cabeça para olhá-lo. – Eu não vejo aqui ninguém usando um namoro como proteção. Uma coisa que eu não tenho de você, é medo. Não tem mais sentimento, Lola. Ouvir isso deveria ser duro pra você. Mas você se faz de surda

e eu estou cansado de dizer que acabou. Você terminou tudo há mais de um ano, deveria se lembrar. Você plantar insegurança na Bruna não vai fazê-la terminar nada comigo e nem vai nos fazer brigar, ou desgastar. Você não a conhece pra estereotipar e descrevê-la. Se ela fica calada ao te ouvir dizer essas baboseiras, é porque tem educação e é inteligente o suficiente pra não te levar a sério. – Ele falou. O que era uma mentira. Eu já estava louca de insegurança, concordando muito com as coisas que ela dizia. – É uma perda de tempo tão grande, que só nos afasta ainda mais. Não tem como nem manter uma relação civilizada com você, porque qualquer sorriso te faz fantasiar

uma volta.

— Vocês não precisam lavar a roupa suja aqui. – A Deborah falou, evidentemente sem graça e eu continuei quieta.

— Ela quem começou, Deborah. Diz que me conhece tão bem e está aí, perdendo tempo tentando envenenar minha namorada. – Ele falou, forçando um riso, voltando para onde estava. Eu não falei nada, porque a Dolores estava muda, talvez envergonhada, então mesmo que eu soubesse o que dizer, seria como pisar num bicho morto.

— Vem pegar mais cerveja comigo, Bruna. – A Deborah chamou, e eu me levantei a seguindo em direção a casa. – Ela está meio desesperada, NACIONAIS - ACHERON

porque o Daniel é uma mula teimosa e não quer nem ouvi-la.

— Não é minha culpa se ele não quer voltar pra ela. — Eu resmunguei o que era óbvio, e a Dehriu, entrando na cozinha.

— A culpa é sua sim. — Ela falou divertidamente. — Porque toda vez que eles terminavam, ela voltava e ele não tinha ninguém. Era um jogo fácil pra ela. Agora ele tem você e está parecendo um babaca apaixonado...

— Bom que ele esteja apaixonado. — Eu torci os lábios.

— E você?

— Eu não trocaria o Daniel por algum outro. Ou pelo mundo inteiro, aí. — Eu zombei e a Deborah riu, negando com a cabeça, indo até o freezer pegar duas cervejas.

Quando nós voltamos, a Dolores não estava mais na mesa, e a Tereza me lançou um olhar rancoroso. Eu não iria por um acaso entrar em alguma picuinha delas duas. E era até aceitável que a Tereza começasse a tomar as dores da Dolores, afinal eram irmãs.

— Duas mimadas. — O Tadeu falou parando ao meu lado, e eu olhei-o.

— E um criança. — Eu falei para ele, que riu.

— To solteiro, Bruninha. – Ele zombou, bebendo um longo gole da sua cerveja. – E nem to com coragem pra virar casal em tempo de pegação. Com o Dan namorando, então... Sobra muito, mas muito mais mulher. – Ele continuou presunçoso.

— Você praticamente foi morar com a Lorena. – Eu falei incrédula. – O mínimo que se espera diante disso, é respeito.

— E eu respeito. O problema está em não conseguir dizer não. – Ele falou desinteressado. Eu não retruquei para não render mais discussão e logo o Daniel se aproximou de nós.

— Tudo bem? – Ele perguntou para mim, que concordei e o Tadeu riu.

— Dolores mal chegou e já está nos dramas feios dela. – O Tadeu zombou e eu abracei o Daniel, afundando o rosto em seu peito.

— Resolveu o problema com o carro? – O Daniel perguntou, ignorando a provocação do amigo e então eles engataram em uma conversa sobre carros.

Nós saímos dali por volta das quatro da tarde e passamos no apartamento do Daniel, para ver como já estavam as coisas.

O Daniel estava mais preocupado com o

quarto, mas não iríamos mexer nele, o foco principal era juntar a sala e a cozinha, deixando-a num estilo americanizado.

Eu fui para a sacada e o meu namorado veio junto, me abraçando por trás.

— Eu estou ansioso. — Ele falou, suspirando forte e eu virei o rosto para ele, que selou nossos lábios ternamente. — Eu estive conversando com a sua avó, e ela nos intimou a passar o natal com ela. — Ele comentou, e eu me virei de frente para ele, o encarando minuciosa.

— Vocês são tão amiguinhos que eu nem sei, viu... Daqui a pouco ela me troca. — Eu reclamei,
NACIONAIS - ACHERON

mas deixei escapar um risinho e o meu namorado riu, deixando um beijo rápido na minha boca.

— O Joca e a Mari estão voltando amanhã. Pela conversa do Joca, mais alguém vai ser pai, hein... — Ele falou presunçoso e eu dei risada, porque isso vindo da Mari assim, dessa maneira não planejada era mesmo engraçado.

— Todo mundo engravidando... — Eu zombei e o Daniel riu.

— Quer tentar um, também? — O Daniel perguntou de uma maneira maliciosa e eu olhei-o, cerrando os olhos.

— Sem show, Daniel. — Eu pedi, virando o rosto para dar mais acesso do meu pescoço para ele

NACIONAIS - ACHERON

e grunhi, com os beijos molhados que eu ganhava.

— A sua avó iria adorar um bisneto, aposto. —

Ele sussurrou, antes de encontrar nossas bocas num beijo malicioso.

[...]

Capítulo 14

Nós estávamos jogados no piso gelado da sala e eu ainda arfava depois de incontáveis orgasmos múltiplos. O Daniel acariciava a lateral do meu corpo, mas não dizia nada.

— O Joca reagiu bem com a notícia? — Eu perguntei um longo tempo depois.

— Disse que foi inesperado demais, mas vai fazer o que?

— Eu entraria em pânico. Porque imagina, uma coisa que vai sair de dentro de mim e querer comer?

— Coisa, Bruna? — Ele perguntou, emitindo um risinho calmo. — Então a mocinha não quer ser mãe?

— Quero! — Eu respondi rapidamente. — Mas não agora. Agora é tempo de crescer profissionalmente e eu acho que estou indo bem. Sem contar, — Eu fiz uma pausa, para apoiar o queixo nas mãos e olhá-lo. — que nós estamos juntos há muito pouco tempo, temos muito pra nos conhecer, curtir e namorar, pra saber se cabe um filho entre nós dois.

— Eu não me importaria de te ver com uma barriga enorme na minha casa, sob os meus cuidados. — Ele falou solenemente e eu me inclinei

para beijá-lo.

— Nós parecemos mesmo àqueles adolescentes idiotas, cheios de planos intensos. —
Eu bufei um riso, antes de beijá-lo mais uma vez.

No domingo à noite, quando eu fui encontrar a Mari, briguei com ela por não me contar sobre a gravidez, mas depois deixei que curtíssemos a novidade sem mais estresses.

Segundo ela foi um susto, porque ela era muito nova, o Joca também. E nós estávamos num tempo bom de crescer o escritório. Mas graças a

PERIGOSAS

Deus o nosso trabalho é independente e ela poderia curtir a gestação tranquilamente.

Eu me imaginei na mesma situação e ri sozinha depois, porque iria querer os nove meses de férias, com um Daniel – se possível – fazendo todas as minhas vontades.

Na segunda-feira de manhã, eu tirei umas horas para comprar presentes. Vi-me louca, perdida sem saber o que o Daniel iria gostar de ganhar. Eu queria chorar por me perder no shopping, nas lojas e sequer saber os bons gostos do meu namorado.

NACIONAIS - ACHERON

— Para de ser louca, Bruna! – A minha mãe berrou no celular, e eu fiz uma carranca, olhando para o vestido longo que eu queria comprar. – Você nunca teve problemas pra escolher presente pro Pedro, não entendo esse seu show, agora.

— O Pedro gostava de relógio! – Eu resmunguei o óbvio. Sequer me lembrava de ter presenteado o meu ex com algo que não fosse relógio. A minha mãe riu, zombando da minha cara e eu grunhi agoniada, porque depois do almoço, eu tinha hora marcada com cliente novo.

— Roupa é sempre bem vinda, e vai fazê-lo lembrar de você. – Ela sugeriu, e eu suspirei forte.

— E perfume? – Eu perguntei, porque talvez

perfume marcasse mais que roupa.

— Perfume é algo muito íntimo pra você acertar. E o Daniel não é lá o tipo de cara que precisa de alguma coisa.

— E pra vovó? – Eu perguntei, mas era óbvio que eu encontraria algo em uma joalheria.

Eu acabei comprando um sapato muito bonito para o Daniel, e esperava que ele fosse gostar. Não havia maneira de pensar em algo que ele realmente quisesse, porque o homem teimoso não me dava espaço para descobrir.

Eu estava à procura de algum lugar para comer, quando esbarrei com uma Leandra cheia de sacolas. Ela sorriu ao me notar, e eu fui até ela, cumprimentando-a com um beijo no rosto.

Nós acabamos indo almoçar juntas, o que foi um arrependimento. A primeira coisa que ela despejou, foi uma conversa séria com o Augusto, onde ele informou sobre ser o pai biológico do Daniel. Eu engoli a seco, tentei beber um pouco de água, mas eu só queria chorar.

Era tão, mas tão injusto todos ficarem sabendo e o Daniel continuar no escuro. Era tão

NACIONAIS - ACHERON

injusto ninguém chegar e contar logo para ele. Poderia ser um choque, uma surpresa, mas ele era maduro o suficiente para saber lidar com a situação.

Aceitar o Augusto como pai ou rejeitá-lo de uma vez.

Ser o último, a saber, de algo que só dizia respeito a ele, era o que mais me deixava frustrada.

— Você poderia contar. — Ela sugeriu, bebendo um pouco do suco de laranja. — Não é uma notícia tão forte, analisando bem. A louca da mãe dele é a culpada de tudo, não é? O Augusto é um

canalha, – Ela riu. – mas jamais deixaria de assumir um filho. Ainda mais vendo o sujeito que o Daniel é.

— E o Pedro, já sabe, também?

— O Pedro só vai saber quando o Daniel souber. Eu não quero mais confusões e você conhece o meu filho...

— Eu não tenho coragem de chegar e contar ao Daniel, que ele é filho do Augusto.

— Pensa que ele vai ser pego de surpresa por saber, isso é inevitável, é óbvio. Mas se souber que você sabia e não foi capaz de ser sincera com ele, vai quebrar a confiança que ele tem em você.

[...]

Eu passei algum tempo remoendo, repensando sobre ir eu mesma, contar tudo ao Daniel. Como não era lá mais um segredo só meu, eu contei para a Mari, que ao invés de me ajudar, porque era ela mais madura e decidida do que eu, ela ficou sentada na cadeira em frente a minha mesa, me olhando boquiaberta, sem dizer nada. Sem sequer piscar.

— Mari, por favor! — Eu falei carrancuda e ela voltou a procurar o que falar, mas voltava a ficar com a boca aberta, horrorizada. — Eu preciso de
NACIONAIS - ACHERON

ajuda, não de você em estado de choque!

— Você é tão sortuda, que acabou nos braços do ex-cunhado! – Ela falou, como se isso fizesse algum sentido, agora. Eu olhei-a entediada, e ela correu as mãos nos cabelos. – A Paola fez a cagada toda, ela tem a obrigação de contar.

— Ela sabe que eu sei. Eu a vejo usando isso pra jogar o Daniel contra mim!

— O Daniel é mais centrado, não vai se deixar levar por uma conversa mal feita da mãe dele. Loucura mesmo é essa mulher não aceitar o namoro de vocês. Vocês não são mais adolescentes dependentes dos pais, pra eles se meterem e quererem escolher.

— Mas...

— Espera passar o Natal, Réveillon e conta, então. Joga limpo com ele. O Daniel não pode simplesmente te culpar.

— Culpar de que? – O meu namorado perguntou ao abrir a porta e eu olhei-o, sem reação.

— Sobre o Pedro Luiz ser tão insuportável. – A Mari falou, e eu olhei-a horrorizada, pela mentira. A última coisa que eu precisaria, era de o Daniel desconfiando do Pedro.

— Ele é um insuportável, mesmo. – O Daniel falou, entrando na sala, cumprimentando a Mari com um beijo na cabeça e soprou um beijo no ar para mim, antes de se sentar. – Mas eu confio na
NACIONAIS - ACHERON

Bruna.

— E o Pedro não é alguém relevante para mim. – Eu resmunguei.

— Está tudo bem com o bebê, Mari? – O Daniel perguntou e a Mari sorriu fraco, assentindo.

— Vocês bem que podiam arrumar um, também. Ser grávida sozinha é assustador.

— Ser grávida com a Bruna iria te deixar louca. – O Daniel falou, e a minha amiga riu.

A Mari nos deixou a sós e eu me levantei para ganhar um beijo gostoso e carinhoso do meu namorado.

— O Augusto pediu que nós passássemos na casa da Leandra amanhã, antes de irmos para a sua avó. — Ele falou, e eu franzi o cenho, confusa. O Augusto, a Leandra e a Paola? — Eu acho é bem feito pra minha mãe, o cara tá todo doce atrás da ex-mulher.

— Uma passadinha rápida, porque ninguém merece ficar no meio de tanta discórdia.

— E eu prefiro a sua vó. — Ele me sorriu docemente e eu fiz uma carranca. — Ciúme feio, Bruna! — O Daniel riu, fungando em meu pescoço.

— E você, não trabalha mais não? — Eu perguntei, desabotoando a sua camisa social. Eu não devia, mas eu não liguei.

— Pedro Luiz estava numa discussão feia com o Augusto, o que atrapalhou uma reunião que eu tinha com ele. Então eu dei uma fugida. – Ele explicou, olhando o trabalho que eu tinha para desabotoar a sua camisa.

— O natal nós vamos passar com a minha avó, mas e o Réveillon? – Eu perguntei, olhando entediada para ele, que me parou e consertou a roupa.

— Eu estava vendo com o Joca. Eu queria viajar, todo mundo diz que em Floripa é bom, mas com a Mari grávida...

— Vamos pra Angra, só nós dois. – Eu pedi manhosa. – A partir de amanhã eu posso me dar

NACIONAIS - ACHERON

férias.

— Eu vou dar uma olhada em hotéis, então.

— Eu quero uma ilha bem tranquila e gostosa pra namorar. — Eu avisei e ele riu, assentindo.

— Está bem *viciadinha*, hein, filha. — Ele zombou, e dei um sorriso falso para ele.

— Você que é um gostoso.

[...]

Eu consegui uma hora no salão — que estava irritantemente cheio — para fazer as unhas.

Quando saí de lá, passei numa loja para experimentar uns vestidos que a Leandra comentou serem lindos e elogiou até o preço. Eu estava analisando o vestido vermelho, longo, com um corte lateral na perna direita, quando meu celular vibrou numa mensagem do Daniel pelo Whatsapp.

“vou te buscar pra dormir comigo hoje”

Eu li entediada a mensagem, porque era bem capaz de a sua mãe convidar a Dolores para um jantarzinho a me ver lá.

“com a sua mãe aí?”

“ela vai dormir fora, com o namorado”

Eu ignorei a ideia de dormir na casa dele, porque era mais fácil e nós teríamos mais privacidade se ele viesse dormir comigo. Além do que, nós poderíamos ir para o meu apartamento.

Mandeí uma foto do vestido para o Daniel, na intenção de saber se estava muito vulgar para um encontro familiar, mas ele apenas enviou que eu estava gostosa.

E me manipulou injustamente com uma foto onde ele mostrava a sua ereção, bem convidativa sob uma cueca boxer azul marinho.

Eu prometi que passaria em casa apenas para tomar um banho e pegar alguma roupa, e iria encontrá-lo.

Por favor, eu jamais conseguiria impor alguma vontade minha, recebendo uma proposta tentadora de tê-lo dentro de mim.

Eu sequer jantei e ouvi uma reclamação engraçada do meu pai, que ainda insistia em enciumar o Daniel.

— Para de show, amor. — A minha mãe falou, acarinhando a barba por fazer do meu pai e eu sorri.

— Ela não tem idade pra dormir com o namorado. — Ele resmungou e eu olhei-o, contendo o riso. Porque eu dormia com o Pedro e nunca tive que ouvir essas piadas. — Ela está trocando a família sem nem perceber.

— Meu deus. — Eu falei horrorizada. Era muito mais coerente dizer que o Daniel estava trocando a família dele pela minha. Isso sem nem saber se nós daríamos certo. Nós não tivemos a

NACIONAIS - ACHERON

sorte de aproximar as duas. A Paola era a culpada, no entanto.

— A Bruna não tem pretensão de se casar por agora, você deveria ficar mais tranquilo. — A dona Laura falou, e o meu pai olhou-a assustado. — E ela não vai aparecer grávida, por exemplo.

— Grávida? — O meu pai perguntou incrédulo e eu zombei um risinho.

— Eu já vou indo. Amanhã eu volto, pai. Não to indo morar com ele, não. — Eu brinquei, mas não fiquei para ouvir mais ladainhas dele.

Peguei um taxi, para o apartamento do Daniel

e o avisei que já estava indo.

Quando cheguei, subi e quando toquei a campainha do apartamento, a Dolores foi quem abriu a porta.

Eu olhei-a confusa, que me lançou um sorrisinho esguio, embora tenha parecido ser falso e me deu espaço para entrar, mas eu não o fiz.

O Daniel estava um pouco atrás, mas não perdia a pose de dono da razão. Ele nos encarava firme, como se não estivesse vestido apenas na

boxer que me mandou a foto.

Eu queria gritar e xingá-lo por estar dessa maneira na frente da mulher que o quer de volta, mas não iria fazê-lo na frente da Dolores.

Eu olhei mais uma vez para os dois, analisando a possibilidade de ter acontecido algo nesse tempo em que estavam a sós, mas preferi descartar a opção. Pelo menos por agora.

O silêncio incomodou por muito tempo, até o meu celular tocar numa ligação do Pedro Luiz.

Era engraçado eu receber uma ligação do meu ex num momento desses. Mas estava tão atordoada que atendi.

— Diz. – Eu falei bem baixo, porque me sentia meio perdida entre a Dolores e o Daniel.

— Então quer dizer que você me trocou pelo meu irmão! – Ele falou sarcástico, quero dizer, furioso e eu deixei o celular cair. A Dolores bufou um risinho e eu olhei atordoada para o Daniel, antes de me abaixar para pegar.

— O que? – Eu perguntei confusa, ouvindo uma risada exagerada do Pedro.

— Você já sabia de tudo, Bruna! Isso tudo não passou de que? Uma vingança? Ele era o filho perfeito que o meu pai queria ter e você achou justo me trocar por ele! – Ele berrou do outro lado e eu queria sair do apartamento para gritar de volta com o Pedro. Mas só finalizei a ligação.

Eu não havia trocado o Pedro Luiz. Era muito ridícula a afirmação. Eu voltei o meu olhar ao Daniel, esperando alguma explicação.

— Quem era? – Ele perguntou. Tão cheio de si que nem parecia estar quase nu em frente a sua ex, aquela que o quer de volta.

— A Dolores vai se juntar a nós esta noite? –
NACIONAIS - ACHERON

Eu perguntei, fingindo disfarçar o meu cinismo, mas ele continuou me encarando, esperando pela minha resposta.

— Não. Quem era no celular? — Ele perguntou impaciente e eu sorri falso para ele, entrando no apartamento e indo para o seu quarto.

Esperava que o Daniel fosse vir, depois de mandar a Dolores para o espaço muito rapidamente, mas como ele demorou mais de dois minutos, eu voltei para a sala.

A cena que eu encontrei não fora das

melhores.

Não, eles não estavam aos beijos, mas estavam tão próximos que a minha mão coçou bonito para ir à cara do Daniel. Ele estava quase sem roupa. Era muito fácil se vestir de prepotência para não escutar ninguém.

A Dolores me notou e levou uma mão para a lateral do rosto do Daniel. Como se ele fosse um idiota manipulável que fosse deixar. Eu torci os lábios num bico, e cruzei os braços, enquanto o Daniel ria e se afastava.

— Sem mais beijo roubado, Dolores. — Ele falou zombeteiro, e eu olhei-o horrorizada.

— Se você não sentisse falta, não teria correspondido. — Ela falou tranquilamente, com seu olhar oscilando entre nós dois. Eu já estava tremendo, nervosa, incapaz de assimilar que o Daniel era esse mentiroso.

Eu voltei pro quarto, para pegar as minhas coisas e ir embora, mas quando estava saindo, o Daniel me empurrou para dentro e fechou a porta.

— Quem era no celular? — Ele perguntou e eu bufei uma risada sarcástica.

— Sem mais beijo roubado, Dolores. – Eu imitei com uma voz enojada, mas ele não desarmou.

— Eu não a beijei de volta. – Ele resmungou.
– Quem era pra te deixar nervosa daquele jeito?

— Era o Pedro Luiz. – Eu sorri falso para ele, como se isso fosse uma vingança.

— Pra te deixar nervosa daquele jeito, era o Pedro Luiz? – O Daniel perguntou incrédulo, e eu encarei-o desdenhosa. – Sinceramente, Bruna...

— Ótimo seria você voltar pra Dolores, aí eu volto pro Pedro e tudo fica como antes. Sem mais discórdias!

— É isso que você quer? – Ele perguntou tranquilamente, correndo uma mão no cabelo, me deixando mais irritada por não entrar na minha intriga.

— Eu não aguento mais essa sua ex-namorada enchendo o saco o tempo todo! – Eu falei sufocada.
– Não tem relacionamento que dure, Daniel. Não é uma ligação do Pedro Luiz, é sempre ela!

— E o que ele queria a essa hora?

— Não importa! Você estava aos beijos com a sua ex! – Eu gritei com ele, que deixou escapar um riso, negando com a cabeça.

— Eu não estava aos beijos com a Dolores!
Vai me dizer que merda o Pedro Luiz queria a essa
NACIONAIS - ACHERON

hora? – O Daniel perguntou impaciente, me deixando mais irritada.

— Não é da sua conta! – Eu despejei para ele, por falta de uma desculpa melhor. O Daniel negou com a cabeça, correndo as mãos no rosto.

— Me diz como eu posso confiar em você, se toda vez o Pedro Luiz aparece?

— Eu não vejo o Pedro Luiz na minha casa me roubando beijo! – Eu falei furiosa com ele, que bufou um riso.

— Você não tem motivo pra querer usar a Dolores pra aliviar a sua culpa, Bruna! Pelo amor de Deus, seja madura uma vez na vida! O seu ex te liga e você fica tão nervosa a ponto de deixar o NACIONAIS - ACHERON

celular cair e quer me culpar porque a Dolores insiste numa volta? – Ele perguntou incrédulo, e eu fiquei quieta, encarando-o. Eu não tinha coragem de dizer para ela que todo mundo já sabia que ele, por um acaso, era filho do Augusto. E estavam com medo de contar para ele, bem porque ele era esse cara teimoso e prepotente. Quem teria coragem?

— Você fica quieta, você mostra que ainda gosta dele. Que se desse, você ainda...

— Não. – Eu resmunguei. – E eu to cansada disso, Daniel. A sua ex atormentando como se fosse conseguir e nem você consegue dar um basta. Tem tanta merda maior aí, e você se preocupando com uma ligação idiota do Pedro Luiz.

— Ela só te atormenta porque você deixa!

— Eu não tenho obrigação de manter a Dolores longe! – Eu aumentei o tom da voz. – Ela é parte do seu passado, você tem que dar jeito nisso! – Eu continuei. Estava me sentindo a poderosa por estar conseguindo, aos poucos, enfrentá-lo.

— Bruna, se eu pudesse, já teria mandado a Dolores para o espaço! Você não vem me culpar por isso, você deveria parar com esse show, porque eu não dei motivo nenhum pra você ficar insegura!

— Você deixou que ela te roubasse um beijo, Daniel! – Eu gritei inconformada.

— Vai se prender a isso?

— Se fosse ao contrário, se algum ex-namorado meu tentasse me roubar um beijo, você não iria se prender a isso, óbvio. Tão seguro, dono do mundo como você é...

— Você não vai usar esse sarcasmo pra me irritar. — Ele me sorriu fraco e eu fiz uma carranca. — Faz o que a Lola quer, mesmo. Briga comigo, me larga. Quem sabe num momento de carência eu não volto pra ela? — O Daniel perguntou tranquilamente e eu fui cega de ciúme, de raiva para dar um tapa no seu rosto, mas ele me segurou firme, me encarando de uma maneira fria que me deixou muito vulnerável ao choro.

— Eu não quero namorar alguém que só quer

mandar em mim. – Eu falei com a voz traidora embargando e tentei me soltar, mas ele não deixou.

– Eu quero ir embora, Daniel!

— Eu não sou o cara que vai atrás pra voltar.

– Ele avisou e eu dei de ombros, desfazendo da sua afirmação.

— E eu estou te deixando livre pra Dolores. – Eu resmunguei, fungando para não deixar que as lágrimas caíssem. – Quem sabe num momento de carência você não volte? – Eu usei o seu mesmo tom tranquilo, embora tenha parecido ser sarcástico.

Ele me soltou, sem nem um pedido pra que eu

ficasse, ou que pelo menos ignorasse toda essa merda e acabasse tudo com um beijo. Para que depois, quando estivéssemos mais calmos pudéssemos resolver todas essas questões incômodas.

Ele era orgulhoso demais para que déssemos certo. Talvez eu pudesse ceder sempre, porque para colocar na balança, fora esse gênio difícil e frustrante que ele tem, eu não conseguia apontar algo realmente negativo. Algo realmente ruim. Só a Dolores.

Eu peguei as minhas coisas e descí, sem que
NACIONAIS - ACHERON

trocássemos mais alguma palavra. Liguei para minha mãe, a procura de um socorro, mas como ela estava com a minha avó e era mais perto ir pra casa dela, que voltar pra casa e esperar, eu peguei um taxi.

Eu chorei um pouco durante o percurso, e o taxista ainda tentou me consolar e conversar.

Quando eu cheguei, elas estavam no jardim, onde havia algumas mesas postas e a minha mãe falava no celular.

A minha avó veio me cumprimentar com um abraço apertado e me analisou, antes de falar.

— Eu acho que enfim consigo reunir toda a família. — Ela falou animada. — O Daniel está animado pra conhecer todo mundo?

— Ele não vem. — Eu resmunguei, querendo voltar a chorar. Desviei o olhar, porque o olhar firme da Dona Cássia a espera de explicações me deixava sufocada.

— Vocês terminaram?

— Ele tem uma ex-namorada que me sufoca. Ele tenta, mas não consegue afastá-la e ele quer uma mulher segura que mostre para a ex dele, quem é que manda. Mas eu não consigo ser.

— Isso não é motivo pra terminar um namoro, Bruna. — Ela resmungou e eu bufei um riso. — Você quer um cara que mente, pra aliviar as traições?

— Eu não acredito que ele seria fiel a mim por muito tempo. — Eu zombei. — A vida que ele levava tinha mulher demais, ele abriu mão muito fácil.

— Você fala do Daniel, mas é outra mula teimosa. — Ela resmungou. — Você acha que ele vai te procurar? — Ela perguntou, e eu cheguei a rir.

— Ele falou que não é o cara que faz isso. Não é a toa que a ex dela quem está correndo atrás.

A minha avó me poupou de defender o Daniel, mas insistiu que a culpa era minha.

Ele era o idiota orgulhoso da relação e de repente, a culpa era minha!

Eu fiz a adolescente dramática durante a madrugada e não me dei limite nos doces. E me afundei num pote enorme de sorvete que encontrei no freezer.

Por ter passado a noite em claro, assistindo filmes que provavelmente já havia visto, invés de

PERIGOSAS

ser a independente emocional ou ir encher a cara, para fingir esquecer, eu dormi o dia inteiro.

Levantei a muito contragosto, lá pelas seis da tarde, porque tinha que fazer o cabelo. A preguiça de enfrentar um salão cheio me venceu, no entanto, e eu decidi me virar sozinha.

Deixei o cabelo com ondas bem feitas por um babyliiss e ignorei as perguntas presunçosas do meu pai, sobre o Daniel.

Eu saio para dormir com ele e volto pra casa solteira. Na véspera do natal. Tem coisa melhor?

NACIONAIS - ACHERON

Tomei um banho demorado, quente e depois, fiz uma maquiagem clara, nos tons puxados pro nude e um delineador de gatinho. Abusei o rímel e do lápis esfumado. Finalizei com um batom vermelho e me vesti com uma saia rodada estampada – esquecendo o vestido vermelho, e uma blusa de seda bege, com um decote profundo nas costas.

Calcei um scarpin preto, e coloquei alguns acessórios. Estava distraída com a câmera frontal do meu celular, quando me virei para a porta sendo aberta e me deparei com o Daniel.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Daniel Maia

Eu engoli o meu orgulho e a minha razão.

Ignorei o que eu achava ser o certo. O que eu
achei ser o certo a vida inteira.

Quando eu namorei a Dolores, não tinha essa
de terminar e eu ir atrás, implorar uma volta.
Principalmente se ela desse o passo para o fim. Era
sempre ela a ir, era sempre ela a voltar.

Com a Bruna era diferente. Ela foi embora, ela ignorou as minhas ligações. Quero dizer, ela desligou o celular para não recebê-las e antes disso, me deixou sem chance de conversa pelo Whatsapp. Ou por SMS.

Mesmo tendo passado por cima do meu ego e vindo procurá-la, para ajeitar as coisas, eu continuava a achando errada pela situação.

Beijo roubado da Dolores não era relevante. Nada vindo da Dolores era.

A Bruna que bancava a mocinha insegura e

simplesmente se deixava levar. O que chegava a ser ridículo. Porque eu não sabia definir quem era mais ingênua: a Bruna por acreditar na Dolores, ou a Lola, por achar que esse joguinho falido de discórdia daria certo.

Deixar que a Bruna levasse a diante esse término infantil, que ela inventou por não conseguir a atenção que queria, não era algo que eu queria deixar virar coisa séria. Coisa prolongada. Deixei que ela fosse embora, achando que ela fosse voltar.

Mas ela não o fez. E nem nos deu chance de conversa. E eu estava ao lado dela de coração, de

NACIONAIS - ACHERON

alma limpa, não podia deixar escapar.

Sorri fraco ao notar seu olhar assustado sobre mim e fechei a porta, indo até ela, mas ela desviou.

— O que você tá fazendo aqui? — Ela perguntou na defensiva, me apontando o celular e eu deixei escapar um risinho.

— Tentando consertar o seu blefe ridículo da noite passada. — Eu murmurei tranquilamente e ela forçou uma risada um tanto sarcástica.

— Não foi um blefe. — A Bruna falou arqueando as sobrancelhas, demonstrando desdenhar, mas eu ignorei.

— Sim, foi um blefe.

— Se eu quisesse continuar com você, eu não teria vindo embora. — Ela me sorriu falso, mas talvez, eu já a conhecesse o suficiente para saber que estava mentindo. E também, eu não teria vindo até aqui se soubesse, se sentisse que não era correspondido. — Você combina com alguém insistente como a Dolores. E eu sou imatura demais, pra alguém tão dono do mundo e da verdade como você.

— Eu estava errado! — Eu alterei um pouco a voz, engolindo de vez o meu ego para convencê-la, mas ela inclinou a cabeça para o lado, com essa maldita careta de desdém. Corri as mãos no rosto,

respirando fundo para manter a paciência. Namorar a Bruna era quase perfeito, se não fossem essas discussões. Ela conseguiria pirar Freud.

— Claro que não estava, Daniel! — Ela falou, sendo no mínimo, irônica. — Você estava quase nu em frente à Dolores, ainda a beija, mas não estava errado! Jamais. Você nunca está!

— Você estava recebendo ligações do Pedro Luiz. — Eu rebati, por falta de argumento, mesmo. Era terrivelmente difícil conseguir manter o bom senso com a Bruna. Sem perceber, eu acabava entrando na sua ladainha infantil e perdendo o foco.

— Eu provavelmente vou estar quase nua e recebendo beijo roubado dele, esta noite. — Ela

NACIONAIS - ACHERON

falou desdenhosa e eu acabei rindo. — E você pode ir ficar carente e voltar pra Lola.

— Se eu estiver carente, e quiser outra, eu tenho uma lista enorme com mulheres disponíveis.

— Ótimo pra você.

— Mas eu não quero outra pessoa, Bruna. — Eu falei malevolente, me aproximando dela, que desta vez, não recuou. — Eu gosto de ficar com você. O coração fica calmo com você.

— Você se acha muito esperto. — Ela resmungou e eu usei a deixa para abraçá-la por trás.

— Você deveria ser mais esperta, também. Eu não costumo ficar correndo atrás.

— Não sei o que você está fazendo aqui, então. – Ela falou, ficando arrepiada com os beijos que eu deixava pelo seu pescoço exposto.

— Para de complicar as coisas, vai... – Eu sussurrei, tentando encontrar as nossas bocas quando ela se virou de frente para mim, mas ela não deixou. Eu suspirei forte.

— Se a Dolores continua investindo, alguma esperança ela tem.

— Meu deus.

— Eu não vou continuar com você, se você continuar ignorando a Dolores e o quanto ela me incomoda.

— E o que você quer eu faça? – Eu perguntei, porque o que estava ao meu alcance, eu já havia feito. Se a Dolores criou algum tipo de esperança sobre nossa volta, foi por mérito e loucura dela. Eu já havia deixado claro que não estava disposto e que não havia mágoa. Havia raiva, agora. A Bruna já era esse ser humano extremamente mimado e o destino me devolve uma Dolores pra ativar esse lado dela.

— Eu quero que a Dolores suma! – A Bruna fez uma carranca engraçada e eu acabei rindo. – Eu não aguento mais e você acha engraçado!

— É engraçado, porque a única que leva a Dolores a sério, é você. Aposto que até ela sabe que

NACIONAIS - ACHERON

não está adiantando.

— E ela ainda tem a sua mãe, ajudando.

— A minha mãe não tem poder nenhum sobre qualquer decisão minha. Eu estou com você. E eu quero ficar. – Eu falei, acariciando a lateral do seu rosto, mas ela desviava quando eu tentava beijá-la.

— Quer mesmo? – Ela perguntou minuciosa e eu sorri fraco pela insegurança besta.

— Eu estou aqui. – Eu sugeri, escorregando a mão por entre o seu cabelo macio, o puxando um pouco, para que ela não pudesse desviar.

— Daniel vai te sujar d... – Eu a interrompi, forçando nossas bocas, porque ela não queria

PERIGOSAS

corresponder ao beijo.

O batom borrado era um detalhe insignificante demais para eu levar em conta.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 15

Eu estava em frente ao espelho, dando um jeito no meu batom completamente borrado, enquanto o Daniel me observava, com um sorrisinho maroto. Eu deixei para depois os meus questionamentos sobre voltar e se daria certo, se continuaria dando certo, com uma ex-namorada dele que não desiste. Com ele que está leigo em relação a algo que só diz respeito a ele, e que todo mundo – inclusive eu – já sabia.

Eu me manteria assim, muda até essa história

sobre o Augusto vir à tona, porque o Daniel tem se saído imprevisível. Diz que não é o cara que vai procurar e propor uma volta e cá estamos nós. E eu não sabia como seria a sua reação.

— Eu não acho que o seu pai tenha ficado muito feliz, quando me viu aqui. — Ele comentou e eu olhei-o através do espelho. — Ele fez a mesma pergunta que você.

— A minha avó vai ficar, eu aposto. — Eu zombei, ficando arrepiada por ele ter fungado no meu pescoço.

— Me perdoa por ter deixado você vir embora. — Ele sussurrou e eu sorri pela sua maneira tão fácil de saber me manipular.

— Se acontecer outra vez, que você esteja preparado para voltar com a Dolores.

— Não vai mais acontecer. — Ele falou docemente e eu me virei, deixando um beijo breve nos seus lábios. — O Augusto queria que nós passássemos na casa da Leandra, primeiro.

— O que? — Eu perguntei confusa. Não fazia o menor sentido o Augusto e a Paola na casa da Leandra em pleno Natal. Ainda mais com o Pedro Luiz lá, já sabendo de tudo.

Por mais que uma parte em mim achasse justo o Daniel ficar sabendo sobre o seu pai biológico, eu não achava que esse seria um presente de Natal que

NACIONAIS - ACHERON

ele receberia com total alegria e positividade.

— Eu não dou mais dois meses pra ele querer voltar com a ex-mulher. — O Daniel comentou, e eu torci os lábios.

— Muito burra a Leandra se voltar, não é? Ela ainda é nova, pode muito bem reconstruir a vida.

— O Augusto e a minha mãe são muito iguais pra darem certo.

— Pessoas iguais geralmente dão certo. — Eu discordei dele, que bufou um risinho, negando com a cabeça.

— Eles são muito prepotentes e ninguém aceita o ponto final do outro. Isso só está dando

certo pra eles agora, porque eles têm saudade.

— E eu acho que não tem nada a ver nós dois na casa da Leandra. Em pleno natal.

— Não quer ver o Pedro Luiz? – O seu tom soou sarcástico e eu o encarei.

— Eu não acho que combine com o clima familiar que eu estou acostumada no Natal. – Eu falei resignada. – Eu fui acostumada a passar em família, comendo muito, ganhando mimos e não em meio a brigas. Porque você há de convir que não tenha nada a ver, o Augusto e a sua mãe com a Leandra.

— Eles estão nos esperando.

— Porque você quer ir? — Eu aumentei o tom, quase involuntariamente, me sentindo pressionada por ele querer ir.

— Eu não disse que queria ir! — Ele rebateu, sendo mais sobrepujado do que eu fui, me deixando irritada. — Você que exagerou tudo, porque parece nunca superar o ex.

— Quem falou do idiota do Pedro Luiz? — Eu perguntei, como uma adolescente furiosa e cheia de razão. — Você o enfia na conversa, e depois sou eu quem não superou!

— Bruna... — O Daniel fez uma pausa na respiração, antes de voltar a falar. — Nós não precisamos ir, então.

— Ótimo. — Eu sorri falso para ele, que bufou um suspiro.

Quando nós chegamos à casa da minha avó, eu fui abandonada, porque ela roubou meu namorado para apresentá-lo aos ali presentes. Os parentes que eu conhecia estavam todos ali, pelo que eu pude ver. No último natal eu havia apenas vindo dar um abraço e deixar um presente para a Dona Cássia, já que o Pedro não fazia questão de ficar e eu era tão apaixonada para fazer das vontades dele, as minhas. Invés de ele ficar com a minha família, era eu quem ficava com a dele.

Enquanto o Daniel e a minha avó passeavam como um casal, eu fiquei perto da mesa onde estava o Buffet, comendo feito uma morta de fome. Porque eu poderia apostar que qualquer pessoa extrapola nas festas de fim de ano, mas eu era quase falta de educação. Eu poderia ver a minha mãe me regulando, como quando eu passava os natais com eles.

Eu estava com a boca cheia de um pão crocante com um tempero gostoso, quando o meu namorado se aproximou, junto com a Marcela. Uma prima de primeiro grau.

Parei de mastigar, olhando para a mão dele na base das costas dela e como não dava para engolir tudo de uma vez, eu queria cuspir e dar uma crise de ciúme, porque ela era aquele parente distante que queria todos os meus namorados.

— A Marcela é um caso antigo do Tadeu. — O Daniel falou e eu sorri ironicamente para ele. — Que mundo pequeno, Bruna.

— Minúsculo.

— Nós deveríamos marcar algo, Dan. — A Marcela falou e eu a olhei. — Fala com o Tadeu, depois.

— O Tadeu é comprometido.

— O Tadeu nem presta, então comprometido ou não, ele leva uma vida de solteiro. — Ela falou, invadindo a mesa, também. — E você não para solteira, não é? O que aconteceu com o Pedro? Ele era um gato.

— Engravidou a Luciana. — Eu resmunguei e ela me olhou assustada.

— Vão falar sobre o Pedro? — O Daniel perguntou e eu encarei-o entediada.

— Eu soube que a Dolores está no Brasil. — A Marcela voltou a falar e eu fiz uma carranca, deixando claro a minha aversão a esse assunto. — Um milagre que não tenham voltado.

— Mas ela quer, porque não dá paz.

— Ela é ótima, mas o Daniel era um pateta na mão dela.

— Ele é tão dono do mundo, que nem parece que foi um capacho da ex. — Eu provoquei enciumada, porque ela conseguia dele o que queria que ele fizesse, e eu não. Comigo era quase ao contrário.

— Eu estou aqui. — O Daniel falou tranquilamente. — Os seus pais não vem?

— Devem ter passado na Leandra.

— Você está com raiva de que, exatamente? — O Daniel perguntou e a Marcela saiu, levando consigo alguns salgados.

— Eu não estou com raiva. Só acho ridícula a maneira como a Dolores tem domínio sobre você e todo mundo sabe disso.

— A única pessoa que tem domínio sobre mim agora, é você. – Ele falou sorrateiro e eu fiz uma carranca por ele ser tão cafajeste. – Tanto é que eu não deixei que você colocasse um fim.

— Você acha que manda em tudo, Daniel. – Eu resmunguei, estava impaciente e nervosa, mas já nem sabia o real motivo.

— Eu mando em que, amor? – Ele perguntou e eu encarei-o, como se a pergunta dispensasse resposta. – Qualquer decisão nossa é predominada por você.

— Cínico! – Eu acabei rindo.

— Você escolhe tudo e eu sempre deixo. –
Ele me sorriu docemente, se aproximando e eu
deixei que me desse um beijo casto.

— Eu queria falar com você, filha. – A minha
mãe falou, subitamente parando ao meu lado,
interrompendo o meu beijo.

— Pode dizer. – Eu falei e ela apertou os
lábios, seguindo para dentro da casa. Eu olhei para
o Daniel, e dei de ombros, antes de seguir a minha
mãe. Encontrei-a subindo as escadas, e entrei num
dos quartos, atrás dela, que fechou a porta.

— Que cara é essa? – Eu perguntei, deixando
escapar um risinho, e ela permaneceu me
NACIONAIS - ACHERON

encarando. Séria demais.

— O Daniel é filho do Augusto. — Ela afirmou, resignada demais, esperando a minha reação. — E você sabia disso.

— Sim.

— Que merda você tem na cabeça, pelo amor de Deus? — Ela falou exasperada e eu desviei o olhar. — Porque você não pode ser normal! Uma pessoa sensata se mantém longe de uma situação estragada dessas! Ou no mínimo, seria boca aberta o suficiente pra contar!

— Eu não tenho culpa de o Daniel ser filho do Augusto!

— Desde quando você sabe, Bruna? — Ela forçou uma risada sarcástica. — O seu ex-namorado não poupou a aversão dele com você! Porque segundo ele, você só está com o Daniel por vingança! E eu conheço você... — Ela falou irritada, de uma maneira que eu só vi, quando ela soube que o meu primeiro namorado usava droga. Era só maconha. Mas a fez pirar.

— Eu não estou com o Daniel por vingança!

— O Daniel é o filho perfeito, Bruna! O Pedro é o cara mimado que só não tá na merda hoje, porque a família tem dinheiro! Você soube que eles eram irmãos, que isso viria à tona uma hora e ficou com o Daniel!

— Isso não faz o menor sentido! – Eu falei horrorizada, me sentindo ameaçada pelo choro.

— A educação que eu te dei, os valores, os princípios, não valeram de nada? – Ela gritou incrédula e eu desabei. As lágrimas vieram tão rapidamente, que eu não consegui nem disfarçar.

— Você está levando a sério o Pedro Luiz!

— Você está usando um cara que te ama, que vale a pena por causa do Pedro Luiz! – Ela falou horrorizada, pressionando as próprias têmporas, como se não conseguisse assimilar tamanho absurdo.

— Eu não estou usando o Daniel! – Eu falei, com a voz entrecortada pelo choro.

— Então prova, Bruna! Se você não está usando o Daniel, desce e conta tudo pra ele! Se você ama esse homem e quer ficar com ele, desce e conta a verdade pra ele. Se não é pra provocar o Pedro Luiz, vai lá, porque não tem pessoa melhor pra contar uma merda dessas pra ele!

— Eu não posso! — Eu chorei mais, porque não tinha coragem de fazê-lo.

— Se você não o fizer quem vai estragar tudo sou eu. — Ela falou num tom ameaçador, e eu me deixei cair sentada na cadeira que havia ao meu lado. Escondi o rosto entre as mãos, e me deixei ir num choro engasgado.

A minha mãe saiu do quarto, deixando a porta aberta e eu não conseguia me acalmar e parar de chorar. Não conseguia imaginar uma cena de final feliz, ao contar para o Daniel que ele era filho do Augusto.

Nem soava real. Seria muito fácil se o destino o fizesse filho de outro cara. Que a Paola tenha errado nas contas. Que ela tenha tido outro homem. Algum que tenha o mesmo perfil do Augusto, para explicar a semelhança.

Deus poderia fazer esse tal milagre.

Eu chorei tanto, que acabei deitando na cama, não me dando o trabalho de olhar quem entrou no quarto e fechou a porta.

Invés de me confortar, eu chorei ainda mais, quando o Daniel deitou comigo, me aconchegando em seus braços. Eu me sentia indigna de olhar para ele.

— O que houve? — Ele perguntou e eu balancei a cabeça, chorando feito uma criança perdida da mãe. — Bruna, tá me deixando preocupado.

— Eu... — Eu tentei falar, mas além de estar sufocada pelo choro, eu nem sabia o que dizer para ele.

— Brigou com a sua mãe? — Eu só concordei, encontrando o seu sorrisinho fraco. — Você não sabe lidar com isso? Sério?

— Você não escutou o que ela me disse.

— E o que foi? — Ele perguntou, e eu olhei-o. Desci o olhar para a sua boca e me aproximei mais, selando nossos lábios antes de iniciar um beijo calmo. O Daniel encerrou duas vezes, mas eu forcei, e fui para cima dele, descendo para a sua ereção e encaixei nossos corpos. Desci os beijos pelo seu pescoço, voltando para a boca

rapidamente.

— Bruna... — Ele falou, me segurando. — Olha onde nós estamos.

— Eu tranco a porta. — Eu falei indo rapidamente, mas ele levantou também. Eu olhei-o pedindo, e ele riu, destrancando a porta, mas eu tranquei de novo. — Por favor?

— Bruna... — Ele repreendeu, porque eu desci as alças da minha blusa, mas o meu namorado desviou o olhar. — Bruna, a sua família inteira está aí, e você quer simplesmente transar agora?

— É. — Eu falei, apelando mais e desci a calcinha, junto com a saia.

— Veste essa roupa, Bruna! – O Daniel falou impaciente, catando as minhas roupas do chão, mas eu o empurrei até a cama, montando em seu colo.

— Bem rapidinho, prometo. – Eu sussurrei, antes de juntar as nossas bocas.

[...]

O que eu queria de presente nesse Natal, para ser bem sincera, era esconder o Daniel das verdades que estavam por vir. Ele estava tenso, como se fôssemos crianças prestes a ser pegos fazendo coisa errada. Eu estava com medo, mas de perdê-lo.

De, de repente, ele acreditar na mesma versão que a minha mãe e me largar. De a Dolores reconquistá-lo. De ele não saber lidar com o Augusto. De o Pedro não saber lidar com ele, porque não saberia.

— Você é meio louca. — O Daniel falou, quebrando o nosso silêncio, e eu grunhi.

— Eu só estava com saudade.

— Porque nós só tínhamos esse momento. — Ele zombou e eu me sentei.

— Eu queria conversar com você, depois. — Eu falei, ficando agoniada só de pensar.

— Diz agora. – Ele pediu tranquilamente, e eu me levantei, pegando as minhas roupas do chão.

— Depois. É coisa séria. – Eu falei, vestindo a minha calcinha.

— Diz agora, Bruna. – O Daniel resmungou, se levantando e pegando as suas roupas, também.

— Agora não. – Eu reclamei, passando as mãos pelos cabelos, para alinhá-los.

— Eu detesto isso. – Ele falou carrancudo, enquanto eu vestia a minha roupa. – Se não vai dizer agora, não atíça a curiosidade.

— É bobagem. – Eu desconversei, mas ele me lançou um olhar reprovador.

— Você acabou de dizer que é coisa séria.

— Ai, para de me pressionar. Eu vou falar na hora certa.

— Falar o que? — Ele aumentou o tom impaciente e eu olhei-o assustada. O Daniel correu as mãos no rosto, respirando fundo. — Passa mil merdas na minha cabeça com esse suspense ridículo.

— Passa o que? — Eu fui até ele, o puxando para um beijo.

— A primeira coisa é uma gravidez. E eu nem sei o que ia ser da gente. Você é louca imatura, termina comigo a cada crise de ciúme. Não tem estrutura pra um namoro, que dirá pra uma

NACIONAIS - ACHERON

gravidez? – Ele falou atordoado, como se fosse mesmo isso e eu acabei rindo.

— Então você não ia querer? – Eu perguntei presunçosa, porque brincar com esse assunto, nos tiraria da tensão sobre o outro. Ele permaneceu me encarando, esperando por mais informação, mas eu só consegui rir.

— Você me disse que tomava anticoncepcional.

— Eu só perguntei se você não ia querer.

— Eu ia querer, mas não agora. Você é muito nova, Bruna. A gente tem tanta coisa pra fazer junto antes de pensar nisso... – O Daniel falou meio desconexo, e tomou uma mão na sua, que estava

NACIONAIS - ACHERON

gelada. – Você brigou com a sua mãe por quê?

— Eu não estou grávida.

— Bruna, não mente pra mim. – Ele pediu cauteloso. – Eu não vou surtar, nem te deixar sozinha. Eu prometo. – Sua voz soou num sussurro no fim da frase.

— Eu não estou grávida. – Eu falei, encarando-o firme. – É sério, Daniel. Se fosse isso, eu não iria esconder justo de você.

— Me diz, por favor, que você e a sua mãe não brigaram por isso.

— Não... – Eu reclamei malevolente. – Nós não temos um bebê a caminho e eu posso te falar da

briga depois. Ok? Vamos descer.

O olhar fixo da minha mãe em mim durante a ceia me tirou a fome. O que não era para ter acontecido, porque a comida parecia deliciosa. A minha avó nos olhava, percebendo o clima pesado entre nós duas.

O Daniel, sendo muito educado e sociável, interagia bem, sem precisar de mim para isso. O meu pai estava alheio, pensativo. Eu estava morta de medo. Queria um jeito de arrastar o Daniel embora, o mais rápido possível. Se a minha mãe fosse louca o suficiente, não esperaria até amanhã

NACIONAIS - ACHERON

para jogar tudo no ventilador.

Era quase uma da manhã, eu estava junto com a Marcela e o Daniel, nós bebíamos um vinho muito gostoso e conversávamos bobagens, quando eu avistei o Augusto e a Paola. Eu involuntariamente abracei o Daniel pela cintura, por medo. Quando a minha mãe os cumprimentou e eles vieram até nós, eu fiquei tão nervosa que a minha taça caiu no chão, molhando os meus pés, com a bebida derramada. O Daniel me olhou confuso, mas eu já nem me sentia direito. Nem o ar eu conseguia inspirar direito.

— Eu queria conversar com você, Daniel. — O

Augusto falou, e eu puxei o ar com força.

— Diz. — O Daniel falou firmemente, e eu o puxei para que me olhasse.

— Eu estou grávida! — Eu falei, porque isso obviamente nos desviaria de qualquer assunto. Era muito mais sério ele estar para ser pai, que descobrir quem era o seu. Eu queria ter conseguido me manter de pé para ver a reação e ter certeza que nada seria dito agora. Porque eu sabia que viria junto à versão ridícula do Pedro Luiz e eu perderia o Daniel. Mas tudo rodou muito rápido e ficou escuro.

Mas uma mentira não salva a outra e eu
NACIONAIS - ACHERON

deveria saber.

Quando eu acordei, havia muita gente no quarto e o Daniel estava sentado ao meu lado, na cama. Eu olhei envergonhada para todo mundo, mas foquei no Daniel.

Eu então recordei os últimos minutos que antecederam o meu apagão. Eu estava grávida, sem estar. Mas qualquer pai e mãe sensatos não deixariam o filho perfeito passar por dois sustos ao mesmo tempo. E eu daria um jeito de desmentir isso depois. E eu poderia conversar com ele sobre o Augusto, depois. Hoje era dia de comemorações, NACIONAIS - ACHERON

não de notícias que mudam a vida de uma pessoa.

E o Daniel não merecia passar por isso agora.
E eu não merecia perdê-lo. E eu não queria perdê-lo.

— Tudo bem? – O meu namorado perguntou docemente e eu concordei, apertando a sua mão na minha. – Porque não me disse antes? – Ele continuou com essa paz tão fajuta que eu quis chorar. E eu chorei, porque a minha visão embaçou de tanta lágrima.

— Eu posso ficar sozinha com você, um minuto? – Eu pedi, não imaginando como consertar o meu blefe. Eu não poderia simplesmente dizer

NACIONAIS - ACHERON

que eu inventei um filho, só por estar com medo de ele descobrir que é filho do Augusto. Seria ridículo. Mas eu não tinha outra maneira de contar a verdade para ele. A angústia me dominou de forma injusta, e eu funguei, tentando não me render ao choro. A minha mãe, educadamente pediu para que todos se retirassem do quarto, mas ela ficou. O Augusto e a Paola também. — Eu queria ficar sozinha com o Daniel. — Eu falei, olhando rancorosamente para minha mãe, que invés de me dar oportunidade de me explicar, tomou como verdade, o que o Pedro Luiz inventou.

— Bruna, o que nós temos pra falar, você já sabe. — O Augusto falou, educadamente e eu olhei-

o ainda mais perdida.

— O que? – O Daniel disparou rapidamente.

— Você deveria deixá-los a sós, filha. – A minha mãe falou, mas eu a ignorei, tomando a mão do Daniel na minha.

— Não me deixa sozinha. – Eu pedi desesperada. Porque se até a minha mãe levou o Pedro Luiz a sério, os outros me apedreariam de maneira pior. E eu só não queria perdê-lo.

— Tudo bem. – O Augusto suspirou pesado e eu olhei-o. – Eu espero você em casa, Daniel. Amanhã. É algo muito importante para todos nós e eu não quero mais adiar.

— Tudo bem. — O Daniel resmungou, voltando a sua atenção para mim. — Tudo bem?

— Eu quero ir embora.

Nós deixamos a casa da minha avó, e o Daniel, mesmo contra a minha vontade, me arrastou para a sua casa. No entanto, os seus *pais* não estiveram ali.

Eu acordei com uma ligação apavorada da minha mãe, avisando só que estava no hospital, porque a minha avó havia passado mal.

Sequer passei em casa para trocar de roupa e fui até lá com o Daniel. O meu pai estava com ela no quarto e eu encontrei a minha mãe na sala de espera.

— Aparentemente um belo susto, porque a neta preferida dela disse que está grávida. — A minha mãe falou, me encarando firme. Para ser muito sincera, eu odiava essa mãe que me corrige invés de me entender. A última coisa que eu precisava ou queria nesse momento assustador, era ela tentando me colocar juízo invés de fazer como sempre, me defender.

— Ela está bem? — O Daniel perguntou. — Foi muito cedo, mas eu vou cuidar de tudo.

— O problema está na Bruna, Daniel. — A minha mãe sorriu complacente para ele. — Eu não sei que maturidade essa menina tem pra ter uma criança. — Ela falou, como se eu por acaso, estivesse grávida de propósito.

— Vai dar tudo certo. — O Daniel se limitou a dizer, muito provavelmente por concordar. Eu fiquei quieta, tentando arquitetar um plano para contar toda a verdade. Antes que mais alguém dissesse algo, o Daniel se afastou para atender o celular.

— Bruna! — A minha mãe me chamou, quando eu ia me afastando, para evitar outra briga. — Eu não sei o porquê de você me esconder uma

desconfiança dessas.

— Mãe...

— Me diz pelo amor de Deus, que isso não foi de propósito, que o Pedro teria um filho e você...

— Eu não estou ouvindo isso de novo... – Eu neguei com a cabeça, rindo incrédula. – Se eu amasse o Pedro Luiz, provavelmente estaria com ele. Mas eu só não quero, e eu amo o Daniel! – Eu despejei furiosa. – Eu não sou essa pessoa sem caráter que você está maquiando na cabeça e você deveria saber, afinal é a minha mãe! – Eu continuei, cheia de razão, mas ela foi impedida de continuar, porque o Daniel voltou, me abraçando de lado.

— Tudo bem aqui? – Ele perguntou, deixando um beijo casto na minha cabeça. Eu concordei, vendo o meu pai se aproximar.

— Foi só um desmaio. Muito provavelmente por alguma emoção forte. Como a irresponsabilidade da Bruna em aparecer grávida. Em pleno Natal. – O meu pai falou, mas era mais por estar enciumado, porque o seu olhar furioso pairava no Daniel.

— Eu vou precisar ir pra casa agora, Bruna. – O Daniel falou, sabiamente ignorando o meu pai, porque se ele começasse a responder, eu não queria imaginar um depois. – Você vem comigo?

— Eu preciso ir pra casa, trocar essa roupa. –

Eu falei, torcendo os lábios, e ganhei um beijo rápido e carinhoso dele.

— Eu te ligo e a gente faz algo mais tarde. Você sabia que estava grávida e mesmo assim bebeu, ontem. — Ele resmungou, como se lembrasse de repente, e eu apertei os lábios, envergonhada.

— Já poderia aproveitar e marcar uma consulta com o obstetra. — A minha mãe falou, e eu a olhei, me sentindo encurralada.

— Eu vejo isso depois. — Eu desconversei, ganhando um beijo na testa do Daniel, que logo em seguida foi embora.

[...]

Só em casa, no banho, eu caí na realidade de que o Daniel precisava ir para casa, e o Augusto teria a maldita conversa com ele. Larguei o chuveiro ligado e saí toda ensaboada para pegar o meu celular.

Eu liguei uma vez, e chamou até cair. E o fiz outra e outra, em vão.

O pânico tomou conta de mim, porque ou ele não estava para ninguém, ou não estava só para

mim.

Terminei meu banho de qualquer jeito e me enrolei num roupão, voltando a ligar para o meu namorado, mas era em vão.

Eu cheguei a apelar e liguei para o Augusto, porque eu estive disponível quando ele decidiu invadir o meu escritório, ele deveria ao menos, me dar uma luz do que estava acontecendo.

O pânico me consumiu a manhã inteira, e eu sequer consegui almoçar.

Estava na minha cama, provavelmente efetuando a milésima ligação para o Daniel, quando a minha avó entrou, fechando a porta atrás de si. Eu a olhei, me sentindo angustiada ao notar o seu sorriso doce para mim.

— Eu sequer cheguei a desmaiar e o seu pai me arrastou pra um hospital. — Ela reclamou, se sentando à beirada da cama, mas não parava de sorrir.

— Meu pai é todo extremista.

— Ele queria chamar uma ambulância quando foi você, mas o Daniel não deixou. — Ela deixou escapar um risinho. — Ele é mais sensato, por isso

NACIONAIS - ACHERON

confio nele para estar com você.

— Oh, *vó*... — Pareceu mais um grunhido e os meus lábios tremeram.

— Eu pensei que você fosse um pouquinho responsável com essas coisas, porque a melhor fase do casal é o começo. Filho vem depois, pra firmar de vez. Eu já imaginava que vocês fossem ficar mesmo juntos, mas engravidar agora vai ser complicado. Porque você é tão nova e tão imatura Bruna... — Ela falava tranquilamente, enquanto eu, fraca, me rendia ao choro silencioso, sem coragem para desmentir. — A sua mãe estava furiosa, dizendo que você usou o Daniel para enciumar o seu ex.

— Eu não seria capaz. — Eu solucei, limpando as minhas lágrimas.

— Eu sei que não, qualquer um vê a desvantagem. O Daniel é um cara decidido e você se deixa moldar por ele, eu imagino que seja para não perder.

— E o amo. — Eu sussurrei, angustiada.

— Eu espero que seja um menino, porque ser filha de um cara como um Daniel não vai ser fácil.

— Ela brincou e eu deixei escapar um risinho. — Essa criança será muito amada, minha neta. Você nunca estará sozinha.

— Obrigada. — Eu sussurrei incapaz de dizer toda a verdade.

— O seu pai está todo enciumado... Disse que sabia desde o começo, que o Daniel ia levar você de vez.

— Eu espero que ele me leve. – Eu sussurrei, angustiada demais pelas ligações ignoradas.

— Ele nos passa aquela segurança de cara certo que a sua mãe ama, e o seu pai tem medo. Mas isso é bom.

— É... – Eu só concordei, por não saber bem o que dizer.

— Se troca e desce pra comer alguma coisa. – Ela pediu, se levantando.

Eu fiquei mais algum tempo na minha cama, sucumbindo ao choro, com vergonha de mim e da minha burrice em inventar um filho.

Que pessoa sensata faz uma coisa dessas?

Eu estava me sentindo como uma vilã da novela das sete, que inventa uma gravidez para não perder o cara.

Eu me troquei, vestindo um vestido estampado, solto no corpo e estava desembaraçando os cabelos, quando o Pedro Luiz

me ligou. Iria ignorar a ligação, mas ele insistiu mais duas vezes.

— Eu espero que você pague por toda essa merda de vingança, Bruna. Porque depois de tudo que nós vivemos, você ainda foi capaz de ir atrás e seduzir o meu irmão, achando que ia me abalar! — Ele falou, despejando veneno para tentar dissipar a sua raiva. Eu fiquei quieta, indisposta a dar corda ao Pedro Luiz, com tanta coisa mais séria acontecendo no mundo. — Só pra você ter uma noção, não ache que ele vai ser burro feito eu, que vai achar bonita a sua esperteza! — O seu tom era quase sarcástico. — Você foi tão vagabunda, que até engravidar, pra imitar a Luciana, engravidou.

— Você blefa tanto, Pedro, que eu tenho pena. – Eu falei. Num tom baixo para não revelar a minha voz de choro.

— Eu blefo? – Ele riu. – Me diz quem vai criar o seu filho? Hein? Porque o da Luciana eu vou assumir, eu vou amar. E pela maneira como o Daniel saiu daqui, não me parece que vai querer ver você nem pintada de ouro.

— Isso é ridículo... – Eu falei, com a minha voz traidora embargando.

— Sorte da ex dele, não é? Me disseram que ela está louca pra voltar. E se ele for esperto, se livra logo de você! – Ele blasfemou mais uma vez, e eu encerrei a chamada. Eu, por mais errada que

fosse a esconder, não era merecedora de ouvir esse tipo de coisa.

Eu não me preocupei em ligar mais uma vez para o Daniel, porque era muito nítido que seria ignorada. Peguei as chaves do meu carro, e o meu celular. Segui para o apartamento dele, porque eu tinha a cópia da chave e por mais que ele não fosse como eu, qualquer pessoa iria querer um lugar, onde ninguém o procuraria.

Também decidi não cogitar a possibilidade de ele pensar que eu correria para lá atrás dele, porque era a minha única esperança.

Quando eu entrei, a porta estava aberta e a minha mente pessimista imaginou que eu o encontraria com a Dolores. Mas ele estava sozinho, na sacada, para ser exata. Eu bati duas vezes na porta, para que fosse notada, e sendo a pessoa fraca e chorona de sempre, desabei só de notar o seu olhar avermelhado.

— Se eu não atendi, provavelmente queria ficar sozinho. — Ele falou baixo, fungando e correu a mão no nariz.

— Eu fiquei preocupada.

— Eu só fiquei surpreso porque você foi a primeira pessoa a me atormentar, Bruna. A
NACIONAIS - ACHERON

primeira pessoa que o Augusto foi contar toda essa merda e de repente... – Ele bufou um risinho cansado.

— Eu fiquei com medo.

— Medo de que? Eu iria certamente te culpar porque a minha mãe sumiu grávida? – Ele zombou irritadiço. – E a confiança, Bruna?

— Daniel... – Eu grunhi, me deixando ir sem freio no choro.

— É tudo tão fácil e você sempre coloca uma mentira no meio. O seu ex, - Ele fez uma pausa. – meu irmão, – Riu, sendo sarcástico. – estava lá, fazendo um show ridículo, inventando uma historia fajuta de que você esteve comigo por vingança.

Que essa gravidez foi para enciumá-lo...

— Isso não faz sentido, Daniel... — Eu falei, tocando no seu braço, mas ele se afastou.

— Não faz, mas todo mundo comprou a história e eu saí de otário. Uma coisa tão idiota, todo mundo sabia, inclusive você. Eu estava disposto a mudar a minha vida por você, Bruna. Eu estava disposto a abrir mão de tudo o que eu penso ser correto e morar junto contigo pra gente dar a essa criança uma família descente. — Ele falou baixo, sem sequer me olhar, e o meu choro veio mais forte, porque não havia uma criança. — Mas como eu posso me doar pra alguém que nem posso confiar?

— Amor, eu ia contar. – Eu falei, com a voz entrecortada.

— Não ia, Bruna. Se fosse, você teria o feito no dia que soube.

— Mas não foi por mal... – Eu sussurrei, tentando me aproximar dele, mas ele recuava.

— Eu quero um tempo sozinho, Bruna. – Ele falou e eu parei estática, olhando-o, incapaz de assimilar.

— O que? – Eu perguntei incapaz de saber se era um tempo agora, ou um tempo de mim.

— Eu preciso de um tempo sozinho. Eu não vou abandonar essa criança. Mas agora, depois de

tudo, eu não sei se dá pra gente continuar.

— Daniel, pelo amor de Deus! – Eu pedi desesperada.

— Eu sei que parece errado, mas eu não vou nos manter num relacionamento que vai ficar pesado e desgastar.

— A gente pode superar tudo isso junto, amor. – Eu implorei. Era ridículo, mas eu não podia perdê-lo.

— Bruna, seja sensata uma vez na vida! – O Daniel resmungou impaciente. – Eu quero confiar em você, mas não tem a menor possibilidade, porque eu não sei se você já superou o Pedro Luiz, ou se quer mesmo ficar comigo.

— Você vai levar a sério toda a merda que o Pedro Luiz inventou? – Eu perguntei mais alto, incrédula.

— Eu não estou levando a sério, Bruna! Eu não acredito que alguém seja capaz de se entregar por vingança! Eu só não sei se você está comigo, só porque agora ele não está mais disponível pra você!

— Isso não tem cabimento! – Eu falei tão abismada com essa afirmação ridícula, que o meu choro esvaiu.

— Você também precisa de um tempo, Bruna.
– Ele falou mais calmo e eu neguei com a cabeça, incapaz de assumir um pouco de amor próprio e ir embora. Ele talvez me procurasse, como das outras

vezes. Mas o meu coração me impedia de ir.

— Eu amo você. — Eu falei, como se isso fosse comprá-lo. Ele sorriu fraco, negando com a cabeça.

— A gente se ama e vai dar um tempo. — Ele falou, resignado. Meu coração estava tão pequeno, que o meu choro maldito voltava muito rapidamente.

— E se a gente não voltar? — Eu perguntei perdida, tentando me aproximar dele, que não recuou dessa vez. Acaricieei o seu rosto e ele manteve o olhar vidrado no meu, mas foi decidido o suficiente para não me ceder um beijo.

— A gente vai ter um filho. — O Daniel

NACIONAIS - ACHERON

apertou os lábios. Se eu estivesse mesmo grávida isso seria um sim. Era óbvio. Um filho nos manteria unidos, mesmo que ele não quisesse. Um filho o faria ter que me engolir e me aceitar, não como namorada, mas na sua vida. Só que não havia.

— Por favor... — Eu sussurrei. Era humilhação demais, mas eu não estava me importando.

O Daniel me puxou para um abraço e deixou um beijo na minha testa, antes de me deixar ali sozinha.

Eu me encostei à parede e me deixei escorregar até o chão, me escondendo e deixando as lágrimas irem embora, como se pudessem me aliviar.

Não tive coragem de voltar para casa e explicar que o Daniel havia sido capaz de me deixar, acreditando na gravidez.

Eu não queria ninguém o odiando, mesmo que parte em mim o achasse merecedor.

Capítulo 16

Eu não consegui dormir, mas não apelei para ajuda na internet e evitei pensar sobre o mar de mentiras que eu estava me afogando.

Devo ter chorado tanto que sequei. Não descia mais lágrimas, mas não havia algum resquício de alívio em mim.

Quis ligar pro Daniel, mas ele queria um tempo e eu o conhecia, eu sabia que seria ignorada.

PERIGOSAS

Eu tentei procurar algum culpado, mas só conseguia me culpar.

Até a minha família eu consegui envolver na mentirada toda, por medo de perder. Eu deveria saber que errar por medo de perder, faz perder de maneira pior.

Se eu tivesse sido corajosa o suficiente para enfiar a verdade no Daniel, ele talvez se frustrasse, mas eu não perderia a razão. Mesmo que não fosse minha obrigação contar.

NACIONAIS - ACHERON

Na manhã seguinte, eu acordei cedo, após ter pegado no sono, de tanto chorar.

Cogitei a ideia de contar para os meus pais, que essa gravidez não passava de uma suspeita e a situação tornou a notícia repercutida demais. Não teria coragem de dizer que o meu bom senso e caráter foram pelo ralo naquele momento de desespero.

Imaginava que tudo acabaria com um teste de gravidez negativo, e a história se encerraria.

E o Daniel iria embora de vez, era quase óbvio, por mais que eu não quisesse aceitar.

Tentei me lembrar de como eu amava o Pedro Luiz, como doeu e como eu consegui superar, mas isso parecia nada perto do medo que eu estava de o Daniel não mais voltar.

Tomei um banho quente, demorado, onde o choro seco me dominava de maneira ridícula. Seria fácil se eu conseguisse ser mais fria com toda a situação. Acalmar-me e esperar, porque bem ou mal, uma hora tudo se ajeitaria.

Tentei comer alguma coisa e o dia pareceu muito vago. Olhava o celular com vontade de ligar, esperando uma ligação. O Daniel sempre aparecia para que pudéssemos consertar as coisas, mas eu estava angustiada e pressentindo que dessa vez não seria igual.

À noite, eu acabei indo para a casa de um cara com a Lorena. Havia um pessoal bebendo uísque caro, cheiro de cigarro. E eu me afundei no álcool junto com a minha amiga.

— Eu pensei que você não estivesse mais com o Tadeu. — Eu falei, quando o vi se aproximar

NACIONAIS - ACHERON

de nós.

— Eu só estou usando ele para o sexo. — Ela falou, como se essa coisa de usar quem a gente gosta só pra sexo funcionasse mesmo. — Porque fora isso ele não me acrescenta nada de bom.

— Eu estou aqui. — O Tadeu resmungou e ia colocando mais bebida no meu copo, mas parou como se lembrasse de algo. — Você está grávida, Bruna, não pode beber! — Ele falou horrorizado, tentando tomar o copo de uísque com energético da minha mão, mas eu recuei. — Bruna, não me faça ligar pro Daniel!

— O Daniel terminou tudo comigo, você deveria saber! — Eu falei alto, sorrindo falso para

NACIONAIS - ACHERON

ele.

— E você acha que vir pra uma festa no meio da semana se embebedar grávida vai fazê-lo voltar?

— Ele perguntou incrédulo, mas eu fiz uma carranca e saí de perto dele.

A Lorena veio junto comigo, e nós fomos para o lado de fora da casa, onde ela ficou me encarando quieta e meio assustada.

— Eu não estou grávida. — Eu reclamei, um tempo depois. — Foi uma suspeita e eu acabei contando de uma maneira que deu a entender que era certeza.

— E o Daniel terminou com você por quê?

— Porque ele é filho do Augusto e eu sabia. —
Eu resmunguei, porque não queria entrar em detalhes. — Mas vamos mudar de assunto, já cansei de focar nisso. O Daniel quer terminar, ok, eu aceito isso.

— Ele está aqui. — A Lorena falou rápido e eu me virei assustada para olhar.

O Daniel andava em direção a nós e eu cogitei a ideia de correr para outro lugar, antes que ele chegasse, mas eu devo ter ficado estática, e perdido esse tempo. Ele chegou até mim, pegando o meu copo descartável e jogando no gramado, como se

NACIONAIS - ACHERON

tivesse o direito e eu, toda trêmula, permaneci olhando-o.

— Eu espero que você não esteja fazendo isso pra chamar atenção. — Ele falou, sequer cumprimentando a Lorena.

— Chamar atenção? — Eu perguntei, dando dois passos para ficar ao lado da Lorena, como se isso fosse uma proteção.

— Sim, porque um ser humano normal descobre que está grávida e cuida disso, não sai pra beber.

— Não sei o porquê da preocupação. — Eu zombei, chegando a forçar um riso.

— Eu não vim aqui lidar com as suas infantilidades, Bruna. Vamos embora. – O Daniel falou com essa maneira irritantemente prepotente.

— Eu não vou.

— Bruna, eu não quero ter um filho cheio de futuros problemas, porque a mãe dele é uma irresponsável.

— Eu não vou embora com você. – Eu falei bem devagar, o que pareceu ser cinismo e ele suspirou forte, correndo as mãos no rosto.

— Se você não vier como uma pessoa civilizada eu vou te carregar daqui. E eu não estou me importando com quem está olhando.

— Não adianta me ameaçar, Daniel, eu não vou embora com você! – Eu falei impaciente, resignada, mas ele me prendeu entre os seus braços, me arrastando.

— É muito ridículo pra sua cara, terminar tudo comigo e querer mandar em mim! – Eu falei, enquanto ele me arrastava em direção ao seu carro. Eu fui ignorada e ele dirigiu rápido até a minha casa. – Eu ligo pra Lorena vir me buscar e volto. – Eu falei, como uma adolescente revoltada e ia descer do carro, mas ele me segurou.

— Você acha isso certo? – Ele perguntou mais calmo, me olhando tão serenamente que eu desarmeí, e já queria chorar.

— Certo é você me deixar.

— Bruna, tenha um pouco de bom senso. Eu só quero um tempo pra pensar, eu fiquei confuso com essa merda toda.

— E eu tenho culpa de você ser filho do Augusto? – Eu perguntei incrédula e ele respirou fundo, negando com a cabeça.

— O problema não é ser filho do Augusto, é ser irmão do Pedro Luiz. Entenda que eu não estou levando nenhuma merda que ele disse a sério, mas...

— Olha, eu também não quero mais nada não.
– Eu o interrompi como se estivesse sóbria, para arquitetar algo coerente para dizer agora. – Seria
NACIONAIS - ACHERON

bom esse tempo pra nós dois e seria ótimo também se eu não estiver grávida.

— O que?

— Talvez seja só uma suposição, uma desconfiança e eu me expressei mal.

— E estava lá bebendo? – Ele perguntou incrédulo.

— Vai focar nisso, agora? – Eu falei desdenhosa. – Se você quer um tempo, eu sugiro que não fique no meu pé!

— Bruna, volta aqui! – O Daniel gritou, mas eu desci do carro.

Ele não veio atrás de mim, como eu pensei que faria.

Dormi com um resquício de alívio dominando meu corpo, minha mente. Dormi mais tranquila, embora também embriagada.

[...]

Acordei na manhã seguinte com um ex-namorado indelicado, me puxando o cobertor.

— Levanta. — Ele resmungou e eu puxei o travesseiro para cobrir o meu rosto. — Bruna, eu

tenho um compromisso daqui a pouco, então você anda rápido.

— Vai pro inferno, Daniel. — Eu resmunguei, puxando o meu edredom dele. Procurei meu celular pela cama, notando que eram oito da manhã e me escondi sob o edredom, porque eu havia me dado férias. — Eu estou solteira, então isso quer dizer que eu acordo a hora que eu quiser. — Eu falei, como se isso fosse mesmo coerente e o Daniel riu.

— Eu trouxe uns testes de gravidez, eu preciso que você faça.

— Eu não vou fazer. — Eu cantarolei, ainda sob as cobertas.

— Sinceramente, eu não sei onde eu estava

NACIONAIS - ACHERON

com a cabeça, quando comecei a namorar alguém tão infantil.

— Bem por isso você terminou. — Eu falei cinicamente e ele riu, puxando o edredom mais uma vez.

— Você pode colaborar? Uma gravidez não é brincadeira.

— Daniel, você para de show, porque eu não estou grávida! — Eu falei impaciente ao me sentar na cama, e ele parou estático, me olhando.

— Porque me disse que estava então? — Ele perguntou na defensiva. — Mais uma mentira ridícula? — Eu fiquei encarando-o, muda.

— Foi só uma suspeita. – Eu falei, me mantendo firme, resignada na decisão de que seria melhor falar dessa maneira.

— Eu vou embora. – Ele falou, soltando a respiração de uma vez, negando com a cabeça. – Eu não sei por que tenho perdido meu tempo com você ainda.

— Daniel, por favor... – Eu pedi, me levantando e correndo até ele, antes que ele saísse do quarto. – Eu só não queria que o Augusto estragasse o nosso Natal, contando tudo àquela hora.

— Pelo amor de Deus, Bruna... – Ele resmungou impaciente. – O Augusto cismou em ser
NACIONAIS - ACHERON

meu pai e isso é um problema dele! Eu não sou uma criança que vai se apegar a isso. Problema dele e da minha mãe, problema maior dela que quis se esconder. Eu jamais iria te culpar.

— Mas terminou comigo depois que soube. —
Eu retruquei, e ele suspirou forte.

— Eu pedi um tempo. Eu ouvi coisas absurdas, eu vi o seu ex, que por um acaso ridículo é meu irmão, querendo envenenar todos contra você. E eu só queria pensar.

— Então tchau.

— O que foi um erro sem tamanho, porque você só me dá dor de cabeça. — Ele falou agoniado.
— É tão infantil que chega a doer.

— Porque você não volta com a Dolores, então? Ela deve ser muito mais madura que eu... — Eu zombei, mas ele fez uma carranca, sequer se dando o trabalho de me responder. O seu celular tocou, antes que eu voltasse a falar.

— Eu vou resolver umas coisas agora, faz algum dos testes que eu trouxe, e me manda o resultado.

O Daniel foi embora e eu voltei a dormir. Devo ter sido tão pressionada que nos meus sonhos, eu me via enorme e pesada, com uma barriga grande de grávida e alguém brindando os meus... Gêmeos.

Quando acordei, peguei dois dos quatro testes que o Daniel havia comprado. Claro que eu tinha mera certeza da impossibilidade de estar grávida, afinal sempre fui cuidadosa com o anticoncepcional.

Mas os testes estavam bem ali, não custava usá-los e esclarecer tudo de uma vez.

Segui as instruções, e depois de mergulhar o palitinho no xixi, eu abaixei a tampa da privada e me sentei ali, mexendo no celular enquanto

esperava. Devo ter cochilado, porque despertei com meu celular vibrando numa mensagem do whatsapp.

“ser grávida sozinha é desesperador! Não sei nada do que acontece comigo e não paro de vomitar!”

Era a Mari e eu deixei escapar um risinho. Então me levantei para pegar o teste.

Eu corri as mãos no rosto para me manter calma. Olhei mais uma vez o maldito resultado e

PERIGOSAS

peguei a caixa onde havia as instruções. Meu coração tão acelerado que as minhas mãos tremiam, meio dormentes. O correto seria uma linha. Só uma. Eu não tinha estrutura psicológica para lidar com as duas. Com um positivo.

Orei para Deus, para que fosse um engano. Prometi três filhos, mas na hora certa. A minha cabeça meio que rodava com essa merda de realidade. E eu olhava para o teste e para o teto e para o chão.

Só poderia ser castigo.

NACIONAIS - ACHERON

Deus decidindo que eu iria pagar pelas minhas mentiras.

Eu não estava querendo parecer desumana, mas eu queria filho quando me julgasse madura para criar um com decência. Ser para ele o que os meus pais foram para mim.

O que eu iria oferecer, e o que eu sabia da vida aos vinte dois?

Eu corri as mãos no rosto, lavei o rosto

tentando acordar para essa realidade, porque tudo parecia um grande pesadelo.

O desespero era o mesmo de quando eu soube dos gêmeos no sonho, mas de uma maneira pior. Porque agora era real.

Eu grunhi com o susto do meu celular tocando e atendi, vendo que era o Daniel.

— Já fez? — Ele perguntou e pelo barulho de fundo, ele deveria estar na rua.

— Já! — Eu falei horrorizada.

— E?

— Ah, tudo bem! — Eu falei incoerente e assustada para assumir para ele a minha dúvida, que agora era real.

— Tudo bem... Negativo?

— Oh, sim. — Eu sussurrei.

— Às vezes isso pode dar errado. — Ele comentou tranquilamente. — E você nunca foi de suspeitar nada.

— Acho que eu fui equivocada. Mas depois eu faço outro.

— Está tudo bem?

— Sim.

— Eu vou almoçar com o Pedro Luiz e o pai

dele, quando acabar eu passo aí, tá bem?

— Você me pediu um tempo, use-o. — Eu resmunguei, irritada ou enciumada, não soube discernir, e finalizei a ligação.

Eu olhei para o teste mais uma vez, procurando uma maneira de aceitar isso e ficar calma. Pensei em todos os lados positivos de uma criança. Encontrei vários, mas nenhum deles se encaixava na minha vida agora.

Não queria parecer tão egoísta. Aconteceu e eu teria que lidar com isso. E pelo amor de Deus,

PERIGOSAS

para ser realista só eu teria que abrir mão das coisas para ter o bebê.

O Daniel no máximo arcaria com os gastos, o que nem doeria no bolso dele. E se fosse para eu lidar sozinha, nem no meu.

Mas agora não cabia um filho nos meus planos.

Eu deixei as coisas no banheiro e me escondi sob os edredons, me encolhendo, muito amedrontada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Eu fui tão planejada, tão esperada e não queria tratar o meu filho como algo errado, que veio para atrapalhar. Meus pais estavam no auge dos trinta quando eu nasci, mas eu mal havia saído dos vinte. Como lidaria com filhos?

As lágrimas silenciosas desciam indelicadamente e eu me sentia punida por tantas mentiras.

Ainda levantei e fiz mais um teste, na esperança de algo ter dado errado, mas nada foi diferente.

NACIONAIS - ACHERON

O Daniel não apareceu como disse que faria e eu fiquei no meu quarto, me alimentando porque minha mãe fez o favor de trazer para mim.

— Ficar assim deprimida não vai adiantar, agora que já está feito.

— Eu só não queria agora.

— Agora já era. – Ela falou meio fria. – Pelo menos o Daniel não é um cara que foge das responsabilidades. E de qualquer maneira, vai ser bem vindo.

— Ele terminou comigo. – Eu sussurrei, brincando com a comida, sem coragem de olhá-la.

A minha mãe ficou em silêncio, então eu voltei a falar. – Disse que queria um tempo.

— Bem, você tem família. Isso é o mais importante. Claro que ter um pai por perto é essencial, mas nós temos como cuidar de tudo, filha.

— Eu estava tomando o anticoncepcional direitinho. Eu sempre fui cuidadosa com ele.

— Aconteceu, não adianta questionar.

— Eu to tão nova... – Eu reclamei inconformada. – Não tem uma maneira de isso ter dado errado.

— O Daniel terminou com você por causa da

gravidez? – Ela perguntou cautelosa, mas eu neguei com a cabeça.

O meu ex-namorado ligou lá pelas nove, me intimando a ir jantar com ele. Eu deveria ser sensata e dar para ele, o tempo que ele pediu. Mas o coração falou mais alto e eu não fui forte.

Eu estava grávida.

Isso era tão inimaginável quanto chegar ao meu apartamento e encontrar a Luciana e o Pedro transando.

Eu o encontrei no seu apartamento, que ainda não estava pronto. Só de olhá-lo, me veio aquela angústia terrível, acompanhada da vontade de desabar no choro.

Nós dois teríamos um filho e isso não veio por algum descuido meu. Eu tinha certeza disso.

Ainda tinha todo o meu medo e imaturidade para cuidar disso tudo.

— Oi. — Ele falou, me analisando cauteloso e eu forcei um sorriso fraco. Mas os meus olhos

arderam.

— Oi. — Eu falei, mas a minha voz traidora saiu embargada.

— Eu pensei em pedir um japonês, porque você gosta, mas esperei você chegar, pra decidir. — Ele falou e eu deixei escapar um risinho, negando com a cabeça.

— Eu pensei em só conversar com você. — Eu falei, com o coração pequeno diante o meu medo.

— Conversar? — Ele perguntou franzindo o cenho, e eu tomei uma respiração profunda, assentindo.

— É.

— Eu me senti equivocado agora, por ter pedido um tempo. – O Daniel falou de uma vez, sem delongas e se aproximou de mim. Eu encarei-o, confusa.

— Você quer voltar, porque de repente, os testes deram negativo? – Eu perguntei, sem parar para raciocinar e ele riu, negando com a cabeça.

— Não mente pra mim, Bruna.

— Então por isso você quer voltar? – Eu perguntei incrédula.

— Eu quero voltar porque eu amo você. – Ele falou como se fosse simples assim. Eu neguei com a cabeça, irritada com ele, sem nem saber realmente o porquê.

— Não, Daniel. Eu acabei de descobrir que estou grávida. Você foi capaz de me pedir um tempo sabendo disso, mesmo que ainda fosse só uma suspeita. E agora, que a sua cabeça já assimilou toda essa novidade na sua vida, você acha que pode voltar? – Eu perguntei, com a voz chegando a falhar no fim. – A última coisa que eu queria agora é um filho. E agora, quem quer um tempo pra pensar, sou eu.

— Bruna, você não inventa de criar essa criança sozinha, por que...

— É incrível como você quer ser o único a tomar decisões. Você não pensou em mim, quando pediu um tempo. Só na sua confusão, no que você

estava sentindo, estava passando.

— Você deveria ser menos egoísta e pensar em como eu estava me sentindo, como eu estava confuso com toda aquela merda.

— Você que está sendo egoísta, Daniel.

— Você negou quando eu perguntei, Bruna. Isso foi absurdo. Você tem consciência do que está acontecendo?

— Daniel, eu só quero um tempo. – Eu falei, por mera falta de argumentos. – Quando você quis um tempo, eu fui obrigada a aceitar.

— Você quer mesmo comparar? – Ele perguntou incrédulo.

— Que se dane o que você está achando certo ou errado, Daniel. Eu só quero ficar sozinha. Eu nem sei se a melhor opção seria ter essa criança.

— Você está ficando louca? – O seu tom quase gritado me fez estremecer com o susto.

— Quando tempo nós temos, juntos? Quanto tempo a gente conseguiu ficar em paz? Primeiro a sua mãe terrivelmente contra. Depois a sua ex-namorada, que resolveu reaparecer querendo você de volta. Aí você acha que a gente tem estrutura emocional pra dar a uma criança uma criação decente?

— Você pirou. – Ele resmungou, chegando a rir de incrédulo, negando com a cabeça.

— A gente pode dizer que eu perdi. Ninguém precisa saber.

— Bruna, pelo amor de Deus, seja madura uma vez na vida! – Ele falou baixo, mas de uma maneira exasperada. – Você não é uma criança que está sozinha tendo que assumir toda a responsabilidade. – Ele tomou uma respiração profunda, procurando por mais palavras. – Eu vou ficar do seu lado e a gente vai assumir isso junto.

— Eu não queria isso agora. – Eu sussurrei, agoniada com essa nova realidade.

— Você não pode fazer nada, agora. – Ele falou quase docemente, ao se aproximar de mim. – Não veja isso como um empecilho na vida da

NACIONAIS - ACHERON

gente, porque não vai ser.

— Pra você é fácil dizer isso. Vai mudar o que na sua vida? Nada!

— Como nada? – Ele deixou escapar um risinho, e eu bufei um suspiro. – Você só precisa se acostumar com a ideia. Do resto a gente cuida depois.

— Não vem querer encerrar tudo com um beijo, porque eu ainda quero um tem... – O Daniel deixou escapar um risinho, me puxando de uma maneira firme, que eu sequer tive tempo de recuar. Eu acabei seguindo o seu ritmo lendo, carinhoso, mas encerrei rapidamente ao me afastar dele. – Eu quero um tempo. – Eu arfei, dando dois passos para

NACIONAIS - ACHERON

trás e ele bufou um suspiro.

— Tempo pra que? Decidir que um aborto é uma solução viável? Eu te conheço tão pouco assim, Bruna? Porque a mulher com quem eu estava disposto a construir uma história, pelo que eu imaginava conhecer dela, jamais iria cogitar a ideia de matar um filho nosso.

— Matar? — Eu perguntei com a voz quase embargando no final da palavra, tremendo com a angústia do peso da minha ideia ridícula.

— Sim, matar.

— Você entende que eu estou nova e que um filho agora não estava nos meus planos?

— Que fosse responsável com o anticoncepcional. Que me avisasse que não estávamos seguros, oras!

— Eu estava tomando essa merda direito! – Eu falei inconformada. – Foi castigo pelas coisas que eu fiz, só pode.

— Você quer mesmo carregar essa culpa pela rejeição, Bruna? – O Daniel perguntou, como se ele estivesse no direito de me pressionar nesse momento. Eu fiz uma carranca, encarando-o e ele continuou. – A sua mãe é tão boa pra você, você tem tanto orgulho de dizer que foi um sonho realizado na vida dela. E o nosso filho, vai dizer o que? Que a mãe dele queria abortá-lo? – Ele

perguntou de uma maneira cautelosa que me fez tremer e os meus olhos arderem.

— É diferente. — Eu sussurrei, correndo as mãos nas lágrimas silenciosas que desceram.

— A única diferença é que a sua mãe planejou você, Bruna. E mimou tanto a ponto de te tornar uma mulher egoísta. Eu ainda estou surpreso de você estar pensando em abortar.

— Daniel... — Eu falei chorando e ele negou com a cabeça.

Era muito complicado assimilar isso ainda. Porque apesar de tudo, isso começou com uma

invenção ridícula minha. E eu não me sentia preparada para educar uma criança. Eu sequer havia posto em pauta de maneira coerente, essa possibilidade de abortar. Só de pensar na palavra, o meu corpo repulsava.

— Você teria mesmo coragem?

— A minha vida profissional está deslanchando agora. O meu escritório está começando a ter visibilidade, agora. Um filho vai retardar tudo isso.

— Que se dane o seu escritório, Bruna! – Ele resmungou evidentemente impaciente. – A Mari está grávida e nem por isso ela vai abandonar a carreira dela. Isso chega a ser ridículo. É sobre

NACIONAIS - ACHERON

dinheiro que você está preocupada? Pelo amor de Deus, Bruna, você precisa mesmo disso? É sobre quantos projetos e quanto você vai deixar de ganhar, pra poder cuidar do bebê?

— É sobre estar com medo de colocar uma criança no mundo e não saber lidar com ela depois!

— Eu despejei e ele chegou a rir.

— Eu sinceramente não consigo acompanhar a sua linha incoerente de raciocinar. Se você se permitir amar essa nova situação que a gente está agora, vai facilitar tudo pra você. E para de agir como se você estivesse sozinha, porque você não está!

— Eu só estou com medo. — Eu falei,

limpando as minhas lágrimas mais uma vez.

— Eu posso confiar que você não vai fazer alguma bobagem? – Ele perguntou me encarando, a espera da reação. Eu mantive o olhar focado no dele, e assenti, limpando o rosto outra vez. De qualquer maneira, mesmo sem analisar calmamente a hipótese de tornar a possibilidade algo real, eu não acreditava que teria coragem.

— A sua mãe deve estar louca de ódio.

— Não importa o que ela acha sobre isso. – Ele falou e eu me aproximei dele para abraçá-lo, que deixou um beijo no topo da minha cabeça. – Eu tenho uma guerra maior pra enfrentar com você, nesses meses que a gente tem grávidos.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Daniel Maia

Eu deixei a Bruna em casa, depois de um jantar, porque ela alegou querer ficar sozinha. Parte em mim, para ser muito franco, não queria confiar em deixá-la sozinha.

Tudo bem que era muito cedo e que ela estava muito nova. E que ela não queria, mas agora que já estava feito, o que nós poderíamos fazer?

Eu cheguei em casa, e me deparei com a

minha mãe e a Dolores na sala. Eu ia ignorar a presença delas, para evitar conversas desnecessárias, mas a minha ex não deixou.

— Então você está animado com essa ideia de ser pai? — Ela perguntou zombeteira, e eu parei de andar, deixando escapar um riso.

— Muito. — Eu falei, tranquilamente. Não estava esperando por isso tão cedo, mas eu estava procurando somente lado positivo nessa novidade.

— Quem diria que a mocinha iria dar o golpe da barriga... — Ela continuou presunçosa, e eu respirei fundo, indo para o meu quarto. Eu não iria dar atenção logo à Dolores. Ainda mais agora.

Tomei um banho quente, demorado e vesti só uma samba canção. Liguei para a Bruna, para me certificar de que estava tudo bem, e que ela não havia feito alguma bobagem.

Estava distraído com um filme de suspense na TV, quando a minha mãe entrou no quarto, fechando a porta atrás de si, e sentando-se à beirada da cama.

— É mesmo certo isso? — Ela perguntou meio cautelosa porque eu não estava muito amigável com ela. E não me tiraria a razão. Depois de tudo que ela fez o muito que eu faço em ainda dirigir a palavra para ela, é por respeito. Apesar de toda a

NACIONAIS - ACHERON

sua mentira, ela nunca falhou como mãe. Até agora, quando vem tentando interferir nas minhas escolhas.

— O que? – Eu perguntei desinteressado.

— Que a sua namorada está grávida.

— Sim. – Eu respondi, de maneira fria. De qualquer modo, não iria adiantar entrar em detalhes com ela sobre isso. Ela estava terminantemente contra.

— Você não acha precipitado?

— Acho. E muito. Mas o que eu posso fazer agora? – Eu perguntei o óbvio, encarando-a, que suspirou forte.

— Você não acha que foi de propósito? Hoje em dia é muito difícil engravidar sem querer. Têm muitos métodos, as mulheres estão mais informadas.

— Eu não acho que foi de propósito. Você não engravidou de propósito, não foi? – Eu indaguei e ela desviou o olhar, negando com a cabeça.

— Talvez ela quisesse te prender.

— Você queria prender o Augusto? – Eu zombei, e ela me lançou um olhar rancoroso. – Isso é absurdo.

— Você acha mesmo que tem futuro com essa menina?

— Eu tenho certeza. — Eu resmunguei. Por mais incerta que fosse a afirmação. Futuro com a Bruna consistia em acreditar que ela mudaria, ou, ceder às loucuras dela. Tudo seria fácil se eu tivesse conseguido parar com tudo isso há tempo.

Mas por mais frustrante que seja entendê-la, eu não estava arrependido.

— O Augusto não acha que ela tenha maturidade para lidar com gravidez.

— Então ela aborta e fica tudo bem? Um crime contra a vida, porque o Augusto acha que ela não tem maturidade? — Eu perguntei, rindo dessa ideia ridícula.

— É muito fácil você dizer isso agora, Daniel. Você deveria saber que filho rouba toda a rotina do casal. Vocês nem se conhecem direito.

— Eu nem te reconheço mais, mamãe. — Eu falei veemente decepcionado. — A mulher que me criou jamais apoiaria esse tipo de decisão. Eu fico muito aliviado em saber que você sumiu grávida, porque essa mulher que se molda às escolhas do Augusto é de dar nojo.

— Eu só estou pensando no melhor pra você. — Ela falou, se levantando. — Eu não acho que ela seja uma pessoa ideal para estar ao seu lado.

Eu ignorei, e ela saiu do quarto.

[...]

Acordei na quinta-feira, pouco depois das nove da manhã. Tomei um banho rápido e liguei para a Bruna, que alegou que eu iria sufocá-la com essa desconfiança.

Mas eu não sabia se podia confiar numa menina imatura de vinte e dois anos, que não queria abrir mão da carreira precoce para ser mãe.

A verdade é que menina nenhuma na idade na

situação profissional dela, iria querer.

Porém não havia mais o que fazer. Talvez nós pudéssemos fingir que isso nunca existiu, procurar um meio seguro e secreto. Mas e depois? Eu já conseguia imaginar a Bruna enorme de grávida e também um bebê nosso nos nossos braços.

O que me deixava quase assustado.

Ignorei o Augusto que queria uma conversa, porque eu já havia me sujeitado a almoçar com ele e o Pedro Luiz. Coisa que não deu muito certo.

Coisa que me fazia indagar como ele e a Bruna conseguiram ficar juntos um dia, porque o gênio infantil e o temperamento mimado dele, era muito incompatível mesmo que fosse igual ao dela.

Quando cheguei à casa da Bruna, encontrei-a com a sua avó na sala. Cumprimentei a Dona Cássia carinhosamente, e deixei um beijo casto na boca da Bruna, me sentando ao seu lado. Ela se aconchegou contra o meu corpo, tão pequena e assustada que o meu coração ficou pequeno.

— Qualquer outra mulher estaria comemorando. — A Dona Cássia começou a falar, de uma maneira firme e a Bruna escondeu o rosto

no meu pescoço, me deixando arrepiado. – A sua mãe tentou tanto e ela não queria só um filho. Você tem sorte de não ter problemas.

— Ela já comeu? – A mãe da Bruna perguntou e eu deixei escapar um risinho. Ela seria aquela grávida mimada, era tão óbvio.

— Nossa, quando não é o Daniel me enchendo o saco, é a minha mãe querendo me empurrar comida. – A Bruna resmungou, fazendo a sua avó rir.

— Pensei que tivessem terminado.

— Foi só um mal entendido. – Eu falei, sem graça. Óbvio que a Bruna deve ter feito o drama dela com a mãe e Cia.

— O meu filho está igual à Bruna, em relação à gravidez, inconformado. — A Dona Cássia falou quase divertidamente, e a Bruna riu.

— Provavelmente querendo matar você, amor. — A Bruna falou, fungando em meu pescoço, me deixando arrepiado.

— Quando o bebê nascer, ele vai agradecer. — Eu falei, não querendo imaginar as reações do pai da Bruna.

Nós passamos o resto da manhã ali, e marcamos de almoçar com o Joca e a Mari, que era provavelmente a mais feliz e ansiosa por não estar grávida sozinha.

— E o parto, você vai preferir normal ou cesárea? — A Mari perguntou, frenética na animação. Essa deveria ser no mínimo a décima pergunta que ela fez, sem deixar espaço pra uma resposta. A Bruna continuou encarando a Mari, e eu pensei que ela fosse começar a chorar, feito uma maluca.

— Ainda tá cedo pra pensar nessas coisas. — O Joca falou, diante tanto silêncio. — Vamos procurar uma mesa e pedir algo, porque eu to morrendo de fome.

[...]

Nem mesmo a animação da Mari conseguiu contagiar a Bruna e o almoço foi um tanto esquisito.

Nós já estávamos no carro, e a Bruna estava focada no celular, tensa, calada.

— Quer ir pra onde? — Eu perguntei, mas fui ignorado. — Bruna. — Insisti, pegando o celular dela.

— Parto normal ou cesárea? Como vai ser o quarto? O que a gente vai fazer com o escritório quando as duas tiverem o bebê? E o sexo, você tem preferência? — Ela repetiu algumas das perguntas da Mari, de uma maneira frustrada.

— Eu to grato de poder dar ao meu filho a família que eu não tive. – Eu falei, ignorando-a.

— Eu quero ir pra casa. – Ela falou, um tempo depois. Eu concordei, suspirando forte.

O percurso fora todo silencioso. Eu deixei-a em casa, e fui para um bar com o Tadeu. Não expus para ele a ideia ridícula da Bruna de interromper a gravidez, porque imaginava que em algum momento ela acabaria aceitando.

— O foda é que tá todo mundo engravidando. – Ele falou, rindo. – Daí eu fico pensando se tento um na Tereza ou na Lorena. – Ele zombou, e eu quase engasguei com a minha cerveja, mas acabei

NACIONAIS - ACHERON

rindo. Não que em tempos de solteirice eu valesse alguma coisa. Mas me sentia santo perto do Tadeu.

Nós passamos a tarde ali, falando merda e bebendo cerveja. Passava das onze da noite, quando íamos embora, mas então a Tereza chegou, acompanhada da irmã.

— Essa praga colocou um chip pra me rastrear, só pode. — O Tadeu resmungou ao vê-las.

Capítulo 17

— Você está bêbado. — Eu resmunguei com o Daniel, que deu uma risadinha, do outro lado da linha.

— Ou você vem comigo, ou eu vou dormir na sua porta. — Ele falou, como se a chantagem tivesse fundamento.

— Eu já estava dormindo.

— Mentira. — Ele falou manhoso e eu dei risada. — Vem logo.

— Daniel. — Eu resmunguei, quase cogitando

a ideia de sair da cama.

— Eu não posso dirigir sozinho e bêbado.

— Você é insuportável. – Eu falei impaciente e me levantei. Coloquei um short e uma regata, peguei a chave do meu apartamento, porque não iria para a casa dele e descí.

Encontrei-o escorado ao seu carro, olhando para o celular e tomei a chave do seu carro.

— Eu to morrendo de saudade. – Ele falou, me puxando firmemente, colocando meu cabelo para o lado. – E eu to muito feliz que a gente vai ter um filho. – O Daniel continuou, coçando os lábios

no meu pescoço, e eu arfei, arrepiada. – E eu quero fazer amor com você à noite toda.

— Fazer amor? – Eu perguntei refém dos seus beijos suaves pelo meu pescoço.

— Foder você a noite toda. – Ele sussurrou, deixando um beijo molhado no meu pescoço.

— Sobe comigo, vai. – Eu pedi, porque estava fraca para aguentar provocação.

Certifiquei-me de trancar o carro do Daniel e arrastei-o para o meu quarto. Tranquei a porta, e fui prensada contra ela, ganhando um beijo forte do meu namorado (?). O nosso ritmo malicioso foi

perdendo o ritmo até ele estar apenas roçando os lábios contra os meus.

— Eu amo você. — O Daniel riu, negando com a cabeça. — To bêbado, mas amo você. — Ele continuou, como se estivesse sendo coerente e eu dei risada, sendo pega de surpresa por ele, que me levou para a cama.

[...]

Eu analisava o Daniel dormindo, com os lábios entreabertos e a respiração tranquila. Acariciei sua barba por fazer e me aproximei,

selando nossos lábios carinhosamente.

Procurei uma maneira de arquitetar um pensamento em que uma gravidez se encaixasse na minha vida. Se eu teria estrutura emocional para decidir, se fosse possível, entre parto normal ou cesáreo. Se eu conseguiria ser essa pessoa forte que figura materna representa. Porque pelo menos eu, tive isso a vida inteira.

O Daniel se mexeu com os meus carinhos, beijos e abusos, me puxando de maneira que eu fiquei presa entre os seus braços. Ele fungou no meu pescoço, descendo a mão pela minha barriga,
NACIONAIS - ACHERON

acarinhando um pouco ali, mas logo voltou a ser o cara descarado e desceu mais, brincando mais com a minha sanidade e o meu prazer.

Quando eu acordei, na manhã quente da sexta-feira, o celular do Daniel tocava estridente e eu joguei com força nele, ao ver que era a Dolores.

— Que foi? — Ele perguntou confuso, pegando o celular. Eu ignorei-o e fui para o banheiro, onde tomei um banho demorado.

Eu passei à tarde com a minha mãe experimentando alguns salgados para a festa que

ela daria no Réveillon. Comi algo que parecia Salmão, que fez a minha mãe bancar a avó coruja e registrar o meu primeiro enjoo.

Pelo amor de Deus, isso não estava sendo nem um pouco divertido. Vômitos, dúvidas e agora seios sensíveis. Mas isso poderia ser o abuso do Daniel na noite passada.

Eu acabei desistindo de me afundar nas comidas gostosas, já que também não poderia opinar nas bebidas e me arrumei para ir ao shopping.

Se eu não podia voltar no tempo e adiar essa gravidez, iria, pelo menos, esquecer um pouco disso me afundando nas compras. E que se dane o meu cartão de crédito.

Andei por várias lojas, sequer me dando o trabalho de olhar preços, porque eu me julgava merecedora do presente que eu estava me dando.

Passei a ignorar as ligações do Daniel depois do seu terceiro incômodo. Por mais desgostosa com a situação que eu pudesse estar agora, por mais

surpresa e inconformada, eu não acreditava que teria a coragem de interromper.

E ele estava me sufocando com essa monitoração e desconfiança.

Passei a notar mães com seus bebês com mais ênfase e tentei me imaginar naquela situação. Vi também algumas mulheres grávidas e sempre achei um momento muito bonito na vida de qualquer mulher, mas eu não estava esperando por isso agora.

Mal terminei a faculdade e o meu escritório

estava começando a ir para frente, a me dar um bom retorno. Eu teria que desacelerar todo o processo para cuidar do meu bebê, ou deixá-lo na mão de alguém. Nos meus planos distantes de ser mãe, eu queria ser aquela mãe muito presente, como a minha mãe foi para mim.

Afastei os pensamentos, me assustando ao me deparar com uma vitrine cheia de coisinhas para bebês. Olhei para os lados, como se eu não pudesse ser notada e entrei na loja.

Comprei um macacão branco, porque talvez eu fosse mesmo compulsiva por comprar. Olhei

NACIONAIS - ACHERON

tudo o que tive acesso facilmente, me perguntando se eu teria preferência entre menino ou menina. Menino poderia seguir os passos do Daniel, talvez. Ser um companheiro para ele e teria um bom exemplo de pai para seguir, se apagarmos o seu passado feio com mil mulheres.

Eu não imaginei uma menina, o que era engraçado. Eu tive um bom pai, claro. Mas a minha proximidade com a minha mãe era muito forte. E eu não sabia se saberia ser para uma menina, essa mãe maravilhosa.

Eu iria acabar enlouquecendo. O que era
NACIONAIS - ACHERON

ridículo. Em outros tempos, quando os planos de engravidar ficavam para um futuro distante, eu sonharia com uma menina. Porque na minha ideia, eu seria madura e preparada o suficiente. E um menino seria mais fácil para o Daniel, talvez.

Como se eu pudesse mesmo escolher.

Saí da loja para não comprar mais nada e comprei um vestido branco, longo com uma fenda na perna. Era decotado, mas muito bonito.

Parei para comprar um sorvete e estava

procurando a saída do shopping, quando encontrei a Tereza, junto com a Dolores. Eu talvez devesse ignorar a Tereza já que não sabia mais a sua posição em relação a mim. Ela era irmã da ex do Daniel que o quer de volta. E eu também era amiga da Lorena, que na cabeça dela, roubou o Tadeu.

— Soube da novidade. — Ela falou ao se aproximar, deixando a irmã para trás, mas ela logo chegou a nós.

— Eu fui pega de surpresa. — Eu falei.

— Tão de surpresa que já está fazendo o enxoval do bebê. — A Dolores falou provocativa. Eu olhei para a minha sacola e deixei escapar um risinho.

— Tem tanta coisa linda pra bebê nessas lojas que fica difícil não comprar nada.

— Você quer menino ou menina? — A Tereza perguntou franzindo o cenho, mas sorria. Eu dei de ombros.

— O Daniel sempre quis menina. — A Dolores falou e eu voltei minha atenção para ela. — Uma pena que isso venha para ele com a pessoa errada. — Ela resmungou, saindo andando na frente, e eu fiquei quieta.

— Olha, eu vou atrás dela. Mas boa sorte aí, com o bebê. Tem uma festa na casa da Deborah hoje, o Daniel disse que ia, aparece lá também. — A Tereza falou, acenando para mim, antes de ir atrás

da irmã.

Eu peguei meu celular, enviando uma mensagem para o Daniel.

"Você vai sair hoje?"

Procurei pelo meu carro no estacionamento e fui para casa. Namorei o macacão, imaginando um menino vestido nele e quis chorar, por estar me deixando levar. Era muito ridícula a maneira rápida como os pensamentos estavam mudando dentro de mim.

Imaginei os olhos claros do Daniel no nosso
bebê.

Estava vidrada na roupinha, tão pequena
quando meu celular vibrou, me assustando.

"Não sei, você quer sair?"

Eu não queria sair. Eu poderia beber? Teria
esse ânimo para festas?

Liguei para ele, que me atendeu com a voz

sonolenta.

— Estava dormindo? – Perguntei e ele grunhiu.

— Não. – Ele riu, mas era mentira.

— A Tereza disse que tem festa na casa da Deborah, hoje.

— Ah, nem estava lembrado. – Ele falou. – Eu vou tomar um banho e passo aí, pra gente ir jantar, tudo bem?

— A vida da gente vai virar isso? – Eu perguntei. – Um jantarzinho calmo toda vez?

— Quer uma balada? – Ele perguntou, rindo da minha cara. – Eu só to com fome, amor.

— Você prefere menino ou menina?

— Eu quero os dois.

— Dois? – Eu perguntei assustada. – Tem casos de gêmeos na sua família?

— Não, na sua tem? – Ele perguntou, se divertindo com os meus medos. – Você iria me enlouquecer com dois bebês.

— Você está mesmo tranquilo com essa coisa de ser pai?

— To. Acho que é bom ser pai novo, vou curtir mais isso.

— Você acha que é só curtir? – Eu perguntei, ficando impaciente, mas ele riu.

— Claro. A parte de trocar fralda fedida, lidar com aquelas golfadas nojentas fica pra você.

— O que? – Eu perguntei incrédula, mas o Daniel ria. Eu sequer pensava nessas coisas ainda.

— Eu vou tomar um banho, meu bem, daqui a pouco eu to aí. – Ele avisou, antes de desligar.

Eu tomei um banho demorado, lavei os cabelos e analisei o meu corpo, procurando alguma mudança. Mas pelo menos esteticamente, nada havia sido afetado ainda.

Quando saí, enrolada no roupão e secando os

cabelos com uma toalha, encontrei o Daniel sentado na cama, com o macacão nas mãos. Ele sorriu ao me notar e eu parei, o encarando assustada. Como se um segredo meu fosse desvendado.

— Você quer ir à festa da Deborah? — Ele perguntou, mas eu dei de ombros. Talvez fosse terrível estar num lugar com a Dolores.

— Vamos comer e depois a gente vê o que faz. — Eu falei, pegando uma escova para desembaraçar os cabelos. — Eu consegui adiantar a entrega dos móveis do seu apartamento. Tá ansioso?

— Você não vai querer morar comigo? — Ele

perguntou sorrateiro, vindo até mim. Ele me abraçou por trás, e eu olhei-o através do espelho.

— Morar? A gente não precisa pensar nisso agora. — Eu falei, fechando os olhos quase por impulso com os beijinhos suaves dele no meu pescoço. E ainda desamarrou o laço do roupão, o jogando no chão. Eu escorei minha cabeça no seu corpo, com as suas carícias no meu corpo e fiquei na ponta dos pés, quando ele passou a acariciar meu sexo, de maneira suave, me maltratando. Eu tentei colocar minha mão sobre a dele, para acelerar o seu ritmo e força, mas ele não deixou, e riu.

Eu arfei, quando ele correu o dedo em toda a

minha intimidade, brincando-o na minha entrada e tentei investir contra ele, mas em vão.

— Diz pra mim o que você quer meu amor? — Ele pediu carinhosamente, mordendo o meu pescoço levemente, acariciando o meu clitóris e eu apertei os lábios, com a respiração desregulada. — Hein? — Ele insistiu, mas eu fiquei quieta, tentando, na posição que eu estava desabotoar a sua calça. — Não. — O Daniel resmungou, tentando me parar, mas de maneira falsa. Eu puxei o seu membro para fora da roupa, investindo nele, sentindo-o se contorcer na minha mão. Então ele desceu mais a sua roupa, afastando as minhas pernas, se abaixando para entrar em mim de uma vez.

Eu gemi alto, e ele tampou a minha boca com a mão, investindo forte e rápido, me levando muito rápido para a borda. Eu queria gritar, agoniada por ele diminuir o ritmo.

— Dan... — Eu pedi manhosa, desesperada por um orgasmo, mas ele arfou um riso, indo devagar.

— Não goza agora não... — Ele pediu sorrateiro, brincando o dedo no meu clitóris e eu choraminguei. — Não, amor...

— Não. — Eu sussurrei, me empurrando contra ele, com a pressão forte dentro de mim. O Daniel gemeu forte, empurrando forte em mim, que me entreguei, gemendo forte, enquanto ele me

NACIONAIS - ACHERON

segurava.

Quando eu voltei à realidade, parte do seu gozo escorria pelas minhas coxas. Eu nos empurrei para a cama, me jogando sobre ele, que acarinhava meu cabelo.

— Eu amo você. — Eu falei, selando nossos lábios rapidamente.

Eu passei a manhã do último sábado do ano, escolhendo os papéis de parede do apartamento do Daniel. Ele agora, invés de estar animado com a obra chegando ao fim, estava preocupado se

deveria procurar um lugar maior.

Acabei fazendo quase tudo sozinha, escolhendo para que ele apenas aprovasse, se gostasse. Como foi com todo o resto.

Nós saímos da loja e fomos almoçar hambúrguer, porque eu estava com vontade e como ele e a minha mãe estavam fazendo todas as minhas vontades, eu talvez estivesse me aproveitando disso.

Depois fomos para a casa da minha avó, onde

ela e o Daniel jogavam conversa fora e eu caçava doces na cozinha, como uma viciada.

— E a Bruna já está mais calma, com essa história de ser mãe? – A minha avó perguntou, quando eu voltei para a sala, com um copo cheio de sorvete.

— Me conformei. – Eu falei e o Daniel me lançou um olhar reprovador. – Mas eu só quero se for menino. – Continuei e a minha avó riu.

— Ah, então se vier uma menina você vai o que? Jogar fora? – Ela perguntou, zombando da minha loucura.

— A sua avó me contou que tem gêmeos na família do seu avô. – O Daniel comentou, e eu

NACIONAIS - ACHERON

olhei-o assustada.

— Em que isso interfere na minha vida?

— Você precisa começar o pré-natal. — A minha avó lembrou.

— Semana que vem, eu olho isso. — Eu falei, mas voltei a minha atenção ao meu sorvete.

Mais tarde, já em casa, eu, pela primeira vez acarinhei o meu corpo, mais especificamente na barriga, me permitindo viajar nessa história louca e inesperada de ser mãe.

Ainda procurei na internet, algo que pudesse

dissipar pelo menos algumas das minhas curiosidades.

Fucei tanto a fim de abrir a minha mente para isso, que já estava ansiosa para quando eu já pudesse sentir o bebê dentro de mim.

— Está tudo bem? – O meu pai perguntou, ao aparecer na cozinha e eu olhei-o.

— Sim.

— Eu fui pego de surpresa. – Ele falou meio sem jeito. Algo em mim, dizia que isso era obra da Dona Laura, fazendo-o vir mostrar que estava tudo bem.

— Eu também. — Eu falei, contendo o sorriso. Talvez eu tivesse sido a mais surpresa com essa coisa toda. Tudo isso começou com uma invenção minha, senão, eu nunca desconfiaria.

— Eu fico aliviado de o Daniel estar apoiando você, também. — O meu pai continuou, então a minha mãe entrou na cozinha, abraçando-o pela cintura.

— Você toma cuidado com esse exagero com os doces. — A minha mãe alertou.

Não que eu estivesse exagerando, mas antes de descobrir a gravidez, eu me controlava, era óbvio. Não era todo dia que eu cederia à minha

NACIONAIS - ACHERON

ansiedade, mas agora eu não estava nem aí.

— Cadê o Daniel?

— Saiu com um amigo. – Eu falei, desinteressada. Eu não gostava do Daniel saindo com o Tadeu, mas de qualquer modo, eu estava colocando a minha confiança nele acima de tudo.

— Na sua idade, eu não deixava o seu pai sair com um amigo. – Ela falou, amuada, e o meu pai deixou escapar um risinho. – E se ele fosse sozinho, eu ia atrás. O homem deve saber que ao assumir um relacionamento, certas coisas são abortadas da vida dele.

— Tipo sair com uns amigos? – Eu perguntei entediada.

— Bruna, você tem o Pedro Luiz como um bom exemplo disso. Você confiou e ele acabou na cama da sua melhor amiga! — Ela falou e só então eu lhe dei realmente atenção.

— Isso quer dizer que eu não devo confiar no Daniel? — Eu perguntei, franzindo o cenho.

— Isso quer dizer que você não deve deixá-lo solto por aí. — Ela falou, como se o Daniel não fosse o cara que se acha o dono da verdade e do mundo. Como se eu fosse ligar mandando-o não fazer algo, e ele fosse acatar a minha ordem. Ou como se eu pudesse proibi-lo.

— Se ele me trair, a gente termina. — Eu falei, tranquilamente. Porque de qualquer maneira, eu

NACIONAIS - ACHERON

não imaginava o Daniel me traindo. O que chegava a ser patético.

— Você está grávida. – O meu pai lembrou e eu bufei um suspiro.

— Esse amigo dele é solteiro? – A minha mãe perguntou, me deixando irritada e eu saí da cozinha carregando o notebook. Mas ainda voltei para levar o pote de doce de leite.

Não que eu estivesse me deixando levar pelas desconfianças da minha mãe. Talvez eu não estivesse me importando de o Daniel sair sozinho e pior, com o Tadeu, por querer um tempo sem ele me pressionando com perguntas que não sabia

NACIONAIS - ACHERON

responder, sobre a gravidez.

E eu também precisava ficar sozinha para assimilar tudo que estava acontecendo da minha maneira, com calma.

Tentei afastar os pensamentos, querendo acreditar que o Daniel nunca faria nada, porque ele, apesar de tudo, tinha um caráter bom.

Mas logo me lembrei de que o Tadeu nunca pôs fim no caso com a Tereza, mesmo estando com a Lorena. E a Tereza era irmã da Dolores. E as duas só andavam juntas, agora.

Minha paranoia foi tão longe, que eu enviei uma mensagem para a Lorena, perguntando onde ela estava.

A resposta veio em menos de cinco minutos.

"Em casa, querendo matar o inútil do Tadeu"

Meu coração pareceu revirar, mas eu mantive a calma, enviando uma mensagem para a Tereza também.

Mas ela me respondeu com uma foto, onde aparecia com o Tadeu.

Fiquei tão nervosa com a possibilidade de a Dolores estar com ela, porque o Daniel estava com o Tadeu, que quando voltei à realidade, já estava gritando com o Daniel no celular.

— Você disse que ia sair com o Tadeu! — Eu gritei furiosa, cega de ciúme. — Aí eu recebo a notícia de que a sua ex está com vocês! — Eu continuei, mesmo sem a confirmação de que a Dolores estava com eles.

— Bruna, eu não tive culpa de ela aparecer. —
O Daniel falou tranquilamente, me fazendo grunhir
NACIONAIS - ACHERON

de ódio.

— Você faz esse teatro todo de que está feliz e grato em ser pai, mas me deixa sozinha pra ir se encontrar com a sua ex! – Eu falei, controlando a vontade de chorar, e amaldiçoei o Daniel por ele rir.

— Amor, você me disse que queria ficar sozinha.

— Eu não quero mais! – Eu falei como se fosse o óbvio. – Que inferno, eu odeio a Dolores, e você pode ir para o inferno junto com ela! – Eu finalizei a ligação, jogando o celular sobre a cama.

Eu respirei fundo, jurando ignorar a existência do Daniel para sempre e fui tomar um banho.

Demorei no chuveiro, tentando me acalmar.

Não era justo ele se permitir ficar no mesmo lugar que a Dolores.

Quando eu saí do banheiro, enrolada numa toalha, grunhi com o susto de encontrar o Daniel sentado na minha cama.

— Eu mandei você para o inferno, não pra minha casa. — Eu falei carrancuda, indo pegar uma

roupa.

— Você me pede pra ficar sozinha e depois pira porque eu deixei. É isso?

— Porque você estava com a Dolores. — Eu o corriji que riu.

— Bruna, eu estava com o Tadeu. A Tereza que o persegue. E a Dolores vai atrás. Eu mal dirijo a palavra a ela.

— E eu não acredito em você. — Eu falei, simplesmente. Peguei um pijama leve, de seda e voltei para o banheiro para me vestir.

— Não confia em mim? — Ele perguntou, franzindo o cenho e eu o encarei.

— Em você bebendo com o Tadeu e com a Dolores, sua ex por quem você era apaixonado? — Eu perguntei sendo sarcástica, mas o Daniel deixou escapar um riso. — E você se acha tão certo, que nem leva a sério.

— Eu to errado. — Ele falou, parecendo se divertir com a minha fúria. — Eu não devia ter saído só porque você disse que estava tudo bem e que queria ficar sozinha. Porque aparentemente, você é bipolar. — Ele sorriu para mim e eu voei nele, querendo enchê-lo de tapas. Mas o pai do meu futuro filho me segurou pelos pulsos, me forçando a deitar na cama, vindo para cima de mim, rindo.

— Eu quero matar você! — Eu falei furiosa,

tentando me soltar, mas em vão.

— Eu te amo. — O Daniel falou sorrateiro, como se pudesse acabar com toda a minha fúria dessa maneira.

— Você acha que pode sair com a Dolores e dizer que me ama que tudo fica bem? — Eu perguntei, horrorizada.

— Eu não saí com a Dolores. — O Daniel falou, tentando juntar nossas bocas, mas eu virei o rosto. — Bruna, pelo amor de Deus, você pode desconfiar até da Tereza, mas eu jamais teria algo com a Lola.

— Então tem a possibilidade de você me trair? — Eu perguntei incrédula e ele sentou na
NACIONAIS - ACHERON

cama, suspirando entediado.

— Você é louca. — Ele falou, pegando o celular que tocava. — Eu não volto pra aí, não, Tadeu. — Ele falou, e eu o imitei silenciosamente com uma careta enojada. — To com a Bruna, eu vou ficar aqui com ela.

— Pode ir, dar atenção pra sua ex. — Eu falei falsamente e ele me lançou um olhar entediado.

— Se você não parar quem vai virar ex é você. — Ele falou prepotente e eu dei risada.

— Seria ótimo, então. Eu vou adorar.

— Você quer que eu faça o que, Bruna?
Porque eu não sei de onde você tirou que eu trairia

você.

— Eu quero você longe da Dolores, só isso. —
Eu falei, assumindo o posto de namorada louca e
paranoica. Mas que se dane.

— Só isso? — Ele perguntou, desinteressado.

— Idiota. — Eu resmunguei, pegando o meu
pote de doce de leite, e voltei para o notebook.

O Daniel logo se juntou a mim e nós ficamos
ali, como dois adolescentes idiotas e inexperientes,
procurando coisas sobre o bebê.

Eu acordei no meio da noite, para pegar um

pouco de água. Não consegui voltar a dormir e analisei o Daniel, pela primeira vez, realmente me perguntando como ele estava se sentindo em relação ao Augusto. Tudo veio de uma maneira tão confusa, com esse misto de descobrir quem era seu pai e que iria ser pai ao mesmo tempo. E eu estive tão, mas tão assustada quanto aos dois assuntos que nunca parei para me colocar no lugar dele.

Pensei só em mim, no meu medo de perdê-lo, e na minha carreira, que talvez pudesse ser afetada com uma gravidez não planejada.

Eu olhei-o, dormindo tão sereno, e me senti

NACIONAIS - ACHERON

culpada por jogar toda a minha fúria nele, descontar nele o que estava acontecendo e nunca sequer perguntar se estava tudo bem, com ele.

Ele jamais teria oportunidade de chegar para conversar comigo, já que eu estava pirando feito uma maluca.

Aproveitei que não iria mais conseguir dormir, e procurei numa agenda o número da minha ginecologista, para marcar uma consulta.

Por mais que eu não quisesse agora, eu teria

que lidar e cuidar disso.

Acabei indo dormir pouco depois das cinco da manhã, e quando acordei com o Daniel me avisando que estava indo embora, levantei para ir ao meu escritório pegar algum material, para adiantar algum projeto.

[...]

Na segunda-feira, último dia do ano, eu fui ao salão pela manhã, fazer as unhas. Pela primeira vez em muito tempo, eu vi a Luciana. Ela estava junto

com uma decoradora que eu conhecia de nome. Deveria estar cuidando do quarto do bebê. Eu olhei a sua barriga que talvez pelo vestido longo e solto, não evidenciava a gravidez ainda. Eu não sabia exatamente de quantos meses ela estava, mas uns três ou quatro? Ou eu deveria traduzir em semanas?

Deixei esses pensamentos de lado e entrei no salão.

Acabei escovando os cabelos e cortando um pouco, também. Pensei em dar uma clareada, mas lembrei de que talvez a gravidez não permitisse.

Dormi a tarde toda, me sentindo frustrada pelo sono me vencer. Eu queria focar num projeto novo, embora o prazo para apresentá-lo fosse para a segunda semana de Janeiro. Mas a minha sonolência não me permitia focar.

Acordei pouco depois das sete, e fui me arrumar.

Era engraçada a maneira como eu estava instintivamente analisando o meu corpo a procura de mudanças, porque até ontem eu sequer queria

saber da gravidez.

O Daniel me ligou, avisando que levaria o Tadeu numa festa, mas que chegaria aqui em casa antes das dez.

A insegurança pairou sobre mim, porque talvez ele estivesse abusando da segurança de eu estar grávida, e achar que isso me manteria seguramente presa a ele. Porque até então, o Daniel não era esse cara que ligava avisando se atrasar, porque levar o seu amigo canalha numa festa era algo importante.

Eu respirei fundo, dez vezes e desliguei na cara dele. Respirei mais, para me manter calma, e fui me maquiar.

Fiz uma maquiagem forte, esfumando o preto e passei um batom nude. Calcei um scarpin preto, muito alto, e vesti o vestido branco que havia comprado.

Enviei uma mensagem para o Daniel, quando já estava pronta, perguntando onde ele estava.

Passava das nove, e pelo meu quarto, eu podia ver que já havia chegado bastante gente.

Eu não queria descer e enfrentar outra enxurrada de perguntas desconfiadas da minha mãe, sobre o Daniel estar solto.

A resposta dele não chegou a mim, então eu engoli a minha fúria e desci.

Fui à cozinha, na esperança de encontrar a minha mãe, e a encontrei junto com a Leandra. Cumprimentei minha ex-sogra com um beijo no

rosto.

— Cadê o Daniel? — Ela perguntou, sendo simpática. — O Augusto está desesperado com os dois filhos pra ser pai. Porque o Pedro é inconsequente, eu to com pena do que a Luciana está engolindo pra ficar com ele. E bem, segundo ele, você e o Daniel estão há pouco tempo juntos.

— Pouco tempo, mesmo. — Eu concordei. — E eu não sei como foi que aconteceu, porque eu estava tomando o anticoncepcional direitinho. — Reclamei.

— Vai ser bem vindo, a sua mãe está babando já.

— E você?

— A Luciana não é má pessoa, talvez seja uma boa mãe. — Ela falou, apertando os lábios.

Passava das onze horas, quando o Daniel chegou. Ele cumprimentou o pessoal que estava na mesa, e se sentou ao meu lado.

— Eu estou adorando esse cara que some e que prefere sair pra beber com os amigos. — Eu falei cinicamente para ele, embora em um tom baixo.

— Me desculpa, eu só desci pra falar com os caras. — Ele falou, deixando um beijo no meu rosto.

— Você não era assim. — Eu resmunguei.

— Eu só descí pra cumprimentar uns amigos, Bruna. O trânsito estava ruim, na volta. Eu não tive culpa.

— É linda a maneira como de repente, você tem que estar grudado no Tadeu.

— Eu saí com ele porque você disse que estava tudo bem. E eu voltei pra ficar contigo, quando você ligou. — Ele falou, e eu notei que a minha mãe observava a nossa discussão. — Eu não estou entendendo essa sua desconfiança.

— Não me vem dizer que é sem motivo, também.

— É sim. — Ele falou, e eu fiquei quieta. O Daniel pegou uma taça com champanhe para ele, e
NACIONAIS - ACHERON

um suco para mim, quando o garçom passou por nós.

Eu estava irritada com ele, por senti-lo diferente comigo e na maneira de agir, então fiquei quieta e ele logo passou a interagir com os demais.

A Leandra também anunciou que ele era filho do Augusto, coisa que nem ele, nem o Pedro Luiz gostaram.

Durante a euforia da contagem regressiva, aqueles fogos bonitinhos e irritantes queimando e

enfeitando o céu, eu tive que correr para o banheiro, porque precisava vomitar.

— Eu acho que te devo um pedido de desculpa. — O Pedro falou, quando eu saí do banheiro, me pegando de surpresa.

— Hum.

— Eu fiquei furioso, porque quando eu soube de tudo, me lembrei dos nossos planos e das nossas loucuras e eu vi que não teria mais volta. Eu fiquei desesperado.

— Não tinha volta desde que você começou a ficar com a Luciana.

— Eu sinto muito. — Ele falou, apertando os

lábios. – Eu te amei muito, Bruna...

— As suas atitudes provaram isso muito bem.

– Eu sorri para ele. Não havia mágoa, no entanto.

Eu havia, sabe Deus como, conseguido colocar um ponto final, não carregando nada de ruim dele comigo. E talvez isso fosse bom.

— Eu fui imaturo, mas a gente é tão novo, também. Eu não queria perder você, mas eu queria curtir a vida. E eu conseguia fazer os dois, até fazer a burrada de ficar com a Luciana.

— Você é muito cínico, Pedro. – Eu falei, não conseguindo segurar o riso. Ele estava assumindo na cara dura, que me traía desde sempre? – Você diz que foi burrada, mas vai ter um filho com ela.

— Vou, porque apesar de tudo eu não queria carregar a culpa de tê-la feito abortar. — Ele falou resignado e eu bufei um suspiro. — E pelo visto o Daniel está animado...

— Sim, ele está. — Eu falei, porque não assumiria para o Pedro as idiotices que o Daniel tem feito como sair com o Tadeu.

— Eu espero que esse ano seja melhor pra nós. — Ele falou, tranquilamente. — Eu penso que se eu não tivesse feito tudo errado, nós dois estaríamos morando juntos e hoje, estaríamos em algum lugar, provavelmente em Angra, comemorando. — Eu olhei-o, assustada. Um pânico tomou conta de mim, ao imaginar que eu poderia

estar presa ao Pedro, ou apaixonada por ele. Ou não tendo o Daniel na minha vida.

— Talvez... — Eu falei. — Eu vou voltar pra lá.

A noite correu bem, excluindo algumas discussões com o Daniel.

Quando todos foram embora, o Daniel ficou na sala com o meu pai, consumindo uísque caro.

Eu subi para tomar um banho e me trocar, mas notei uma mancha de sangue na calcinha.

O meu corpo formigava com o susto e o medo que pairava sobre mim.

Talvez a minha pesquisa mal feita na internet devesse ser abortada, e eu devesse procurar um médico. Mas no site que eu abri, pelo celular, dizia que era comum, algum tipo de sangramento no primeiro semestre da gravidez.

E eu não havia sentido dor, então deveria estar tudo bem.

Acordei com beijos do Daniel pelo meu

pescoço e me virei de frente para ele, cedendo aos seus carinhos.

Ficamos na cama, nos amando como se eu não tivesse agido feito uma louca possessiva com ele, toda a noite passada.

Descemos perto da hora do almoço, mas o Daniel foi para sua casa. O meu pai começou a questionar sobre casamento, devido a gravidez e eu agradeci o Daniel não estar presente. Tudo bem que parecia o mais correto a se fazer, mas não era necessário.

Eu hesitei, mas o medo que foi me cercando durante o almoço, quando a minha mãe desatou a falar, me fez comentar com ela, o incidente da noite anterior. Ela ligou para a doutora, mesmo sob os meus protestos de que estava tudo bem. Nós nos encontramos no seu consultório e eu fui examinada. Aparentemente estava tudo bem e eu pedi desculpas por importuná-la em pleno feriado.

De qualquer modo, nós ainda fizemos uma ultrassonografia, onde a doutora Rafaela informou que eu estava aproximadamente com sete semanas. Ela pediu repouso, enfatizando que estava tudo

NACIONAIS - ACHERON

bem, para me tranquilizar.

A minha mãe estava ficando chata de tão empolgada, me checando a cada momento.

O dia não foi produtivo. Eu dormi a tarde inteira e ridiculamente monitorei o Daniel quando acordei.

Era mais forte que eu. Por mais que eu tentasse ficar quieta, quando voltava à realidade, já estava lá, sendo louca outra vez.

[...]

Três dias se passaram e eu não sabia mais como o Daniel vinha suportando o meu mau humor, que já estava me irritando. Eu já estava agoniada comigo mesma.

— Isso é a sua má alimentação, você deveria ser mais cuidadosa, esse seu exagero pode fazer mal ao bebê. — A minha mãe falou e eu lhe lancei um olhar rancoroso. Eu estava sendo monitorada por ela, que queria me fazer repousar o dia inteiro, como se eu fosse conseguir. Sem contar que a minha alimentação era controlada por ela também, que havia montado um cardápio muito saudável. Eu

apenas roubava alguns doces escondida e duvidava que isso fosse me fazer algum mal, ou ao meu bebê. Eu também estava extremamente ansiosa para que o bebê começasse a crescer, mas apenas enjoos provavam que ele estava comigo. De qualquer modo, eu tinha consulta marcada para a próxima semana, para dar início ao pré-natal.

Era uma sexta-feira, e eu estava indo para o apartamento do Daniel, encontrá-lo, já que hoje começariam a montar os móveis.

Quando cheguei ao condomínio, subi, e assim que abri a porta, encontrei a Dolores lá dentro.

Eu já surtaria, por ser ela e ela não ter um motivo coerente para estar aqui. Mas tentaria ao menos ser civilizada. No entanto, eu estava numa situação ridícula de incontrolado emocional.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei, encarando-a firme.

— Conhecendo o lugar. — Ela falou, suavemente.

— Cadê o Daniel? — Eu perguntei irritada.

— Faltaram algumas coisas, ele saiu pra comprar. — Ela sorriu para mim. Falsa. — Como está a gravidez? Está ansiosa? O Daniel é mesmo um

trouxa por cair nessa ladainha.

— E você sonsa, por querer envenenar tudo, a todo o momento.

— Ele está mesmo feliz com essa coisa de ser pai? — Ela perguntou tendenciosa. — Porque ele não é o tipo de cara que sai e deixa a namorada em casa. E eu o vi várias vezes sozinho, comigo.

— Com você? — Eu perguntei, e ela riu, assentindo.

— A sorte do Daniel é ter quem acoberte. — A Dolores falou, pegando um quadro pequeno que eu havia comprado, mas o colocou de volta no lugar rapidamente. — Ele vai negar, o Tadeu vai negar e até mesmo a Tereza. Porque ele pode até querer

NACIONAIS - ACHERON

estar com você. Mas é homem e ainda mais quando está bebendo... Muito difícil resistir a certas coisas. Ao passado.

— O que? – Eu perguntei nervosa. A minha respiração já estava pesada com o que eu havia conseguido alinhar.

— A mulher que acredita em fidelidade tem que ser muito inocente, hoje em dia, em tempos de pegação, onde ninguém é de ninguém.

— O seu azar é que o seu veneno não surte efeito. – Eu falei, mentindo. Ainda cogitei a ideia de jogar um vaso de vidro nela. Matá-la e culpar os hormônios da gravidez.

— Mas o meu amor surte efeito no Daniel. –

Ela sorriu docemente, e eu fui furiosa para cima dela. Acertei um tapa forte em seu rosto, tanto que a minha mão ficou ardendo, mas ela emaranhou uma mão no meu cabelo, o puxando com força e eu tentei fazer o mesmo. O cara que estava provavelmente montando os móveis veio tentar nos separar, mas a sua luta só foi eficaz quando o Daniel chegou. O moço conseguiu segurar a Dolores, e o Daniel me afastou dela. Eu arfava, enquanto desembolava os fios do cabelo dela das minhas mãos, e sentia o meu rosto arder. O meu coração acelerado refletia na minha coordenação motora, e eu tremia, de tão nervosa.

— Vai embora daqui, Dolores. — O Daniel

falou com ela, sendo autoritário.

— Essa mulher é louca! – A Dolores falou, consertando o cabelo e eu tentei avançar nela outra vez, mas fui impedida pelo Daniel.

— Dolores, não me faça perder a paciência com você. – O Daniel aumentou o tom da voz, me deixando, para guiar quase estupidamente, a sua ex até a porta. Ele fechou a porta, trancando-a, e veio até mim, que estava sentada, tremendo, sobre uma caixa fechada. – Está tudo bem?

— Tudo bem? – Eu perguntei, com a voz muito embargada pelo nervoso e pelo meu choro. – Você muda completamente, – Eu funguei, engasgando o choro. – depois eu fico sabendo que

você está num bar com a sua ex namorada, que está fazendo de tudo pra te ter de volta, e quando eu chego ao seu apartamento dou de cara com ela, confirmando todas as minhas desconfianças. – Eu falei, me deixando ser a fraca que chora, na frente dele.

— O que? – O Daniel perguntou confuso.

— Não se faça de desentendido, Daniel, pelo amor de Deus. O Tadeu vai negar, a Tereza vai negar e você também! – Eu chorei mais, não acreditando que ele teve a coragem. – E depois, só pra eu não desconfiar, você foi pra minha casa!

— Bruna, você tá falando de que? – Ele perguntou cauteloso, vindo até mim, mas eu descii

NACIONAIS - ACHERON

da caixa e desviei, pegando a minha bolsa do chão.

— Para de fazer teatro, Daniel! – Eu pedi inconformada. – Você sabe do que eu estou falando!

— Se você não for coerente, eu não vou te entender. Você está mesmo levando a sério a Dolores? Justo ela?

— Eu estou ligando os acontecimentos. – Eu falei bem devagar e baixo para que eu pudesse ser entendida. – Tudo o que ela disse, com tudo o que você fez, confirma a versão que ela me contou. Não a sua.

— Bruna, você não confia em mim? – O Daniel perguntou, e eu engasguei no choro outra
NACIONAIS - ACHERON

vez, soluçando.

— Não. – Eu forcei, e saí do apartamento. Ele ainda veio atrás, mas eu já estava dentro do elevador. Quando ia saindo do prédio, a Dolores veio atrás, e eu queria voar nela outra vez, mas eu me lembrei da minha gravidez e de que talvez isso não fizesse bem à nós.

— Eu espero poder te agradecer um dia, pelo Daniel voltar pra mim. – A Dolores falou num tom de superioridade, e eu voltei cega no meu ódio, para brigar com ela mais uma vez.

Desta, porém, chegamos tão baixo, que eu estava no chão, sobre ela, que arranhava os meus

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

braços tentando me parar, enquanto eu puxava o seu cabelo, ou batia em seu rosto e chorava.

Nós paramos porque o Daniel voltou para separar, com a ajuda do porteiro do prédio. Ele tentou me carregar de volta, mas eu gritei com ele, nervosa, e arranhei o seu pescoço com tanta força que vi sangue escorrer. Foi quando eu conseguir sair e entrar no meu carro.

Não sabia dizer como consegui chegar segura, em casa. Desci do meu carro sem rumo, meio tonta, já com dificuldade até para respirar. Eu tive tempo de ver os meus pais descendo as escadas de

NACIONAIS - ACHERON

maneira eufórica. O meu celular tocou, e eu grunhi forte de ódio ao ver que era o Daniel. Assim que joguei o celular contra alguma parede, senti uma pontada forte na região pélvica e ouvi um grito da minha mãe. Antes que eu pudesse me acalmar e voltar a respirar tranquilamente, senti algo morno escorrendo pelas minhas pernas, e perdi completamente os sentidos ao ver duas linhas escuras de sangue escorrendo pelas minhas pernas.

[...]

Capítulo 18

Eu acordei num quarto que eu reconheci sendo de hospital e demorei alguns longos segundos para alinhar os pensamentos e me recordar vagamente do que havia acontecido.

O meu coração acelerou com o medo e eu grunhi me sentindo dolorida ao me virar. Notei também que estive inconsciente, mas com algum medicamento na veia.

— Está bem? — A minha mãe perguntou, vindo até mim. Eu olhei-a confusa, pela cara de

NACIONAIS - ACHERON

quem havia chorado.

— O que houve? – Eu perguntei, porque apesar das brigas com a Dolores e o Daniel, eu não conseguia lembrar nitidamente de todo o resto.

— Você quer conversar agora? – A minha mãe perguntou, com a voz falhando no final da frase e limpou uma lágrima que teimou em escorrer.

— Quero. – Eu falei confusa.

— Eu queria saber o que aconteceu pra você chegar em casa detonando o seu carro e o do seu pai. – Ela começou e uma sensação de pânico começou a me dominar. – E porque você chegou em casa dessa maneira, toda machucada. – A minha

NACIONAIS - ACHERON

mãe fungou, e os meus olhos arderam, refletindo a minha angústia.

— Eu briguei com a ex do Daniel. — Eu falei baixo. — Eu não sei bem, segundo ela, eles estavam se encontrando, eu não consegui me manter calma. Não sei sobre o resto.

— Foi Deus que não deixou nada mais acontecer com você, porque a frente do seu carro ficou detonada.

— O que? — Eu perguntei confusa.

— Você chegou em casa sangrando, Bruna. — A minha mãe falou, cautelosa. Ela ia continuar, mas o doutor entrou no quarto.

— Bom que esteja acordada. — Ele falou, docemente. Eu sorri fraco e queria perguntar se estava tudo bem com o bebê, mas não tive coragem. — Como se sente?

— Só um pouco dolorida. — Eu falei, fazendo uma careta.

— Se envolveu em alguma briga, Bruna? — O doutor perguntou, mas era algo evidente. — A sua mãe informou que você bateu o carro e que estava grávida.

— Sim. — Eu confirmei, olhando amedrontada para a minha mãe. O meu coração batia rápido e eu já me via desmoronando no choro outra vez.

— Você tem passado por algum tipo de

NACIONAIS - ACHERON

estresse? Nós não tivemos muito que fazer, porque você já havia abortado quando chegou aqui.

— O que? – Eu perguntei confusa.

— Você sofreu o que pode ser considerado aborto espontâneo. Não há uma explicação certa para esse caso. Estresse no início da gravidez aumentam as chances, mas você se envolveu numa briga e em um acidente de carro. Não há uma maneira de apontar uma causa específica.

— Oh... – Eu falei vagamente, sem reação. A minha mãe já chorava ao meu lado.

— Eu vou deixar você em observação esta tarde, mas fora isso está tudo bem. – O doutor me sorriu, e eu assenti, o vendo sair do quarto.

Logo o meu pai e a minha avó chegaram ali e eu fui mimada por ela e mais ainda pela minha mãe. O meu pai se manteve na dele, exigindo só que eu pusesse um fim nesse relacionamento com o Daniel. Segundo ele, era muito elevado ao extremo e eu não sabia lidar, analisando o que eu fui capaz de fazer. Ou estava tudo muito bem, ou eu perdia completamente o controle.

[...]

Eu tomei outro banho quando cheguei em

casa e me escondi na minha cama, me encolhendo. Conseguia me sentir a pior pessoa do mundo. Eu rejeitei tanto o meu filho, que acabei sem ele.

Estava com nojo da Dolores, porque na minha linha de raciocínio, a culpa era toda dela.

Agora, mais calma e talvez com medo de perder o Daniel, mesmo não imaginando uma maneira de conversar com ele, eu imaginava que se eu estivesse mais calma, conseguiria conversar com ele e entender toda a situação, naquele momento.

Ele era muito prepotente e corajoso para dizer as coisas, se quisesse a sua ex, estaria com ela. Eu aceitando ou não. Tanto é que ela não estava medindo esforços para infernizar a minha paz. Se não conseguia o Daniel por vontade dele, tentava me fazer surtar, para que eu afastasse-o de mim. Afinal, se nós terminássemos, ela teria espaço amplo para tentar reconquistá-lo.

Eu contive a vontade de ir pegar o macacão que havia comprado, para não me afundar nas ideias de um bebê meu e do Daniel vestido nele.

Ficar no meu quarto estava me atormentando

NACIONAIS - ACHERON

tanto, que eu desci. Encontrei o meu pai na sala e pela primeira vez em muitos anos, acho que desde que eu era bem pequena, eu fui atrás dos carinhos dele.

Ele não forçou conversa, mas eu desmoronei quando ele passou a acarinhar meu cabelo e me prometer que ficaria tudo bem.

[...]

Eu acordei no sábado, relutantemente. Meu rosto refletia a minha derrota. Eu talvez nunca

tivesse chorado tanto em toda a minha existência.

A minha avó tentava me consolar, lembrando que eu estava muito nova e que talvez um filho agora não estivesse nos planos de Deus para nossas vidas. Eu estava inconformada. Ainda mais pela maneira como tudo aconteceu.

De ter o passado do Daniel estragando o nosso futuro juntos.

Coloquei um short jeans com uma camiseta, calcei um chinelo e coloquei óculos escuros para

esconder a minha face desastrosa.

Eu precisava consertar o meu celular, ou comprar um novo. O que fosse mais rápido, porque além de tudo, era ferramenta de trabalho.

Peguei o celular destruído, e a minha bolsa. Mas me lembrei de que não tinha mais um carro, porque não poderia sair nas ruas com uma lataria amassada como estava.

Roubei a chave da minha mãe, sem avisar para evitar que ela proibisse. Fui à loja, e como

PERIGOSAS

comprar um aparelho novo parecia mais eficaz do que esperar o conserto, eu o fiz. E acabei escolhendo um aparelho mais moderno e evidentemente mais caro.

Assim que coloquei o chip, recebi ligação do Daniel, mas eu ignorei. Não me sentia estruturada para conversar com ele.

Não queria somente culpá-lo. Eu tinha a minha parcela. Talvez a maior parte dela. Eu errei em renegar uma gravidez, como se essa atitude infantil fosse resolver alguma coisa.

NACIONAIS - ACHERON

Agora, apesar de qualquer coisa, eu não tinha um laço que me uniria eternamente ao Daniel, e então seria fácil pôr um fim. Eu quis imaginar uma conversa civilizada, onde eu me desculpava por ter sido tão louca, mas como diria que a minha falta de controle sobre o meu emocional me fez perder o nosso bebê? E como eu iria engolir e esquecer a Dolores, que era mais bipolar do que eu, sumindo e reaparecendo para atormentar? Tudo poderia ter sido evitado, talvez, se ela não estivesse no apartamento dele, se nós não tivéssemos brigado.

Ainda tentei ser mais fria e pensar que agora

NACIONAIS - ACHERON

eu poderia ser mais cautelosa e planejar melhor, essa história de ter filho. Mas nada me deixava aliviada.

Estar assustada, rejeitar, não controlar o humor... Nada disso queria dizer que eu não amaria o meu filho. Os meus medos eram justificáveis, se eu fosse comparar a minha criação e o exemplo de vida planejada que eu tive dentro de casa.

"Bruna, por favor, me deixa falar com você"

Era o Daniel, mas eu não respondi. Se eu

fosse conversar com ele agora, iria culpar a Dolores pela perda do bebê.

No fundo, eu culpava a Dolores.

Eu enrolei para voltar pra casa. Dei algumas voltas, escutei algumas músicas. Tentei alinhar o que eu pensava e o que eu sentia.

Voltei pra casa quando já estava escurecendo.

O Daniel me enviou outras mensagens e eu pedi para que pudéssemos nos encontrar no

domingo pela manhã, no meu apartamento.

Eu pensei no tipo de conversa que teríamos. Se eu tomaria como verdade a versão da Dolores, ou deixava-o se explicar. Pensei na maneira de contar que não teríamos mais um filho.

E em como seguiríamos, se nos separássemos.

Pela primeira vez desde toda essa situação desastrosa, eu pensei no fim como algo próximo à realidade e chorei por isso.

Eu não queria perder o Daniel, mas era

insustentável, era enfermo manter um relacionamento da maneira como estávamos conduzindo.

Mal consegui dormir, angustiada. Recordei-me dos primeiros momentos de nós dois e a maneira como nos conhecemos. De como demos voltas para então ficarmos juntos. Do seu jeito seguro, que eu havia conseguido confundir. Era sempre eu a ceder, mas de repente, ele estava aí, fazendo as minhas vontades.

Encontrei o Daniel no meu apartamento, pouco depois das dez, na manhã seguinte. Eu me

NACIONAIS - ACHERON

sentei ao sofá, e indiquei que ele fizesse o mesmo.

— Eu fui à sua casa, a sua mãe não me deixou entrar. O seu pai pediu que eu sumisse da sua vida, Bruna. — Ele começou e eu concordei. — Eu sei que eu não devia ter deixado a Dolores no meu apartamento, ela chegou ali com a minha mãe, que insistiu pra conhecer o lugar. Eu saí, e quando voltei vocês duas estavam atracadas, brigando.

— Porque ela me informou que vocês têm se encontrado.

— Você é tão inocente a ponto de levar a Dolores à sério? — O Daniel perguntou de maneira impaciente.

— O seu comportamento estava outro,
NACIONAIS - ACHERON

Daniel. Você estava adorando sair sozinho com o Tadeu e não diz que eu estava bem com isso. Eu estava confiando em você, porque apesar de tudo, eu não achava que você precisava estar comigo o tempo todo. Toda a versão que a Dolores me contou lá no seu apartamento, fez todo o sentido pra mim. Não parecia uma história inventada.

— Mas foi uma história inventada. — Ele rebateu impaciente. — Bruna, pelo amor de Deus... — Ele riu incrédulo. — Eu não seria tão sem caráter a ponto de te trair e ir pra sua casa depois. Eu não seria capaz de ficar com a Dolores outra vez, porque eu não sinto vontade nenhuma de estar com outra mulher.

— É muito fácil chegar aqui e se explicar, porque como ela disse você tem quem te acoberte. Afinal o Tadeu vive assim, também, não é?

— Ele vive assim porque as duas aceitam, porque ele gosta disso! Ou você acha que a Lorena não sabe da Tereza? Ou que a Tereza só fica com ele pra não largar o osso? É completamente diferente, Bruna.

— Pra mim não é. E de qualquer maneira, não é sobre isso que eu vim aqui falar com você.

— Não? – Ele perguntou confuso e eu neguei com a cabeça.

— Não. Se aconteceu ou não algo entre você e a Dolores, não é um problema meu, porque eu

NACIONAIS - ACHERON

não quero mais. – Eu falei. Rápido para parecer resignada. A minha respiração pareceu pesar com o medo do que viria a seguir.

— O que? – O Daniel perguntou um tempo depois, como se estivesse tentando me traduzir.

— Eu não quero mais. – Eu repeti, tomando uma respiração profunda. – Eu cansei da Dolores entre nós dois, porque foram poucos, os momentos de paz que nós tivemos desde que ela chegou. – Eu resmunguei. – Nem com o Pedro Luiz, durante o nosso namoro, por mais canalha e infiel que ele tenha sido, eu passei tanta raiva. Porque tirando o episódio ridículo dele com a Luciana, ele fazia questão de esconder todo o resto.

— Você vai terminar tudo comigo, comparando tudo com o Pedro Luiz? – O Daniel perguntou horrorizado e eu deixei escapar um risinho.

— Não estou comparando. Foi horrível o fim com ele, foi horrível o que ele fez. Mas ele nunca teve uma ex-namorada que interferisse entre nós dois.

— Então uma traição é aceitável pra você, desde que não venha de uma ex?

— Você já me traiu? – Eu perguntei, encarando-o firme a espera da resposta. O Daniel riu, como se a minha pergunta fosse absurda.

— Eu saía com muitas mulheres, Bruna. Era
NACIONAIS - ACHERON

gostoso, eu estava satisfeito com aquilo porque havia jurado pra mim, depois do desastre com a Dolores, não me envolver, não assumir algo sério com mais ninguém. Se eu estava com você, foi porque havia decidido abrir mão daquilo. Se eu não quisesse, eu continuaria na minha vida promíscua, procurando você quando me desse vontade. – Ele falou, porque ele era esse ridículo que se acha o dono da razão.

— Eu não seria um brinquedo pra você.

— Se eu quisesse que você fosse um brinquedo para mim, você seria sim. – Ele sorriu simpaticamente para mim, que bufei um riso.

— Eu não quero perder o foco da nossa

conversa. – Eu falei, analisando o seu rosto. Havia marcas das minhas unhas em seu pescoço, e um calafrio percorreu meu corpo, porque eu não conseguia uma explicação para a minha coragem de fazer aquilo. – Não adianta a gente continuar tentando, Daniel. Com a sua ex aí, achando que vai te ter de volta, a gente só vai se destruir.

— Não vai, Bruna. Você deveria aprender a confiar mais em mim e não ter medo de enfrentá-la. E eu não estou falando de brigar, mas de ser superior a qualquer provocação. Você não vê que é só isso que ela quer?

— Daniel, independente do que a Dolores queira, eu estou pensando no que eu quero, agora.

— Nós vamos ter um filho, amor. — Ele falou, e a minha respiração falhou. — Ela vai ter que aceitar isso.

— Eu perdi o bebê. — Eu falei rápido e baixo, sem coragem de encará-lo.

Daniel Maia

Eu saí do apartamento da Bruna, furioso, me sentindo fracassado.

Fui tão inútil a ponto de sequer conseguir manter a Dolores longe dela. Fui ingênuo ao pensar que a Bruna, justo a Bruna, saberia lidar com o veneno bem planejado da Dolores. Fui seguro de que estava tudo bem, deixando-a sozinha. Eu não deveria nunca tê-la deixado, sozinha. Eu deveria saber que com o histórico de infertilidade da mãe dela, era provável que talvez isso fosse hereditário.

Procurei milhares de explicações. Segundo a Bruna, o médico que cuidou dela não soube explicar uma causa exata.

Mas na minha cabeça, a probabilidade de essa desgraça ter sido em grande parte culpa do show ridículo e sem fundamento da Dolores era enorme. A Bruna poderia ter sentido algo, claro, mas nós talvez, se não estivéssemos no meio de toda aquela confusão, tivéssemos conseguido contornar a situação, ter procurado um médico à tempo.

Por mais dramática que a Bruna fosse, eu nunca havia visto-a sem controle como ela havia ficado. Tão nervosa como a Dolores conseguiu deixar.

Eu não me senti digno de insistir para que ela não me deixasse, depois de vê-la chorar e lamentar a perda do nosso bebê. O meu coração apertava quando eu me lembrava dela falando, com a voz abafada pelo choro: *nosso bebê*.

Eu não queria também, imaginar tudo isso como um fim. Nada poderia ser tão definitivo, se nós não quiséssemos que fosse.

No fundo, eu me senti orgulhoso por ela se impor. Eu não queria e nem quero perdê-la, mas a Bruna sempre foi aquela mulher que me cedia, na maioria das vezes. Eu sempre conseguia o que queria com ela, bastavam alguns carinhos.

E por mais que eu hesite em admitir, talvez eu concordasse que com a Dolores entre nós dois, nós acabaríamos nos estragando, dissipando esse sentimento bom que sentíamos. Ou que pelo menos eu, sentia por ela.

Eu cheguei em casa e me deparei com a minha mãe e a Dolores na sala, junto com a mãe dela.

— Está tudo bem? Esteve chorando? — A minha mãe perguntou, quando eu entrei, mas eu iria ignorar.

— Dan, eu queria conversar com você. — A Lola falou, e eu bufei um riso.

— Pra dizer o que Dolores? Que você foi capaz de bater na minha mulher que estava grávida? Que foi tão inescrupulosa a ponto de inventar uma história ridícula de que nós dois estávamos nos encontrando? A que ponto você chegou? Que porra aconteceu com o seu caráter?

Porque a mulher com quem eu namorei, por mais inconsequente que fosse jamais teria coragem de fazer uma merda dessas.

— Ela começou.

— Ela estava grávida. A sua sorte é que ela sequer pensou em dar uma queixa. Lesão corporal é crime, Lola. Você seria facilmente condenada, porque ela estava grávida e perdeu o bebê por sua causa. — Eu falei, nervoso. Estava pouco me importando se a causa da perda foi mesmo por causa da Dolores, mas queria no mínimo deixá-la indigna em frente a minha mãe e a dela.

Parecia infantil a minha atitude, mas eu não estava me importando. Ofender e humilhar a

NACIONAIS - ACHERON

Dolores não traria o meu bebê de volta.

— Daniel, ela veio pra cima de mim como uma louca, eu só quis me defender. Você escolhe uma desequilibrada pra namorar e quer me culpar por isso?

— Pra começar eu não sei nem o que você estava fazendo no meu apartamento. Se fosse bem vinda ali, eu teria convidado. E você provocou, Dolores. Fez questão de se aproveitar de uma situação e inventar uma mentira. Você adora jogar, não é? Mas me diz o que você tem ganhado? O apoio da minha mãe de que a gente vai voltar? — Eu bufei um riso, sendo sarcástico. — Porque se antes eu não queria, depois do que você fez, eu tomei

nojo de você. – Eu fui em direção ao meu quarto, e fechei a porta.

Estava meio desnorteado, furioso, frustrado. Sentia-me um fracassado.

Poderia até soar um pouco machista, ou possessivo, mas um filho com a Bruna nos manteria ligados. Ela não teria a opção de terminar tudo comigo como fez, se estivesse esperando um filho meu. Eu teria a desculpa de querer acompanhar a gravidez. Eu teria mais motivos para estar ao lado dela, e já conhecia o suficiente dela, para saber que era questão de dias para estarmos juntos outra vez.

Quando tempo ela aguentaria estar próxima a mim e me evitar?

O Tadeu ligou, querendo sair pra beber, mas eu estava tão desanimado que neguei. Parte em mim o culpava, também. Se ele fosse firme com a Tereza, ela não estaria lá aquele dia, e a Dolores não teria como ter inventado essa história de merda.

Procurei mil maneiras, como se eu pudesse voltar no tempo.

Estava distraído olhando uma foto da Bruna no meu celular, quando a minha mãe entrou no quarto.

— Então quer dizer que ela perdeu o bebê? —
Ela perguntou cautelosa, e eu olhei-a.

— Sim.

— A Dolores não merecia ouvir aquilo. — A minha mãe falou, porque era óbvio que viria defender.

— Ela merecia coisa pior. Foi falta de respeito, falta de amor ao próximo o que ela fez. Quando eu cheguei elas estavam atracadas, jogadas no chão da rua. A Dolores não tem postura de alguém que tenha caráter. E a culpa é sua também,
NACIONAIS - ACHERON

que fica enchendo a cabeça dela sobre uma volta.

— Ela falou que a Bruna começou. Você deveria saber valorizar quem realmente merece.

— Quantas vezes eu priorizei a Dolores e ela foi embora? Pelo amor de Deus, ela passou mais de um ano sem sequer vir aqui. É só me ver seguindo em frente que volta. E volta pior, volta pra atormentar. Entenda, mamãe, que eu não vou voltar com a Dolores. Eu volto pras várias mulheres que eu pegava sem me importar, antes. Mas ela poderia ser a última mulher no mundo, que eu não voltaria.

— Você está sendo injusto.

— Me deixe ser. — Eu resmunguei, irritado.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 18²

Eu arrumava a minha mala, porque havia decidido viajar. A Lorena viria comigo e o Ricardo também. Iríamos para uma praia no Espírito Santo, mas ficaríamos só uma semana.

Arrumei tudo com calma, para que não me esquecesse de nada e fui tomar um banho. Nós sairíamos pela madrugada, para chegarmos cedo, já que a viagem duraria em média umas sete horas e meia.

Ainda saí pra comprar algumas coisinhas, porque por mais que eu tenha tudo, eu sempre achava que estava precisando de algo.

O apartamento do Daniel foi terminado e não que eu estivesse me gabando, mas havia ficado lindo. Com um ar imponente.

Ele insistiu para que fossemos jantar lá, nós dois. Eu neguei, por mais que eu quisesse. Talvez a perda do meu bebê tenha me feito pensar que a maneira impensada como eu levava a minha vida pessoal, fizesse tudo dar errado. Eu só me deixava levar. No meu escritório eu conseguia ser firme e

NACIONAIS - ACHERON

lidar com tudo da melhor maneira possível, mas com o meu emocional eu sempre ia de mal a pior.

Eu sabia que seria difícil esquecer o Daniel, porque eu tinha alguma experiência com finais de relacionamentos. Mas também sabia que a falta que me corroía, aos poucos iria adormecendo.

O que tornava tudo mais difícil era saber que o Daniel estava só esperando o meu sim para voltar. E deixava isso claro.

Eu não sabia se ele estava saindo com

alguém. Sabia só que ele havia brigado com a Dolores duas vezes em público, porque a Lorena soube através do Tadeu.

Sobre a minha perda, talvez a minha mãe fosse ainda a mais sentida. Ela temia que eu sofresse do seu mesmo problema de infertilidade. Engravidar não era o maior dos problemas, segurar o feto, sim.

Eu ainda não estava preocupada com isso. E evitava pensar sobre o curto tempo em que descobri que estava e estive grávida. Talvez tenha sido uma experiência para me alertar. Trazer-me uma

NACIONAIS - ACHERON

maturidade que eu não tinha.

Fazer-me enxergar que os problemas não desapareceriam porque eu não queria enfrentá-los. Que adiar uma gravidez era inviável. Que pensar em abortar tendo as melhores condições e o maior apoio para ter um filho, era algo absurdo. Eu acreditava que a mulher saberia o que fazer com o próprio corpo. Embora analisando tudo com mais calma, como agora, eu achasse tão inescrupuloso. Parecia uma solução no momento de desespero, um ato de puro egoísmo e ambição, pelo menos no meu caso. Talvez agora eu estivesse mais preparada e mais forte, para lidar com qualquer coisa que fosse.

[...]

Meses depois...

Meio de Abril. Mês do meu aniversário e eu, prezando a fama de mimada que fui e sou, estava sendo mimada, há exatos dois dias antes do meu dia.

Os meses seguiram tranquilos. Viajei, conheci muita gente, trabalhei menos. Tudo bem que eu fazia o que eu amava. Mas a vida ia além de estar

enfurnada em um escritório. Eu tinha quase vinte e três anos ainda, para pensar só na minha carreira. Eu tinha muito que aprender e viver. Não era só vida profissional que traria satisfação.

Talvez eu venha aproveitando demais. Mas eu estava satisfeita com a minha vida. Com a maneira que eu vinha conduzindo-a.

Eu permanecia solteira e acreditava que teria, talvez, esquecido o Daniel, se eu conseguisse ser aquela mulher resignada. Ou se eu quisesse mesmo seguir em frente.

Eu ainda saí com alguns caras, mas nenhum deles conseguia me controlar como o Daniel fazia. Por mais ridículo que possa parecer e eu chegava a rir da minha loucura, eu não conseguia pensar em me envolver com um cara que não fosse o Daniel.

Talvez por isso, não que eu estivesse sendo presunçosa, eu acabava sempre na cama dele. Nos seus braços, no seu aconchego e paz.

Eu poderia nos chamar de recaída. Aquele amor vagabundo que insiste em ficar, quando já

deveria ter ido.

Ou não deveria ter ido, porque depois de tudo que nos aconteceu com a sua ex interferindo e a perda do nosso filho, nós conseguíamos nos encontrar e nos amar sem o peso do passado, mesmo que muito recente.

— Não vai... — O Daniel falou sorrateiro, me prendendo entre os seus braços, quando eu tentei levantar. Já passava das onze da manhã, eu estava com fome e atrasada.

— Daniel, por favor. — Eu pedi, mas já estava sendo manipulada pelos seus lábios.

— Você quer me trocar pela Lorena? – Ele perguntou, deixando beijos suaves no meu pescoço, enquanto brincava com o meu seio e eu grunhi.

— É sério. – Eu falei, mas ele passou a mão por entre as minhas pernas, brincando com o meu sexo. – Isso é trapacear. – Eu engasguei e ele concordou, brincando o dedo na minha entrada. O meu celular voltou a tocar numa ligação da Lorena, então eu atendi.

— Eu to indo, amiga. – Eu prometi.

— Vinte minutos que eu estou te esperando. – Ela reclamou. E eu arfei. – Você está mesmo na sua casa?

— To. – Eu falei, apertando os olhos e

NACIONAIS - ACHERON

trancando a respiração. O Daniel sussurrou para que eu desligasse, e eu fui soltando a respiração devagar, enquanto ele investia dois dedos dentro de mim.

— Bruna, se você não vier, eu vou sozinha! —
A Lorena reclamou, e eu gemi forte, com o cretino do Daniel me penetrando forte, de uma vez. Ele me tomou o celular, finalizando a ligação e passou a investir rápido em mim.

— Isso é jogo baixo. — Eu falei, quase sem voz e ele grunhiu, concordando comigo, indo fundo, angulando o quadril e ficando. Eu gemi mais alto, guiando os movimentos da sua mão no meu clitóris. Eu já estava alucinando, muito perto da
NACIONAIS - ACHERON

borda quando ele gemeu forte e eu senti o seu gozo dentro de mim. Eu choraminguei, me entregando ao orgasmo que dominava o meu corpo.

Virei-me de frente para ele, acarinhando sua barba e o beijei carinhosamente.

— Você atrasa todos os meus compromissos.

— Eu falei, brincando os seus lábios nos meus.

— A Lorena vai superar. — Ele falou, tranquilamente. Nós ficamos mais algum tempo na cama, mas eu levantei primeiro, vesti uma camisa do Daniel e fui para a cozinha, preparar o almoço.

Claro que eu coloquei um vídeo do Youtube para carregar, numa receita de risoto de frango. Eu meio que apanhava da cozinha. Cortar cebola então era uma tortura.

O Daniel logo chegou enrolado numa toalha, embora não tivesse tomado um banho e se sentou no banco, me observando, como se duvidasse da minha capacidade.

— Se der errado a gente liga pra algum restaurante. — Ele falou, quando eu coloquei uma cebola para ele cortar. — É incrível que você banca a cozinheira, mas quem se fode pra fazer a pior parte sou eu. — Ele resmungou, mas não se recusou

a me ajudar.

— Você é muito pessimista. — Eu falei, voltando para o vídeo.

Depois de almoçar, um risoto que estava gostoso e talvez parecesse mais ainda devido a minha fome, eu encontrei a minha mãe. Ela estava planejando uma surpresa para mim, mas acreditava firmemente que eu não estava sabendo de nada.

Ela não estava se opondo às minhas recaídas com o Daniel, embora estivesse apostando animadamente no Marcos Júnior. Por eu ter me deixado levar e ter dado alguns beijos nele.

Nós estávamos saindo de casa para ir ao shopping encontrar a Leandra, quando ela ligou, avisando que a Luciana estava passando mal e eles estavam indo ao hospital.

Pedro Luiz

O doutor havia pedido repouso, mudado a alimentação e dobrado o acompanhamento, mas a Luciana era simplesmente teimosa. Faltavam exatas três semanas para a data prevista do nascimento da nossa filha, que ela queria chamar de Melina, mas nós brigamos e eu venci.

Seria Milena.

Nós já havíamos montado o quarto e comprado de um tudo para esperar a chegada dela. E eu estava ansioso. Era uma ansiedade boa, até a

NACIONAIS - ACHERON

Luciana começar com as dores e inchaços.

Estávamos no jardim de casa, jogando conversa fora, quando ela passou a reclamar de dor e não demorou muito até a coisa ir mais além e ela mal conseguir respirar. Eu, inexperiente, gritei pela minha mãe, que com a sua maneira ágil de resolver as coisas, já foi ligando para o médico e pegando a chave do carro.

Ela estava se dando melhor com a Luciana. Não que a Lu fosse lá o amor da minha vida, ou que eu tivesse imaginado que nós estaríamos juntos, mas a vida estava até boa ao lado dela. Nós

NACIONAIS - ACHERON

teríamos uma filha, algo que nos pegou de surpresa, mas isso nos deixou muito próximos.

Quando chegamos ao hospital, o doutor foi logo medindo a pressão dela, que para variar, estava alta. Eu ficava nervoso quando tinha que estar com ela, e ia deixá-la com a minha mãe, mas ela segurou forte na minha mão.

— Fica, por favor, Pedro. — A sua voz estava cansada e ela suave.

— Eu vou ligar pro seu pai. — A minha mãe avisou, e eu sentei-me à beirada da cama, deixando um beijo casto nos lábios da Luciana.

— Vai ficar tudo bem. — Eu prometi, e ela assentiu nervosa.

Eu estava acostumado a trazer a Luciana para o doutor deixá-la bem. Nós voltávamos pra casa, e pronto. Estava tudo bem.

Mas comecei a ficar preocupado, quando ele cismou que era a hora da minha filha nascer. Segundo a obstetra da Lu, que já estava a caminho, ela teria condições de parto normal e nós poderíamos esperar, porque estaria tudo bem. Eu queria brigar com o médico, mas quando a Lu começou a convulsionar, eu parei de argumentar.

Foi muito rápido o tempo em que a

NACIONAIS - ACHERON

prepararam para ir para a sala de cirurgia, anestesiaram-na e tudo mais. Eu vesti a roupa que uma enfermeira me entregou, porque não poderia deixar a mãe da minha filha sozinha.

A Luciana já estava respirando com a ajuda daqueles aparelhos respiratórios. Eu segurava a sua mão e orava para que ficasse tudo bem. Ela meio que desmaiava e voltava, e cada vez mais eu ficava com medo.

— Vai ficar tudo bem, amor. — Eu prometi desesperado, mas ela, mesmo com o aparelho ajudando, forçava a respiração. Nós ficamos ali naquela luta, naquele medo por um tempo

relativamente longo. A Luciana, que apertava a minha mão, fora ficando inconsciente, mas algum enfermeiro vinha reanimá-la e pedia força para ela.

Quando eu escutei o choro da minha filha, o bip do aparelho respiratório passou a ser constante e desespero tomou conta de mim. Eu segurei o enfermeiro pela gola da roupa, exigindo que ele desse um jeito nisso, furioso.

Eu exigi que ele fizesse um milagre, em vão.

Eles tentaram reanimá-la, mas não foi possível.

Eu ainda olhei para a Lu ali, morta e me culpei. Ela era tão nova, e talvez nada disso tivesse acontecido se eu não tivesse investido tanto nela.

Eu só queria me divertir, fui egoísta e olha só aonde chegamos... O doutor falou que sentia muito, e eu queria matá-lo também. Que ele fizesse mais. Não havia essa coisa de escolher? Qualquer um deveria ter visto nos filmes, quando o doutor chega e pede para escolher entre a mãe ou o bebê. Porque comigo não houve essa opção? Porque ele não fez um milagre e salvou a vida das duas? Que porra de médico era ele?

— Nós sempre escolheríamos a mãe, se houvesse opção de escolha no caso dela. Fizemos o possível, eu sinto muito. — O Doutor falou, enquanto eu chorava e eles tiravam o corpo dela da sala. A enfermeira levou a minha filha, que eu ainda não tive coragem de olhar. Mas segundo o Doutor, estava tudo bem com ela. Ela era prematura, mas nasceu saudável.

Eu encontrei a minha mãe, que me recebeu com um abraço e chorou junto comigo. Eu parecia uma criança, soluçando e engasgando no choro desesperado. Não conseguia dizer nada, só sentia dor, medo e culpa.

Não sei quanto tempo fiquei ali, dilacerado, chorando feito uma criança perdida. Minha mãe deixava palavras de conforto, mas nada me consolava. Nada iria fazer eu me conformar.

Fui ao banheiro, lavar o rosto, para ir ver a minha filha. Eu queria pegá-la no colo, mas ela estava na incubadora e eu só podia vê-la através do vidro. O meu pai só observava e eu não ousei dirigir a palavra a ele.

Eu imaginei que fosse justo nomeá-la com o

nome que a Luciana escolheu, por consideração a ela. A Lu já havia dito que significava Jardim de Deus, a que é doce como Mel e que seria uma menina de astral bom, feliz e otimista. Eu chorei mais, porque teria que ser um bom pai para ela, e teria que fazer isso sozinho. Aprender sozinho.

A minha mãe fez o favor de avisar aos pais dela e cuidar do enterro.

Tinha também a papelada para registrar a Mel.

Eu estaria vibrando de felicidade, eu acho se não fosse essa perda.

Não queria questionar, também. Iria acabar culpando Deus. Não conseguia aceitar, mas não tinha muito que fazer.

— Eu sinto muito. — A Bruna falou, quando eu voltei para a sala de espera. Eu a olhei, e já queria chorar outra vez. Eu fui tão cretino com ela, e tudo acabou dessa maneira triste. Ela estava com os olhos avermelhados, assim como as bochechas rosadas, deixando evidente que ela também chorou.

Quando eu conheci a Bruna, ela e a Luciana só andavam juntas. Saíam para todos os lugares e bebiam muito. A Bruna foi parando quando começamos a namorar, porque também, os programas mudaram um pouco. Mas a amizade das duas sempre foi muito bonita, forte. Até eu, me achar o gostosão e começar a propor coisas para a Luciana.

Ela nem quis no início, mas vai prometer presente caro pra mulher carente. Vai falar coisa bonitinha, prometer amor...

— Isso tudo foi culpa minha. — Eu falei e funguei.

— Não se culpa agora, Pedro. — Ela pediu, e uma lágrima silenciosa escorreu pelo seu rosto. — Ah... — Ela tentou sorrir, mas outras lágrimas desceram, e eu as limpei, puxando-a para um abraço. — Eu não queria que as coisas tivessem sido dessa forma. — Ela falou, chorando, e eu não consegui me conter, também. — Apesar de tudo, eu estava torcendo pra que vocês ficassem bem.

— Você já viu a Mel? — Eu perguntei, soluçando. — Ela é tão branquinha e pequena...

— Isso acabou de maneira tão injusta. — A Bruna chorou mais. O maior problema da Bruna era começar a chorar, ela não iria parar tão cedo.

— Ela não merecia. Ninguém merecia passar

NACIONAIS - ACHERON

por isso. — Eu falei, e a Bruna apertou mais o abraço. Foi quando eu notei o Daniel se aproximando de nós. Em outros tempos, se fosse ontem quando a Luciana estava aí e estava bem, eu teria provocado. Não suportava a maneira como o Daniel lidava com tudo e manipulava a Bruna. Ela o obedecia de uma maneira como nunca fez comigo. Era tirado a ser o cara perfeito. Mas hoje, eu não queria ser fonte de discórdia, então me afastei.

— Eu sinto muito, cara... — Ele falou, e eu assenti, apertando os lábios. A Bruna não parava de chorar, então eu a deixei com o Daniel e voltei para onde minha mãe estava. Ela falava no telefone e

chorava.

[...]

Eu mal conseguia dormir. Enterrar a Luciana foi a coisa mais difícil que eu já fiz em toda a minha vida.

Talvez o que eu sentisse por ela fosse amor, e eu não soubesse enxergar, por estar preso a uma ideia de futuro com a Bruna, só por ela ser aprovada pela minha mãe, de uma maneira que a Luciana nunca foi.

Quando eu vi o caixão descendo, eu tive a certeza que havia acabado e eu queria ir junto, porque nunca havia sentido dor tão grande.

Eu chorei porque eu não prezei o que nós tínhamos e apesar da pouca idade, nós poderíamos ter construído algo bom e duradouro.

Chorei porque não fiquei em casa com ela, quando ela reclamava das dores e eu preferia sair para vadiar. Chorei porque eu poderia ter sido mais homem, eu poderia ter cuidado mais. Chorei porque

a minha filha não teria uma mãe para criá-la e eu acreditava que era por culpa minha.

Todos foram embora, mas eu fiquei ali, perto do túmulo dela. A Luciana era inconsequente como eu, egoísta, porque quando quis acabar com o meu namoro com a Bruna, foi lá com a cara e a coragem e contou tudo para ela. Fez de um jeito que não conseguia me sair, e por mais que eu quisesse manter a Bruna, eu não conseguia me desfazer da Lu.

Não tinha só lembrança ruim. Nós vivemos muita coisa boa. E era isso que eu queria guardar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dela comigo. Eu queria contar para nossa filha, só a parte boa da minha história com a sua mãe.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 19

A morte da Luciana, inesperada e dolorosa, acabou com qualquer chance de comemoração do meu aniversário. Com qualquer ânimo para fazê-lo.

Era uma terça-feira e eu acordei com o Daniel me trazendo um bolo pequeno enfeitado com uma vela. Eu grunhi preguiçosa, com ele me cantando os parabéns, e exigindo que eu fizesse um pedido. Eu sorri para essa superstição boba, e assoprei a vela, colocando o bolo no criado mudo e o puxando para um beijo.

— Pediu o que? – Ele perguntou sorrindo e eu deixei um selinho em seus lábios, roçando a minha mão na sua barba.

— Você. – Eu falei, sendo patética e ele riu.

— Você já tem. – Ele falou, simplesmente. – Poderia ter pedido outra coisa. – Ele falou docemente, como se esses pedidos fossem mesmo ser realizados.

— Eu espero agora, e peço algo diferente pro papai Noel, no Natal. – Eu zombei, e ele mordeu o meu lábio inferior.

— Eu amo você. – Ele falou, enquanto eu pegava o bolo, mordendo um pedaço.

— Obrigada.

— Por te amar? – O Daniel riu, mas eu neguei com a cabeça, rindo também.

— Pelo bolo. – Eu falei, divertida. Nós ficamos a manhã trocando carinhos, e a tarde o Daniel foi trabalhar. Eu fiquei no apartamento dele, o dia inteiro, embora estivesse trabalhando.

Hora ou outra, lembranças com a Luciana me vinham à tona, e aquele sentimento ruim de perda me dominava. Se estava sendo difícil para mim, eu me perguntava como estava a cabeça do Pedro Luiz, para enfrentar essa barra toda, ainda mais com uma filha para criar.

Lembranças da nossa adolescência, juntas, me cercavam, e eu quis esquecer a sua traição com a nossa amizade ao ficar com o meu namorado, e guardar só a parte boa na nossa convivência.

Peguei-me chorando de saudade e de culpa, imaginando que talvez, eu devesse ter perdoado tudo e prezado a nossa amizade, mesmo que ela não fizesse questão.

O Daniel ligou pouco antes das sete, avisando para eu me arrumar, que iríamos jantar. Eu enrolei

mais um pouco, para aliviar aquela angústia ruim de perda.

Estava no chuveiro, quando o Daniel me encontrou, atrasando-nos. Obviamente.

Ele ainda terminou primeiro, porque havia molhado meu cabelo e eu tive que lavar.

Eu estava me enrolando na toalha para ir para o quarto, quando ele entrou no banheiro, bagunçando os cabelos.

— Anda rápido. — Ele falou, mas eu não dei atenção. Sequei os cabelos e vesti um vestido preto

de alças finas, solto no corpo e curto, porque era o único que havia no apartamento dele. E calcei uma sandália de salto, bem alta. O Daniel começou a ficar impaciente quando eu estava tranquilamente fazendo uma maquiagem.

— Que me avisasse antes. — Eu falei o óbvio, e ele fez uma carranca, mexendo no celular.

Era quase nove horas quando saímos. Eu mexi no som do carro dele, à procura de alguma música, e não demoramos a chegar ao restaurante.

O Daniel entrelaçou nossas mãos, após

entregar a chave do carro ao manobrista. Eu quis chorar quando chegamos à mesa e os meus pais e a minha avó começaram a cantar parabéns para mim. Era um misto de emoção e vergonha, porque todos estavam olhando.

Agradei ser uma terça-feira e não estar tão cheio. O bolo era muito bonito, e eu dediquei o primeiro pedaço para o meu pai, que sempre soube usar as palavras certas, no momento certo, comigo. A minha mãe deu um pequeno chilique de ciúme, então eu dividi o pedaço ao meio, apenas dizendo que a amava.

— Pensei que estivesse solteira. — A minha

avó alfinetou, e eu lhe lancei um olhar rancoroso.

— E eu estou. — Eu falei carrancuda.

— Não parece. — Ela me sorriu. E não parecia mesmo. Mas eu estava. E o Daniel também.

— Ela só não pode usufruir dos privilégios de ser. — O Daniel falou, e eu sorri falsamente para ele.

— O que é uma pena. — Eu provoquei, e o Daniel deixou escapar uma risadinha debochada.

O jantar seguiu tranquilo. Ganhei da minha avó uma caixa cheia de bombons, o que foi um jogo baixo com o meu peso. Estar meio presa ao Daniel havia me feito ganhar alguns quilos, pelas

nossas aventuras na cozinha.

Eu fui embora com o Daniel, recebendo mais alfinetadas da minha avó, perguntando se estávamos morando juntos.

Eu fiz uma carranca para o *adoraria* do Daniel. O meu pai apenas nos observava. Ele nunca foi de dar muitos *pitacos*, no entanto.

Eu tirei as sandálias quando chegamos, e me troquei, vestindo uma camisa do Daniel.

Estava abrindo a caixa com bombons, quando

notei um cartão dentro.

Estava escrito com a caligrafia perfeita da minha avó, e eu deixei escapar um risinho.

"Eu quero um bisneto! Amo você".

O Daniel pegou o cartão, e me sorriu, cheirando o meu cabelo.

— E eu um filho. — Ele falou, docemente. Eu o olhei, arqueando uma sobrancelha.

— Eu acho que a gente tem muito que viver e aproveitar juntos, pra pensar em filho agora. — Eu

falei, porque para mim, era uma verdade. Claro que se não tivesse acontecido de perder o bebê, eu o criaria e amaria, faria de tudo para aprender e ser o melhor para ele. Mas agora, eu queria planejar. Ou me despreocupar com as prevenções, quando me sentisse pronta.

No dia seguinte, eu fui com o Daniel à maternidade, onde o Pedro Luiz estava, porque o Daniel achava que poderia ajudar em algo, ser o irmão mais velho que o Pedro precisava no momento. E como o Pedro estava nada provocativo, eu não me opus.

— Eu vou levá-la pra casa hoje, já. — O Pedro

falou com o Daniel, de uma maneira tranquila.

— E você está bem? – O Daniel perguntou e eu quis socá-lo. Era uma pergunta muito ridícula a se fazer, depois do que aconteceu. O Pedro apenas balançou a cabeça positivamente, apertando os lábios.

— Foi tudo muito inesperado. – Ele falou, suspirando pesado. – Mas eu ainda tenho a minha filha aí, não dá pra bancar o inconformado a vida toda.

— Eu sinto muito. – O Daniel falou, meio sem jeito. Nós ficamos ali mais algum tempo, até uma enfermeira chamar o Pedro para ver a Mel. Era Melina, mas já havia virado Mel. Era o nome que a

NACIONAIS - ACHERON

Luciana havia escolhido há anos. Se ela tivesse uma filha menina, se chamaria Melina. Caso eu tivesse, seria Júlia. Se fosse menino nós duas queríamos Heitor.

Era uma pena que ela tenha nascido em meio a tanta dor. Seu nascimento, de algum modo, representava a perda de sua mãe. O Pedro teria que amadurecer muito para poder lidar com a criação da menina. Eu não conseguia nem imaginar como reagiria ao saber que a minha mãe, por exemplo, pudesse ter morrido ao me dar a luz.

O Daniel me deixou no escritório, onde eu
NACIONAIS - ACHERON

encontrei uma Mari mal humorada, gorda de grávida e a mandei para casa. Tive duas reuniões durante a tarde, e à noite, como a Leandra havia ligado, eu fui à casa dela com a minha mãe, para poder ver a Mel.

Foi quase nostálgico ver o Pedro Luiz ali, meio sem jeito com a filha e até cheguei a me perguntar como seria se nós nunca tivéssemos terminado. Se teríamos filhos e ele babaria como estava fazendo com a Melina.

Eu deixei a minha mãe e a Leandra e fui até o Pedro, me sentando ao seu lado no sofá. Ele me olhou, sorrindo fraco e eu quis chorar. Tanto pela

NACIONAIS - ACHERON

perda da Luciana, quanto por imaginar o que ele estava sentindo por isso.

— Ela é linda. — Eu sussurrei, mas os meus lábios tremeram. Era branquinha e tinha cabelos claros, embora não fosse cabeluda. Os olhos eram pretos, grandes. Quase uma boneca. Eu quase quis ter um, também.

— E calma. — Ele falou, deixando escapar um riso. — O difícil é levar jeito pra fazer tudo, e não tem nem um dia que eu to sozinho com ela.

— A sua mãe tá aí pra te ajudar. — Eu falei, e ele riu concordando. — Eu iria ficar desesperada também, se tivesse um.

— O Daniel parece estar louco pra ser pai. —
NACIONAIS - ACHERON

O Pedro falou, sorrindo fraco.

— O Daniel é muito apressado. — Eu retruquei.

A minha mãe logo se aproximou, já pegando a menina nos braços, falando coisas como se ela fosse mesmo entender. Ainda fazia dengos, se chamando de *vovó*.

— A minha mãe é louca. — Eu falei para o Pedro, que só observava.

— Ela e a minha mãe iriam enlouquecer se fosse um filho nosso. — Ele falou, mas de qualquer modo, não deixava de ser uma verdade. Se em

algum momento do nosso namoro, eu, por exemplo, tivesse engravidado, as duas iriam ser duas loucas babando por um bebê. Obviamente a criança cresceria estragada.

— A Bruna diz que está muito nova, mas eu iria ficar maluca de felicidade se ela me desse um neto agora. — A minha mãe falou com a Leandra, que riu.

— O Daniel solta aos quatro ventos que tá louco por isso. — A minha ex-sogra provocou.

— A Bruna sabe a hora certa de ter, ninguém deve ter rum filho por pressão. — O Pedro falou, com seu tom quase resmungado.

— Isso mesmo. — Eu concordei, olhando meu

NACIONAIS - ACHERON

celular, que vibrava numa ligação do Daniel.

— Está onde? – Ele perguntou.

— Na casa do Pedro, vim com a minha mãe, pra ela ver a Mel. – Eu falei, ouvindo um suspiro impaciente.

— Porque não me avisou?

— Porque não me lembrei. – Eu falei o óbvio.

— Ele não deixa de ser seu ex.

— E eu não deixo de ser solteira. – Eu provoquei, então ele desligou na minha cara. Eu deixei escapar um riso e me levantei, me afastando para retornar.

— Eu estava brincando. – Eu falei, rindo. – A

minha mãe iria enlouquecer se não viesse ver a Mel, então eu vim junto com ela. Você não deve ter ciúme do Pedro.

— Eu posso ir aí? Queria poder ver a menina, também. — Ele perguntou, e eu sussurrei para o Pedro, perguntando se estava tudo bem.

— Pode vir. — Eu falei, por fim. A minha mãe começou a reclamar com a Leandra, que por não ter sido mãe tão jovem, precisava que eu fosse, para ela estar lúcida para babar pelo bebê. Eu passei a ignorar as suas indiretas, porque não era a hora certa.

— Se você ficar esperando a hora certa, nunca vai se sentir preparada. — A Leandra falou, eu

NACIONAIS - ACHERON

discordei. Talvez ela estivesse com razão, mas eu me sentia muito nova. E pensava que o que fazia a minha relação com a minha mãe ser tão próxima, fosse a sua experiência e maturidade já adquirida quando ela me teve.

O Daniel logo chegou, e foi logo pegando a sobrinha nos braços, demonstrando que levava mais jeito que o Pedro. Foi quase engraçado ver os dois ali, interagindo como irmãos.

— O seu pai já veio vê-la? — O Daniel perguntou, mas o Pedro negou com a cabeça. Às vezes, eu queria só esbofetear o Daniel, por essas perguntas erradas. — Bem, azar o dele. Aquele homem deveria ser mais humano. — O Daniel

resmungou, e eu contive a vontade de jogar uma almofada com força nele. Ele falava do Augusto, mas não media o que dizia, também. — Ela é a sua cara. — Ele continuou e eu quase ri. Ela era bem branquinha, embora eu não achasse que ela se parecia com alguém ainda.

— Não acha que está na hora de preparar o meu? — A minha mãe começou, e eu suspirei entediada. O Daniel sorriu sorrateiro.

— A Bruna quer planejar. — Ele falou, como se estivesse zombando de mim. Mas que casal com menos de um ano juntos, iria querer um filho? Eu queria aproveitar um pouco mais, saber mais da vida para depois ter um filho.

Nós estávamos ali, jogando conversa fora, enquanto o Daniel havia se apossado da Melina. O Pedro estava mais na dele, mas também era compreensível. Logo o Lucas chegou ali, com presentes pra Mel, muitos presentes e um urso rosa enorme, avisando ao Pedro que não iria deixar homem nenhum chegar perto dela. E que deveria ser o padrinho, mas era meio óbvio que seria ele.

— A minha mãe ficou louca quando eu disse que a sua filha nasceu. — O Lucas falou, animado. O mais triste nisso tudo, era ter que praticamente ignorar a morte da Luciana, para comemorar a vida da Melina. — E está louca pra conhecê-la.

Nós fomos pegos de surpresa, quando o Augusto chegou ali, junto com a Paola. Eles pareciam mais distantes agora. Meses atrás, por exemplo, a Paola não faria questão de entrar na casa da Leandra. Porque também, ela não parecia ser bem vinda ali. No entanto, a minha ex-sogra era de uma educação invejável.

Ela não iria voar cega de ódio em cima da Paola, como eu fiz na Dolores.

O Augusto foi até o Daniel, que ainda – sim, ainda -, estava babando pela sobrinha, mas foi ignorado. Ele nos cumprimentou da sua maneira

NACIONAIS - ACHERON

fria de ser e a Paola acenou, sendo falsa.

Eu me deixei levar pelas asneiras que o Lucas falava, e a sua animação sobre ser tio, mesmo que postiço.

Nós estávamos entretidos ali, quando a discussão entre o Pedro Luiz e o seu pai tomou rumos desproporcionais e o Pedro acertou um soco forte no Augusto. A Leandra foi até eles e eu observei tudo de longe. Pelos gritos furiosos do Pedro, o Augusto estava sugerindo que ele entregasse a Mel para adoção.

Como se eles não tivessem dinheiro para criá-la. Ou como se o Pedro não estivesse disposto. Ou a Leandra não estivesse adorando essa coisa de ser avó.

— Que capacidade vocês tem de criar uma criança? — O Augusto perguntou autoritário. — Se ela pelo menos tivesse uma mãe! — Ele continuou e o Pedro ia avançar nele outra vez, embora desta, o Daniel tenha segurado.

— Melhor você ir embora, Augusto. — O Daniel falou com ele, que riu, desprezando.

— Fora da minha casa, Augusto. — A Leandra falou, de maneira educada.

— Eu estou pensando no melhor pra menina.

– O Augusto voltou a retrucar, então a Paola se aproximou. A minha mãe balançava a Mel, longe de toda a confusão. Eu e o Lucas apenas observávamos o barraco.

— Uma família mais estruturada vai dar uma melhor criação para ela. – A Paola falou, e o Daniel chegou a rir de incrédulo.

— FORA DA MINHA CASA, VOCÊS DOIS! – A Leandra gritou, finalmente. – Eu confio no meu filho e eu confio em mim para criar a minha neta.

— Confia em você, Leandra? – O Augusto zombou. – Olha o cara que o Pedro Luiz é hoje...

— E eu tenho orgulho dele. Porque depois de tudo o que ele passou esses dias, ainda está aí, sendo forte e disposto a continuar. Olhe para o Daniel, Augusto, é seu filho, também. E eu tenho certeza que se ele tem mais maturidade que o Pedro, é porque não teve você, para comprar as escolhas dele, a vida inteira. Você estraga as pessoas ao seu redor.

— Ele nunca foi obrigado a nada.

— E eu quero você fora da minha casa! — A Leandra encerrou a discussão, indo abrir a porta. O clima tenso perdurou por longos minutos. O Pedro saiu em direção ao jardim e o Lucas ia atrás dele, mas o Daniel pediu para que ele ficasse e foi.

— Acha que eles vão brigar? – O Lucas perguntou, mas eu deixei escapar um riso, negando com a cabeça.

Daniel Maia

— Você deveria ignorar as coisas que o Augusto diz. – Eu falei com o Pedro, que estava quieto sentado em uma das espreguiçadeiras. Sentei-me à sua frente, então ele finalmente me deu atenção.

— Ele acha que é dono do mundo. – O Pedro resmungou, e eu jurei mudar isso em mim. A Bruna me dizia a mesma coisa, sempre. – Quer tudo do jeito dele, mas sugerir entregar a minha filha foi demais.

— Foi absurdo. – Eu concordei. – Mas a sua mãe jamais permitiria.

— O foda nisso tudo é ter que ignorar tudo o que aconteceu, porque ninguém parece entender, cara. — Ele falou mais baixo. Eu temi que ele começasse a chorar, porque se o fizesse, eu tomaria o mesmo rumo.

— É só confiar nos planos de Deus, que vai dar tudo certo. — Eu falei, porque me parecia a maneira mais fácil de consolá-lo. — A Mel vai ser muito amada, isso é muito óbvio.

— Vai ser mimada, tem três avós. — Ele brincou, e eu deixei escapar um riso. A mãe da Bruna havia se prontificado a ser mais uma para mimar a menina. O que quase me incomodava de ciúme.

— Você não deveria ter se deixado levar pelo Augusto a vida inteira. — Eu falei, bufando um riso. — Ele já havia me dito que até a sua prova da OAB foi comprada.

— O vestibular, também. — O Pedro riu. — E eu fiz disposto a não passar, queria publicidade e propaganda. Eu e o Joca queríamos uma agência e iríamos abrir uma filial da do pai dele, juntos. Um sonho abortado por um camaro preto, quando eu "passei" — Ele fez aspas com as mãos. — no vestibular.

— Qualquer cara se venderia por um camaro, aos dezoito. — Eu falei, porque era uma verdade. Talvez eu também me deixasse levar. Imagina só

um Pedro Luiz da vida, que é exibicionista ao extremo.

— Mas você e a Bruna, estão juntos de novo?

— Ele perguntou e eu o analisei. Não me sentia confortável para falar da Bruna com ele, porque eles já namoraram um dia. Então apenas assenti.

— E você tá novo ainda, deveria procurar fazer o que te satisfaz. — Eu falei, me referindo ao profissional.

— Vou focar um pouco na imobiliária e cuidar da minha filha, depois eu penso nisso. Mas é algo que eu quero, de qualquer maneira.

Nós ficamos ali, jogando conversa fora por tanto tempo, que a Bruna veio reclamar que queria ir embora. Mas eu não dei atenção. Não naquele momento.

Eu não queria o Augusto como um pai, era óbvio. Era desprezível a maneira inescrupulosa como ele queria controlar as coisas. E a Bruna poderia ser menos mimada. Era um momento onde eu e o Pedro estávamos deixando para trás todas as picuinhas e criancices entre nós, assumindo esse posto de irmãos, que nos foi dado tão inesperadamente.

Já passava da meia noite, quando nós fomos embora. A Bruna, sendo a minha menina safada, começou com provocações dentro do carro, o que foi um jogo baixo.

[...]

A Bruna estava jogada na minha cama, exausta depois do nosso espetáculo enquanto eu discutia no celular com a minha mãe. Ela queria que eu fosse para a casa dela, às três e meia da manhã, para conversar com o Augusto. Aparentemente os dois se envolveram em alguma briga, e ela perdeu o controle.

Mas eu não estava me importando.

Era minha mãe, mas era uma pessoa melhor longe dele. Então quanto mais chances de se separarem eles tivessem, melhor.

A Bruna estava esparramada na cama, quase se rendendo ao sono, quando eu voltei para a cama, deixando beijos pela sua perna, subindo na intenção de mais.

— Eu to cansada, amor... — Ela falou, com a voz cansada, e eu ignorei, subindo mais, deixando

beijos castos em seu sexo. Ela arfou, afastando mais as pernas, então eu deslizei a língua para dentro dela, que gemeu, descendo uma mão até o próprio sexo, mas eu a segurei, brincando a língua em sua entrada. Ela se contorceu, apertando a mão na minha, e eu passei a dar lambidas deliberadas ali, mas parei quando ela ameaçou chegar ao clímax.

Eu conectei nossos sexos lentamente, abafando o seu gemido com um beijo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 20

Eu estava no meu escritório, analisando as fotos de um projeto novo que estava para ser finalizado, quando a Paola entrou na minha sala seguida pela Dolores, me pegando de surpresa.

Era uma manhã fria de Maio, uma quarta-feira para ser mais exata.

A Dolores havia sumido, mas era por alguma viagem, algo óbvio. E eu nem sabia que ela estava

de volta.

— Eu posso conversar com você? — A Paola perguntou e eu franzi o cenho. — Porque eu acho que já deu esse teatrinho entre você e o Daniel.

— O que? — Eu ri confusa.

— Está muito claro pra mim tudo o que acontece entre vocês. Você não quer largar o osso, enquanto ainda mantém relações com o seu ex. — Ela falou e eu sequer soube o que dizer, diante tamanho absurdo.

— Olha Paola, eu não sei qual intuito de vir ao meu escritório inventar mentiras sobre mim, para mim, mas eu tenho compromisso daqui a pouco, então não tenho tempo pra perder com você

NACIONAIS - ACHERON

e a Dolores. – Eu falei, indo até a porta, abrindo-a.

— Está claro pra todo mundo, até o Augusto concorda comigo. – Ela voltou a falar e eu suspirei entediada.

— Não é voltando a me infernizar, que o Daniel vai voltar pra Dolores. – Eu falei, tranquilamente. – E também, não há uma maneira de o Daniel acreditar nesse absurdo ridículo. – Eu continuei, mas não havia mesmo. Era muito raro uma noite que não dormíamos juntos, ou um momento em que eu estivesse perto do Pedro sem ele presente. E acima disso tudo e qualquer acusação, havia a nossa cumplicidade e confiança.

— Nós temos como provar, querida. – A

NACIONAIS - ACHERON

Dolores falou, e eu não segurei o riso, por tamanha infantilidade.

— O Pedro tem uma filha com alguém que foi minha melhor amiga. Eu tenho o Daniel. Não tem uma maneira de eu estar com o Pedro, isso é loucura.

— Você tem fotos com a filha dele, Bruna. — A Dolores falou, e eu suspirei entediada. Era óbvio que eu tinha fotos com a Melina. Várias. As minhas redes sociais estavam recheadas delas. O que causava estranhamento em algumas pessoas, lembrando que eu namorava o Pedro. Algumas até pensavam que havíamos voltado e que a filha era minha. — Essa proximidade de vocês não é

confiável.

— Quanta perda de tempo, meu Deus. — Eu falei, zombando. — Se quer causar alguma intriga com a sua informação errada por redes sociais, vai lá ao Daniel. É ele que você tem que reconquistar, então não é vindo aqui infernizar a minha paz que vai conseguir.

— Você deveria procurar alguém que se encaixe melhor na sua realidade. — A Paola falou, e eu tombei a cabeça para trás, tomando uma respiração profunda, a procura de paciência.

— E você deveria ter vergonha de pagar esse papel ridículo. Eu teria muita vergonha. Daqui a pouco o Augusto larga você, porque pelas queixas

NACIONAIS - ACHERON

dele com o meu pai, não está aguentando mais. Se o Daniel fosse um adolescente inconsequente, tudo bem a mãe querer orientar. Mas ele tem quase vinte e sete anos, pelo amor de Deus, ele sabe o que ele quer. E você como mãe, deve conhecê-lo bem, sabe do gênio forte e difícil dele.

— Como você joga, garota. — A Dolores falou enojada e eu sorri docemente para ela. Talvez eu estivesse num dia muito bom. Talvez fosse o tempo fresco e gostoso mais a paz de tudo estar no devido lugar. O coração calmo, a segurança de ser amada e cuidada pelo Daniel. De estar dando muito certo com ele, mesmo que a gente se estranhe vez ou outra.

— E eu não estou disposta a perder o Daniel.

— Eu falei, para provocá-la. — Só se ele quiser me largar, porque aí eu também não vou ser a ex filha da mãe, que inferniza a vida dele. Mas eu acho meio difícil, sabe? — Eu zombei, deixando-a nitidamente irritada. — Ele deve estar chegando aí, nós marcamos de ir almoçar juntos, se vocês esperarem uns vinte minutos, ainda encontram com ele. Vão poder contar da desconfiança de que eu estou o traindo com o irmão dele.

— Você deveria ter medo de brincar com a minha cara e ser tão cínica. — A Dolores falou, e eu a encarei.

— Medo por quê? — Eu perguntei, arqueando

as sobrancelhas. – Olha Dolores, eu nem sei por que vou perder meu tempo tentando te dar algum conselho, mas o melhor que você faz é seguir a sua vida. Se deixar envolver com outra pessoa, parar de escutar a mãe do Daniel, que parece não querer o melhor pra você. *Cê* perdeu o Daniel por mérito próprio. Quando eu o conheci, ele estava solteiro, eu sequer sabia da sua existência. E é ridículo ver que você se prende a isso e passa vergonhas absurdas a fim de tentar fazê-lo voltar, como se ele fosse ainda o cara que te espera. – Eu falei, mas logo senti alguém me abraçando por trás e grunhi com o susto. O Daniel fungou no meu pescoço, mas se afastou ao notar a Dolores e a sua mãe.

— Estão fazendo o que aqui? – Ele perguntou confuso.

— Vieram me avisar que eu estou te traindo com o Pedro. – Eu falei, e ele me olhou, confuso.

— O que?

— É que tem fotos minhas com a Mel no instagram, a Dolores acha que isso prova que eu estou te traindo. – Eu continuei, sendo muito, mas muito cínica, e talvez tenha aprendido isso com a Deborah.

— Vai começar de novo, Dolores? – O Daniel perguntou entediado. – E a senhora, mamãe? Vai passar a vida nisso? Não tá vendo que só tem nos afastado?

— Nós só estamos pensando no melhor pra você.

— O melhor pra mim está comigo. – Ele falou impaciente.

— Eu espero que você não se arrependa, Daniel. Porque é muito óbvio que não demora você vai descobrir que ela tem te traído com o seu irmão. – A Dolores falou, e eu bufei um riso por tamanha insistência.

— Eu posso entrar com uma ação contra você, Lola. Difamação e Calúnia. – Eu falei. Estar próxima a um advogado apaixonado pela profissão, me fez ser abastecida de informações sobre a área. – E se eu relembrar o episódio da nossa briga,

amor? – Eu perguntei para o Daniel, que me observava, contendo um riso. – Eu perdi o nosso filho depois daquilo.

— É com essa pessoa cínica que você pretende construir uma família? – A minha sogra perguntou irritada e o Daniel deixou escapar o riso que segurava. De qualquer maneira, eu não era assim tão cínica. Talvez com elas, porque agora eu estava segura quanto ao meu relacionamento com o Daniel, e indisposta a deixar que algo nos atrapalhasse.

— É com essa pessoa cínica que eu pretendo construir uma família. – O Daniel falou, rindo. – Nós vamos sair pra almoçar, então vocês já podem

ir embora. – Ele falou.

— Eu espero que você quebre a cara bem bonito com essa daí. – A Dolores falou enojada, irritada. Frustrada definiria melhor, e saiu da minha sala, seguida pela Paola, que apenas me lançou um olhar feio.

— Praga de ex pega? – Eu perguntei, fechando a porta do meu escritório, e o Daniel riu vindo até mim, me empurrando para a parede.

— Eu acredito até em papai Noel, mas não acredito em praga de ex. – Ele falou, encontrando nossas bocas num beijo gostoso. Eu, claro, logo tentei desabotoar a sua calça, mas ele nos parou e riu. – Vamos almoçar.

— Poxa, Daniel, eu toda na vontade e você se fazendo de difícil. – Eu falei manhosa, o empurrando para a cadeira, e ele riu, caindo sentado. Eu subi a minha saia, e tirei a calcinha, me sentando em seu colo.

— Tá bem safada hoje. – Ele falou, enquanto eu tirava a minha blusa. Eu concordei com ele, arfando quando ele passou a circular a língua no meu seio esquerdo. Eu desabotoei a sua camisa, correndo as mãos no seu corpo gostoso, mas logo desci, desabotoando a calça, a puxando para baixo com a sua ajuda. Eu rocei nossos sexos, e o Daniel mordeu meu seio, me arrancando um gemido fino.

Eu fiquei brincando sobre ele, que gemeu frustrado, me segurando para me penetrar rapidamente.

— Calma Dan. – Eu pedi indo bem devagar, e ele fechou os olhos, arfando. O Daniel me deixou me esvair no prazer de ir bem devagar por um momento. Mas não demorou a me levantar e me sentar à mesa, indo rápido e forte.

Eu o puxei para um beijo, abrindo mais as pernas para ele, que foi mais fundo, estremeendo. O nosso beijo foi desencontrando, então ele diminuiu o ritmo, e passou a circular o polegar no meu clitóris e eu fui me entregando. Ele manteve o ritmo lento, enquanto eu o molhava mais com o

meu gozo e sussurrava que o amava. Ele foi me deitando na mesa devagar, investindo fundo em mim, nunca separando nossas bocas. Eu fui surpreendida por outro orgasmo, e ele gemeu forte, se deixando ir, gozando junto comigo.

O Daniel afundou o rosto no meu pescoço, e arfou, rindo. Ele se levantou para consertar sua roupa, e eu me sentei, toda trêmula.

— Se veste, vamos comer. — Ele falou, me entregando as minhas roupas. Eu fiz um beijo preguiçoso, e ele ainda me ajudou com o sutiã e a calcinha. — Gostosa. — Ele sussurrou, deixando um beijo casto nos meus lábios.

[...]

Nós encontramos a minha mãe e a Leandra no restaurante, e almoçamos com elas. O Daniel tinha a tarde livre e eu acabei invejando-o, fazendo o mesmo. Acabei dormindo a tarde inteira, e acordei ouvindo o Daniel no telefone.

— Lá pelas nove, eu vou pra lá então. — Ele falou, antes de desligar.

— Vai pra onde? — Eu perguntei e ele se inclinou para deixar um selinho na minha boca.

— Sair com o Pedro e o Lucas.

— Oi? – Eu perguntei, fingindo confusão e ele riu.

— Só vamos tomar uma cerveja. – Ele falou, mas eu me sentei disposta a argumentar.

— Nunca na vida que você vai sair com o Pedro Luiz, e pior, com o Lucas pra beber, Daniel. – Eu falei, rindo sarcasticamente. – Chega a ser quase um pedido de traição.

— Bruna, seja menos louca. – O Daniel falou, indo até o seu guarda-roupa. Eu segui-o com o olhar, incrédula.

— Você acha que eu confio no Pedro, ou no Lucas? – Eu falei, ficando impaciente, mas ele nem me dava atenção. Parecia até se divertir com o meu
NACIONAIS - ACHERON

ciúme.

— Você tem que confiar em mim. — Ele falou, pegando uma camisa de mangas compridas, de malha. Era preta e o deixava gostoso demais para sair sem mim.

— Se você ousar sair com eles, eu vou ligar pra Deborah e sair também.

— Numa quarta-feira? — Ele zombou.

— Eu espero que você seja fiel, pelo menos. — Eu resmunguei, virando de costas para o lado que ele estava, ouvindo um riso, e logo ele estava na cama comigo.

— A gente fez tanta coisa hoje, que eu acho

que nem se eu quisesse, conseguiria te trair. – Ele falou, e eu o ignorei. – Eu só vou ver um jogo e tomar umas cervejas.

— Precisa ir tão arrumado? – Eu perguntei sendo exagerada e ele riu.

— Quer que eu vá de pijama? – Ele perguntou zombando, e eu fiz uma carranca, sequer me dando o trabalho de responder.

[...]

Era uma tarde muito fria de início de Junho. Eu estava enrolada num edredom, na sacada do

quarto do Daniel, com um chá de hortelã e um livro de romance. O tempo estava nublado e ventava. Eu olhava para o livro, embora não estivesse focada e chegava a me perguntar se essa paz gostosa iria durar.

Foi muito difícil conseguir chegar aqui e estar dessa maneira. Era muito pleno ainda estar com o Daniel, depois de tudo.

Ele me causa uma coisa bonita, e eu fico chata só de lembrar. Uma daquelas idiotas românticas, ciumentas e possessivas. Talvez isso eu tenha aprendido com ele. Era tão confuso para eu traduzir

NACIONAIS - ACHERON

essa coisa que eu sentia, tão imensurável, que nem parecia caber num simples *amo você*.

Às vezes eu me pegava com medo do que eu sentia, porque se eu o perdesse, sequer conseguiria imaginar como seria o depois.

Era escuro imaginar uma vida sem o Daniel, por mais que nos desentendêssemos. Por mais que lá pela quarta-feira, quando ele cisma de ir ver jogo com os meninos, não tenha chlique meu que o faça ficar. Ou quando ele me troca pela Mel. Não que eu tenha ciúme, mas às vezes ele se esquece do mundo para ficar um tempo com ela. No fundo, eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

muito orgulho dele, de poder estar ao lado dele. Por ele ter passado por cima do orgulho e se aproximado do Pedro. Ele jamais disse para mim que ganhou um pai, mas era grato por ter um irmão.

De qualquer maneira, a única coisa que nos atormentava era a Dolores, e ela já não era mais uma pedra no nosso caminho. E eu demorei a perceber que tirá-la dele só dependia de mim. Do meu *cinismo* e segurança.

Como havia marcado com a Mari para irmos à uma pizzaria, eu tomei um banho e vesti uma blusa branca, com uma calça jeans e coloquei uma

NACIONAIS - ACHERON

jaqueta jeans. Fiz uma maquiagem básica e enviei uma mensagem para o Daniel, avisando que já estava saindo.

Eu estava pronta para entrar no meu carro, quando uma voz conhecida me pegou de surpresa.

— Sabe, eu pensei muito. — A Dolores começou a falar, muito docemente. — Eu comecei a namorar o Daniel, muito nova, ele também era. Nós fomos os primeiros em tudo, então eu sei que não existe uma maneira de ele me apagar. Pensei na maneira como ele sempre voltava pra mim, era só eu querer. Até você aparecer. — Ela continuou, e eu senti algo gelado na minha nuca. O meu equilíbrio

físico e emocional, me impediram de tentar reagir, mas eu tremia. — Aí eu pensei mais...

— Isso é ridículo, Dolores. — Eu resmunguei, mesmo que estivesse a ponto de chorar de medo.

— Se a sua existência fosse exterminada, eu não teria mais problemas.

— Você é louca. — Eu falei incrédula. Fechei os olhos quando ela me empurrou contra o carro, apertando mais o que deveria ser uma arma em mim.

— Não está com medo? Você vai morrer e de bônus, vai deixar o Daniel pra mim.

— Qualquer coisa que você fizer, as câmeras

do estacionamento vão gravar. – Eu falei, com a voz oscilando, refletindo o meu nervoso. – E eu duvido que vá conseguir o Daniel, presa.

— Eu tenho dinheiro. – Ela falou, rindo. Zombando. O meu celular tocou, mas ela o pegou da minha mão, rindo. – Atende. Se despeça dele. Talvez você mereça. – Ela falou, com seu tom desequilibrado evidenciado e nem me entregou o celular. – Olha, Daniel, você tem cinco minutos pra chegar aqui e encontrar a sua amantezinha viva. – Ela falou me entregando o celular. Eu fechei os olhos, temendo começar a chorar a qualquer momento, enquanto ela cantarolava. O tempo foi passando, parecendo eternidade. Eu não conseguia

imaginar a reação do Daniel, ou o que aconteceria comigo.

Estava morrendo de medo.

— Parece que ele não te ama tanto assim, senão já teria chegado. — A Dolores falou, rindo. — Ah, e eu estou sentindo falta daquela mulher cínica que estava me afrontando... Cadê?

Daniel Maia

— Se você atirar, você também morre. — Eu falei de uma maneira fria, para que a Dolores me entendesse. — Eu estou falando sério, Dolores.

Era inimaginável que nós chegaríamos a essa situação ridícula. Era terrível ver uma pessoa que já fez parte de um passado bom, se tornar um empecilho. Estragar tudo por não saber aceitar o fim. Porque foi era a ir embora. E eu estava completo ao lado da Bruna. Meu Deus, eu sequer conseguia imaginar como a vida seria se a Dolores

nunca tivesse me deixado.

— Eu estou fazendo o melhor pra nós.

— Aqui tem câmeras, Dolores. A polícia já está a caminho. Se você insiste nessa loucura, você vai arcar com as consequências. – Eu falei e ela virou o rosto para me olhar.

— Quanto tempo você acha que meus pais me deixarão presa? Hum? – Ela zombou, mas eu forcei um riso. Queria parecer tranquilo. Deixá-la nervosa a impulsionaria a fazer alguma merda.

— Como você vai me ter de volta, se eu resolver matar você? – Eu perguntei, sendo prepotente. – A gente não sabe do dia de amanhã. Eu estou com a Bruna hoje, mas a gente não sabe

NACIONAIS - ACHERON

daqui um mês. Se você faz qualquer coisa com ela agora, eu vou matar você sem pensar duas vezes. — Eu continuei, mesmo sabendo que a coisa certa a se fazer seria jogar com o emocional dela.

— Estava tudo bem pra nós até ela aparecer.

— Estava tudo bem pra nós até você ir embora. — Eu falei, andando até ela. — Eu amei você, amor. — Eu sussurrei docemente e a sua respiração falhou. Aproximei-me mais, afastando o seu cabelo para o lado, roçando o nariz em seu pescoço. — Eu tenho tudo que nós vivemos juntos guardado na memória, eu nunca vou entender o porquê de você ter me deixado. — Continuei, abaixando a sua mão que portava uma arma

pequena. – Mas eu não posso te deixar fazer tamanha loucura. Ninguém faz isso por amor.

— Eu só queria você de volta. – A Dolores falou, a sua voz agora, era quase um sussurro. Eu afastei-a da Bruna, mas dois policiais entraram no estacionamento, guiando a Dolores para fora. A arma que ela usava não estava carregada.

Eu não havia pensado que isso poderia ser algum tipo de susto que ela pudesse querer dar na Bruna. Na verdade eu não havia pensado em nada. Apenas liguei para a polícia no caminho para casa.

Eu fui até a Bruna, apertando-a contra mim, e jurando para ela que ficaria tudo bem. Eu evitei pensar na possibilidade de algo pior ter acontecido.

A Bruna insistiu em ligar para os pais dela, assustada. Eu liguei para os pais da Dolores, que nos encontraram na delegacia.

O pai da Bruna quis discutir comigo, e pela primeira vez eu vi a necessidade de enfrentá-lo. Eu não estava colocando a vida dela em risco e esperava conseguir conter esse desequilíbrio da Dolores.

Depois dos depoimentos, onde a minha mãe quis intervir, para obviamente defender a Dolores, eu queria levar a Bruna para o meu apartamento, embora mais uma vez, o seu pai tenha demonstrado aversão.

A Dolores, muito provavelmente responderia por perseguição obsessiva e ameaça. Eu queria adicionar mais, acusá-la de tentativa de homicídio branca, mas o Augusto interview, para não tornar tudo ainda pior para ela.

Eu cheguei a discutir com o pai da Bruna, mas respirei fundo. Eu não queria algum tipo de bloqueio com a família dela. Já bastava a minha mãe, sendo muito contra a nós dois.

— Você deveria cuidar do caso, porque o problema dela é apenas emocional. — A minha mãe falou, enquanto eu bebia um pouco de água, e eu olhei-a, incrédulo.

— Ela tenta matar a minha mulher e você quer que eu defenda? — Eu perguntei, chegando a rir do absurdo.

— A culpa disso é toda sua, Daniel. A Dolores jamais faria algo contra a Bruna. Ela ama você e você prefere dar valor à pessoa errada.

— Mamãe, eu não vou perder o meu tempo discutindo. Eu queria ainda adicionar mais crimes, porque se for analisar, é muito mais grave tudo o que ela tem feito. Eu poderia ter um filho agora, se ela não tivesse ido infernizar a Bruna. – Eu falei, mesmo que a culpa não fosse completamente da Lola.

Deixei a minha mãe falando sozinha e carreguei a Bruna para o meu carro. O pai dela chegou a brigar com ela, por tamanha imprudência. Alegando que ela já tinha provas o suficiente de que nós não daríamos certo.

Eu estava pouco me fodendo para a opinião injusta dele. Eu não abriria mão da Bruna e ponto. O que o pai dela, ou a minha mãe pensavam, não dizia respeito a mim, muito pior me interessava.

Eu só largaria a Bruna, se ela quisesse. Mas se ela quisesse mesmo, sem essa história de recaídas, como aconteceu com a nossa volta.

Capítulo 20²

Acordei assustada nas primeiras noites após o incidente com a Dolores. Segundo o Daniel, a arma estava descarregada, então ela não tinha intenção de realmente ferir alguém.

Até porque descontrolada da maneira como ela estava, se ela tivesse a oportunidade, teria acabado comigo aquele dia. Calafrios percorriam meu corpo só de lembrar.

Na minha casa, o clima estava quase em guerra. O meu pai, que até então, desde que eu me entendo por gente, nunca foi muito de palpitar nas minhas escolhas, chegava a brigar comigo, sobre a minha insistência no Daniel.

— Até ontem você aprovava e achava que ele fosse um bom partido. — Eu falei, não querendo tornar a sua bronca, mais uma discussão. Era um domingo, e eu estava saindo para encontrar o Daniel e o Pedro. Nós iríamos para uma fazenda com o Joca e a Mari. Mas o meu pai resolveu me atrasar.

— Ele era um bom partido até eu descobrir

NACIONAIS - ACHERON

que ele tem uma ex-namorada mentalmente desequilibrada. – O meu pai falou e eu olhei para minha mãe, pedindo socorro. Mas ela fingiu me ignorar mexendo no celular e seguiu para a cozinha. – Não foi a primeira vez que a sua vida foi colocada em risco por causa deles dois, Bruna. – Ele continuou, como se eu fosse mesmo conseguir ser coerente e acompanhar a sua linha de raciocínio. Eu jamais teria estrutura para largar o Daniel, sem que ele me fizesse algo onde a culpa fosse realmente dele.

E por mais injusto que possa parecer, o que também poderia facilmente ser comparada a

burrice, as coisas que o meu pai dizia, não me alertavam sobre a minha segurança física e mental. Mas me deixavam com raiva dele, por crucificar o Daniel dessa maneira.

Uma pessoa sensata coloca sempre a família em primeiro lugar.

Mas até então, eu nunca havia tido problemas com família x relacionamento. Os meus pais sempre aceitaram muito bem.

— Depois de tudo o que aconteceu com você, eu esperava no mínimo que um pouco de juízo

tivesse crescido aí dentro. – O meu pai continuou, e eu suspirei forte.

— Eu não tenho em mente terminar com o Daniel, porque a ex dele é uma louca. – Eu falei. O que me fez sentir que a louca era eu. Ele só estava preocupado, e eu estava brigando. – Com o Pedro todo mundo sabia que ele me traía e nem por isso vieram me alertar.

— Ele nunca pôs a sua segurança em risco. – O meu pai voltou a retrucar. – Eu só estou preocupado com você, minha filha.

— A Dolores não vai fazer nada comigo. – Eu falei, como se eu pudesse garantir. Ela responderia ao processo em liberdade, era meio óbvio.

— Você perde um filho, destrói dois carros, é ameaçada de morte, mas ela não vai fazer nada com você? — O meu pai perguntou incrédulo. Eu respirei fundo, querendo gritar a minha mãe para que ela acalmasse-o, mas ela parecia querer se manter longe dessa situação.

— Ela não pode chegar perto de mim. — Eu falei, usando o meu último argumento.

— E ela é equilibrada o suficiente para entender isso. — O meu pai resmungou, sendo sarcástico. — Eu espero que você pense melhor. Você é muito nova pra se deixar arriscar desse jeito, por um namoro besta. — Ele falou carrancudo. Eu não falei mais nada, porque o Daniel ligou,

avisando que já estava me esperando.

Eu entrei no seu carro, o puxando para um beijo carinhoso, querendo brigar com ele por ter feito a barba. Eu gostava dela, das cócegas que me causava. De roçar a minha mão ali. Era quase um atentado ao meu prazer.

— O meu pai odeia você. — Eu avisei, limpando o meu óculo de sol. O Daniel deu de ombros, mas ele era dono do mundo demais, para se importar com quem estivesse contra ele. — Ele nunca foi de brigar comigo, nem se envolver nessas coisas.

— Eu entendo que ele esteja preocupado, mas eu já tomei as providências necessárias pra Dolores

NACIONAIS - ACHERON

ficar longe de nós dois.

[...]

A Mari estava enorme, reclamando que nem andar direito ela conseguia mais. Estava linda. Seria um menino e o Joca parecia mais ansioso que todos nós juntos.

Qualquer chute da criança, ele ansiava pelo parto, deixando a Mari nervosa.

O Pedro não demorou a chegar com a

Deborah, que queria ligar para a Tereza e informar que o Tadeu estava ali com a Lorena. Mas o Daniel não deixou.

— Elas são duas trouxas, então você não vai causar intriga hoje. – O Daniel falou, sendo ríspido com ela.

Logo o Lucas e o Davi também apareceram.

Eu coloquei o meu biquíni preto, tomara que caia, e fui tomar um sol, junto com a Deborah. O Daniel havia dito que eu estava muito branca, mas eu duvidava que conseguisse pegar uma cor com

esse tempo. Estava sol, mas estava fresco.

— To me sentindo uma mãe. — A Deborah comentou, rindo. — E a menina é linda demais, parece uma boneca.

— Eu fico feliz que estejam dando certo. — Eu falei, mas não fazia mais que três semanas que eles estavam saindo juntos. E talvez estivessem só se divertindo um pouco. Eu não acreditava que seria algo duradouro. Pelo que o Daniel dizia o Pedro não estava disposto a embarcar em algum relacionamento.

— Certo assim, sem cobranças, porque ele é aquele príncipe que não vale nada. — Ela falou e nós rimos. Era uma verdade. O Pedro tinha caráter zero

para fidelidade.

— É que ele está novo. — Eu falei, como se isso fosse uma desculpa coerente.

— Mas mesmo que a gente esteja junto agora, eu não sei. É complicado me imaginar ao lado de um cara que já tem uma filha, ainda mais na situação dele de ser pai e mãe da menina. Se a gente por um acaso assume alguma coisa, eu tenho que assumir a filha dele como minha. — Ela falou, mas eu fiquei muda. Não sabia o que pensar disso. — Eu to apaixonada pela Mel, entende? Só estava falando de futuro.

O Daniel estava jogando sinuca com os
NACIONAIS - ACHERON

meninos e eu fui até eles, para observar. Sentei-me de lado em seu colo, enquanto era a vez do Joca, deixando um beijo casto na sua boca.

— As meninas numa boa lá e me vem a Bruna ser a grudenta. — O Davi falou, mas eu detestava-o tanto que ignorei.

— Eu odeio o Davi. — Eu falei com o Daniel, que riu, pegando o seu copo de cerveja.

— Sua vez, Daniel. — O Joca falou, mas eu não queria soltá-lo, então o meu amigo veio me afastar.

— Que Joca insuportável! — Eu falei rindo, enquanto ele me guiava de volta para a piscina.

PERIGOSAS

[...]

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 21

Crença é uma coisa bastante incerta, eu poderia dizer. Há quase dois anos, eu acreditava que o Pedro Luiz era o amor da vida e conseguia até mesmo imaginar uma família ao seu lado.

Hoje, eu o vejo segurar a Melina para soprar a vela do seu primeiro aniversário.

Ela estava muito esperta para a idade e o Pedro vinha se saindo um bom pai.

O caso dele com a Deborah não durou mais que dois meses e ele era aquele típico solteirão cafajeste. Embora hoje pareça uma pessoa melhor.

A Mel começou a chorar quando o Pedro a aproximou do bolo para apagar a vela, então o fez por ela.

Eu me senti nostálgica e deprimida. Perguntava-me se eu estaria aqui, assistindo a tudo isso se a Luciana estivesse viva.

O Daniel logo foi roubar a menina dos braços

do Pedro, porque ele era simplesmente apaixonado por ela.

O Augusto não estava presente. A Leandra estava namorando um cara alguns anos, mais novo, homem que o Pedro mimado ignorava.

Segundo o Daniel, a relação da mãe dele com o Augusto não era saudável, mas se optaram por ficar juntos, eu não lamentaria por isso.

Em vez de partir o bolo, o Pedro e o Daniel deixaram a menina estraçalhá-lo se se lambuzar, fazendo uma bagunça. Eles eram muito próximos e

mantinham uma relação muito bonita, embora se estranhassem vez ou outra, porque o Daniel acha que é o dono do mundo. Ele acreditava que o Pedro deveria assumir um relacionamento sério com alguém e largar a vida boêmia, para dar um bom exemplo à Melina. O Pedro achava que deveria curtir até não poder mais.

No fundo, eu achava que ele queria ter dado certo com a Deborah, mas ela caiu fora, para não assumir as responsabilidades de um relacionamento com um cara que já tem uma filha.

Eu estava tirando algumas fotos da Mel suja
NACIONAIS - ACHERON

de bolo, quando o idiota do meu namorado inventou de me sujar também. Eu olhei-o furiosa, mas ele segurou meu rosto, me beijando carinhosamente.

— Eu odeio você. — Eu falei indo pegar um guardanapo para limpar o que restou de bolo em mim. O Pedro tentou tirar a Mel do bolo, mas ela começou a chorar. Eu não precisava mencionar que ela era uma menina mimadinha. Todas as suas vontades eram feitas. Era como se ela já soubesse as artimanhas de convencer o Pedro.

Fiquei perto da mesa onde estava o buffet, me empanturrando enquanto observava o Daniel

NACIONAIS - ACHERON

brincar com a Melina no bolo. Duas crianças.

Nós não estávamos planejando filhos. Na verdade nós não estávamos planejando nada no momento. O Daniel parecia satisfeito em curtir a Mel e eu era grata por isso. Talvez daqui uns dois anos, se estivermos juntos, eu imaginasse um filho entre nós dois.

O Pedro se aproximou de mim, mas o paranoico do Daniel teve que vir junto, algo que me fez rir.

— Você é ridículo, cara. — O Pedro falou

zombando do Daniel e se afastou.

— É meu irmão, mas não vale nada. — O Daniel explicou e eu sorri presunçosa, segurando seu rosto para selar nossos lábios.

— Não está nos meus planos trocar você. — Eu falei, rindo. — Eu acho uma pena o Augusto se afastar de vocês dessa maneira.

— Eu achava que ele era um homem bom, mas ele junto com a minha mãe... Os dois na verdade, quando estão juntos, se tornam pessoas desprezíveis.

— É uma pena.

[...]

O Daniel chegou em casa e foi para o banho. Eu me joguei na cama, mas notei que a segunda gaveta do seu criado mudo estava entreaberta e alguns papéis bagunçados estavam para fora dela.

Talvez, só talvez eu devesse deixar pra lá, mas fui intuitiva, então eu fui olhar.

Eram fotos dele com alguém que eu julguei ser a Dolores, mas eles estavam novos demais. O meu coração apertava enquanto eu passava as fotos

e eu por fim, encontrei uma carta, escrita à mão.

“Talvez eu me arrependa pra sempre das vezes que te deixei e fico imaginando como a vida estaria agora, se nós estivéssemos juntos. É incrível como eu ainda sinto a sua falta e como eu faria qualquer coisa pra te ter de volta. Levo a vida hoje na esperança de que esse seu novo amor não dure, que acabe e que nós dois possamos recomeçar. Nós dois e os nossos planos, que eram mais seus e que hoje eu sinto muita falta. To indo embora, mas deixo com você algumas das nossas fotos, que eu ainda guardo e sofro ao olhar. Eu te amo, Dan, pra sempre.”

O Daniel saiu do banheiro antes que eu pudesse guardar as fotos e ficou me encarando de maneira cautelosa. Eu encontrei o seu olhar, nervosa, sem conseguir formular o que dizer.

Eu não confiava na Dolores e essa carta dramática, na minha percepção, soava uma ameaça para mim. Ela apelar para o emocional do Daniel, mesmo que ele seja difícil de lidar, me trazia uma insegurança que eu sequer poderia explicar.

— Não vai dizer nada? — Ele perguntou, e eu dei de ombros. — Eu não entendi mais essa da Dolores, Bruna. — Ele falou, indo até o guarda-
NACIONAIS - ACHERON

roupa, pegando uma cueca boxer.

— Porque não me falou?

— Porque eu falaria? – Ele rebateu, e eu bufei um suspiro.

— É muito difícil falar as coisas com você. – Eu reclamei.

— Foi uma carta, algum tipo de apelo emocional, que não surtiu algum efeito em mim.

— Nem saudade? – Eu perguntei, sendo insistente. O Daniel me lançou um olhar entediado.

— Foi um passado relativamente bom, eu tenho coisa boa pra lembrar. Não sinto falta. – Ele falou, mas quando eu abri a boca para voltar a

perguntar, ele me interrompeu. — E eu não quero mais perguntas sobre isso. — Ele resmungou, antes de sair do quarto.

Eu fiz uma carranca, tirando os meus sapatos e fui atrás dele. Era muito fácil ele sempre fugir das minhas perguntas e inseguranças, quando no caso dele, eu sequer podia conversar com algum ex.

— Você não pode sair e encerrar uma conversa dessa maneira. — Eu falei e ele, que estava entre a porta da geladeira, parou o que fazia e se virou para mim.

— Você quer que eu assuma um sentimento que eu não sinto. — O Daniel falou impaciente. —
NACIONAIS - ACHERON

Uma insegurança infantil sobre alguém que nem faz mais parte das nossas vidas.

— Ela te manda o passado de vocês em fotos e você acha isso infantilidade minha? — Eu perguntei incrédula e ele correu as mãos no rosto, suspirando forte.

— Infantilidade, insegurança. — Ele resmungou. — Eu não sei como você consegue pilhar por uma idiotice dessas.

— Eu queria ver se fosse alguém enviando fotos e carta de saudade pra mim. — Eu resmunguei, mas ele deixou escapar um riso.

— Eu iria confiar em você. Nós estamos juntos, se algum de nós dois não quisesse, não

NACIONAIS - ACHERON

estaria dando tão certo. — O Daniel falou, suspirando.

— Você é ridículo, Daniel. — Eu falei carrancuda, me virando para voltar pro quarto.

Ainda pude ouvir um riso vindo dele, antes de ele me acompanhar.

[...]

Eu estava em uma loja de sapatos com a Mari, escolhendo um sapato para o jantar que teríamos mais tarde. Parecia futilidade minha afirmar, mas

ela estava com um corpo perfeito após a gravidez. O Joca era aquele pai babão e volta e meia eu me pegava ansiando por viver esses momentos com o Daniel.

— Você já pensou na possibilidade de voltar com o Pedro? — Ela perguntou enquanto eu experimentava um scarpin muito alto estampado em oncinha, com o bico fino. Eu olhei-a, rindo pela pergunta ridícula. — É que eu estava lembrando com o Joca esses dias, vocês tinham planos de uma vida inteira juntos, com o Daniel você não os faz.

— Com o Daniel eu quero viver uma coisa de cada vez. É tudo tão quase perfeito ao lado dele, que eu não tenho pressa.

— Mas nunca passou pela sua cabeça voltar com o Pedro? – Ela perguntou minuciosa.

— Não. – Eu respondi, franzindo o cenho. – É até estranho, depois de tanto tempo, alguém cogitar a ideia.

— E se você e o Daniel não derem certo?

— Que perguntas difíceis, Mari. – Eu reclamei. – Mesmo que em algum momento, o que eu espero que não aconteça, a gente termine, eu não me vejo voltando com o Pedro Luiz.

— Às vezes eu acho que ele te olha com saudade. – Ela fez um bico luxurioso.

— Ele estragou tudo em algum momento. Ele

deixou espaço pra outra pessoa ocupar. E que bom que ele fez isso. Que bom que hoje ele tem a Mel, mesmo que o preço tenha sido a perda da Luciana.

— Eu só estava curiosa. O Daniel parece apressado por uma família e você sempre aborta a ideia. Eu vagamente imaginei que talvez, pudesse ser algo ligado ao seu passado com o Pedro.

— O Pedro por mais responsável que pareça estar hoje, continua com caráter zero pra algum relacionamento. Ele não é mais o tipo de cara com quem eu iria querer dividir uma vida.

— O Daniel parece querer mandar em você. — Ela zombou e eu bufei um riso, analisando os sapatos nos meus pés.

— O Daniel é um idiota. – Eu falei, contendo a vontade de falar sobre a carta da Dolores. Talvez o melhor fosse enterrar essa história.

— Esse está lindo, mas eu acho que você tem um preto igual.

— Esse não é preto. – Eu retruquei e ela deixou escapar um risinho.

[...]

Eu estava em frente ao espelho do meu quarto, analisando mais uma vez o vestido preto, tomara que caia grudado no meu corpo e curto,

quando o Daniel entrou, sem sequer bater na porta. Eu olhei-o, que me lançou um sorriso presunçoso, vindo até mim, deixando um beijo terno nos meus lábios.

— Gostosa. — Ele falou, descendo as mãos em volta do meu corpo, apertando a minha bunda. Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, puxando-o para um beijo mais longo, mais gostoso.

— Esbarrou com o meu pai, pela casa? — Eu perguntei, rindo. A verdade é que o meu pai nunca mais foi um bom sogro para o Daniel. Ele respeitava o nosso relacionamento, não estava mais opinando contra, mas a sua proximidade era zero.

— Você é muito engraçadinha. —Ele falou,
NACIONAIS - ACHERON

tentando nos guiar para a cama, mas eu me esquivei.

— Eu não quero ficar na cama hoje. — Eu falei, arrumando os cabelos e ele riu, se deixando cair sentado. — Eu já estou pronta, vamos.

Depois de um jantar, eu e a Mari arrastamos os *meninos* para uma balada e eu fui com ela escolher algum drink. Eu estava distraída coma minha vodca cara, quando avistei o Daniel de conversinha com a Tereza. Nós não estávamos próximas, sequer mantínhamos contato. Mas ela ainda era irmã da Dolores.

Eu me vi chegando lá e sendo a namorada
NACIONAIS - ACHERON

louca, mas bebi um pouco mais da minha bebida forte e respirei fundo. Eu iria cumprimentar a Tereza, mas antes que o fizesse, o Daniel me puxou, passando um braço firme em volta do meu quadril. Eu sorri fraco para a Tereza, que acenou de volta, e se afastou. Segui-a com o olhar, notando uma Dolores muito mais loira a sua espera.

— Que merda foi essa? — Eu perguntei enciumada, mas o meu namorado passou uma mão por entre o meu cabelo, me beijando profundamente. Eu grunhi, correspondendo-o, deixando cair o meu copo para correr a mão pela sua barba e chegar ao seu cabelo, puxando-o mais para mim. Eu acabei me deixando levar, sendo

encostada ao balcão, sendo atijada pela sua boca, mas ele foi encerrando aos poucos, terminando com um selinho casto.

— Eu amo você. — Ele falou, com a voz arfante e a boca no meu ouvido. — Isso não basta? — Ele perguntou, encontrando nossas bocas novamente, num beijo que eu não correspon-di.

— Ela disse que ia embora, mas está ali. — Eu falei e o Daniel riu da minha idiotice.

— E isso interfere em algo?

— Você não sente nenhuma vontade de vê-la?

— Eu perguntei e ele bufou um riso.

— Você sente vontade de ver o Pedro? Ele

vive perto de nós dois. Eu me testo todo dia, toda vez que ele está perto de você. Ele ainda olha pra você com um desejo que me dá vontade de matá-lo. E nem por isso to aqui, com medo de você me largar.

— Você sabe que eu não o faria.

— Então acredita em mim, amor. Eu nunca desistiria da gente.

Acordei no meio da noite, presa entre os braços do Daniel e tomei cuidado para levantar sem acordá-lo. Ele se virou para o outro lado, ressonando e chutou o edredom. Eu fui até a cozinha, pegar um pouco de água, me assustando

NACIONAIS - ACHERON

ao ver o Pedro jogado com uma loira no tapete da sala. Eu me aproximei, para ver quem era e ri ao reconhecer a Deborah. Não me lembrava como eles vieram parar aqui, mas também não me importava. Voltei para deixar o copo, me assustando ao me virar e notar o Pedro, com a cara amassada de sono.

— Tudo bem? – Eu perguntei, contendo o sorriso presunçoso, mas ele se espreguiçou e riu.

— Vou acordar a Deborah, pra ir embora.

— Não precisa. – Eu falei, meio sem jeito.

— Esse tapete do Daniel não é confortável, Bruna.

— Bem, eu não sabia que estavam saindo

outra vez. – Eu falei gesticulando, mas o Pedro riu.

— Tem mulher que é igual uma praga na vida da gente. – Ele resmungou, indo pegar um copo no armário. – Mas ela não vale nada, só quer me iludir.

— Você merece alguém assim. – Eu retruquei.

— Eu gosto dela, embora ela não queira algo mais do que sexo no fim da noite. Se eu disser que a gente ainda se vê, ninguém vai acreditar.

— Ela talvez só tenha medo de encarar a responsabilidade que é ficar com você. E convenhamos que você não demonstre ser um cara bom pra assumir um namoro. – Eu falei, e o meu cunhado sorriu fraco.

— Eu tenho uma filha e eu priorizo isso. Eu poderia talvez — Ele enfatizou. — largar as outras por ela, se ela quisesse assumir o peso que é um cara com uma filha. E a Mel é só minha. Eu não tenho a mãe dela pra ficar com ela, quando eu quiser. E nem gosto de deixar esse peso em cima da minha mãe.

— A sua mãe não parece se importar.

— Mas ela tem a vida dela e aquele babaca que ela chama de namorado.

— Ai, Pedro. — Eu dei risada. — Você deveria superar isso e aceitar.

— Eu nem quero entrar nesse assunto, Bruna.
Com tanto homem decente, ela foi querer um que
NACIONAIS - ACHERON

tem idade pra ser meu irmão.

— Ele deve ser no máximo, uns seis anos, mais novo que ela. Isso só pesa pra você. Porque você é mimado.

— Falou a menina que não supera a ex do namorado. — Ele zombou e eu fiz uma carranca.

— Ela tentou me matar! — Eu me defendi, mas o Pedro ria da minha cara.

— Há quase um ano.

— Isso não importa. Ela não superou o Daniel. Você já tentou conversar com ele? — Eu perguntei incrédula. — Se ele não acredita na coisa, ele não conversa com você sobre ela, ele

interrompe e sai.

— Começa a fazer o mesmo, invés de insistir conversa. – O Pedro sugeriu, colocando o copo na pia, voltando para a sala.

Eu acenei para a Deborah, que acordou meio desnorteada e voltei para o quarto.

Aconcheguei-me ao corpo gostoso do Daniel, que me prendeu entre os seus braços e afundei o rosto entre o seu pescoço.

— Eu não quero você de conversinha com o Pedro. – Ele falou, mas eu fiz o favor de ignorar.

Nós acordamos depois de o meio dia, no dia seguinte e eu não consegui vencer o Daniel e continuar na cama. Encontrei-o na cozinha, onde ele fuçava a geladeira e mexia no celular.

Eu não dei atenção à sua conversa e fui para a sala, onde me joguei no sofá, ligando a TV.

— Minha mãe e o Augusto estão se separando. — O Daniel falou e eu despertei no susto, me virando para ele, que riu. — Não era pra ser uma surpresa.

— Quantas vezes ela ligou avisando isso? — Eu perguntei, me arrastando para aconchegar contra seu corpo, quando ele se sentou. — Surpresa mesmo

NACIONAIS - ACHERON

é o Pedro ainda estar dormindo com a Deborah.

— E isso não vai dar em nada. — O Daniel zombou, mas eu não dei atenção. — Ele deveria sim, começar algo mais sério e dar a Mel uma família.

— Você é insuportável, Daniel. — Eu dei risada. — A Deborah não é lá a pessoa que quer isso, também. E de que adiantaria? O Pedro pode assumir qualquer pessoa, ficar só com ela que eu duvido.

— Então vai se arrumar, pra gente ir almoçar. — O Daniel pediu, enquanto eu me sentava em seu colo, querendo outra coisa.

— A gente almoça depois. — Eu prometi, tirando de mim a sua camisa que eu vestia. O
NACIONAIS - ACHERON

Daniel me lançou um olhar presunçoso, cedendo aos meus beijos rápidos na sua boca. Ele passou os braços em volta do meu corpo, me pressionando contra a sua ereção e eu arfei, erguendo o corpo para puxar a sua cueca para baixo. Eu tinha a intenção de ser rápida, mas o Daniel me segurou, forçando-me a deitar ao sofá, vindo para cima de mim. O seu beijo era calmo e carinhoso.

— Eu não quero fazer amor. — Eu falei baixinho, e ele riu contra o meu seio, que ele beijava delicadamente. Mas fui ignorada. O meu namorado continuou a explorar o meu corpo calmamente, enquanto eu ansiava.

A sua língua trabalhava de uma maneira

gostosa em mim, mas eu queria mais. Os meus gemidos foram abafados por uma almofada e eu era ameaçada por um orgasmo quando ele simplesmente parou.

Eu choraminguei pela injustiça, sendo guiada pelo Daniel a me sentar em seu colo. Desci nele devagar, encarando-o que deixou a cabeça inclinar para trás, apoiando-a no encosto do sofá. Eu gemi para ele, quando ele me pressionou contra o seu membro, mas iniciei movimentos rápidos.

Afundi o rosto em seu pescoço, o beijando, e uma mão em seu cabelo, puxando-o para mim. O Daniel estremeceu, tentando me fazer parar, mas eu insisti nos movimentos rápidos, sentindo os seus

NACIONAIS - ACHERON

espasmos fortes dentro de mim. Ele emitiu um gemido rouco, procurando pela minha boca, e eu ri entre o beijo.

— Você me deve essa. — Eu sussurrei contra a sua boca, e ele riu da minha cara de pau. Levantei-me e fui para o banheiro, onde tomei um banho rápido.

Quando saí, o Daniel estava sentado à beirada da cama, me exibindo o corpo gostoso enquanto falava no celular.

Eu me troquei, vestindo um short jeans de

cintura alta, detonado, com uma blusa bem aberta dos lados. Estava em frente ao espelho, prendendo os cabelos em um rabo, quando o meu namorado me abraçou por trás.

— Nós vamos almoçar na Leandra, hoje. — Ele avisou, me olhando através do espelho. Ultimamente ele tem sido mais próximo da Leandra que da sua mãe.

— Tudo bem.

— E eu te devo um orgasmo. — Ele lembrou, sendo presunçoso e eu deixei escapar um riso.

Quando chegamos à casa da Leandra, fomos

recebidos pelo Maurício, o namorado dela que o Pedro insistia em enciumar.

Eu logo fui deixada pelo Daniel, foi só ele ver a Melina.

— Eu fico imaginando quando for com um filho dele. — A Leandra falou, e eu deixei escapar um sorriso maroto. — Parece ridículo, mas mesmo que ele seja filho do Augusto, eu sinto como se fosse um presente meu, também. Eu não sei o que teria sido do Pedro naquela época, se não fosse o Daniel.

— O Pedro mudou muito...

— Sim, ele tem uma visão mais realista da vida agora.

— Isso é bom.

— Você sabe se ele e a Deborah estão mesmo juntos? – A Leandra perguntou curiosa, e eu dei um risinho.

— Ele quer, eu aposto. Mas ele quer prender a Deborah, e ficar solto. O Pedro não tem maturidade ainda pra um relacionamento. – Eu falei.

— Tenho sim. – O meu *cunhado* rebateu e a Leandra riu. – Eu não tenho culpa se a Deborah não quer ficar comigo.

— O seu cinismo é sem tamanho, Pedro. – Eu

falei, negando com a cabeça e fui falar com a Deborah, que descia as escadas, vestida num biquíni branco. Eu fui com ela para a piscina, embora não estivesse vestida para isso. Então apenas me sentei à beirada.

— Não é estranho ser cunhada do seu ex? — Ela perguntou, vindo para perto de mim. Eu olhei-a entediada pela pergunta. — É que vocês já ficaram, transaram e bem, o Pedro é aquele cara cheio de fetiches.

— O que? — Eu perguntei confusa, mas acabei rindo e ela também.

— É que o Daniel é todo ciumento com você e o Pedro. Vocês mal podem se falar, que ele já

NACIONAIS - ACHERON

gruda em você e afasta o Pedro. Eu talvez tenha imaginado que algum de vocês fantasie uma volta.

— Eu não fantasio isso.

— Ou lembre os momentos de vocês. — Ela fez uma careta, mas eu dei risada. — Vocês na cama. O Pedro é safado, tenho certeza que faz.

— Faço o que? — O Pedro perguntou, sentando-se ao meu lado.

— Lembra você e a Bruna transando. — A Deborah falou, porque ela tinha essa maldita boca aberta. O Pedro me olhou assustado, mas voltou sua atenção à Deborah. — Tá vendo? Não tem nem resposta.

— Você me pegou de surpresa, amor. — O Pedro falou meio embasbacado. — Eu não imagino não. É capaz de o Daniel me matar se eu fizer isso.

— Se o seu medo de ficar com o Pedro, tem algo relacionado ao nosso passado juntos, você pode ficar tranquila, Deborah. — Eu falei, completamente sem graça. — Eu to muito bem com o Daniel, e mesmo que não existisse o Daniel, eu e o Pedro ficamos no passado.

— É... — O meu ex concordou vagamente. Eu me levantei, para deixá-los a sós e fui procurar o meu namorado.

Encontrei-o com a Melina, na cozinha. Ele
NACIONAIS - ACHERON

deveria estar tentando dar uma papinha feia para ela, mas a comida havia sido abandonada, e ele tentava fazê-la pronunciar “Tio Dan”. Eu os observei de longe, mas a Mel não falava mais que algo parecido com “an”.

Aproximei-me deles, e a Mel ao me notar, ergueu os braços, se jogando para mim. Eu peguei-a no colo, embora não levasse tanto jeito para bebês.

— Ela quase consegue falar tio Dan. – O Daniel me contou, animado. Eu dei risada, assentindo.

— Eu vi isso.

— Ela precisa terminar de comer. – O Daniel

explicou ao me tomar a menina, e eu sorri para o seu cinismo. – A Deborah veio me perguntar se eu acho que o Pedro fantasia uma volta com você.

— E você disse o que?

— Que não. – Ele riu confuso. – Se o Pedro quisesse algo, tentaria algo. Ele o faz? – O Daniel me olhou, mas eu neguei com a cabeça, porque era uma verdade.

— Mas mesmo assim, você tem ciúme.

— É. – O Daniel falou, simplesmente.

Nós ficamos ali até o fim do dia. Passamos em algum supermercado para comprar algumas

bobagens, e seguimos para o apartamento do Daniel. Eu havia colocado o meu à venda, e prometi que depois disso, nós poderíamos pensar em morar juntos. Mas a coisa para vendê-lo estava caminhando devagar.

Coloquei uma pizza no forno, enquanto o Daniel foi tomar banho. Estava distraída com o sorvete de baunilha, quando o celular do Daniel tocou. Eu não devia atender, vendo que era a sua mãe, mas mesmo assim fiz.

— Ah, você... — Ela resmungou. — Eu queria falar com o meu filho.

— Ele está no banho.

— Vá até lá e diga que eu quero falar com ele.

— Quando ele sair, eu peço pra retornar. — Eu falei, finalizando a ligação pela prepotência da mulher.

Avisei ao Daniel da ligação somente para sua mãe não fazer um drama depois.

Eu estava servindo a pizza para nós dois, quando ele voltou para a cozinha.

— Ela vem passar a noite aqui. — O Daniel avisou, apertando os lábios e eu parei o que fazia, para olhá-lo.

— O que?

— A minha mãe. – Ele bufou um risinho. –
Eu não sei se dessa vez é sério, mas ela largou o
Augusto e não quer ficar sozinha.

— É melhor eu ir pra casa, então. – Eu falei,
sem reação.

— Não. – O Daniel resmungou.

— Você vai precisar conversar com ela, amor.
– Eu falei. –Você me deixa em casa, e depois vai
buscá-la. Ok?

O Daniel não me respondeu. Nós jantamos
pizza, e de sobremesa, sorvete. Ainda ficamos mais

PERIGOSAS

um tempo enrolando, mas a Paola ligou mais uma vez, e eu fui pegar as minhas coisas.

Invés de me deixar em casa primeiro, ele passou para buscar a sua mãe, que coincidentemente estava com a Dolores.

— Pensei que estivesse indo embora, Dolores.

– O Daniel falou.

— Adiei. – Ela falou, simplesmente.

— Ela vai ficar conosco? – A Paola perguntou para o Daniel, que riu.

— Nem ela, muito menos a Dolores. – Ele respondeu, sendo frio.

NACIONAIS - ACHERON

A Dolores não se despediu ao descer na sua casa, e eu deixei um beijo rápido na boca do Daniel, ao me despedir dele.

— Milagre, você em casa. — A minha mãe falou, quando eu entrei.

— O Daniel teve imprevistos com a mãe dele.

— Ela está bem? — A minha mãe perguntou, preocupada.

— Infelizmente. — Eu resmunguei.

— Bruna! — Ela me repreendeu, mas eu subi para o meu quarto. Arrumei algumas roupas que estavam sobre a cama, e acabei aceitando o convite

da Lorena, para irmos à balada.

Enviei apenas uma mensagem para o Daniel, avisando que iria sair com a Lorena e fui tomar um banho. Quando voltei para o quarto, o meu celular tocava, já na sétima ligação dele.

— Diz, meu bem. — Eu pedi, e ele riu sarcástico.

— Você não vai pra uma boate com a Lorena.
— Ele afirmou convicto.

— Vou sim. — Eu falei, tranquilamente, me sentindo vingada pelas quartas-feiras.

— Tudo isso porque eu tive que passar a noite

com a minha mãe? – Ele perguntou incrédulo. –
Bruna, a Lorena é solteira. Você não.

— A Lorena é enrolada com o Tadeu.

— Não importa.

— Olha, eu vou perguntar pra ela aonde nós
vamos, e te aviso o lugar. Qualquer coisa você
aparece lá. Não esquece que você me deve um
orgasmo. – Eu falei antes de desligar.

Eu vesti um vestido branco com alças finas,
solto no corpo, com as costas nuas. Ele estava bem
curtinho, e eu combinei com um scarpin vermelho.
Fiz uma maquiagem forte, e coloquei alguns

acessórios.

A Lorena passou para me buscar às onze e eu fui censurada pela minha mãe, por sair sem o Daniel.

Nós chegamos ao lugar e fomos logo pegar uma bebida. A Lorena nos arrastou para perto de onde o Tadeu estava e eu os deixei indo dar uma volta. Bebi alguns drinks, misturando bebidas sabendo que isso não era algo bom.

Estava com o Pedro e uma morena que ele resolveu ficar esta noite, quando notei o meu

namorado se aproximar de nós. Eu imaginei que estivesse tudo bem entre a gente, mas ele não me deixou beijá-lo.

— O que houve? – Eu perguntei confusa.

— Eu to furioso por você ter vindo pra esse lugar, sozinha. E to mais ainda por te encontrar com o seu ex.

— Nossa, Daniel, vendo assim, eu estou aqui agarrando a menina. – O Pedro falou sarcástico. – Todo mundo superou esse relacionamento, menos você.

— E ainda te encontro bêbada. – O Daniel resmungou comigo, ignorando o Pedro.

— Não estou. — Eu prometi para ele, passando os braços em volta do seu pescoço, mas levei uma mão para a lateral do seu rosto, roubando um selinho. — Se eu soubesse que ficaria tão furioso não teria avisado.

— Você acordaria solteira. — Ele retrucou, e eu dei risada.

— Quer terminar comigo? — Eu perguntei, mas quando ameacei me afastar, ele me segurou.

— Eu fico furioso só de imaginar você, sozinha em um lugar pra gente que quer curtir.

— Mas eu quero curtir. — Eu falei meio embriagada. — Eu só achei que você devesse ficar com a sua mãe esta noite.

— Eu não quero nem imaginar que algum cara aqui, hoje, possa ter tentado algo com você. — Ele falou possesso de ciúme, negando com a cabeça e eu sorri presunçosa.

— Ninguém mexeu comigo. — Eu falei. Era uma mentira, porque em qualquer lugar tem aqueles engraçadinhos que tentam ficar por ficar.

— Cínica. — Ele resmungou. Eu ignorei a sua birra e puxei-o para um beijo. Depois, nós fomos comprar mais bebida.

Ficamos com o Tadeu e a Lorena, e no final da noite, o Pedro se aproximou, trazendo a Deborah. O Daniel resmungou algo para o Pedro,
NACIONAIS - ACHERON

sobre varrer a boate inteira para depois levar a Deborah embora.

Passava das três da manhã e eu já estava exausta, sentada num banco, escorada ao Daniel. Ele apenas terminou de pagar o nós consumimos, e nós fomos embora.

Já dentro do carro, eu tirei os meus sapatos e a minha calcinha. O Daniel me olhou confuso, quando eu tomei dele a chave do carro.

— Bruna. — Ele me censurou, mas não me impediu de desabotoar a sua calça. Eu a puxei para baixo, mas ele teve que me ajudar, e fui para o seu colo, beijando-o de qualquer maneira, porque estava mais interessada em outra coisa.

PERIGOSAS

[...]

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 22

Eu estava no apartamento que eu e o Daniel queríamos comprar juntos. Estava só com a Mari, que parecia mais segura do que eu, da decisão que eu e o Daniel tomamos.

Ele ainda queria aquela coisa correta de casamento na igreja e uma festa digna para nós dois. Mas eu não sonhava com isso e ele acabou respeitando a minha vontade. Este estava sendo o primeiro passo para a nossa eternidade juntos, eu queria dizer e acreditar. Esperava que conseguíssemos fazer dar certo. Nós já

convivíamos há muito tempo juntos e sabíamos que não era fácil.

— A sua sogra está feliz com a notícia? — A minha amiga perguntou, mas eu lhe lancei um olhar sobrepujado, pelo sarcasmo.

— Ela ficaria feliz se recebesse a notícia de que eu fui atropelada por um caminhão.

— Você é exagerada. — A Mari riu. — Mas aqui é enorme, vocês pretendem ter quantos filhos? Dez?

— Eu não estou pensando em filhos. — Eu falei.

— Você nunca está pensando em nada. — Ela

resmungou. – Tudo é predestinado pelo Daniel. E o coitado espera só você tomar coragem.

— Nós vamos nos casar. – Eu falei, sendo presunçosa.

— Eu iria querer uma festa enorme e o melhor vestido.

— E eu vou investir no nosso apartamento. – Eu falei, como se a nossa situação financeira exigisse que fizéssemos escolhas, e a Mari me lançou um olhar entediado. O nosso escritório ia muito, mas muito bem. O Daniel era um dos mais conceituados advogados, junto com o Augusto, embora a relação deles seja apenas profissional.

Haviam se passado três anos, nós não estávamos tomando alguma decisão de maneira precipitada. O meu pai havia finalmente se conformado que o Daniel era o cara com quem eu iria passar o resto da minha vida. Ou pelo menos, era o que eu pretendia.

Eu e a Mari estávamos estudando juntas, as decorações do apartamento e, tudo vinha sendo feito com muito cuidado e dedicação.

Depois de encontrarmos os meninos para almoçar, eu fui com o Daniel escolher a nossa cama nova, mas eu acabava sempre dando a palavra final. Ele ria do meu deslumbre e ansiedade, e nós

parecíamos dois adolescentes realizando um sonho.

Nós esbarramos com a Deborah ao sair da loja, ela nos exibia uma barriguinha de aproximadamente quatro meses. Foi uma surpresa, algo terrivelmente inesperado, mas que serviu para aquietar o Pedro de uma vez. Ele não queria que a história dele com a Deborah tivesse o mesmo fim que a Luciana.

A Mel estava esperta, e eu era a Tia Bru. Não me imaginava mãe, ainda, mas adorava ser a Tia Bru.

Quando nós descobrimos a gravidez da Deborah, o Daniel voltou a me pressionar com a história de ser pai, apelando para a sua idade, alegando querer ser pai antes de chegar aos trinta, mas ele já havia feito. Eu abortei a ideia inventando essa história de morarmos juntos.

— Quando a gente tiver um filho, os do Pedro já estarão grandes. — O Daniel falou, quando entramos no carro. Eu olhei-o, sorrindo fraco.

— Porque você quer tanto isso agora? — Eu perguntei, suspirando forte.

— Eu só comecei a pensar nisso depois que você engravidou aquela vez. E nunca vou me

NACIONAIS - ACHERON

conformar pela maneira como a gente perdeu.

— Na hora certa, Deus manda um bebê pra gente. — Eu prometi, e ele bufou um riso, ligando o carro e arrancando-o dali.

O tempo foi passando e a cada semana, quando as coisas iam para o devido lugar, eu me via amedrontada e ansiosa para o que a minha vida se tornaria. Eu talvez estivesse sendo presunçosa demais, mas era o Daniel. Ele estava sendo o cara perfeito para mim, enquanto eu apenas insistia em dar ordens.

E como a Deborah disse, as chances de encontrar um cara fiel igual a ele, era uma em um

NACIONAIS - ACHERON

milhão. Não que eu acredite que o Pedro tenha algum tempo para outra mulher, mas ele já havia nos dado provas de que não era lá um cara monogâmico.

Depois de quase dois meses, nós pedimos um jantar para oferecer aos nossos pais. Quero dizer, para os meus pais e a Leandra. E alguns amigos. A Paola estava próxima ao Daniel, mas a sua aversão a mim, era a mesma, então *preferiu* não comparecer. A Leandra admirava os detalhes e o requinte do meu novo lar, enquanto o Daniel se embriagava de uísque com o meu pai e o Maurício.

O Pedro deveria chegar coma Deborah, mas

NACIONAIS - ACHERON

ela ligou avisando estar muito indisposta.

— Ela é fresca. – A Leandra falou, rindo ao se referir a Deborah. – Mas eu acho bom que o Pedro tenha alguém. Ela é mimadinha, mas ele gosta dela.

— Eu queria saber o sexo do bebê. – Eu fiz um bico luxurioso.

— A Mel é toda ansiosa, embora eu não ache ela esteja entendendo muita coisa.

— Eles vão continuar morando com vocês? – Eu perguntei curiosa, porque a Deborah havia comentado querer um lugar só dela e do Pedro.

— Eu não vou deixar que eles saiam. Não vou ficar sozinha com o Maurício naquela casa enorme.

— Tem muitos quartos aqui. — A minha mãe comentou, ao se reaproximar de nós. — Pra quando serão as crianças? — Ela perguntou despretensiosa e a Leandra riu.

— Acho que você terá que se contentar em curtir os meus netos, por enquanto. — A Leandra falou, divertida.

— Eu não aguento mais tanta cobrança. — Eu falei horrorizada.

A noite seguiu tranquila. A vida exatamente onde deveria estar e o coração também. Eu estava na cozinha, abusando de um pudim de leite, quando o Daniel apareceu, se escorando ao balcão, me

NACIONAIS - ACHERON

olhando minucioso.

— Tá feliz? – Ele perguntou meio embriagado e eu dei risada, me aproximando para beijá-lo.

— Muito.

— Eu estive pensando... – Ele falou, como se tentasse parecer coerente. – Deus não vai ter como mandar o nosso bebê se você continuar tomando remédio.

— É? – Eu perguntei, rindo dele, que assentiu, muito sério.

— É. Então você poderia parar.

— Não sei se estou preparada. – Eu falei,

acariciando a sua barba, beijando-o quando ele se curvou para o meu carinho.

— A Deborah não estava preparada e olha só... Vamos só tentar, amor. Eu não acho que estamos sendo precipitados.

— Dan... – Eu falei, me deixando ser puxada por ele, que nos levou para o nosso banheiro. Eu o observei jogar o meu anticoncepcional fora, mas ele logo desistiu e jogou a cartela inteira no vaso sanitário, dando descarga.

— Mas você não vai me engravidar, tipo, amanhã. – Eu falei, e ele me olhou, rindo.

— Eu sei.

— E que bebês choram muito e fazem cocô.

— E eu amo você. A sua sorte é toda essa.

— Sorte? – Eu perguntei confusa, e ele sorriu sorrateiro.

— Sorte. – Ele afirmou, me encostando à bancada da pia, apoiando as mãos ali e me prendendo entre os seus braços. – Não é todo cara que quer ser pai, como eu quero.

— Você é todo raro. – Eu zombei, rindo.

— Bom que você sabe disso.

— E muito modesto.

— Sim. Eu apenas reconheço o que a gente tem. – Ele deu de ombros, mas eu dei risada. – Eu já

estou ansioso pra te ver gorda.

— Eu estou com medo. – Eu sussurrei para ele, antes de ele me beijar, tão eloquente.

[...]

Na segunda semana em que eu não estava tomando anticoncepcional, e o Daniel mantendo a nossa vida sexual mais ativa que sempre, eu apelei para uma pílula do dia seguinte.

Depois de tomar a maldita bomba de hormônios, eu me vi arrependida. Era como se eu

estivesse enganando o Daniel. Eu fiquei quieta para ele, mas corri até a minha mãe, desabafando o meu medo e insegurança. Algo não muito útil, porque ela era outra ansiosa pelos netos.

— Às vezes você e o Daniel me fazem sentir como uma máquina de fazer filhos. — Eu resmunguei.

— E você não faz.

— Não é assim, também.

— Você nunca vai se sentir pronta pra isso. Eu também não estive pronta pra isso, mas eu era louca alucinada pra ser mãe. Se deixa levar, procura um médico e tenha certeza de que está tudo bem com você. É um momento tão único na vida da

NACIONAIS - ACHERON

mulher, meu amor. Você tem tanta sorte de ter esse homem ao seu lado. Não deixa esse seu medo afastar vocês.

— Às vezes eu penso que eu vou ser trocada pelo nosso filho, quando tivermos um.

— Para de ser criança, Bruna. — A minha mãe riu. — Eu e o seu pai estamos juntos até hoje. E estamos muito bem. Você nunca atrapalhou em nada.

— Eu vou procurar um médico, saber se está tudo bem. — Eu falei, suspirando forte. — Talvez eu fique mais tranquila com essa história.

À noite, eu fui jantar em um restaurante japonês com o Daniel, que desabafava sobre o dia estressante em um tribunal. Eu achava muito bonita a maneira como ele se dedicava ao trabalho. E como se saía bem nisso. Ele falava e falava enquanto eu me deixei levar pelos pensamentos de que um filho nosso poderia seguir os passos dele. E que ele seria aquele pai incrível. Eu sorri, quando ele riu de algo que dizia, e quis esquecer o mundo e agarrá-lo bem agora.

[...]

Os meses passaram rapidamente. Quatro
NACIONAIS - ACHERON

meses, para ser mais exata. Eu não estava grávida, mas nós não tínhamos algum contraceptivo impedindo. E segundo a minha ginecologista, estava tudo bem comigo e com o Daniel. Talvez fosse também o tempo em que eu passei tomando anticoncepcional. Questão de sorte, eu quis acreditar. E a nossa sorte não havia chegado ainda.

Era aquele calor infernal, janeiro, e eu estava na área da piscina do Hotel com a Mari, que limpava um Enzo sujo de sorvete.

— Às vezes eu poderia entregá-lo para o Joca e sumir. Como ele entrega sorvete ao menino e o deixa sozinho? — Ela perguntou impaciente, mas

NACIONAIS - ACHERON

acabou tirando a camiseta dele, que estava toda lambuzada.

— E esse menino sujo? — O Daniel perguntou, ao se aproximar. Eu sorri para ele, que deixou um beijo casto na minha boca.

— O Joca, insuportável. — A Mari falou. A verdade é que ela estava muito mal humorada.

— Ele já está vindo.

— Que ele não apareça na minha frente hoje!
— Ela falou, e o Joca, que já chegava até nós, ao ouvir, deu risada e voltou.

— Isso é TPM, Mari? — O Daniel perguntou zombeteiro, mas ela nem se deu ao trabalho de

responder.

— Quando eu pedir o divórcio ao João Carlos, ele vai me dar realmente atenção. – Ela resmungou, quando o Enzo a deixou para correr até o pai, que agora vinha trazendo uma cerveja.

— O que ele fez, exatamente? – O Daniel perguntou, puxando uma cadeira e se sentando.

— O que ele não fez, você deveria perguntar. – Ela falou, ignorando o Joca, que tentou beijá-la.

— Ela não quer ir embora amanhã. – O Joca explicou, descontraído, enquanto nos servia da cerveja. – Mas eu não posso ficar.

— Deixe-a conosco. – O Daniel sugeriu, mas

o outro riu, negando com a cabeça.

— Eu tenho ideia melhor. — A Mari falou, sorrindo presunçosa. — Vão embora vocês três, e me deixem aqui com a Bruna.

— Você enlouqueceu, Mariana. — O Daniel falou rindo, bebendo um longo gole da cerveja, que estava muito gelada. — Eu não vou deixar a minha mulher aqui sozinha com você.

— Você não confia em mim? — Eu perguntei incrédula. — Porque eu não faria nada demais.

— Eu confio em você. — O meu namorado resmungou. — Só não confio nesse lugar.

— Eu pensaria logo que qualquer merda que

eu fizesse ninguém saberia. – O Joca falou, mancomunado com o Daniel. – Até parece que alguém casado viaja sozinho pra um lugar desses, nessa época do ano.

Nós engatamos numa discussão amena sobre fidelidade, onde mais uma vez a Mari e o Joca brigaram, por ele achar cansativa a vida monogâmica, embora tenha tentado se explicar, em vão, depois.

Eu e o Daniel subimos para o quarto, quando estava anoitecendo. Para nós estava sendo o paraíso esses dias, não tínhamos um filho nos prendendo e

NACIONAIS - ACHERON

proibindo as idas às boates e festas.

— A sua mãe teria ficado com ele. — O Daniel falou, quando eu lembrei-o disso.

— Eu não quero ter um filho e largar ele na casa da minha mãe, quando eu bem resolver sair. E não confiaria na sua.

— Eu acho que com um filho nosso, ela aceita o nosso casamento. — Ele falou, se jogando na cama comigo, me abraçando, de modo que eu curvei uma perna em volta do seu quadril.

— Não me acostumei ainda com isso de estar casada com você.

— Casada ainda não, mas falta pouco.

— E a sua mãe nunca vai aceitar o nosso relacionamento. Eu ainda acredito que ela acha que você vai voltar com a Dolores.

— A essa altura do campeonato, nem a Dolores deve se lembrar da nossa existência.

— Graças a Deus. É muito triste ter que contar ao nosso filho que o pai dele, teve uma ex que tentou me matar. – Eu falei sendo dramática, e o Daniel riu.

— Você deveria superar essa história.

Eu acabei pegando no sono, enquanto o Daniel acarinhava o meu cabelo. Acordei sozinha

na cama e me levantei meio desnorteada, seguindo para o banheiro. O meu namorado ou marido, não importa o termo que eu queira usar, estava debaixo do chuveiro, se tocando de maneira lenta. Eu me aproximei, olhando-o atrás do Box. Ele tinha os olhos fechados e a sua respiração pesava à medida que ele ia aumentando os movimentos. Eu analisei-o por inteiro, me sentindo a mulher mais babaca e sortuda do mundo por tê-lo. Só por tê-lo ao meu lado.

Essa questão de tempo era toda relativa. Uma bela surpresa do destino para nós dois, porque lembrando como tudo começou e a sua maneira de

NACIONAIS - ACHERON

conduzir a vida naquele momento, nós não deveríamos ter passado daquela transa naquela manhã.

Eu não imaginava que viveria esse amor. Que sentiria. Que o Daniel seria o cara. O tal amor da minha vida. Isso até parecia meio coisa de sonhador, e eu nem era lá tão sonhadora assim. Essa coisa de gente que imagina, planeja, planeja e nós apenas nos deixamos levar. Ele era o choque de realidade para as minhas loucuras. Para o meu quê de infantilidade. O que dominava as situações onde eu perdia o controle.

Ele era a base para o meu futuro. O pai dos filhos que eu hesitava em querer ter.

Parecia ridículo, mas eu era meio patética, quando se tratava do Daniel. Era como se ele estivesse segurando a minha caixa de lápis de cor, esperando eu colorir a nossa vida daqui para frente, me ajudando quando eu perdia o rumo.

Ele me notou e eu desci o olhar para a sua ereção. Ouvi a sua respiração falhar e o meu corpo inteiro me apertou de vontade dele.

Era como se ele fosse artista e eu rascunho. Eu sorri, quando ele me puxou para dentro do Box,

subindo o meu vestido, até que eu tirasse-o por completo.

— Gostosa. — Ele sussurrou, descendo a minha calcinha, jogando-a em qualquer canto. Eu me deixei levar, sabendo que seria rápido e ele ergueu a minha perna direita em volta do seu corpo, me penetrando rápido, indo fundo e eu o abracei com força, gemendo seu nome.

— Eu amo você. — Eu prometi, procurando pela sua boca, enquanto ele investida rapidamente em mim.

— Eu sei. — Ele falou contra a minha boca, me erguendo em seu colo, nos levando para a cama. Eu me contentei em apenas observá-lo. Em notar

cada espasmo de prazer que o seu corpo liberava se perdendo no meu.

O Daniel gemeu forte, apertando as nossas mãos entrelaçadas, gozando e sussurrando por mim.

E eu sabia que ele sempre iria ficar. Mesmo com todas as loucuras que passamos para chegar até aqui. Porque, cá entre nós, um segredo: o que seria de mim, sem ele?

Fim!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Epílogo

DANIEL MAIA

A verdade é que se pode reconhecer uma mulher que vai marcar as nossas vidas há quilômetros de distância. E ela não precisa ser perfeita. A minha, eu conheci numa boate e levei-a para casa no fim da noite. E não amarguei encontros e ansiedade até levá-la para cama, mas isso era só detalhe. Eu poderia entrar na eterna discussão sobre transar ou não no primeiro encontro, mas a minha opinião, melhor, o meu conselho, seria para fazer o que der vontade. Eu conheci a Bruna numa boate, bebendo feito uma

maluca, transei na primeira noite, fui trocado pelo ex que por acaso é meu irmão, voltamos e eu casei com ela. E não me arrependo disso.

Era engraçado lembrar, porque eu queria que tudo não passasse daquela maldita transa naquela manhã perfeita. Manhã que mudou as nossas vidas para sempre.

Hoje eu estava com a minha filha na sorveteria do shopping. A Bianca estava com dois anos e sete meses. E ela era o meu orgulho. Os traços da Bruna eram evidentes nela, mas os olhos eram claros, como os meus. A nossa rotina era inconstante depois da Bia, mas a Bruna tem se

NACIONAIS - ACHERON

saído uma boa mãe. Meio impaciente às vezes, meio desajeitada, mas uma boa mãe.

A Bruna gostava daquelas discussões que a faziam levantar da mesa para argumentar, ou aquelas brigas estressantes, que eu abortava antes mesmo de começar. Esses anos todos ao lado dela, me fez aprender identificar uma discussão antes mesmo de ela começar. Já teve aqueles dias de eu querer largar tudo e sumir, porque ela acordava simplesmente louca. Mas depois da Bia, tudo pareceu melhorar para nós. Talvez a nossa filha tenha trazido para a Bruna, a maturidade que faltava para nos fazer dar certo de vez. De ter a

certeza que eu fiz a escolha certa em trocar os encontros casuais com inúmeras outras e insistir em nós dois. Buscar estar ao lado dela.

Eu levantei para pagar a conta e quando cheguei em casa, a minha mulher estava com os cabelos desgrehados, meio presos, falando no celular. Os seus olhos focaram em nós, demonstrando saudade. Ela havia passado dois dias fora, em função de trabalho. Eu imaginei que ganharia um beijo, mas ela veio até nós e pegou a Bianca dos meus braços, abraçando-a e beijando.

— Mamãe estava morrendo de saudade. — Ela falou, apertando mais a minha filha, que grunhiu

NACIONAIS - ACHERON

sufocada com tanto beijo. — Trouxe presente pra você. — A Bruna continuou, para comprar a Bia, que resolveu realmente dar atenção à mãe. Era um defeito terrível, a Bruna não sabia se limitar. A menina estava crescendo acostumada a ganhar o que queria e o que não precisava.

— E eu, não ganho beijo? — Eu perguntei, quando ela colocou a Bia no chão. Ela me sorriu, indo pegar uma caixa enrolada em papel de presente. A Bianca foi rasgar o papel, animada com o presente e a Bruna veio até mim, selando nossos lábios de maneira casta. Eu dei risada pela sua audácia, e a puxei para um beijo de verdade.

— Como foi a viagem? — Eu perguntei, ao

NACIONAIS - ACHERON

encerrar o beijo com dois selinhos demorados.

— Produtiva. — Ela resmungou. — Estressante, porque a Mariana é confusa. As nossas ideias não batiam e a menina não sabia qual realmente seguir. Mas foi lucrativo, talvez isso tenha compensado.

— E qual foi o presente da Bia? — Eu perguntei indo abrir a caixa.

— Um piano. — Ela deixou escapar um riso. Eu tirei da caixa um piano de madeira, muito bonito, pequeno. A Bianca esteve animada ao ver, e eu terminei de montar as peças que vinham soltas.

— Você vai enlouquecer com a barulheira que ela vai fazer. — Eu avisei, porque a última coisa que a Bruna havia comprado foi uma bateria, que

NACIONAIS - ACHERON

estava escondida porque ninguém mais aguentava o show da minha filha.

— Era tão bonito que eu não resisti. — A Bruna falou manhosa, com um bico luxurioso e eu sorri presunçoso.

— E quais são os planos pra hoje? — Eu perguntei, me levantando, para deixar a Bia brincar.

— Vou tomar um banho, a Deborah está vindo aí, com as meninas.

— E eu? — Eu perguntei, tentando a segui-la no banho.

— Você resolve o meu probleminha, à noite.

[...]

Dois dias com o piano infernal nos acordando e músicas inexistentes que a Bianca tocava, estavam enlouquecendo qualquer pessoa. A Bruna fez uma carranca, levantando da cama, mas logo voltou trazendo o brinquedo novo da minha filha. A Bianca vinha logo atrás, ameaçando um choro. Quando a Bruna entrou no closet, eu levantei e peguei a Bianca, para que ela não fosse atrás e desatasse no choro.

— É meu! — Ela falou, me olhando e apertando os lábios com os olhos cheios de lágrimas.

— Você não pode encher a menina de brinquedos, se vai tomar depois. — Eu falei com a Bruna, que não me deu atenção.

— Papai... — A minha filha chamou, e eu, mole, fiquei tentado a levantar e pegar o maldito piano.

— Não vai mais brincar com aquilo. — A Bruna falou, sendo autoritária.

— Bruna, isso é infantilidade sua. — Eu falei, ponderando se valia a pena ou não, brigar pelo piano. — Você deveria amadurecer, e parar de entrar numa loja e comprar o que vê pela frente. Ela sequer sabe por que você tomou o piano.

— Ela vai entender um dia. — A Bruna falou,
NACIONAIS - ACHERON

indo para o banheiro. Assim que ela o fez, eu fui pegar o piano para a Bia.

Deixei a Bia com o brinquedo infernal e encontrei a Bruna no banheiro. Abracei-a por trás, e ela, que escovava os dentes, parou para me olhar.

— Você não ousou devolver o brinquedo, não é? — Ela perguntou, mas os grunhidos de felicidade e as notas descoordenadas da Bianca responderam por mim. Eu dei um riso, afundando o rosto entre o seu pescoço, deixando beijos castos ali.

— Vai querer sair hoje?

— Já peguei as entradas com a Mari. Eu vou

deixar a Bia na minha mãe hoje de tarde.

O dia monótono foi aprimorado por eu receber fotos indecentes da minha mulher. Eu precisava focar numa causa importante e tinha uma reunião marcada para daqui uma hora, mas a única coisa que eu conseguia focar era eu entrando bem devagar e fundo nela.

Estava olhando a foto ainda, quando o Pedro Luiz entrou na minha sala.

— Quais as chances de anticoncepcional dar errado? – Ele me perguntou, escorando as mãos na minha mesa, de uma maneira eufórica que me arrancou um riso.

— O que? — Perguntei confuso.

— Eu vou enlouquecer com mais um filho. — Ele me falou, assentindo com a cabeça. A verdade é que ele tinha sorte com a Mel. Ela era aquela menina boa e fácil de lidar. Agora a mais nova, era uma peste. Eu achava a Bianca fora do comum, esperta e bagunceira, mas a Luíza era imbatível.

— Deborah está grávida? — Eu perguntei, e ele bufou um riso, correndo as mãos nos cabelos.

— Eu não sei como isso foi acontecer! — Ele falou nervoso.

— Torce pra ser um menino agora. — Eu falei, simplesmente.

Eu não queria outro filho tão cedo, e pelo que a Bruna dizia, também não. Era bom que concordássemos nisso, de qualquer modo. Essa coisa de ter dois ou três filhos foi ficando para trás à medida que a Bianca foi crescendo. Nós queríamos o melhor para a Bia, mas não sabíamos se estaríamos preparados para mais um.

O Pedro era aquele pai presente para a farra das meninas. Elas não o obedeciam. Elas corriam para ele quando queriam algo que a Deborah negava e ele o fazia. E eu não queria ser esse pai. Conversar sobre isso com ele era algo que eu já

NACIONAIS - ACHERON

havia desistido de fazer. Ele cresceu dessa maneira, tendo o que queria, era óbvio que faria o mesmo pelas filhas.

Eu no máximo desacatava ordens loucas da Bruna, como essa mania de dar o brinquedo e tomar dias depois.

— O seu pai já sabe disso? — Eu perguntei, e ele deu uma risada sarcástica. — Ele vai pirar.

— Você quer se encher de razão pra me dar esporro, mas não aceita uma conversa com ele. — O Pedro resmungou. Ele era um pouco mais próximo do Augusto, depois que tomou jeito. Que resolveu tocar a imobiliária com a Leandra e acabou

NACIONAIS - ACHERON

gostando disso. Mas para mim, o Augusto jamais seria um pai. Eu não me opus quanto a deixá-lo participar da vida da minha filha. Demorou a que ele baixasse um pouco a guarda e tentasse se aproximar. Mas eu não tinha a memória fraca do Pedro, e para completar a situação, ele tinha uma pouca implicância com a Mel.

— Torce pra vir um menino agora. Só tem mulher nessa família. — Eu brinquei, ignorando-o.

— Eu vou enlouquecer. — Ele falou, rindo. — A Deborah fica insuportável. Só chora e come e vomita...

— Sua mãe deve estar adorando.

— Ela que aproveite muito, porque é o último
NACIONAIS - ACHERON

neto que eu dou pra ela.

— Eu não acho que alguém mais precise saber da sua história com a Luciana. A Melina não precisa saber como tudo aconteceu. — Eu falei, porque a mais nova palhaçada do Augusto era querer induzir o Pedro a contar para a filha, como ela foi gerada. A menina já tinha sete anos, mas não precisava saber que o Pedro namorava a Bruna, quando se envolveu com a melhor amiga dela, que engravidou e morreu no parto. Isso era mais que ridículo.

— Minha mãe sugeriu uma conversa com um psicólogo.

— Você tem sorte que a Deborah a tem como

NACIONAIS - ACHERON

uma filha.

— Eu não vou cair na pilha do meu pai e contar essa história fodida pra minha filha, Daniel.

— Ele falou finalmente se sentando. — Essa rejeição dele com a Mel é um problema dele, pra ele lidar sozinho.

— Ela só precisa saber que a mãe dela não está mais aqui. Que vocês namoraram, diz que estavam juntos por ela. Não envolve esse passado estragado no meio.

— Mas a Deborah já contou pra ela que o papai namorava a tia Bru. — O Pedro falou, rindo porque ele sabia que isso era me testar. Eu forcei uma risada sarcástica.

— Passado.

— Graças a Deus. A Bruna é louca demais. –
Ele riu, mas eu sabia que para mudarmos de assunto.

— Vai embora, palhaço. – Eu pedi, porque por mais que fosse brincadeira, eu não suportava esse detalhe da vida dos dois.

— Eu quero que você vá me buscar hoje, se a Deborah não for sair comigo.

— Você só vai sair com ela. – Eu forcei um sorriso falso para ele. Eu não sabia se ele era lá o cara mais fiel do mundo. Embora acreditasse que se ele fizesse alguma coisa, era muito bem escondido.

O meu irmão foi embora e eu voltei para o que deveria fazer. Ignorei o meu celular, porque precisava trabalhar. Ignorei a minha vontade de ir até o escritório da Bruna e foder com ela a tarde inteira.

Descontei a foto antes, óbvio. E ignorei as ligações dela.

[...]

Quando cheguei em casa, encontrei a minha sogra se divertindo no piano com a minha filha.

Cumprimentei-a com um beijo na testa e a Bia veio me deixar aquele abraço gostoso de sempre.

— O Pedro engravidou a Deborah de novo. —
A Laura me contou, e eu concordei, rindo. — Vocês deviam pensar em mais algum filho, também.

— Agora não. A Bia ainda dá muito trabalho.
— Eu falei, me sentando ao sofá. Assim que o fiz, a Bruna entrou na sala, parando ao nos notar.

— Eu ia levá-la, mãe. — Ela falou, indo direto para o quarto. A minha sogra ficou conversando amenidades comigo, e a Bruna não demorou a voltar, descalça e com os cabelos presos. Ela se jogou ao meu lado no sofá, pegando o meu celular para apagar as fotos que me mandou.

— Eu estou brigada com você hoje. — Ela me avisou, e eu sorri fraco, me inclinando para tentar beijá-la, mas fui rejeitado. — O arrependimento da minha vida foi ter comprado esse piano.

— Eu amei. — A minha sogra falou rindo. — Logo ela enjoa.

— Ai a Bruna aparece com outra coisa barulhenta. — Eu falei, mas a minha mulher não me deu atenção.

— Ela entra nessas lojas de brinquedo e se sente uma criança. — A Laura falou, zombando da filha.

— Vocês são dois insuportáveis.

— As coisas da Bia já estão arrumadas? — A minha sogra perguntou e a Bruna assentiu, se levantando para ir pegar.

Ela encheu a Bia de beijos, mas a nossa filha estava mais interessada em ir com a avó.

Nós jantamos o que sobrou do almoço, e a Bruna foi escolher o que vestir, me obrigando a lavar a louça.

Encontrei-a no banho, onde tentei aliviar a minha tensão, mas ela não deixou.

Nós saímos de casa pouco antes das onze, e

encontramos a Mari, o Joca e o Pedro, sem a Deborah.

— Só vou beber, cara. – O Pedro se explicou para mim.

— Se você ousar sair sem mim pra um lugar desses, tenha certeza que eu vou estar em outro lugar igual, fazendo coisa pior. – A Bruna falou comigo, selando nossos lábios e eu só sorri, para que ninguém desconfiasse que ela tivesse a coragem de cogitar essa loucura.

— Eu também te amo. – Eu falei mais alto e o Joca riu.

— A Bruna, sempre romântica. – O Joca zombou.

A noite foi gostosa, mas nada era tanto quanto estar onde estávamos agora. A Bruna gemendo meu nome, pedindo por mais enquanto eu queria durar mais só para dar mais prazer para ela. Na segunda vez que eu senti o seu corpo sugando o meu, enquanto ela tremia, se contorcendo em mais um orgasmo, eu não fui capaz de lidar com o meu autocontrole, gozando forte enquanto a segurava aberta para mim, em frente ao espelho.

A minha mulher ainda estava meio desnorteada, e engatinhou até estar deitada.

— Eu mal sinto as minhas pernas, amor. — Ela falou embriagada, puxando o travesseiro para se

NACIONAIS - ACHERON

cobrir invés do lençol.

Observei-a dormir. Já disse e continuaria dizendo, a Bruna foi a minha escolha certa. Meu deus, eu não poderia ter outra mulher ao meu lado para construir uma vida comigo.

Nada era perfeito o tempo todo, mas eu, sendo presunçoso mesmo, diria que nos empurramos para o melhor de nós. Porque apesar de tudo o que já passamos, nada jamais seria capaz de nos afastar. E eu jamais deixaria.

Ela é aquela pessoa certa que Deus colocou na minha vida para completar e trazer paz, apesar de qualquer coisa.

Fim!

Bônus

PEDRO LUIZ

Essa ideia de futuro era algo muito distante para mim. Eu nunca parei para pensar em como a minha vida estaria agora. Posso dizer que tenho três filhas lindas e briguentas. E que eu não fazia o tipo de pai ciumento e paranoico como o Daniel. Ele acabaria tendo um troço por não aceitar que a Bianca, não era mais uma menininha e que sim, o filho do Joca estava comendo ela.

NACIONAIS - ACHERON

Pode me olhar feio, mas eu estava sendo realista. As minhas filhas iam para a farra comigo. A do Daniel mentia para ele. Eu nunca me iludi achando que elas não iriam namorar e nem quis me prender a isso. Era parte da vida. Eu não iria poupá-las dos canalhas que passariam por elas. Eu fui um canalha que passou pela vida de muitas, e eu podia apostar que todas elas superaram e se deram bem. Veja só o exemplo da Bruna. Hoje ela era uma mulher gostosa, mas esse era um pensamento distante. Não havia desejo, era apenas uma constatação.

Eu tinha a minha mulher. E ela hoje, sabia ser tudo que eu precisava. Minha esposa, amante, amiga e mãe das minhas três filhas. Eu não poderia ter feito escolha melhor ao ficar com a Deborah. Melhor, ela não poderia ter feito escolha melhor ao aceitar ficar comigo.

Eu não gostava de lembrar a história com a Luciana, à maneira como tudo terminou. Era muito extremo assimilar. Se ela estivesse viva, eu poderia não ter a Mel. Ou muito provavelmente não teria a Luiza e a Ana Júlia. Era angustioso pensar sobre isso, mas eu podia dizer que era muito grato a ela, pela nossa filha.

Não que a Melina fosse uma santa, longe disso. Nos deu muito trabalho, mas das três, era a mais próxima da Deborah. E isso era o que me deixava grato por ela ser minha. Ela abriu um espaço tão puro e verdadeiro de amor para a minha filha. Ela a criou como se fosse um presente dela, também.

A minha vida era regada de conforto e luxo, não que fosse algo necessário a ser mencionado. Mas hoje, eu podia afirmar que era por esforço meu. Eu e o Joca éramos sócios de uma agência publicitaria conceituada. Não havia nada mais gratificante que crescer profissionalmente num

NACIONAIS - ACHERON

ramo que a gente realmente gosta.

Eu estava na sala da minha casa, sentado entre as pernas da minha esposa, que me oferecia uma massagem deliciosa, quando a Mel desceu as escadas, se sentando à nossa frente.

— Tudo bem? — A Deborah perguntou e a Melina assentiu, torcendo os lábios. — Tem certeza? — A Melina assentiu novamente, mas era óbvio que não estava.

— Tem algo pra nos contar? — Eu perguntei. Era óbvio que não seria nada demais. Ela era próxima e tinha liberdade de nos contar o que quer que fosse. Eu não era o tipo de pai que a proibiria

NACIONAIS - ACHERON

de alguma bobagem ou surtaria, de qualquer maneira.

— Eu estou pensando em ir morar com o Renato. — Ela falou rápido, e eu me sentei direito, pasmo.

— O que? — Perguntei, porque não poderia ter entendido bem.

— Eu estou pensando em ir morar com o Renato. — Ela repetiu, dando mais ênfase à frase.

— Você enlouqueceu? — Eu perguntei, tendo a necessidade de me levantar. — Melina, você tem dezenove anos!

— E estou indo morar com o Renato. — Ela

repetiu e a Deborah deixou escapar um riso.

— Você não vai. — Eu falei, negando com a cabeça. Desde que a minha filha descobriu o mundo, descobriu os prazeres da vida, eu não me vi dizendo-lhe um não, sequer. Era tudo muito normal. Eu curti demais, eu conheci vários corpos, incontáveis. A Deborah também. Nós sabíamos que um dia, na hora e com a pessoa certa, ela acabaria construindo algo legal para a vida.

— Eu só vim comunicar vocês.

— Veio uma merda! — Eu falei, horrorizado. Que porra de maturidade ela tinha? Aos dezenove eu apenas tinha a dúvida entre transar com camisinha ou gozar fora. — Você não vai e acabou.

— Pai, eu não estou aqui pedindo permissão.

— Foda-se! – Eu forcei uma risada. – Você não vai entrar nisso. Sabe o que vai acontecer? Você vai acabar engravidando, é isso que acontece. Ele, novo demais, vai se sentir pressionado com o caos que é dividir uma rotina com alguém e vai descontar isso com as outras. É isso que você quer pra sua vida? Dizer que se casou aos dezenove anos, por pura idiotice? – Eu não estava sendo coerente, mas foda-se.

— Filha, eu acho que isso é muito precipitado. – A Deborah falou, da sua maneira cautelosa.

— Eu acho que está tudo muito claro pra nós

dois. Nós queremos e... – A Melina começou, mas eu a interrompi, com um riso sarcástico.

— Não está nada claro pra vocês, Melina. – Eu resmunguei. – Se estivesse, vocês pensariam mil vezes. Vão viver de que? Mesada? Ou você acha que indo morar com ele, vai prendê-lo a você?

— Eu não estou disposta a mudar de ideia. – A minha filha retrucou e eu respirei fundo. Não era um ciúme ou medo de perdê-la. Ela tinha uma proximidade muito grande com a família para que um cara a afastasse de nós. Mas o que aconteceria num apartamento onde dois jovens de vinte anos e dependentes dos pais morassem juntos, dividindo uma vida?

— Melina eu comecei a ficar, a transar com a sua mãe, quando ainda namorava a sua tia Bruna. — Eu comecei, e ela finalmente resolveu me dar à devida atenção. Ela sabia que eu namorei a Bruna, a Deborah havia contado, mas nunca teve acesso ao resto da história. — Eu prometia tudo pra Bruna, tudo. Nós planejávamos nos casar, ter um casal de filhos, e até um cachorro, que se chamaria Teddy. A Bruna era tão louca apaixonada por mim, que já tinha projetado a nossa casa. Eu tinha vinte e três na época. Ela e a Luciana eram grudadas e sabe o que eu fiz? Decidi me sentir o gostoso, o que consegue tudo o que quer e investir na sua mãe. Ela resistiu, mas era tola, como você está sendo agora.

Cedeu muito rápido, trocou os amigos, me levou pra conhecer a família dela, e por um descuido acabou engravidando. Eu estava com a sua mãe, quando insisti numa volta com a Bruna e nós ainda voltamos, mas eu fiquei com as duas, até onde deu. Até a sua tia me largar. Eu estava em Angra com a sua mãe, quando a Bruna ligou e ela atendeu, despejando o nosso caso. Eu acabei ficando com a sua mãe, não por ser a escolha que me sobrou, mas porque ela estava grávida e em algum momento eu me vi apaixonado por ela, mas era imaturo demais pra perceber. Nunca dei o valor que talvez ela tenha merecido, deixei-a em casa, grávida, para sair com outras. Ela teve uma gravidez complicada, mas nós

éramos novos demais, teimosos demais para dar a atenção que a gestação pedia. Foi terrível pra nós, a perda dela. Eu não gosto de lembrar, eu me sinto culpado, mas eu sei que grande parte disso tudo que aconteceu, poderia ter sido evitada se eu tivesse um pouco de maturidade. – Eu terminei de falar, o meu tom era ameno e baixo, a minha filha estava a minha frente, me olhando estática. O silêncio perdurou então eu voltei a falar. – Eu não quero que você sinta algum remorso com isso. Eu quero que você saiba que eu não ganhei presente melhor nessa vida, do que você. E eu tenho certeza que se a sua mãe estivesse viva, amaria você como nós amamos. Por mais louca que ela fosse. Ela sempre teve

personalidade forte, foi decidida. Mas o que eu quero dizer, é que você não tem maturidade pra assumir um casamento. Pra ir morar junto com um cara da mesma idade que você. As chances de ele estragar tudo como eu estraguei, são enormes.

— Mas eu o amo. — Ela sussurrou, era nítido que choraria.

— Então curta esse amor. Não abandone a sua família por isso. Ninguém aqui está te privando de viver, Mel. Eu nunca te proibi, pelo contrário. Sempre apoiei as loucuras de vocês. Sempre achei que vocês iriam aprender com o tempo, como eu aprendi. Mas sair de casa é demais. Eu não posso deixar você cometer tamanha loucura. Namore, se

PERIGOSAS

quiser, sai com um cara em cada noite. Se proteja, se cuida. Eu não vou proibir, eu não vou condenar! O mundo está aí pra você, aproveite-o. Mas não abra mão da sua juventude embarcando num casamento precoce, com mais chances de afundar, do que dar certo. – A minha filha permaneceu em silêncio, então eu me retirei da sala, para deixá-la com a Deborah.

Não me sentia o melhor pai do mundo nesse momento e nem sabia se a escolha certa foi ter contado a história fodida com a Luciana para ela. Era algo que terminou em dor. E ela não precisava saber. Mas naquele momento de nervoso, para mim

NACIONAIS - ACHERON

pareceu a opção válida. Eu não podia deixar a minha filha embarcar em algo que não daria certo. Eu me via muito nesse Renato. Eu não era muito a favor desse namoro deles. Mas quem era eu para proibir? Ela estava apaixonada, e mulher apaixonada fica cega. Brigar afastaria a minha filha de mim, e eu queria-a próxima. Se desse errado, ela teria a família para dar apoio e o mundão inteiro para descobrir. Mas se desse errado, como eu previa, eu a queria na minha casa, sob os meus cuidados e os cuidados da Deborah. E eles tinham tempo demais para se conhecerem direito e fazer isso dar certo.

BIANCA MAIA

Eu me chamo Bianca Camargo Maia. Tenho dezesseis anos recém-completados e um pai que jura que terei dez, o resto da vida. E um irmão de oito anos, tão paranoicamente ciumento, quando o papai poderia ser.

Sempre fui uma boa filha, sempre tive boas notas e nunca, por exemplo, apareci em casa com um namorado diferente a cada mês, como a Melina fez até encontrar o Renato por aí. Não que eu estivesse julgando o que ela fez, era apenas uma comparação. O tio Pedro estava nem aí para a vida

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

amorosa ou desamorosa das meninas, era liberal e podia orientar. Eu imaginava que se chegasse para o meu pai querendo uma conversa sobre, por exemplo, o Enzo, ele teria um infarto, ou tentaria me matar.

Tudo o que eu queria fazer, precisava pagar pelo silêncio do Bernardo. E o garotinho me extorquia toda vez. Ele foi um acidente. Não foi planejado. E as coisas com os meus pais, sempre foram meio planejadas. Quero dizer, pelo menos, eu fui. Segundo o papai, ele teve que viver anos implorando para fazer um filho na minha mãe, o que para mim, soa meio nojento.

NACIONAIS - ACHERON

O Bernardo veio e nós só descobrimos que viria, porque a minha mãe não parava de vomitar e o papai logo desconfiou que algo estivesse errado. Eu fiquei meio assustada quando vi aquele menino branquelo de olho claro, quase sem cabelo tomando um espaço na minha casa, quando eu ainda era tão pequena. A minha mãe era meio impaciente, às vezes, mas sempre foi muito amorosa com nós dois. E muito amiga também.

E se eu pudesse escolher algo, seria doar o Bernardo para alguma família necessitada de um monstrinho chantageador, toda vez que eu me

NACIONAIS - ACHERON

encontro nessa situação.

— Eu vi o Enzo saindo do seu quarto hoje de manhã. — Ele falou, escorado à minha porta, com os braços cruzados e uma autoridade ímpar. Era algo herdado do papai, que muitas vezes, queria ser o dono do mundo e de todas as decisões. Algo que a minha mãe conseguia driblar com o seu charme, usando disso para manipulá-lo. E ele caía feito um pato.

— Eu quero provas, Bernardo. Eu não vi ninguém saindo do meu quarto esta manhã. — Eu falei, achando que ele desistiria, mas ele pegou o seu celular, me mostrando uma foto. Ainda frisou a hora: 5h12min.

O meu irmão me lançou um sorriso de quem havia vencido, e eu lhe cerrei os olhos. Queria pedir socorro para a minha mãe, ela sempre esteve por dentro de todos os acontecimentos da minha vida – exceto eu estar abrigando o meu namorado nas madrugadas da vida. Mas isso faria o Bernardo correr ao papai e contar tudo. E mostrar a foto. E por mais que parecesse bobagem, eu não queria decepcionar o meu pai. Ele era meio ultrapassado, quando se tratava de mim. Jamais aceitaria esse tipo de coisa.

— Eu quero só cem. — Ele falou, e eu fiz uma carranca. — Porque eu sou esperto, eu sei tudo o que vocês fazem aí dentro. — Continuou, e eu olhei-o,

pasma.

— O que? – Eu perguntei horrorizada.

— Vocês se beijam. – Ele falou, como se estivesse ganhando bem bonito essa batalha. – Na boca. – Completou, como se fosse um crime inafiançável e eu relaxei o corpo, sabendo que ele não poderia dizer algo mais.

— Tudo bem por aqui, meus amores? – A minha mãe perguntou, ao se deparar com os dois filhos, acordados às sete e meia da manhã em pleno sábado. Ela fez um carinho no cabelo liso do Bernardo, beijando o topo da cabeça dele. – Que milagre aconteceu pra acordarem tão cedo?

— Você já pensou em doar o Bernardo? – Eu

NACIONAIS - ACHERON

perguntei para a minha mãe, que riu não me dando atenção.

— Você não faz ideia do que a Bia anda aprontando, mamãe! — O meu irmão começou, com esse tom de quem estava esperando a minha intervenção para parar. A minha mãe olhou para mim, então para ele, esperando por mais. — Posso contar?

— Vá em frente. — Eu sorri falso para ele. — Vamos, conte. — Eu incentivei, porque a minha mãe iria rir ao saber que eu beijo o Enzo na boca.

— Tem certeza? — O Bernardo me deu mais uma chance de ceder a sua chantagem.

— Vá em frente. — Eu falei.

— Eu vou preparar o café, logo o seu pai acorda. — A minha mãe falou, deixando o Bernardo no vácuo e eu encarei-o, triunfante.

— O papai vai saber de tudo.

— O papai vai brigar com você. — Eu falei, tirando essa ideia sabe Deus de onde. — O Enzo vai ficar muito decepcionado em saber que você está fazendo isso, também. E eu não vou mais comprar aquele jogo que estava faltando, para você. — Eu falei, fingindo rancor e fechei a porta, voltando para a cama.

Peguei o meu celular, onde havia uma mensagem do Enzo:

NACIONAIS - ACHERON

“tudo bem por aí?”

Antes que eu pudesse responder, o meu pai estava dentro do meu quarto, segurando o celular do meu irmão, bem na foto que ele tirara do meu namorado saindo do meu quarto.

— Sinceramente, vocês puseram um psicopata no mundo. – Eu falei com o papai, de uma maneira exausta.

— Eu só quero saber o que significa isso.

— Pergunta ao Bernardo. Ele só pode ter manipulado essa hora, porque eu estava dormindo.
– Eu menti. Os pais deveriam saber que quando

mais proíbem, mais habilidades com mentiras, os filhos aprendem.

— Eles se beijam! – O Bernardo contou, e o meu pai olhou rapidamente para ele. – Na boca, papai!

— Santa novidade. – Eu resmunguei. – Conta ao papai que você queria cem reais pra ficar calado, Bernardo! – Eu falei, porque um pirralho de oito anos não precisaria de cem reais. – Daqui a pouco, ele vai chantagear vizinhos, ou até vocês mesmo.

— Bianca, a conversa aqui é sobre o Enzo no seu quarto. – O meu pai falou, da sua maneira autoritária de ser.

— Antes aqui, do que na casa dele. – A minha

NACIONAIS - ACHERON

mãe falou, ao entrar no quarto.

— Santo Deus... — Eu sussurrei.

— Eu deveria proibir esse namoro de vocês!

— Proibir, Daniel? — A minha mãe se divertia, rindo. — Para de ciúme bobo, porque a Bianca já está bem grandinha e deve saber onde está se metendo. Vem, a Cida fez aquele bolo que você ama!

— Eu só espero que essa menina não me apareça grávida. — O papai resmungou, saindo do quarto.

— Satisfeito, seu idiota? — Eu perguntei, irritada, enquanto empurrava o meu irmão para fora

do quarto. – Quando você quiser alguém pra jogar com você, eu não vou mais estar disponível! – Eu gritei com ele, sabendo que isso o abalaria e bati a porta com força, trancando-a.

Naquela tarde, o meu pai cedeu e veio ter uma conversa de pai para filha comigo. O que foi um tanto constrangedor. Ele havia idealizado uma menina perfeita, que eu não estava sendo. Ele tentou me alertar sobre o tipo de cara que o Enzo poderia ser, comparando ao tipo de cara que ele e o tio Joca, foram. O que soava ridículo, porque eu sabia que não estava me envolvendo com um santo.

— Eu não estou planejando me casar com ele.

— Eu falei, porque não tinha muito que dizer. — Nós estamos apenas nos conhecendo.

— Ah, pelo amor de Deus, Bianca. — O meu pai resmungou. — Eu não confio nesse cara para estar com você.

— Eu não vou morrer se der errado. — Eu usei as costumeiras palavras da minha mãe. Segundo ela, depois do que ela já passou com o tio Pedro e uma ex-namorada maluca do papai, nada sobre relacionamentos poderia ser tão fatal. O que era engraçado. Ela não me deu muita informação sobre o que ela realmente teve com o meu tio, mas eu tinha a ficha completa da tal Dolores, a maluca. Segundo o meu pai, ela nunca superaria essa

mulher.

— Tudo bem... — O meu pai falou, porque ele sabia tanto quanto eu, que os seus conselhos serviriam de nada, uma vez que eu estava apaixonada. — Eu espero que a sua mãe te oriente e que você seja realista com esse cara.

— Você gostava do Enzo.

— Eu não gosto dele como o seu namorado. — Ele implicou. — E que ele tenha muito cuidado, porque se eu o encontrar saindo do seu quarto às cinco e doze da manhã, ele será um cara morto.

— Eu vou tomar cuidado, daqui pra frente. — O meu pai riu da minha cara de pau, embora parecesse mais relaxado.

NACIONAIS - ACHERON

No fim das contas, eu poderia até mesmo agradecer ao pirralho do meu irmão, pelo pequeno transtorno matinal, mas preferi voltar a dormir.

[...]

Com o passar do tempo, aquela fase gostosa de início de amor foi ficando para trás e o meu namorado, invés de preferir passar noites comigo, queria sair com os amigos, para programas onde namoradas não poderiam ser inclusas.

Eu não era tão boba, no entanto. As coisas começaram a desandar tanto no relacionamento quanto dentro de mim. E eu sequer conseguia procurar a minha mãe para uma conversa, porque temia que ela comentasse com o papai e ele já sabia que isso tudo iria acontecer.

De modo também, que eu não tinha coragem de assumir para mim que não dava mais e chamá-lo para uma conversa, por um ponto final em nós dois. Eu deveria ser madura e fazer isso, já que ele parecia não se importar.

O mais estranho disso tudo era estar próxima

NACIONAIS - ACHERON

do João Pedro, um amigo aleatório do Enzo. Talvez ele só tivesse algumas segundas intenções, mas estava sendo uma mão na roda, poder conversar e ouvi-lo.

— Ele não vai ser o único cara a te prometer o mundo. — Ele falou, enquanto caminhávamos em direção ao condomínio. Morávamos no mesmo, a diferença é que eu no sexto andar, e ele no terceiro.

— Ele parece ter se cansado de mim. — Eu falei, bufando um risinho. — Não foi por falta de aviso, mas de qualquer maneira, ele poderia sentar comigo e esclarecer o que está acontecendo.

— É mais fácil sumir até você dizer que acabou. — O João riu.

Eu precisei focar nas aulas para as provas finais, o que adiou o meu término com o Enzo. Ele tentou relutar na nossa última conversa, mas não demorou uma semana até aparecer com outra.

O meu pai não poderia estar mais feliz, porque segundo ele, eu estava nova e tinha muito para descobrir sozinha.

Era entediante, porque parecia que para ele, eu não precisava de ninguém ao meu lado. Só da família e os bens materiais.

— Um dia você vai encontrar alguém que

valha a pena. – O papai falou, quando eu recusei ir ao almoço na casa da tia Mari. – Fugir dessas situações não vai resolver.

— Não estou fugindo. Só não quero forçar. – Eu falei, indo para o meu quarto.

Com o passar do tempo, eu fui, aos poucos, me aproximando do João Pedro. Nós sabíamos que não poderíamos ter algo além de amizade. Se o papai não aceitava o Enzo, só por ele ser tirado a pegador, um cara como o João, cheio de tatuagens e regras de uma vida livre, então... Não que eu precisasse estar explicando isso. É só que, bem... Eu estive com uns pensamentos insanos.

O meu irmão idiota, logo percebeu e veio me importunar sobre contar ao Enzo que eu estava conversando com o João Pedro. Mas ele não teve a minha atenção.

Eu via no João um bom amigo, apesar dos meus desejos que foram crescendo à medida que ele foi me passando confiança. Ele não foi como o Enzo, montado em um discursinho galanteador para me convencer, até porque, foram longas semanas até que eu conseguisse notar que o meu desejo era correspondido. Até que eu realmente conseguisse um beijo, dele.

Depois de sair com alguns garotos que queriam parecer ser o príncipe que muitas esperam, eu voltei para o meu grande amigo, porque descobri que esses caras que gostam de bancar ser o cara dos sonhos são um saco.

Talvez tudo pudesse dar errado com o João Pedro, mas eu tinha dezesseis anos e um mundão inteiro para descobrir.

Mas se desse certo... Ah, eu contaria em outra história.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

SOBRE A AUTORA



Fernanda tem 22 anos, é mineira, mas mora na Bahia.

Facebook: <https://goo.gl/VwVfj6>

Instagram: @veronicannanda

Página no Facebook:
<https://www.facebook.com/veronicanandaa/>

PERIGOSAS

Nosso grupo no Facebook:

<https://goo.gl/VwVfj6>

<https://www.wattpad.com/user/veronicananda>

AMOR

VAGABUNDO: <http://amzn.to/2icJSeJ>

VIRADAS

DE

JOGO: <http://amzn.to/2iWTx8e>

VIRADAS

DE

JOGO

2: <http://amzn.to/2iaUwjc>

VIRADAS

DE

JOGO

(bônus

separado): <http://amzn.to/2iaRvPV>

DESATANDO: <http://amzn.to/2iWOIfd>

DESTANDO

-

DEPOIS

DO

FIM: <http://amzn.to/2iY1fkr>

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

MUDANÇAS - LIVRO
1: <http://amzn.to/2j1UFd3>

MUDANÇAS – LIVRO 2:
<http://amzn.to/2q8y7bm>

Não se esquece de avaliar o livro! ♥

NACIONAIS - ACHERON